A IMPRENSA BARCELENSE



(083.81)

CÂMARA MUNICIPAL DE BARCELOS

A IMPRENSA BARCELENSE

CATÁLOGO DA EXPOSIÇÃO

C. M. B.
BIBLIOTECA MUNICIPAL
BARCELOS
N.º 26957
Barcelona
Perm.

QUARTEL DOS BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS DE BARCELOS

16 DE MAIO A 21 DE JUNHO DE 1992

BIBLIOTECA MUNICIPAL DE BARCELOS

CÂMARA MUNICIPAL DE BARCELOS

2695

CÂMARA MUNICIPAL DE BARCELOS

Presidente: Fernando Reis, (Dr.)
Vereador do Pelouro da Cultura e Educação: Sebastião Matos, (Dr.)

Ficha Técnica

Coordenador: Victor Pinho, (Dr.) — Técnico Superior de 1.ª classe de Biblio-Teca e Documentação da Câmara Municipal de Barcelos
Propriedade: Câmara Municipal de Barcelos
Publicação: Biblioteca Municipal de Barcelos
Composição e Impressão: Companhia Editora do Minho
Tiragem: 750 exemplares
Capa: Arquitecto António Veiga, incluindo gravura antiga de Barcelos
Data: 1992

INTRODUÇÃO

1. É dado adquirido, pondo de parte a problemática das «***gazetas***», primeiros periódicos em Portugal, também conhecidos por «***Gazetas da Restauração***», dada a cronologia do seu aparecimento, é dado adquirido, dizia, que o primeiro periódico que nasceu em Barcelos, foi ***O BARQUEIRO DO CÁVADO,*** a 13 de Outubro de 1853.

Não se sabe ao certo quanto tempo durou, os números que viram a luz do dia, o que implica, à partida, dificuldades de estabelecimento de periodicidade. Sabe-se, porém, que era impresso numa pequena tipografia, sita na Rua Direita, pertença de Joaquim Alves de Sousa, e que foi fundado por José Silvério da Cunha Osório que também foi o seu principal redactor.

Apareceu no seguimento de difícil período da história da imprensa portuguesa, porque o manifesto descontentamento popular contra o poder instituído — Cabralismo — muitas vezes expresso nos órgãos de informação do tempo, fez desencadear, a partir de 1847, uma onda de repressão que viria a culminar com a «Carta de Lei» promulgada em 3 de Agosto de 1850. Surgem então as mais violentas e repressivas medidas contra a *IMPRENSA,* levando ao desaparecimento e destruição pelo fogo de obras impressas e ao desmantelamento de tipografias. A intenção, embora não directamente expressa, era a de sufocar e esmagar tudo quanto pudesse alertar a consciência dos cidadãos, a aprendizagem da democracia, a descoberta dos direitos, a liberdade de cidadania. Havia multas e penas, os processos eram sumários, a suspensão dos periódicos sucedia-se, o medo instalava-se e, objectivamente, pretendia-se reduzir a *IMPRENSA* a um mero e dócil instrumento ao serviço do poder.

Este Decreto Lei, conhecido por «***Lei das Rolhas***», só seria revogado em 22 de Maio de 1851. Apesar desta revogação, as mossas continuaram. Porém, é nesta 2.ª metade de século que o Jornalismo Português vai entrar em franco e progressivo desenvolvimento, tendo surgido já na primeira década deste período, a nível nacional, inúmeros títulos e, localmente, não podemos deixar de destacar o supracitado ***O BARQUEIRO DO CÁVADO***.

É neste contexto histórico que Barcelos vê nascer «*intramuros*» o seu primeiro órgão de comunicação social, o seu primeiro periódico, de carácter literário, em formato de livro, «*talvez como revista a mais antiga do Distrito de Braga*», de curta duração e de cuja influência se torna difícil opinar.

Seguem-se outros, com realce para uma série de publicações que, à semelhança do que aconteceu por todo o país, tiveram uma forte implantação, mormente no último quartel do século XIX.

Porém, antes de tecermos algumas considerações sobre a imprensa nas duas últimas décadas do século, não podemos deixar de referir ***O BARCELENSE,***

nascido em 1859, com uma infância e adolescência pouco conhecidas, sabendo-se apenas algo do n.º 2, datado de 1873, conjecturando-se que não se trata da mesma série, considerando que o n.º 38, de 1882, já pertence à 7.ª série. A. Paes afirma ser este o primeiro jornal político que se publicou em Barcelos.

Destaquemos ainda o ***O ECCO DE BARCELLOS*** (N.º 1, de 13 de Outubro de 1860), anunciado por um prospecto, podendo ler-se, na folha de rosto, a modos de publicidade: «*O Ecco de Barcellos vem hoje alistar-se na fileira dos soldados do progresso, da liberdade e dos melhoramentos materiaes e moraes deste paiz*».

Não vamos nesta introdução que queremos seja muito breve, fazer um comentário a cada um dos títulos então aparecidos, pois, para além de fastidioso, não são esses os nossos objectivos. Referimos estes três periódicos por razões diferentes, do mesmo modo que referiremos outros. Aludimos o primeiro por ser o mais antigo; o segundo por ser o primeiro de cariz político, devidamente identificado pelo subtítulo — *Periódico Político Literário e Noticiozo;* o terceiro por conter aquela espécie de publicidade, tão comum nos nossos dias.

Porém, na década de sessenta, dos que conhecemos, aparecem-nos mais seis títulos. Destes, só ***O MERCANTIL*** não era impresso em Barcelos e confessa-se abertamente de «*oposição ao Governo Histórico*». Nos restantes em subtítulo, além da periodicidade, apontam-se os fins para que foram criados —políticos, religiosos, literários. ***O IMPARCIAL*** dizia-se «*independente*».

Na década de 70 são apenas quatro os novos órgãos de comunicação: ***O POVO*** - 1870; ***O DESENGANO*** - 1870; ***LEI E ORDEM*** - 1873; ***FOLHA DA MANHÃ*** - 1879.

Mas é no último quartel do século, ao qual já pertence o supracitado ***FOLHA DA MANHÃ*** — «*defensor da política regeneradora*» — que se verifica uma autêntica proliferação de títulos, nada menos que dezassete na década de 80 e dezasseis na de 90. Esta proliferação não se verifica por acaso, mas é consequência lógica dos acontecimentos políticos da época, das correntes de opinião, da influência da imprensa na formação e mudança de mentalidades, do avanço da tecnologia tipográfica, da proibição das reuniões públicas, do impacto das ideias republicanas. Logicamente, todas estas razões são, simultaneamente, causa e efeito do Decreto de 29 de Março de 1890 (proíbe as reuniões públicas).

A nível local, para além de outras, há razões de cariz pessoal e circunstancialismos regionais que contribuiram para a implementação e aparecimento de órgãos de comunicação, alguns deles de duração efémera.

A monarquia ia agonizando lentamente e necessário se tornava a proclamação de novos valores ou a luta pela conservação de outros, quer fossem éticos ou ideológicos. Assim, o que acontecera no final do século, acentua-se no início do século XX. Em Barcelos, antes da proclamação da República, nascem vinte e cinco novos títulos.

Era o efervescer de um povo, o incrementar de novas ideias, o desmoronar do sistema monárquico. Surgem os títulos em catadupa, cada um procurando seduzir o mais incauto. Forja-se a notícia, burila-se a informação, apregoa-se o sentimento patriótico, proclamam-se os valores morais, defende-se a religião, anuncia-se a verdade. O humor, o sarcasmo, a crítica mordaz, são temas a desenvolver. Isto é patente, é verificável desde que se faça uma análise, ainda que sumária, ao conteúdo dos periódicos.

Com a República, as publicações aparecem como combatentes avançados de determinadas e bem definidas ideias e com intenções imediatistas. Tão imediatistas que as leva, quantas vezes, à morte abruptamente. Estão dentro destes parâmetros, jornais que apareceram em 1910/12 e que por aí ficaram: ***O RADICAL, BARCELLOS MONARCHICO, A MOCIDADE, CRITICA EXTRAVAGANTE, O PEPINO, O TOMATE, O PECEGO, JUVENTUDE, O FURÃO,***

O MINHO, O CAIXEIRO, O MARÇANO... sucedendo muitas vezes uns aos outros e ficando-se alguns apenas pelo n.º 1.

A Lei de Separação do Estado das Igrejas, da autoria de Afonso Costa, fez surgir, embora timidamente, por parte de alguns, jornais confessionais de carácter geral, ou então ligados às igrejas locais, quer servindo apenas uma comunidade, quer sendo mesmo interparoquiais. Estão nesta linha: ***VOZ DA IGREJA, O DOMINGO, ACÇÃO SOCIAL, AMIGO DO POVO...***

As preocupações religiosas e políticas vão, pouco a pouco, dando lugar a outras e não são raros os periódicos inquietados por razões culturais, literárias, científicas, regionalistas e mesmo desportivas.

No segundo quartel do século XX, a imprensa vai ser ferida pelo Decreto n.º 22469, de 11 de Abril de 1933, que institui no nosso país a censura prévia, tendo consequências perniciosas, reflectidas no desaparecimento de alguns títulos e justificativas para a escolha temática dos que vão aparecendo.

Nesta segunda metade de século, muitos são os jornais e revistas que surgem em Barcelos. Mais os de carácter informativo e religioso, sobretudo, tendo em conta os Boletins Paroquiais e órgãos das Associações Culturais e Recreativas, mas também as revistas de características científicas, históricas, literárias e formativas. De realçar aqui, pelo papel pedagógico e consequências profissionais futuras, o incremento e implantação que começam a ter os jornais escolares. Já não são apenas as escolas de nível médio que publicam os seus órgãos informativos, mas é com enorme satisfação que os vemos nos jardins de infância e escolas do 1.º, 2.º e 3.º ciclos.

O ***catálogo*** que agora se coloca nas mãos do leitor é consequência e produto de todo um trabalho que tornou possível a realização da «***Exposição - A Imprensa Barcelense***», promovida pela Câmara Municipal de Barcelos — Pelouro da Cultura — patente ao público, no Quartel dos Bombeiros Voluntários de Barcelos, de 16 de Maio a 21 de Junho, de 1992.

Se os objectivos gerais da exposição e do catálogo são os mesmos — dar a conhecer aos barcelenses a panorâmica da nossa imprensa — os objectivos específicos são diferentes. A exposição passa. Com o catálogo pretendemos perpetuar o evento, ficar com um registo de todas as publicações periódicas conhecidas, proporcionar ao público e estudiosos um elemento de consulta, e despertar as consciências para a importância dos periódicos no estudo da história local.

Pretende-se ainda com este catálogo prestar uma homenagem aos profissionais da comunicação em geral e aos barcelenses em especial, pelos bons serviços prestados ao progresso e desenvolvimento da nossa terra, quer no campo noticioso (periódicos informativos), quer no campo formativo (periódicos de opinião), quer ainda no campo especializado (científicos, literários, filosóficos, históricos, económicos, agrícolas, humorísticos, desportivos...).

Não restam dúvidas da influência dos órgãos de comunicação sobre a vida social, como elemento essencial na formação da opinião pública. Reconhecemos a universalidade da sua influência sobre o ser humano que a recebe consciente ou inconscientemente, no plano individual ou colectivo. Mas, à semelhança do historiador, deve o comunicador vincular-se moral e profissionalmente a uma norma de fidelidade à mensagem recebida ou captada, e a um destino a dar-lhe, o que implica a promoção do bem comum.

Se, por um lado, na actividade do jornalista se apresenta a reclamação e exigência de direitos fundamentais, tais como o de livre recolha das informações, o da liberdade do relato e comentário, o do sigilo das fontes de colheita de dados, por outro lado, tem o profissional de se acautelar da tendência, cada vez mais crescente, do consumismo, de vender o mais possível ou prender a curiosidade

do público, recorrendo, como se fosse natural, ao escândalo, à indiscrição ou irreverência incontroladas.

Hoje como ontem, e mais que nunca, dado o imediatismo da informação e a sua força, acentua-se o risco de se ser profissional da comunicação que, por vezes, toma sugestões como verdades objectivas, hipóteses como certezas, simples apontamentos como projectos.

Finalmente resta-nos agradecer a todos quantos connosco colaboraram para a realização desta actividade que consideramos de alto valor cultural.

Barcelos, 16 de Maio de 1992

Sebastião Matos

O Barqueiro do Cavado

ENSAIOS PRATICOS DA MOCIDADE.

Gutta non cavat lapidem vice, sed sæpe cadendo.

Quando emprehendemos a publicação de nossos ensaios litterarios, bem conhecia-mos nós, que nos faltarião as forças nestes tempos difficeis de publicidade; mas a santidade de nossos desejos, reunida a de nossos esforços dava-nos a esperança de poder ser desculpada a ousadia da empresa.

Não nos move um vão orgulho, porque o não temos: conhecemos a pequenez de nosso engenho, e a insufficiencia de nossas forças; sorri-nos com tudo ainda esperança de se nos tomar em conta nossos trabalhos.

Intermediando o util com o deleitavel, a moral com a litteratura, já do nosso, já do alheio; tal será a bussola, que nos dirigerá os passos.

São primicias d'um terreno esteril, e inculto, que vos offerece — MOCIDADE BARCELLENSE — como testemunho da sua mais alta consideração e estima.

Barcellos 25 de Outubro de 1853 —

O vosso concidadão e amigo —

José Silverio da Cunha Sorio

O BARCELLENSE.

NUMERO 4. PERIODICO POLITICO, LITTERARIO E RELIGIOSO. 1859.

Assigna-se em Barcellos no escriptorio na rua direita, n.º 14.
Preço por trimestre, 600 rs. — franco de porte, 720 rs. — Numero avulso 30 rs.
No mesmo escriptorio se recebem annuncios e correspondencias a 40 rs. por linha, com o abatimento aos srs. assignantes de 50 por cento: — annuncios repetidos 20 rs.

QUINTA-FEIRA 3 DE NOVEMBRO.

Toda a correspondencia deve vir franca de porte e legalisada, subscriptada á redacção do BARCELLENSE.
Para os assignantes, quando seja d'interesse publico será inserida gratuitamente.
Publica-se ás 5.as e Domingos.

DECLARAÇÃO.

Como a terra aonde nascemos, aonde convivemos, e gastamos os dias d'infancia nos é sempre cara; por isso remettemos o nosso Periodico aos nossos Patricios, rogando-lhes a sua assignatura, e ainda todos os seus bons officios, que nos possão prestar; devendo advertir-se, que quando não queirão, assim no-lo fação saber, remettendo-nos o n.º do Periodico.

Os RR.

BARCELLOS 2 DE NOVEMBRO.

A ESTRADA DENTRO DA VILLA.

A epigraphe, que sobrepomos a este artigo, denota a nossa intenção d'occuparmo-nos hoje d'um assumpto d'interesse commum, e especialmente desta terra, qual a secção da estrada de Villa Nova de Famalicão a Vianna do Castello, comprehendida dentro da circumscripção desta villa.

Quando, em 1854, começarão os trabalhos da abertura da indicada estrada sobre os estudos graphicos, que havião sido feitos, e directriz approvada, ninguem deixou de reconhecer a utilidade e vantagem publica e particular, que havia de necessariamente sobrevir a esta povoação; — ninguem deixou d'esperar confiadamente grandes melhoramentos nas relações commerciaes e transacções da vida dos individuos e das familias, por meio da facilidade, commodidade e segurança da viação.

O dia, em que o primeiro alvião cortou a terra no leito do nova estrada, jámais esquecerá aos Barcellenses, — jámais deixará de ser um dia d'esperanças de melhor sorte para esta terra, que tanto havia decahido e soffrido em uma epocha não muito distante.

Progredirão sem interrupção esses trabalhos, e de dia em dia as esperanças hião-se convertendo em realidade, porque a estrada apparecia feita, e a sua conclusão já não era duvidosa, ainda mesmo para os que, á força de tantas não cumpridas promessas, se havião tornado incredulos.

Chegarão os trabalhos ás avenidas da villa, e para logo se conheceu, que ahi ficarião, e que, desde a rua da Estrada, ao norte, até á rua de baixo de Barcellinhos, ao sul, ficaria uma secção d'estrada sem fazer-se, e a viação limitada ás calçadas e ruas, que, com quanto ha pouco na maior parte melhoradas, nem por isso ainda no seu todo offerecião commodo transito aos vehiculos de tracção accelerada.

Que mau fado causaria este desgosto aos Barcellenses?

Nunca o podemos saber; o que porém é certo, é, que a Camara Municipal, que então administrava o municipio, não foi indifferente a este acontecimento, e procurou entender-se sobre este assumpto com o Engenheiro, que superintendia nas obras da abertura e construcção da nova estrada.

Vendo porem, que elle exigia sacrificios superiores então ás forças do cofre municipal, e considerando; que não havia motivo attendivel para ficar interrompida uma linha de viação pelo simples facto d'atravessar uma villa, deliberou representar ao governo de s. magestade pedindo, que dispensasse este concelho de concurrer para a construcção d'essa secção d'estrada.

As suas supplicas forão benignamente acolhidas, e a resolução affirmativa logo tomada, e pouco depois communicada á Camara, que ficou convencida de que havia feito um bom serviço ao concelho, conseguindo-lhe a isempção d'um onus, que muito compromettia o cofre municipal, absorvendo-lhe uma grande parte dos seus limitados rendimentos.

Louvor muito sincero tributamos ao digno ministro, que com tanta promptidão, como franqueza, attendeu á supplica da nossa Camara.

Corria então o anno de 1855, que tocava quasi o seu termo; gastavão-se os dias em estudos de directriz e em questões sobre a preferencia d'uma, ou d'outra, das trez, que se julgavão possiveis e practica-

2 DE NOVEMBRO.

ODE.

Que sons tão melancolicos nos ferem
Ouvidos nossos? Como geme triste
Em pezado vaivém na grimpa o bronze
Que mortaes denuncia?

Que nos diz o monotono alarido,
Esses hymnos de dôr, que d'alta torre
Em confusão ruidosa retumbando
Frageis mortaes aterrão?

Recordão-nos, que ao tumulo baixarão,
E nossas orações pedem, amigos,
Paes, irmãos, que da vida á eternidade
Termo transposerão.

Que em prizão tenebrosa atormentados,
A' divina justiça satisfazem
Os crimes e peccados, que no mundo
Vivendo commetterão.....

Eis outra vez nos ares repercute,
Descompassado, o som, terror dos vivos!..
Vamos ao templo, e ante seus altares
Fervorosos oremos!

Vamos.....entremos o portal sagrado,
E de fé revestidos, ante a face
Do Senhor, suppliquemos-lhe, que salve
As almas que padecem.

Sobre o pó dos sepulchros, onde jazem
Nossos irmãos, que nossos rogos pedem,
E orações, — em premio d'amizade
Pranto amigo choremos!

Unidos com a terra modulemos
Ferventes rogos, orações e preces,
Que, a justiça divina mitigando,
Suas penas moderem.....

Vejamos essas cinzas, seccos ossos!
Tristes despojos, unicos que restão,
Dos amigos, parentes, paes, esposos,
Que no mundo viverão!....

.....

.....

.....

Choremos pois! as lagrimas vertidas
Por tão justo motivo são sagradas;
Que d'este pranto nunca assoma ás faces
O rubor que envergonha!

Prostremos-nos tambem juncto das campas,
Onde jazem amigos e parentes,
Que a morte nos roubou! perante as aras
Curvêmo-nos do Eterno!....

V. e S.

C. M. B
Biblioteca

NUMERO 2 QUINTA-FEIRA 9 DE JANEIRO I ANNO—1873

O BARCELLENSE

PERIODICO POLITICO LITTERARIO E NOTICIOZO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

BARCELLOS, 8

AS BALAS DE PAPEL

E' uma frase vulgar dizer-se, que os typos da imprensa não produzem maiores effeitos do que *as balas de papel*: uza da frase o homem de convicções, e uza da frase o homem perdido.

Tocam-se os extremos, e não é nelles, que costuma estar a verdade. As grandes nações possuem *todas as industrias*, e dizse, que na Inglaterra havia uma de um jornal, onde toda a injuria tinha cabimento, segundo o preço.

Tambem, entre nós, em Lisboa, já houve uma *industria* d'esta ordem, que acabou, sendo os seus authores, postos em terra firme, nas costas d'Africa.

A uma imprensa de tal ordem, a escriptos de uma tal gente, decerto que os effeitos, que produsem, correspondem ás chamadas *balas de papel*.

Temos força e orgulho bastante para repelir os que nos queiram enfileirar no numero desta gente;—temos convicções, que são nossas, e que as não vendemos a preço d'oiro vil.

Desadoramos a imprensa politica, que só vê os homens segundo as suas paixões;—que ataca os seus adversarios, com insinuações malevolas, e que inventa crimes, onde não ha sombra d'elles.

O homem honrado é sempre o homem honrado, e toda a insinuação malevola, que se lhe fizer, mais cedo ou mais tarde produz o seu effeito:—servo para o tornar mais querido e estimado dando realce ao seu bom nome:—*são balas de papel que se vão confundir com o lixo onde nasceram.*

Mas já não é assim a impreusa livre, a imprensa consciencieza, que ataca o homem vivo—o homem do poder, que teem todos os meios ao seu alcance para esmagar, quem lhe faz injuria.

Quem aponta factos, não faz insinuações, e as leis offerecem meios para reprimir os que abuzam da liberdade da imprensa. Se ha palavras, se ha escriptos, que são materialmente *balas de papel*;—tambem ha palavras, ha escriptos, que ferem, matam, roubam o somno e definham a existencia: tudo está na verdade.

Quem tiver consciencia dos seus actos, não pode receiar-se da imprensa, que dirigimos;— os que pervertem, esses sim, precizam confundir, arranjar adeptos para o seu partido, e chamar *balas de papel* aos escriptos desta imprensa.

A estes respondemos—aos tribunaes; a justiça é vossa e vivemos na mesma terra em que viveis; os escriptos vão assignados.

Estas palavras—*balas de papel*— é a frase favorita dos corruptos;—são os ultimos esforços dos que teem molestada a consciencia:—*quem não deve não teme.*

O *Barcellense* tem o seu passado, por elle teem conhecimento os nossos leitores, que dous ministros, em differentes epochas, desceram a dar-lhe explicações, e que pelos poderes competentes, em vistas das suas accusações, algumas syndicancias se fizeram: é que a verdade é uma só.

CUNHA OZORIO

A commarca de Barcellos, que ainda hoje não é das mais pequenas, era outr'ora de proporçoens gigantescas.

Abrangia na sua area, alem das actuaes freguezias, algumas da commarca de Braga, outras da de Guimarães, toda a commarca de Villa-nova de Famalicão, a maior parte das do julgado da Povoa de Varzim, algumas do de Espozende, todas as da margem esquerda do rio Lima, pertencentes hoje á commarca de Vianna do Castello, e muitas da de Ponte do Lima:—eram ao todo 360 e tantas freguezias.

A commarca era composta de 5 julgados, denominados assim—*de Faria, de Vermoim, de Penafiel, de Neiva e d'Aguiar do Neiva.*

A freguezia de Barcellinhos pertencia ao julgado de Faria, e a Villa de Barcellos tinha e tem demarcação propria com marcos d'armas reaes, pertencentes á Serenissima Caza de Bragança: esta divide-se d'aquella pelo centro do rio.

O organismo judiciario era composto de 4 juizes com funcçoens distinctas,—escrivães proprios, meirinhos, officiaes de diligencias e quadrilheiros; e o juiz Corregedor estendia a sua alçada, a Melgaço e Castro Laboreiro, Louzada e Ferreiros de Tendaes, Condeixa etc. etc.

Ou por necessidade ou por abuzo, na parte mais central de Barcellinhos podiam estar e estavam juizes e escrivães, etc. etc.

Dizemos por necessidade, que parte do organismo judiciario occupava o centro da freguezia de Barcellinhos,—porque n'aquella epocha, em que fallamos mais de 400 familias viviam da justiça e tinham necessidade de procurar edificação, onde a houvesse.

Hoje, já não é assim, a população diminuiu, e as casas são sufficientes para as necessidades dos concorrentes, e tanto que o actual snr. juiz de Direito viveu mais de dous annos nesta villa—cabeça de commarca, tendo caza, em quanto quisesse estar; e se mudou para Barcellinhos, foi porque quiz, porque ahi a tinha sua propria.

Mas é impropria a caza, porque está n'uma extremidade d'aquella freguezia, e não está, nem ao menos, dentro da antiga area.

Depois de 1834, todos os juizes teem vivido dentro da Villa, pois é esta a cabeça da commarca.

A permanencia do actual snr. juiz de Direitto no alto de Vessadas, arrabalde da freguezia de Barcellinhos, traz incommodos e inconvenientes gravissimos ás partes:—se se quizer tirar uma folha corrida, tem-se de percorrer de trez a quatro kilometros.

A commarca de Barcellos, trabalhoza, como é, não dá tempo para distracções, e não é a primeira vez, que se procura o snr. juiz, e se responde—que está a ver as obras na quinta, e outras vezes, occupado a vigiar, *que os rapazes lhe não vão á lenha!*

Esta commarca é composta de onze mil e tantos fogos e é duro que tanta gente se incommode por causa de um só homem, a quem paga e retribue condignamente.

Dizia-se á boca pequena, que o snr. juiz para attenuar esta dureza, vinha todos os dias ao Tribunal;— pois até hoje, fóra das audiencias, nem uma só vez!

Voltaremos a este assumpto, pois elle é digno, por conveniencia de todos, de ser tratado mais amplamente, e então diremos

BIBLIOTECA

ANNO 1860 -- NUMERO 1.

SABBADO 13 DE OUTUBRO

O ECCO DE BARCELLOS.

Só em Barcellos houve alardo um dia,
Em que o Sol pelos campos dilatados
Com terrivel e fera galhardia
Desasete mil peitos vio armados.

Poema Epitalamio de Manoel de Gallegos. Oitava 81.

REDACTOR PRINCIPAL E EDITOR RESPONSAVEL.DAVID DE BARROS E SILVA BOTELHO.

PREÇO D'ASSIGNATURA.
Por um anno..... 2$400
Por seis mezes..... 1$200
Por tres mezes..... $600

PUBLICA-SE ÁS QUARTAS-FEIRAS E SABBADOS.
Numero avulso 30 rs. Annuncios e Correspondencias, por linha 40 rs. Repetições 20 rs. Para os snrs. assignantes por linha 20 rs. repetições 10 rs.
Os annuncios e correspondencias, devem ser remettidas francas de porte ao redactor do ECCO DE BARCELLOS.
Assigna-se em Barcellos na loja de Antonio Joaquim de Miranda Villas-boas.

E COM ESTAMPILHAS.
Por um anno ..... 2$920
Por seis mezes,..... 1$460
Por tres mezes $730
Para o Estrangeiro accresce o porte.

Reproduzimos o *Prospecto* com que foi annunciada a publicação deste Jornal.

PROSPECTO.

Um novo Periodico vai publicar-se em Barcellos com o titulo de *Ecco de Barcellos*

Esta Villa, tem já um representante na Imprensa; mas por elle, e pelo desamparo de quasi todos os Governos, fraca ideia poderão fazer de nós, os que não conhecerem de perto os recursos de que a natureza dotára; e a civilisação já dispensára a esta formosa povoação.

Cortada pelo Cavado, que a pequena distancia tem a sua Foz no Oceano, offerecerá esta Villa vantagens commerciaes de primeira ordem, quando hum Governo providente olhar seriamente para a pouco custosa canalisação do nosso Rio, cujas margens, pela sua fertilidade, são da maior importancia agricola.

A estrada de Vianna, que atravessa pelo centro da Villa, augmentou já as nossas relações; mas não fez mais do que mostrar a possibilidade de um verdadeiro engrandecimento. São precisas novas communicações para que Barcellos chegue ao que póde ser em seu proveito, e em proveito de outras Povoações do centro da rica Provincia do Minho.

A população Barcellense é illustrada e patriotica, bem digna do auxilio e consideração do Governo, e da estima e respeito das Povoações visinhas.

Mas nem os Governos, nem os visinhos, não poderão crêr nas suas virtudes e illustração, pelo que de cá lhes conta um Jornal, que não soube, não quiz, ou não póde elevar-se á altura e dignidade da Imprensa periodica:

E' para representar dignamente esta população briosa, advogando os seus interesses especiaes e os interesses geraes da provincia do Minho e de todo o paiz, que o *Ecco de Barcellos* vai apparecer no proximo mez de outubro.

BARCELLOS 12 DE OUTUBRO.

O *Ecco de Barcellos* vem hoje alistar-se na fileira dos soldados dó progresso, da liberdade, e dos melhoramentos materiaes e moraes deste paiz.

Advogado noviço e humilde, pouco póde em favor da grande causa, que ahi se pleitêa com brilhante denodo desde 1820: mas como leal e dedicado combatente, nem temerá o perigo, nem se poupará ao trabalho.

Discutir lucidamente as importantes reformas de que o nosso paiz carece; tratar com proficiencia as grandes questões economicas e administrativas que agitão a imprensa periodica, e sobre a resolução das quaes pousa o futuro da Patria, he tarefa superior a tão pequenas forças como as nossas. Mas se o nosso proprio brado, nesta gloriosa luta de principios e doutrinas, não fôr de grande valia por fraco e humilde, nem por isso parecerá inutil que façamos eccoar nas margens do Cavado aquellas grandes verdades que forem atravessando pelo filtro da livre discus-

FOLHETIM.

O REMORSO.

Consciencia! juiz interno,
Implacavel, pavoroso,
Tu tornas horrido inferno
O existir do criminoso!
De teus brados quem se exime,
Quando, reu de enorme crime,
O peito lhe esmaga e opprime,
Desse Deus que tudo adora
Incessante, um pêzo ingente?!
Ès a espada aterradora,
Que chameja, ameaçadora,
Ante a fronte ao delinquente!

Que é do tempo bello, ameno,
Decorrido na ventura,
Em que prazer tam sereno
Gozára esta alma, inda pura?!
Passava tranquillo o dia;
Placido a noite dormia;
Disfructava essa alegria,
Que a paz de dentro vem!
Mas do crime ao torpe alento,
Fugiu tudo n'um momento;
E esta vida de tormento
Um só remanso não tem!

Quem zombou da sociedade
Como eu n'outr'ora zombei;
Quem a taça da maldade
Esgotou, como esgotei;
Quem com novo, atroz delicto,
Suffocava o intimo grito
Que lhe dizia: «Ès maldito,
Ès um monstro abominando!»
Quem do Creador blasphemava,
Seus preceitos despresava,
E suas leis aos pés calcava,
Que lhe resta... ao miserando?!

O remorso... eterno, immenso,
Em quanto a vida durar!...
Um soffrer perenne, intenso,
No cadafalso expirar!...
E dos homens offendidos
Levar, em vez de gemidos,
De adeuses ternos, sentidos,
Mortal odio, maldição!...
A seus juizos reverencia,
Que tam perversa existencia
Não é digna de clemencia,
Nem merece compaixão!...

Des'que o sol começa o monte
A doirar co'a luz que lança,
Até que, sob o horisonte
Desparecendo, descança;
Triste o rosto e carregado,
Taciturno, insocegado,
As horas passa o malvado;
Vivo fogo a alma lhe inflamma:
Combater embalde tenta
Essa agonia violenta
Que de continuo o atormenta:
«Vingança!» tudo lhe clama!

Se o mais ligeiro ruido
Vem seus ouvidos ferir,
Ao coração comprimido
Sente o sangue refluir!...
Crê das victimas as vozes
Ouvir, terriveis, ferozes,
Entre imprecações atrozes
Por castigo a Deus bradar!
Ou do carrasco as passadas,
Graves, horridas, pausadas,
Pela abobada abafadas,
Julga, pavido, escutar!

Quando a noite o escuro manto
Desenrola sobre a terra;
Quando de trevas e espanto
Se cobre tudo o que encerra,
Mais horror ao seio desce
Do criminoso, e mais cresce
A chamma que lhe excandesce
O angustioso coração!...
E o somno, amigo propicio
Do que isento está do vicio,

O JORNAL DO POVO.

SEMANARIO RELIGIOSO, POLITICO E LITTERARIO.

EDITOR RESPONSAVEL — JOÃO EVANGELISTA DE LIMA

POR UM ANNO. . . . . 1$70 — COM ESTAMPILHA . . . . . 1$680)
POR SEIS MEZES . . . . . 720 — COM ESTAMPILHA . . . . . 840 (
POR TRES MEZES . . . . . 360 — COM ESTAMPILHA . . . . . 420)

(NUMERO AVULSO 40
(ANNUNCIOS E CORRESPONDENCIAS POR LINHA 40
(REPETIÇÃO 20

OS SNRS. ASSIGNANTES GOZAM DO ABATIMENTO DA QUARTA PARTE

Assigna-se e vende-se n'esta typographia — rua direita n.º 55. — Correspondencias d'interesse particular são pagas. — Toda a correspondencia deve ser dirigida ao escriptorio da redacção do *Jornal do Povo*, rua direita n.º 55 — Quando os escriptos forem de natureza, que impliquem responsabilidade; é necessario que venhão competentemente legalisados, declarando o seu author no authographo que nos remetter que toma sobre si a responsabilidade da publicação. Os recibos que não forem firmados pelo administrador do jornal — Francisco José Bento d'Oliveira, não teem validade.

N.º 24 — PUBLICA-SE AOS DOMINGOS. BARCELLOS 9 DE OUTUBRO DE 1864. — I. ANNO

BARCELLOS 8 DE OUTUBRO.

Já que tocamos levemente n'essa questão da perseguição aos parochos, n'essa questão de desforços, de vingança, de pequenez e d'alta immoralidade, não podemos deixar de voltar hoje ao assumpto á vista d'um curioso documento que houvemos á mão.

No concelho de Braga, sabemos nós, que muitos padres tem sido mettidos a processo, e cuja prizão tem sido cuidadozamente diligenciada pela policia dos tanas.

A imprensa da opposição calou-se, por que lhe impozerão uma mordaça n'aquella cidade; os jornaes religiosos, que tem por fim instruir o povo, que levam mais facilmente a caza de todos o conhecimento dos verdadeiros principios da Religião, deixaram de continuar a publicar-se em Braga depois d'uma derrota eleitoral, depois do vencimento do povo livre, nem que este manifesto dos Bracarenses, nem que este desprezo ás suggestões dos Chinquilhas fosse insinuado pela «Athalaia Catholica», ou pelo «Deffensor do Catholicismo»!

Bôa desforra, magnifico meio de salvar a patria!

No concelho de Barcellos, dizem, que se formara um auto d'inquerito contra o parocho encommendado d'Encourados por ter deixado de lêr á missa a celebre pastoral que o escrivão d'administração mandou aos parochos, para que a lêssem.

As testimunhas que se apresentaram a depor contra o snr. parocho d'Encourados, foram — o P.e José Lopes, cura do sr. Abbade da Pouza — Simão do Valle, que n'esse dia esteve na romaria do Allivio em Soutêllo — e um outro que não costuma mostrar repugnancia, quando o convidam para «qualquer» juramento.

Eis-aqui o caracter dos promettel-o n'uma cadeia entre assassinos e ladrões!

Ás suspensões da publicação dos jornaes religiosos devia seguir-se a perseguição aos agentes da opposição!

E vejam agora, como procedem os agentes ministeriaes, e oiçam, como o mesmo candidato governamental falla aos amigos.

O sr. Abbade da Pouza n'uma carta que escreveo no dia da eleição ao sr. P.e Simão da quinta das Mattas em Martim, e que era capellão na Pouza, depois de lhe pedir para que votasse em Encourados o bilhete, que incluso lhe mandava, diz assim —.

«Envio esse despacho do Prelado para o livrar d'escrupulos, se os tem a tal respeito, pois me parece, que os P.es illustrados não darão credito á tal mentira das excommunhões contra os governamentaes.

«Se quizer leia tambem, o que lhe envio sobre o Faria Rego.»

Todos viram essa nojenta proclamação contra o snr. Faria Barboza; uma proclamação cheia d'alleives, cheia de mentiras, tendente a deprimir o caracter do sr. Faria Barboza d'um modo o mais revoltante e o mais criminozo que he possivel; e o snr. Abbade da Pouza, e o candidato governamental recomenda ao capellão da sua freguezia, que a leia ao povo em pleno ajuntamento!

E porque o snr. P.e Simão nem foi votar a Encourados, nem leo a proclamação contra o sr. Faria Barboza, foi despedido da capellania da Pouza, fecharam-lhe a Igreja e capellas da freguezia para não tornar a dizer mais missas na Pouza, sendo certo que, o snr. P.e Simão tinha feito mais serviços parochiaes n'aquella freguezia do que o mesmo abbade, segundo se vê da resposta do snr. P.e Simão ao snr. Abbade da Pouza, cuja carta temos diante de nós.

Eis-aqui como os governamentaes foram hostis.

Continuem pois com os processos; adiantem as devassas, e o paiz mandará erguer um monumento de saccos de farinha em memoria dos historicos, e a Igreja não deixará de commemoral-os em dia dos fieis defunctos.

Temos recebido e publicado dous communicados que um nosso amigo d'esta villa nos tem remettido, e cujo objecto principal he queixar-se do modo como mal se olha para o andamento dos negocios pertencentes ás confrarias e irmandades na administração d'este concelho.

Estamos bem informados ácerca da veracidade dos factos em questão.

Sabemos que os orçamentos das confrarias estanceam ahi na administração, e as irmandades vêem-se embaraçadas para poderem caminhar na sua bôa administração.

Ao sr. administrador do concelho compete tomar conhecimento d'estes factos, e fazer dár cumprimento ao que fôr de justiça.

Dizem-nos que o concelho de districto tem reprovado alguns orçamentos por não achar legal a verba de 140 que se dá pela celebração d'uma missa pela alma dos fallecidos irmãos das confrarias.

Custa a crêr que o concelho de districto, composto de pessoas conhecedoras das circunstancias da epocha que attravessamos, venha fazer questão d'um vintem que se dá hoje a maior na esmola das missas, do que se dava ha 100 ou 200 annos!!..

Quando os governos estão a reconhecer o minguado dos emolumentos dos empregados publicos; n'um tempo em que se duplica legalmente o rendimento das authoridades judiciaes, apparece o concelho de districto a chamar demasiada e illegal a esmola de 140 rs., que se dá a um padre para viver um dia inteiro!!

profesSo» o que faremos logo, que o podermos fazer.

A reducção de legados he urgentissima; o augmento do estipendio da missa marcado pela constituição do arcebispado e por muitos estatutos d'algumas confrarias não pode deixar de fazer-se o mais cedo possivel.

Houve tempo, em que o cabido de Barcellos preferio receber um vintem, do que um alqueire de trigo; e hoje he melhor um alqueire de trigo, do que oitenta vintens.

N'esta proporção tem descido o valor do dinheiro e subido o valor dos generos, e subido as verbas de despeza.

Estas verdades conhecidas por todos já deviam ter convidado o sr. arcebispo a tomar a iniciativa na reducção de legados, e deviam fazer envergonhar quem não quer approvar os orçamentos das irmandades por se dár por estipendio d'uma missa 140 reis!

He preciso que a tal caçada dos legados não cumpridos acabe por uma vez; he preciso que alguns especuladores deixem de comer aquillo que he dote dos ministros do altar; nem tanto cynismo, nem tanto escrupulo em quem o não tem para coisas mais sanctas, do, que os orçamentos d'irmandades.

Publicamos em seguida uma carta, que o nosso collega Martins de Faria nos mandou das praias de Espozende.

Por que o publico pouco ou nada interessa com o nosso cavaco, lembramos apenas ao collega, que, o que dissemos no artigo, que servia de introducção á carta do sr. P.e Baptista de Lima está em tudo de harmonia com o que dissemos no 1.º numero deste jornal.

«Quando um governo seja «composto de pessoas, que não «professem as nossas doutrinas «politicas, mas que saiba acertar «na administração publica, nós «seremos os primeiros a elogiar

JORNAL DE BARCELLOS

POLITICO, RELIGIOSO E LITTERARIO.

REDACTOR RESPONSAVEL — DAVID DE BARROS E S. BOTELHO. DIRECTOR PROPRIETARIO — J. BAPTISTA DE LIMA

1.º ANNO — QUARTA-FEIRA 21 DE MARÇO DE 1866 — NUMERO 1.

BARCELLOS.

Como é natural, que a um Periodico novo se pergunte, d'onde vem, e para onde vai; o *Jornal de Barcellos* que faz hoje a sua entrada no campo da imprensa, previne a pergunta, declarando, que veio d'um desejo todo apontado ao bem do Paiz em geral, e deste Concelho e Provincia em particular; e vai dedicar-se á manifestação pratica deste seu desejo, com quanto o reconheça superior aos recursos de que dispõe para o tornar valioso.

Sem esperar pela nova situação que se trata de crear para a imprensa, neste Paiz, d'antemão acceita o principio que colloca todos os direitos ao abrigo salutar do direito commum; porque o direito commum é a justiça, e a justiça o unico sustentaculo poderoso da liberdade que vive á luz das idéas fecundas e generosas.

Pelo que respeita á politica militante, o *Jornal de Barcellos* entende, que assim como a Religião Divina do Evangelho, que é a luz de todas as luzes, abre os braços a todos os que correm a abraçal-a, qualquer que fosse a sua crença anterior, a religião social da liberdade, progresso e civilisação, não inquire da procedencia dos que a acceitam como artigo de fé, se do coração os vê unirem-se e empenharem-se na obra, em que para todos ha lugar, porque da boa vontade e dos esforços de todos necessita.

Nestas idéas se resume o programma do *Jornal de Barcellos*.

Soldado humilde nas fileiras do jornalismo, fará pouco, porque pouco póde: mas será sempre fiel ao pensamento de que se inspirára ao alistar-se.

Não vimos á imprensa a levantar odios e dissensões politicas, que quasi sempre só servem a perturbar o regular andamento da administração publica. Obsecada pelas paixões partidarias, a imprensa mal pode corresponder á confiança que deve merecer aos homens publicos, como a mais segura garantia da liberdade dos povos.

Se não olhar os homens e as coisas por cima das affeições e inimisades, o jornalismo será o pharol collocado na garganta da voragem, que pode levar ao abysmo os menos cautelosos.

Educada nas mãos da liberdade, a imprensa — escrava do feudalismo — era a poderosa alavanca da civilisação, quando aos povos que se regeneravam n'um baptismo de sangue para a sua redempção politica, allumiava por entre as ruinas da velha sociedade o caminho do engrandecimento e do progresso.

Mas quando o raio das discordias civis estalou sobre nós, e a nuvem das paixões cegou a imprensa, a luz della era como o fuzilar do relampago que não allumia e que traz comsigo a tempestade; era incentivo a perturbações e a crimes, e nunca motora d'ordem e civilisação.

Assim como a licença é a destruição pratica da liberdade, a imprensa desvairada, que se deixar prender pela politica das individualidades, e vinganças mesquinhas, tem de descer a tão razo, que longe de dirigir, transvia; escurece, em vez de illucidar.

É forçoso por tanto — e diga-se uma vez mais o que tantas tem sido repetido — que a imprensa se mantenha na altura do seu nobre ministerio, porque assim, e só assim, valerá a cumprir a missão de doutrinar e dirigir.

Nestas condições começa hoje a sua publicação o *Jornal de Barcellos*. Traz por divisa politica a bandeira da liberdade e do progresso — pendão glorioso — em volta do qual se agrupam hoje as mais robustas intelligencias do paiz, e á sombra do qual propugnaremos pela manutenção das liberdades patrias e completa destruição das isempções e privilegios.

Não nos poem medo a sanha de adversarios desleaes que possam vir a deffender-nos o passo; que para esses o ridiculo e despreso que merecem é sobeja consideração. Assusta-nos, porém, o peso dos deveres de jornalistas; que bem podem fallecer-nos forças para o seu cabal desempenho.

No campo da discussão placida e cortez, com placidez e cortezia responderemos a quaesquer observações que nos dirijam, argumentando com lealdade e boa fé.

Podem provocar-nos ao campo das recriminações e das injurias, que não iremos lá; havemos de manter illeso o proposito, com que hoje entra na imprensa o *Jornal de Barcellos*, de discutir e não insultar.

A SITUA[illegible]

O *Jornal* [illegible] em, como periodico p[illegible] definir a sua posição, em p[illegible] da actualidade.

Para isto, e d'accordo com o seu programma, declara que acceita o facto da fuzão, em que assenta a politica actualmente predominante, não só porque julgava sem razão de ser, no campo dos principios e das idéas, a existencia de dous partidos com o mesmo credo economico-politico; mas tambem porque contendo um e outro homens prestantissimos, e com honrosa folha de serviços em prol da liberdade, progresso e civilisação deste Paiz, a união de todos elles n'um mesmo proposito e pensamento de associarem os seus esforços a bem da Nação, na confiança reciproca, e no desejo de mutuamente se auxiliarem, não póde deixar de ser o mais ardente desejo de todos aquelles que preferem a politica fecunda do interesse publico, á politica mesquinha das parcerias, que se não ajusta ás aspirações de progresso, que á luz das idéas e da civilisação se desenvolvem.

O *Jornal de Barcellos* reconhece por tanto na fuzão dos partidos historico e regenerador, a consequencia logica da affinidade, que no mundo moral, como no mundo phisico, obedece ás leis d'attracção; e abraçando-a como principio productor do bem para o desenvolvimento d'uma politica fecunda em beneficio do Paiz, procurará concorrer para que ella se robusteça e fortifique, apontando como credores da gratidão publica, os homens que a iniciaram e realisaram, sacrificando no altar da Patria as divergencias e ressentimentos que os traziam desunidos.

O ministerio actual, significando, como significa, no governo, o pensamento e a politica da fuzão, tem a simpathia do *Jornal de Barcellos*, não só por isto, mas tambem porque os ministros, abonados uns pela sua intelligencia esclarecida, e pela parte valiosissima que já teem tomado na grande obra dos melhoramentos e reformas que attestam o progresso do Paiz, e outros pelos seus talentos e elevada capacidade, lhe inspiram confiança: porém esta simpathia será sempre subordinada ás considerações d'interesse publico, que unicamente lhe servirão de guia para o julgamento imparcial dos actos do governo.

É muito principalmente pelo que respeita ás necessidades e interesses deste concelho, que o *Jornal de Barcellos* pretende justificar o seu proposito de ser util, e o seu titulo; reservando-se para nos seguintes numeros desenvolver, côm referencia ás questões de que tiver de occupar-se, o plano formulado nas idéas que deixa expendidas.

A QUESTÃO DO PADROADO

Terminou na camara dos deputados a questão suscitada pela interpellação do snr. Levy Maria Jordão, relativamente aos missionarios francezes mandados para o Congó, por determinação da Curia romana.

A moção do snr. Antonio de Serpa foi nominalmente approvada por 77 votos contra 20, tendo o sr. Levy retirado a sua.

Não nos propomos agora fazer considerações sobre questão de tamanho alcance, por que, alem d'intempestivas, serviriam só d'augmentar, o muito que se ha dito sobre a materia. Folgamos porèm que o governo podesse provar á camara, que nesta questão se houvera com a precisa prudencia, evitando complicações com a Santa Sé e mantendo a dignidade da corôa portugueza.

Mas se é verdade que, em face do direito de padroado que desde ha muito assiste ao governo do nosso paiz, não podemos louvar o procedimento da Curia, como attentorio do direito, não é menos verdade que o Pontifice romano, primeiro vigia da Egreja de Jesus-Christo, apostolo incansavel da propagação da Fé, não pode ver com indifferença a incuria, com que os nossos governos tem deixado em quasi completo abandono a educação moral d'aquelles povos.

A questão das colonias é uma questão importante, e que bem merece a attenção do nosso governo.

A este respeito apresentamos hoje aos nossos leitores algumas judiciosas reflexões do nosso illustrado collega da «Revolução de Setembro» feitas por occasião da discussão da nota do sr. Levy.

Diz assim a «Revolução»:

«Pareceu-nos energica e digna a nota do governo, e que nenhuma das que se citam das passadas epocas é mais explicita do que ella. Seria hoje commemorada com louvor se tivesse sido expedida ha 50 annos.

«Não pareceu assim ao sr. Levy que citou muitas provisões, que se referiam a leis, para mostrar que o governo não podia auctorisar a missão dos ecclesiasticos estrangeiros no padroado portuguez, e instruido minuciosamente de todos os factos pela sua posição official de empregado de confiança, que é ouvido pelo respectivo ministro, terminou por uma

ADMINISTRADOR
JOSÉ ALVES VALLONGO E SOUSA
Anno 1$440—Semestre 720—Trimestre 360.
Estrangeiro: Anno 1$680—Semestre 840—Trimestre 420
Folha avulso 40—Annuncios e correspondencias 30

O IMPARCIAL

ADMINISTRAÇÃO
RUA DO TERREIRO—NUMERO—9
Toda a correspondencia deve ser dirigida ao administrador —Para os srs. assignantes os annuncios repetidos tem o abatimento da quarta parte.

Annuncios repetidos 20 rs.—Publicações litterarias serão annunciadas, recebendo-se na redacção dois exemplares.—Os escriptos sejam ou não publicados, não serão restituidos.—As correspondencias de interesse particular, devem vir competentemente legalisadas.—Assignaturas, são pagas adiantadas.

PUBLICA-SE ÁS QUARTAS FEIRAS

1.º ANNO—1867 | QUARTA FEIRA 24 DE JULHO | NUMERO 1

O IMPARCIAL

É mais um jornal que vai entrar no grande theatro do mundo.

Do titulo facilmente se conhece qual a varêda que hade seguir: justiça e igualdade é o mote de sua bandeira.

O IMPARCIAL não vem a publico para ser arma de partidos, pergão de infamias, nem orgão de calumnias, nem tão pouco se incommodará a sair a rua munido de açoute a fustigar esta ou aquella parcialidade politica.

Sua missão é propugnar pelo augmento, prosperidade e illustração d'esta terra; dar-lhe a vida e vigor de que tanto ha mister.

O IMPARCIAL não vem ufano, que não tem de que, nem o fascina a vaidade de querer regenerar o genero humano, nem a louca pretensão de pôr cobro á demasia das paixões; muito o contrario, é humilde, desempoeirado e sem pergaminhos litterarios que o recommendem; assim como pesar de ter feito exame de consciencia e contado um a um os mandamentos da sua lei, não se julga isento de cair em algum peccado.

Mas, emfim, o IMPARCIAL envidará todas as forças para não desdizer sua profissão de fé; procurará sempre advogar a causa da justiça e da moralidade, discutir principios e não pessoas, julgar com imparcialidade e observar as cousas sem azedume e sem ironja. Ao IMPARCIAL tão repugnante é o azorrague como o thuribulo dos incensadores.

Amigos e inimigos confunde-os na mesma urna para o elogio ou para a moestação.

E' arduo o commettimento; demasiado o promettido; e por isso dobrado cuidado deve ter o IMPARCIAL ao encetar a derrota em viagem tão longa e por mares tão cheios de parceis; mas se o passado póde servir de penhor e de esteio ao futuro, espera merecer dos barcellenses e de todos os leitores a attenção que sempre dispensaram a outros jornaes que o precederam, mas se eclipsaram não sabemos por força de que astro.

Barcellos póde e deve ter um jornal como outras terras de menos importancia o tem; anhelavamos ha muito n'esta nossa saudosa patria houvesse um jornal, que longe de semear discordia, fosse o protypo da paz e da união entre os filhos d'esta terra, ahi vai pois o IMPARCIAL, que fará quanto lhe permittirem suas forças para conseguir esse resultado.

Se o deixem morrer, deem-lhe [illegible]

BOLETIM INTERNO

BARCELLOS 24 DE JULHO

Sendo, como é, este jornal destinado a advogar os legitimos interesses d'esta nossa terra, faltariamos desde já a uma das partes mais essenciaes do nosso programma, se deixassemos passar a presente occasião, sem consignarmos aqui o nosso voto contrario á idéa que começa a vogar, ácerca da directriz do caminho de ferro do Minho.

Dizia ha dias, o illustrado correspondente do *Commercio*, em Lisboa, que constava ali ter o sr. ministro das obras publicas adoptado a directriz que deve passar ao sul de Villanova de Famalicão.

Surprehendeu-nos esta noticia, que, a realisar-se, seria a morte e o estacionamento da nossa terra.

Já, em tempo que não vai longe, alguem provou isto e o demonstrou cabalmente em um dos jornaes que aqui se publicaram, escrevendo a respeito da melhor directriz do caminho de ferro do Minho. E essas idéas, que tendiam a mostrar, menos em attenção a conveniencias locaes, do que em relação á sciencia, que a mencionada directriz devia seguir por entre os dous concelhos de Villa-nova e Barcellos, acharam écco e acolhimento em todos aquelles que não sacrificam o bem publico ao particular d'esta ou d'aquella localidade.

Estavamos até persuadidos que esta era a idéa do sr. ministro. Desejamos que tal prognostico se não realise, e estimamol-o, porque não vemos razão plausivel de interesse publico, ou de verdadeira economia, que aconselhe a directriz do sul de Villa-nova, com sacrificio do rico e importantissimo concelho de Barcellos.

Não havemos de desistir d'este nosso empenho, e desde já chamamos a attenção d'aquelles dos nossos compatriotas que presam a sua terra, para que nos auxiliem n'esta cruzada, dedicando a este fim os seus esforços. A união faz a força; e não será preciso recorrer ao systema de representações, como algumas que temos lido, e que servirão para tudo, menos para o fim que teem em vista.

C.

Um boato desagradavel

Constou-nos que, ha pouco tempo, corropalara-se n'esta villa [illegible] zende, era geralmente mal recebido por todos, e causava a todos bastante indignação.

Não sabemos, que mau fado é este que persegue Barcellos.

Esta villa tem direito aos favores e attenções do governo constitucional, e apesar d'isso póde dizer-se—que todos os melhoramentos de que gosamos, são devidos ao trabalho e aos esforços dos barcellenses; e os beneficios do governo liberal teem sido poucos ou nenhuns talvez para Barcellos.

Estas considerações tornaram mais desagradavel para este povo a noticia de lhe quererem cercear excessivamente a comarca, que já temos reduzida; e em presença d'estas circumstancias nasceu em todos o desejo de representar ao governo em sentido negativo ao projecto em questão.

Fez-se uma representação ao Rei que, pedindo-lhe a conservação da comarca de Barcellos tal como está, foi espontaneamente assignada por todos os cidadãos barcellenses e pelos das freguezias ruraes do nosso concelho.

Não se fez mister mendigar assignaturas para se subscrever um pedido tão cheio de justiça e que estava no agrado de todos os povos d'esta comarca: a representação mostrava-se ao povo e o povo assignou-a sem repugnancia e com vontade.

O corpo commercial d'esta villa representou igualmente, e a sua reclamação, que se assentava em bases solidas, e que era acompanhada de bons argumentos, foi assignada por todos os negociantes barcellenses sem admoestações e sem empenhos.

Barcellos não pedia a el-rei novos melhoramentos; n'essas representações não se exigiam novos beneficios nem favores novos; Barcellos, todo este concelho pede a conservação, do que é seu, pede, ao menos, o estacionamento das suas coisas, e este pedido é todo justo e digno da attenção do rei liberal.

Não levamos a mal que os habitantes d'Espozende desejem ver a sua terra elevada a cabeça de comarca, assim como os barcellenses desejariam ver em Barcellos o governo civil do districto. O que de certo achamos menos franco e menos leal, foi o modo de que os nossos visinhos se serviram, para conseguirem algumas assignaturas pelas freguezias d'este concelho, destinadas a fazer parte da nova comarca d'Esponzende.

O governo de sua magestade não [illegible] dido que lhe faz uma das mais antigas povoações do Minho a todos os respeitos credora das attenções do governo liberal.

Barcellos não péde mais vida, mas não quer a morte.

Pela nossa parte somos insuspeitos para fallar na questão pendente.

Não pertencemos á classe dos empregados publicos, e os nossos mingoados rendimentos nem se minoram, nem se augmentam com a creação ou não creação da nova comarca.

Longa ia sendo a derrota, e tempo é já de colher as vélas.

Sobre a conveniencia ou desconveniencia da comarca em questão melhores pennas, que a nossa, advogarão por certo e n'esta folha esta mesma causa, mas pela nossa parte promettemos fazer algumas reflexões nos seguintes numeros; e quando aos nossos escriptos faltarem enfeites e adornos, sobrar-lhes-hão comtudo a imparcialidade e desinteresse.

O IMPARCIAL já fez a sua profissão de fé. Por ella veem os leitores que esta folha não tem politica definida nem tão pouco nutre paixões nem por partidos nem por pessoas. Deseja a prosperidade da patria, a unidade dos barcellenses, e promette de novo não se desviar um só passo d'estrada tão firme.

E é levado por sentimentos tão nobres, que o IMPARCIAL abre francas as suas columnas a todos os seus assignantes, para n'ellas apresentarem as suas ideias sobre qualquer questão que hajam de tratar.

Não serão porém admittidos quaesquer escriptos inspirados só por paixões pessoaes ou caprichosas e que se importem com a vida privada das authoridades, ou de qualquer pessoa particular.

Deseja o IMPARCIAL não transgredir o seu dialogo, e por isso não consentirá que as pessoas estranhas á redacção venham fazel-o peccador.

Será obsequio, e obsequio de grande valia a remessa de quaesquer artigos, que tratem dos melhoramentos d'esta villa, que apontem as reformas de que necessitamos, e o IMPARCIAL não attendendo a côr politica das pessoas que os escrevem, cumprirá o que promette, trabalhando assim na unidade dos barcellenses n'um familia só. Este é o mote da bandeira que desfraldemos aos ventos da publicidade, e ficamos [illegible]

COIMBRA
Nº 150.477

AURORA DO CAVADO

(II SERIE) PUBLICA-SE ÁS QUARTAS E SABBADOS (Nº 1)

PREÇO DAS ASSIGNATURAS
Por tres mezes . . 120 reis—Com estampilha . . 140
Por um mez . . 140 reis—Com estampilha . . 180
Folha avulso . . . . . 30 reis

1868

SABBADO 22 DE FEVEREIRO

Assigna-se nesta redacção Largo da Cadeia para onde se deve enviar toda a correspondencia, a qual será paga se for de interesse particular.—Annuncião-se todas as obras litterarias, enviando-se-nos dois exemplares. Annuncios por linha 30 reis—Repetidos 20 reis.

Começa hoje de cumprir a AURORA DO CAVADO o que prometteu no n.º passado. Entra alentada e cheia de brios na segunda phase da sua existencia.

Não abre por isso novo programma. Ficou escripto nos dous ultimos n.os Não se desmandará d'elle a AURORA, e a mostral-o para o futuro appella.

BARCELLOS, 21 DE FEVEREIRO

Ao Povo!

E' já pela terceira vez, que nos occupamos em publicar n'este jornal os nomes de todos os deputados que pertenciam á maioria da camara finda.

Espalharam por ahi os especuladores, e os que tentam illudir o pôvo e leval-o, engodado até á urna, que o sr. Faria Barboza não pertencera á maioria da camara passada; não fora um daquelles, que abusando da procuração do povo, votou com os ministros demittidos, approvando essas leis esfolladoras e contra as quaes o pôvo se sublevou, e contra as quaes ainda hoje clama.

Disseram ainda, que fomos injustos, e que por encommenda publicámos n'essa relação o nome do sr. Faria Barboza, querendo com isso não só desconceitoar esta folha, mas tambem exaltar a pessoa do sr. Faria, inculcando-o como salvador da patria!

Que miseria!!

Pois o sr. Faria Barboza tendo consciencia de que pertencera á maioria da camara passada, tendo consciencia de que approvou a contribuição do augmento no imposto do sello, a reforma no ministerio dos estrangeiros, a lei de reforma administrativa, a escandalosa pensão á viuva de José Julio, tendo consciencia em fim de que na occazião da votação da lei sobre o imposto de consumo, se metteu na cama não protestando contra ella em favor do povo, nem votando n'ella em favor de seus amos do ministerio demissionario, vem insuflar a seus amigos a ideia de que fora um dos salvadores da patria!

Não se combina isto; e a illação mais logica que d'aqui se pode colher, é que o sr. Faria Barboza não pertence a partido nenhum nem merece, tão pouco, a confiança de nenhum ministerio, nem conseguintemente a confiança do povo.

Para que não possão continuar a illudir o povo os especuladores e os Saltimbancos ahi vamos nós pela terceira vez publicar o nomes dos deputados que eram votos certos do ministerio passado, que approvaram as leis esfolladoras e que não zelaram finalmente os interesses populares.

Antonio do Rego Faria Barboza
Antonio Ayres de Gouveia
Antonio da Cunha
Antonio da Costa
Antonio Augusto Teixeira Vasconcellos
Antonio Camillo d'Almeida Carvalho
Antonio Diniz Vieira
Antonio Egypcio Quaresma Lopes de Vasconcellos
Antonio Gomes Brandão
Antonio Gonçalves de Freitas
Antonio José de Barros e Sá
Antonio José da Cunha Salgado
Antonio José da Rocha
Antonio José de Seixas
Antonio Julio de Castro Pinto de Magalhães
Antonio Lucio Tavares Crespo
Antonio Maria Fontes Pereira de Mello
Antonio Pinto de Magalhães Aguiar
Antonio Rodrigues Sampaio
Antonio Tiburcio Pinto Carneiro
Augusto Cesar de Almeida
Augusto Cesar Barjona de Freitas
Augusto Cesar Falcão de Fonseca
Barão de Magalhães
Barão de Magadouro
Barão do Vallado
Bento de Freitas Soares
Carolino de Almeida Pessanha
Cesario Augusto de Azevedo Pereira
Claudio José Nunes
Custodio José Vieira
Carlos Zeferino Pinto Coelho
Domingos de Barros Teixeira Mottá
Fortunato Frederico Mello
Francisco Joaquim da Costa e Silva
Francisco Luis Gomes
Francisco Manoel da Rocha Peixoto
Faustino da Gama
Fernando Augusto de Andrada Pinto e Mello
Fernando Affonso Coelho Cabreira
Fillipe José Vieira
Francisco de Almeida Coelho de Bivar
Francisco Antonio Namorado
Francisco Ignacio Lopes
Francisco Joaquim da Costa e Silva
Francisco Joaquim de Sá Camello Lampreia
Francisco Manuel da Costa
Francisco Manuel Raposo Correia
Francisco de Paula e Figueiredo
Francisco de Sousa Cadaval
Guilherme Augusto Pereira de Carvalho de Abreu
Gustavo de Almeida Sousa e Sá
Hermenegildo Gomes da Palma
Ignacio Francisco Silveira da Motta
Jacintho Augusto de Sant'Anna Vascellos
Jeronymo Pereira da Silva Bahia de Bastos
João Alves dos Reis Moraes
João de Andrade Corvo
João Antonio Gomes de Castro
João Antonio de Sepulveda
João Antonio de Sousa
João Antonio Vianna
João Antonio de Carvalho
João Baptista da Silva Ferrão de Carvalho Martens
João da Costa Xavier
João José de Alcantara

FOLHETIM

O JUDAS

Todos os dias se estão espalhando calumnias e infamias contra os homens, que pertendem uma nova camara.

Não ha honra, probidade, e virtudes, senão nos actuaes gerentes da camara, e seus adeptos; todos os mais são maltrapilhos, homens sem honra e sem crença?

Todos os dias assim o repetem as correspondencias dos honestos, não se importando com a offensa, que fazem a todo os Barcellenses: deixal-os, coitados, que não veem mais.

Embora a deshonra de taes homens; despresamos a sua alliança, porque não nos queremos confundir com elles.

Não, nunca; porque odeamos o traidor, e o vil calumniador.

Está socegada a nossa consciencia, não nos sobre-saltão nem os crimes nem os remorsos.

Nunca traimos a honra e a amisade, nem tão pouco ferimos cobardemente e á traição.

Está isso reservado ao chefe dos honestos, que dizem ser homem d'honra, virtudes e lealdade.

Seja assim considerado pela confraria; por nós, não; porque, mais alto fallão os factos e a verdade.

Verdade, sim—verdade amarga, que custa a acreditar. Creião-na, que respondemos por ella ante Deos e o tribunal da opinião publica!

Relatemos um facto á poucos dias acontecido n'esta Villa com um negociante honrado e amigo do snr. Faria Barboza e vejão por elle o caracter idiondo do seu auctor.

Domingos José dos Santos Ferreira, negociante de panos no campo da Feira, era um verdadeiro amigo do snr. presidente da camara—o snr. Faria Barboza.

Muito tinha trabalhado na eleição passada pelo snr. Faria Barboza.

Trabalhava por elle egualmente na presente eleição e prestava-lhe todos os serviços de verdadeiro amigo.

O snr. Santos Ferreira tinha seu irmão recrutado, e pedia todo o auxilio e protecção para valer a seu irmão. Não é de admirar, que o snr. Santos Ferreira, para este fim se fosse valer do snr. Faria Barboza, de quem era amigo, e a quem tinha obsequiado muitas vezes.

Assim aconteceu. O snr. Santos Ferreira pedio uma carta de protecção ao snr. Faria Barboza, e este promptamente se prestou.

A carta foi mandada procurar junto à noite, e esta lhe foi entregue fechada não estando o snr. Faria Barboza em caza.

As cartas de protecção costumão ser entregues abertas, e sendo entregue fechada a carta do snr. Faria Barboza, causou suspeita.

O snr. Faria Barboza chegou a caza, e lá lhe disserão, que tinhão entregado uma carta ao snr. Santos Ferreira.

O homem, que não devia ficar contente, mandou logo em seguida por uma creada uma outra carta aberta, com direcção ao mesmo individuo para quem era a primeira, e da parte do seu amo exegiu a creada a primeira carta, que tinha sido entregue ao snr. Santos Ferreira.

Isto augmentou a suspeita do que conteria a tal carta fechada; — determinarão não entregar a carta sem saber o que ella continha, respondendo á creada, que o snr. Santos Ferreira não estava em caza, e que assim que elle chegasse, lá lha mandavão.

A carta aberta, que se dirigia ao snr. doutor Vieira, de Braga, pedia-lhe como o maior interesse pelo irmão do sr. Santos Ferreira, e que não poupasse esforços para o servir, que seria o mesmo que servi-lo a elle mesmo.

A carta fechada, que era dirigida ao mesmo senhor, e que (como se presume) tinha d'ir pelo correio «agradecia ao snr. doutor Vieira um favor, que tinha recebido o snr. Faria Barboza, e ao mesmo tempo dizia-lhe que era forçado a escrever-lhe uma carta que lhe havia de ser apresentada pelo irmão do snr. Santos Ferreira para o proteger na inspeção do recrutamento; mas que n'isso não tinha interesse algum, que se desculpasse, ou obrasse como quisesse.»

Já vem os nossos leitores, que este procedimento é de um cavalheiro, e de um homem honrado!!

Ora agora digam-nos quem se ha de confiar n'um homem destes? — quando se atraição tão cobardemente um amigo, que é da Villa, e lhe tem prestado immensos serviços, que aconteceria a um traidor?!—ainda haverá quem confie no snr. Faria Barboza?!

Conhem muito embora, que nós, não, e havemos de apresentar ao publico o homem tal que elle é.

Este baixo e indigno procedimento tem indignado a todos nesta Villa, a ponto de alguem querer ir mais longe.

Mas não, despresem o vil, o calumniador, e entreguem-no aos remorsos se d'elles é susceptivel.

Asseveramos o facto, e quem quiser, pode desenganar-se, que da nossa parte, já o estamos; levem-nos aos tribunaes, que lá lhe contaremos o resto.

CUNHA OZORIO.

(do Barcellense nº 263 de 8 de Outubro de 1863)

Preço d'assignatura
SEM ESTAMPILHA
Anno..... 1$200 rs.
Semestre..... 600 rs.
Trimestre..... 300 rs.
Folha avulso 30 rs.
Annuncios e correspondencias 50 rs.
Annuncios repetidos 25 rs.

LEI E ORDEM

Preço d'assignatura
SEM ESTAMPILHA
Anno..... 1$440 rs.
Semestre..... 720 rs.
Trimestre..... 360 rs.
Assignaturas e correspondencias ao escriptorio do mesmo periodico na Largo do Apoio.

Para os srs. assignantes os annuncios e correspondencias tem o abatimento da quarta parte. — Publicações litterarias serão annunciadas, recebendo-se na redacção dois exemplares.
Toda a correspondencia deve ser dirigida ao **Editor responsavel. Agostinho José da Silva.** — Os escriptos sejam ou não publicados, não serão restituidos. — As correspondencias de interesse particular, deverão vir competentemente legalisadas. — Assignaturas, são pagas adiantadas. — Publica-se as quartas-feiras.

1.º ANNO. 1893 | QUARTA-FEIRA 3[illegible] DE DEZEMBRO | [illegible]

DECLARAÇÃO

Cançados de atirar as disparatarias do «Barcellense», cuja publicação é uma vergonha para a nossa terra, apesar de saber-se geralmente que ali só impera a calumnia e a mentira, — declaramos ao snr. José Silverio da Cunha Ozorio, que emquanto não publicar na sobredita pasquina a certidão authentica, de haver dado cumprimento aos preceitos da igreja, nos ultimos cinco annos, não lhe tornamos a responder.

Feito isto, sim: porque não tendo cumprido o preceito, está excommungado, por ser esta a pena com que se fulmina aquella falta, e aos excommungados é prohibido responder; e se tiver satisfeito torna-se então necessario recorrer a exame de sanidade para se tratarem as questões com toda a legalidade e placidez.

O DIA DE NATAL

Não póde passar o dia 25 de dezembro sem que o celebremos com jubilo e prazer.

E' para nós os catholicos, cada vez que chegamos ao Natal, uma occasião de recordação em que nos enchemos de orgulho santo, por pertencermos ás phalanges de uma religião sarrosanta, que teve por origem o Filho de Deus, nascido ha dezenove seculos, e vindo ao mundo para nos remir, para nos salvar, e para nos dar a liberdade, sujeitando-se ao martyrio da Cruz, e ensinando-nos do alto d'ella a humildade.

A verdade inteira nos ensinou Elle, e a verdadeira liberdade nos bafejou no coração! — verdades, porém, e liberdades que tem atravessado e atravessarão o cordão dos seculos sem alteração; porque a verdade e a liberdade é uma só, e, todas as permutações, que queiram fazer-lhe, só poderão fazer cahir o espirito humano no absurdo!

Por isso será eternamente esse dia celebrado com jubilo e respeito, fazendo deixar atraz de si, no olvido, todos os reformadores falsos que se tem pretendido avantajar a Jesus Christo, porém que mais morrerão e morreram para lhe augmentar a gloria e desengano de novos propaladores de falsidades.

Salve pois ó Christo Filho de Deus e da Virgem Santissima!

ESTRADA DE BARCELLOS A PONTE DO LIMA

Estando ligada esta villa ao alto Minho por duas estradas a mac-dam, uma que vai direita a Vianna do Castello, e outra que por intermedio de Braga nos deixa em communicação com Ponte do Lima, não temos comtudo uma estrada que, directamente vá d'aqui a Ponte, cortando os fertilissimos valles que mediam entre a nossa e aquella villa.

Não sabemos que mau fado tem sido o entorpecedor de tal estrada, sendo no emtanto ella, uma das que mais se recommenda debaixo do ponto de vista dos interesses da agricultura.

Para Vianna temos, é verdade, uma estrada, e de tal cidade uma outra para Ponte; porém a não ser que ella aproveite para a viação directa com aquella cidade, os terrenos que atravessa são quasi estereis; pois houve quem teve o bom gosto de a traçar só por cumiadas de montanhas, tornando-a inutil para tudo o interesse agricola, a que ella, traçada de outro meio, podesse aproveitar.

Pois era a isto que muito e muito se deveria attender.

No espaço triangular que medeia entre Barcellos, Vianna e Ponte, e em cujo vertice assentam estas tres povoações, ha importantissimas varzeas, dignas de consideração pela sua fecundidade e grande producção; porém quasi incommunicaveis com o sul da provincia, para onde se costuma encaminhar a exportação, por que teem só caminhos perigosos, pelos quaes quasi é, senão impossivel, ao menos difficilissima a communicação.

Vêem-se os povos desesperados, e gritam com razão contra os poderes publicos porque lhe não attendem ao que elles chamão de direito.

No em tanto enganam os a cada passo; parece que para lhe refrear de quando em quando as iras que os inflamam; e dizem-lhes que lhes vão rasgar a estrada, que elles só vêem na esperança.

A velha estrada de S. Fins, que d'antes alguma cousa se prestava para conduzir a producção d'esse grande centro, está quasi intransitavel, e d'aqui a pouco ver-se-hão os povos na necessidade de não poderem de forma alguma trazer os seus productos. Assim, esenceiam elles no mercado, o que os tornará caros, não pela falta d'elles, mas pela de vias de communicação, o que é um manifesto prejuizo, para o consummidor que tem de comprar mais caro, e para o productor, que vê o genero elevar-se em preço d'ahi a uma e duas leguas, mas a quem não póde ser benefico, por que não póde lá levar os seus productos, senão com grave risco seu e dos gados que emprega no transporte.

Por isso attenda-se a uma estrada que é justo se faça; e já que o governo, em tempo, para attender a interesses de corrilho, a mandou abrir até ao cemiterio de Ponte do Lima, mande rasgal-a até Barcellos, que é aqui onde ella deve morrer, e não na morada dos mortos.

Assim o esperamos. Façam-se as estradas para onde devem ser e prestem á agricultura. E' d'ellas que tem tido a esperar este paiz, essencialmente agricola, e não da belleza e favor aos influentes, mandando abrir estradas para onde e por onde mais são lidas por obras luxuosas que de verdadeiro interesse.

PARTE OFFICIAL

IMPOSTO DO SELLO

(Continuado do numero antecedente)

CLASSE 2.ª

Confirmações, dispensas e outras mercês sujeitas a sello de verba depois de escriptos os respectivos documentos.

1 Provimento de partido de medico ou cirurgião, quando pelas camaras municipaes, sobre a importancia do partido .. .. 5 p. c.
2 Cartas de administração com usufructo vitalicio de capellas denominadas de corôa ou outros bens nacionaes que renderem até reis 200$000 .. .. 1$000
3 Excedente a 200$000 réis .. 1 p. c.
4 Cartas de compra ou arrematação de bens nacionaes ou das corporações de mão morta, alem do sello do papel pagarão mais sobre o preço da arrematação ou remissão .. .. 1 p. c.
5 Diplomas de leigos, pensões ou ordinarias até á quantia de 100$000 réis annuaes.. 200$000
6 Excedendo a 100$000 reis.. 2 p. c.
7 Diplomas de verificação de sobrevivencia de tença, pensão, ou ordinaria, o dobro do que fica estabelecido para os diplomas de mercê.
Apostillas em qualquer dos ditos diplomas (vide a verba 13, classe 3.ª da tabella a.º 1).

CLASSE 3.ª

Acções, apolices, recibos, quitações e outros papeis, sujeitos a sello, a tinta de oleo, antes de escriptos, ou ao de estampilha.

1 Acções ou titulos e obrigações de companhias ou associações mercantis de qualquer natureza e dos districtos, camaras municipaes e de quaesquer estabelecimentos publicos, por cada acção ou obrigação de valor:
Até 10$000 reis $020
De mais de 10$000 reis até 50$000 reis $030
De mais de 50$000 reis até 100$000 reis $100
De mais de 100$000 reis até 200$000 reis .. $200

1.º ANNO—1879 QUINTA-FEIRA DE AGOSTO NUMERO 1

FOLHA DA MANHÃ

SEMANARIO POLITICO E NOTICIOSO

DIRECTOR-PROPRIETARIO—J. Baptista de Lima *EDITOR-RESPONSAVEL*—M. José d'Oliveira

Preço da assignatura: Por 3 mezes, 360 reis—6 mezes, 720 reis—1 anno, 1:440 rs.—Cada exemplar: Por 3 mezes, 100 rs.—6 mezes, 800 rs.—1 anno, 1:600 rs.—Folha avulso 10 reis. **Annuncios e publicações:** Annuncios judiciaes e publicações de interesse particular feitas no corpo do jornal 30 rs. por linha. Annuncios particulares teem preço convencional, conforme o typo em que forem compostos e o tempo porque se publiquem.—Communicados que envolvam responsabilidade devem ser apresentados devidamente legalisados.—Os annuncios serão entregues na Typographia d'este Jornal, Largo do Apollo.—A correspondencia deve ser dirigida, franca de porte, á Redacção da FOLHA DA MANHÃ.

BARCELLOS, 6

CAVACO PRELIMINAR

Vai sem as pompas de um programma o nosso jornal:

Desde que, modernamente, os programmas politicos se amesquinham e retrahem ao sabor das conveniencias de momento; desde que a mais recente theoria constitucional estabelece o commodo principio de que o programma de um partido não póde ser o programma de um governo; desde que os homens d'hoje renegam o seu credo politico de hontem, e elevados ás eminencias do poder deixam sepultados sob os louros da opposição os principios e doutrinas com que deslealmente combateram os seus adversarios; desde que isto se faz, e se acceita, e encontra applausos, os programmas jornalisticos não teem razão de ser.

Nesta epocha de justificada descrença nas promessas e ideas apresentadas ao paiz por certas notabilidades politicas em uso de banhos, que se julgavam com direito indisputavel á successão e partilha na governação do estado, que maior credito póde merecer no publico o programma de um modesto semanario politico de provincia do que o que está merecendo o espectaculoso programma do partido progressista, tão sincero e *tão pintado de azarcão e ocre, como o vistoso cartaz de selecta maravilhas* d'uns saltymbancos de feira?

Nenhum de certo. O publico tem já sido demasiado *caurinado* n'estas cousas, para confiadamente as tomar a sério.

Dispensamos-nos pois, pelo descredito dos programmas, de escrever programma para o nosso semanario.

Seremos o que podermos ser em beneficio da nossa terra e na defeza dos nossos direitos procurando sempre ser justos para sermos fortes.

Os que *á priori* não crerem na rectidão das nossas intenções que tenham a paciencia de esperar os nossos actos.

Palavras, diz o povo, que o vento as leva.

* *

É geralmente acreditado que o que determinou a publição que hoje encetamos foi o advento ao poder do partido progressista. Não pretendemos negal-o. Foi realmente.

Se a nossa parcialidade politica se conservasse ainda no poder não viria tão cedo a lume a *Folha da Manhã:* Haviamos continuar a deixar que os nossos adversarios politicos nos calumniassem e injuriassem com a vista socegada e sorridente, em vez de nos incommodarmos a levantar a defeza, por que infamemente injuriado foi por elles tambem o Augusto Chefe do estado com os homens mais prestaveis do nosso paiz, e apezar de tudo, tão elevadas reputações conservaram-se sempre immaculadas na opinião publica.

Por egual, nos não tocaram siquer as agressões covardes que nos eram dirigidas, e por isso deixamos impassivelmente aos esfaimados a liberdade da lagrima.

É que ninguem se incommoda a enxotar os cães quando só ladram á lua.

Hoje porém as circumstancias são diversas. Esses homens teem em seu poder os sellos do estado e pódem abusar d'elles. As primicias da sua administração annunciam um governo de intolerancias ferozes e criminosos abusos. Ás opposições cumpre n'este caso vigiar-lhes os passos e armarem-se para a defeza.

Pelo modo como o ministerio se apresentou constituido não deixou logar a illusões nem a surprezas. Os precedentes da maior parte dos ministros eram já demasiadamente conhecidos para poderem inspirar a confiança do paiz. Por isso lh'a negou o parlamento.

Outro tanto succede com os seus delegados, na quasi totalidade, escolhidos á sua imagem e similhança.

Felizmente que assim nin-

SECÇÃO LITTERARIA

O homem da capa parda

(EXCERPTO)

Commettou-se um crime horroroso, a opinião publica agita-se, quer uma punição exemplar.

Mas ha uma difficuldade: não se tomaram as precauções em tempo, não se sabe quem é o criminoso, procurem agora o homem da capa parda.

Essa individualidade indefinivel é um anjo mau, que arrosta incolume as iras da justiça; desde que ha sociedade que elle commette crimes, e nunca foi punido.

Designam-o pelo caracteristico do seu trajar e nunca foi visto.

E' mesmo o seu destino ser apontado como autor de todos os crimes, cujo autor se não conhece.

Ou então, se não é o mais preverso dos facinoras, é a mais torturada das victimas: seu nome por si só já é uma maldição; ninguem ainda o associou ao bem. Votado á expiação, pertencem-lhe de pleno direito todas as imprecações que não levam sobrescripto.

Como o Ashavero, elle tem uma vida secular; nossos avós o designavam, nós o indicamos, hão de indigital-o os vindouros.

Mas a sua vida teve um principio; qual foi elle? De quando data a lição?

A capa preta foi, nos bons tempos da fidalguia, um quasi distinctivo dos nobres; os plebeus não a podiam trazer.

A's ricas cores das cotas de armas, dos gibões e dos saios; ás variadas plumas dos chapeus, os nobres juntavam mais este privilegio—o uso da capa preta.

Ao villão deixava-se, por muito favor, a capa parda.

Tambem, que valia um villão n'esse tempo? Não tinha castellos, não gosava de immunidades, não tinha um nome. Opprimido sempre, só existia para alurar as exigencias dos poderosos, servil-os e manel-os com o seu suor.

Não se indagava mesmo como é que vegetava essa turba sem nome.

O villão era villão, e nada mais.

Quando se commettia um crime e não se podia saber quem era o auctor, esse auctor era por certo um plebeu; os nobres não commettiam crimes.

O homicidio anonymo, o furto sem a surpreza, o ferimento por arma que não se sabia quem a vibrara, cahiam de direito a um villão. Mas como descobril-o na multidão immensa d'esses *parias?* Eles eram tantos, que se tornava irrealisavel a empreza.

Procurem o homem da capa parda, dizia-se então.

Mais tarde, uma modificação no vestuario atirou a capa preta sobre os hombros dos moradores da cidade, e a capa parda cobriu os rusticos.

Quando se ignorava o auctor de um attentado, e quando não o podiam encontrar, é que o criminoso tinha fugido para o campo, fóra da acção da policia, e fingia um pacato e laborioso camponio, envolto na capa parda.

Examinar um por um para conhecer o réo era um impossivel: estava elle salvo.

Fossem procurar o homem da *capa parda.*

Ultimamente mudaram-se ainda as scenas; mas a modificação foi profunda: condemnaram os nobres a viver e a acotovelar-se com essa turba anonyma de plebeus; desappareceram os senhores e escravos; todos ficaram senhores: o villão, o rustico, o homem das cidades e os mais agaloados fidalgos cobriram-se com a capa preta, emquanto houve capas; com o paletot preto, quando ellas cairam.

A locução proverbial modificou-se tambem; não se procura já o homem da capa parda; é entidade que não existe. Hoje o que se procura é o *homem da capa preta.* A difficuldade cresceu e deu mais força ao proverbio; é preciso buscal-o não já n'uma classe, mas na sociedade inteira.

A essa origem historica junta a nossa expressão um outro merito: o valor philosophico.

Não é o homem da capa preta o embuçado que fere á noite, o que busca nas trevas a impunidade? E o mysterio que rodeia certos acontecimentos não é uma capa que os torna impenetraveis?

Réos ignorados de grandes crimes, quantos passam incolumes por entre as iras sociaes? O segredo que os salva é um manto protector: são os homens da *capa preta.*

S. BRAGA-C-1-18 4

TIROCINIO

SEMANARIO LITTERARIO E NOTICIOSO

PROPRIETARIO E ADMINISTRADOR — JOSÉ BERNARDO DA SILVA

1.º ANNO

Assignaturas
Trimestre 300 rs.—com estampilha 340
Semestre 600 » — » 680
Anno 1200 » — » 1360
Avulso 40 réis

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

DOMINGO 7 DE MAIO DE 1882

Publicações
Corpo do jornal..... 40 rs.
Secção de annuncios..... 30 »
Repetição..... 20 »
Corresp. franca de porte á Redacção

N.º 1

BARCELLOS 6

EXPEDIENTE

Por falta de espaço deixamos de publicar muitos artigos que nos foram enviados, sel-o-hão nos numeros seguintes.

N'um dos proximos numeros publicaremos tambem a relação de nossos illustrados collaboradores, aos quaes agradecemos reconhecidissimos a sua valiosa cooperação.

A Redacção

Entramos humildemente no vasto salão onde se ergue altiva, e magestosa a tribuna sagrada e grandiosa da imprensa jornalistica, esse monumento colossal levantado no centro da civilisação para perpetuar ás gerações que se hôrem succedendo a memoria immortalisada do seu fundador.

Gutenberg o grande obreiro da civilisação e do progresso arrancou das trevas o pensamento humano, fasendo-o transporas cumiadas das mais elevadas montanhas e singrar indomito a correntesa dos tempos.

A imprensa, esse grande facho luminoso da civilisação e do progresso, é a pilha electrica do pensamento humano; é n'ella que se desenvolvem e multiplicam os elementos da instrucção, d'esse gigante que tem dominado o mundo preparando-o e impellindo-o para o seu completo aperfeiçoamento.

Ao entrarmos na senda jornalistica, não somos impellidos para ella, por desvairamentos politicos nem por malquerenças pessoaes.

A politica e a calumnia não terão nunca ingresso nem guarida debaixo da nossa bandeira, que fluctuará sem nuvens que lhe possam denegrir o brilho: embora ella seja sustentada por mãos debeis nunca se arrastará pela senda do servilismo, conservar-se-ha sempre altiva e desfraldada ao vento da imparcialidade e da justiça, que nos quer a segural-a nas horas em que o desanimo se tenha apoderado de nosso espirito.

O «Tirocinio» será um jornal de familia, e o seu fim principal é despertar o amor pela litteratura, se o conseguirmos, ficarão demasiado recompensados todos os nossos sacrificios; ainda que d'elles só resulte um grão de arêa que possa ser aproveitada no argamaçamento do grande edificio da civilisação social.

O PHIDIAS DA PINTURA

(UMA IMPRESSÃO DE VIAGEM)

Bartholomeu Estevam Murillo, o filho dilecto d'aquella pulchra Andalazia, que estrella as noites, desanuvia os ares e azulleja os ceos, para que uma luz perennemente radioza banhe e sobredoure o estro dos seus artistas fecun da tela em antes, fitgrou a vida, o sublimissimo assumpto da Conceição de Maria.

E não ha escripto, que valha uma tal pintura, porque não ha poder de palavra, que traduza o poder da palheta quando esta, embebida pelo genio no iris da inspiração, transforma a tela n'um quadro, o quadro n'uma idéa, a idéa n'um sentimento, o sentimento n'um poema, o poema n'um paraiso de harmonias!

Viste por ventura, leitor amigo, a obra prima do pintor sevilhano? Contemplas-te já no original algum exemplar das Conceições de Murillo? Oh! se lograste ver, como eu vi, alguma d'essas telas riquissimas, em que o grande artista reproduzio o objecto favorito das suas sannadas creações, tens a prova incontrastavel da suprema transfiguração do genio, obtida pela soberana influencia da Virgem.

Impressão mais profunda, mais veheniente e inexpremivel em toda a minha vida não senti; ainda agora, corridos cinco annos, a alma se me vôa saudosamente, irresistivelmente, para o museu de Sevilha, onde por tres dias me fiquei abysmado, absorto diante do quadro sublime!

Um primor!

Aquelle ceo brilhantissimo; aquella luz semelhante ao ether inunaculado; aquellas aureas estrellas, tão luminosas, tão scintillantes; que parecem ter fugido dos espaços para rutillarem mais vividamente, alli aquelles grupos de anjos, com cabellos de ouro e labios côr de roza, dispostos adoravelmente em côres pasmozissimo, amiudos, bolliçosos. Vivos! ostentando aos olhares da terra aquella especie de vestibulo do ceo; a lua, o astro poetico, o astro melancholico, inspirador e suavissimo estendendo ao longe os seus almos resplendores bordando com as suas franjas de prata e matisando com as suas tremulas refracções todo aquelle mysterioso ambiente; depois, ao centro de tudo isto, Maria Immaculada, aquella figura formozissima, tão esplendorosa e tão pura, qual se desenhou na retina do vidente de Pathmos; aquella figura vapo-

---

FOLHETIM

A MEDITAÇÃO DE JESUS

(Do «PANORAMA»)

Oh Christo! — quando no meio de uma plebe corrompida pela servidão e encendida contra ti pela credulidade, de em palavras d'hypocritas, tu eras arrastado pelas vagas populares na terrivel procella do dia extremo da vida, por certo que o teu coração verteu sangue debaixo do peso de tão dilatada agonia!

Como, pois, foi possivel que diante dos insensatos que te atormentavam, rei da philosophia eterna, não clamasses segunda vez ao Pae, como na solidão de Gethsemani, para que te affastasse dos labios o calix que trasbordava de fel e de amargura?

Como foi possivel que tu, o que havias condemnado as gerações passadas, e arremessado as futuras por um mundo até então inexquito, não carrasse a cabeça diante do espectro do padecer atroz, e não tranzisses a tua missão, dizendo *basta!* e fasendo cahir a teus pés com a face no pó os verdugos da tua innocencia?

Nessa hora, Filho do Homem, não eras tu fraco e mortal como todos os teus irmãos?

Na historia da tua mysteriosa passagem na terra muitas paginas quizestes, oh Christo, que fossem deixadas em branco porventura porque se essa historia fosse completa, a sabedoria do homem poderia egualar a sabedoria de Deus.

Nós achamos hoje os vestigios dos teus pés pela subida do Golgotha; mas estão apagados os que estampaste nas ruas de Salem, na hora em que os assassinos tinham vestido a toga de juizes, e julgando te pela lei do odio popular, blasphemavam da justiça.

Foi essa hora de dolorosa anciedade, que a tradição guardou no incompleto thesouro do Evangelho, e por isso a tua constancia entre as affrontas e atrocidades das turbas desenfreadas por hypocritas, é o mais terrivel e profundo dos mysterios da tua morada na terra.

Na cruz, sim martyr estorceste-te, oh Christo, nos transes da agonia e bradaste ao Senhor: — «Heli! Heli! — porque pad ceste e soffreste em silencio na hora em que eras cheio de vida?

Por certo que, quando os carrascos e algozes te levavam entre apupos e risadas, perante Pilatos, e entre os balas de morte d'aquelles para quem o teu exemplo era um remorso, elles te deixaram repousar assentado sobre o marco da estrada, no transito de angustia.

E tu, oh Christo, ficaste, alguns momentos só com os teus pensamentos, immensos e insondaveis qual o espaço em que está derramada e perdida a infinidade dos mundos: e estes momentos avigoraram e consolaram o teu espirito.

Depois que o governador romano procurára resgatar-te, por preço de vituperios e crueza da sanha sanguinolenta dos hebreus, e não o alcançando, te entregára aos furiosos para que te arrastassem ao Calvario, lavando as mãos do crime, em quanto elles clamavam que o sangue do justo cahisse em cima de

1.º ANNO — BARCELLOS, DOMINGO 30 DE JULHO DE 1882 — N.º 2

ADMINISTRAÇÃO
6, – Largo da Cruz, – 6

Minhoto

REDACÇÃO
6, – Largo da Cruz, – 6

Assignatura, paga adiantadamente, 240 reis por cada 12 numeros e 270 reis com estampilha.
Numero avulso 50 reis. Annuncios, 30 reis por linha, repetidos a 20 reis e, os de publicações litterarias, por um exemplar. Publicações do interesse particular 40 reis por linha.

Os originaes entregues n'esta redacção não se restituem, sejam ou não publicados.
Toda a correspondencia, quer sobre redacção, quer sobre administração, deve ser dirigida ao director d'esta folha, largo da Cruz n.º 6, não se acceitando a que não vier franca de porte.

BIBLIOTECA PUBLICA

BARCELLOS, 30 DE JULHO DE 1882

INTERIOR

Na casa onde não ha pão, todos clamam e nenhum tem razão.

E' o que aconteceu n'este periodico, onde, desde o typographo até ao director da folha, ninguem houve que se não abespinhasse por causa dos muitos erros com que sahiu o *Minhoto*. O revizor queixava-se de que não dava uma por dentro ao querer soccorrer-se aos originaes, quando não achava boa a dicção que, por sua conta, suppriu o typographo; este dava como desculpa que foi o verdadeiro redactor, visto não poder decifrar a algaravia que lhe apresentaram; e o director do *Minhoto*, confiado nos seus *muitos* conhecimentos, paleographicos, observava que, em taes conjunctura se deviam ter dirigido a elle.

Esta noticia, chegada até nós por via do entregador da folha, fez-nos realmente cahir das nuvens por onde voavamos com toda a philaucia, persuadido que haviamos escripto bem. E, já que os tempos não correm de boa mansão para timbres, e quem é o tira-teimas social são as maiorias, aqui nos apresentamos contrictos, qual Egas Moniz, e promptos, não só para receber o castigo, mas ainda, ao atravessar os humbraes da enternidade, a pedir contrição aos principes christãos, visto que o mouraria traz o diabo no ventre.

A' vista d'esta reparação tão completa da nossa parte, por virtude da qual é bem melhor o leitor emendar como quizer, e furtar-nos ao trabalho das fastidiosas erratas, fica sabendo, que o *pão* que produsiu tanta bulha n'esta folha foi a MÁ LEITRA, ao passo que o que tem na ultima quinzena causado tantas commoções na provincia, é a politica, debaixo do pseudomino de—MILHO.

Má lettra e milho, bulha, politica e pedradas é pois a ordem d'estes ultimos dias, em que a humanidade inteira anda apertada a dar raia, produzindo simplesmente—ERROS.

Não sabemos que má sina persegue os partidos politicos portuguezes, quando se acham na opposição, que parece andarem sempre apertados a commetter desatinos, em vez de se retemperarem dos erros commettidos quando ao leme do estado; e o peior é que, além de não colherem fructo algum de tanta diligencia em se desconsiderarem, desgostam os homens de bom juizo que os poderiam salvar nas occasiões da crize, e fazem uma bulha de tal ordem, que, pelo resto da Europa, estão persuadidos que, por este cantinho do mundo, tem corrido mais sangue que por Alexandria á ordem do dictador Arabi.

Isto, por mais que nos queiram persuadir do contrario, não é só mal estar social, não é só vicio de organisação dos partidos, nem defeito da constituição do estado, ou malicia de quem governa, em querer falsear o systema politico, para se sustentar no poder. E' tudo isto junto e ainda mais alguma cousa.

A nossa Carta Constitucional que ha cincoenta annos poderia satisfazer completamente as nossas aspirações sociaes, certamente que, com metade de um seculo, ha-de resentir-se das exigencias e necessidades que no seculo XIX tem trazido a luz que produziu o vapor; a que estendeu as redes de caminhos de ferro; a que dependuron, em postes, fios metalicos para communicar, por meio de electricidade, os acontecimentos com a velocidade do raio; a que, com o mesmo pensamento, e olhando desdenhosamente para a profundeza dos mares, atravessou todos os oceanos com cabos submarinos; a que, para representar com fidelidade todos os objectos que se palpam, descobriu a photographia; a que por meio do telephone faz propagar com irreprehensivel verdade os sons a distancias incommensuraveis; a que nem a avidez do Suez nem a altania do Panamá puderam sobrepujar, para serem rasgados e darem transito aos navios de véla e a vapor que orgulhosamente tentam atravessal-os; e finalmente a que incutiu tamanha audacia que, levando-nos a olhar com desprezo e escarneo para o Tantalo da idolatria, prefura o solo onde esbraveja raivoso o mar da Mancha, e tenta ligar por meio de um tunnel a Inglaterra ao continente, não por medo ao salgado elemento, mas só para facilitar communicações.

Preciza, pois, a nossa carta de reforma; os nossos politicos tem precizão do bom senso; e o que de maior reforma tem ainda precisão, é a lei eleitoral. N'esta sobre tudo, a nosso vêr, ha a maior necessidade de reforma; porque dá resultados tão negativos na pratica, que nem o deputado representa a vontade e aspirações dos povos, nem os povos pódem nem querem fazer representar a sua vontade e as suas aspirações, por motivos que demonstraremos em artigo especial, em um dos primeiros numeros d'esta folha.

Emquanto se não praticar, especialmente, esta ultima reforma, teremos que ver sempre commoções sociaes, desejos insoffridos, sêde insaciavel do poder, governos insustentaveis, nenhum zelo pelo bem estar geral, e, o que mais é, vicios pouco honestos, empregados por todos os governos, afim de fazer vingar qualquer medida apresentada ao parlamento. Para uns como para outros, diremos a sã verdade. Todos tem peccado egualmente e peccam no poder como na opposição, commettendo a insensatez de se apartarem do caminho recto e justo, para se sustentarem e para derribarem.

D'este vaivem politico, para não dizermos governativo, resultam sempre desgostos para muitos, e decepções para todos que se não lembram, que no tresmalho da giria politica e da acção governativa está quasi sempre de atalaia o egoismo, para cuidar só de si sem attenção pelos outros.

Foi o que aconteceu com o projecto do syndicato.

Uma commissão de cidadãos, na sua maioria portuense, e composta de membros de varios partidos, pede um subsidio para a linha de ferro de Salamanca. A politica que está sempre á espera de pretextos, entendeu ser o momento favoravel de derribar o governo, chamado —o protector de um escandalo d'esta ordem, ella que, fazendo subir aos degraus do poder outro qualquer partido, fazia sanccionar o mesmo projecto; mas porque se lhe antolhou favoravel ensejo para mudar a situação, eis que atira ás turbas com o projecto do syndicato tetrico e denegrido. Os povos, por um lado, com a sua ignorancia, (porque nada percebiam nem percebem do syndicato,) olham indifferentes para a nova; por outro lado indifferentes olham tambem, habituados de ha muito a estas scenas ridiculas que já lhe tinham entretido, apresentado, como perigoso, o projecto Paiva de Andrada, para ser considerado, salvador, pelos mesmos que o infamaram!

Como isto não produzia o resultado apetecido, convocam-se meetings, para nas altas regiões se ir colher o fructo, que a arvore popular não havia produzido; e, como uma nem outra couza rendera o resultado apetecido, appellou-se em ultima analyse para o milho como se recorre ao anzol para agarrar o peixe nos rios.

Correu fama de que não havia milho; do que, esse pouco que havia, ia todo para queimar nas fabricas de distillação; e de que, emquanto não chegasse a dous mil e quinhentos o alqueire, seria comprado todo quanto viesse aos mercados! O povo via realmente que, da provincia do Minho, se encaminhavam, em todos os dias de mercado, centenares de carros para o sul; capacitaram-no ainda de que o milho era queimado por conta do governo; e o milho que realmente estava attingindo um preço elevado e perfeitamente em desporporção com os salarios do proletario, deu em resultado uma agitação por toda a provincia do Minho, e ainda por um ou outro canto do paiz, onde ha producção d'este genero. A par com tudo isto, os compradores eram maltratados pela populaça, os vendedores não o eram melhor e se, por um lado os negociantes de milho se abstinham de apparecer nos mercados para não carregarem com o odioso da concorrencia, por outro lado os vendedores, para se não sujeitarem a desgostos e ainda para especularem com a imaginaria carestia, negaram-no ás exigencias do consumo.

Se os povos fossem sufficientemente illustrados, ou se a politica não levasse tão longe as suas especulações não teriamos certamente que lamentar os successos que houvessem; e se não houvesse milho a preço tão barato como nos annos precedentes, haveria-o ao menos a um preço relativamente razoavel, e sem a mais leve agitação ou disturbio.

Que dirá outro qualquer partido, quando no poder, e a quem os regeneradores pretendam derribar, servindo-se do um meio tão atroz. Certamente que terão a lamentar-se? o quando um dia, de verdadeira fo; me, os povos espontaneamente se agitem, e opposições e governo lhe queiram persuadir a paciencia para a crize inevitavel, a sua voz não encontrará eco nem valor.

A politica tem a sua esphera de acção que lhe prescreve a constituição do paiz. Fóra d'ella, tudo que se praticar chama-se desordem e anarchia, um pouco peiores que a revolução que, se traz desastres na sua passagem, gera ao menos bens que os compensam.

E ao passo que nos trilham erradamente e outros lavram a condemnação, obsecados uns e outros pela politica de corrilho, nenhum se lembra ao mesmo tempo de illucidar os povos sobre as causas que deram motivo a que o milho chegasse a obter um preço tão elevado! Este deveria ser o objecto da imprensa que se preza de ser ordeira e de corresponder fielmente a uma das principaes missões do jornalismo, qual a de educar e esclarecer os povos.

A verdade ao principio desagrada, mas não cahe sobre ella o anathema como sobre a mentira, e não tem nunca que se arrecear quem a proclama.

Não custava dizer ao povo que em Portugal, o tracto de terreno principal, productor do milho, é desde o Minho até ao Douro.

Não era penozo fazer lhe ver, que precisando o resto do paiz de sortir-se d'este cereal, para satisfazer as suas necessidades, tinha forçosamente de recorrer ao Minho, forso qual o preço do genero, porque a fome não tem pias possiveis.

Não era mentira o dizer-lhe, além de tudo isto, que a provincia do Minho ainda não produz o milho necessario para consummo geral do paiz; que o que acontece á provincia do Minho, acontece ás demais provincias que, com respeito aos outros cereaes tambem não produzem o necessario.

Não era ocioso ensinar-lhe que, para prover o que nos falta ou para saldar o nosso *deficit* de cereaes, nos abastecemos de outros paizes e principalmente dos Estados Unidos, que é o grande paiz productor; e que se esta nação n'um ou n'outro anno tiver escacez de cereaes, hade necessariamente encarecer no nosso paiz, quer os carreguem ou não de direitos de entrada, e quer elles se queimem ou não nas fabricas de distillação.

Isto porém não se diz, por ser talvez cousa de nenhuma monta illucidar os povos, occupando-se antes de primazia a politica, em demonstrar por quantos votos passou no parlamento tal medida apresentada por um governo, ou condemnar os discursos numerosos e demorados a que as opposições se socorrem; mas nós não deixamos de achar razão ao modo porque se deixam os povos sem os esclarecer; porque, se isto se fizesse, tinham elles o direito de perguntar porque razão o paiz não dava a producção devida, sendo dotado de um solo apropreado a toda a especie de cultura; e não havia partido algum que, para satisfazer a tal pergunta, tivesse coragem de responder, que o defeito era da enercia e dos desleixos de todos os governos que, uns apoz outros, se tem succedido n'este paiz.

São muitas as occasiões em que os povos, sem razão plausivel, gritam contra os governos; mas muitas mais são as vezes em que deixam de gritar, e em que attribuem a outras causas os males que só d'aquelle ponto lhe advem. Esta é uma.

O povo, vivendo sempre da boa fé e do espirito religioso que a propria naturesa lhe bafeja na alma, attribue a Deus e aos seus castigos o decrescimento que, de anno para anno, actua na producção agricola.

E' certo que a naturesa tem os seus caprichos e os seus segredos, mas mais certo é ainda, que a arte tem por fim remediar e concertar o que aquella não faz, e que é da competencia e obrigação dos governos olhar pela felicidade do paiz que regem, prevenindo-lhe os males e provendo ás necessidades publicas, sejam em que ramo forem.

Se as obrigações se impoem a cada individuo pela relação em que elle está com os demais, porque é necessario sobre tudo attender ao bem geral; se um paiz como o nosso, cuja missão, está de sobejo reconhecida, é a de ser um paiz agricola, e o povo, como acontece a todos os povos, não toma a iniciativa em se illustrar de modo que reuna um cabedal de conhecimentos agricolas taes que façam com que Portugal produza o necessario para a sua alimentação, obriga-se a classe respectiva a adquirir os conhecimentos agricolas necessarios, assim como se obriga o paiz inteiro ao ensino primario. Mas não só se não obriga, como, quando os agricultores tenham a boa vontade de aprender, se lho não facultam escholas respectivas.

N'isto está resumida a nossa politica, que é simplesmente a do bem do paiz, sem attenções pelas facções politicas que se debatem, a não ser para as louvarmos quando tenham direito a sel-o.

N'esta secção vai um artigo d'um dos nossos redactores dizendo os motivos que levaram o administrador do concelho de Barcellos a pedir a sua exoneração. Pelo que d'elle o leitor verá, *o milho*, na ultima quinzena produzio mais estragos que o *oidium*, a *philoxera* ou o *mildew*.

A commissão que do Porto foi á capital foi recebida a pedrada, o governo condemnado nos meetings, o povo illudido com o milho e as autoridades subalternas, querendo prevenir tumultos, por causa d'aquelle cereal, são suspensas, quando procedem com bom conselho.

Tudo vai bem.

Enviamos o primeiro numero do *Minhoto* a muitos cavalheiros que se nos queixam de o não ter recebido, e d'isto lhe pedimos desculpa. A outros não lhes pôde ser enviado, tendo-nos sido até forçoso recorrer ao expediente de comprar a folha a algumas pessoas, para satisfazer a procura que tivemos do *Minhoto*.

Do presente numero faremos tiragem maior para nos não vermos com taes embaraços, e, de qualquer irregularidade que haja na entrega, pedimos o distincto obsequio de nos avisarem para providenciarmos.

Aquellas pessoas a quem foi enviado o *Minhoto* e o não queiram assignar, esperamos dever a delicadeza de nos divolver o primeiro numero.

Na secção d'*Agricultura* faz o redactor respectivo um pedido justissimo aos snrs. governadores civis dos districtos de Braga e Vianna. A varios cavalheiros, que para ella nos honraram com alguns artigos, pedimos desculpa de os deixarmos para a primeira occasião em que possamos dispor de mais espaço para a sua publicação.

O artigo da secção do *Funccionalismo* pende mais ou menos com o que vai expendido na presente secção por um de seus redactores. Melhor será que o funccionario, a que ella se refere, procurasse elevar-se mais, e antes ser alheio á

O MOSQUITO

JORNAL CRITICO, HUMORISTICO E LITTERARIO

REDACTOR PRINCIPAL—CANDIDO A. LANDOLT

I ANNO. *Editor-proprietario—J. S. Vieira.* NUMERO 1

ASSIGNATURAS		BARCELLOS	PUBLICAÇÕES
Anno.....	480 reis.		Parte litteraria GRATIS
Semestre.....	240 »		Annuncios e communicados 20
Trimestre.....	120 »	DOMINGO 1 DE JULHO DE 1883	reis por linha, rep. 10 reis.

BARCELLOS, 30

A NOSSA APRESENTAÇÃO

Bons leitores e amabilissimas leitoras.

Fazer a apresentação de um novo jornal, é obra tão difficil, no tempo que atravessamos, que hesitamos seriamente em tomar conta d'essa missão, mas instados para isso annuimos.

Diariamente surgem, de todos os lados, jornaes de todos os tamanhos e feitios, com nomes mais ou menos proprios, de modo que todas as pessoas veem-se apoquentadas com a febre do jornalismo portuguez.

No tempo em que fervilha por toda a parte a febre, ou monomania do jornalismo, (pois todos querem ser jornalistas) não admirem que nós humillissimos e inexperientes defensores das ideias modernas, nos arrojemos tambem a mandar correr mundo este pequeno e inofensivo campeão, porque temos um só fim em vista: instruir e desenvolver a nossa pouca intelligencia e preparar o espirito para podêrmos, no futuro, defender por meio da penna, a nossa Patria.

Que nos não levem a mal esta pequena pretenção: que a critica nos poupe como inexperientes que somos, e que os nossos amaveis leitores nos protejam com a sua assignatura e nos dispensem a benevolencia; eis só o que pedimos; em recompensa, como agradecidos, lhes offerecemos quatro paginas de leitura para entreterem por momentos o espirito, assim como as columnas d'este jornal, onde podem collaborar.

Aguardamos, pois, a visita dos nossos collegas e collaboradores para darmos publicidade aos seus originaes.

Mais uma vez agradecidos.

A Redacção.

O MOSQUITO

Este pequeno insecto, encontra-se aos bandos nas aldeias, e muito especialmente, nos pinhaes á beira mar.

Homem, mulher ou gato tudo lhe convem; aproveita a occasião em que estes dormem, e então é:—*Záz troz bumba no cabaz.* Pica aqui, pica acolá, abre as azas e vai-se.

Pela manhã, um pobre fabianno sente a cara picada; parece que andaram de noite as bruxas com elle, procura o *Mosquito* mas este é mais fino, já deu os butes á ternura e lá se foi metter no pinhal d'Azambuja.

Ah! *mosquito, mosquito!* Tão pepequeno e tão esperto!

Cautella, pois, com as picadellas do mosquito; porque elle entra em toda a parte: No barbeiro para ouvir politica, na egreja para ver *hyg-life*; nos campos para tomar a fresca, finalmente, até nos quartos das moças virginaes e bellas, elle se atreve a penetrar.

E' politico, folgasão e arranhador!

A GAZETA DO POVO

PUBLICAÇÃO SEMANAL.

Redactor principal–Antonio R. C. Pinto.

1.º Anno

Assignatura:
Trimestre 300 rs.—com estampilhas 340
Semestre 600 » — » 680
Anno 1200 » — » 1340
Avulso 40 rs.

Sabbado, 10 de Janeiro de 1880

Publicações:
Corpo do jornal 10 reis
Secção de annuncios ..... 30 »
Repetição ..... 20 »
Correspondencia franca de porte a Redacção

N.º 1

Barcellos, 9

AO COMEÇAR

Publicando hoje o primeiro numero d'*A Gazeta do Povo*, corria-nos o dever de, segundo a antiga usança, apresentar o nosso programma.

Não o faremos, porém; e vamos dar as razões.

O programma— sem offensa o diremos—, parece-nos uma pretenção e uma inutilidade.

¿Quem pode dizer: —estes são os preceitos que me imponho, as regras [illegible] que subordinarei meus actos; estes são os principios que adopto, que se quirei, que doutrinarei e pelos quaes pugnarei invariavelmente—se a sciencia mostra hoje como um erro o que, pouco antes, era tido como verdade, e se a progressiva evolução social hoje regeita e combate, até, como nocivo, o que hontem lhe foi elemento de vida e quiçá poderoso sustentaculo?

Só o **génio**; porque a sua obra é de todos os tempos.

De mais:—¿ não vemos para ahi todos os dias amoldarem-se ás conveniencias de momento os programmas mais ostentosos e promettedores; não vemos na opposição *gregos*, que amanhã, no poder, são *troyanos;* não vêmos—mau grado nosso e do paiz—a corrupção avassallar tudo e polluir o que ha de mais santo e justo, gerando o *scepticismo* e a *indifferença*—dois grandes, dois enormissimos males sociaes?

Finalmente;—¿ que importancia podia ter, que crédito podia merecer o programma de um humilde jornal de provincia, que entra na arena jornalistica, desprotegido e sem a precedencia das pomposas apresentações, com que os arautos da imprensa soem annunciar as publicações, que o interesse ou a amizade lhes faz vêr e recommendar como importantes?

Nenhum, absolutamente nenhum.

Eis porque nos resolvêmos a transgredir as velhas praticas.

* * *

Limitando-nos, como pauta, [illegible] pondo a dignidade acima de tudo,—seremos o que podem ser todos os que desejam a prosperidade da sua patria e prestam justa homenagem aos que a protegem, attendendo, em particular, ás necessidades d'este importante concelho e da formosa villa, que lhe é cabeça e que acaba de ser berço auspicioso do nosso modesto semanario.

Mas não se vá d'aqui pensar que a nossa bandeira fluctuará a todos os ventos.

Não. A nossa tenda politica vae assentar-se nos arraiaes do partido regenerador; não porque este partido satisfaça o nosso ideal; mas porque—na actualidade—é o que mais convem ao paiz, e o que mais efficazmente tem contribuido e vemos disposto a contribuir para a sua prosperidade.

A todos fazemos justiça; em todos reconhecemos as mais honradas e leaes intenções; mas a verdade, que a todos se impõe, é esta.

É percorrer a brilhante historia d'este notavel partido.

Foi elle que rasgou essas enormes artérias, que se chamam *caminhos de ferro*, fazendo vibrar, na solidão das charnecas, a nóta do progresso—o *silvo* da *locomotiva*—, que trouxe a vida dos grandes aos pequenos centros, desenvolvendo-lhes o commercio e as industrias, e proporcionando-lhes meios de satisfazerem, mais vantajosamente, a suas necessidades.

Foi elle que riscou da nossa legislação a *pena de morte*, dando ao mundo culto testemunho immarcessivel da elevação dos nossos sentimentos, da lenidade dos nossos costumes, em [illegible] da nossa superioridade moral.

Foi elle que levou, desde a cidade até á mais obscura aldêa, a *eschola*—pharol de luz, que prepara o povo para as luctas modernas, dando-lhe a comprehensão dos seus direitos e dos seus deveres.

Foi elle que, mais tarde, affirmando o seu respeito pela dignidade e egualdade de todos os cidadãos, extendeu e alargou notavelmente o *suffragio*—uma das maiores conquistas democraticas, pela qual o *povo* pode chegar ao poder pelo *povo* e assumir toda a responsabilidade da administração do seu paiz.

Foi elle que, ultimamente,—para que o *suffragio* não fosse uma illusão—, votou no parlamento a *nova lei eleitoral*, elaborada de harmonia com as das nações mais adeantadas, contendo o germen de principios apregoados pela *sociologia* moderna e cheia de reconhecidas garantias praticas para o eleitor.

Foi elle que realisou a creação das *escholas* e *estabelecimentos industriaes*, que tão fecundos hão de ser em benéficos resultados para a sociedade portugueza.

Foi elle, em fim, quem escreveu o *acto addicional;* quem promulgou o *Codigo Civil;* quem effectuou a ultima *reforma administractiva*—cheia de principios descentralisadores; quem apresentou a *reforma penal*, e quem, acompanhando o progredimento das sociedades modernas, se propoz ultimamente a fazer a *reforma* de alguns *artigos constitucionaes*, a qual era reclamada pela opinião publica e por todos os partidos.

* * *

Não nos cega, porém, a paixão, a ponto de não reconhecermos que este partido tem commettido faltas, tem tido até os seus desvarios. Mas quem é o immune?...

Qual o partido que pode *atirar a pedra?*

Nenhum; porque todos são compostos de homens, e onde está o homem, está o erro.

Amamos o **povo** e trabalhamos para elle e orgulhamo-nos dos seus augmentos, das suas conquistas e da distincta posição que hoje occupa nas sociedades modernas; e porisso não podemos deixar de prestar homenagem e de nos pôr do lado d'aquelles que entre nós tanto teem contribuido e promettem continuar a contribuir para as suas prosperidades.

Eis os motivos, porque nos alistamos no partido regenerador.

Sem embargo, não lhe subjugaremos a razão.

Somos adeptos reconhecidos, dedicados, leaes, mas não escravos; porque trabalhamos pela Idea e não pelo interesse d'uma facção qualquer, por mais respeitavel que ella seja, por mais glorioso que tenha sido o seu passado.

A Gazeta do Povo não vem, tambem, quebrar lanças por esta ou por aquella fracção do partido em que se filiou.

Detestamos as polemicas em que o *homem* faz o principal papel; mas apraz-nos a discussão, que educa, que illustra, na região serena dos principios ou no campo positivo dos factos.

[illegible] ter isto sempre em vista, banindo das nossas discussões o insulto, mesmo porque, o jornalista só vence quando convence, e ninguem convence insultando.

E' esta a nossa orientação moral e politica.

* * *

É espinhosa a nossa missão, bem o sabemos; mas sobeja-nos coragem e boa vontade.

Não temos credenciaes que auctorisem a nossa apresentação perante o mundo politico, scientifico e litterario; mas contamos com o prestigio de nomes já conhecidos na politica e nas lettras, com a cooperação de pulsos mais vigorosos e adestrados n'estas luctas do que os nossos, com a benevolencia do publico e mórmente com a boa camaradagem dos nossos collegas.

POLYMETRIA

A ASSOCIAÇÃO DE *BOMBEIROS VOLUNTARIOS* DE BARCELLOS

(Original)

[illegible] a delicia, a volupia, o sorrir
nos ondas á verdadeira alegria.

Existem associações onde o prazer,
o perfume d'essencias, o jogo, a dança,
desde noite nos trapelle ao sol nascer,
a gosar, sempre a gosar, certos nos lança:

Aqui o terno olhar de meiga dama,
o oiro, o luxo, a gala, a opulencia,
milhares de joias, flores, musica de fama,
nos eleva da ventura n'apparencia;

Ali a mesa do pamo verde—fatal...
coberta de riquezas e em volta dos socios:

a roda da fortuna, a pyra da moral!...
empoçonhando alegres—bellos socios!

Existem associações p'ra tudo e todos;
mas—nós—só queremos—mais louvavel—,
aquella que, entre agoas, entalha o lódos,
combate o fogo só p'ra ser prestavel!

Aquella, sem temor da propria vida,
sugeita a ser esmagada n'um instante:
arromba, salta, corre, o desabrida—
salva de incendio e similhante!

Salva a creancinha que, a dormir,
a chamma lhe ceyorou o berço—pleno

escorda, e ao bombeiro diz a sorrir
[illegible] quanto a leva ao cellu[illegible] mar!!!

Ah! que verdadeiros momentos de ventura!...
Que importam milhares de sacrificios
para esta missão de caridade pura!!

Que importam da intriga os artificios,
o d'esse mundo ricaço e preguiçoso
que não dá, que não presta beneficios!!

Que importam traições d'esse orgulhoso,
[illegible] inveja cinzenta, ingrata,

E o velho entrevado? e o paralytico?
e todo aquelle que o fogo ameaça?
Roubal-os ao perigo, salval-os da morte
[illegible] ha outra gloria que mais satisfaça!

Aqui não existe do ouro ambição,
[illegible] de baile, orgias, vaidade
existe sómente—da força união—
honroso dever da humanidade!

Riam-se embora, escarneçam, raivosos,
alguns que, cobardes, não valle edifi-os:
«Se um dia no incendio a morte lhes surja»
«lá vamos, com tudo, gostosos—salval-os!!!»

Villa do Conde.

Pedro Mazoni.

REVISTA

DO

MINHO

PARA O ESTUDO DAS TRADIÇÕES POPULARES

Collaborada por todos os folk-loristas

PORTUGUEZES



C. M. B.
BIBLIOTECA

BARCELLOS
EMPREZA DA—«REVISTA DO MINHO»—EDITORA
DE
VIEIRA & LANDOLT

PROPRIETARIO
M. F. S. Vianna
Administração — rua Direita
n.º 11 — Barcellos

A IDEIA NOVA

SEMANARIO DEMOCRATICO BARCELLENSE

ANNO I. | Terça feira 22 de Setembro de 1885 | NUMERO 1.

Á FRANÇA REPUBLICANA

A IDEIA NOVA

COM A SAHIDA DO SEU PRIMEIRO NUMERO

COMMEMORA O ANNIVERSARIO

DA PROCLAMAÇÃO DA

PRIMEIRA REPUBLICA FRANCEZA

A GLORIOSA DATA PARA A

DEMOCRACIA UNIVERSAL

DE

22 DE SETEMBRO DE 1789

A LIBERDADE

n.º1 | Miniatura litteraria | anno I

Barcellos, 4 de outubro de 1885.

A LIBERDADE

Abrem-se-lhe álas sempre que ella passa,
Curvam-se ante ella os povos reverentes,
Como ante a Cruz a multidão dos Crentes,
Quando lhes chove o Ceu alguma graça,

Leva d'um lado um sol que não se embaça;
Que em raios d'ouro, vivos, refulgentes,
Despedaça grilhões, duras correntes,
Que as algemas d'escravos despedaça.

Leva d'outro o luzeiro do Progresso,
Como cortejo d'aurea claridade,
Ao templo da virtude abrindo o ingresso.

Uns chamam-lhe Vestal, outros Deidade;
Não tem nome, porém, de mais apreço:—
É sempre em toda a parte=a Liberdade!

Alfredo Campos.

1.º ANNO BARCELLOS, 9 DE JANEIRO DE 1887 N.º 0

A MOCIDADE

HEBDOMADARIO SCIENCIFICO E LITTERARIO

COLLABORADORES

Accacio Borges—Albano Coelho—A. V. Cid—Dr. Alves Mendes—Dr. Alves da Veiga—Antonio Fogaça—Antonio Pleias—Augusto de Castro—Augusto de Mesquita—B. Caldas—Bernardino de Senna Freitas—Dr. Delfim de Carvalho—Candido da Cruz—José Alves de Faria—F. C. Vasques—Ernesto Leitão—Francisco Bastos—Ignacio Carneiro—Joaquim José Martins J. C. V.—Armelim Junior—Dr. Pereira Caldas—Pinto da Rocha—Sebastião Pereira da Cunha—Silvestre Falcão—Joaquim Alves da Silva—Dr. Antonio Julio de Miranda—Dr. José Maria de Figueiredo, etc, etc.



A' briosa Associação Humanitaria dos Bombeiros Voluntarios de Barcellos pelo seu 3.º anniversario

A MOCIDADE.

ANNO I BARCELLOS, 1 DE AGOSTO DE 1887 NUMERO 1

A BIBLIOGRAPHIA

JORNAL D'ANNUNCIOS LITTERARIOS

Publicado pela Livraria—VALLE
Rua Direita
BARCELLOS

Assignam-se e vendem-se n'esta Livraria todas as obras aqui annunciadas
Acceitam-se livros á consignação

Encetamos hoje a publicação da—**BIBLIOGRAPHIA**—revista que, como o mesmo titulo indica, não tende a outro fim, nem se occupará d'outros assumptos, se não da publicação d'annuncios litterarios, catalogos das casas editoras, tanto nacionaes, como estrangeiras, nas condições seguintes:

Publica-se, por em quanto, nos dias 1 e 15 de cada mez; mas, quando se torne necessario, virá a publicar-se semanalmente.

Annuncia continuamente, ou com pequenas interrupções, as obras de que tenha recebido um exemplar.

E' dividida em 3 secções: a 1.ª constará dos prospectos para obras a publicar; a 2.ª, das que estiverem em publicação; e a 3.ª das já publicadas e á venda.

Será remettida GRATIS aos funccionarios publicos e a individuos que estejam nas circumstancias de coadjuvarem as emprezas com as suas assignaturas, e enviar-se-á promptamente a quem a requisitar; porque d'esta maneira, dará entrada em todo o gabinete, e chegará ás mãos dos cidadãos de todos os partidos politicos.

Os leitores da—**BIBLIOGRAPHIA**—que desejem assignar ou comprar qualquer obra n'ella annunciada, pódem dirigir-se a esta Livraria que recebe assignaturas para todas as publicações, tanto nacionaes, como estrangeiras.

1.ª SECÇÃO

PROSPECTOS

Grammatica Nacional ou methodo moderno para se aprender a fallar e escrever sem erros a lingua portugueza, mesmo sem auxilio de mestre, pelo professor Domingos de Azevedo, autor do «Grande Diccionario Contemporaneo Francez-Portuguez», do «Pollendorff Aperfeiçoado», das «Lições Praticas de Conversação Franceza, etc., etc.

Quarta edição.

Comprehende:

Introducção sobre a origem e progressos da linguagem;

Em quanto á etymologia—Definições desenvolvidas das differentes classes de palavras, seus valores. Regras sobre a applicação pratica das palavras, divididas em lições acompanhadas de exercicios que permittem que as regras se gravem na memoria sem o menor esforço. N'estes exercicios os estudantes corrigem perfeitamente os seus erros pelo conhecido systema das chamadas *chaves;*

Emquanto á syntaxe—Todas as regras de concordancia das palavras, e do logar que devem occupar na oração, segundo a ordem de ideias que se querem exprimir. Estas regras são tambem acompanhadas de exercicios e *chaves;*

Emquanto á prosodia e orthographia—Além das indispensaveis regras, um vocabulario para ser consultado, quando se pretender saber de prompto:

1.º O modo mais correcto de se escreverem e pronunciarem todas as palavras portuguezas que sobre este ponto [illegible]

3.º Os plurаes irregulares;

4.º A conjugação dos verbos irregulares.

Esta parte da *Grammatica Nacional*, só por si, torna esta obra de um valor inestimavel para o publico em geral, e principalmente para os que exercem empregos publicos ou particulares que os obrigam á redacção de quaesquer documentos ou correspondencias; pois no vocabulario encontrarão sempre indicações orthographicas preciosas, e que não existem reunidas em outro livro até hoje publicado.

A *Grammatica Nacional* é tambem apropriada ao uso das escolas, onde poupará aos professores innumeras explicações e o trabalho de dictar exemplos para a melhor comprehensão das regras. Servirá tambem ás pessoas que tendo, em outros tempos estudado a grammatica, desejam recordar as suas regras; e será de maior utilidade para os paes e mães de familia que pretenderem por si mesmos, encarregar-se do ensino d'esta materia a seus filhos, o que lhes é facil por este methodo. Serve tambem de explicador a todas as grammaticas até hoje publicadas.

Por esta grammatica pódem os estrangeiros residentes em Portugal aperfeiçoar-se no nosso idioma.

Contém tambem esta obra uma lista dos gallicismos desnecessarios ou repugnantes que se tem introduzido na lingua portugueza, e cujo emprego convém evitar.

Além d'isto, comprehende ainda um *Appendice* que contém

1.º A decomposição da palavra em prefixo, radical e suffixo com a lista dos prefixos de origem latina e de origem grega, — e dos suffixos ou desinencias;

2.º Um pequeno diccionario de homonymos e paronymos da lingua portugueza;

3.º Lista dos erros de pronuncia mais vulgares.

—Como esta 4.ª edição se acha já prompta e impressa, quem quizer, póde receber desde já a obra completa, ou brochada por 1$200 rs., ou encadernada, por 1$500 réis. Pelo correio, 1$250 rs., ou 1$500 rs.

Quem preferir inscrever-se assignante para receber em fasciculos, ainda o póde fazer.

A distribuição por fasciculos principiou no dia 1 de julho passado. A obra é dividida em 12 fasciculos quinzenaes de 32 paginas, a 100 rs. cada fasciculo, pagos no acto da entrega, em Lisboa e Porto. Para as provincias a expedição é feita de dois em dois fasciculos; os snrs. assignantes da provincia devem enviar antecipadamente a importancia de dois fasciculos, pelo menos, (210 réis.)

Nenhum fasciculo será expedido sem que esteja pago.

Assigna-se em Lisboa na livraria do editor Antonio Maria Pereira, rua Augusta 50 e 52, e em todas as livrarias e agencias de Lisboa, Porto e provincias. Nos mesmos locaes se encontra á venda a obra já completa, brochada ou encadernada.

Grande Diccionario Contemporaneo Francez-Portuguez e Portuguez-Francez, redigido segundo o Diccionario da Academia Franceza, os diccionarios de Littré, Brachet, Bescherelle e Larousse, e os melhores diccionarios portuguezes antigos e modernos, pelo professor Domingos de Azevedo, prefaciado pelo exm.º sr. Camillo Castello Branco e revisto pelo exm.º sr. Filippe Leite, vice-reitor e professor de francez do Lyceu Nacional de Lisboa. (Nova assignatura) em 2 volumes.

O 1.º volume contém:

Todas as palavras que se encontram no Diccionario da Aca-

BIBLIOTECA MUNICIPAL DE BARCELLOS

I ANNO SABBADO 7 DE JANEIRO DE 1888 NUMERO 2

JORNAL DE BARCELLOS

REDACTOR E ADMINISTRADOR—JOSÉ FRANCISCO DA SILVA ESTEVES

ASSIGNATURAS, Anno com estampilha, 1$60 rs.—Semestre 0$80 rs.—Numero avulso, 10 rs.
PUBLICAÇÕES, no corpo do jornal, 40 rs.—Na secção d'annuncios, 30 rs.—Repetição, 20 rs.

VERDADES

E' indiscutivel que a agricultura é o unico salvaterio que pode oppor-se na rampa do abysmo a que Portugal se tem deixado arrastar.

A agricultura, o fomento das artes e das industrias podem, mais do que planos phantasticos de publicistas de occasião, debellar esse enorme e temeroso sorvedouro das forças do paiz, que se chama o «deficit», a divida publica.

Emquanto os partidos, emquanto os estadistas, se não convencerem d'esta grandissima verdade; emquanto não olharem a serio para a agricultura, o paiz não pode rejuvenescer, não pode melhorar, curar-se d'essa [illegible] definhado, a enorme divida publica.

Infelizmente, porem, os governos, em lugar de protegerem, de fomentarem a agricultura, mais a sobrecarregam; mais a espesinham.

Os impostos sobem extraordinariamente; crescem de uma maneira assustadora, e na sua generalidade quem vão ferir mais de perto é a classe trabalhadora, é a classe honesta e verdadeiramente infeliz dos lavradores. E' tal o cynismo dos governos em calcarem as classes menos abastados, que, simplesmente para salvar os "grandes da côrte," esses fidalgos que devem contos e contos de reis ao estado, mas para quem o fisco não olha, a quem a fazenda não faz penhoras nem arrestos, é tal o descaramento, dizemos, que n'um regulamento da lei da decima de juros se observa que «para firmas conhecidas não é exigido sello»!

De forma que só o povo, que não é firma conhecida; só as classes pobres, só os miseros lavradores é que são obrigados a pagarem o imposto do sello nas lettras. Esses figurões que devem contos de reis ao thesouro, mas que são influentes politicos, então, escapam pelo feliz alçapão da lei.

Isto é vergonhoso. E' necessario que os governos se não rebaixem tanto.

O povo já não pode pagar mais. Parece impossivel até como a propriedade dá para tantos impostos. Elle é impostos da camara; impostos das juntas de parochia; contribuição parochial; pedial; de renda de casas; decima de juros; para expostos; congrua aos parochos; finalmente, é tal a rede lançada aos miseros proventos da agricultura, que d'aqui a bem pouco tempo é melhor que o povo entregue tudo o que tem ao governo, que deixe á propriedade e elle que a cultive e que dos seus rendimentos tire os impostos.

Sem fazermos figura de rethorica, podemos affirmar que Portugal vae à vela, e que nos caminhamos para Pantana.

E' cruciante, é doloroso o aspecto que offerecem muitas, a maior parte das nossas aldeias. N'umas ha o mal dos castanheiros; n'outras seccos os larangjaes; aqui a crise nos vinhedos; alli a dos olivaes; estas não teem meios de subsistencia; aquellas luctam já com a miseria.

Porem, apezar d'este quadro desolador, o governo augmenta assustadoramente os impostos; calça essas classes infelizes; parece querer arrancar a pelle ao povo já magro e ressequido, já prestes a morrer de miseria.

E' necessario que os governos tomem outro rumo de governação.

Isto assim conduz-nos à revolta; conduz-nos à peior das revoluções—a revolução da fome. E' necessario tornar o trabalho livre, e alliviar a agricultura.

Com muitas difficuldades lucta a classe agricola já. E' preciso que os governos não a queiram aniquilar de todo.

Protecção à agricultura.

A CAMARA DE BARCELLOS

Segundo o disposto no «Novo Codigo Administrativo», reuniu nos primeiros dias do corrente mez, em sessão plenaria, a Camara d' este concelho. Teem estas reuniões por fim, alem d'outras cousas, determinar o que, durante a epocha em que não ha sessões plenarias, a «Commissão Executiva» hade fazer.

São, por isso, de alta importancia para o concelho, para o povo, as resoluções que se tomarem; porque a «Commissão Executiva» não pode fazer absolutamente mais nada do que aquillo que lhe ficar determinado, a não ser em casos extraordinarios, previstos já no mesmo Codigo.

Bem desejavamos noticiar aos leitores do nosso jornal resoluções importantes, tomadas na reunião plenaria da camara. Infelizmente, porem, as reuniões que a camara tem realisado, para nada teem servido, senão para se despertigiarem, para se rebaixarem alguns cavalheiros que deviam estar um pouco mais acima de certas intrigas mesquinhas, certas mexeriquices, que não deviam ser levadas alli, porque a Camara não deve servir para os senhores camaristas se insultarem uns aos outros. Alli deve tratar-se dos importantes assumptos da administração publica. Alli é para se cuidar dos negocios do concelho, que foi para isso que o povo os elegeu.

Se alguem achar as nossas palavras um pouco duras, tenha paciencia. A lama que os senhores camaristas amontoaram nas suas cadeiras já não ha vassoura que a faça limpar. As sessões de segunda e terça-feira enojaram toda a gente. Aquillo não era sessão de camara, Era a feira da ladra; era um mercado de peixe pôdre!

* * *

Em logar de termos de noticiar aos nossos leitores resoluções importantes, resoluções de interesse para o concelho, temos, pois, infelizmente de lhes relatar estas vergonhas.

Mas, ainda ha mais. A Camara tem dado passos menos pensados, e que podem acarretar grandes difficuldades não só aos proprios snrs. camaristas, mas ao concelho, ao povo.

Fomos nós o primeiro a trazer a publico, no n.º passado do nosso jornal, a questão da arrematação da estrada de Chorente a Negreiros, questão vergonhosa, em que o municipio podia lucrar dous ou tres contos de reis; e assim perde-os!

Com a mesma firmeza fazemos hoje outra accusação, e procederemos sempre assim, porque o nosso fim, o nosso plano, o nosso jornal é para cuidar especialmente dos interesses da terra, dos interesses publicos, e por isso estaremos sempre vigilantes, accusando seja quem fôr, quando periguem os interesses, os dinheiros do povo; e nada nos importa que este ou aquelle, ferido na sua vaidade, ou na sua estulticia, se queixe e se exalte e se revolte, porque, acima de tudo isso, está o cumprimento do nosso dever.

E' para o povo que escrevemos, e será o povo que nos applaudirá, quando veja que as nossas accusações simplesmente tem por fim defendel-o e avisal-o no meio do perigo.

* * *

O snr. Domingos Figueiredo é, hoje, presidente, da camara, e é um dos directores do Banco de Barcellos.

Pois, hoje, a Camara é o Banco, e o Banco de Barcellos é que é a Camara.

A isto chegamos. Na sessão de terça-feira demonstrou o snr. dr. José Novaes que a Camara, ou antes a «Commissão», havia pedido ao Banco de Barcellos, sem a precisa auctorisação dos 10 maiores contribuintes e do governo, uma grande quantia de dinheiro, que fora occulta no orçamento, e que ainda se não sabe até qual o juro que o Banco levará. O snr. Figueiredo disse que o Banco levava o juro de 6 e meio por cento. O snr. vereador [illegible] Faria Machado, que tambem é director do Banco, disse que o Banco levava o juro de 7 por cento. De maneira que o povo não sabe como as cousas são administradas. Não sabe quando a camara faz emprestimos, nem a quantia pedida, nem o juro que se vence. O snr. Figueiredo disse que, se o Banco levasse mais de 6 e meio, elle que pagaria do seu bolso a differença. Questão de palavriado, e o povo não vive de cantigas.

Se amanhã o snr. Domingos de Figueiredo sahir de director do Banco, e aquelle estabelecimento disser—paguem o juro de oito ou de nove por cento, como pagam os outros devedores, a Camara tem que pagar, e o povo é quem hade apresentar o dinheiro.

E' assim que caminham as cousas na nossa Camara, na Camara d'um concelho autonomico! Uma vergonha.

* * *

Emquanto a terem deligencia, cuidado pelos interesses do municipio, isso é um louvar a Deus.

O snr. Visconde de S.

I ANNO BARCELLOS, 1 DE JULHO DE 1888 N.º 1

O ANNUNCIADOR

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

O SUICIDIO

Ha um phrenesi que, como caudalosa torrente, se alastra entre nós e desgraçadamente enluta as paginas da nossa historia moderna E' o suicidio.

Nenhum animal rasga as proprias entranhas; nenhum se priva, voluntariamente, da vida; só o homem é capaz de tal attentado.

Todas as creaturas obedecem ao instincto com que o Creador as dotou; só o homem se atreve a desobedecer-lhe. Quando todas parecem adorar a Providencia, só o homem se revolta contra ella!

E, se disserem a algum dos que desejam matar-se, que dê a vida por um dos seus similhantes, ainda que o seu maior amigo seja, responderá que não expõe a vida, por cousa nenhuma d'este mundo.

Oh! quem pode comprehender quanto é contradictorio o suicidio? quanto esta palavra encerra de audacia e de delirio, de desesperação e de dôr, de crime e de miseria?

Elle é prohibido pela lei natural, por essa lei gravada no coração de todos os homens, que lhes inspira um secreto horror á destruição, e lhes ordena que se conservem. E' egualmente prohibido pela lei divina positiva, no 5.º preceito do Decalogo: *Não matarás*. Este preceito comprehende assim o homicidio dos outros, como o de si mesmo, sendo este ultimo mais grave, diz o celebre Lebrum, porque faz ao mesmo tempo duas victimas: a do corpo e a da alma.

A legislação de diversos povos tem fulminado differentes penas contra este flagello das sociedades, como: o cortamento da mão que [illegible] o crime, abandono igno-

Os nossos antigos legisladores n[illegible] se occuparam de tal objecto; t[illegible] pela razão porque Solon não fez lei alguma contra os sacrilegos nem contra os parricidas.

O primeiro d'estes crimes, dizia elle, é ainda desconhecido em Athenas; e a natureza tem tanto horror ao segundo, que elle se torna inverosimil.

As circumstancias, porem, mudaram, e o silencio das nossas leis e dos nossos legisladores continua sem duvida, pela persuasão da inutilidade d'aquellas penas. Costuma se dizer que os culpados estão fora do seu alcance: e não se repara em que muitos d'elles não o chegariam a ser se receassem o que depois da sua morte aconteceria aos seus cadaveres, á sua memoria e á sua descendencia: não se attende a que aquelle que se mata deixa um exemplo que não morre, ou que morre muito tarde.... Mas deixando esta questão em que muito ha que dizer por uma e por outra parte e em que nem os que opinam de uma maneira podem ser com razão notados de cumplicidade; nem os que opinam de outra censurados de pretenderem, como Xerxes, a contar as ondas insensiveis, uma cousa ha em que todos devem concordar, é a utilidade e a necessidade de medidas preventivas,

Os delictos que mais se precisa prevenir são aquelles que menos se podem castigar. Mas, se é necessario prevenir o suicidio, pela difficuldade de o punir, ainda mais o é pela triplicada injustiça que elle encerra e pela gravidade e extensão dos seus resultados.

(Continúa)

OS ANTIGOS TABELLIÃES

[illegible]navam notarios, como a [illegible] principio era este cargo confiado a escravos, que mais entendidos do que os senhores, lhes lavravam os documentos para compras, vendas, e quaesquer outros contractos. Estas funcções limitavam-se á administração economica das familias. Havia em Roma um logar publico consagrado ao exercicio do mister de notario. No tempo do imperador Justino, formavam os notarios um collegio e corporação á parte.

Segundo uma lei de imperador Leão, deviam os notarios ser homens de provada honradez, bem instruidos na arte de fallar e escrever o mais leis. Tão importante era o officio de notario, que o imperador Mauricio antes de o ser exercera essa profissão, pouco antes do anno de 583.

Só depois do seculo 12 é que os notarios tiveram caracter publico e official.

Alguns concilios dos seculos 9.º 10.º, e 11.º prohibiram que os ecclesiasticos exercessem a funcção de notarios; mas nunca póde ser totalmente observada essa prohibição, porque eram os monges e os clerigos quasi os unicos que n'esses tempos sabiam ler e escrever.

O nosso rei D. Duarte fez uma lei ácerca dos tabelliães, que tinha por fim fazer cumprir as disposições d'aquelles concilios, e nos dá uma ideia dos costumes d'esses tempos.

Ordena el-rei que os tabelliães nomeados de novo e os antigos tenham antes um mez de pratica perante os juizes criminaes; que usem sempre roupas farpadas, de côres desvairadas, com differenças partidas e bem devisadas e nunca usem de coroa aberta, grande nem pequena, sob pena de perderem o officio, quando assim não cumpram.

C. M. B.
BIBLIOTECA

1.º ANNO BARCELLOS 22 DE OUTUBRO DE 1888 NUMERO 1

O MINHO

BIBLIOTECA NACIONAL

DIRECTOR E ADMINISTRADOR—MARCOS EMILIO CANDIDO DE CARVALHO

443

ASSIGNATURA

TRIMESTRE.....240 réis
SEMESTRE.....600 »
ANNO.....1:200 »
N.º AVULSO.....40 »

PUBLICAÇÕES

CORPO DO JORNAL.....40
SECÇÃO D'ANNUNCIOS...30
REPETIÇÃO.....20

EXPEDIENTE

Pedimos a todos os cavalheiros aquem enviamos o nosso jornal, a fineza de nos honrar com a sua assignatura, e no caso contrario, de nol-o devolver á redacção, antes da publicação do numero 2, afim de não ser considerado nosso assignante.

SECÇÃO ESPECIAL

O infame, o villão do CA-GAIATO, quer a todo o transe vingar-se de nós; e, para conseguir o seu odiosissimo fim

Tem lançado mão de tudo quanto é baixo e infame, ora presenteando bizarra e largamente áquelles para quem é efficaz este repugnante meio para se vergarem a estultas e odiosissimas imposições; ora valendo-se da sua posição de credor dos que gemem opprimidos debaixo das suas garras de usurario obrigando-os a retirarem-nos toda a protecção.

Sempre infame, sempre villão, sempre patife este abjecto CA-GAIATO. Estás, porem, inteiramente illudido vil e miseravel canalha. Continua a lançar mão de todas as armas ainda as mais traiçoeiras, que nenhuma dará o resultado que desejas, porque não ha nada que nos demova do proposito em que estamos de expiar, sem te[illegible]ar-nos um sò momento [illegible] actos, tornando-os [illegible] publicos.

Seremos a tua sentinella vigillante.

Foi esta a missão que nos impozemos e que havemos de cumprir religiosamente ainda que, dizemol-o francamente, causa-nos verdadeiro nojo fallar da tua desgraçadissima e repugnante vida.

Porém, é necessario, é forçoso, porque patifes da tua laia não se poupam, em quanto a justiça não houver por bem eliminal-os da sociedade, man-

commentarios, o seguinte facto, que é simplesmente a expressão sincera da verdade:

N'uma das passadas eleições de deputados o CA-GAIATO exigiu o voto a um homem que lhe devia (?) 200$000 reis, sob pena de, se o não fizesse ser immediatamente executado mas como elle já estivesse compromettido com um cavalheiro d'esta villa, disse-lhe, apesar da ameaça, que não.

E' claro, portanto, que o homem hia ser executado.

Assim foi.

Passadas essas eleições é a escriptura posta em juizo, e o homem apresentou-se immediatamente com o dinheiro no cartorio sendo a respectiva execução corria, fazendo-se acompanhar do cavalheiro aquem havia dado o seu voto, o qual, indignado com tal procedimento, vinha tambem ao cartorio, dizia elle, tornar bem publico uma revelação importante que, com relação aos referidos 200$ reis, o executado lhe tinha feito confidencialmente.

Ao assignar-se a escriptura a bola arrebentou; a revelação foi feita deante do miseravel e deante de todos os empregados, e foi a seguinte:

Todo o teu passado,—disse o cavalheiro a que nos referimos, dirigindo-se ao CA-GAIATO—está coroado de cri-

Anno 2.º Barcellos, 15 de Março de 1891 N.º 3

A JORNADA

REVISTA MENSAL, LITTERARIA

DIRECTOR—LUIZ FERRAZ

Summario

Chronica — O Carrasco — O Castello de Faria — Martyr do Amor — Pedro de Stauffen — Maritima, Canção, Soneto. Ausencia, poesias—Antithese social—Regina Virginum—Tomada de Silves—Secção charadistica — Pequena correspondencia — Bibliographia.

Chronica

O segundo domingo da presente quaresma, dia nublado e doentio, andou o Christo d'amargura, aquelle judeu loiro e sympathico que a irmandade do Bom Jesus mandou vir de Roma e que ahi tem, agora, n'um andor pesado e grosso, em procissão pelas ruas da villa, de cruz ás costas, parando d'onde a onde, nos *passos*, para ver algumas das scenas dramaticas da sua paixão, e ouvir a melopeia desafinada d'algumas raparigotas, anjos no trage, diabinhos no corpo roliço e provocante.

Apezar de *calixto chronico*, o Falcão esfregou este anno as mãos, e arregaçou no labio grosso um risinho amarello,—porque a chuva não veio, a chuva que este anno tão precisa era.

A procissão, mais ordinaria que o costume. Crianças, roxas de frio, esqueleticas, doentias, com escrophulas, vestidas d'anjos, brancas as saias, as capotas, as azas debruadas a filigranas baratas, pedindo bolos e chorando lagrymas grossas, monco transformado em perolas; irmãos, de ópa roxa, barba escanhoada, a um de fundo, olhando babosos para os lados, piscando o olho remelento para as moçoilas frescas d'aldeia, os novos, ou cheios d'empafia, luzentes n'uma basofia lôrpa, os velhos; os padres, luzidios nas faces de presunto, grande barriga, tocheiros nas mãos cabeludas; a musica, no couce, gemendo composições tristes: e depois a onda, a lufa-lufa do povileu, acotovelando-se, n'uma irrespeitosa corrida, atravessando aqui, surgindo acolá, berrando, gesticulando...

Ah! E atraz do andor do Christo, no meio da procissão, duas devotas mulheres, lenço branco na cabeça, olhando baixo, como desconfiadas, de vela na mão—cumprindo uma promessa!

Caricato; mas digno de Barcellos e do mestre de ceremonias.

*

Ora, é necessario saber-se que, n'esse mesmo dia e na mesma tarde em que, nas ruas de Barcellos, o Christo representava a tragedia sublime da sua paixão, aos hombros callosos de desesseis rapazes trigueiros e valentes, quatro doutores de Braga, dous da sagrada Theologia e dous da profana medecina, foram a Goios, 5 kilometros d'aqui em boa estrada e carro de molas doces, examinar, em commissão do Prelado da diocese, a cruz alli apparecida ha mezes n'um caminho, cruz descomunal, de dezoito palmos de comprido, e que, na bocca de beatas amarellas e fedorentas, confessadas do padre Loureiro, é um *milagre* da *Providencia*.

E porque a fé, na phrase do Espirito Santo; *é cega e atravessa montanhas*, as beatas conseguiram já que, em derredor d'aquella cruz giganteo, se fizesse um tapamento de ripado, assim como um hortelão tapa um canteiro de cebolinho, e por cima se collocasse uma cobertura de zinco.

Ora, se Deus, no fim d'este seculo de analyses e de conquistas materiaes, quiz mostrar aos de Goios um milagre, pondo-lhes n'um caminho a imagem da cruz, cinzellada n'uma fita de terra mais escura, eu sou de opinião que essa cruz nunca devia ter sido coberta por telhado algum, seja zinco, seja prata.

Deve deixar-se estar descoberta, a olhar para o ceu d'onde veio, a ser beijada pelo sol matutino e, de noite, alumiada pelas estrellas do firmamento.

Mas, voltando ao ponto principal: os doutores, chegados ao local, descobriram as suas calvas, olharam em roda e... principiaram o exame.

Então, a cruz é milagre ou não é milagre? Deve estar exposta á adoração do povo ou não?

Isto os quesitos a que teem de responder.

Que é milagre—dil-o já um *dente*, que alli se acha dentro d'um vidro, ao pé da cruz, dente nascido debaixo da lingua d'um descrente, dente canino, que só cahiu depois que o homem acreditou...

Que é milagre—dil-o o cofre das esmolas, onde a fé e a piedade dos crentes tem lançado, ha um anno, para cima de um conto de reis, dinheiro sonante, corrente n'este reino e nas mãos d'uma commissão da freguezia, que o administra.

Que é milagre, emfim, dil-o até a repartição de Fazenda d'este concelho, onde estão manifestadas mais de cincoenta pipas de vinho, que alli se tem bebido, em ágapes alegres, com muita fé e muita sede.

Isto dirão os doutores da sagrada theologia.

Os outros, porem, dirão que Deus, se quizesse mostrar como milagre a imagem da sua cruz, não iria pintar no solo uma cruz tão comprida e tão mal feita, cruz que não podia servir para o seu sacrificio e só para n'ella pregar um gigante.

Dirão que aquella terra mais escura é humus alli depositado...

Dirão muita cousa que eu não adivinho, porque os não acompanhei, e porque ainda não vi o *Relatorio* que elles devem apresentar ao Prelado, que deve ser curioso.

D'aquella terra preta levaram os doutores uma amostra, n'um lencinho branco, e dizem-me que tem sido tal a procura d'essa reliquia em Braga, que cada molecula se pode vender ainda por mais de quinhentos reis.

Não se vende, porem, porque está reservada para n'ella se proceder a um exame chimico com differentes saes e reagentes.

Ao que está tudo sujeito! Até os milagres já não escapam á sciencia...

Silva Esteves.



O CARRASCO

(A Anthero de Quental)

Éra como um autómato: o seu braço
Servia d'alicerce ao mundo velho;
No olhar sem brilho, pavoroso e baço
Tinha nodoas sinistras de vermelho.

Obedecer á lei,—era o evangelho,
Que tinha escripto nas entranhas d'aço;
Matava o orphão, a mulher e o velho,
Que mal sustinha o vagaroso passo.

Cahiu morto d'ha muito, inanimado,
Ao vêr o mundo todo illuminado
Pelos limpidos astros do Porvir.

O velho companheiro dos tyrannos
Nasceu, a quando a Deus, ha seis mil annos...
E cahia quando Deus ia cahir!

Joaquim de Araujo

O COMMERCIO DE BARCELLOS

SEMANARIO POLITICO, LITTERARIO E NOTICIOSO

ANNO 1.º

ASSIGNATURA
Trimestre ..... 200 réis
Semestre ..... 400 »
Numero avulso ..... 20 »
Administração—Livraria Viúva, Campo de S. José, Barcellos, para onde toda a correspondencia será dirigida franca de porte.

Domingo, 8 de março de 1896

PUBLICAÇÕES
Annuncios, linha ..... 30 réis
Repetições ..... 15 »
Reclames ..... 40 »
Os snrs. assignantes gosam o abatimento de 25 %
Annunciam-se as publicações litterarias, de que se receba um exemplar

NUMERO 1

EXPEDIENTE

A todos os cavalheiros a quem enviamos o nosso jornal pedimos a fineza da sua assignatura, ou a devolução do mesmo quando com ella nos não queiram honrar. Ao contrario, considerar-nos-emos assignantes, o que antecipadamente agradecemos.

*

Os originaes enviados a esta administração, sejam ou não publicados, não se restituem.

*

Todos os communicados devem vir assignados e reconhecidos, bem o que se não publicou?

*

Não temos publicidade n'este jornal, quaesquer annuncios de procedencia ingleza.

*

A todos os collegas a quem enviamos o nosso jornal, pedimos a fineza da troca.

Sempre este jornal [illegible] periodo de verdadeira agitação nacional, em que todos os portuguezes se occupam do inaudito attentado, que já todos conhecem, praticado por Salisbury, o odioso ministro da rainha Victoria.

O que é a patria teem mais pleno, é que o nosso parocho celebre no futuro o seu anniversario, commemorando uma epocha gloriosa para a nação e não dos negros do passado [illegible].

Estremeceu desde já na santa cruzada da defesa da patria, juntando a nossa debil voz [illegible] imponente da imprensa portugueza, conservadora, porem, [illegible] para o nosso artigo editorial, passando a outro assumpto.

FOLHETIM

M. Pinheiro Chagas

[illegible] DA NOITE

O mais [illegible] Inglez

Foi uma noite fria e chuvosa de novembro de 1807. No largo da Ajuda, [illegible] com força a tempestade, reverberava-se nos diversos predios pela luz [illegible] das lanternas que allumiavam os coches, que se corria pelas vidraças. De vez em quando um vulto coberto apressurava-se [illegible] vidros, e procurava descobrir alguma coisa na profunda escuridão do terreiro. Via apenas as arvores enterradas [illegible] de agua da tempestade, e, de vez em quando, o reluzir [illegible] com a sua luz rapida e cruenta a escuridão nocturna. Voltava então para dentro, e [illegible] das viaturas podia-se divisar ainda a [illegible] agitada de varias pessoas, que [illegible] e [illegible] a passar por diante das ramadas.

Não seria difficil imaginar o motivo [illegible] que os habitadores dos reaes paços da Ajuda e quem tivesse conhecimento dos acontecimentos que então se passavam na Europa, e dos desastres que amesquinhavam [illegible] pequeno reino occidental. Napoleão chegara ao [illegible] do seu poder; depois de ter destruido a Austria em tres campanhas successivas, a de Arcole, de Marengo e de Austerlitz, de ter humilhado a Russia em Friedland, de ter [illegible] a Prussia n'uma [illegible] de batalhas—em Iena, vira a seus pés a Europa, e dictava-lhe com [illegible] a lei do vencedor. O tratado de Tilsitt, consagrava de um modo irreparavel a humilhação da Prussia de Frederico, desmembrada, [illegible], opprimida, a monarchia dos Hohenzollern [illegible] a seu bel-prazer. Ao mesmo tempo Napoleão, comprehendendo não menos as [illegible] cavalheiresca Alexandre da Russia, fascinando-o com a sua eloquencia viva e original, repartia com ella [illegible] o mundo na [illegible] de Niemen. No horisonte brilhante de Bonaparte havia apenas um ponto negro; era a Inglaterra. Esse paiz tenacissimo, senhor dos mares, obrigado por [illegible] das suas [illegible] a [illegible] a [illegible] das suas industrias, [illegible] da [illegible] Napoleão, e [illegible] a [illegible] a cada [illegible] [illegible] [illegible]



AO 1.º ANNIVERSARIO

DA PROCLAMAÇÃO DA

REPUBLICA BRAZILEIRA

O

GREMIO DEMOCRATICO BARCELLENSE



15 DE NOVEMBRO DE 1890

A PORTUGUEZA

REVISTA LITTERARIA E BIBLIOGRAPHICA

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

1.º ANNO—NUMERO 2

Redacção e administração
LIVRARIA E ENCADERNAÇÃO
de
FERNANDO MARINHO
R. Direita — Barcellos

Avulso Numero avulso 5 reis.

O 31 DE JANEIRO

C. M. B. Jornal republicano

Biblioteca

Barcellos 13 de fevereiro.

Que Patriota!

O nosso collega o Patriota disse no numero antecedente que nós não eramos patriotas, por termos dicto com satisfação que a republica já estava proclamada por espaço de uma hora na cidade do Porto.

Se o nosso collega pensasse não dizia tal coisa.

Certamente o collega não sabe a significação da palavra patriota!

Então por dizer-nos com satisfação que a republica já estava proclamada no Porto não somos patriotas!

Certamente o collega ou não pensou no que disse, ou então não sabe a significação de tal palavra (repito).

Podemol-o dizer com satisfação, porque foi uma prova de que ella ha-de vir, e não se fará esperar por muito tempo, sendo ainda pedida pelos proprios monarchicos.

Povo portuguez, desengane-se que todos esses monarchicos de que nós estamos rodeados, são todos uns traidores; porque se não houvesse entre elles alguns patriotas, já nos tinham vendido as nossas possessões ao es-



A LAGRIMA

Anno I—N.º 1 PUBLICAÇÃO RECREATIVA Cada n.º 10 rs.

A Lagrima!...

Nome santo que vigora desde o principio do mundo,e que jamais se olvidará. A lagrima, pode ser muitas vezes produzida pela emoção de uma grande alegria, ou o pranto de quem soffre. Christo tambem derramou lagrimas quando padeceu por nós;e desde então, a lagrima tem sido mysteriosa! Serve de esperança ao arrependido... de consolação á pobreza, á orphandade e a quem tem fome. Achamo-nos alliviados e até satisfeitos,quando acabamos de chorar com algum pezar que nos opprime o coração A lagrima é alimento, corforto, paz, humilhação, caridade e esperança.

*

Mas não é d'essas lagrimas que nós fallamos,nem das gottas tremulas de orvalho por aquellas frescas manhãs em que os raios do sol vem reflectir... e então agitadas pela brisa fagueira,brilham a mil cores, com uma belleza encantadora!

Parece que as arvores estão recamadas de perolas.....

*

Porem, a nossa Lagrima é como vecm,um pequeninojornal;—a expressão do nosso sentir.

O enthusiasmo proprio da nossa idade, enleva-nos a encetar esta publicação—mais por mimo e recreio, do que mais nada. Escusado será dizer que não tratamos de partido algum, porque o nome que escolhemos já o deverá indicar.

A KERMESSE

NUMERO UNICO

C. M. DA BIBLIOTECA

PROMOTORES:

Luiz Ferraz e Eduardo Ramos

Collaboradores:

Silva Esteves, Manuel Guimarães, Rodrigo Velloso, J. J. Vieira Ramos, P. de Souza, Eduardo Carvalho, Sá Carneiro, Matheus, C. Paes, Maximino Mansilha, Claudio de Chaby, Antonio Paes, P. Lamella, Dá Mesquita, Souza Fernandes, Carlos Braga, Albano Coelho, Pereira Caldas, Luiz Ferraz e A. de Mello.

O producto liquido da venda d'este jornal reverte a favor do cofre do Recolhimento e Azylo d'Infancia Desvalida do Menino Deus.

Barcellos, 2 de Maio de 1894

A GAITA

QUINZENARIO LITTERARIO E HUMORISTICO

Anno I — Barcellos. 17 de Maio de 1894 — Num. 1

DUAS PALAVRAS

A *Gaita* não é precisamente um instrumento de sopro, aberto e burilado nas horas fugazes dos nossos ocios juvenis.

Esta não foi inventada por Pan para socego e guarda dos rebanhos nevados nas viridentes e maravilhosas collinas do Peloponeso.

A *Gaita*, que hoje exhibimos em primeiro numero, é a expansão da nossa alma de quinze annos, cujos sons se espraiam pelos horisontes ceruleos da natureza em busca das incognitas intangiveis do ideal.

Tocamol-a desageitadamente, com a posição viciosa e incorrecta dos principiantes; fazemol-o porém cheios de enthusiasmo, na vaidosa esperança de despertar sorrisos e conquistar sympathias.

Conta-se que Orpheu tangia a lyra com tamanha perfeição e maestria que as plantas e penhas da localidade deixavam as posições respectivas, suspendiam-se as correntes e saltavam apressadas as feras de mais rijos instintos a extasiarem-se suavemente nas ondas de harmonias desferidas pelos seus dedos portentosos.

O nosso instrumento, bem desafinado talvez, não ambiciona, pela sua humildade, esse poder magnetico da lenda grega; mas uma flôr que receba por uma ideia que desperte, um sorriso que imprima por uma graça que profira, um suspiro que se exhale por uma tristeza que provoque, serão recompensas beneficas do nosso arrojado tentamen.

N'esta *Gaita* modularemos as impressões da nossa existencia, alegres, melancholicas, ou lugubres; brisa ou oressa que soprem, vendaval ou furacão que devastem, influirão de maneira diversa em nossa modalidade incipiente.

Mas, sempre a nossa idade reagirá contra o meio saturado de coisas tristes, porque o sangue dos novos, na sua ebullição constante, apenas se refrigera na contemplação dos paramos azues da natureza, ou dos olhos insondaveis da creação feminina, para se incendiar de novo aos raios coruscantes do sol planetario.

Tocar bem é um dom especial que poucos possuem e que muitos desejam; nós vamos arrastados pelo segundo sentimento, tendo a esperança por broquel e uns labios por estimulo.

Se em nossa peregrinação pelos campos do jornalismo conseguirmos obter o mais pequeno applauso, essa manifestação de sympathia será a nossa maior recompensa, que ainda attribuiremos á generosidade dos leitores.

E, feita a nossa apresentação necessaria, prosigamos na ardua tarefa.

ENLEVO

Não voa mais suave
Do lyrio o seu perfume,
Nem brilha mais o lume,
Nem ha cantico d'ave,

Que excedam os aromas
Das tuas tranças loiras,
Tranças onde enthesoiras
As almas dos que tomas;

Com raios mais brilhantes
Que os olhos teus, de fogo,
Se os assestas logo
Nos nossos delirantes;

Que tenham mais ternura
Que a tua voz tão doce
Da qual um som que fôsse
Me erguia até a altura,

Que eleva fresca rega
Vergontea já caida,
Na qual anceia a vida
Se tanto se lhe nega.

E quem dissera—não!—
Diante d'essa luz,
Facho que assim seduz
Os olhos da rasão?

A mim que vivo em trevas
Concede um olhar teu;
Pois creio emfim que ao ceu
Com elle tu me levas.

Amador.

ALLUCINANTE...

Teu busto é mais perfumado
Que um d'esses arcos de flores,
A' porta d'um templo, armado
P'ra passarem os andores...

—Arco de myrto e amarantho
Que fazem por suas mãos
Em festas de dia-santo
As filhas dos aideãos!...

Não vi plastica mais bella
Que em teu seio nu, bizarro,
Onde em rolos se ennovella
O fumo do meu cigarro...

Bem sabes que nos provoca
Teu sorriso jovial
Quando pões o «Porto» á bocca
N'uma taça de crystal...

És lubrica!... E' tentador
O teu gesto, leviana,
Quando brindas ao amor,
Taça em punho, a rir, magana...

Desenrola as tranças loiras...
Sinto, entre as canções vermelhas,
Que em teus labios enthesoiras
Beijos febris como abelhas!...

Embora, ó joia perdida,
Instilles fataes venenos...
Ao pé de ti amo a vida
E esqueço maguas ao menos!...

Coimbra. *Gonçalves Cerejeira.*

BARCELLOS
17—2—95

Setta

NUMERO
1 do 4.º anno

QUINZENARIO ILLUSTRADO

A «Setta»

Hontem «Lagrima», hoje «Setta»; ainda ha pouco symptoma de dôr, agora instrumento de combate. E' justo. A lagrima é uma perola cahida d'uns olhos negros como a noite, sempre humidos e anguidamente voluptuosos, uma gotta distillada por olhos côr de ceu, d'uma serenidade meiga e encantadôra. Na lagrima encontram-se e quebram-se as violencias, desfazem-se energias e vergam-se vontades.

Pessoa alguma que amou sinceramente póde resistir ás lagrimas da mulher amada. Perante esse tenue rocio, fundem-se gelos, que se transformam em doces e suaves élos d'amor.

É, pois, a lagrima um symptoma de dôr de quem s verte, é uma cadeia invencivel e indissoluvel que liga a pessoa que a derrama, a quem as origina!

D'uma envergadura d'athleta nas luctas do amor, torna-se extremamente fragil na luctas espinhosissimas da imprensa.

Ao contrario, a setta, fere rapida e seguramente, e é tanto mais energica quanto maior fôr a sua força inicial.

É a «Lagrima», transformada em «Setta», ao começar o seu quarto anno será forte alliando a força com a urbanidade.

Não será a setta hervada que fere e aniquila as partes robustas e sãs do organismo social, mas a setta leal que retalhe e escalpelise os orgãos viciados e purulentos, para serem substituidos por outros em que haja viabilidade.

Assim, a «Setta», será o cauterio das chagas cancerosas da sociedade barcellense, elliminando a dôr com a anasthesia da delicadeza.

Alguns filhos de Barcellos que estão fóra da comarca:

Conselheiro José Novaes, governador civil do Porto; general Fernando de Magalhães, governador de Moçambique; bispo de Hymeria D. Antonio Barroso, prelado da mesma provincia; general Queiroz, commandante das guardas municipaes; Jayme Seguier, contista moderno, consul em Bordeus; Miguel Angelo, maestro, auctor da opera «Eurico»; dr. Francisco Novaes, cirurgião ajudante do exercito, e dr. Souza Christino, cirurgião-mór; dr. Antonio Augusto Azevedo Villaça, administrador em Lisboa; Francisco Arriscado, commissario de policia do Porto; Francisco Perfeito de Magalhães, engenheiro e chefe da repartição das Obras Publicas; dr. Antonio Julio de Miranda, conego, professor no Lyceu de Guimarães; Antonio Candido da Cunha, professor de pintura no Porto; major d'estado maior Evaristo do Val Souto, bachrel de mathematica, em serviço na arma de engenheria; dr. Joaquim A. Silva, administrador em Fafe; dr. Antonio Correia Simões, conego da Sé de Braga e professor no Lyceu; dr. Manuel Paes, director da companhia real dos caminhos de ferro portuguezes; Manoel Pinto Rosa, professor de latim no Lyceu de Vianna, Antonio d'A. Couto d'Amorim Novaes, empregado na 1.ª circumscripção hydraulica; visconde d'Oliveira, Manuel Maria da Costa Leite, director da escola medica do Porto; Joaquim Lopes Vieira de Castro, escripturario na policia do Porto; dr. José Maria de Figueiredo, delegado em Vieira; Domingos Vieira de Castro, alferes do exercito; Antonio Martinho Fiuza da Silva, escrivão de direito na Povoa de Varzim e redactor da «Estrella Povoense»; José M. Candido d'Azevedo, escrivão na Villa da Feira; Antonio Mello, idem em Famalicão, e Antonio Esteves, idem; Bento de Faria Simões, solicitador em Famalicão; padre Antonio Martins de Faria, abbade de Beiriz, Povoa de Varzim; padre Antonio José Gonçalves Ralha, abade de Vermoim, Famalicão; padre Manuel Maria de Miranda, vice-reitor no Seminario de Meliapôr, India Portugueza; Luiz dos Santos Terroso, solicitador em Famalicão; padre José Antonio de Carvalho, abbade em S. Cosme do Valle, Famalicão; Luiz Antonio de Souza Vianna, tenente coronel d'estado maior de engenheria, addido á commissão dos trabalhos geodesicos em Lisboa; José Martins de Faria, contador e distribuidor na Povoa de Varzim; visconde do Castello, lente no Lyceu e Seminario diocesano de Braga; Joaquim Leite Pereira de Carvalho, provedor da Misericordia de Amarante; José Ferreira do Valle, ex presidente da Camara Municipal da Povoa de Varzim e agente do Banco de Portugal, e d'outros estabelecimentos de credito n'aquella villa; Lourenço da Cunha Velho Sotto Maior, vereador da camara Municipal, de Braga; Manuel de Mattos de Faria Barbosa, conductor nas Obras Publicas; Antonio Augusto Pereira, empregado nas Obras Publicas, em Braga; dr. Manuel José d'Oliveira Guimarães, abbade de Maximinos e deputado por Braga e Famalicão; padre Domingos da Fonseca Martins, abbade de Villaça, Braga; dr. (?) Mariz, abbade da Victoria no Porto; dr. Joaquim Domingues Mariz, professar no

BARCELLOS

REGENERADOR

2.ª SERIE

Assignaturas
Anno..... 1$200 reis
Semestre..... 600 »
Trimestre..... 300 »
Brazil—anno—..... 2$500 »

Publica-se ás quinta-feiras
Editor—Joaquim Pires da Silva
ADMINISTRAÇÃO, RUA DA CAMARA—TYPOGRAPHIA MINERVA, BARCELLOS

Publicações
Annuncios, (por linha).... 30 reis
Repetição..... 20 »
Reclames e communicados 60 »

N.º 1

Barcellos, 28 de junho de 1900

Duas palavras

Reapparece o «Barcellos regenerador».

O seu programma, luminosamente traçado no primeiro numero, foi cumprido.

O futuro julgará da nova campanha que vamos ferir.

Cumpra o seu dever

Evidentemente, vivemos n'um perfeito Paio Pires, tal é a immundicie, que por ahi entulha as ruas, os descantes obscenos dos avinhados atroando os ares e como consequencia a moralidade offendida e o socego, tão preciso para [illegible] frequentemente [illegible] mente perturbado!

Não pode isto continuar assim e melhor fôra que o sr. administrador, que, á ultima hora, se improvisou commissario dos estudos, inspector d'escholas e caminha, açodadamente, para director geral d'instrucção publica, consultasse o codigo administrativo, que lá encontraria as comezinhas disposições, que o obrigam a reprimir os abusos, que vimos apontando e que repugnam a toda a pessoa que preza o pudor e o socego da sua familia.

Bem sabemos que não é commodo apanhar o relentos que, quem tem um certo orgão, tem medo; mas os 30 e tantos mil réis, fóra emolumentos, não se ganham, sómente, a policiar o barracão, em noite d'espectaculo, ou ostentando a rica faixa azul em procissões de *Corpus Christi*, com varios ridiculos e bois bentos em barda.

No barracão, em noite de espectaculo, tivemos nós occasião d'admirar a fera catadura do sr. administrador, cujo olhar, onde quer que incidisse, produzia um estarrecimento de apparição mephistophelica.

As actrizes, encarando-o, tremiam, engasgavam-se frequentemente [illegible] mais que se não via.

O actor Fernandes, tão destemido em *Os Crimes do Brandão*, chegou a trincar a lingua, perdeu-se no papel e só engulia em sêcco.

Eia, pois, sr. administrador, com tal predicado, com o bengalão, que sempre o acompanha, com o pulso rijo de que dispõe, capaz de derribar o carvalho da Senhora da Ponte, venha para a rua, de noite, sem temer, e surza, encarcére e enforque mesmo, se possivel lhe fôr, essa avinhada ralé, que chega a fazer córar, com as tôrpes obscenidades que expectora, a creada mais leviana.

O sr. administrador tem filhos muito bem creados —todos o sabem—e não ha de querer que elles, cruelmente escandalisados, [illegible] apreciem a [illegible] propria das almas vis.

Assim o esperamos do magistrado que, para dar o exemplo, vae fazer exame de instrucção primaria, dizem.

LITTERATURA

Deus Nosso Senhor

Debaixo do portico, cujas pedras são luz extasiada, queimada d'amor, e cujo menor atomo, se pudesse fugir, iria cegar o rebanho louco dos Sóes, Deus Nosso Senhor, vestido de imperador, vê e contempla os Infinitos, sentado no seu throno. A seus pés desenrola se o ether fremente, avivado por imperceptiveis pontos scintillantes, que são os Universos. Ao pé d'elle estão os Anjos terriveis, que se agitam por sentirem chegar até si lamentações, soluços e estertores.

—Oh! Senhor, escutae, diz Annaniel. São mundos innumeros que, arrefecidos e gelados, morrem de velhice. Vêde os seus cadaveres rigidos, deixando pender desesperadamente as suas cabelleiras inertes! Mas apenas tem acabado de falar, e já milhares de mundos novos nascem, acordam, crescem, e, semelhantes a creanças alegres e ruidosas, correm vertiginosamente arrebatadas pela ardente musica do Rhythmo universal.

—Meu servo, diz Deus Nosso Senhor ao anjo, porque te estavas afligindo sobre o que [illegible] pode renovar e reparar a inexhaurivel vida? Mas [illegible] que especie de pezar queixoso e suave é este que acabou ouvindo como um fraco murmurio?

—Senhor, diz Zadakiel, tomando por sua vez a palavra, chega-nos do humilde planeta para sempre bemdito, onde foi derramado o sangue divino. E' um pequenito de Moulins (Alhir) que quer por força que lhe dêem um Polichinello.

—Mas, diz Raziel, vêde, Senhor! Sobre essa mesma terra um conquistador feroz devastou os reinos, destruiu as cidades, tingiu os rios de sangue rubro. Elle mesmo degollou com as proprias mãos montões de homens, que deu em repasto ao seu leão e esmagou as cohortes debaixo dos pés dos seus elephantes. Na sua retaguarda deixou mulheres estripadas, de labios brancos, pyramides feitas de cabeças cortadas, campos onde a herva não tornará mais a rebentar, esqueletos de aldeias calcinadas e estrupadas [illegible] [illegible] [illegible]

Bimensal

A PEGA MORTA

C. M. B.
Biblioteca

A Pega Morte

Certa familia aqui das redondezas vivendo no seio da abundancia, sorrindo lhe de todos os lados os divertimentos mundanos, só tinha o desgosto (que tristeza) de não possuir um unico filho, cujo gorgeio em creança a alentasse em horas amargosas e guiasse por senda desimpedida o seu pensamento entristecido. Um filho! Quantos paes ha por ahi que, vendo-se rodeados d'elles, lamentam a sua sorte por não terem o necessario para seu sustento e nós que muito bem podiamos viver com um par d'elles, não temos nenhum! Louvado seja Deus. Talvez esse Senhor queira que vivamos mais descançados, pois diz o dictado: filhos creados, trabalhos dobrados: talvez deseje que o que haviamos de dispender com elles, o distribuamos pelos pobres, pelos asylos e casas de beneficencia, talvez, talvez. Mas... um pelo menos. Um dia tendo tomado a refeição do jantar, pozeram-se (homem e mulher) a meditar profundamente a respeito do seu viver. Diziam; ora nós não temos filhos para que é que nos estamos a cançar, soffrendo os rigores d'um trabalho laborioso e demasiado, nós não comêmos já o que temos e á nossa morte, pois já não somos creanças imos deixal-o muitas vezes a quem mal nol-o agradece. Nestas reflexões entra uma pega e poe-se

Folhetim.

A Fortuna e a Riqueza.

Um dia um pobre rachador de lenha encontrou no matto duas mulheres que discutiam entre si qual tinha mais merecimento. — Eram a Riqueza e a Fortuna —. A primeira das mulheres volta-se para o trabalhador e diz á Fortuna: Este homem é honrado, trabalha incessantemente, tem mulher e filhos, vou fazel-o feliz — faço-o rico! Rico poderás fazel-o, feliz não sem mim. Veremos, contestou a Riqueza mordendo os labios de despeito. E, aproximando-se acto continuo do pobre rachador: Cava junto aquella arvore!

(continúa)

C. M.
BARCELOS
BIBLIOTECA
Nº.....

C. M. B.
Biblioteca

O ZÉ

C. M.
BARCELOS
BIBLIOTECA
Nº

ANNO 1º | Barcellos, 31 de janeiro de 1898. | Nº 1

"O Zé"

Encetamos, hoje, a publicação d'este jornal litterario e humoristico.

Será um defensor do "Zé" e por isso um critico de toda e de tudo.

Dôa a quem doer, soffra quem soffrer, será sempre "cara p'ra fente," nada de attenções, nada de condescendencias.

Ainda que o pobre "Zé," apertado pela cilha, não possa berrar, nós, como seus defensôres, havemos de pugnar pelos seus interesses e berrar bem alto contra todas as medidas que o prejudiquem e contra todas as patifarias que contra elle commetterem.

Havemos de fazer andar n'uma roda viva todo o mundo e até o "Zé" se ha de admirar e dizer lá para si — isto é gente de pulso.

Se tanto preciso, o nosso jornal transformar-se-ha em peça d'artilheria, prompta a funcionar á primeira ordem.

Emfim, será um critico de primeira ordem, ha de mostrar ao mundo inteiro quaes os intrujões, mentirosos e tôlos, e acabar com elles de vez, e ha de mostrar, finalmente, quaes os escandalos e patifarias que tem soffrido e continua a soffrer o pobre "Zé".

A redacção.

1) Folhetim

N'uma tarde de verão

Era uma formosa tarde de verão.

A sol, ao poente, a desapparecer. A Cavado caminhando na sua jornada, serenamente, e os salgueiraes a olharem para elle com tristeza. As lavadeiras trabalhando com afan para acabarem a sua tarefa. As azenhas fazendo um pequeno ruido. A Beija-mim, de mangas arregaçadas, trabalhando com cuidado e desembaraço.

Tudo meigo e encantador. Perto de mim, n'um campo cheio de frescas e verdes hervas, uma rapariguita

A PEÇA BRAVA

C. M. B.
Biblioteca

(Ex-"Morta")

Folha que não racha. Artigos de escacha escriptos com uma acha.
Arde-lhe? É pimenta..... O que arde, cura..... "Amen".

Março

A primavera.

Estamos entranhados na epocha em que a Natureza revella mais ao vivo a qualquer observador a mão miracolosa e secreta, o poder occulto e infinito do seu auctor, d'esse ente que regula todos os principios, que combina todos os movimentos, que distribue todas as forças contidas nos diversos elementos que sua obra encerra, que diffunde todas as ideias e nos faz ser na sua existencia.

O mez de março que nos sorri e affaga com uma temperatura mais moderada, mais suave, é a guarda avançada da estação da primavera. Elle nos consola com o fresco orvalho matutino, nos sorri com a florescencia das arvores frutiferas, das elegantes camelias, das mimosas acacias e com a verdura de todas as plantas, nos affaga com o gorgeio das avesinhas engolphadas no lubrico amor, com o gozo da abelha, esvoaçando de flôr em flôr, recolhendo o doce mel, nos deleita com os trabalhos campestres que estão a principiar, nos alegra com um novo raio de sol mais vivo e fecundo que obriga a terra a dar á planta a seiva necessaria, para o seu viver, que obriga á planta a aproveitar o succo fornecido pela terra revestindo-se de viçosa folhagem, refugio e encanto das aves, escondendo dos insectos, sustento do animal, que faz com que este trate da sua repro-

"Folhetim"

A Fortuna e a Riqueza

(continuação)

O homem cavou e a pouco trecho encontrou 3:000 peças de 8:000 R. ou o melhor de 24:000$000 R. Agora, compra uma casa e quinta por 10:000$000 R. e ficar ainda com 14:000$000 R. para viveres. O rachador foi para casa e deitou o dinheiro n'uma arca onde tinha farellos, dizendo: Aqui está seguro, ninguem m'o póde roubar.

M. J.

(Continua)

C. M.
BARCELOS
BIBLIO...
Nº....

L

EXERCITO ILLUSTRADO

REVISTA DE SCIENCIAS E LETTRAS

NUMERO 1 — BARCELLOS, 25 DE ABRIL DE 1898 — ANNO I

SUMMARIO:

O *Exercito Illustrado*, por D. M.—*Sua Magestade El-Rei*, *Casa Militar d'El-Rei* e *Mousinho de Albuquerque*, por D. M.—*A Morte do batalhador*, por Cardiellos Junior—*O Coronel Galhardo* e *A Torre e Espada*, por D. M.—*A Ballistica*, por Corrêa dos Santos. *A milicia portugueza*, por M. Severim de Faria. Illustrações:—S. M. El-Rei; Mousinho d'Albuquerque; O coronel Galhardo; Acampamento de cavallaria na India.

O "EXERCITO ILLUSTRADO,,

Eis lançada á publicidade uma revista militar illustrada de cuja existencia carecia o exercito e armada.

Apparecendo despida de lentejoulas e ouropeis viverá systematicamente affastada das pugnas e discussões politicas e de disciplina, procurando sempre trilhar o caminho do brio e da dignidade.

Appoiando esta nossa divisa na maxima consideração e estima pela sciencia da guerra, ampliando ou restringindo, onde o horisonte seja limitado e a razão se perca no incomprehensivel, espargindo caudaes de luz, onde a escuridão seja cerrada, tomando por emblema a espada cruzada com a penna e aprendendo nas lições do passado a influencia da crença e da fé viva, julgamos ser um Cyrinéo da obra da illustração d'este seculo, já de luzes e descobertas.

Firmando-nos no espirito de concorrer para o nosso desenvolvimento intellectual por fórma a dar largas a um estudo, que allie á maior pureza de ideias a mais proeminente vastidão de gloria, viemos tam só dar publicidade a uma—revista de sciencias e lettras,—que serve de elevada tribuna marcial, onde os paladinos do saber podem prestar homenagem—ao mais nobre.

Sem levantarmos attritos ou criarmos inimizades, porque as nossas columnas, que nunca se hão de prestar a saciar odios ou paixões, ellas, que vão de regimento em regimento, de corporação em corporação, levar alento litterario a um meio em que a alma palpita em frémitos de gloria e que o coração é formado d'um mixto de amor e esperança, unicamente estarão abertas para quem quer que, auxiliando-nos, queira dar livre tiragem aos seus conhecimentos militares e dar preito aos que se teem engrandecido no campo da honra ou na vasta materia da sciencia, sem distincção de posto, arma ou nacionalidade.

Aqui, convem evidencial-o, prestaremos culto a todo o soldado, que saiba prestigiar o nome e a farda; aqui resurgirão as nossas glorias, levantamento da alma patria ao capitolio do merito, para lhe servirem de modelo; aqui viverão as façanhas dos martyres da patria e seus dominios; e aqui, esperamos que esse conjuncto forme um volume scintillante, secundario da nossa historia de sete seculos e meio.

—E eis a nossa sincera apresentação.

Oxalá que por muitos annos se torne n'um programma sympathico d'um palco onde venham representar as intelligencias a quem está confiada a defeza nacional.

Ser-lhe nós firmes e obedientes, ha de ainda ser por fim de tudo, talvez a nossa unica satisfação pelo avantajado emprehendimento.

Barcellos, 1 de abril de 1897.

A REDACÇÃO.



Fragmentos de Historia

Em 1570, reinava em Portugal um mancebo, arrebatado sonhador de vinte annos, que phantasiava na sua louca imaginação a conquista de um grande, de um colossal imperio! Julgava-se um general experimentado, dispondo de todos os conhecimentos da arte militar, para facilmente conseguir conquistas e victorias que adornassem de louros a sua regia corôa, aquelle insensato aventureiro—um arrojado visionario que tinha a pulsar-lhe nas veias uma ardente febre de guerras, de luctas! E ainda para lhe excitar mais as suas loucuras, os seus desatinos, tinha no paço um grupo de cortezãos ambiciosos, que lhe lisonjeavam calorosamente as suas vaidades guerreiras e arrebatamentos desvairados!

Um dia, esse homem quiz experimentar o fragor da guerra; e lá embarcou para Marrocos com alguns dos fidalgos lisonjeadores, sem dizer á nação, sem dizer ao seu povo p'ra onde ia nem o que ia fazer.

O povo andava triste, esmorecido. Apparecera no ceu um cometa de sinistras fórmas. Não faltava quem disesse ser signal certo d'uma immensa, d'uma irremediavel desgraça.

Por fim, a 4 de agosto de 1578, no campo ardente de Alcacer-kibir, sob um sol esbrazeador e a terra fumegante, deu-se o triste epilogo d'este lugubre começo de tragedia. O nosso esfrangalhado exercito, apenas uns vinte mil homens commandados por um pobre louco, um arrojado inexperiente, fôra completamente derrotado pelas forças poderosas de *Muley-Moluco*—perto de 200:000 homens, bem experimentados e munidos de abundante material de guerra.

E lá ficára, entre os mortos ou prisioneiros, o louco sonhador d'imperios e conquistas.

Passára a corôa para um velho Inquisidor—um padre decrepito, inculto e fanatico!

Foi a 29 d'agosto do mesmo anno a sua coroação. A 25 d'agosto do anno seguinte travava-se a lucta entre as miseraveis e minusculas tropas de D. Antonio,—um pequeno exercito de bisonhos maltrapilhos—e as fortes e bem organisadas forças do Duque d'Alba—para cima de vinte mil homens, bem armados e equipados!

Deu-se a batalha; ainda os nossos tiveram uns lampejos de esperança com a derrota que no principio infligiram aos inimigos. Mas depressa se lhes desvaneceu. Aquillo tinha sido apenas um lance do combate. D'ahi a pouco, já o Duque d'Alba invadia victoriosamente o territorio portuguez. Não tardou a ser rei de Portugal, Fillipe II d'Hespanha.

Foram então 60 annos de penoso captiveiro.

Um dia, a nação, despertada do apathico marasmo em que se encontrava, proclamou-se livre e independente—revoltada á voz de meia duzia de patriotas. Era o dia 1.º de dezembro de 1640.

E ainda hoje, que tres seculos são passados, Portugal se curva reverente ante o glorioso patriotismo dos seus heroicos ascendentes!

A Commissão.

UMA NOVA ERA

E' agradavel reviver em mente o passado, quando elle foi grandioso e heroico, e o passado de Portugal foi um dos mais heroicos do mundo. Sob o ponto de vista material do commercio e da industria e ainda sob o mais alto plano da especulação metaphysica, póde-se dizer que uma grande parte da civilisação moderna decorre dos grandes descobrimentos maritimos dos portuguezes dos seculos XV e XVI. São pois gloriosissimos os pergaminhos do fidalgo Portugal.

Mas os tempos mudam; e a vida moderna é democratica. Sobre os terrenos descobertos outrora á custa de mil aventuras e a dentro das povoações, conquistadas a ferro e a fogo, sob cujo solo tantos esforçados batalhadores repousam, vão os industriaes construindo as suas officinas e os negociantes armando os seus balcões. Tanto na vida dos povos como na dos individuos, os fidalgos que se enconcham na tradição e gastam o tempo, voltados para o passado, na contemplação dos seus gloriosos pergaminhos, sem cuidarem em que a existencia não é um equilibrio mas um movimento, não é um extase mas uma lucta, ficam afinal vencidos pelos barbaros plebeus que com suas mãos rudes e firmes vão conduzindo, para edificios futuros, as pesadas cargas de material que o seu tempo exige e que as mãos finas e trémulas dos contemplativos aristocratas muito a custo lograriam empurrar. D'ahi, a decadencia triste da nossa raça.

Em 1640, a Hespanha era ainda uma nação formidavel e dominava no mundo pesadamente, com o seu estreito despotismo e a sua feroz Inquisição. Mas já Portugal enfraquecia. A revolta dos nobres de Lisboa, que o plebeu Pinto Ribeiro aconselhava, foi um heroico e esforçado feito. Licito, e louvavel, é recordal-o com respeito e saudade, e imital-o consoante as differenciações que a época requer. Todavia (e des-

C. M. B
BIBLIOTECA

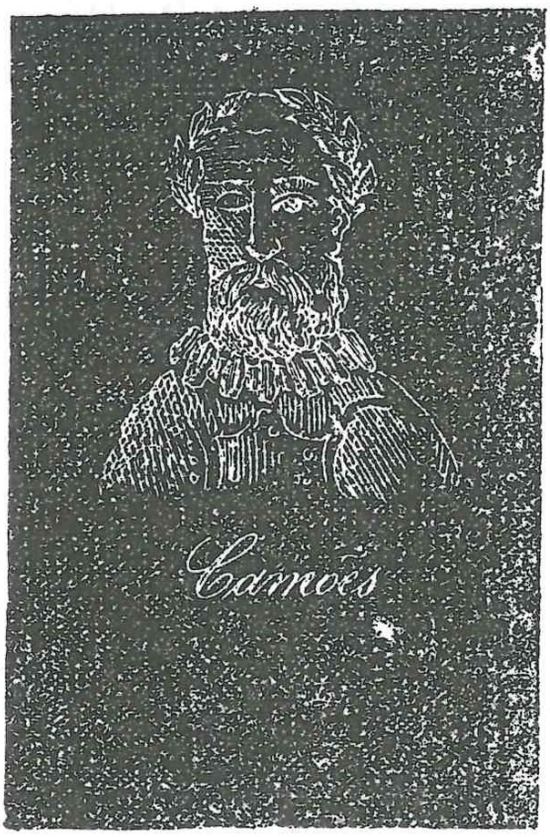
A ARTE

REVISTA LITTERARIA

N.º 1—1.º Anno | **Barcellos, 1 de Maio de 1902.** | *N.º avulso 20 rs.*

LUIZ DE CAMÕES

E' justamente classificado o rei dos poetas portuguezes e a nossa maior gloria litteraria, porque ligou o seu nome ao poema mais admiravel que Portugal possue, e uma das mais bellas obras litterarias de todo o mundo—OS «LUSIADAS.



Camões principiou os primeiros estudos em Lisboa, e depois os foi continuar em Coimbra.

Foi alli que elle principiou a revelar o seu grande genio poetico.

Voltando a Lisboa, resolveu-se a ir militar em Ceuta, onde combateu valorosamente, e onde perdeu a luz d'um dos olhos.

Regressando á patria, uma discordia qualquer entre elle e um criado de El-rei, levou este a desterral-o para a India, para onde embarcou como simples soldado na nau capitaneada por Fernão Alvares Cabral.

Na India, a vida do poeta foi muito agitada e egualmente cheia de aventuras.

D'ahi passou para Macau a desempenhar o cargo de «PROVEDOR DOS DEFUNCTOS E AUZENTES». Dois annos, aproximadamente, demorou Camões na China, e foi durante esse tempo que compoz na sua gruta a maior parte do poema OS-LUSIADAS.

No regresso para Goa nova desgraça o assaltou na nau que o transportava: naufragou na Costa de Cambaia, e Camões conseguiu salvar-se a nado, segurando em uma das mãos o manuscripto do poema.

Em Goa, o poeta viu-se accommettido de novos desgostos, até que já cançado de tanto soffrimento e ralado pelas saudades da patria, decidiu-se voltar a ella.

Immediatamente tratou de mandar imprimir os «LUSIADAS» e em 1528 saiu a primeira edição of-

I Anno | Barcellos, 22 de Maio de 1902 | Numero 1

AURORA DE BARCELLOS

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

Redactor,
ILLYDIO DE AZEVEDO NUNES

Editor,
FRANCISCO JOSÉ DA SILVA

Redacção, Administração e Typographia—Rua do Duque de Bragança, n.º 30—Barcellos

Aurora de Barcellos

ENCETAMOS a publicação do nosso jornal sem filiação em partido algum. Pugnará pelos interesses de Barcellos, como pelos seus proprios; envidará os maximos esforços, para que, despido de qualquer facção politica, siga sempre pela estrada da Verdade, Patriotismo e Rectidão; e será este o nosso lemma politico,

A «AURORA DE BARCELLOS» será nossa interprete: reproduzirá, embora desageitadamente, mas sempre com a maxima imparcialidade e desinteresse, todo o nosso sentir proprio das nossas almas juvenis.

Feita a apresentação, prosigamos na ardua tarefa.

DR. MARTINS LIMA

. . . . . .

Mas, felizmente, o muito que poderiamos bordar, grata e consoladoramente, em [illegible] do distincto barcellense, [illegible] bejamente supprido pelos nossos leitores, ao defrontarem com essa expressiva physionomia.

E tão expressiva, que os mais desconhecidos dirão: ahi está a photogravura de um homem de bem, dotado de caracter diamantino, de coração



bondoso, de intelligencia robusta. E não se enganam, apezar de não possuirem os dados ou cultivarem os estudos phrenologicos de Lombroso.

E' que a natureza, se bem que nem sempre, tambem concede aos grandes espiritos, que se illuminam pelas chammas do talento, que vibram na elevação do sentimento, que se inspiram no culto da arte, que se purificam no incenso da virtude, que se integralisam na rigidez de caracter, o admiravel condão de espelharem todas as forças, todas as faculdades, todos os predicados, na magestade da sua fronte.

Chefe de familia, é extremoso e exemplar; medico, exerce a clinica como um sacerdocio; politico, republicano convicto e chefe venerado; cidadão, patriota ardente; jornalista, sempre primoroso; amigo, d'uma dedicação sem limites; poeta tambem, deixando agora adormecer a lyra em longos esquecimentos, pelos seus muitos affazeres, dos seus amores com as Musas, deu-nos algumas correctas e formosissimas producções.

E' um apréciador das paisagens do nosso Cavado, da Franqueira, de Sanhoane, onde a sua alma emocionavel encontra as doces e cariciosas impressões do bello natural.

Na sua variada illustração, vemol-o admirador de Dante e Shahespeare, Tasso e Milton, Goethe, Michelet, Lamartine e Victor Hugo, os grandes astros da litteratura estrangeira que mais embeberam o seu espirito, em plena mocidade, assim como de Conte, Littré, Spenser, luminares da moderna philosophia, Froebel Pestalozzi e J. de Deus, os maiores amigos da infancia.

Por ultimo, uma nota caracteristica da sua muita bondade: a doença de uma pessoa amiga tortura-o e affige-o, e chega a condoer-se de qualquer applicação cruel que faz ou manda fazer.

E, coisa singular, em poli-

Numero 2 *Barcellos 5 de Novembro de 1902* *Anno I*

A BEXIGA

REVISTA INTIMA

Não tem publicação certa

'O Jornalista e o meio,,

Melindrar directamente qualquer pessoa, de baixa ou alta condição social, occupar-se de assumptos intimos ou pessoaes e aproveitar se da ignorancia alheia, para lhe enxovalhar o nome com ditos acres - etc.. são grandes perigos para o jornalista humoristico; e, se este tiver a consciencia do que é na sociedade como tal, procurará semdre evital-os e empenhar-se nisso o quanto mais possa.

Porem, se os não evita, então não é um jornalista—pretende sêl-o'

E' moralisador, ou adequado ao jornalista, dizer-se que F. é um bêbedo, ou que X. se emborrachou?

Cremos que não.

Porisso dizemos nós que o jornalista humoristico deve procurar sempre afastar-se destes assumtos ,puerís e ter graça; mas graça sem melindres, sem obsenidades, ou qualquer outra qualidade desmoralisadora para o tal *publico... das galerias*.

Resumindo: a missão da Imprensa—ainda que humoristica—é educar e moralisar.

Educar é macular o nome d'alguem: porque [illegible] em sua vida um facto pouco digno?

Educar é dizer no meio de grande chacota, que Z. esteve na taberna durante a noite?

Morálisar é trazer para as colunas d'um jornal as fraquezas alheias?

Moralisar é chamar caloteiro a quem não paga porque não pode, ou mesmo porque não quer?

Se é, porque só se diz isso aos humildes que não teem o superfluo para dar jantares?

Se é, porque se diz isso a quem—honradamente ou não—ganha algumas corôas ou mil reis por dia?

I ANNO — 1903 BARCELLOS — DOMINGO, 21 DE JUNHO NUMERO 1

REGENERADOR-LIBERAL

SEMANARIO POLITICO, LITTERARIO E NOTICIOSO

Redacção, administração e typographia
Rua do Duque de Bragança, 30 e 32

Editor responsavel
FRANCISCO JOSÈ DA SILVA

PROFISSÃO DE FÉ

Somos mais um combatente, convicto e desinteressado, que voluntariamente se alista nas fileiras, já numerosas, do partido regenerador-liberal. Pretendemos representar, entre a honrada imprensa d'esse honrado partido, as aspirações e os sentimentos civicos d'uma terra cujas tradicções politicas — no tempo em que o velho partido regenerador, conduzido por mãos mais habeis e mais capazes, aqui dominou quasi sem contestação — foram sempre o da maxima honestidade e da maxima lealdade, não sò nos processos politicos como nos administrativos.

Barcellos não podia ver, sem um fremito de enthusiasmo, desfraldar-se uma bandeira politica, que tão expressivamente symbolisava não só uma grande esperança de redempção nacional, mas tambem um renascimento das suas puras e generosas tradicções localistas de independencia, de isempção, honradez e patriotismo.

Vencidos por uma cabala traiçoeira dos especuladores da politica, por essa obra nefasta e desmoralisadora da famosa alliança rotativa, espoliados d'uma influencia altivamente conquistada em cem combates leaes com as lealissimas armas da legalidade e da moralidade, privados violentamente da nossa representação social—nem desanimamos com estes revezes, só devidos ao poder artificial e momentaneo d'uma politica despotica e refalsada, nem nos intimidamos com as perspectivas de perseguição que se abriam no nosso caminho ou com as ameaças de total aniquilamento, com que suppunham apavorar-nos.

E agora que uma grande campanha se inicia, que os clarins tocam a reunir e as fileiras se unem, nós vimos occupar o nosso posto na formatura de combate, trazendo á causa que servimos toda a nossa dedicação, o nosso enthusiasmo, o nosso esforço, a nossa inquebrantavel fidelidade.

O momento é grave—muito mais do que o pode fazer suppôr esta apparente e enganadora calmaria, em que a nossa politica estagnou. Os erros accumulados pelos desvarios dos alliados rotativos; os monstruosos encargos creados pelos augmentos loucos de despezas, pelo devorismo burocratico, pela corrupção transformada em moeda com que se compram consciencias ou pagam mercenarios, pelo continuo e disfarçado recurso ao credito, por todas as dissipações d'uma administração financeira perdularia e anarchica; a capitulação vergonhosa e onerosa com que, na questão do convenio, nos vendemos miseravelmente ao extrangeiro, a estupida alienação de recursos preciosos á nossa vida economica, com o desgraçado contracto Williams representa; a incapacidade manifesta da oligarchia dominante para resolver os mais graves problemas da agricultura, do trabalho, da producção fabril, da exploração colonial — tudo isto, junto ás miserias, baixezas e indignidades de toda a especie, que tornaram a politica um lodaçal nauseabundo, constitue um complexo de circumstancias que irremediavelmente nos impellem para uma nova crise, de consequencias e resultados bem mais funestos, dissolventes e ruinosos do que os que nos advieram das crises anteriores.



CONSELHEIRO JOÃO FRANCO

E não são já os partidos de rotação, sobre os quaes pesam as tremendas responsabilidades de todas estas calamitosas desgraças, suspensas sobre o futuro da nação, não são elles que poderão evitar a tempo a catastrophe prevista, nem reparar os seus damnos e perniciosos effeitos se a tempestade rebentar durante o consulado de qualquer d'elles. Não pode haver fé nem esperança em quem tão baixo deixou descer o nivel da moralidade politica, em quem tão criminosamente deixou amontuar tantas difficuldades, tantas complicações, tão insuperaveis embaraços no caminho dos destinos nacionaes. Os partidos de rotação sentenciaram-se a si proprios, ligando as suas responsabilidades nos erros d'esta desvairada situação que nos perde, fundindo-se n'um mesmo syndicato de exploração do thesouro, patenteando aos olhos do paiz a mais vergonhosa cumplicidade em todos os crimes de lesa-patria, ha dois annos praticados por essa gente que desgraçadamente nos governa.

A salvação está hoje apenas na politica de que nos honramos de ser partidarios, n'essa nobre, generosa, austera, honrada e patriotica politica de que ha pouco o snr. João Franco traçou os delineamentos no seu notabilissimo discurso de 16 de maio passado, ao inaugurar o centro regenerador-liberal de Lisboa. A salvação está na acção governamental d'esse eminente estadista, cuja vida publica, modelo de virtudes civicas e irrefutavel demonstração pratica da sua capacidade, dos seus talentos, da sua hombridade e da sua energia de homem de governo, não tem sido senão uma continua ascenção moral da sua alta individualidade, que dia a dia mais se ergue no conceito publico e na admiração do paiz. A salvação está no grupo selecto de homens distinctissimos que o cercam, já largamente provados no parlamento e no exercicio de funcções publicas, e nas massas sempre crescentes dos seus partidarios que não accodem ao engodo de favores, de prebendas ou regabofes orçamentaes, mas atraídos por uma pura afinidade de nobres e desinteressados sentimentos politicos.

Uma especie de selecção natural separou da massa impura do partidarismo politiqueiro e devorista o chefe illustre e esse nucleo esperançoso de cooperadores—que constituem uma especie de reserva preciosa entre as guerrilhas desmoralisadas e corrompidas das clientellas rotativas. Para essa reserva, forte, disciplinada, unida pela cohesão indestructivel d'um mesmo pensamento, se voltam de todos os cantos do paiz os olhos dos que ainda não descreram da regeneração da patria. O futuro pertence-lhe. Amanhã ou depois (o dia e a hora pouco importam) elles hão de ser levados ao poder pela força das coisas, pelo curso fatal dos acontecimentos. Não ha conluios, intrigas, conspiratas, allianças de adversarios que logrem evitar o que o destino impõe e decreta. Assim será—porque não póde deixar de ser assim!

Na sua marcha para essa hora de triumpho e desforra, para essa grande victoria final que será a victoria da justiça, da moralidade, do patriotismo, da abnegação politica—acompanharemos sempre dedicadamente o nosso querido chefe e o seu valente partido com a mais arreigada fé no exito da nobilissima empreza a que nettemos hombros e com a firme consciencia de que cumprimos o nosso dever e bem servimos a patria.

PRIMAVERA

JORNAL DE NOVOS

DIRECTOR — SOUZA MARTINS

I Anno | Barcellos, 10 de janeiro de 1904 | Numero 1

A "Primavera,,

LEITORES:

Um grupo de rapazes, que sente estuar-lhe nas veias esse caloroso sangue da mocidade, que leva aos maiores emprehendimentos e ás mais arrojadas tentativas, lembrou-se, n'um momento em que a sua imaginação mais alta andava, de fundar uma pequena revista litteraria que lhes servisse d'agradavel e instructiva distracção de espirito.

Lembrou se, dizemos nós.

Mas da concepção da ideia até á sua materialisação, quantos trabalhos! quantos esforços!—diremos mais, quantas horas de desanimo e desfallecimento.

Tudo eram barrancos, tudo eram escolhos contra os quaes batia o fragil barco das nossas idealisações!

Nada nos esmoreceu, porém.

Firmes no nosso pensamento, audazes na nossa tentativa, cada contrariedade que nos succedia não era senão mais um brado de incitamento ao nosso proposito.

PRIMAVERA — chamamos nós á nossa revista. E que titulo mais adequado?

Que titulo que melhor pudesse exprimir, n'uma synthese significativa, o conjuncto de sentimentos que nos avassalam o espirito?

Nenhum encontramos. Todos novos, á primavera da vida pertencemos.

Resta-nos, apenas, endereçar o nosso cartão de boas-festas ás nossas gentilissimas leitoras e leitores, desejando-lhes um feliz anno, replecto de venturas e prosperidades.

A REDACÇÃO.

I ANNO 1905 BARCELLOS, SABBADO 8 DE ABRIL NUMERO 52

DEUS E PATRIA

ORGÃO DO CIRCULO CATHOLICO OPERARIO DE BARCELLOS

Typographia de Antonio da C. Martins
Rua Duque de Bragança

PROPRIETARIO
P.e BONIFACIO ELIAS BARBOSA LAMELLA

Editor responsavel
Manoel P. Villas-Boas

TUDO PERDIDO

A' imprensa catholica portugueza cabe, n'este momento, um dever dolorosissimo, mas imperioso e inadiavel. Dóe á consciencia dos catholicos ter de censurar desmandos, e corrigir prevaricações de quem quer que seja, porque a caridade christã a todos aconselha a chorar sobre os desvarios de seus irmãos, e a cobrir com espesso veu as suas defecções.

Nas, no caso presente, quando o escandalo assume proporções d'uma gravidade tal, que as suas funestissimas consequencias teem de repercutir-se no meio social, ficando como precedente unico e vergonhoso, o jornalista catholico não pode ter serenidade bastante para não lançar mão da penna, e fazer d'ella espada e açoite, embora tenha de defrontar-se com um Principe da Egreja, cujos vestes prelaticias se transformaram em andrajos de mendigo!

N'esta tristissima questão do seminario de Bragança, a que vamos referir-nos ligeiramente, nada se salvou.

Nem principios que se postergaram vergonhosamente,

Nem dignidade pessoal, que se afundou n'um lamaçal de torpezas, para obtemperar ás instancias infames de falsos amigos,

Nem o prestigio do logar hierarchico, que ficou assente sobre alicerces de barro, como os da celebre estatua do rei da Babylonia. Tudo se perdeu, tudo!

A mitra do prelado, depois de enxovalhada pela canalha na praça publica, que o vituperou infamemente, foi arremessada á vasa immunda, com gaudio das massas iguaras, e com aprazimento do infamado.

Não ha positivamente caso similar na historia da egreja luzitana.

O sr. Bispo de Bragança, apoz uma escandalosa rebellião dos alumnos do seu seminario, que tentaram cevar os seus odios em superiores zelosos, que pretendiam estabelecer a ordem, onde reinava o caos, que quizeram introduzir espirito ecclesiastico onde apenas havia o espirito da insubmissão e da incontinencia, ouvido o corpo consultivo dos seus capitulares, lavrou uma sentença rigorosa, talvez, para alguns menos culpados, mas justissima para todos.

E certamente entrava já no espirito do prelado a ideia de suavisar a pena áquelles que se reconhecesse não terem procedido *campos sui*, mas antes obrigados pelas circunstancias ou cegos por um pretenso principio de solidariedade, Via-se isto no edital, que deixava porta aberta aos que conseguissem justificar-se, por meios nimiamente faceis. Ninguem acceitou o perdão, antes começaram a vociferar contra o bispo, a ameaçá-lo em comicios publicos, cobrindo-o de improperios e de lama, os arruaceiros tomaram o partido dos insubmissos, e gritavam ao prelado que resignasse a mitra, porque o governo nomearia successor accommodaticio que viesse sanar o conflicto.

A imprensa catholica, no cumprimento exacto do seu dever, e na defeza intemerata dos sãos principios, collocou-se *toda* ao lado do rev.mo Bispo, e pediu-lhe que não abdicasse, que não recuasse um apice sequer no que julgou ser o seu dever, e terçou armas da mais fina tempera com o jornalismo avançado ou ultra-regalista, para demonstrar que o poder civil não tinha, nem tem superintendencia de qualquer especie na direcção interna dos seminarios, e muito menos, e de nenhum modo, na admissão ou rejeição dos candidatos ás ordens sacras. Para metter medo aos catholicos timoratos, os tristes paladinos de tão triste cauza ameaçaram com a apostasia d'alguns alumnos de Bragança, já constituidos em ordens sacras! Como se a Egreja tivesse alguma coisa a perder com o abandono d'alguns filhos indignos!

A imprensa catholica cumpriu nobremente o seu dever, e o sr. Bispo, se tivesse a coragem dos seus actos, e o espirito de rectidão que era licito suppôr-se-lhe, se tivesse mais amor aos principios, em nome dos quaes foi elevado a tão alta dignidade, do que ao bem estar côrporeo e material, que quer honras e proventos, não teria capitulado tão indignamente, dando razão aos seus inimigos de hontem, com quem S. Ex.a Rev.ma até certo ponto se bandeou, e assentando nos jornalistas catholicos do seu paiz a mais formidavel bofetada, de que ha memoria,

Sem outra forma de processo, sem que os seminaristas, arrependidos, lhe implorassem perdão, mas somente por influencias do alto, quiçá por motivos inconfessaveis, manda S. Ex.a Rev.ma reabrir, de par em par, as portas do seu seminario, readmittindo todos os alumnos expulsos, culpados e innocentes, cabeças de motim e simples conniventes, *pêle-mêle* vergonhosissimo.

Tudo está perdido!

O escandalo ha de ser de pessimas consequencias para o futuro religioso da nossa patria, onde os prelados não mais poderão fazer escolha dos seus cooperadores, de futuros ministros do altar, se elles tiverem a protecção e apoio das massas inconscientes e de jornalistas venaes, sempre promptos a proteger revoltados,

A imprensa catholica não pode nem deve conformar-se com este estado de cousas.

Por mais que lhe custe, por mais que sinta sangrar-lhe o coração, tem de verberar o reprehensivel procedimento do sr. Bispo de Bragança, que não póde continuar á frente da diocese, cujos interesses espirituaes não poude ou não soube defender.

Devia manter-se na situação que estava creada, e em que talvez fosse um tanto culpado, por não ter adoptado medidas sufficientemente energicas, para não deixar que o mal lançasse tão fundas raizes. Mas, se conheceu que lhe era impossivel, o menos que tinha a fazer era resignar a mitra e depôr o baculo de pastor, cuja auctoridade deixou conspurcar. Cedeu, e cedeu tão facilmente, cedeu sem condições, sem previa submissão dos revoltados; consentir que lhe cobrissem de luto as armas episcopaes, foi o mesmo que suicidar-se para a sociedade, e para a Egreja. Ninguem o matou, porque o poder civil não estava resolvido a romper com violencias,

Matou-se,

Ja agora somos de opinião que se não levantem os crepes que cobrem as armas do Paço de Braganca,

Só n'isto tiveram razão e procederam previdentemente os seminaristas, hontem culpados, e hoje innocentes, com [illegible] guiar por esses apostolos de Satanaz porque não é verdade o que elles dizem. Não teem conhecimentos bastantes para nos fazerem acreditar nas suas erroneas doutrinas; porque não sabem que o homem foi creado á imagem e semilhança de Deus; porque não sabem que em todo o universo e em nós mesmos nos está tudo demonstrando a existencia d'Elle.

Não sabem que o mundo não podia crear-se a si proprio. Ha pois, um Creador que fez o homem e o universo. Esse supremo Creador de tudo e de todas as coisas só pode ser Deus. Mas teem desculpa os taes *homensinhos*, porque não sabem que Deus é um espirito e portanto não o podemos perceber pelos nossos sentidos, porque não tem corpo, nem figura, nem côr, nem nenhum dos attributos que se reconhecem nas coisas materiaes. Os homens assim como todos os outros seres foram creados por Deus e não Deus por nenhum d'estes seres.

Por hoje ficamos por aqui advertindo aos taes *homensinhos* que tenham mais decoro com a moral e respeito pela nossa religião, pedindo ás dignas auctoridades tomem sobre si a responsabilidade d'essa propaganda perniciosa que os taes vermes corruptores da sociedade estão implantando no nosso meio, e aconselhando a quem os taes *folhetos* forem á mão que os não leiam nem consintam que se leiam na sua presença e os rasguem ou os queimem como já alguns teem feito.

Lembrando aos nossos queridos leitores este «Proverbio de Salmão».

E' o temor de Deus fonte da vida;
Quem não tomar esse norte,
Vae no caminho da morte.
E' uma alma perdida!

"Alerta"

Diziam-nos que havia n'esta villa um novo jornal com este titulo e tratamos de ver se conseguiamos um exemplar d'elle, para apreciarmos a sua doutrina, mas disse-nos logo o primeiro a quem preguntamos por elle—que não se dava nem se vendia, pois era só ás escondidas que os taes amigos queriam espalhar **A'lerta**.

E ate que enfim os *homensinhos* sahiram-se com o segundo numero, mas como não tinham *colhido* laureis como primeiro, resolveram envial-o *gratis* para aquelles que lh'o tinham devolvido, a ver se assim podiam conquistar terreno. Nós não nos admiramos dos taes *homensinhos* dizer o que lhes parece na sua *acreditada revista*, admiramo nos sim pelas dignas auctoridades locaes não terem entrevido e feito a apprehensão de taes *folhetos* immoraes, contra a nossa religião, gloria dos nossos maiores, contra as leis do Estado e até contra a existencia de Deus. Parece-nos porem que as authoridades d'isto não sabem.

Na laboriosa cidade do Porto foi ha poucos dias aprehendido um jornaleco nas mesmas circunstancias e só por verberar contra as leis do Estado e contra a religião sacrosanta de Christo. Aqui lavramos bem alto o nosso protesto, pedindo promptas providencias contra taes abusos.

Dizemos bem alto porque temos a consciencia que as dignas auctoridades locaes hão-de entrevir.

Nós por nossa parte só temos de prevenir todos os catholicos firmes e crentes, que se não deixem guiar por esses apostolos de Satanaz porque não é verdade o que elles dizem. Não teem conhecimentos bastantes para nos fazerem acreditar nas suas erroneas doutrinas; porque não sabem que o homem foi creado á imagem e semilhança de Deus; porque não sabem que em todo o universo e em nós mesmos nos está tudo demonstrando a existencia d'Elle.

Não sabem que o mundo não podia crear-se a si proprio. Ha pois, um Creador que fez o homem e o universo. Esse supremo Creador de tudo e de todas as coisas só pode ser Deus. Mas teem desculpa os taes *homensinhos*, porque não sabem que Deus é um espirito e portanto não o podemos perceber pelos nossos sentidos, porque não tem corpo, nem figura, nem côr, nem nenhum dos attributos que se reconhecem nas coisas materiaes. Os homens assim como todos os outros seres foram creados por Deus e não Deus por nenhum d'estes seres.

Por hoje ficamos por aqui advertindo aos taes *homensinhos* que tenham mais decoro com a moral e respeito pela nossa religião, pedindo ás dignas auctoridades tomem sobre si a responsabilidade d'essa propaganda perniciosa que os taes vermes corruptores da sociedade estão implantando no nosso meio, e aconselhando a quem os taes *folhetos* forem á mão que os não leiam nem consintam que se leiam na sua presença e os rasguem ou os queimem como já alguns teem feito.

Lembrando aos nossos queridos leitores este «Proverbio de Salmão».

E' o temor de Deus fonte da vida;
Quem não tomar esse norte,
Vae no caminho da morte.
E' uma alma perdida!

ANNO I Barcellos, 9 d'Outubro de 1904 N.º 1

A AURORA

PUBLICAÇAO QUINZENAL

Ed. responsavel
Manoel Pereira de Villas Boas

Red. principal
João Vieira de Castro



QUÊM SOMOS E A QUE VIMOS

Ao dar entrada no campo do jornalismo portuguez, *A Aurora*, quinzenario independente, cumpre, em primeiro logar, o dever de saudar os seus collegas.

E, cumprida, como fica, esta cortezia, resta-nos dizer, quem somos e a que vimos.

Novos, como somos, temos grande vontade em cooperar, muito modestamente, na defesa dos interesses ligitimos d'esta povoação, sem que nos mova qualquer ideia politica.

Imparcialmente, sem sustentar polemicas de qualidade pessoal, sem procurar loiros n'essa grandiosa enseada da imprensa, sem hastear insignias de revolta nem erguer escolhos aos que seguem pela entrada escabrosa do progresso nacional, da moralidade e da justiça,—a nossa orientação de hoje, será firme e inviolavel.

As hostes politicas não terão em nós alento: combatel-as-hemos nos seus erros, sempre que o momento a isso nos chame.

A nossa bandeira, que se ergue no campo da Harmonia e Progresso, tem simplesmente uma effigie:—prosperidade e independencia; amor e egualdade.

A vontade que nos anima e o desejo vehemente que sentimos em ser uteis, não só a esta terra, mas tambem á nossa patria, cremos que serão o bastante para que a linha traçada seja sustentada com a maior dignidade. Nós, por nossa parte, não ousaremos empanar-lhe o brilho, nem manchar-lhe a côr.

Pequeninos, modestos e sinceros, teremos na alma alento para mostrar indifferença a tudo que seja politica e interesses pessoaes.

Algumas vezes *A Aurora* se il-

1 ANNO — BARCELLOS, 15 DE OUTUBRO DE 1904 — NUMERO 1

Redacção e administração
R. D. Antonio Barroso
n.os 14 e 16

Assignaturas (pagamento adeantado)
Anno . . . 600 reis
Semestre . . 300 »

A cobrança pelo correio augmenta 50 reis em cada recibo

Editor Manoel F. de Villas-boas

FRATERNIDADE

ORGÃO DOS CAIXEIROS E DO COMMERCIO EM GERAL

Quinzenario independente

Typographia Soucasaux

Proclamação

No cúme d'um alto monte dizia outr'ora um Homem de elevada altura e esclarecido espirito: Crescei e multiplicae-vos; sêde honestos e bons; não pratiqueis más acções nem offendaes o vosso semelhante; proclamae a Egualdade como um dever humano e a Fraternidade como um benefico lenitivo para os males que nos atormentam; pedi a Liberdade individual que só uma autoridade despota a pode negar, sêde dignos, derramae a instrucção pelos vossos irmãos e tereis cumprido a vossa missão na terra, tereis seguido o caminho recto e justo imposto por um espirito invisivel e infinitamente poderoso.

Era a proclamação d'um dever o que o grande philosopho dizia, e que o egoismo humano tão cruelmente esphacelou.

Assim, a nossa entrada no mundo jornalistico representa o cumprimento d'um dever, a pratica d'um desejo que ha muito se arreigára no nosso espirito, e que uma má situação monetaria nunca deixára pôr em execução.

Vencidos os ultimos obstaculos, realisados os ultimos sacrificios, a nossa ideia, o nosso dever é uma realidade que nos regosija, que nos alenta e que manifesta claramente o desejo que temos de ver a nossa classe illustrada, e a par no sentido intellectual — com outras de posição mais elevada mas de menos valor no mundo social.

Satisfeito o desejo do nosso espirito, contamos com a coadjuvação sempre franca dos nossos presados collegas, e bem assim a de todos os caracteres esclarecidos e puros, que se interessam pelo progresso e bem-estar das classes laboriosas.



AURELIO RAMOS

Apresentação d'armas

Envolvidos nas fulgurantes côres de uma bandeira cuja effigie é—*Paz*, *Amor*, *Harmonia* e *Progresso*—nós, n'um esforço supremo de vontade, de dedicação edesejo vehentissimos, não trepidamos ante a ideia que o nosso espirito nos fez suggerir:—a apresentação, em publico, de mais um orgão defensor da classe dos empregados de commercio, eis a ideia que desde ha muito tempo fixamos.

E, como a flor quando desabrocha — trazendo perfumes que deliciam, aromas que dão vida—eis-nos, emfim, enfileirados na tribuna gloriosa de Gutemberg, com o enthusiasmo fervente dos novos e com a fé nos grandes ideaes.

E se a fraternidade dos povos garante um futuro brilhante de prosperidade, nós aqui estamos com a nossa *Fraternidade* para prégar a harmonia e união desejada por todos.

Queremos, caixeiros portuguezes, cooperar modestamente na vossa obra de levantamento moral e intellectual, na construcção d'esse magestoso templo onde a ideia se purifica, onde a harmonia se affirma distinctamente, de onde o progresso rompe a sua marcha de evolução, de onde as flores que alentam a vossa vida futura caem a tapetar as ruas estreitas que vos levarão ao campo da lucta pela justiça de vossas prerogativas.

17 annos de evolução consecutiva,—toda destinada á affirmação de uma causa onde só predomina justiça—mas toda improficua, toda illusão e esperança, nos vieram mostrar a necessidade urgente de tornar um pouco mais energica essa mesma lucta.

E se esta ideia nos anima a avançar, para romper escolhos e derrubar obstaculos, para luctar desinteressadamente em prol dos direitos sacratissimos da nossa infeliz classe, para isso, e não para outra cousa, nós aqui estamos de vizeira erguida.

A dentro da classe, nós, humildes caixeiros, não representamos uma figura proeminente: somos simplesmente soldados; e, como taes, promptos para entrar no campo da reivindicação, da paz e da justiça.

Não hasteamos pendões de revolta porque a nossa missão não é revoltar: é evolucionar para progredir; é agitar as forças para uma vida de completa liberdade, de illustração e de progresso.

Ha tempos em que o jornal precisa de abrir nutrido fogo contra os despotas inimigos da liberdade individual ou collectiva; mas muito ao contrario d'isso, outros momentos ha em que á imprensa sómente se impõe o dever de sustentar uma campanha que instrua, que affirme e que moralise.

E se a classe dos caixeiros vê em nós um orgão desinteressado a trabalhar em seu fa-

I ANNO *Barcellos, 4 de Dezembro de 1904* N.º 1

C.
BAR
BIBLI

A BARCELLENSE

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

Redacção e typ.
Rua D. Antonio Barroso

Adm. e editor
Marcos Emilio C. de Carvalho

A BARCELLENSE



a já demasiado numero de periodicos locaes mas ainda vem juntar-se mais *A Barcellense*, quinzenario noticioso, litterario e humoristico. Estas tres ultimas palavras dizem já a qualidade do campo que será pisado por *A Barcellense*.

Noticias poucas poderemos inserir, visto a pequenez do jornal.

Em litteratura seremos pobres, mas alguma cousa offereceremos ao leitor.

No humorismo seremos mais fartos. Havemos de procurar para aqui *coisas* que façam rir, sem com ellas melindrar alguem.

Está feita a nossa apresentação. Resta agora saber se a vida de *A Barcellense* será longa, se o não fôr, a culpa é dos leitores e não nossa; porque nós, dando materia para a encher, não podemos dar-lhe de comer.

A Redacção

O 30

E' um dos vultos mais importantes filiado no partido *Rei de Paus*.

E' um dos maiores proprietarios do nosso concelho e um dos homens mais prestaveis á sociedade.

Ainda a semana passada veio a esta villa, uma companhia dramatica, e o *30* prestou-lhe todo o seu auxilio, promptificando-se a passar-lhes a caza do theatro, contractar a orchestra etc. etc.

ANNO I.º Barcellos, 1 de Fevereiro de 1905 N.º 1

Alerta

REVISTA MENSAL DE PROPAGANDA LIVRE

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Campo da Feira, 14-2.º

EDITOR RESPONSAVEL
Fernando Monteiro

Typographia Minerva—Famalicão

SUMARIO: — O nosso aparecimento, *A Redação.* — Blasfemias (versos), *Eliodoro Salgado.* — O pessimismo, *Angelo Jorge.* — A montaria (versos), *Guilerme de Sousa.* — Abutres. — Importante, *A Redação.*

O nosso aparecimento

São volvidos quasi quatro longos seculos, depois que um rei fanatico sujestionado por a influencia moral do clero ambicioso e egoista, estabeleceu em Portugal um tribunal infame, cujos fins consistiam em assassinar os velhos, martirisar a juventude, violar as virjens e roubar as riquezas que aquelas vitimas possuissem. Durante seculos a Umanidade gemeu, assistindo impavida e imovel ante tantos crimes e possuida de um terror inexplicavel, duma apatia criminosa, conservava-se muda e queda, permanecendo em uma tranquilidade de espetro, em uma imobilidade de estatua, que alentava a infamissima instituição a proseguir nos seus criminosos designios, a perseguir encarniçadamente a Umanidade abatida. Seculos de inolvidavel memoria aqueles. O sabio, aquele que procura o misterio da ciencia, o litterato que procura a perfeição intelectual d'um povo, o jornalista que com afan procura ensinar o ignorante e todos aqueles que contribuiam para o progresso moral e material duma nação, todos esses foram vitimas da crueldade barbara duma instituição, todos esses pereceram vitimas do seu saber e da influencia perniciosa e abusiva, dum clero egoista e de infame memoria. Na istoria relijiosa abundam crimes infamissimos e atos de inqualificavel selvajaria.

Transviada por completo dos seus primitivos principios, a relijião catolica tem sido mais funesta á Umanidade do que util.

Em nome de seu instituidor, filosofo de incomparavel talento, o Catolocismo tem sido o mais implacavel inimigo do Progresso, da Ordem e boa Moralidade.

*

Deixemos, porém, o passado com as suas terriveis tradições e digamos qual o motivo do aparecimento deste jornal.

A' muito que no nosso espirito abitava a ideia da fundação dum jornal de propaganda livre, jornal de indispensavel utilidade, como no futuro se verá. A falta de elementos necessarios á fundação duma publicação destas, o receio exagerado daqueles aquem confiamos o nosso projecto, a indiferença excessiva como se olha para tudo que é util e indispensavel, tudo isto obstava a que saisse á publicidade esta revista, todos estes obstaculos nos faziam vacilar e demorar o seu aparecimento. A' face, porém, dos ultimos acontecimentos, isto é, —a fundação n'esta villa de uma colectividade de propaganda jesuitica, a publicação dum jornal para o mesmo fim, a realisação de conferencias sem mais utilidade do que a de fanatisar por uma relijião inutil, uma populaça ignorante, os maus instintos manifestados por os sectarios duma relijião, que o seu instituidor dizia ser para proclamar a Paz e a Armonia e, enfim, a maneira agressiva e selvagem como queriam evitar a propaganda da doutrina Evangelica, que só tem o defeito de não ser tão rendosa ao clero como a doutrina catolica, — resolveu-nos a sofrer mil sacrificios, a traspôr mil obstaculos e a arrostar com a forocidade canibal daqueles que vêem na

I ANNO — BARCELLOS, FEVEREIRO DE 1905 — NUMERO 1

Preço da assignatura

Anno..... 600 reis
Semestre..... 300 »
Numero avulso..... 100 »

A FÉ

Annuncios—preços convencionaes

Serão distribuidos gratuitamente 25 exemplares pelo apostolado da boa imprensa.

REVISTA MENSAL, CATHOLICA, SCIENTIFICA E LITTERARIA (Apostolado da boa imprensa)

Redacção e administração: Livraria Barreto—Campo da Feira, 21. Officina e impressão—Typographia Soucasaux

Editor—Manoel Pereira de Villas-Boas *Proprietario — Julio Joaquim Barreto*



Sua Santidade Pio X

Nascido a 2 de Janeiro de 1835. *Eleito a 4 de Agosto de 1903.*

ANNO I.º BARCELLOS, 26 DE MARÇO DE 1905 N.º 1

Prop. e Director
CUNHA FERREIRA

A LYRA

Editor Responsavel
MARCOS E. CARVALHO

QUINZENARIO, LITTERARIO E NOTICIOSO

Assignatura (Pagamento adiantado)
Trimestre 120
Semestre. 200
Numero avulso 20

Redacção e Typ.ª
RUA DUQUE DE BRAGANÇA

A LYRA

Algumas palavras.

Declaremos qual a nossa divisa, não expondo-a, mas executando-a n'este 1.º numero e nos que se lhe seguirem, se forem satisfeitos os nossos desejos.

A idea de fundar *A Lyra* nasceu de um lasgo sopro de emprehendimento que, hoje em dia, agita todas as classes, todas as partes do mundo.

A empreza que ora tomamos a peito é, além de difficil, bastante espinhosa para nós, avesinhas implumes e ensaiando o primeiro vôo para as altas regiões do jornalismo.

Não queremos pertencer ao numero dos que, pouco sabendo, se presumem os unicos competentes para produzir, e fazendo uma critica rigorosa aos trabalhos alheios, com o objectivo de desalentar aquelles que principiam a militar na carreira das lettras, sem lhes anotar os erros que por ventura possam apontar. Absolutanente não!

Reconhecemos a nossa esphera intelectual e, por essa mesura razão, nos limitaremos tão somente a cumprir a nossa missão despresando o pedantismo fatuo d'aquelles.

O nosso jornalsinho será litterario e noticioso; não queremos nos envolver absolutamente em assumptos politicos, não só porque não é esse o nosso programma, como tambem porque nao nos julgamos com a competencia sufficiente para assumptoo de tal ordem.

N'esta resplendente cruzada anima-nos a convicção de que, para se distinguir qualidades. não é necessario terse cursado todas as academias; tudo se fará com bôa vohtade e raciocinio. Assim, apresentando ao publico a nossa folhá convidamos a collaborar com nosco todo aquelle cujos trabalhos satisfaçam a nossa espectativa, bem como algum facto digno de nota, que se relacione a assumpto litterario.

Ahi está—A Lyra—Por ella pode o leitor passear a vista, sem encontrar a nota pessoal irritante, o conceito insultuoso, as opiniões parciaes que subdividem os grupos, provocando assim a desharmonia, a desunião, o enfraquecimento.

Ahi vae A Lyra—Por bastante ousado que seja o nosso emprehendimento, não é este ainda o nosso dasideratum.

No entanto, temos desde já um grannde consolo: o de apresentarmos ao respeitavel publico barcellense um jornal que, pelo feitio e modicidade de preço, nos colloca na plano do mais perfeito e moderno jornalismo do mundo.

E, terminado esta preliminar, antecipadamente nos confessamos os agradecidos a todos os que quizerem dar nos a honra de entrar para as columnas d'A «Lyra».

A Redacção

O ROUXINOL

Havia, n'uma casa d'aldeia, um lindissimo rouxinol, de coblo muito fino e plenuoso, cabeça bastante expressiva, que era o enlevo de toda a familia, principalmente dos Pequenitos.

Nao lhe faltavam carinhos e meiguices; todos os olbaresse couver giam para o exmio cantor dos bosques que vivia comodamente n'uma gaiola espaçosa e luxuosamente construida.

Os pequenos da casa continuamente lhe abriam obico, deixando cair gottas de leite e mel pela garganta veblutinea do rei das florestas.

Era um prazer auvil-o. ao doce prepassar da viração da tarde desprender meladi-

I Anno — N.º I

Abril de 1905

A VOZ DO ACADEMICO

FOLHA INDEPENDENTE

Redacção e administração--Campo da Feira

Officina e impressão--Typographia Soucasaux

O NOSSO PROGRAMMA

A nossa classe, representante da parte mais honrada, mais digna, mais illustre da nação, não tinha em Portugal um jornal—*um unico*—qne deffendesse os seus direitos.

Ha dias veio á ideia dos nossos camaradas do Lyceu da capital, fundarem um periodico, o qual effectivamente sahiu á luz da publicidade, e era esse o unico que tinhamos.

Não há em Portugal nenhuma classe que não tenha um jornaleco, uma associação etc., só era a nossa a unica sonegada. Eis emfim hoje, que tem a nossa classe dois jornaes que a deffenderá. As nossas debeis penas não se poderão expargir muito nos seus artigos, mas escreveremos o que sentirmos e pensarmos.

A nossa linha de conducta será firme e inviolavel *unicamente* deffenderemos a classe nobre, digna, briosa e distincta, que é a classe Academica e não nos metteremos n'essas pantominices d'esses partidos monarchicos.

E como recem-vindo «A Voz do Academico», descobre-se para saudar enthusiasticamente os seus leitores e os collegas da Imprensa.

Eis o nosso intuito.

Eis o nosso compromisso.



Guerra Junqueiro

Reforma do Ensino

A' força de muito debatida, esta questão ganha cada dia novo impulso, implanta-se cada vez mais profundamente no coração de todos, avigora-se, engrandece, irrompe expontaneamente e assombrosamente de todos os peitos como um vulcão abafado que de repente se dezata em chammas, e toma as propoções vigorosas de uma aspiração commum e universal.

Que admira?

...Se ella é a aspiração de uma classe numerosissima representante da parte mais nobre, mais honrada da nação!

O que se diz a esta fazendo em prol da «Reforma do Ensino» já não

N.º 1 BARCELLOS, 3 DE MAIO 1905

CENTRO DE NOVIDADES

ORGÃO DE PROPAGANDA DO «CENTRO DE NOVIDADES»

Proprietario e director: Fernando Miranda

(DISTRIBUIÇÃO GRATUITA) Publica-se em dias indeterminados

Officina e impressão—Typographia Soucasaux. Editor responsavel—Fernando Monteiro

A NOSSA APRESENTAÇÃO

O *Centro de Novidades* não é um jornal politico, nem uma revista litteraria:—é um reclame ao nosso estabelecimento e aos milhares de objectos que n'elle se acham profusamente espalhados á curiosidade e á bolsa do publico, uns essencialmente necessarios aos variadissimos ramos de commercio, da industria e do fôro, e outros destinados a enriquecer as collecções dos mais vistosos e suggestivos bilhetes postaes, aos mestres e amadores da photographia e, emfim, á outros muitos generos a que presida o mais acurado bom gosto, não esquecendo algumas magnificas qualidades de chá e massas; livros dos melhores escriptores portuguezes e estrangeiros; tintas para escriptorio do que de mais fino tem apparecido, etc.

Não é um jornal para satisfazer ás phantasias da imaginação no campo dos ideaes que para ahi se debatem: é um jornal especie de correspondencia entre o «Centro de Novidades» e aquelles que lhe derem a honra das suas ordens; é um repositorio de tudo o que alli fôr exposto á venda.

Procurará, no entanto, dar aos seus leitores—alem do annuncio e do conhecimento do que possa interessar-lhes—uns podaços de boa litteratura, versos primorosos e alguns passa-tempo e curiosidades, de modo a que tudo possa formar um conjuncto de coisas uteis e agradaveis.

Apresenta-se, pois, o «Centro de Novidades» no seu verdadeiro papel:—dando *Novidades*, expondo-as e divulgando-as, a fim de que ao *Centro*, de onde ellas irradiam e se transmittem pelo seu orgão official, accorram visitantes e todos aquelles que desejem adquirir o que é bom, fino, especial e barato.

Fica, assim, feita a nossa apresentação e com ella enviamos os nossos cumprimentos, muito affectuosos e sinceros, a todos as damas e cavalheiros que se dignarem acolher as *Novidades* com o carinho que ellas merecem e que as vão procurar no seu *Centro* com as sympathias correspondentes a emprehendimentos d'esta ordem, que engrandecem uma terra e que, n'esse empenho, demandam capricho, energia e força de vontade.

E tudo isto nós puzemos ao serviço de Barcellos e na porfia dos nossos desejos continuaremos emquanto tivermos a animar os nossos intuitos a gentileza do publico.

Ao *Centro*, pois, e ás *Novidades* que elle encerra, que são uma nota de superior bom gosto e de tudo o que de mais fino pode encontrar-se n'uma *papelaria* do seculo XX.

Obras

de Camillo Castello Branco

Edição popular da Parceria Antonio Maria Pereira—Lisboa.

Cada volume 200 reis.

Assignam-se e vendem-se no «Centro de Novidades».

Artigos de photographia

Cartões em todos os formatos.
Chapas dos melhores fabricantes.

Cartões de visita

Vêr o mostruario.

A LUA

Luz tão grata!
Sol de prata
Já sereno se retrata
No meu rio de crystal.
—Vens acaso, ó triste lua!
De beijar a fronte sua,
Do meu amor? Entre o val.
Filtra por este arvoredo...
Espelha aqui n'esta fonte
Tua fonte...
Vem sem medo...
Mais... Assim. Dize-me agora,
O' lua, se acaso viste
Minha aurora...

Não! A luz d'esse olhar triste
Traz metade
Da saudade
Que me afaga e me devora!

(Da «Lyra Quebrada» inedito)

Alberto Malheiro.

A primeira noite

Bradava a Natureza: «Deus clemente!
lança um manto de sombra, por piedade,
sobre meus hombros, deixa que a vontade
deslise o pranto n'este solo ardente!»

«Tornou-se a luz aos crimas indiff'rente,
E Kain, maldizendo a humanidade
tinge de sangue a doce claridade
do meu sonho d'amor, covardemente!

Deus então, condoido d'estas maguas,
baixando o sol á tunica das aguas,
d'este modo ensombrando as roseas télas,

disse-lhe: «Chora; é triste o que te escuto!»
E cobriu-a de lagrimas de luto,
dando-lhe a noite e dando-lhe as estrellas.

Antonio Fogaça

IDEAL

Jornal de Novas — Barcellos 2 de julho de 1905 — Publicação Quinzenal

Numero 1 | Direcção de Vieira de Castro | Anno 1.º

Red. e adm.: Largo do Bomfim. 47 | Editor responsavel: Fernando Monteiro | Typ. Soucasaux: R. D. Antonio Barroso

DUAS PALAVRAS

Ao encetarmos a publicação d'este modesto e humilde quinzenario deviamos, talvez, seguindo as velhas formas, fazer, primeiro que tudo, a sua apresentação e expôr o seu programma, — apresentação e programma — que poderia sêr tão apparatoso nas exterioridades, quão falso no fundo, como muitas vezes acontece. Não queremos, porem, seguir esse systema; abandonamos esses velhos habitos, e limitamo-nos simplesmente dizer aos que nos lesem:

Procuraremos sempre mantermos na linha da boa Impresa, affastando de questões pessoas, afim de concorrermos com a nossa modesta parte para o bem e interesses d'este sorridente e encantadora villa, princesa do Cavado.

Se o acolhimento que nos fizer corresponder aos nossos desejos nós



introduziremos, pouco a pouco alguns melhoramentos no jornal que hoje tem o seu primeiro dia de publicação sob titulo de "Ideal,,.

O MOMENTO

A Humanidade, no momento historico presente, atravessa uma faze d'uma angustia deveras inarravel, em que o desalento e o desespero enregelam as almas dos mais fortes e valorosos, em que a Dôr, chegada ao seu paróxismo, intensificada, avolumada desmarcadamente, lança o pólen mortifero do pessimismo no chagado coração do homem moderno. Milhões! milhões! milhões de sêres desventurados, sem pão, sem lar, sem luz e sem instrucção, elevam do mais esconso das vielas da miseria a sua voz, em que ha todo um poema d'infortunio, clamando o seu direito irrecusavel á Vida, á paz, ao bem, ao amor, á alegria—elles que tudo produzem e nada têm, elles para quem a Terra, mãe fertil e inexgotavel de tudo o que sobre ella vive, é o calvario ignominioso das suas lutas, dos seus prantos, das suas dôres, calvario em cujo cimo se lhes depara o supremo bem—a Morte. Milhões! milhões! milhões de desgraçadas creaturas, sem pudor, sem honra, sem paz e sem virtude, alugam torpemente o corpo que a Natureza, a Mãe commum, lhes déra para o amor e para o gozo honesto, emporcalhando a especie, rebaixando a materia, envergonhando a Consciencia Humana. E do fundo das masmorras ha gritos de desespero, exclamações de vingança. E por terra caem, ás mãos do Egoismo e da Iniquidade, de milhões de corpos esfacelados, esmigalha-

1.º ANNO N.º 16 NUMERO AVULSO 40 REIS DOMINGO 5 DE MAIO DE 1907

FOLHA LIBERAL

SEMANARIO POLITICO, LITTERARIO E NOTICIOSO

Proprietario e administrador
Marcos Emilio

Redacção, e administração, officinas de composição e impressão
Rua Duque de Bragança—Typ. Martins

Redactor principal
Hylario Barreiros

GARANTIA DA LIBERDADE

Contra a lei de imprensa que acaba de entrar em vigor, teem-se revoltado a maioria dos jornalistas em grande numero de jornaes portuguezes.

Fez-se, no principio, ao projecto da lei de imprensa uma guerra de morte que resultou improficua e depois, desde a pequenez de monos zincogravados até aos extensos artigos de prosa cerrada, tem a lei sido alvo dos mais violentos ataques, quer ridicularisando-a quer condemnando-a depois de analise conveniente.

Seja-nos, porem, licito dizer que não achamos justa essa revolta porque a lei de imprensa, tal como a publicou o «Diario do Governo», dá plena liberdade para cada um, da maneira que quizer, fazer expandir o seu pensamento.

Para nos convencer-mos d'esta verdade, bastará pensar desapaixanadamente no que se diz logo no art. 1.º d'essa lei:

«A todos é licito manifestar livremente os seus pensamentos por meio da imprensa, independentemente de caução ou censura e sem necessidade de auctorização ou habilitação prévia».

Como, pois, ousam increpar uma lei que é uma garantia da liberdade?

Todos os dias se lê, e não é raro ouvir dizer que na Russia se nega por completo a liberdade, se prendem as mãos aos jornalistas depois de se lhes haver feito as pennas em pedaços, se amordaça a bocca e se embarga a voz á imprensa periodica, se esmaga o pensamento entre as tiranicas mãos do despotismo triunfante e se tritura a liberdade com os dentes da oppressão que mais aviltra!

E contudo, isto que se diz e que se escreve diariamente, isto que se acredita com mais viva fé do que a que arde no peito d'um mahometano, não passa de um jogo, mais ou menos habil, executado por aquelles que querem fazer da imprensa periodica a tribuna dos ataques pessoaes, tantissimas vezes inventando crimes que ninguem commetteu e atribuindo erros áquelles que nunca pensaram em os praticar!

Poucos paizes conhecemos nós onde a liberdade seja mais respeitada e mais protegida pelo estado do que na Russia.

Aí, o jornalista póde defender abertamente as suas idéas ainda que em prejuizo dos que lhe são adversos; póde criticar afoitamente e ser até mordaz na sua critica; póde prègar a religião que entender ou proclamar os principios filosoficos que adoptar; póde pensar e gritar, do alto das columnas do seu jornal, novos processos de regeneração social e dar, como lhe aprouver, a preferencia a Rosseau ou Fourier; póde até nos seus escriptos nortear-se pelo capricho e enveredar pelo caminho que a sua ambição lhe traçar.

Póde fazer tudo isto, tendo apenas a observar e sujeitar-se a uma pequenina condição: tudo quanto escrever ha-de ser do agrado e conforme á vontade do Czar.

Em Portugal, n'este paiz civilisado, os jornalistas revoltam-se contra uma lei que, como acima transcrevemos, dá plena liberdade de manifestação de pensamento; e revoltam-se contra ella pela pequenina condição que n'ella se espõe e é a seguinte: a todos é licito manifestar livremente o seu pensamento, *guardadas as disposições da presente lei.*

Estes jornalistas talvez atacassem a lei de imprensa em virtude de esta ultima parte se parecer com a vontade do Czar! Mas, pelo amor de Deus, pensem um pouco em que entre nós e a Russia tem de necessariamente haver alguns pontos de contacto! Não é a Russia a parte mais oriental da Europa? Não é Portugal o extremo occidental? E sabendo, como sabem que os extremos se tocam, como invectivam a lei da imprensa que nos veio trazer a liberdade e ha tanto tempo escondida e tornada prerogativa exclusiva da Russia?

Desde que livremente podemos manifestar os nossos pensamentos que importa que a ultima parte do art. 1.º da lei se pareça com a suprema vontade do Czar?

Lá é garantida a liberdade de imprensa; que nos importa que se chame despotismo? Cá é egualmente garantida essa liberdade; que importa que se chame lei?

Lá o jornalista escreve o que quer; que importa que tenha de obedecer á vontade do Czar? Cá o jornalista não é prohibido de dizer o que entende; que importa que tenha de guardar o prescrito na lei?

Nós e os Russos, somos libres, lá governa o Czar, cá rege-nos a... Czarina!

AMOR

Amôr mais forte que o ferro,
Que o vento, que o mar tambem,
Ha um só n'este desterro:
—E' o amor de nossa mãe!

Alice Moderno

Folhetim da FOLHA LIBERAL

(1)

OS VELHINHOS

Na torre da parochial, o sino deu as sonoras badaladas das Avé-Marias. Oito horas, talvez. O sol resvalára «para a barra», arancando deslumbradoras fulgurações das vidraças da casaria e deixando no poente phantasticos desenhos a oiro velho. Por detraz da enfesta abrupta do Côrno-de-Bico, a lua surgira victoriosamente, n'uma inundação de luz alvacenta. E as estrellas haviam descerrado a pupilla a pouco e pouco, surrateiras, doiradinhas, até marchetarem todo o immenso horisonte silencioso.

Esmoreciam os ultimos rumores e a natureza recahia na sua espessa materialidade, sob a mortalha espectral do luar. Só o Coura, que passava em baixo, orlado de renques de salgueiros e caniços, punha na doce paz d'aquella hora o continuo ruido arrastado da sua cachoeira, ao qual se reunia, a espaços, o sussurro da verdura tenra das arvores que ondulavam á viração.

Na placidez da tarde agonisante, os dois velhos haviam descido do lugarejo, vindo sentar-se em Mantellaes, n'um dos bancos da ponte sobre o rio.

Tinham passado os trabalhadores que recolhiam da villa, seguindo pela fita branca da estrada, que se alonga até S. Pedro e serpeja entre campos de milho, hortas, pomares, pinheiraes. E já o Rôdo, batendo espancadamente com os tamancos no chão duro, atravessára para o casalejo proximo, mais a vacca e as cabras, umas e outras a chocalharem campainhas falhas e a espalharem um cheiro nauseabundo.

A sós, lado a lado, as cabeças quasi a confundirem-se, n'um amontoamento de fios da côr-da-neve, elle e ella largo tempo estiveram calados, n'uma concentração imperturbavel.

Os olhos da velha, que então dirieis immoveis como olhos de vidro que lhe collocassem nas orbitas, fixavam-se longe, na grimpa do altivo campanario da freguezia, penetravam na pequenina egreja onde ficaram dormindo alguns dos seus, depois de ali se casarem e baptisarem os filhos, onde o Joaquim a «recebêra»,—ella feitinha, sem nenhum attractivo, sem palmo de terra, sem oiro para o peito, nem ao menos roupas como as outras, e elle um bonito camponio, valente e folião, videiro e comprando, cada S. Miguel, as suas courellas. E resurgiam-lhe na memoria, claros, precisos, com uma enorme nitidez, os domingos remotissimos em que o lobrigára no Livramento, á espera de a vêr romper em frente, sahida da missa e de volta para casa, a dar o almoço ao padrasto céguinho e a arrecadar as esmolas que os mais condoidos lhes iam levar.

O padrasto! O querido céguinho!

Continua

C.M.B Biblioteca

Anno I.° Barcellos, 1 de Março de 1907 N.° 1

A LUZ DO CAIXEIRO

REVISTA MENSAL DE CAIXEIROS, DOUTRINARIA, LITTERARIA E DE CRITICA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Séde da Associação dos Empregados do Commercio

EDITOR RESPONSAVEL
Fernando Monteiro

Collaboradores: — Alberto Guimarães, Alexandre Teixeira Pinto, Annibal Martins, Armando Almendra, Francisco Costa, Francisco Guimarães, Jacques Nunes, Maria Prado, Raul Guimarães, e outros.

Typographia Minerva—Famalicão

SUMMARIO: — Chronica, *J. F.* — Joaquim José d'Araujo, *F. G.* — O homem caixeiro, *Maria Pardo.* — Extractos e Pensamentos. — A fallencia de um argumento, *Lucio Pinto.* — Adeus final (versos), *João de Deus.* — Primeiras linhas, *Alexandre.* — Duas palavras, *A. G.* — Orações do Amor (versos), *Antonio Fogaça.* — Asylo da Escola Agricola. — Esclarecendo. — Descanso semanal. — Considerações, *A. A.* — Espediente.

Chronica

ARCHIVO DO MOVIMENTO CAIXEIRAL

Está resolvido satisfactoriamente um dos problemas que mais interessaram a classe durante estes ultimos vinte annos decorridos — o projecto de lei sobre o descanso semanal. Não póde ser apreciada devidamente essa lei sem estar em execução. Por emquanto vamos, pois, entretendo a imaginação sobre trabalhos futuros, que é necessario iniciar, e que são tão imprescindiveis como a lei que agora acaba de ser approvada no parlamento nacional. Não terminou a lucta. De novo temos que embrenharnos em trabalhos de mais largo alcance social. Impõe-se a necessidade de reorganisar o nosso mau estado collectivo; de fundar associações e grupos de caixeiros nas terras onde actualmente não existem; regularisar convencionalmente e por meio de propaganda activa, o ingresso de marçanos e empregados engravatados externos, nos estabelecimentos commerciaes; dar ás associações de classe e grupos legalmente constituidos, a faculdade de resolver litigios, embora por meios suasorios, entre patrões e caixeiros; acabar, finalmente, adoptando qualquer processo viavel e prático, com o pessimo systema perfilhado por diversas firmas commerciaes, especialmente nas provincias, de negarem ao pessoal o conhecimento do ordenado que lhe destinam. Ha uma grande série de medidas uteis que é urgente resolver. Não devemos ficar entoando louvores á regalia adquirida, nem nos deixar dominar pela indolencia physica ou inercia mental. O primeiro passo está dado; e, tomado o primeiro reducto, não será difficil continuar a marcha, seguindo audaciosamente. Está provado que sem manifestarmos opiniões politicas e sem organisar mesmo um recenseamento eleitoral meticuloso, que nos faculte o direito de voto, nada se conseguirá sem infinitos sacrificios e humilhações que não dignificam o nosso brio de homens. Da situação actual podemos colhêr optimos fructos. Dividida a politica, como está, em pequenos grupos, degladiando-se e rivalisando na apresentação de projectos de beneficio publico, nós podemos, em vez de implorar humildemente, impôr o nosso valor collectivo, não diremos como uma arma de ameaça, mas como um conjuncto de energias civicas que alguma cousa pezarão na balança da politica interna.

*

Estranho a todas as facções politicas o nosso jornal indica alvitres mas não aconselha que os nossos prezados leitores e collegas se filiem n'este ou n'aquelle grupo. Para a consummação, porém, das conducentes medidas que precisamos adquirir é preciso que se unam todas as vontades, todas as energias, todos os pensares.

Congressos e representações nada produzem; e nada produzem, infelizmente, porque a nossa classe não tem illustração sufficiente para avaliar e respeitar

2.ª Quinzena de Fevereiro | N.º 1 | 1.º Anno—1909

BARCELLOS REVISTA

Patriotica, Sportiva e Recreativa

LARCHER MARÇAL
Director

Proprietario-Administrador=A. CARDOSO
Redacção e administração — R. D. ANTONIO BARROSO, 22

ASSIGNATURAS

Barcellos, série de 2 numeros—100 réis ; Fóra de Barcellos, série de 12 numeros — 700 réis ; Numero avulso—50 réis.

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

Typographia Minerva—Rua de Santo Antonio
FAMALICÃO

Duas palavras

Ao publicarmos esta folha illustrada, alegra-nos o espirito a ideia, que a publicacão de qualquer jornal, representa sempre mais um passo dado pela imprensa na senda do progresso.

Está perfeitamente demonstrado, o papel civilisador, educativo e instructivo da imprensa; pois é pelo seu systema e orientação, que no momento actual, se póde conhecer o estado civilisador e progressivo de um povo.

Temos um exemplo bem frisante no Japão, onde ainda ha trinta annos existiam só duas ou tres folhas, mal impressas e redigidas, e consequentemente os grandes elementos civilisadores eram ahi mal recebidos. São decorridos annos, o Japão conta hoje milhares de publicações de todos os generos, e dá lições aos povos occidentaes.

A China começa agora a alvorecer, a imprensa está ainda no estado embrionario, resumindo-se a algumas folhas de ideias bastante avançadas; mas que já tem dado os effeitos que de perto conhecemos.

N'esta ordem de ideias saudamos a imprensa em geral e em particular a imprensa local.

Declaramos desde já que nos não levam ideias politicas de nenhuma especie; somos perfeitamente independentes, desejamos o bem estar e os progressos de Barcellos, como os seus mais dedicados filhos.

Estão fóra do alcance d'esta *Revista* todas as questões pessoaes, seguindo nós á risca, o nosso programma scientifico, recreativo e sportivo; contando para isso em uma collaboração quasi genuinamente barcellense e que muito nos honra.

A Redacção.

NOTAS Á PRESSA

A falsificação

Tenho deante de mim uma torre Eiffel de diccionarios, desde o velho Moraes até o moderno Candido de Figueiredo. Folheio-os e torno a folhea-los; busco e rebusco, e nada de descobrir o termo de que preciso.

E todavia não trato de escrever uma carta adocicada e enfeitiçante a qualquer menina com papá rico. Todo este trabalho tem por fim, muito simplesmente, fazer justiça a um homem que sabe pegar na penna, fazendo boa prosa e produ indo boa poesia.

Vou chamar-lhe *distincto* escriptor mas lembro-me de que as gazetas já brindaram com este adjectivo um pateta que deu á grammatica mais torturas do que os judeus a Christo. Occorre-me a qualifical-o de *inspirado* poeta mas vem-me á memoria que este adjectivo já enfeitou o auctor dos *Suluços Astraes*, deshonra da letra redonda, que um menino tombado do morno regaço da ama se atreveu a apresentar como verso, quando nem como prosa deixaria de merecer palmatoria.

Resolvo ainda uma vez a adjectiva-

Despertar!

Francisco Guimarães
DIRECTOR

Propriedade da EMPREZA DO DESPERTAR

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Campo de D. Carlos I n.º 26—Barcellos

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
Typ. Minerva — Rua de Santo António
FAMALICÃO

Pela verdade, pela justiça, pela liberdade

N.º 1.º—Março de 1909—1.º anno.

BIBLIOTECA
Nº.....

Despertar!

DESPERTAR! jornal que se não envolverá na lucta das personalidades, estando sempre alheio á politica.

Era necessario haver um jornal com esta divisa, que nos fallasse de questões sociaes, que estão muito acima da politica.

Sim!

Em Portugal é onde se exhibem as mais degradantes scenas d'uma politica reles e infame, onde se envolvem homens de talento, disputando sem programma e sem respeito pelos ideaes modernos e pela evolucção do tempo, a posse do Estado.

Tornava-se urgente levantar um grito de protesto, levantar uma campanha sem tréguas, luctar tenazmente, não nos deixando amedrontar com ameaças de senhores que possuem riquezas e privilegios, contra essa corja infame de jesuitas, que tão necessario se torna extinguir.

E' urgente lançar o grito de alarme, para despertar aquelles que estão dormindo.

E' preciso pôr álerta aquelles que se acham entorpecidos.

E' necessario tocar a unir fileiras da grande familia liberal, para que todos esses elementos dispersos acordem e venham luctar pela Verdade, pela Justiça e pela Liberdade.

De fronte erguida, faremos, n'este jornalsinho, quanto as nossas forças o permittam, uma guerra ao jesuitismo, a essa *troupe* exploradora, de insupportaveis instinctos de que Portugal está invadido! Iremos accender odios, iremos crear obstaculos, mas não importa se o **caminho é para frente**, como disse Ch. Marx.

A' imprensa

O «Despertar!» ao dar entrada no campo glorioso da Imprensa, cumpre o dever, como recem vindo, de saudar todos que mourejam nas lides jornalisticas.

Cumprindo as costumadas praxes enviamos um exemplar do «Despertar!» aos jornaes de que temos conhecimento, esperando assim a respectiva permuta.

A redacção.

Trechos escolhidos

A fonte de todos os males do povo está n'essa falsa doutrina que lhe ensinam com o nome de christianismo.

Parece por isso evidente que o dever de todo o homem emancipado do engano e que quer servir o povo, consiste em auxiliar, por palavras e obras, os homens enganados a libertarem-se do engano e causa da sua desgraçada situação. Todo o homem que se diga puro de consciencia, não só tem de cumprir o seu dever geral de apontar a mentira e professar a verdade que conhece, como tambem, por compaixão, será forçosamente levado a libertar os seus irmãos do engano em que estão e que é a causa de todo o genero de males.

E não obstante, esses mesmos homens, livres do engano, independentes e instruidos graças ao dinheiro do povo trabalhador, e por esta razão obrigado a servil-os, não comprehendem o seu dever.

TOLSTOI.

FERNANDO MIRANDA
Proprietario e director

Redacção, Administração,
Composição e Impressão
Centro de Novidades
Rua D. Antonio Barroso
BARCELLOS

Propaganda Litteraria

Revista - reclamo do CENTRO DE NOVIDADES

Publicação mensal — Distribuição gratuita

1.º Anno — Barcellos, março de 1909 — N.º 1

Aos leitores

No jornal «Centro de Novidades», orgão de propaganda do nosso estabelecimento, temos feito o reclamo d'algumas obras litterarias; mas, porque precisamos de annunciar sempre a grande variedade de artigos que expomos á venda, não podemos fazer ahi uma propaganda larga da nossa livraria e agencia de publicações, até porque — estando o «Centro de Novidades» em relações directas com as mais importantes livrarias e casas editoras e sendo grande, como é, o movimento litterario do nosso paiz — recebemos, quasi diariamente, livros novos, revistas, tomos e fasciculos de obras para assignaturas, etc., sendo-nos impossivel fazer os reclamos de tudo.

Resolvemos, portanto, publicar esta revista mensal destinada unicamente á propaganda da nossa livraria.

Nesta revista faremos, pois, o reclamo de todas as novidades litterarias que forem apparecendo no mercado e chegarem á nossa livraria, bem como de todas as obras que nesta se encontrem á venda. Tambem faremos a propaganda das obras para que esteja aberta a assignatura e — quando as emprezas editoras assim o desejem — distribuiremos conjuntamente com esta revista os reclamos de qualquer publicação nova.

Emfim, faremos uma propaganda activa e persistente, abrindo na nossa revista as secções que julguemos uteis e desenvolvendo-as tanto quanto possivel.

A **Propaganda Litteraria** sahirá uma vez em cada mez e o seu formato ampliar-se-ha logo que o julguemos conveniente.

Será distribuida gratuitamente, nada tendo, portanto, a pagar quem a receber. Aos nossos presados leitores e clientes apenas pedimos, como recompensa, a leitura da

O Sardão

Director e Proprietario

Domingos Sousa de Mello

Typographia e officinas de impressão.

Typ. Minerva — FAMALICÃO

Publica-se nos dias 1 e 15 de cada mez

FOLHA COM ASPIRAÇÕES A HUMORISTICA

Redactores: *Riffenho, Pepino, Caetano, Fabião, Cagalhufas e Nabuco*

C. M. BARCELLOS BIBLIOTECA Nº .....

Anno I | Barcellos, 15 de Dezembro de 1909 | N.º 1

"O Sardão"



AE hoje á luz da publicidade, com o epigrammatico rótulo d'*O Sardão*, o nosso jornal, que vem alistar-se nas picantes phalanges do jornalismo humoristico.

Era indispensavel, no nosso picaresco meio, a publicação de um jornal com a feição como a que se propõe a adoptar *O Sardão*.

Sem melindrar e ferir susceptibilidades, troçará a valer os casos e os ridiculos que entre nós se forem dando.

Commentará os episodios prudentemente e com graça, de molde a contentar todos os paladares. Será um *sardão* que os papás poderão, sem embargo, deixar introduzir na virginal alcova de suas filhas, porque *este* não sobe pelas pernas e falla como um *jesuita*. Produzirá vivas cocegas de riso com as suas piadas e amenisará com poesias bombasticas e grotescas. Com este programma nos lançamos á arida e ingrata carreira do jornalismo, esperando que todos nos recebam de braços abertos e sorriso nos labios.

E' a nossa maior satisfação.

Julgamos, por esta fórma, prestar ao *sisudo* e respeitavel leitor e *parallelamente* á timida e graciosa leitora, a prova mais completa da nossa requintada consideração, preenchendo, com a publicação d'*O Sardão*, a *enorme* lacuna que entre nós tanto sentir se fazia.

Resta-nos exclusivamente, como dever restricto de solidariedade e costumada *cortezia*, apresentar aos *manos* mais velhos na imprensa, um affectuoso *aperto de mão*

E, com isto, nada mais temos a dizer.

A Redacção

Barcellos de noite

E' á hora em que os burguezes pacatos se recolhem a casa, para tomarem a sua chavena de chá, preto ou verde, conforme o paladar, com acompanhamento das tradiccionaes torradinhas com manteiga que se deve analysar Barcellos.

E' a essa hora que elle, como nas grandes cidades e nas pequenas aldeias, onde haja uma botica em que se juntem á noite o abbade, o mestre-escola e as mais entidades da freguezia, começa o cavaco animado e se entrega aos poucos divertimentos que se offerecem.

Comecemos a analysar, apesar da noite estar frigididissima.

Aqui, de dentro de uma porta, por cima da qual se vê pendurado um ramo de loureiro, ouve-se gritar uma voz roufenha pelas muitas libações soffridas, alguns numeros, como 27, 69 etc. E' o quino. E' alli, n'aquella tasca que os artistas depois das fadigas do trabalho, se juntam á noite para gastar o seu ultimo vintem, em vinho e em cigarros, para lucrar quem?—o dono da lucanda, o maior manhoso que Deus ao mundo deitou: o Zé da Mãe.

Seguindo para cima, no Café do Theatro, um grupo de parceiros, em que se destaca um robusto sacerdote, joga enthusiasticamente o solo, ao passo que ao lado, muito debruçados n'uma meza o David dos Lampeões e o Faria Velho jogam pacatamente a sua partidinha de dominó para matar o tempo.

Dobremos a esquina e entremos na Rua Direita

Na Loja do Povo, estão reunidos em conciliabulo secreto alguns dos muitos jornalistas nova tos cá da terra que agora por ahi abundam que nem tremoços.

A' porta o João Castro a palrar com uns amigos faz trajeitos que fariam inveja a um orador de lei; dentro o Marçal com o Joaquim Mattos discute qual o melhor adubo para a plantação da cebola; encostado ao balcão, confiando o bigode, que infelizmente devido á sua extrema pequenez se mostra revolto a seguir o caminho que seu dono lhe quer dar, o Thomazinho da Conservatoria espera impaciente que o sr. Souza lhe venha tomar a lição de escripturação commercial.

Eis-nos agora a meio da rua, em frente á viella do *Bento Sapateiro*.

Na sua loja, o Pinto, dorme muito embrulhado na inseparavel capa á hespanhola, recostado a um sacco de odorifero bacalhau, descançando das fadigas diurnas.

E' no *Café Mattos*, no café da Moda, resplandecente de luz, aonde se junta a élite Barcellense para ouvir, acompanhado de um cafesinho no inverno, ou de uma cerveja no verão, alguns trechos de musica *inedita*, pelo magistral piannista.

Mas, quem mais tarde lhe passar á porta, isso é que é desgraça, e por entre o tellintar dos crystaes o saltar estrondoso das rolhas das garrafas dos vinhos espumantes, ouvirá uma voz, respondendo a numero que o Martellinho acaba proferir: *Já quinei!...*

E' o quino outra vez! E' o desgraçado jogo, em que se consente que creanças tomem parte e em que alguns miseraveis paes de familia, sem ter com que amanhã mitigar a fome de seus filhos, alli vão arriscar o seu vintem esperando que venha a fortuna, como ainda ha ponco havia quem esperasse a chegada do Rei D. Sebastião n'uma manhã de nevoeiro!...

Mais acima do outro lado, na Tabacaria do Zé dos Beiraes joga-se a *sueca* no meio da maior galhofa

Espreitemos pelos vidros e vejamos o que se passa dentro.

A uma meza forrada de panno verde estão assentados, um official do exercito, um sacerdote, um escrivão e um medico.

Na occasião esfusiavam as gargalhadas e as chufas sobre o medico, que muito vermelho, tenta sorrir mostrando cara alegre. Estava arrolhado. Immediatamente um procurador de justiça barata irrompe pela porta fóra, para estourar commemorando o feito, com verdadeira febre anarchista, algumas bombas de 10 réis.

E o Souza e Silva muito recostado no seu canto, exclama rindo pachorrentamente: Basta! Gasto d'isto.

Sigamos! Adiante o Portella Pae enfeita a capricho a sua *elegante* vitrine pondo em exposição um grande sortimento de *gaiolas para grillos*, que acabam de chegar, a ultima novidade no genero.

Eil-os ahi estão agora, um quasi em frente do outro, os dois irreconciliaveis inimigos: O Nicho e a Sinagoga.

N'este o Albino com a sua voz bribante e cheia de encantos faz a apologia do seu inolvidavel amigo sr. «Beca».

N'aquelle, um numeroso grupo, discute acaloradamente a forma de obter grande quantidade de dinheiro para a obra da nossa *misericórdia*.

Deixe-mo-l'os em paz e passemos a Calçada. Chegam-nos aos ouvidos os sons harmoniosos de um instrumento habilmente tocado.

Quem será? perguntei—E' o snr. Guedes—diz-me do lado o João Candido que, vindo da Bagoeira, estava tambem parado a ouvir; e na verdade era elle entretendo-se a tirar da sua rebeca sons *doces*, como *doces* são as queijadinhas expostas á venda no seu estabelecimento.

Agora d'aqui para deante apenas ha a notar a fraca luz dos lampeões, que reflectindo-se nas trevas, ainda fazem lembrar a antiga illuminação a graxa. Imaginem!

Até o pobre do Nunes, ao regressar da Escola Agricola, precisa de se fazer acompanhar de um acolyto empunhando um gazometro de luz viva e brilhante, recordando-nos os tempos idos em que os fidalgos ao sahirem de qualquer bailarico se faziam preceder de lacaios com vistosas librés e empunhando lanternas de prata, Mas n'ess tempo não havia illuminação publica!

Já veem caros leitores, pela amostra que aqui deixamos, que ainda vale a pena, a pezar das noites frigidissimas que estão, dar uma volta pela villa á hora em que ella embalada pelas crystallinas aguas do Cavado, encaixa o barrete de dormir preparando-se para adormecer!...

24—XI—909.

Fabião.

MAGUAS...

Na vida não vejo nada
Que me disperte attenção;
Só vejo a meiga fada
A quem dei o coração.

Caetano.

Previsão do tempo

Afim de elucidarmos os nossos leitores, acerca das diversas *modificações* e *irregularidades do tempo*, resolvemos inserir em «O Sardão» uma secção especial com a epigraphe acima.

Segundo os dados obtidos, pelo conhecido *astrologo* snr. Baião, o tempo da seguinte quinzena será como segue:

De 15 para 16, um pequeno nucleo de forças perturbadoras se formará no *tasco* do snr. Souza,

Barcellos-Moderno

Director e proprietario
Barbosa Torres

Publicação Mensal

N.º 1 – Março de 1910 – 1.º ANNO

"Barcellos-Moderno"



APPARECE, pela primeira vez, á luz da publicidade, o jornalsinho *Barcellos-Moderno.*

Aos primeiros alvores d'uma candida aurora, em que tudo se esparge cheio de jubilo, crença, satisfação e graça, elle surge.

Pouco depois d'um trabalho constante e d'um luctar tão difficil, principia a publicar-se.

Vem filiar-se nas picantes lidas jornalisticas, unicamente *pela mocidade e pela nossa risonha terra.*

Ávante! porque não existem movimentos mais gratos, mais sublimes e mais dedicados do que os da mocidade.

Defenderá a formosa e encantadora princeza do Cavado, porque foi nella que pronunciamos as nossas primeiras palavras, aonde vimos pela primeira vez o rutilar do sol e porque foi ainda nesse mesmo fragamento de terra, que projectamos os nossos primeiros sonhos dourados e sentimos as nossas primeiras maguas.

Ávante! pela mocidade barcellense!

Será esta a resposta que, com todo o prazer, diremos áquelles que nos imputam as nossas faltas e os poucos recursos de que dispomos.

Faltos d'intelligencia mas cheios de boa vontade, havemos de seguir á risca o nosso designio.

Finalmente, descobre-se o *Barcellos-Moderno*, para saudar, com uma sympathica manifestação de grande alegria, os seus dedicados leitores e os collegas da Imprensa.

A Redacção

Mocidade

ESTA palavra, já por si tão dôce e tão vibrante, tem o quer que seja de maleavel e ephemero que faz lembrar uma rajada que passa, ou um sonho que se esvae! ...

E' sublime na concepção e na fórma; é subtil na cadencia.

Para os velhos, tem a lembrança d'uma época de heroismo, em que o coração déra a grande batalha no campo do amor e, se nem sempre sahiram victoriosos, ganharam no entanto umas medalhas de conquistador ...

Elles, os velhos, falam com saudade dos tempos que passaram na mocidade; e, se nem sempre nos dizem com as lagrimas nos olhos, *os tempos que lá vão e que não voltam mais*, não deixam no emtanto de suspirar, num murmurio intimo e profundo, esse dôce sentimento d'outr'ora, que consubstanciava o espirito no coração e o coração no amôr! ...

A mocidade, é a época da vida em que se vive cantando num sorriso alegre e desprendido e num enlevo d'alma sonhadora!

Mal sabe comprehender aquelle que a possue, o quanto ella é de inegualavel.

E nós, temos na primavera um exemplo frisantissimo do que é a mocidade.

As plantas, as flores, os campos cobertos de verdura, os rios deslisando numa suavidade intensa, a brisa bafejando numa ternura inefavel, o cantico da ave e o soluçar da fonte, tudo conjugado no mesmo sentimento tudo reunido no mesmo arfar evidencia-nos a mocidade como todas as suas delicias e com todos os seus encantos.

1.º ANNO Barcellos, agosto de 1910 N.º 1

♣ O CENTRO ♣

Director e proprietario:
FERNANDO MIRANDA

PUBLICAÇÃO MENSAL E GRATUITA
Brinde do "Centro de Novidades,,

Redacção e administração
Comp. e Imp.
CENTRO DE NOVIDADES--BARCELLOS

LUCTANDO

O «Centro» e a lucta eleitoral. — A nossa attitude. — Programma. — A verdadeira missão do «Centro.

Todo o mundo politico se agita, todos os partidos luctam desesperadamente, doidamente.

Eleições, eleições! — eis o grito de guerra que irrompe de toda a parte, eis o assumpto que mais preoccupa o governo e a nação.

Os *cambios* politicos oscillam diariamente, soffrem altas e baixas importantes, conforme sobem ou descem os fundos de cada partido.

Annunciam-se coisas espantosas, impossiveis, inacreditaveis e certos phenomenos que em politica são sempre provaveis, pelo que não devem passar de factos vulgares.

Todos os partidos esperam vencer.

Votos, votos, muitos votos! —eis o que todos os politicos desejam nesta occasião.

Os influentes valem este mundo e o outro, são os homens da situação, recebem cartas, abraços, elogios, presentes e fazem-se-lhe promessas e concessões.

Tarefa ingloria, a dos partidos, seja qual fôr o resultado final.

A' urna! — bradam elles, delirantes de enthusiasmo e cegos de paixão.

Pois bem, seja tudo assim, mas nós vamos intervir na lucta.

Queremos luctar heroicamente, nobremente.

Ninguem nos demoverá do nosso intento, porque a nossa resolução é inabalavel.

Temos certa a victoria — affirmamol-o, juramol-o.

Ninguem ousará defrontar-se comnosco.

Mas, porque precisamos de ter voz na imprensa, que secunde os nossos esforços, resolvemos fundar este jornal e nelle fazermos uma propaganda activa e bem orientada, occupando-nos de todos os assumptos, que se nos affigurem de interesse.

O *Centro* tem, pois, uma missão delicada a cumprir. Apparecendo numa epocha de lucta—lucta renhida, violenta, cujos resultados não são faceis de prever--entra no combate resolutamente, decididamente. Sem esmorecimentos nem arrogancias, indifferente mesmo a todas as manobras do *inimigo*, até porque nada receia, caminhará serenamente, sem impaciencias nem hesitações.

O *Centro* tem pelo seu lado uma legião enorme de *adeptos*. Em numero e qualidade não teme confrontos.

Regeneradores, progressistas, nacionalistas, franquistas, dissidentes, republicanos e independentes, na sua grande maioria, estão com o *Centro*.

Falta conseguir a adhesão dos restantes e firmar melhor as crenças d'aquelles, para que a victoria seja completa e unica.

O *Centro* tem certo o triumpho, ninguem o duvide; em todo o caso precisa de trabalhar afincadamente.

E porque temos de dizer quaes as nossas ideias, os nossos fins, seja-nos licito apresentar, desde já, o nosso programma, embora resumidamente, porque o espaço nos escasseia.

O *Centro* é um jornal-reclamo do *Centro de Novidades* e constitue um brinde que será distribuido gratuitamente pelos ex.mos freguezes d'esse estabelecimento. Continuará com a propaganda encetada pelo *Centro de Novidades,* jornal cuja publicação cessou ha pouco mais d'um anno, mas seguirá orientação differente. Fará um réclamo moderno, que prenda a attenção do leitor, versando assumptos que despertem a curiosidade ou que sejam de palpitante actualidade, tornando agradavel a leitura e impressionante o annuncio.

Já pela sua originalidade, já pelo seu feitio alegre, o *Centro* hade conquistar a sympathia do publico e é isso ao que nós aspiramos, até para que a nossa annunciada *victoria* dê os melhores resultados.

º ANNO 1910 BARCELLOS--QUINTA-FEIRA, 4 DE AGOSTO NUMERO 1

A JUSTIÇA

SEMANARIO REGENERADOR

C. M. B.
BIBLIOTECA

Publicações
nnuncios, por cada linha 30 rs. Repetições 20 rs. Propriedade e Empreza de *A Justiça*

DIRECTOR:—MANOEL BAPTISTA LOPES
Redacção e administração—Campo D. Luiz 1.º n.º 42

Comp. e Imp. na Typ. *Carvalho*—Barcellos
DISTRIBUIÇÃO GRATIS

ELEITORES:

Não acrediteis n'essas atoardas infamantes que veem, cynica e hypocritamente, estampadas nos jornaes da colligação.

Tudo aquillo é trapaça, blasphemia, perfidia, suborno, uma suprema mentira. Esses que pedem, em nome da patria e da religião, a guerra santa, são aquelles mesmos que, á sombra d'ella, praticam os maiores ultrages e commettem os maiores crimes.

Elles não querem religião, querem votos.

Elles não querem patria, querem reacção, despotismo, a derrocada do regimen, o imperio da injustiça e o arbitrio da lei.!!!!

APRESENTANDO-NOS

E' no momento solemne do perigo que melhor se avaliam as dedicações. Quando a causa por que pleiteia é alvo dos mais rudes ataques, soffre as mais duras invectivas, quem n'ella estiver por convicção, possuido da sua justiça e palpitante rasão, não póde deixar de sahir a campo em defesa do que constitue o seu credo, ainda que isso importe na mais ardua e afanosa tarefa.

Partidarios do actual governo, que temos pela mais alta e patriotica expressão politica, que tem vivido no presente reinado, com a mais acendrada fé n'esse programma reindicador e progressivo que se propõe realisar, e com a maior confiança nos homens illustres que se commetteram a nobre missão de iniciar uma longa epoca de, prosperidade e socego n este nosso tão desventurado paiz; não podiamos ficar inertes ante a inaudita campanha de insidios que se lhe está movendo, permanecer indifferentes ante o fragor nefando de protervas atoardas e aleivosas diatribes com que, malevolamente, se procuram desvirtuar os rasgados e leaes propositos do gabinete, a que tão distinctamente preside essa notavel e prestigiosa figura de estadista eminente, que è o chefe querido e respeitabilissimo do glorioso partido regenerador, snr. Conselheiro Teixeira de Sousa.

Eis a rasão por que sahimos a campo em pleno periodo de lucta, erguendo bem alto o labaro augusto da justiça, para que sempre nos anime no ardor da peleja e a todos mostre o acampamento verdadeiro dos fieis representantes do velho agrupamento que, sob o commando do actual denodado chefe, ha de contar novos dias da immarcessivel gloria, que ainda hoje resplende, pujantissima, nos seus luminosos fastos.

Pelo partido regenerador entramos na lucta, pelo governo que legitimamente o representa apparecemos na arena do jornalismo, decididos a todo o esforço, sem receios de desfallecimentos que nos façam succumbir.

O nosso lemma é: Para a frente! Não delinearemos programma, porque elle se deprehende, claro e nitido, do titulo que usamos e porque a hora agitada em que agimos já de si representa a attitude de que havemos de manter, sem tergiversações ou quebrantos.

A nossa penna será um gladio de justiça, de lamina cortante e implacavel, sim, mas que jámais será brandido com traição.

Ha de ser rechassado o inimigo pelo valor intemerato da intrepida coragem de que vimos animados, mas nunca affrontaremos as boas normas da lealdade, da justiça e da verdade.

Eis como apparecemos: verdadeiros soldados em tempo de guerra.

Assim nos sentimos e assim nos apresentamos.

O CLERO E O ESTADO

Uma lamentavel desorientação lavra nas classes preponderantes; porem, aquella que mais se salienta n'este momento e que bem pode dar logar a graves acontecimentos, é, a do clero, onde mais se sente a nuvem plumbea, carregada de electricidade. Essa nobre classe, sempre tão ciosa em manter nos rebanhos que lhe são confiados as puras crenças da nossa santa religião, pondo-a ao abrigo de paixões de qualquer ordem para só ver e attender aos salutares principios da Egreja, aconselhando todos ao respeito devido á lei e aos poderes constituidos como principio fundamental d'uma sociedade civilisada, progressiva e bem dirigida; essa classe, diziamos, vai infelizmente enfermando a pontos de causar fundados receios.

São bem conhecidas as causas determinantes d'esse mal estar que o sabio Leão XIII conseguiu, com mão firme, reprimir, mas que infelizmente Pio X não poude ainda vencer.

E assim è que o triste exemplo da França nos apparece em côres escuras e, já agora, a patria de Cervantes, de correria para o abysmo.

Entre a Egreja e os Estados ha um fio de união chamado concordata que mantem o equilibrio das suas relações.

Nem a Egreja pode ou deve ceder alguns dos seus direitos, nem o Estado póde consentir que qualquer dos termos concordatarios sejam esquecidos ou sophismados por qualquer entidade seja qual for a sua cathegoria.

Entre a Egreja e o Estado ha tratados, para de parte a parte serem respeitados e seguidos.

O clero, como guia das consciencias trilhando sempre pelo caminho da virtude e da verdade, é o elemento com que em todos os tempos se contou como respeitador da paz e da ordem, e para isso o Estado lhe garante os seus direitos e o respeito ao seu alto mister.

Até aqui, o clero, no gozo das suas regalias de cidadão portuguez, podia livremente manifestar-se por este ou aquelle partido politico.

Veio a invenção nacionalista fomentada por um nuncio, e ahi principiou a confusão e a desordem no espirito do nosso clero.

Emquanto o sabio e santo papa Leão XIII procurava livrar o clero d'uma determinada acção politica, dando-lhe plena liberdade de consciencia, o nacionalismo, fortemente impulsionado por molas occultas, abria larga fenda no arrebanho de adeptos.

Nos seminarios foram introduzidos elementos adquados a vencer o espirito dos rapazes que todos os annos se iam espalhando por essas parochias eivados da educação que nos seminarios recebiam e recebem.

Os prelados, contra a lei, foram abusando das prerogativas da Corôa, porque successivos governos timoratos ou desleixados toleraram o abuso sem verem o resultado proximo.

Os prelados, na sua maioria, deixaam-se acorrentar pelo trama e os nossos parochos, propositadamente educados para tal fim, na sua quasi totalida-

1.º ANNO 1910 BARCELLOS--QUINTA-FEIRA, 20 DE OUTUBRO NUMERO 1

ERA NOVA

PUBLICAÇÃO SEMANAL

Publicações
Annuncios, por cada linha 30 reis, repetição 10 reis. Propriedade da Empreza da *Era Nova*

DIRECTOR:—ANTONIO ALBINO MARQUES D'AZEVEDO
Redacção e administração—Rua S. Francisco N.º 83

Comp. e Imp. na Typ. *Celtis*—Barcellos
Assignaturas—Trimestre (correio) 300—Semestre 720 Anno 1$40—Numero avulso 10 reis

PELA PATRIA! PELA REPUBLICA!

Eis a nossa divisa. N'ella synthetisamos todo o nosso programma e pela sua execução trabalharemos, sempre, com enthusiasmo e fé.

A PATRIA é a paixão delirante da nossa alma. A REPUBLICA é a ressurreição do civismos da grandeza moral do nosso povo. E' garantia de prosperidade e progresso, é expressão de governo que melhor póde realisar ideaes avançados, por que desde muito pleiteamos.

Pela PATRIA e pela REPUBLICA, pois, cooperando na educação popular e na pacificação e engrandecimento d'esta gloriosa familia de heroes, que acaba de dar ao mundo mais um sublime exemplo do grande valor da sua raça.

Pelo PATRIA e pela REPUBLICA! Nada mais carecemos de expôr ou detalhar. N'esse lemma simples, mas bem expressivo, está concretisada toda a tarefa que nos propomos. Damos, pois, por feita a nossa apresentação, saudando n'um grande brado de fraternisação o publico, comquem viveremos e o imprensa em cujo campo desde hoje nos enfileiramos.

PAZ E VIGILANCIA VIVA A REPUBLICA!

A essa depressão moral doentia e acabrunhadora dos espiritos, sustentada pela corrupção monarchica, succedeu como em mutação de scena magica o sol esplendoroso da Liberdade, banhando de sua luz fecundica, tanto os pincaros escarpados dos montes, como as gottas scyntillantes das ondas do oceano.

Viva a Republica Portugueza!

Eis o grito que echoa frenetico, electrisante, de um a outro extremo do Paiz!

Ninguem diria ha tres semanas apenas, que tão depressa se havia de sair do lodaçal nauseante e nefasto de um regimen criminoso para a aspiração suprema da Liberdade, da Egualdade e Fraternidade!

Este é o facto.

A Republica vae-se erguendo nos seus caracteristicos lineamentos, a principio vaporosos, depois ganhando corpo e forma; espalhando beneficios e erguendo inclemente a espada da justiça.

Bemvinda sejas tu, ó esperança nossa!

Estavamos tão decaidos, tão rasteiros aos olhos estranhos, que mais pareciamos um povo morto, envelhecido, que os descendentes dos epicos heroes que assignalavam as suas façanhas nas cinco partes do mundo.

Em Barcellos foi fremente de enthusiasmo a proclamação da Republica.

Todas as almas generosas e liberaes confraternisaram em patriotica solidariedade.

Assim pode-se affoutamente dizer que não caiu improductiva n'esta velha e bellissima terra a semente espalhada a mãos largas pelo "Club Democratico Barcellense„, ideia altruista e luminosa, nimbada n'essa rua que tem hoje o nome—D AntonioBarroso—no dia 1.º de dezembro de 1883.

Consignemos aqui, na mais piedosa e saudosa recordação, os nomes inolvidaveis dos fallecidos socios d'aquelle "Club„ Manoel Francisco de Sousa Vianna, padre Antonio José Monteiro deLima, Luiz da Silva Vieira, dr. Gregorio Carneiro da Fonseca, Manoel José de Miranda, Francisco Marinho, Luiz Vieira de Sousa Coutinho e alguns outros que se nos apagam da memoria.

Estes verdadeiros filhos de Barcellos pagaram á morte, commo lei inevitavel, o tributo da vida; mas não capitularam.

Dos vivos ha um que desejavamos memorar aqui, porque foi a alma positiva e intelligente de todo o nosso esforço, todavia não ousamos contrariar o seu proposito d'isolamento.

O "Club Democratico Barcellense„ foi encerrado em fevereiro de 1891 por alvará enviado do Governador Civil de Braga, documento que possuimos.

Desde o "31 de janeiro„ a sanha dos governos da monarchia contra os elementos republicanos foi augmentando progressivamente, adquirindo com o franquismo e por ultimo com o bloco reaccionario a ferocidade do odio selvagem.

Todos os republicanos, desde o de posição mais elevada até o de mais humilde collocação social, eram apontados na imprensa da grei como ladrões, bandoleiros, deshonrados, indignos do convivio humano.

Homens d'*elite*, homens do *sport*, só os que tinham ligações intimas com os heroes dos adeantamentos, com os Hinton, com os do Credito Predial.

Os nossos leitores para verificarem a referida affirmação bastar-lhes-ha lançarem mão e lêrem os seus jornaes de ha um mez apenas.

. . . . . .

Mas passemos uma esponja, bem molhada em liquido dissolvente, sobre todos esses miseraveis pygmeus e agora erguemos todos—todos,—no mais intimo recordo, a sacrosanta bandeira da Republica e trabalhemos denodadamente pela felicidade da Patria, que ha-de voltar a ter a maior consideração do mundo.

Tratemos a Republica como o amor, o carinho da filha mais predilecta, porque vem aureolada da Liberdade e só esta nos pode fazer marchar seguramente na senda do progresso.

Todavia, trabalhando nós em multiplos e complexos problemas de regeneração nacional, nunca nos devemos esquecer da defesa da instituição nascente.

O venerando e immortal francez Victor Hugo, cujo nome é repetido profusamente e com a maxima admiração entre todos os povos civilisados, contas-nos, na sua "Historia de um Crime„, que o Coronel Charras, um leal republicano da "Revolução de 48„ depois de varias desconfianças e indecisões, tinha despejado as pistolas.

Por muito que suspeitasse do presidente Bonaparte, chegou-se a convencer que o que mais tarde se chamou Napoleão 3.º não teria a deslealdade, não commetteria a traição do *golpe de estado*.

Infelizmente o dia 2 de dezembro de 1852 veio depressa e o miseravel, que depois capitulou covardemente em Sedan, não trepidou em supprimir a republica de que era presidente para se proclamar imperador dos francezes.

. . . . . .

Barcellenses, não limitemos á nossa terra o nosso apello; portuguezes, a Republica está consolidada, mas nunca fiando, n'um deslisar criminoso.

A raça dos traidores, jámais se extinguiu em Portugal.

O proprio e glorioso epico o manifestou nos Lusiadas:

«Tambem dos portuguezes.

Salvé, Republica

Povo, soltae das tubas sonorosas.
Os hymnos triumphaes d'essa alegria
Que torna as almas puras e ditosas
Na justa e santa ideia que as movia.

Saudae, após as noites tormentosas,
O madrugar gentil d'um novo dia,
A vida luz, as vagas calorosas,
Conquistaram a carta d'alforria!

Amae-vos uns aos outros, com verdade;
Sede justos e bons, sem altivez;
O odio despresae e a iniquidade.

E, assim, oh! Portugal, mais uma vez,
O mundo saberá que a Liberdade
Honra será do povo portuguez!

ARNALDO BRAZ

Barcellos,—15—10—910.

O RADICAL

N.º 1 ANO I

Quarta-feira, 2 de Novembro de 1910

REDAÇÃO e ADMINISTRAÇÃO — Campo da Liberdade n.º 20
BARCELOS

SEMANARIO EXTRA-PARTIDARIO

Comp. e imp.ª Tip. Universal R. das Oliveiras, 71 Porto

EDITOR
Antero Correia dos Santos

PROPRIETARIO e DIRETOR
António Ballazar

ADMINISTRADOR
Luiz Fonseca

Iniciando

Nos ignominiosos tempos da monarquia a Republica era, para os espiritos cultos e para os sinceramente liberaes, uma aspiração, um desejo ardente de melhores dias para a patria portuguêsa. Então, sem distinções de partidos numa massa amorfa de propositos e numa transitoria homogeneidade de vistas, todos compreendiam a necessidade de transformar o Portugal politico, mudando-lhe a sua fisionomia de aristocratica em popular, de autoritaria em tolerante.

Fez se a Republica — para uns estão satisfeitas as suas ambições; para outros o realizado foi o urgentissimo, o indispensavel; e estes exultam tambem porque o terreno de hoje é mais propicio á divulgação de ideias que elevem a Humanidade ao ultimo degrau da perfeição social.

Os primeiros julgam a Republica a era nova de venturas e progresso que ao homem dá o atingivel maximo da felicidade. São os conservadores da democracia, os que num dado momento historico hão-de maltratar, como perigosos, e abominar como herejes, os antigos companheiros de luta, então de mãos dadas para preparar o advento d'uma nova ideia — a exigida pelo pensar da epoca.

Os segundos, nós os fundadores deste semanario vemos apenas na implantação do recente regimen a evidente prova de que a Humanidade avança e não pára sem se elevar ao apogeu da perfétividade. Somos os radicaes da Republica, os que por enquanto lhe emprestamos o nosso melhor auxilio sem abdicarmos dos nossos ideaes, e tão sómente emquanto o regimen vigente não entravar a marcha do progresso que, referimos, ha-de atingir o *supra-sumum* da perfeição social.

Condicionalmente, portanto, permanecemos nas hostes republicanas, e radicaes serão os nossos processos na extinção do mal e na critica do injusto.

A Republica Portuguêsa merece, e merecerá ainda por bastante tempo, a nossa especial simpatia, leal e desinteressada, mas condicional e independente de quaesquer compromissos partidarios.

Assim surge «O Radical», no momento em que começa a delimitação de campos nas hostes republicanas, ao lado dos radicaes, na vanguarda da falange revolucionaria que destroe para construir e avança destemidamente ao encontro do mundo aonde a perfeição domina, materializada no Bello e espiritualizada no Bem.

Filosofia alegre de um barcelense triste

Mais um... vicio

Não ha duvida, que estou bem servido...

Já tinha os peiores vicios que ao homem é dado ter: fumava, embora uns modestos Kentukis; bebia, é claro, o plebeu verdasco e, *nos aniversarios da proclamação da republica em Portugal*, uns calices do preverso cognac; jogava, alem do dominó e *assalto*, o *bridge* a dois reis e o solo a paivantes e, não ha muito, abandonei outro jogo que muito defraudou a minha reduzida bolsa — a lispra; metia-me em altas cavalarias notivagas: depois de vaguear em lindas noites de luar sob as janelas da minha amada, cantando lhe sentidos madrigais, ia esperar o romper da madrugada em qualquer antro tabernal, na devassidão de, entre outras miudezas, uns copinhos com as economicas azeitonas e a classica borôa, para fazer lastro. Só em dias solenes, por exemplo, no do aniversario da sua majestade D. Manoel, (nesta altura tira-se o chapeu) é que me adiantava mais um bocado, e fazia muita força de despeza e... figura: uma racha de badejo assado!

Outros vicios não menos imorais eu contraí; *verbi gratia* — lêr gazetas e estudar gramática.

Pois por cima de todos estes que venho de lhes inumerar, mais um acaba de se me inveterar neste adulterado corpo e prevertido espirito...

Mais um, lá diz a cançoneta:... já não faz diferença...

Conforme.

Não fazia diferença se esse fosse um vicio vulgar, um vicio que toda a gente, mais ou menos, tivesse, um vicio que não passasse de um mau habito, ou, quando muito, de um *defeito habitual*.

Mas não! é um vicio que atinge as próporções do hediondo, do abominavel, do nauseabundo!

Treme me a pena — que, por acaso, é um lapis — só em pensar que tenho de o escrever — e escrevê-lo com todas as letras, bem legiveis, de mais a mais para ser reproduzido em redondo!

Ora, sem fazer dos meus amigos bruxos, — tarrenego, mafarrico! — botem-se lá a adivinhar..

— Elle, vicio assim abominavel, hediondo, nanseabundo, só se fôr...

— Não!... Peior. Muito peior, mesmo!

— Então, ha de ser...

— Qual!... Não é; pois não vê como tenho o bigode.

— Sim, mas, ás vezes, podia em si não pegar. Pois olhe: então, a não ser nenhum dos dois, não pode deixar de ser... Sim... homem, assim nauseabundo, abominavel e hediondo, não vejo outro...

— ?... de homem rico? Engana-se; é exátamente o contrario: vicio de homem pobre... Aí vai, com todas as vogais e consoantes: Fi-lo-so-far.

Sou um sêr repulsivo, um animal abjéto, não é verdade?

Bem sei... E' uma desgraça, que me tem causado o mais profundo desgosto.

Tão novinho como sou, não sei como isto aconteceu, não sei como o apanhei... o que é de estranhar, porque costumo saber sempre como é que apanho tudo quanto tenho apanhado... e que não é pouco...

Tenho apenas uma muito vaga ideia:.. um dia, em eras remotas, ha tempo infinito, ha muitas horas, centenares de horas talvez, rompia já a aurora, como sucede quasi sempre ao amanhecer. E eu, na cama, indolentemente estendido, olhos em alvo, fitos no této, (pensam que...? não... cruzes!) rosto transtornado, como do quem é martirizado por qualquer dos atrozes suplicios de Mirbeau; e, repito, eu, na cama, acordado ainda, como todas as vêses em que não estou a dormir, pensava tristemente ...como é diferente o amôr em Portugal...

Insonias?

Não; insonias não, porque não era falta de sono que eu tinha.

Era festio de dormir...

Desalentos, desgostos, contrariedades, pesares mil de um coração apaixonado.

Pensava... pensava... pensava...

Revolvi o mais recondito do meu cerebro; esfarrapáva a mais futil das minhas ideias; aprofundava todos os meus pensamentos, buscando-lhes o porquê, pedindo á razão a causa dos porquês, a explicação do inexplicavel... em suma — filosofava.

Seria daí que me ficou o maldito vicio?

Talvez.

Desse dia em diante, nunca mais pude deixar de me entregar a ele — filosofava. Filosofava sempre, filosofava a proposito de tudo, filosofava a respeito de todos, filosofava em toda a parte...

Assim me aconteceu logo que entrei no «Radical»: filosofei, como estão a vér.

Bem eu faço esforços, bem emprego todos os meios para expurgar de mim tão repelente vicio, e hei de conseguil'o, porque «todo o homem é superior ao vicio».

E eu lhes garanto que... Mas agora reparo que, apesar de todos os meus protestos, para aqui estou a filosofar ha meia hora!

Maldito vicio, que ha-de levar á sepultura este desgraçado

Calino.

Cinco banalidades

Duas mentiras

— E' verdade; tive a infelicidade de perder a minha querida esposa.

— Deve ter sido um enorme desgosto...

— Sim. Principalmente para ela.

—

Lição de historia:

— Ora falemos agora um pouco das grandes catastrofes... Conhece o tremor de terra de Lisboa?

— Aquele que acaba de destronar o rei Manoel?

Uma verdade

Três cousas ha para que o homem nunca se canca de olhar: — o céo, o mar e as mulheres.

Querem saber porque?

E' porque, dizia Meri, estas tres partes da criação não têm em dois dias seguidos a mesma fisionomia.

A musa do povo

Aqui estou á tua porta,
Como o feixinho da lenha,
A' espera da resposta
Que dos teus olhos me venha.

—

Vai-te carta venturosa,
Ver um bem que é só meu;
Antes tu, carta, ficáras,
No teu lugar fôra eu.

FALTA de ESPAÇO

Entre a materia que nos vemos forçados a retirar, por não haver para ela espaço, figuram as interessantes secções *A semana politica* e *Indicações uteis*.

Respigando...

A Gavroche Desenfreada

Para ter graça?

Para fazer mal?

Nem para uma coisa nem outra, antes pelo contrario?

Não sabemos.

Sabemos só que, tendo nós, na noite de 17 do corrente, mandado afixar em alguns pontos da vila uns prospectos anunciadores da breve saída do primeiro numero do nosso jornal, elles foram, d'aí a horas, arrancados uns e rasgados outros.

Na mesma noite, apareceram umas taboas pregadas na porta de uma casa lá dos lados do jardim e a sua fechadura entupida com sêbo.

Comquanto com *isto* não haja senão um unico prejudicado e esse seja um cidadão que nos não pode ser simpatico, por entre nós haver um abismo enorme — a diferença de ideias por que pelejamos — nem por isso deixamos de verberar essa gavroche, que, á falta de outra coisa em que consumir o tempo, passa por ahi as noites na pratica de toda a casta de maroteiras.

Não sabemos quem são os auctores das proezas, ou antes, não podemos *provar* quem são...

Devem ter sido os mesmos para ambas ellas. Sem duvida, algum bando de espirituosos imbecis, «com aspirações a humoristicos», a quem o corpo pede folia...

Melhor fôra que experimentassem trabalhar umas horas em cada dia, a vêr se se lhes desvanece do espirito essa maldita ideia de terem graça...

Protesto

Permita o nosso conspicuo e muito prezado colega *O Mundo* que, d'este obscuro recanto minhoto, façamos chegar até aos seus ouvidos, lá na velha cidade de marmore e granito, o nosso veemente protesto pela maneira como se refere a Guerra Junqueiro, chamando-lhe, num confuso labirinto de pequenas notas «grande poeta portuense».

Isto dá-nos a impressão de que Junqueiro, o grande entre os grandes poetas latinos, o maior dos portuguêses, só no Porto é grande: e que fóra da invicta, a sua figura se confunde na legião de versejadores como uma mediocridade.

Não nos conformamos com tal.

Protestamos, para que amanhã o nosso caro confrade, ou outro qualquer não menos caro, não apareça por ahi a chamar-lhe grande poeta *freixo-de-espada-á-cintense*, por ser natural de Freixo de Espada á Cinta essa muito legitima gloria de Portugal.

Teatro

Sempre entendemos que o facto de os jornalistas terem bilhetes de espetaculos oferecidos gratuitamente pelos emprezarios lhes cerceia muitas vezes a imparcialidade que devem, concienciosamente, manter nas suas apreciações.

Custa sempre ter de se ser desagradavel áqueles de quem se recebe qualquer deferencia, insignificante que esta seja.

Adótaremos, porisso, como principio, recusarmos sempre qualquer bilhete de espetaculos que para o publico custem dinheiro.

No entanto, a todos os emprezarios que venham a aparecer cá na terra, desde já agradecemos como se aceitassemos...

A tal...

Estavamos aqui mortinhos por darmos uma *piadinha* á «Barcelos-Revista», mas não havia meio de nos resolvermos.

Que diabo! Não queriamos que os rapazes se zangassem cá com a gente.

Lembrou-nos, afinal, que havia um meio: pregava-se com ela como coisa vinda de fóra, em qualquer bilhete postal e, assim, já não seria tamanho o odioso a recair sobre nós.

E' o que vamos fazer:

Recebemos a seguinte carta, a que desgestosamente damos publicidade:

«Snr. diretor do *Radical*:

Peço-lhe que veja se, com o seu mui bem montado serviço de informação, consegue informar o publico do dia em que sairá a «Barcelos-Revista», «quinzenal».

Constando-me que inserirá nitidas e perfeitas ilustrações representando a nova e lindissima estação do caminho de ferro, consegue-la para esta vila por um considerado barcelense, ex-chefe de um ex-partido da ex-monarquia, calcule a minha ansiedade pela sua publicação.

Creia-me

de V. Ex.ª, cidadão muito admirador.

Um leitor assiduo.

(E' sempre um leitor assiduo quem assina estas cousas).

Reparem que antes de o sermos já o eramos antes do nosso 1.º numero lá tinhamos leitores assiduos...

1.º ANNO 1911 BARCELLOS--DOMINGO, 1 DE JANEIRO NUMERO 1

Barcellos

MONARCHICO

C. M. B.
BIBLIOTECA

Comp. e Imp. na Typ. *Galds*—Barcellos
Publicações
Annuncios, por cada linha 30 rs. Repetições 20 rs.

Director e editor: J. DOS REIS MAIA
Adm.dor e Proprietario:—JOAQUIM JOSÉ D'ARAUJO

Redacção e administração—Largo S. Francisco
Trimestre (correio) 300—Semestre 720—Anno 1$40—Numero avulso 50 reis.

Monarchicos!

Sim, monarchicos.

E parece que com esta avra está traçada a nor- da nossa conducta.

Apezar de todo esse espectaculo tragi-comi- de adhesões em massa, parte d'aquelles que, o as ventoinhas das es, giram e volteiam abor do sôpro omnipo- te dos poderes publicos, permanecemos firmes nosso velho pôsto, fieis rita da velha guarda, e sobretudo ao desenro- cadenciado das nossas as.

Não arriscamos, como crobatas de circulo, sal- mortaes em corda bam- e preferimos sujeitar o o espirito a uma evo- o lenta mas segura, es- los a pé firme na base a do caracter e do portuguez.

De um dia ao outro, ou mesmo dia e até talvez tro da mesma hora, as- imos a essa comedia lesca da mudança re- tina de convicções po- as, vendo os monarchi- da vespera transforma- -se em republicanos de pre, e fraternisarem to- em alegre convivio, ao de uns tiros abafados distancia, e de um san que só correu nas ruas Lisboa.

Ser *ou* não ser, dizia idoso o Hamlet tragico editabundo, na scena bre onde o collocou kespeare.

Ser *é* não ser, disseram victos os monarchico— blicanos, naquella sua a de amalganarem tu- de poderem ser tudo mesmo tempo.

E' que em Portugal ve sempre a mania de competencia illimi- e de uma mixordia tiqueira.

Nunca se definiram si- ções, assim como nun- e proclamaram princi- , na verdadeira acce- o da palavra.

Jamais faltaram brin- arrebicados, barque- tes lautos, foguetes estrondosos e o vivorio da praxe.

Nunca escassearam os programmas, que eram feitos ao menos para que se dissesse que os havia.

Mas o que faltou, foi a defeza calorosa d'esses principios, e a vontade energica de cumprir esses programmas.

A propria Republica tinha o programma do estylo, como hemos de vêr.

Mas sobe por um acaso a ella a Republica ao poder, e logo esse programma ficou sendo lettra morta, util apenas para a historia da formação do partido republicano.

Peccámos sempre até hoje por um erro banalissimo, em politica como em tudo. Esse erro consistia em não sabermos o que queriamos. Não só não sabiamos o que queriamos, mas até ignoravamos o que eramos.

Ninguem podia definir a serio a sua situação politica, porquanto a situação geral era apenas caracterisada pela differenciação dos nomes dos individuos.

Não havia lucta de ideias.

Isso foi coisa que entre nós nunca existiu.

E não a havia, ou porque os mais avançados transigiam culposamente com os monarchicos, ou porque estes não tinham coragem para se distanciar d'aquelles.

A nossa organisação politica era uma mescla.

Era, como o polvo que descreve o Padre Antonio Vieira, traiçoeira e cambiante, mudando de côres conforme o exigiam as circumstancias ou os interesses.

Felizmente hoje, com a proclamação da Republica, já todos pensam que é necessario definir situações, e que é urgente fazer distincção rasgada de partidos.

Desmascararam-se os avançados; desentorpeceram os indifferentes.

A lucta politica em Portugal não mais poderá ser uma questão de homens, mas unica e simplesmente uma questão de principios.

Foi talvez este o unico beneficio que nos trouxe a Republica radicalissima que nos governa.

Os que querem a oppressão do pensamento, a escravidão retrograda da imprensa, da consciencia da associação e do ensino passem para o campo republicano!

Os que desejam vêr garantida a propriedade, a liberdade contractual, o equilibrio das classes sociaes, e orientar o paiz n'uma era de liberdades modernas, como as comprehende e adopta o mundo civilisado, esses não podem ser republicanos.

E quando dizemos republicanos, não queremos referir-nos aos sequazes theoricos de uma forma de governo que em direito publico se chama "republica„.

Queremos sobretudo e mui especialmente alludir á forma de governo que a Republica adopta em Portugal.

O que para ahi se chama republica portugueza, nunca foi uma republica como o são ou querem ser as outras Republicas da Europa e America.

E ahi está porque temos honra em nos declararmos monarchicos.

Sempre fomos independentes em questões de formas theoricas de governar.

Uma boa Monarchia vale o mesmo que uma boa Republica, e vice-versa.

Desconhecê-lo, seria da nossa parte ignorancia ou mà fé.

Mas o que nos parece, e isto sem prejuizo das opiniões serias em contrario, é que é mais viavel em Portugal uma excellente Monarchia do que uma boa Republica.

E sobretudo, preferimos mil vezes uma Monarchia regular, a essa republica absolutista e pombalina, que se ufana de *ter nas mãos os poderes do Estado, sem limitação alguma*, e que, exercendo a mais descabida e desnorteada das dictaduras, escarnece e despreza as opiniões e ideias, não dizemos da maioria, porque queremos deixar fallar o acto eleitoral, mas de um grande e avultado numero de portuguezes.

E além d'isto, razões historicas e sociologicas que em outra occasião lembrêmos, nos fazem considerar o regimen monarchico como mais apto e consentaneo ás tradições e ao ambiente portuguez, do que o regimen republicano.

Todas as formas do governo podem ser boas. E' esta uma verdade que ninguem desmentirá.

Pois bem. Procuremos enveredar, dentro dos nossos humildes esforços o povo monarchico portuguez, o povo respeitador das suas crenças e amigo da genuina liberdade, afim de que, dos escombros a que uma malfadada politica arremessou a nossa Patria, possa surgir uma Monarchia nova, regenerada e sincera que, reconhecendo os legitimos direitos de todos, apresente á Europa que nos contempla, Portugal livre.

REIS MAIA
ADVOGADO
Escriptorio: L. de S. Francisco

ANNO BOM

Sumiu-se na voragem triste dos tempos o anno de 1910.

E com elle, quantas illusões perdidas, quantos desenganos crueis!

A quantos confiados na sorte não sahiram brancos os bilhetes da loteria, e a quantos confiados na Republica não sahiram tortos os calculos que fizeram!

O anno que finda foi para nós portuguezes, sobretudo nos tres ultimos mezes, um desfiar continuo de sensações e de surprezas, mas surprezas que attingiram os habitos e os costumes de um paiz inteiro, revolucionando o seu modo de viver e as suas mais antigas tradicções.

Tempo de prova para todos. Para os republicanos, de quem a gente esperava a mais alta bagagem reformadora, e que, afinal, só conseguiram abrir aos olhos do publico curioso, umas malas usadas nos comicios onde se viam dentro retalhos de todas as côres.

Para os monarchicos, mas para os sinceros e verdadeiros, para aquelles que nunca se lembraram de adherir, que podem agora melhor que nunca organisar as suas forças, livres dos caracteres adhesivos e depuradas dos amphibios interesseiros.

E se o anno de 1910 foi fecundo em surprezas e originalidades, não menos o será o anno de 1911 que começa hoje.

Veremos contorcer-se nas vascas do desespero os adhesivos, por não apanharem todos as postas com que contavam, ao intrujar a republica.

Ficarão descontentes e malucos muitos republicanos, por vêrem que afinal aquella coisa de "democracia„ e de "governo do povo pelo povo„ não era mais do que uma tremenda chalaça atirada á miseria e á ignorancia.

Formar-se-hão em Coimbra, e outras partes, todos os bachareis que quizerem, á custa da phenomenal reforma da instrucção que nos inpingiu o sr. João de Menezes.

Cantará hymnos de gloria o proletariado por haver sido revogado pela mesma Republica o artigo 277 do codigo penal, que prohibia as colligações dos operarios, e que, no tempo da monarchia, nunca chegou a ser applicado, tendo sido decretado em sua substituição, pela dita republica, não um artigo, mas uns oitos ou onze, que inutilisam o direito de col-

A MOCIDADE

Revista mensal, litteraria e recreativa

Propriedade do grupo A MOCIDADE

Director: ARMINDO MIRANDA

ADMINISTRADOR: Luiz Gomes da Silva Garrido

Redacção e administração

RUA D. ANTONIO BARROSO, 99

BARCELLOS

ASSIGNATURAS

Barcellos, serie de 4 n.os, 160 rs. Fóra de Barcellos, serie de 4 n.os, 200 rs.

PAGAMENTO ADEANTADO

Composição e impressão

Typ. Centro de Novidades—BARCELLOS

NUMERO 1 — ANNO I

Critica Extravagante

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

Director — Gonçalo d'Araujo

Quando toda a especie humana, menos um só homem, tivesse a mesma opinião, e esse homem fosse de opinião contraria; a humanidade não terá o direito de impor silencio a essa pessoa, como essa pessoa não teria direito, se podesse, de impor silencio á humanidade.

STUART MILL

Serie de 4 numeros, 120 reis, pagamento adeantado.
Numero avulso 40 reis.

Typ. de Fernando Marinho, BARCELLOS

1.º ANNO 1911 BARCELLOS—DOMINGO, 12 DE FEVEREIRO NÚMERO 1

O Barcellense

EXTRA-PARTIDARIO

Comp. e Imp. na Typ. Galaz—Barcellos
Brasileiro—Sem
Annuncios por cada linha 20 reis. Repetições 10 reis.

DIR.ª I INT.—José Humberto de Faria
ADM. E PROP.—Rogerio Cayde de Carvalho

Redacção e administração—Largo Barjona de Freitas
Trimestre (correio) 150—Semestre 300—Anno 1$00—Numero avulso 10 reis.

A NOSSA OPINIÃO



Sahe mais um semanario que vai á luz da publicidade n'esta ridente villa, mas pela qual deslisa vagarosamente o Cávado caminhando. Não vamos cultivar nas batalhinhas dos que combatem por bitucas politicas, porque, nos momentos criticos, em que a Patria precisa de todos os seus filhos para a emancipal-a, para mostrar-lhe forças que a façam sahir do abatimento em que a vêmos prostrada por uma infinidade de erros e desatinos, que de longe vem tolhendo a sua existencia, não é tempo de nos deixarmos vencer pela força potente da paixão politica, tratando assim o nosso dever de primeiramente servir a Patria.

Uns valem-se que ha decadencia, nebulosa e horrenda perspectiva em favor da monarchia; mas não é agora o momento para se tratar de cousas tão insignificantes d'esse regimen, que nos deixou tão longe a funesta recordação de si.

D. Manuel, D. Amelia, toda a familia real portugueza tinham de nós uma verdadeira affeição, uma profunda veneração; porque sempre os vimos affectuosos e bons e nunca porque é nosso costume respeitar os primeiros representantes do paiz; mas não é com affabilidade nem com carinhos que um rei poderia governar uma nação nem do o nosso ao throno estava em pratica com o maior dos desastres.

Havia muito receio, entre burguezes, uma politica sujeita ao arranjismo; ninguem tinha direitos para pretender uma collocação; para isso era necessario ter muitos votos para dar aos manhosos politicos.

Chegamos á mais deprimente baixeza em que um paiz pode cahir.

Agora é que surgiram á nossa vista esses monstros de podridão, que tinham do nosso Portugal um mixto Lazaro.

Os monarchicos tinham uma bella occasião de, com a sua energia, defenderem o throno, evitar o advento da republica, e era teem-na evidenciado em valer do seu rei, prestar-lhe o seu auxilio, todo o seu valor, para corrigir, para evitar todos os abusos que os prejudicaram e que foram a mina explosiva que veiu aos republicanos para destronar o seu rei.

Os bons, os leaes monarchicos, n'esse occasião, era-lhes bem facil, para com o rei e para com a nação, de tudo serem d'esse odiosa mobilia que nos arrastaram a catastrophe d'um mal irreparavel, se não fôra a audacia e energia do partido republicano.

No periodo de 48 revoluções, os monarchicos tinham ensejo de mostrar ao seu rei quanto eram por elle, mas nada fizeram.

A revolução era esperada, os republicanos apregoaram-na alto e com bom modo, mas os monarchicos governantes nada suspeitaram, para nada se prepararam; porem foram uns manejos verdadeiramente porcos os revolucionarios, sendo estes o foram porque os amaldiçoados do throno.

O rei e bom deve o favor de lhe prepararem a sua queda e o pais a ominavel idéa de o arruinarem.

Havia uma honra, um dever sagrado, defender o rei nos momentos propicios que deixamos expostos; mas agora nem os monarchicos teem valor moral para tal defesa, nem mesmo ella é admissivel, porque perigariam os mais sorios interesses da nação e a existencia até de uma nacionalidade.

Quem tinha desejos de bater-se, saltasse para o campo da batalha, no dia 5 de outubro; para salvar o rei das garras dos comedores que o rodeavam tambem tiveram muito tempo.

Os monarchicos, uns compromettendo o rei, outros não o defenderam; agora, já que nos governa a republica, desejamos que ella não colherse dos mesmos males da monarchia.

REIS MAIA
ADVOGADO
Rua Nova do Loureiro

AGRICULTURA

Vimos com prazer que o sr. ministro do fomento vae installar em Coimbra, Extremadura, uma escola de ensino profissional agricola. Estamos convencidos de que o governo agrade está dando mais um passo util para a regeneração nacional.

Antes de mais nada, o que ha a fazer é educar, porque tudo o mais que se pretende emprehender sem isso, resultará nada, porque de nada vale um edificio começado sobre areia, será começar pelo fim.

De que serve fazer propaganda das mais bellas instituições agricolas, dos mais modernos processos de trabalhar a terra, se a classe agricola não sabe ler-se d'elles?

Querem vocês alguns proprietarios mais illustrados se verem obrigados a desistir do emprego de processos aperfeiçoados, por falta de pessoal competente.

E não se poderá dizer que o nosso trabalhador não é intelligente, não; tem apenas o defeito de todos os empiricos rotina e inercia, é apegado á sua rotina de que difficilmente se desvia.

Trabalhemos pela instrucção profissional.

Uma outra força de tracção predominante que o trabalho [illegible] dar real [illegible] e aproveitar deve ser [illegible] gradualmente os [illegible] nas primeiras [illegible] primitivos, [illegible] mesmos [illegible] desde a escola primaria, applicando depois esses [illegible] mesmos, de forma a aproveitar a sua [illegible] e o natural [illegible]. N'um logar uma [illegible], n'outro [illegible] differentes regiões [illegible] trabalhem os trabalhadores a agricultura augmentando os [illegible] instrumentos aperfeiçoados.

Estamos d'aqui a ver o rico [illegible] dos antigos, abandonando-os de magoa.

Notem, porem, que precisamos pouco, mas o que, emquanto que outras nações compõem enormes [illegible] em todos os mercados, levando-os de vencida.

Não pretendo attribuir-me o facto de condições climatericas que [illegible] favor, temos de concorrer em que só nos possamos queixar de nós mesmos.

ARTES & LETTRAS

A VIDA

Inverno. Chuva. Pela estrada vinha,
Desde a cabeça aos pés toda molhada
Uma mulher com uma creancinha,—
Que já começa a vida, desgraçada!

Que tristeza no aspecto que Ella tinha:—
Cheia de fome, suja, esfarrapada!
—Lembrou-me,ao ve-la assim uma Rainha
Só para o gosto nasce destinada.

«Em cima» a vida é como um sonho lindo:
Oiro por tudo! Em tudo, refulgindo,
Todo o explendor que da riqueza vem.

«Em baixo» só camilhos d'amargura,
Por onde vão os Parias da ventura.
—Como esta creança ao lado d'esta mãe.

José Augusto de Castro.

PELA SEMANA

Encontra-se na sua terra natal o nosso respeitavel amigo, sr. D. Antonio Barroso, illustre filho do Porto.

Está na capital o venerando capitalista e illustre humanitario, sr. José de Faria e Menezes.

Esteve n'esta villa o nosso querido amigo, sr. Domingos Carneiro, digno notario-publico na cidade invicta.

De regresso de Vigo, já se encontra entre nós o snr. P.e Agostinho Leite Lopes, digno parocho em Barrelhães.

Reside na cidade de Braga o sr. Balthazar Lopes dos Santos, acreditado negociante, d'esta praça.

Regressou de Coimbra o distinto [illegible] J. Cardoso [illegible].

Encontra-se [illegible] Barreiro de Fonte, em Lagoncia, sr. Augusto Paris.

1.º anno *Barcellos, maio de 1911* *N.º 1*

O PEPINO

Editor e director
José Maria Paes da Silva

Redacção e administração
Rua Barjona de Freitas, Nº 47

Publicação quinzenal

Imp. e comp.—Typ. *Caldas*—Barcellos

Redactores: Forrabódò, Salsifré, Sinagóga, Chinfrim, Loto e Ampotico

A NOSSA ATTITUDE

Ao lançar-mo-nos tão arrojadamente na cruciante e espinhosa verêda do humorismo, nãc podemos deixar de expôr as viris manifestações que sentimos e os castos e sinceros propositos que nos acompanham.

Somos novos e, portanto ainda não muito aptos a desempenhar um papel tão dificil como este; porem, na medida das nossas forças havemos de fazer,segundo cremos, alguma coisa que tenha boa applicação.

E' limitado o espaço do nosso jornal e por conseguinte não nos podemos alongar em vastas considerações,conforme o nosso desejo, contudo antecipadamente declaramos que sempre nos nossos artiguinhos havemos de empregar materia que possa causar tantos e tantos ataques de riso resultantes de algumas horas de alegre convivio com o nosso epigramatico rotulo,que o leitor ou sua cara metade, ha-de fatalmente acabar por se render.

Na epoca desassocegada que actualmente vamos atravessando é dificil declarar qual a politica que seguimos, mas o que é facil é dizer-lhes que estamos sempre na vanguarda da defesa da nossa patria e que teremos na mais alta consideração o amplo patriotismo das damas, pois já foi debaixo d'essa impressão que na batalha de Aljubarrota, se tornou celebre a ala dos *Namorados*.

Como o titulo dò nosso pequeno jornal é um producto agricola não deixaremos esquecida a principal fonte de riqueza do nosso paiz, porque isso seria trahir a patria e a posteridade, mas antes com dedicação promettemos trabalhar com denodado assombro na propagação da especie.

Exposta assim a nossa at-

1.º anno Barcellos, junho de 1911 N.º 1

O TOMATE

Editor e director
José H. Pereira

Redacção e administração
Rua Barjona de Freitas, Nº 42

Publicação quinzenal

Imp. e comp.—Typ. *Calás*—Barcellos

REDACTORES:—Rabudo, Come Pulgas, Lanzudo, Fanfarrão e Telhudo

A NOSSA APPARIÇÃO

Oriundo das hortas e dos pomares, companheiro dilecto das aboboras, dos quiabos e do bello Pepino, não podemos ver agarrado á chêda do carro do progresso o juvenil confrade no humorismo, que tão cedo abandonou os patrios canteiros.

As viris manifestações que imperaram no animo casto e sincero do joven collega, mais nos ruborisam a face como companheiros de infancia no torrão natal.

Na igualdade de circumstancias não tememos o confronto.

Temos sido apreciado em todos os piteus culinarios e, no tempêro dôce do humorismo, saberemos destacar o melhor paladar que por ventura caiba nas nossas forças.

Não pensem carissimas leitoras que só farèmos rir; hão-de chorar tambem e ao cantinho, quando não tiverem a felicidade dos nos lerem;se defacto o nosso paiz è—um paiz essencialmente agricola,—quem será capaz de repudiar a mais bella affirmação da litteratura repolhuda ?!

Não temos côr politica; mas sendo maduros, seremos vermelhos e patriotas abnegados; sem embargo. da attitude que nos reservamos, saudamos com effusão as nossas gentis leitoras e leitores, «O Pepino» e mais o «Sardão», iniciador da especialidade que escolheu.

A redacção.

1.º anno *Barcellos, junho de 1911* *N.º 1*

O PECEGO

Editor e director
Augusto P. Ferreira

Redacção e admnistração
Rua Barjona de Freitas, Nº 42

Publicação quinzenal

Imp. e comp.—Typ. *Calás*—Barcellos

Redactores
Sanão Fenjodre—Marreira Petins—Tonão Jipo--Rego Lasca Rio

Tambem nòs !?

Entre os apreciados fructos da ridente primavera, occupumos sem duvida de contestação o logar primacial do bello e do agradavel.

Desde que viemos para as plagas occidentaes enfrentamo-nos com outros collegas algo, apimentadòtes, embora pouco apetitosos.

E sendo assim levaremos as lampas a todos os outros mostrengos da hortàliça; e querem saber porquê ?... Adivinhem as gentillissimas leitoras; porque, ao sexo feio não damos audiencia.

A ellas tão somente a ellas é que nos dirigimos porque d'entre o escrinio do seu encanto sairá essa adoravel phrase : Como não ? ! Responde-nos sorrateiramente a mais graciosa e bella carinha do auditorio, com uma leve pontinha d'um sorrir malicioso e bello.—Pois haverá por ventura fructa mai deliciosa do que a de carôço ?...

Effectivamente foi o caroço a origem do primeirc amor; e serà de certo inspirados pela tentação d'esse sublime sentimento, que cantaremos em prosa e verso, quando tivermos entrado vigorosos na liça da fina piada litteraria dizendo com altivez :

Tomae lá Tomates
Pepino e o bello agrião
Mas o nosso "Pecego„
E' mesmo uma perfsição.

Com licença do "Sardão„
(Elle tambem há cada repolho
Que é mesmo de encher o olho) cá
da Redacção.

As festas de S. Pedro

Parece que este anno a radiosa mocidade Barcellense se propõe festejar o Santo mais careca que Deus ao mundo deitou, da forma mais retumbante que dar se possa

I.º ANNO | BARCELLOS—JULHO DE 1911 | NUMERO 1



Comp. e imp. Typ.—Galaz—Barcellos
Red. e adm. R. Barjona de Freitas n.º 33

Editor e Director:—Thomaz Dias Affonso
REDACTORES:—Felix Rodrigues e Joaquim Esteves

PUBLICAÇÃO MENSAL
Propriedade do grupo d'A Juventude

A JUVENTUDE

A onda avassalladora dos tempos rolando no seu progresso de perfeição, baniu do Jornal o seu programma lauditorio de promessas e garantias.

E nós, aquem o passado chega em vagos rumores de lenda, despertando para a vida, desabrochando em sonatas enturpecedoras de esperança, não romperemos com a tradicção, apresentando um programma.

E para que?

Para que traçar programmas á juventude se ella só obedece a uma força que é o coração; só desperta com um rumor que é o enthusiasmo, só guia-se por uma estrella que é a admiração extatica do Bello?!

Trina, adeja, freme nos ardôres irrequietos do seu despertar nos arrebaes seductores da madrugada de encantos primaveris, porque a aurora da existencia se esbate risonha, nimbada de luz e agitada pela revoada divinal de anjos que dulcificam o nosso presente e ungem de perfumes e esperanças a indecisa estrada do futuro.

O coração è a nossa biblia, e vós incomparavel legião de formosissimos idolos, vòs oh damas bondosas de Barcellos, sereis para o nosso jornal a inspiração magestosa que nos divinisará a existencia larga ou breve da nossa tarefa jornalistica.

Em vossas mãos pequeninas de fada, brancas como a plumagem alva das pombas, entregamos a nossa vida.

A' vossa guarda confiaremos o nosso futuro.

Eis, porque, dispensamos programmas que a onda avassalladora dos tempos, rolando o seu progresso de perfeições, baniu do jornal.

A «Juventude» desabrochando como o botão de rosa beijado pelos labios mornos do sol, sauda Barcellos alheado dá aridez politica, sauda as damas que glorifica, que bemdiz e a cuja guarda se entrega, porque sò a força de um olhar de deusas conterá em segurança a verdura da mocidade.

Por Barcellos e pelas damas!

Se quizerem, seja essa a nossa divisa.

A redacção.

ULTIMO ADEUS

A' minha querida irmã fallecida no 20-5-909

Adeus querida irmã. Tua alma pura
voou agora mesmo ao cèu strellado;
esse ultimo suspiro prolongado
signal è de que a vida já não dura.

Olhas-me ainda...mas ai! que tristura
derrama o teu olhar!... envidraçado;
bem mostra que o fio é já cortado,
que leva aos olhos vida e formusura.

Adeus. Os anjos te recebam ledos,
levem-te de mansinho nos seus dedos,
conduzam-te á morada do bom Deus.

Vae; que eu fico á espera d'esse dia
em que ver-te-hei radiante de alegria...
—adeus, querida irmã, até aos céus!...

L. V. J.

SAUDANDO

Não é nunca com indifferença que vejo erguer-se um astro, na constellação formosissima da aspiração, tanto mais se a revivel-o se encontra o ardor esperançoso da mocidade.

E' sempre para mim acariciador o ser chamado a concorrer com o pouco que valho para auxiliar uma ideia, desde que essa ideia traduza a redempção pelo trabalho honesto, normada pela honra que dignifica, pela Liberdade que soergue, pela ordem que redime.

Convidado a collaborar no jornal *A Juventude* o titulo me basta a sentir bem nitidamente,

ANNO I — BARCELLOS, SETEMBRO 1911 — NUMERO I

O FURÃO

QUINZENARIO HUMORISTICO, SCIENTIFICO E NOTICIOSO

Redac. e adm. L. do Appoio n.º 2

Comp. e Imp. Typ. *R. Calaz*—Barcellos

Editor e Director—M. J. P. Martins

Adm. e Prop.—Joaquim A. Miranda

ASIGNATURA

Trimestre (seis numeros) 120 reis

FURANDO...

Sua Ex.ª o Senhor «Pecego» entendendo que já éra bastante tarde para se conservar no *mercado* com a sua frescura primitiva, resolveu convidar o seu amigo «Furão» para o substituir no espinhoso cargo que estava exercendo, motivo porque, este cavalheiro, passa desde hoje a exercer as funcções de cabeçalho (não confundir com travesseiro linhagem) d'um jornalsito que se destina a castigar os máus e premiar os bons, em conformidade com os verdadeiros principios da Egualdade e da Justiça.

Os seus humorismos são simples e em nada pódem offender os amaveis leitores, porque não tratam, por forma, de particularidades.

E agora que está apresentado o «Furão», vamos dar começo á nossa *lide jornalistica*.

A Redacção.



COISAS ESTRAMBOTICAS

Não è meu intuito ridicularizar ninguem, apenas me quero referir ao ar impuro que em Barcellos faz germinar ideias tão e tão sem cabimento que, francamente, eu já me julgo maluco.

Não sei pois se devo chamar a attenção das auctoridades para o estado hygienico d'esta villa, ou se devo n'este jornal pedir e pedir muito para que os homens de dinheiro se não mettam em emprezas sem consultar pessoa auctorisada sobre o seu estado intellectual.

E assim direi: Não ha muitos mezes que uma empreza mandou construir um barracão para ser installado um cinematographo.

Toda a villa acolheu de boamente a patriotica ideia e quando haviam sessões lá estava gente tornando-o concorrido.

Não levou muito tempo que esta empreza se enfadasse e fechasse para todo o sempre o cinematographo e apóz esta casualidade montou um armazem de bicycletas d'aluguer. Ora deixar uma coisa que entretinha novos e velhos, para lançar mão d'uma coisa que só serve de entretimento a rapazes, francamente, é uma mudança d'ideias tão oppostas que me leva a crer que se a primeira opinião da alludida empreza, quando se uniu, foi a ideia intuitiva de lançar mão da exploração de espectaculos ou outras coisas que taes, que divertissem o povo d'esta nossa terra que já serve de aborrecimento áquelles que aos domingos jazem d'ella para fóra por não terem aqui nada que lhes offereça alguma distração durante as horas que teem d'ociozidade, só uma forte causa que influiu nos cerebros d'aquella empreza foi capaz de conseguir que nos acaricia.

.....

Barcellos é assim. Dotado é certo de boa gente e de bons gôstos, todavia essa boa gente tem as ideias estragadas a pontos de pôr em pratica coisas que a sua insipida vontade a aconselha.

Fura-bôlos.

I Anno *Barcellos, agosto de 1912* *N.º 1*

O CAIXEIRO

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

Red., adm. e imp. *R. Barj. de Freitas, 34* | Editor e director *Joaquim Gonçalves Barroso* | Preços: *Serie de dois n.os 40 rs.*

ÁLERTA

O nosso pequeno jornal não vai ser orgão de qualquer politica, não irá infileirar nos batalhões dos radicaes ou dos conservadores, embebendo-se as pennas que n'elle escrevem no narcotico do partidarismo, que tem a força de transformar os homens de bem n'uns dentistas de feira, que tudo curam, que a tudo dão remedio, mas que ficam no bolso com o resultado das suas promessas, que nunca se realisam, porque os famosos remedios são preparados para curarem unicamente das necessidades da vida dos seus apregoadores ou para enfeite da sua vaidade.

A nossa politica será simplesmente luctar pelos interesses da nossa classe, fazer valer os direitos que a lei lhe confere, exigir dos governos o aperfeiçoamento das disposições que se julguem deshumanas e retrogr[illegible] de fórma que caminhe[illegible] em tudo a par com a civilisação e progresso que n'este seculo tem avançado prodigiosamente como luz redemptora dos opprimidos. Ainda ha pouco o empregado do commercio era um escravo, preso ao balcão pelas cadeias d'um barbarismo inexplicavel, sem que se lhe concedesse o que a todas as classes se concede: o descanço semanal.

Hoje o descanço semanal para a classe dos empregados do commercio è um facto; e, por essa razão, está aberto o exemplo para se comprehender que a união faz a força, que valem mais os direitos dos homens livres d'um paiz que é livre tambem e que caminha a par com o progresso do que a tyrannia de costumes retrogrados.

Este pequeno jornal será a sentinella vigilante, para exigir o cumprimento das leis que beneficiam a nossa classe, sendo ao mesmo tempo noticioso e litterario. E' pequeno no seu formato, mas será grande e energico na lucta dos direitos da classe a cuja defeza se dedica.

I anno *Barcellos, outubro de 1912* *N.º 1*

O MARÇANO

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

Preços—4 n.os 40 rs.
Red.R.Duque de Barcellos, 6

Editor e director
ALBERTO CANDIDO

Comp. e Imp.
Rua Barjona de Freitas

AO NASCER !...

Impavidos vimos hombrear-nos com o mostrengo ! Pequenos na estatura, grandes na alma e no coração, serêmos quem sabe? O gigante de amanhã...

Imaginae que á nossa chegada das rusticas paragens d'esses quinchosos encantadores, que orlam a nossa chouana natal, nos admiram e espreitam, quasi como selvagens.

—Lá vem o patêgo—dizem elles; ao aspirante... a caixeiro.

E o pobresito semi-cabisbaixo e envergonhado, lá principia a comer o pão negro da lucta titanica e homerica da vida !

Eil-o a gemer debaixo do badejo da Noruega, das batatas e do respectivo môlho, com o amavel epitheto com que o singular "Caixeiro„ o superior hierarchico o costuma a mimosear logo á chegada da patria indigena: ande là seu camelo sua besta e...coisas quejandas e o marçano coitado.là começa a sua vida de alegria de tristeza e de...esperança de um dia chegar a ser caixeiro, d'esse dia glorioso da vida, em que possa dizer alto e em bom som que é caixeiro e por conseguinte è empregado no commercio. E' empenhados n'essa aspiração sublime da nossa alma intemerata, vimos fazer a nossa apresentação de honra, onde possamos com lealdade e brio, defender os interesses das victimas da oppressão.

«O Marçano»

A VIDA DOS OUTROS

Este mundo não passa de uma grande mentira; vivêmos todos a enganar uns aos outros; mascaramo-nos com a hypocrisia a vamos para a sociedade passar por aquillo que não somos.

Quem não mente não, é filho de boa gente—lá diz o rifão; e como queremos ser boa gente, toca a mentir para a

Anno I — 23 de Maio de 1914 — Numero 26

VOZ DA IGREJA

BOLETIM CATHOLICO SEMANAL de Areias, Cabanellas, Lama, Manhente, Oleiros, Oliveira, Ucha e Escariz, S. Verissimo e Gallegos

Director e proprietario
Padre Silva Gonçalves
Editor — *Padre Silva Araujo*

(Com permissão da Auctoridade Ecclesiastica)
Preço d'assignatura: 200 rs., annual; pelo correio, 400 rs.; Brazil, 600 rs.
Comp. e impr. na *Typ. Sameiro,* Rocio de Traz da Sé, 8 a 10—*Braga*

Administrador
Joaquim Coelho d'Araujo
Redacção e administração
Lama — BARCELLOS

O Evangelho

—

Luz e sombras

—Olha, minha Luiza. Quando comparo a tranquillidade do nosso lar, d'esta casa perdida no meio do monte, com o inferno que vae pela cidade, lá em baixo, —as intrigas mesquinhas, os odios que não cançam, as perseguições á luz do dia, nas trevas da noite, a toda a hora e instante, bandidos que torcem a lei como se afiam facas de ponta e molla, homens que usam um nome em vez de um numero, que trazem gravata ao pescoço em vez de grilheta ao pé, — dou graças a Deus por me ter dado este paraizo, esta paz d'alma...

—Pois sim, sim;—atalhou Luiza; tudo isso, é verdade, infelizmente; mas que queres tu que faça um desgraçado que volta as costas ao Evangelho, á doutrina sublime de Jesus, odiando a sua Egreja, perseguindo os seus padres? Com certeza se torna uma féra... Mas vamos ao Evangelho de hoje, tirado ainda do bellissimo Discurso de Nosso Senhor antes da sua Paixão. Falla Jesus aos seus discipulos:

«—Quando viér o Consolador, aquelle Espirito da Verdade, que procede do Pae, que eu vos enviarei da parte do Pae, elle dará testemunho de mim; e tambem vós dareis testemunho, porque estaes comigo desde o principio. Eu disse-vos estas coisas, para que não vos escandalizeis. Elles vos lançarão fóra das sinagogas; e está a chegar o tempo em que todo o que vos matar, julgará que n'isso faz serviço a Deus. E elles vos tratarão assim, porque não conhecem ao Pae nem a mim. Ora eu disse-vos estas coisas, para que quando chegar esse tempo, vos lembreis de que eu vol-as disse.»

—O Salvador,—continuou Luiza, entregando o livro a Rosinha — n'este Evangelho prediz claramente tres coisas aos seu discipulos:

1.ª A vinda do Espirito Santo: *quando viér o Consolador, que eu vos enviarei* ..

2.º Os effeitos da sua vinda: vae-lhes ensinar toda a verdade, *Espirito de Verdade,* que devem evangelisar; será a sua força nas provas e perseguições: dará testemunho de Jesus, tocando e convertendo os corações: *elle dará testemunho de mim;* estará com elles, fortalecel-os-ha, a ponto de prégar a doutrina do seu divino mestre, os seus milagres, a santidade e o generoso sacrificio da sua vida: *e vós tambem dareis testemunho...*

3.º A cegueira e o endurecimento inexcusaveis dos Juizes e gentios, que surdos a tantas provas divinas, nos seus fanatismos exaltados, perseguirão e darão a morte a estes arautos de Jesus, imaginando poder abafar a sua voz...

E Luiza concluiu, suspirando:

—Que assumpto para meditações e reflexões preciosas e salutares!

Pelo extracto

DINIZ SERRANO.



Braga — N. SENHORA DA LUZ, venerada na egreja de S. Vicente

O Patrocinio de Maria

—

Houve tempo em que o nosso querido Portugal foi grande, feliz, nobre e respeitado; porque gozava os supremos beneficios d'uma absoluta unidade de crenças;—porque a Fé estava intimamente ligada com a Espada;—porque em todo este nosso querido Portugal não se encontrava nem uma só familia, onde se não rendesse culto quotidiano A'quella que sendo a Rainha dos Céos, a Mãe de Deus e a Mãe dos homens, foi por D. João IV instituida padroeira dos portuguezes.

Emfim o nosso querido Portugal foi grande e heroico, porque em toda a sua area, não se encontrava desde o sumptuoso palacio do argentario opulento, até á mais humilde choupana do pauperrimo mendigo, habitação onde se não venerasse, louvasse e invocasse a Maria.

Portugal foi grande, porque os pastores nas serras, as cei-

ANO 1913 — QUINTA-FEIRA, 24 DE JULHO — N.º 1

Assinaturas:
rimestre, 20 centavos.
Avulso, 4 centavos.

Anuncios:
ada linha, 4 centavos.
Repetição, 3 centavos.

O COMBATE

Composto e impresso
na Tipografia de Rogerio Calás de Carvalho.

Red. e Administração:
Rua D. Diogo Pinheiro
BARCELOS

QUINZENARIO REPUBLICANO DEMOCRATICO

PROPRIETARIO, EDITOR E DIRECTOR — Gonçalo d'Araujo

A nossa atitude

Convencidos da oportunidade, resolvemos—embora só com sacrificios, mas com a mais decidida vontade—encetar a publicação do presente quinzenario politico, preenchendo desta forma, a nosso vêr, a lacuna de ha muito tente no meio politico il. E assim é que proaremos com quanto nossas forças caiba, preender, apenas co- que doutrinariamen- uma defesa extrema e gica dos salutares cipios inscritos no pro- ma do velho Partido ublicano Português, quais inteiramente nos netemos no proprio la Proclamação da Re- ica (talvez quando es- nda podia sossobrar) e foram a causa uni- a nossa integração na intensa deste regi- novo que tanto nos rece e dignifica; em- compenetrados de tão árdua tarefa in- bia, por direito pro- aos republicanos his- os, cujo numero é de- s reduzido no meio quem escrevemos.

E posto isto, não nos reendc nem importa imediatamente sur- —com fim unico de nos squinhar e destruir o significado da nossa e o valor da nossa cau- os ipitetos menos ho- s de adesivos e aven- os; porque se nesta formosa como o sol, tão restricta na sua ivencia e onde tão nos conhecemos uns utros, é do pleno co- imento de todos o que s hontem, passado se nos compunge for- nte, jamais repelimos por decoro e dignidade, e em que campo ncontramos hoje; tambem não é ignorada a fase dubia, mul- r e encoberta, embora mais que notoria, porque passam les que antecipadamente conjecturamos venham á estacada, de i ou acorrentados, para deprimirem sem escrupulos esta nossa anciosa de conciliação e de justiça, sem terem, ao menos, em li- de conta, alguns dos beneficios, embora tenues, que por ventura usa comum francamente possamos prestar. Adiante...

Republicanos de 5 de outubro e para sempre, procuraremos de- r sem pruridos de *magister dixit*, mas fleugmaticamente e como or soubermos, o Regimen que é hoje o sustentaculo vigoroso e ncivel da nossa nacionalidade, sem o mais leve temôr do remo- mpertinente ou do ataque pessoal, simplesmente condenaveis e ctiferos no actual momento historico, em que se supõe que todo dado é pouco em estabelecer entre todos os portuguêses bem in- onados, um verdadeiro regimen de concordia e segura paz.

E como é nossa intima convicção, de que só com governos plenos nceridade, de energia civica e moral é que é possivel e se torna ssario regenerar este Paiz, é que apoiamos calorosamente, embo- m prestimos, o actual da presidencia do iminente homem de es- Doutor Afonso Costa, que retem no seu incomensuravel talento aquelas qualidades de previsão, de inteligencia e de conheci- os tecnicos, que são o apanágio exclusivo dos homens de acção, como ele, para governarem e para vencerem, sabem denodada- e presistir e luctar.

De resto, repetimos, tudo o que propositadamente se diga em desabono da causa porque vimos luctar e da atitude que nos arrogamos, e que só com sacrificios dispensaveis sustentaremos, nada representará; porquanto, a tais dislates, na presença dos muitos sacrificios que estamos dispostos a efectivar, convertidos que sejam em realidade, corresponderá um condigno desprêso.

A Republica, nas expressões autorisadas dos que durante anos consecutivos por ela terrivelmente pelejaram com prejuizo grave e provada abnegação, não é um regimen de privilegios e de exclusivismos premeditados; é alguma coisa de mais nobre e alevantado. E' um regimen de todos os portuguêses que ambicionem o imediato resurgimento financeiro, economico, moral e civico da sua Patria pela Republica.



DOUTOR AFONSO COSTA

E para a consecução pratica desse supremo ideal politico, todos devem concorrer com a medida do seu exforço, esquecendo-se, sem ocultos fins, o passado que jámais volta; trabalhando sempre, trabalhando sem cessar; e não se procurando subalternisar aqueles que pelas suas qualidades intelectivas e pelas suas competencias mais que provadas por ventura ainda pretendem, como é primordial dever de todos os bons patriotas, integrar-se desinteressadamente no regimen triunfante, embora se vigiem de perto e com cautela os que tal resolução tomem com perversos intuitos de futura traição.

Sempre foi esta a nossa atitude; já porque o contrario representaria uma gravissima incoerencia, e ainda, e principalmente porque, defendendo tais principios, pugnamos, é claro, logicamente pela nossa propria causa.

A nossa atitude não póde ser com boa fé contraditada, porque não colhe neste momento a rasão, talvez unica, de se afirmar que é extranho o passo por nós dado do passado para o presente, que afinal é bem honroso, porquanto, os motivos apontados, são as causas justificativas do nosso patriotico procedimento, de cujas consequencias resultou—como era de prever de todos aqueles que militavam no mesmo campo—a nossa sincera adesão ao novo regimen no qual neste meio ainda bastantes se não integraram, menos por falta de vontade, mas porque disso os inhibem lastimosas influencias de caracter personalista, evidentemente postas á prova para constituirem extensa barreira aos que, por mais aptos, possam suplantar por uma questão de natural selecção, os que pretendem ousadamente transformar a democracia num despotismo agressivo e pedante.

A nossa atitude, pois, é bem clara e bem nitida.

E tanto assim que, se não fosse, não vinhamos abertamente á lucta—quebrando aquele silencio em que protestamos ficar—que com certeza nos vem trazer amargos dias de intranquilidade, da qual os comediantes e os comodistas se afastam com receios de vindictas e mais coisas tetricas; apesar de que os ataques pessoais, as discussões estereis e as louvaminhas, já mais ocuparão espaço no nosso jornal.

O que ao paiz cura, o que o povo republicano exige, são obras, factos concretos, como assim sabiamente o tem entendido e melhor executado o actual e ilustre presidente do governo: equilibrando o orçamento do Estado; mantendo inflexivelmente a ordem publica; garantindo sem exageros a liberdade politica e religiosa de cada cidadão; aliviando na medida do possivel o tesouro publico dos pesadissimos encargos, legados pelo regimen deposto; e, finalmente, fazendo incidir progressiva e equitativamente o imposto sobre as classes ricas, isentando generosamente os que não sendo bafejados pela fortu-

1.º anno - N.º 3 - 1913

Barcellos, 5 d'outubro

Director: M. Latino G. Ramos

Red. e adm. Rua Faria Barbosa



Pela Patria! Pela Republica!

O M. B. L
BIBLIOTECA

Eis a nossa divisa. Nela sintesamos todo o nosso programa, e trabalharemos sempre, com entusiasmo e fé.

A Patria, é a paixão da nossa alma. A Républica. é a grandesa moral do nosso povo.

Pela Patria e pela Republica! Neste lema simples, mas bem expressivo, está concretisada toda a tarefa que nos propomos.

Damos, pois por feita a nossa apresentação saudando o publico, com quem viveremos e a imprensa em cujo campo hoje enfileiramos.

Nº1 - 1º ano - 1914 Barcelos, 9 de março Preço 1 cen.

Jornal de caricaturas
sores, crítico e hu-
morístico
Director
M. Latino G. Ramos

O ZÉ

C. M. BARCELOS BIBLIOTECA Nº

No Jardim



Ela - Olha, Afonso, as nossas rosas já teem botões...

Ele - É verdade. São mais felizes do que as minhas camisas...

Anno I — 31 de Maio de 1914 — Numero 1

O DOMINGO

BOLETIM PAROCHIAL DE NINE E CAMBEZES (PUBLICAÇÃO SEMANAL)

Director—Padre Francisco de Lima Novaes — Editor e administrador—Padre Domingos Peixoto da Costa e Silva

Redacção e administração—NINE — Propriedade da empresa de O DOMINGO

Composto e impresso na *Typographia Sameiro*—Rocio de Traz da Sé, 8 e 10—*Braga*

"O DOMINGO,,

Ao "Legionario,,

QUEM VEM LÁ?

—Mais um, senhôr.

—Bem vindo seja!

—Bem vindo, sim; mas olhe, senhor, nós somos qual outra pudibunda donzella que, em virtude de circumstancias varias, tivesse deixado o silencio do seu querido claustro e viesse para o bulicio do mundo.

Nós até agora viviamos ahi para os lados de Cambezes e Nine acostumados apenas a tratar de perto com o nosso bom povo sempre cumpridor dos seus deveres e entregue como poucos á labutação da vida campestre.

Hoje, porém, sentimos-nos impellidos para um campo de acção muito differente das nossas acostumadas e diarias occupações; precisamos, por isso, do vosso auxilio, dos vossos conselhos, da vossa direcção, como mestre que sois n'estas lides, e ainda do vosso prélo e, emfim, de tudo; pois nós nada temos.

Em compensação, porém, offerecemos-vos a nossa boa vontade, o nosso esforço, a nossa dedicação e depois de tudo isso ainda o nosso eterno reconhecimento, como é devido.

E, por ultimo, nas vossas mãos collocamos a primeira folha em branco, do nosso semanario que intitulamos «O Domingo», e que seguindo a mesma vossa orientação, em breves dias vae correr, de mão em mão, entre o nosso povo tão bom e tão crente, como realmente é.

Tomae, emfim, em vossas mãos, nós vos pedimos, esta primeira folha ou numero do nosso semanario, collocae-a no prélo, pedi a Deus que a abençoe, que por nós abençoada vae.

A Redacção.

O Evangelho

O Espirito Santo

Natureza em festa. Almas em alegria. Pelos caminhos dos montes em flôr vem descendo aos logares ranchos de raparigas, endomingadas e frêscas nos seus trajes caracteristicos, e cantando ao sabôr da phantasia, em córos harmoniosos que se perdem ao longe, como barcarolas.

E' ao fim da tarde. Luiza, José e Rosinha acabam de chegar da romaria; e emquanto o lume na lareira prepara a modesta ceia, os nossos amigos, sentados á porta de casa, descançam da caminhada por aquelles carreiros do monte, mais proprios para cabras do que para gente.

—Vae buscar lá dentro a Biblia, — disse José para a filha; — vamos ouvir a nossa doutora.

—Pois sim, — acquiesceu Luiza n'um bom sorriso.

E abrindo o Evangelho, principiou a lêr:

«Jesus disse aos seus discipulos:

—Se alguem me ama, guardará a minha palavra, e meu pae o amará, e nós viremos a elle e faremos n'elle morada. O que me não ama, não guarda as minhas palavras. E a palavra que vós tendes ouvido, não é minha mas sim do Padre, que me enviou. Eu disse-vos estas coisas, permanecendo comvosco. Mas o Consolador, que é o Espirito Santo, a quem o pae enviará em meu nome, elle vos ensinará todas as coisas, e vos fará lembrar de tudo o que vos tenho dito. A paz vos deixo, a minha paz vos dou, e eu não vol-a dou, como a dá o mundo. Não se turbe o coração, nem fique sobresaltado. Já tendes ouvido que eu vos disse: Eu vou e venho a vós. Se vós me amasseis, certamente havieis de folgar, de que eu vá para o pae; porque o pae é maior do que eu. E eu vol-o disse agora, antes que succeda, para que quando succeder o creaes. Já não fallarei muito comvosco; porque vem o principe d'este mundo, e elle não tem em mim coisa alguma. Mas para que conheça que amo ao pae, e que faço como elle me ordenou.»



MATER ADMIRABILIS

—Ainda são do admiravel discurso de Jesus, antes da sua Paixão dolorosa, estas palavras cheias de carinho e conforto,—explicou Luiza fechando o Livro dos Livros;—Jesus vae deixar os seus discipulos, mas enviar-lhes-ha o Espirito Santo para completar os seus ensinamentos, isto é, dar-lhes-ha perfeita intelligencia para comprehenderem e ensinarem a doutrinação sublime de Nosso Senhor. O Espirito Santo vem sobre os Apostolos para que elles sejam columnas inabalaveis da suprema verdade. Este mesmo Espirito desce, e fica desde então na Egreja *docente*, para lhe assistir, esclarecer e perservar de todo o erro, e para que ella se torne, para todos os homens, o pharol luminoso que lhes indique o verdadeiro caminho da virtude e do céu...

Luiza guardou silencio. Pelos caminhos dos montes em flôr, já ensombrados pelo manto da noite, ainda se ouviam, distantes, as cantigas das ultimas romeiras, frescas e endomingadas nos seus trajes caracteristicos...

Pelo extracto

Diniz Serrano.

Aquêle que no desempenho das suas obrigações publicas ou particulares não arranjou um inimigo, ou nunca foi de encontro á opinião publica, raras vezes legará á posteridade um nome que se imponha á consideração imparcial.

Cardial Gibbons.

1.º ANO Barcelos, dezembro de 1915 N.º 1

NOVIDADES

PUBLICAÇÃO GRATUITA

Director e proprietario
FERNANDO MIRANDA
Editor
JOÃO MIRANDA

Brinde do "Centro de Novidades,,
—
PAPELARIA, LIVRARIA E TIPOGRAFIA
136 - Rua D. Antonio Barroso - 140

Redacção e administração
Comp. e Imp.
CENTRO DE NOVIDADES--BARCELOS

A todos os ex.mos freguezes do Centro de Novidades e aos nossos presados leitores e amigos desejamos

Boas Festas e um novo ano repleto de felicidades.

A nossa missão

O Centro de Novidades sustentara, durante alguns anos, a publicação de dois jornais — «O Centro» e a «Propaganda Literaria»,—êste para réclame da sua livraria e aquêle para a propaganda dos diferentes artigos dos outros ramos de comercio que êle explora.

Motivos de varia ordem, obrigaram-o, porém, a suspender, bem contra seu desejo, tais publicações, de modo que aquêles orgãos de propaganda deixaram de visitar os seus estimados e numerosos leitôres, bem como os presados clientes do Centro de Novidades.

Mas, porque êste estabelecimento passara por uma completa transformação, ficando modernamente instalado, apresentando um grande e variadissimo sortido em todas as suas secções e oferecendo as maiores vantagens, apesar da séria e grave perturbação nos negocios comerciais, ocasionada, não só pela terrivel guerra europeia, mas tambem pela ameaça constante de novas conflagrações, não póde o Centro de Novidades deixar de continuar com o seu reclame, anunciando os seus novos artigos e mostrando as vantagens que gostosamente oferece aos seus estimadissimos fregueses.

Eis porque aparece êste pequeno jornal —«Novidades». Será êle o continuador da missão de que aquêles dois jornais se desempenharam com agrado dos seus leitôres e fará a propaganda activa e persistente do Centro de Novidades, por uma fórma pratica e util, ao mesmo tempo que interessante e agradavel, tratando de todos os assuntos, os mais variados e palpitantes, para tornar impressionante o reclame e fazer despertar no leitor o interesse pela leitura.

Como a propaganda não se faz só com palavras engenhosas, mas principalmente com factos, porque estes falam sempre eloquentemente e não sofrem contestação possivel, começamos hoje a demonstrar por uma fórma positiva como o Centro de Novidades está dispôsto o oferecer aos seus amigos e freguezes as maiores vantagens.

Referimo-nos aos brindes que adeante anunciamos e que—representando um sacrificio para o Centro de Novidades—são ao mesmo tempo a prova insofismavel de que ás nossas palavras correspondem os factos.

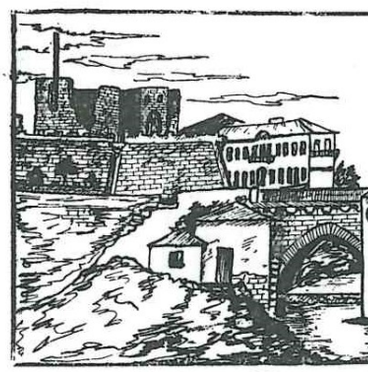
Temos, assim, feita a nossa modesta apresentação, restando-nos cumprimentar afectuosamente todos os nossos presados leitores e amigos e fregueses do Centro de Novidades, esperançados de que este estabelecimento continue a encontrar da parte de todos a simpatia e preferencia com que sempre o têm honrado.

Sabonete Vizela

a 200 rs. Util em todas as afecções da pele, além de ser um perfeito sabonete de toilette.

1.º ano — Barcelos, 16 de janeiro de 1916 — N.º 1

BIBLIOTECA
M .....



REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA S. FRANCISCO, 15 e 17

PROPRIETARIO, DIRECTOR E EDITOR
Hilario Candido Barreiros d'Oliveira

COMPOSTO E IMPRESSO NA TIP. DO CENTRO DE NOVIDADES — R. D. ANTONIO BARROSO 134 A 140 — BARCELOS

O CAVADO

SEMANARIO LITERARIO

ASSINATURAS:—Ano 1:200, pelo correio 1:400; semestre 600, pelo correio 700; trimestre 300, pelo correio 350. Avulso 30. Brasil e Africa 2:000.

"O CAVADO,,

SAIMOS hoje a publico.

Cremos que no nosso meio se fazia sentir a falta dum jornal, que, como êste, tivesse um caracter puramente literário, pondo de parte a intriga politica e tudo que tira susceptibilidades.

Nessa ordem de ideias resolvemos trazer a publicidade *O Cavado*.

—O que será *O Cavado?*

A pergunta é simples mas a resposta dificultosa.

Anima-nos, porém, o mais patriotico dos intuitos, que é fazer dêle um semanario literario e noticioso, tanto quanto possivel, onde a par da mais selecta colaboração, inseriremos tudo que concorra para o desenvolvimento material e moral desta lindissima princeza do Cavado.

Contando com a colaboração de alguns dos mais cotados homens de letras do norte do país — o que se é motivo de orgulho para a nossa modesta personalidade, é tambem um sinal de grande consideração que os intelectuais dão a Barcelos.

Mas além dos estranhos nós contamos tambem com a brilhante colaboração dos mais erguidos espiritos do nosso burgo.

—E há em Barcelos — todos o sabem — mentalidades de grande destaque, que ilustrarão por forma relevante as colunas do nosso *Cavado* em artigos valiosos sobre literatura, jurisprudencia e critica cientifica e literaria.

E' pouco?

Hão-de concordar que entramos agora na liça.

Temos um programa grandioso na mente, mas a sua efectivação depende de causas fortuitas, muito varias.

O nosso desejo seria até transformar *O Cavado* numa revista literaria e cientifica, profundamente ilustrada, onde fossem tratados os problemas mais transcendentes a par da vulgarisação cientifica mais comesinha.

Se isso se poder conseguir um dia, prometemos não faltar ao que hôje anunciamos.

Norteia-nos tambem um outro fito: a propaganda em prol de Barcelos: — tornar conhecido o passado nobre desta terra, o seu desenvolvimento industrial, comercial e agricola, o seu desejo de engrandecimento, a sua sêde de progresso.

Para conseguir tudo isto é muito dificil não cair num pantano charquento e deletério — a politica.

Pois bem: nós protestamos fugir dêle: a politica não ultrapassará nunca os umbrais da portada d'*O Cavado*.

Isto hade cumprir-se, porque êste jornal primeiro que tudo tem de ser um jornal limpo.

E politica e limpêsa são duas coisas que não se coadunam muito bem.

A Redacção

LITERATURA

As Cinzas do Poema

COMO MORREU UM HOMEM DE GÉNIO

(Excerto dum livro em preparação)

A's quatro da manhã. Teódulo Neurol morto de fadiga e com a testa húmida dum suor frio, lançou pela janela fóra a pena com que escrevera a ultima página do seu livro e deixou-se escorregar para o leito onde repousou trinta horas seguidas, numa imobilidade de cataléptico. Ao anoitecer, quando o sol daquele desembro primaveral descia a mergulhar no mar, onde em tremulinas aurifulgentes se desenhavam exoticos arabescos — serviram-lhe uma chávena de café bem forte, que a mãe, a santa vélhinha cuidadosamente lhe preparara.

Notou logo D. Elvira que seu filho ardendo em febre, delirava. Ah! como a pobre senhora se afligiu!

Seis meses havia que o seu Teódulo adorado não descançava mais que umas curtas duas horas por noite. Aquilo matava-o por força! Tinha sobre a mesa trinta cadernos de almasso escritos pela sua mão, com pensamentos geniais gerados no seu cérebro poderoso e grande.

Que de torturas lhe não custou tudo aquilo! Tinha a saude abalada desde os alicerces; quase deixara de comer e avassalavam-no as mais crueis insónias. Ah! se o seu filho querido enlouquecia, se morria — ¿que seria dela?

* * *

Escurecia já quando cheguei. Lembro-me bem. No quarto não havia já o desalinho habitual. Sobre a mesa, os livros, o papel e os jornais, estavam arrumados com ordem; e na estante os livros alinhavam-se em filas cerradas, sem um único vão. Dias antes, ainda na véspera, aquele quarto era uma ba.afunda. Pelo pavimento, em desordem, estadeavam-se monticulos de livros - uns fechados outros abertos; e a ampla mesa astrada de jornais, papeis vários, livros, brochuras, panfletos, in-folios preciosos — como banca de alfarrabista bibliomano.

O canapé e as cadeiras vergavam ao peso doutros livros, doutras brochuras, outros jornais e in-folios. A mutação era pois completa.

Eu era chamado pela velha mãe do escritor amigo, com pressa, sem demora. Coisa grave decerto:

Quando entrei Teódulo olhou-me espantado com um olhar demente, febril que apavorava.

Disse algumas palavras de encorajamento. Não me respondeu. Comecei então a analiza-lo. Ele fixava agora a vista num ponto vago e parecia não dar fé de mim. Verifiquei com estranhesa que as suas maxilas lhe davam um aspecto de prognata, que os olhos,, a momentos forcejavam por saltar fóra das órbitas e o nariz se entumescia. Uma máscara de imbecilidade toldava a fronte nobre daquele homem de génio a quem eu augurava um futuro de gloria imortal.

Resolvi mandar chamar um médico. Mas receando que não o fizessem com rapidez precisa — fui eu mesmo. E meia hora depois voltei com o doutor — um velho de grande fama. Encontramo-lo sentado no leito, tiritando com frio e com a vista mergulhada no pavimento. Pareceu não dar por nós. Dir-se-ia mergulhado num sono cataléptico, num sono de morte, na propria morte. Notei que no ambiente errava um cheiro morno de chamusco e vi o tecto nublado de fumo borralhento.

Aos pés da cama enxerguei então um montão de cinzas negras e fragmentos de papel mal queimados. Num relance verifiquei na mesa a falta do autografo. Senti uma vertigem: o pobre louco queimara todo o seu belo poéma . . .

E o médico dizia-me:

— O seu pobre amigo enlouqueceu

Quase não o ouvi. Reflexionava. O desgraçado inutilisára em dez minutos o fatigante trabalho que pensara em seis anos e escrevera em seis meses. Eu lera quase todo esse poema e não lhe encontrara simile em nenhuma das literaturas conhecidas Era a mais bela e grandiosa concepção filosofica e literaria do seculo XIX — um livro que seria imorredoiro mas que por culpa do Destino, por disposição extemporaneo da negra Fatalidade fenecera logo ao nascer,

O médico ia fazendo o seu diagnostico. mas eu mal o ouvia.

Meu pobre Teódulo! O que tu foste! O que tu és!

Um génio extraordinário, a mais poderosa cerebração de portuguez enlouquecia ao dar por finda uma obra prima de literatura e arte. E o que era mais destruira com o fogo a grandiosa manifestação do seu génio . . .

Creio que chorei nessa hora. —

. . . . . .

Ouvi então o médico dizer:

— Dou-lhe duas horas de vida.

. . . . . .

. . . . . e quando a lua nascia ao longe sobre a linha serrilhada da montanha, aspergindo uma luz fria e mortiça sobre a natureza adormecida, Teódulo fechava os olhos para nunca mais os abrir.

Meu pobre Teódulo! Marcando o *Fim* do teu livro — marcaste o teu proprio fim. Que fatalidade!

Manuel Boaventura.

O BOEMIO

Lembro-me ainda bem: era êle então um rapaz alegre, vivo e sempre ridente.

Suas palavras eram satiras como satiras eram os seus olhares.

Usava uma longa barba negra, que quasi lhe cobria o moreno perfil hebraico, e o bigóde hirto, subindo até aos olhos verdes.

Só amava as creanças e o champagne; do mais, ria e desdenhava.

—O amôr, dizia êle, é uma bebedeira de mau vinho: quasi sempre nos mancha o peito da melhor camisa, inutilisando-a, e que nos deixa o estomago arruinado.

Padecer, é a tolice sentimental a que os parvos chamam amar.

Amar, é ser cretino, não ter inteligencia para mais, não ter concepção, nem pensar, nem senso comum.

* * *

Uma vez, entro no Suisso, era madrugada. Vejo-o recostado, de monoculo caído e os olhos cerrados; tinha uma taça de absinto na mão, descançando o braço sobre a mesa!

Assim dormitava. Estava palido, e os longos cabelos beijavam-lhe a tez.

Acordo-o, e êle fita-me com um sorriso de tristeza.

Não parecia o mesmo!

—Olha, diz-me êle, vês esta bebida?

—Sim, é veneno!

—Talvez, mas chamam-lhe absinto; é côr da Esperança e lança-nos nos braços a mulher que amamos e desejamos!

Mais igneo veneno bebi eu nos negros olhos e nos sorrisos angelicos de uma linda morena.

1.º ano — Barcelos, 1 de outubro de 1916 — N.º 1

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Rua S. Francisco, 15 e 17

Editor
Manuel Miranda

Proprietario e Director
Hilario Candido Barreiros d'Oliveira

COMPOSTO E IMPRESSO NA TIP. DO CENTRO DE NOVIDADES — R. D. ANTONIO BARROSO, 134 A 140 — BARCELOS

O INTERINO

SEMANARIO LITERARIO

ASSINATURAS:—Ano 1:200, pelo correio 1:400; semestre 600, pelo correio 700; trimestre 300, pelo correio 350. Avulso 30. Brasil e Africa 2:000.

"O INTERINO,,

Apesar da carestia do papel, sempre nos atiramos a esta empreza da creação de um novo jornal, cá nesta terra tão linda, — linda como o coração das suas raparigas lindas — e nobre pelos nomes dos seus filhos.

Programa... para que fazel-o se tanta gente nos conhece e sabe qual será a nossa orientação jornalistica? Pelos cafés, pelas casas de bebidas, pelas ruas, aos grupos. tem sido já discutida e apreciada essa nossa orientação; e, por isso mesmo, não precisamos de dizer a que vimos.

O Interino será efectivamente um *interino* na imprensa local e a sua duração será aquela que nos for ordenada pela Comissão de censura, visto que é ela e mais o sr. Governador civil, quem mandam neste caso; e, aqui para nós, — mandam e temos que lhes obedecer! E está bem, mesmo muito bem, porque é assim mesmo. Cá nestas coisas, o melhor é obedecer, porque do contrario... lá vai tudo raso...

E porque *O Interino* tem de viver o tempo que o deixarem,—aceitem a ilustre Comissão de censura e mais o sr. Governador civil, os nossos mais amaveis cumprimentos e as nossas saudações, e tenham suas excelencias piedade deste humilissimo servidor da causa publica—que é

O INTERINO.

Suspensão

Foi suspenso «O Cavado»!

Durante o periodo de cinco semanas fica ele sepultado nas regiões imensas do Nada!

Por mais que se indague ninguem sabe dizer qual o motivo que determinou tal suspensão.

Sabe-se apenas que, por proposta da comissão de censura local, o sr. Governador Civil do districto, por despacho de 26 de setembro ultimo, suspendeu por cinco numeros a publicação desse semanario.

Nada mais!

Voltamos aos ominosos tempos da inquisição em que o espirito livre e alevantado sofria dos esbirros assoldadados as mais ignominosas torturas!

Mas isso não faz sentido, nem com as declarações do Governo, nem com os principios basilares da nossa constituição!

Em vista de tal procedimento irritante e escandaloso, somos obrigados a concluir que a ação da atual comissão de censura local é apenas uma agencia particular com o encargo obrigatorio da defesa sistematica de certas criaturas.

Ora não foi para defender pessoas, que nada valem nem nada significam, que o parlamento votou a lei de censura; obedeceu exclusivamento ao principio sagrado da Patria e mais nada.

E tanto assim é que até nela se expressa bem terminantemente o direito do ataque jornalistico aos proprios ministros, que são e representam evidentemente alguma coisa mais do que certas creaturas... que o acaso e a intriga escolheram numa hora de indecisões para o desempenho de altas funções, com absoluta carencia da preparação politica e do estofo moral necessarios.

«O Cavado» não adulava, não servia para sabugismos, e daí o rancoroso odio contra ele.

A Comissão de censura de ha muito que traz no espirito um negregado programa: inutilisar «O Cavado».

Ontem foi ele processado, hoje é ele suspenso!

Triste e vergonhoso!

Como se pode tolerar num regimen que se diz de absoluta liberdade e correlativa responsabilidade, a restauração de um arbitrio obsecado por rancores politicos e servido por individuos desprovidos daquela cultura indispensavel a quem tem de julgar no tribunal nobilissimo da imprensa?

Nós sabemos bem que a censura é indispensavel no periodo que atravessamos, mas justa somente nos pontos expressos na lei, e nunca nos imaginados por qualquer individuo censor.

O resto, é desrepublicanisar ou recuar para antes de 5 d'outubro de 1910.

Carta do "Interino,, ao "Cavado,,

Meu velho:

Sempre cuidei que não morrias tão cedo. Ha muito tempo que eu espreitava pelo buraco da fechadura, a ver quando caías de vez, para eu entrar.

Foi tarde um pouco, mas foste! E porque foste, cá estou eu agora na berlinda, a saltar todo contentinho, porque, meu velho, a terra é *prós homes.* Tu já estavas gasto, gastaste-te depressa, por que pensaste que isto havia de ir tudo a eito!

Pegaste-te com a guarda; depois com a censura, e depois — zaz, catrapuz! — descarrilaste com um empurrão apenas do benemerito governador cá do districto— e foi bem feito!

Eu cá vou ter mais juizinho, vou dizer bem de tudo e de todos. O que a ti te aconteceu serve-me de lição.

Já não preciso de ir aprender á escola do velho Nunes, mesmo porque ficava muito longe; li pela tua cartilha e como vi que ficaste reprovado, já sei o que tenho a fazer: é o contrario do que tu fizeste.

Desculpa, meu velho, estas poucas letras e crê que terás em mim um amiguinho, que se não esquecerá da tua memoria... Adeus, meu velho, meu amigo «Cavado»! Até um dia!

LITERATURA

A LINDA TECEDEIRA

I

A Josefa da Conceição era uma rapariga de truz. Alta, branca de neve, olhos negros, rasgados, pestanudos, labios vermelhos como as petalas dos geranios, um caminhar leve e gracioso, ares modestos e timidos, numa palavra o seu tipo era mais duma filha de duques que duma tecedeira da fabrica da Chemina.

O Vicente de Sousa, um tecelão que trabalhava em um tear junto do dela e que passava por ser um bom rapaz, um excelente operario era o dilecto do seu coração, o seu escolhido.

Como os invejavam quando ás horas do descanço, sentados junto um do outro, se entregavam a esse idilio tão meigo, tão rude e ao mesmo tempo tão verdadeiro e sincero... idilio de amor.

Entre eles, porém, havia uma pequena discordancia, motivos: — as filarmonicas.

Não é de admirar que entre amorosos se discutam melodias. Ele era partidario do *Chegadinho.* Ela do *Cartaxinho,* mas partidarios dantes quebrar que torcer, como dizia o grande Francisco Manuel...

E apesar do seu amor tão entranhado e leal de forma alguma renunciavam a tais opiniões.

II

Numa noite de domingo, noite de encantos e misterios em que o luar banhava com o seu palôr tão meigo e suave a vila inteira, agora adormecida, saiam ambos dos respectivos bailes.

O Vicente buscou a Josefa e pediu a honra de a acompanhar aos seus penates.

Concedida, como era de esperar, a palestra travada breve decaiu naturalmente sobre o afecto intimo que ligava aqueles corações apaixonados. Instinctivamente ambos, no calor da conversa, haviam chegado á beira-rio e sentaram-se a tomar o luar que inundava de luz os salgueirais e a

Anno I — Barcellos, 25 de Outubro de 1916 — Numero 1

ACÇÃO SOCIAL

SEMANARIO CATHOLICO

COM APPROVAÇÃO ECCLESIASTICA

Redactor principal,
P.e Alexandrino José Leituga
Editor e proprietario,
João de Sousa

Red. e Adm. — Rua de S. Francisco

Composição e impressão
Typ. de Fernando Marinho—BARCELLOS

A nossa bandeira

As primeiras palavras nossas, em cumprimento d'um dever de civilidade, vão para os nossos collegas das rudes lides da imprensa e muito especialmente para os nossos collegas locaes.

Como velha usança dos nossos maiores, nós, que votamos amor entranhado ás gloriosas tradicções portuguezas, saudamos cortezmente os nossos camaradas locaes, com quem é desejo nosso viver sempre em boa harmonia.

Pode por vezes succeder que, para fazer resaltar nitida a luz da verdade, ou profligar a corrente mentirosa do erro, tenhamos de desensarilhar as armas certeiras da discussão e terçalas com os adversarios dos sagrados principios, que, com desvanecimento e orgulho, professamos.

Ainda mesmo n'essas pugnas, por mais ardorosas que tenham de ser, á maneira dos duellistas nos tempos cavalleirescos da Edade-Media, qué se cumprimentavam antes do acceso da lucta, a nossa penna nunca esvurmará o odio, que macula, nem o veneno, que mancha.

Deante de nós, sempre altiva se erguerá aquella maxima sentenciosa: *interficite errores, diligite homines,* combatei o erro, mas amae os homens.

Hasteamos consequentemente a bandeira branca da paz, em cujas dobras bem se podem abrigar todos os que trabalham com recta intenção.

*

Por Deus, trabalharemos sempre sem desfallecimentos.

Por Deus... e para que Deus reine nos individuos, nas familias e nas sociedades.

Para que a sociedade, enferma de tantas chagas moraes e sacudida por tantas theorias nefastas que, em lufadas de exterminio, lhe minam as entranhas, respire e seja infiltrada do espirito de Deus e veja no cumprimento da Sua soberana Lei a sua unica e verdadeira felicidade.

Por Deus... como por Deus teem sido grandes talentos e fulgurantes genios, que as paginas ferreas da historia archivam com gloria.

Por Deus... e consequentemente sempre obedientes e em filial sujeição ao seu Vigario na terra, ao Suprema Chefe de Sua Egreja, que é Una, Santa, Catholica e Apostolica.

*

Pela Patria, eis a segunda divisa da nossa bandeira.

Patria! Ninho perfumado dos mais santos affectos, nectario uberrimo das mais acrisoladas dedicações!

Para ella trabalharemos sem dor nem descanço, por ella serão sempre pequenos os nossos maiores sacrificios.

Para ella, seremos prodigos em canceiras e dedicações, por ella nos tornaremos avaros em beneficios e riquezas.

Pela Patria... para que ella nunca deixe de ser a respeitada Patria de Nun'Alvares, que em uma das mãos conservava o rosario, que faz santos e na outra a espada, que miraculosamente nos encheu de glorias.

Pela Patria... que tem estrellas de primacial grandeza na constellação scintillante de ousados conquistadores e destemidos navegadores que, «não temendo a braveza das ondas que de branca espuma se mostravam», «em perigos e guerras esforçados, mais do que promettia a força humana, entre gente remota edificaram» o respeito e admiração do nome portuguez.

Pela Patria... que foi temida e grande, quando irmanada com a Fé e com a Cruz.

*

Por Barcellos. E' assim que findamos a trilogia dos nossos amores, a quem promettemos devotar os nossos mais ardentes empenhos.

Por Barcellos... para que ao lado dos seus progredimentos moraes, floresçam os seus melhoramentos materiaes, a que tem incontestavel jus.

Por Barcellos... para que, á linda posição de que foi dotado pela natureza se juntem os esforços de todos os seus filhos, fazendo d'elle uma terra modelo, encantadora e com attractivos, que a tornem justamente admirada.

*

Em synthese, porque para mais não ha ensanchas, está traçado o nosso programma, que será sempre o nosso norte e que forcejaremos por desenvolver e integralmente cumprir.

NÓS E A IMPRENSA LOCAL

«Do alto dos montes descem as aguas mais puras que, em arroios, em regatos, em rios fecundam e aviventam os plainos circumjacentes: como ellas devem ser as palavras que d'aqui procedam, puras, doces, proveitosas...»

CASTILHO

Postados no Centro, em torno do qual redemoinham e se entrechocam as opiniões e contendas politicas e religiosas, alteando-nos sobranceiros aos systemas politicos, divisões partidarias e concomitantes monticulos de avareza e ambições que n'elles se incrustam; serenos como a região superior onde pairamos, sinceros como as aguas limpidas, — que o são tanto mais quanto mais elevadas as rochas d'onde manam —: assim nós, obscuros soldados da gloriosa milicia da Egreja e apaixonados amigos do torrão sagrado onde nascemos, havemos de ir pugnando pelos ensinamentos, defeza e liberdade daquella e pelas prosperidades e bem estar desta.

Arrojados vôos do pensamento, pujança e louçanias de linguagem não os esperem de nós; — que as aguias do pensamento suscitas raro a Providencia; mas suppril-os-hão a elevação do ponto de vista onde adejamos, a benevolencia dos nossos conterraneos e a opulencia apologetica dessa divina instituição, a Egreja, que tem resistido, cada vez mais revigorada, ao camartello demolidor de 19 seculos e aos maleficios interminaveis dos seus innumeros inimigos e até — para que negal-o — de muitos de seus filhos e ministros.

Eis-nos pois na arena da imsa. Ah! a imprensa, «alavanca valiosissima do progresso dos povos, sacrario da luz, officina de instrucção que communica a milhares de cerebros o que a palavra falada só pode communicar a algumas centenas de ouvidos» «cynematographo onde podemos observar ao vivo a complicada trama dos movimentos da sociedade!»

E afinal ella é tambem um dos gloriosos inventos de que a Egreja com razão se ufana.

Brotou do seio do catholicismo e foi embalada pelas suas mãos.

Guthenberg, seu reputado inventor ou, ao menos, grande aperfeiçoador, foi subsidiado do bispo de Mayence, e a estreia do seu invento fel-a elle, este genial allemão, imprimindo a Biblia.

Por isso bem é que no importantissimo concelho de Barcellos, a par da sua imprensa de varios matizes, haja tambem um jornal catholico extreme. Tal é nosso jornal. Se da politica se occupa é accidentalmente e por a politica se ter intromettido nas coisas da Egreja — o que já não é d'agora.

Não nos supponham pois os nossos confrades um elemento perturbador a acirrar animos e fomentar odios, não.

A nossa missão é de paz, e ao centro compete attrahir: é-lhe inherente a força centripeta.

Cooperadores sel-o-hemos muitas vezes dos nossos consocios locaes nas suas campanhas pela verdade e justiça; *adversarios*

Prenuncios do inverno

Açoita os ramos o vento
cahem as folhas no chão,
ha nas flores um lamento,
gemidos na viração.
O aspecto da natureza
nas almas lança a tristeza,
põe maguas no coração.

Partiram as andorinhas
em busca d'outra região,
são mudas as avesinhas
dos campos na solidão;
e na languida paisagem,
na desbotada folhagem,
ha pena e desolação...

Rosas sêccas, desfolhadas
pelas garras do tufão,
que fugis arrebatadas
dos ventos no turbilhão,
que tristeza me dais hoje!
Assim a vida me foge,
assim meus annos se vão!

22—X—1916.

Heitor Minho

ANO I — NUMERO I Barcelos, 29 de Julho de 1917

O LITERARIO

Director e fundador, Antonio Mendonça Monteiro
Editor, Hilario Barreiros Oliveira
Administrador, Humberto Sousa e Melo

Red. e Adm. — Campo da Republica
Comp. e imp. — Tip. de F. Marinho

Aos Leitores

Sae «O Literario».

Estranharão, por certo, que nesta ocasião em que a crise do papel é tão manifesta, seja dado á publicidade mais um periodico. Mas, como é dirigido por um grupo de noveis academicos, todas as dificuldades que se apresentaram foram removidas facilmente, lançando-se elles, assim, numa empreza que esperam saber cumprir galhardamente, até final.

Para isso, é preciso contar com a benevolencia dos assinantes, correspondendo, assim, á boa vontade que anima os fundadores, facilitando-lhes, sempre que possam, todos os meios ao seu alcance, para que «O Literario» não tenha uma vida efemera.

E' um periodico, como se vê pelo titulo, que trata apenas de Literatura, Historia e outros ramos de instrucção, prometendo não se intrometer **nunca** em politica, visto os noveis academicos não terem bases precisas para tal fim. Mal seria se assim o fizesse,

Sobre Historia

Batalha de Alfarrobeira

Foi no infausto dia 20 de maio de 1449 que se deu a batalha de Alfarrobeira, na qual morreram o mais esforçado cavaleiro que naqueles tempos havia e o mais vistoso e sabio principe das Hespanhas.

Pela morte de el-rei D. Duarte ficou herdeiro seu filho Afonso, de menor idade, e por esse motivo foi eleito regente D. Pedro, duque de Coimbra.

A escolha não podia ser mais acertada e foi aceite por todos, á exeção de alguns fidalgos que tanto ambicionavam para si aquele cargo.

Foi por este motivo que se deram uma serie de infamias, crimes e baixos ardis contra D. Pedro e que depois terminaram na deploravel batalha de Alfarrobeira.

A' frente dos inimigos de D. Pedro estava o conde de Barcelos, a quem o regente fez duque de Bragança, e que apesar disso conspirou contra ele.

Quando o principe Afonso atingiu a idade legal, D. Pedro reuniu côrtes em Torres Ve-

BIBLIOTECA

Ecos de Barcelos

SEMANÁRIO REPUBLICANO

Depois do pão a educação é a primeira necessidade do povo — DANTON

ANO II — 1920 | Numero 64

Redacção, Administração, Composição e Impressão | Rua Inf. D. Henrique, 67

DIRECTOR: *Miguel Fonseca*

Editor, *Manoel Miranda* | Admi., *Fernando Marinho* | PROPRIEDADE DA EMPREZA «Ecos de Barcelos»

SABADO | 29 de Maio

O QUE DIRIAMOS A S. EX.as !...

Por fim haviamos de ocupar-nos dos assuntos de interesse regional, ou local, que de ha muito esperam solução por parte do Estado ou dependem do seu auxilio.

Mostrariamos a s. ex.as as vantagens que traz para Barcelos a aprovação do projecto da rêde de viação electrica que a câmara de Braga se propõe estabelecer em toda a provincia do Minho. Esse melhoramento representa para Barcelos a realisação de uma das suas velhas aspirações, a ligação rápida e directa com Braga, Espozende e Fão.

Todos conhecem as deficiencias que, nêste sentido, tem para Barcelos a linha do Minho. A viagem a Braga, com a ida a Nine e as demoras que quasi todos os comboios ali têm, representa um desperdicio de tempo incompativel com a pequena distancia a que estamos de aquela cidade.

O mesmo facto se repete, agravado, com relação a Guimarães, sendo necessário, para lá chegar, uma longa viagem.

As importantes vilas de Espozende e Fão estão isoladas de viação acelerada. Para dali se empreender uma viagem no país, ou, simplesmente, ir á capital do distrito, com a qual ha relações forçadas e frequentes, é-se obrigado a uma incomoda e massadora viagem de carro.

As antigas relações desta vila com a Povoa de Varzim e a Apulia ainda hoje se mantêm sem o serviço de comunicação rápido e economico que merecem

O movimento que se estabeleceria entre Barcelos e estas praias, na época balnear, se estivessem ligadas por linhas de carros electricos!

Outra obra de que precisamos é de uma ponte sobre o Cávado, entre as frèguesias da Lama e Areias.

Nêste ponto ha excelentes condições naturais para se realisar uma construção economica, e esta obra, ligada com os ramais das estradas daquelas frèguesias, encurtaria de muitos quilometros a viagem desta vila a Braga.

Como já fizemos ha anos a um director geral de um dos seus ministerios, levariamos s. ex.as ao planalto da Figueiró, para que tivessem uma imagem nítida do desperdicio e do abandono a que tem sido votada a riqueza publica neste país. Mostrar-lhes-hiamos como aquele vastissimo terreno tem as melhores condições para uma exploração agricola. Terra de primeira ordem, com 3.000 hectares de superficie, abundancia de agua e de pedra para construções, a dez quilometros desta vila e a oito da estação de Barrozelas, por boas estradas, reune os requisitos indispensáveis para a fundação de uma colonia agricola, como as que pensa estabelecer o sr. ministro da agricultura.

Não precisavam s. ex.as de andar pela Beira Alta á cata de terrenos para este fim, decerto sem as condições favoraveis que este reune.

Aqui tinham este que, no estado em que se encontra, virá a ser em alguns anos apenas uma extensa mata de pinheiros.

Acompanhariamos s. ex.as á Franqueira para poderem vêr a justiça com que reclamamos uma estrada que sirva aquela estancia.

Mostrariamos ao sr. ministro do comercio o movimento da nossa estação, para que s. ex.a constatasse a razão que nos assiste quando pedimos que seja elevada a primeira classe e o seu edificio e cais de mercadorias ampliados.

Dahi e da importancia comercial da nossa terra concluiria sem esforço s. ex.a a vantagem que nos adviria da instalação de uma rêde telefónica local e ligada com o rêsto do país.

O traçado de uma estrada das Necessidades a Nine, de outra do apeadeiro de Carapeços a Alvito e de outra de Crujães a Bastuço, são melhoramentos que se impõem á consideração de quem conhece as necessidades do concelho.

A nossa importante industria de olaria necessita ser dotada com uma escola pratica, onde as melhores aptidões tivessem a aprendizagem necessária ao seu aperfeiçoamento ensinando-se-lhes a modelação, o desenho, a pintura, etc.

Diriamos a s. ex.as do desolador atrazo da instrução no nosso concelho, onde faltam escolas em mais de um terço das frèguesias e são pouquissimas as femininas. E, nas que existem, a freqüência é pouca e irregular e o aproveitamento insignificante.

E ainda, para espiritualisar o passeio, levariamos s. ex.as á egreja de Vilar para lhes mostrar a necessidade que ha de fazer importantes obras de consolidação e restauração daquele monumento nacional que, com a nossa indigencia material e mental vamos deixando arrazar-se, como o fidalgo que, depois de arruinado, se esquece dos seus pergaminhos.

Assim falariamos a s. ex.as, fornecendo-lhes elementos que deviam ser-lhes uteis quando, lá na capital, se resolvessem a fazer esta *politica* que é aquela que, cá os provincianos, estes incorrigiveis pacóvios, de ha muito esperam.

Ficará para outra ocasião, para quando nos visitem mais democraticamente...

UMA FAVA PRETA ...

Deitamol-a ao ilustre ministro da instrução por ter nomeado um menino de Menezes de Fernandes da Costa para ir em comissão á França e á Italia estudar qualquer coisa que já devia saber.

Esta epidemia das missões de estudo está ficando carissima ao país.

Bem sabemos que o agraciado é filho do sr. Fernandes Costa, generalissimo de um partido republicano, mas esse argumento para nós não basta para que o menino bacharel vá viajar pelo estrangeiro á custa do Estado, que é no. que se resumem estas missões de estudo.

Pedimos ao sr. ministro o maior cuidado nestes casos.

O dinheiro que se vai gastar é nosso. Dizem que estamos á borda do abismo financeiro. Por isso, nada de deitar fóra, sr. ministro!...

Experimente com o seu a vêr se gosta!...

Vai ou... racha

Quasi se tranforma do lado sul a rua Soalheiro, que pelo nome não perca.

Realisam-se ali algumas construções e não virá fóra de geito dizer alguma coisa a proposito.

O professor Oliveira, de Fragôso, é republicano, pessoa muito afeiçoada dos democraticos. Tem grandes barbas e não pequena influência politica..

No entanto foi levado, «manda quem pode», a demolir a casa em que veio á luz da publicidade o dr. Gonçalo Araújo e, mais, a substituir esse pardieiro, que ali se lobriga, sua pertença, por uma habitação decente.

A seguir, o Joaquim Lopes Fernandes Vinagre («é maior a propriedade que o nome») o qual não é, como o rabiscador destas linhas, fotografo de fina sociedade e, apenas, capitalista de vulto, muito chegado á Casa Borges & Irmão, tem de fazer ali, em pequeno terreno, *in-continenti*, obra aceiada, com pena de ficar, com seu conhecido sobrenome, azedissimo.

O confinante dêle, Augusto Ferreira (que só tem de mau, de par com o seu sorrisinho *voltaireano*, nome egual cá ao rapaz), apresentou numa sessão certa planta que não lhe foi aprovada pelos seus colegas da Câmara.

Teve de ser alterada para melhor, compreende-se, com *os toques que só os artistas sabem dar*. Demais o risco era de uma adega e a pipa de vinho já dá duzentos escudos!!

Mais adiante um pobre carpinteiró — que ha de entrar no reino do Céo, visto na mansão celeste os ricos não pôrem o pé (basta-lhes a terra como Paraizo) — quiz levantar a sua casa sujeita ao pé direito antigo, chato como um figo de ceira, porém foi-lhe aniquilado o intento.

Ainda uns passos andados é constrangido o visconde da Barrrosa a desfazer uma casa para, em novo alinhamento, atirar para os ares um prédio *geitôso*.

E, assim, com bôa vontade, se vai transformando um pequeno trecho da vila.

*

Na Avenida estou já antegosando as delicias da arte de construir. Ali podem destacar-se os capitalistas, meus amigos, Ferreirinha, Continhos, etc., que hão de, necessáriamente, *fazer bonito* quando a nossa vereação lhes pedir o seu concurso material para a terra dos seus bons filhos.

...Depois nada de confusões entre a rua do Soalheiro e a zôna da Estação «não vai um passo».

Hay que distinguir.

A. Soucasaux

ECOS DA SEMANA

Capitão Faria

Este oficial do 3.º batalhão de infantaria 8, que ha mezes se encontra nesta vila, onde pelo seu porte distinto e trato social tem adquirido simpatias, acaba de ser louvado por s. ex.a o General Comandante da Divisão pela maneira como desempenhou, durante a ultima gréve telegrafo-postal, o cargo de encarregado dos serviços telegrafo-postais na estação desta vila, mui sobretudo pelas qualidades de direcção que manifestou e pela maneira atenciosa como o publico foi tratado.

Receba o ilustre oficial as nossas calorosas felicitações, testemunhando-lhe mais uma vez a nossa simpatia pela maneira distinta como se houve naquela conjuntura.

Misericordia de Barcelos

E' sabido que as casas de beneficencia estão atravessando uma profunda crise economica pelo excessivo custo de tudo o que tem necessidade de adquirir, sem que as suas receitas possam equilibrar a despeza, que, longe de aumentar, tende a diminuir, porque muitos capitais mutuados tem sido pagos, e não aparecem novos tomadores.

Nestas condições vêm-se obrigadas as administrações destas casas a

Ano I — Barcelos, 26 de agosto de 1919 — N.º 1

A JUSTIÇA

Quinzenario Republicano

DIRECTOR E EDITOR
Flavio Reiva

Propriedade da Empreza «A Justiça»

Redacção e administração: R. Emidio Navarro—BARCELINHOS

Comp. e imp.—Tip. André J. Pereira & F., suc.—VIANA

Assinaturas:—Trimestre, $16; semestre, $30; ano, $72.
Para fóra da localidade, $80

Anuncios—Linha, $06; repetição, $04. Comunicados, $08.
Anuncios permanentes, contracto especial.

"A JUSTIÇA,,

Com o presente titulo iniciamos hoje a publicação deste quinzenario, em cujas colunas, a par da razão e do seu próprio nome, buscaremos sempre e inexoravelmente esclarecer os nossos prezados leitores ácerca de tudo quanto, segundo um rarissimo critério, se nos vá oferecendo pelo lado inconveniente das falsas afeições manifestadas em torno da Republica.

Sem jamais nos afastarmos da verdade, aqui mesmo, e desde já, portanto, intrepidamente, com inteira decisão e bem alto proclamamos não poupar seja quem fôr, porquanto, filhos da maxima e mais lidima egualdade, repelimos enojados todos os respeitos e considerações hipocritas em que, deploravelmente, se baseia o convencionalismo mórbido das relações servis e mesquinhas da sociedade hodierna.

Somos homens... e pouco ou nada doutos, é certo; mas, embora falhos de conhecimentos de *toda* a ordem, temos comtudo os necessarios, sabemos o preciso para pudermos dizer com suficiente clareza á compreensão de todos os que nos lerem, o que ha de abominavel, de imundo e de ignobil, na pessoa de cada um e de todos, ao mesmo tempo os que, disfarçando-se, mascarando-se, oculta e mulêscamente atraiçoam a Republica.

Somos homens, diziamos, e, todavia, bem que por alguns parvos de requintada vaidade sejamos tidos em conta de simples *escória, canalha* ou *plebe*, não somos comtudo despreziveis ilôtas, nem escravisados e oprimidos párias a quem com profundo susto trema receiosa a expressão que parte a ferir de frente e directamente os privilegiados brahmanes da alta casta.

Intransigentes e implacaveis com o funambulismo dos «pierrots» politicos de toda a esfera da nossa investigação e do nosso cogonoscitivo alcance, faremos sempre energica justiça, no nosso modesto jornal, a todos os que dignamente a merecam.

Porém, como as virtudes e as boas e nobres acções de cada qual se recomendam por si próprias, dispensar-nos-hemos mais de falar nesse sentido, do que de cumprirmos com animo e sempre de justiceiro azorrague em punho a nossa principal missão, constante de verberar sem dó nem tréguas todos os pretensos republicanos de que tenhamos e possamos vir ainda a ter conhecimento, despindo-os completamente do seu rebuço.

Assim, arrancar ao rosto desses tartufos politicos a mascara que a ele trazem afivelada, tal será o serão unico, pelo menos principal objectivo do nosso pequeno jornal.

Os maiores e os mais irreconciliaveis inimigos do espirito humano são os jesuitas e os reis.

SUBSISTENCIAS

Continúa a crise das subsistencias, nesta vila, mas duma forma insuportável.

Se as autoridades não põem côbro aos abusos que se estão praticando, não sabemos, diga-se a verdade, onde é que isto há-de ir parar.

Os padeiros desta vila que no tempo da guerra compravam o trigo por três vezes mais do que o compram hoje, ainda estão vendendo o pão pelo mesmo preço e pelo mesmo tamanho. E' revoltante, mas é verdade!

Bem sabemos que há *alguem*, aqui em Barcelos, que obsta a que o pão de trigo se venda por preço inferior ao que se está vendendo: mas o que temos a dizer é que essa pessoa que—como é publico e notório—se tem locupletado à custa da miséria alheia, já há muito que devia estar na cadeia à espera dum julgamento que satisfizesse toda a opinião pública: ir para a penitenciaria!

E, se a tivessem retido na prisão onde soubesse acalmar a sua ganância de explorador do Povo, o pão estaria mais barato.

Mas não; os exploradores do Povo andam por aí à solta, sem que alguem se lembre de lhes tomar responsabidades do mal que fazem.

Os politicos de Barcelos, isto é, os dirigentes de partidos, como lhes queiram chamar, esses então sim, é que têm feito tudo a bem do Povo!...

Palavras, mais palavras, intrugices, mais intrugices, mas obras nenhumas.

Entendemos e muito bem que o ser republicano não é só tratar de vótos, nem de livrar mancebos do serviço militar, etc; mas sim tratar-se de acudir ás necessidades do Povo, que é esse que nos vale quando algum perigo se avisinha.

Mas os srs. politicos, ou por outra os srs. politiqueiros deste concelho, que se dizem republicanos e afinal ninguem sabe o que eles são, não se importam com nada destas coisas.

Tratam unicamente de arrebanhar vótos para vêr se vencem alguma eleição e afinal não há maneira de a vencerem.

Tratem de fazer a vontade ao Povo, tratem do seu interêsse, vejam se resolvem a crise das subsistencias e depois digam se ele não ficou reconhecido.

Todos os géneros alimenticios de primeira necessidade, como sejam os de mercearia, tem subido de preço duma maneira escandalosa!

Generos que hoje se vendem por uma quantia, àmanhã aparecem mais caros, não se sabendo qual a razão, pois os generos são os mesmos que havia no dia anterior e que não havia razão alguma para a sua subida.

Senão veja-se como o açúcar; ainda há dias estava a 70 centavos o quilo e hoje está a 1$60 e mais!

E porque esta subida inesperada? Porque não ha ninguem que se oponha á essa ganância desenfreada!

A carne ainda continúa pelo mesmo preço, tendo o gado descido duma maneira sensivel.

Em toda a parte os marchantes baixaram no preço da carne e só os de Barcelos ainda não,

E que faz a camara a isto? Crusa os braços?

E' possivel, visto que é composta por alguns,—excépto três ou quatro—imbecis que até mal assinam o seu nome.

Se houvesse da parte dos vereadores boa vontade de resolver a crise das subsistencias, nunca os generos chegariam ao estado exorbitante porque estão.

Alguns que ainda ontem ninguem os conhecia como republicanos, hoje são politicos e dos mais façanhudos.

Os padeiros, negociantes de ceriaes e alguns mercieiros tem enriquecido duma maneira estupenda!

E tudo ganho à custa do seu trabalho honrado? Não; mas sim da forma mais indigna, isto é, à custa da miséria do Povo.

Se estes verdadeiros bandidos da humanidade encontrarem quem lhes ponha um dique à sua ambição desenfreada, temos a convicção plena de que tudo entra na

N. 1

DIR. EDIT., ADMIN. E PROPR.
Luis Veloso

REDACÇÃO E ADMINISTR.
Largo de S. Francisco, n.º 7-BARCELOS



BIBLIOTECA

A Mocidade

Literatura-Crítica-Sport
(PUBLICAÇÃO MENSAL)

Sucessor do jornal SEMPRE UNÍDOS

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
Tip. do *Centro de Novidades* Barcelos

Barcelos, Junho de 1920

Assinatura
Cada série de 4 números . . 8$50

VIDA NOVA

QUANDO ha mêses encetamos a publicação do *Sempre Unidos*, fizemo-lo, duplamente excitados, pela guerra mesquinha que contra nós se movera, por querermos reivindicar e usufruir um direito que legitimamente nos pertencia.

Como nêsse momento fôsse imprescindivel o agrupamento e a união de todos os interessados, para que essa união se mantivesse inquebrantavel ate nos serem conferidos êsses direitos, aliás incontestaveis, démos, pois, ao nosso quinzenario, êsse titulo de guerra.

O que foi a sua obra, sabem-no todos que atentamente leram os nossos artigos, viram a nossa atitude, sem tregiversarmos.

Alcançamos a mêta.

Foram atendidas as nossas reclamações.

Que nos restava?

Parecia obvio e naturalissimo que, havendo sido indicado caminho seguro para uma vida longa dêsse jornal, não se enveredasse por êle.

Mas, para o fazer, era preciso estender a sua acção a outros assuntos palpitantes, instrutivos e literarios.

E' o que faremos, para fugirmos a uma vida efemera que nos espreitava a todo o momento, e contra a qual já não tinhamos forças para reagir.

E' por isso que hoje iniciamos nova vida, encimando o nosso jornal com um titulo adequado, e que mais se coaduna com a nossa idade de ilusões e quimeras.

Para isso, é necessaria uma activa e efectiva colaboração pessoal.

Se do coração, inteligência e vontade cerrarmos fileiras em volta do nosso lema, se com êle formarmos um corpo homogeneo, compacto e vivo, se nos disposermos ao sacrificio dos nossos interesses terrenos e abafarmos o nosso egoismo, seremos um exercito formidavel, antê quem se dissiparão, como nuvens de mosquitos, os bandos tenebrosos do mal, as frases e sorrisos piedosos e de incredulidade dos criticos, de quem nos resguardamos.

Achamo-nos bastante animados para trilharmos êsse caminho.

O ponto esta em seguir êsse trilho sem fraquejar, sem declinar.

A Redacção.

Madrigal

Maio: Manhã belissima do ano, que com êle, desponta sorridente.

Temperatura amena, onde encontramos alivio, bem estar, satisfação intima, contemplando o azul celeste do ceu, respirando ares purissimos...

Mês das rosas, mês das flôres, que exalam perfumes inebriantes, deparando-nos quadros fasionaveis, encantadores ..

As arvores repletas de folhas, os campos cheios de verdura, e os jardins inundados de rosas, formam um conjunto sublime, magestoso.

Maio!!

Nêle a natureza levanta-se, sorri, ainma-se abre-se á esperança e á fagueira promessa de ótimo outôno!!

As avesinhas chilram alegres, os camponêses trabalham cantando, as abelhas construem zumbindo!!

Se o aròma das rosas nos estonteia o cerebro, acalenta-nos a alma, suavisa-nos a dôr...

Sim!

Porque quem sofre, quem alimenta saudades, quem vive nostalgico, começa a alvorescer-se-lhe o horisonte com arvores de esperança, embebidas de ilusão, quando se lhe depara um tempo lindo, que o dolenta, que lhe inspira sonhadoras emprezas, novas vitórias .

—Belo prenuncio que nos deleita, nos enche de vida, nos fortalece com nova e forte vitalidade...

. . . . . .

E' á luz dêste sol acariciador, quando a natureza acorda e renasce, no auge da primavera, que desponta esta folhinda literaria germinada no jardim mais belo da nossa existencia—A Mocidade.

Auguramos-lhe tanta vida como á primavera que vai e volta sempre.

Maio -1920.

Ruy Ulysses.

Mocidade

Mocidade, tempo de sonhos d'amor,
Quadra linda que foge rapidamente,
Formosa primavera da vida em flor,
Arreból da manhã sempre sorridente.

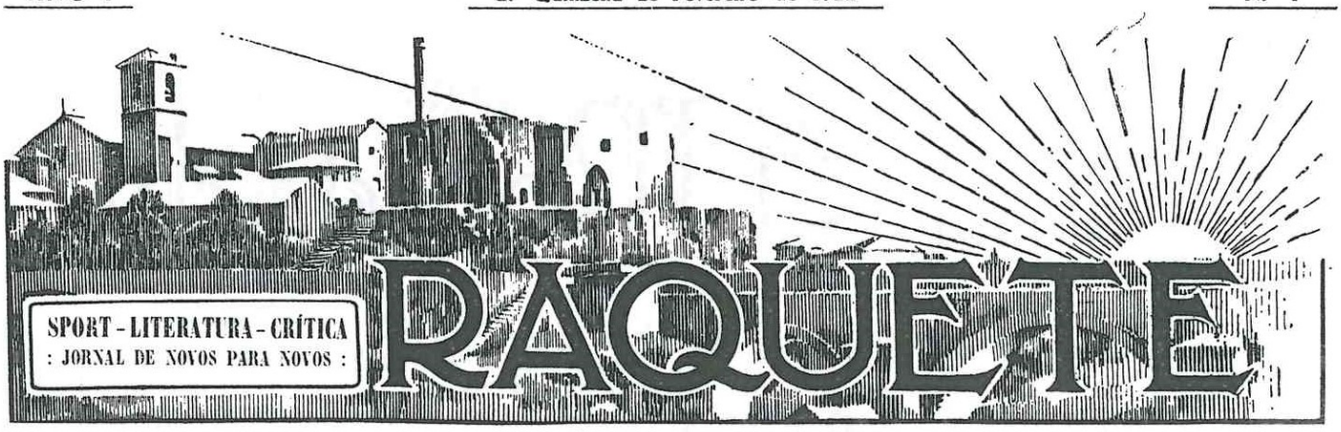
Esteio do futuro, alegre e contente,
Baluarte indomavel que vai sem dor
Caminhando para a lucta alegremente,
Sem receios, sem temores e sem pavor.

Mocidade, da vidra quadra formosa,
Aureola brilhante, alva, luminosa,
Como um sonho d'amor numa alma de fada!

Esperança num futuro de albante!
Has-de ser eternamente a minha amante,
Porque a Mocidade é tudo, o resto é nada!

Afonso Gorki.

ANO I — 2.ª Quinzena de Fevereiro de 1922 — N.º 1



Redacção e Administração:
Rua Infante D. Henrique — BARCELOS

ADMINISTRADOR:
ANTÓNIO EMÍLIO FERRÁS

Director: ALBERTO DE VASCONCELOS FARIA VISEU

Redactores: Augusto Eurico Soucaseaux, Antero da Conceição Pacheco Silva e José Afonso dos Santos

REDACTORES SPORTIVOS:
Em Lisboa: Américo Marinho. No Pôrto: Décio Nunes.

Composição e impressão:
Tip. "Minerva" — Vila Nova de Famalicão

EDITOR:
MANUEL DA COSTA PORTELA

Aparecendo

AO LANÇARMOS à luz da publicidade a *Raquete*, vimos dizer duas palavras da orientação que nos propomos seguir, animados da vontade inquebrantável de sermos úteis à terra que nos foi berço e honrarmos a geração a que pertencemos.

Por Barcelos e pela mocidade sportiva, é o nosso lema.

Por Barcelos, com o ardente entusiasmo de nossas almas moças, daremos todo o nosso esfôrço, todo o amor e carinho de nossos feitos para o seu aformoseamento, contribuindo para a tornar a mais linda terra dêste «jardim de amores à beira-mar plantado»...

E' preciso fazer despertar nos novos as energias adormecidas: e para sermos dignos filhos desta «formosa e sempre heróica vila de Barcelos», temos que dispender o melhor do nosso esfôrço, honrando assim a nossa geração, que é herdeira da melhor fama.

Com a simplicidade das nossas palavras, mas com ânimo de resistir a tôdas as vicissitudes, iremos falando, àqueles que nos visitam, das belezas da excelsa e poética princesa do Cávado.

. . . . . .

Pela *causa sportiva*, que é hoje a causa da redenção e revigoramento duma raça definhada, seremos pregoeiros intemeratos e prontos a defendê-la, chamando os novos à prática do *sport*, mostrando-lhes os seus resultados, fazendo-lhes ver que o desenvolvimento físico é tam necessário como o desenvolvimento intelectual, e que uma intelectualidade não será perfeita, sem uma excelente preparação física.

Os homens são os espelhos das nacionalidades;—se são fracos, todos os escarnecem; se são fortes, são respeitados e admirados! Só uma mocidade forte e valorosa poderá erguer o esplendor da Pátria; só uns braços fortes como os dos soldados de Aljubarrota poderão velar pela independência de Portugal.

Sendo Barcelos uma das terras do país onde o desenvolvimento do *sport* principia a ser hoje um facto, e tendo os nossos grupos de *Foot-ball* enfileirado galhardamente entre os primeiros do Minho, precisavam os nossos *players* de quem, na imprensa, os venha acompanhar.

Vimos fazê-lo nós.

Bem sabemos que árdua e inglória é a tarefa a que hoje metemos ombros; mas é cheios de entusiasmo que iniciamos a publicação da *Raquete*, órgão da *causa sportiva*, que é a causa duma mocidade forte e dum Portugal grande!...

A REDACÇÃO.

DUAS PALAVRAS

Caríssimas leitoras. Já viram ou conheceram algum triste mortal metido numa camisa de onze varas?...

Se não viram, nem conheceram, tenho a honra de lhes apresentar um. Calculem V. Ex.as que, pelas praxes cá da casa, tenho que dizer alguma coisa que se ligue com o nascimento do nosso querido jornalzinho.

Francamente não sei como principiar, mas emfim... lá vai.

O nativo chama-se *Raquete*, nasce com vontade de ser um jornal delicado, com um bocadinho de tudo:— literatura, crítica, mas uma crítica com linha, com fidalguia mesmo, e sportivo, em que fará tudo quanto possa para o revigoramento da mocidade da nossa linda terra, concorrendo na medida das suas fôrças para o ressurgimento da raça portuguesa.

Não será noticioso, nem bisbilhoteiro, deixando isso para aqueles que gostarem.

Assim, gentis leitoras, podeis descansar, que não será a *Raquete* a descortinadora de muitos segredinhos que se albergam nos vossos corações, não; pelo contrário, alguma coisa útil vos dirá, esperando que recebê-la-heis sempre com o vosso mais meigo sorriso e, sendo assim, *os rapazes cá da casa* (eu não, que já estou, como se costuma dizer, fora da moda), vos beijarão as mãos, cheios de reconhecimento e cada vez com mais coragem para arrostarem com as contrariedades que sempre surgem a quem, como êles, se mete nestes trabalhos.

Alberto Viseu.

A VERDADE

Semanario Republicano

Director: *Arthur Roriz Pereira*

Editor: *Virgilio A. Cardoso*

Red. e Adm.—Rua Faria Barbosa, 75

Composição e impressão
Tipografia Fernando Marinho
BARCELOS

Propriedade da Empreza A VERDADE

ANO I — Quinta-feira, 30 de Março de 1922 — N.º 1

A nossa orientação

Convencidos que uma moral politica inteiramente nova tende a firmar-se no espirito nacional dando-nos a esperança que d'ora avante, ideias, direitos e sentimentos serão mutuamente respeitados dentro da lei e da razão, inaugurando-se uma era em que o bom senso e a serenidade presidam a todas as discussões, é que nos resolvemos a fundar este jornal que será, em materia politica—como não podia deixar de ser—o reflexo dos ideiais que desde os primeiros alvôres da mocidade acalentamos com intrinseco amôr, e que ainda hoje são o vinculo mais sagrado do nosso coração de portuguezes.

Contudo, mui gostosamente o afirmamos, nunca negaremos as honras e louvores merecidos a quem legitima e dignamente os conquistar, embora estejam em campo oposto aquele porque devotadamente pelejamos.

A nossa obra estruturalmente republicana, espalhando doutrinas e difundindo ideis, ha-de ser criteriosamente e calmamente uma obra de combate e de luta, mas sempre conduzida de modo que mereça absoluta aprovação e o mais dicidido e rasgado apoio a todos os bons republicanos.

Orientaremos as pugnas politicas servindo principios e defendendo programas, pois que, alem de serem a base fundamental das solidas organisações partidarias, obstam a que se repitam os erros que tanto deprimiram os homens do passado.

Pondo de parte as ambições pessoais, que só prejudicam os largos planos das grandes realisações, procuraremos as correntes que sirvam interesses colectivos, aspiração que anima os povos modernos, e, nessa missão, iremos até onde o permitam a nossa pobre inteligencia e boa vontade, pautando a nossa conduta pelos dictames da consciencia e pelos raciocinios do nosso espirito.

O mais logicamente possivel buscaremos meios convincentes, de arrancar o povo á paralisia moral que, presentemente, o caracterisa afectando a sua psicologia a ponto de indeferentemente olhar as coisas que mais palpitantemente lhe deviam fazer vibrar na alma a sua patriotica sentimentalidade.

A atitude a seguir será condicionada por formulas leais de combate, depois de sugeitas a um demorado e criterioso raciocinio que, embora deixe transparecer a firmeza das nossas arreigadas convicções, jamais adotará o sistema de discutir sem a consciente e inteligente observação exigida a todos os homens de opinião e pensamento.

Pretendemos não circunscrever as varias energias que se congreguem para a realisação dum determinado objectivo de interesse comum, á indiferente tarefa de apoiar todos os actos sem exame directo, sem a observação reflectida, servindo-se de conselhos do mais autorisado ou da lei do menor esforço.

Não. O que ambicinamos é formar caracteres conscientes que saibam querer e que tenham a certeza e a coragem das suas opiniões, esforçando-se por estudar todos os problemas que interessam os varios organismos colectivos da sociedade portugueza, achando-lhe soluções praticas e em harmonia com as aspirações e desejos do nosso povo.

Com efeito, para vêrmos coberto de exito este vasto plano, temos que uzar processos novos com modernas orientações, firmados nas escolas politicas dos nossos dias, perscrutando até ao mais intimo as aspirações da alma popular, aconselhando-a a repelir doutrinas ôcas e espalhafatosas que lhes trazem o espirito completamente desnorteado e que nos podem levar a uma tremenda derrocada sem remedio, arrastando consigo o maior penhor da nossa existencia:—a independencia nacional.

Depois de um longo periodo de lutas extereis e de tantos sacrificios, é justo que se entre numa epoca de trabalho intenso e produtivo, pondo de parte faciosismos de ideias e irredutiveis pessoalismos que bastantemente têem contribuido, para que parte da obra do atual regimem resulte infrutifera, e, para que o povo ande divorciado da Republica, olhando desconfiado a vida administrativa do paiz como se se tivesse abrido falencia á Patria-Portugueza.

E' tempo, por isso, de demonstrar-mos que as palavras e as ideias não traduzem formulas abstractas, mas que integralmente correspondem a factos evidentes e a palpaveis realidades.

Trovas

De Afonso Gorki

Ninguem beba pela taça
Por onde eu bebi um dia,
—Eu bebi muita desgraça—
Mas não a deixei vazia

Eu ceguei d'olhar p'ra ti;
Quem me dera não te ver!...
Nessa dia em que te vi,
Melhor me fôra morrer...

Não faças mal á ninguem,
Que te podem castigar;
Faze bem, que nesse bem
O teu bem has-de encontrar.

Barcelos, Janeiro 1922.

Da minha lavra...

Um jornal é na verdade, como disse alguem, uma janela aberta sobre a vida.

Quem, com efeito, se debruçar no parapeito das gazetas, poderá lobrigar, sem grande acuidade de espirito, o marulhar das paixões mesquinhas, o entrechocar de caprichos, de desejos, de ambições, a obra nefanda do odio, da inveja, da calúnia, o rastejar asqueroso e preverso do civismo e da hipocrisia, o desenrolar dos acontecimentos vulgares e dos sucessos fatidicos, dos crimes hediondos e das desgraças ingentes... Por vezes—se bem que poucas—distinguirá um gesto de amôr, de nobreza, de altruismo, de benevolência ou de beneficencia...

O cronista é como um *cicerone* que solícito aponta, ao leitor despreocupado ou á leitora gentil e curiosa, os casos dignos de notas e algumas vezes as suas causas, proximas ou remotas, e os seus efeitos, mediatos ou imediatos.

E assim é que, na sua missão complexa, que é ao mesmo tempo um sacerdócio, não se limitará só ao registo e á critica, que será imparcial, mas —moralista que é tambem— aconselha, recomenda, indica o remedio para o mal latente, para a supuração emergente do organismo depauperado duma sociedade exótica...

E assim... é que se faz uma crónica que— como a vida, no dizer de certo filósofo—é tudo... e não é nada.

V. A. C.

FESTAS DAS CRUZES

Já está difinitivamente organisada a Comissão que ha-de levar a efeito, nesta vila, os velhos festejos das Cruzes, o que nos traz a certesa de que ainda existem barcelenses que devotadamente se interessam pelo engrandecimento da sua terra, tornando-a conhecida e intensificando o amôr pela comunicativa alegria que nos proporcionam os tradicionais e alegres costumes do nosso pitoresco Minho.

Ano I — Barcelos, 4 de Maio de 1924 — N.º I

DIRECTOR E EDITOR:
Manoel Paula

REDACTOR:
Belmiro Sotto-Mayor

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Largo da Porta Nobre

COMP. E IMP.:
Companhia Editora do Minho

O SORRISO

Quinzenario humoristico e literario

Um sorriso é uma caricia,
Com que as damas nos envolvem.
Se sorrimos sem malicia.
O «SORRISO» nos devolvem.

O SORRISO

O Sorriso não morreu; apenas adormeceu na lassidão de Morpheu, cansado das raparigas que com inefguices amigas, na sua missão de Divas lhe deram com provas vivas, em requebros de calôr, o melhor do seu amor.

E' certo e teem razão, que em coisas do coração não ha muito que fiar; mas quem gosta de se dar entre sorrisos d'amor, adormece, muda a côr nas horas que vive a amar.

A demora em aparecer o nosso rosto afavel vem d«*O Sorriso*» se prender com linda gaiata amavel, que o quiz endoidecer em certa noite agradavel, forçando-o a ouvir, a sorrir, como a qualquer tolo ou paloiso a voz do Antoninho Afonso a cantar em serenata a formosa traviata a *que a guitarra* do Zé Neiva a tocar em orfeon dava o mais soberbo tom.

Mas agora, recomposto e com sol da côr do mosto ás mãos das Divas fugiu, e *não fugiu nem mugiu* não fosse o tal pesadelo causar por ahi qualquer duelo.

E no traje em que Diana, como branca durindana, saiu do seu banho fresco, com espirito romanesco assim vou principiar e antes que arrefeça a minha nova tarefa.

Saindo d'este emaranhado bosque, fui postar-me no Kiósque para a má lingua ouvir. Com o galo a presidir de quando em vez a cantar ouvi então relatar historias da carochinha com pios da *pilazinha* que d'espada de cortiça queria matar a carriça sem uma velha deixar para não mais se contar o episodio do *Czar* vestido de balandrau comendo espinhas de carapau.

Por causa da Santa Casa, andava com um *grão na aza* e peguei mui de mansinho ataquei o *se Zezinho* oferecendo-lhe um *capachinho* à moda do sôr Camilinho.

O diabo faz das bôas, e o conde Vilas Bôas que estava ao lado a toscar mandou os sinos tocar para vêr quaes dos bombeiros seriam então os primeiros a aparecer a atestar a bravura destemida da manifestação popular.

Mas o Sobral, bom rapaz, feito là com Ferrabraz, em tom de riste e em guerra protestou: Não sois da terra, por isso remeto incluso esse epiteto de intruso.

O' que grande pagodeira isto agora é que vae ser: Até o casto Serafim disse assim humanamente.

Lá nos desastres de Braga, embora pareça praga, só se morre interinamente.

E agora caros **leitores** já oiço cantar o pisco, com armas de S. Francisco eu me curvo reverente, não vá o Dr. Gonçalo com a mania de *sport* dar-nos qualquer piparote.

A CERTOS PERALVILHOS

«A VERDADE», na verdade,
Não tem papas no que diz
E, d'ahi, a má vontade...
Á sombra do Artur Roriz.

Nas suas laudas honestas
Põe a nú torpezas vis
Dos que ladram como bestas
Á sombra do Artur Roriz.

Os politicos baratos,
Da laia do pobre X,
Fogem todos como ratos
Á sombra do Artur Roriz.

A «formiga», no Hospital,
Já vão trama os seus ardis
Porque o temôr é geral
Á sombra do Artur Roriz.

Os taes czares, coitados,
Dão uma idéa infeliz
Por andar subjugados
Á sombra do Artur Roriz.

Sendo todos uma bota,
Esses palermas de X,
A inveja, n'eles, se nota,
Á sombra do Artur Roriz.

PACOVIO.



Como a Fénix...

Aquêle episódio, vastas vezes relembrado, da Fénix renasceudo das próprias cinzas, é bem a expressão da vida que se renova constantemente e permanentemente toma aspectos reveladores das energias inexgotáveis e profundas, que no seu *substractum* existem.

O episódio é velho, é gasto, e pouco original—concordamos. Mas pelo que exprime e pelo que vale, êle é sempre novo, brilhante e significativo.

O renascimento da Fénix é o mais perfeito simbolo da eternização da fôrça criadora da Natureza, que em determinados períodos, como lava vulcânica fremente, desentranha-se em florescências de luminosidade surpreendente e altíssima, que marcam no tempo e ao homem clarões de glória imarcessível!

E o «Sorriso», acordando de uma longa e forçosa hibernação, está dentro da vida e suá lógica.

O seu despertar vale bem uma clara afirmação de mocidade, de vigor e de espirito borbulhante de seiva e alegria.

A Opinião

SEMANARIO REPUBLICANO

ANO I — N.º 1

BARCELOS, 17 DE JANEIRO DE 1926

DIRECTOR E EDITOR

Gonçalo d'Araujo

Administração, Composição e Impressão
Tipografia, Encadernação e Papelaria
FERNANDO MARINHO

ENVIADO DA REDACÇÃO

Agradecimentos sinceros são os nossos para todos os estimaveis colegas locais que, antecipadamente, dispensaram ao nosso jornal e seu director palavras de gentilêsa e imerecido elogio.

Procuraremos sempre manter atravez de todas as vicissitudes as melhores e mais amistosas relações jornalisticas, mesmo porque as incompatibilidades em tal campo não são uteis ao progresso da terra que só queremos vêr engrandecida e porque as julgamos improprias de pessoas de boa educação.

Claro é que podemos e havemos, por vêses, de discordar nos varios assuntos em discussão, abordando-os sob diverso criterio, quando mesmo não combatamos por edeiais completamente opostos; mas o que podemos — e de tanto estamos convencidos — é manter aquela cordealidade que torna os homens sêres sociaveis e não os transforma em inimigos ferozes para se agredirem como feras.

* * *

A luz electrica, em Barcelos, para tortura nossa, é infelizmente uma verdadeira lástima, ou melhor, uma vergonha que enerva.

Mais parece luzerna baça e funerea para arder aos mortos, do que aquela luz clara, alegre e ofuscante para alumiar os vivos.

E' que se o Cávado victorioso trasborda do seu leito de gigante, lá se vão as potentosas turbinas de...sucata barata pela agua abaixo; mas se pelo contrario o estio abrasador impede que ele se estenda sobranceiro e altivo por entre as suas margens frondosas e pitorescas, logo o deficiente e esquesito maquinismo se aquieta e alaparda num pasmo impertinente e arreliador que causa calafrios.

Ou porque haja agua a mais ou porque a agua seja a menos, lá se vai a luz para as profundas trevas, deixando-nos imersos na mais vasta escuridão.

Permaneceremos nesta deploravel situação por muitos dias já que tantos anos estivemos em trevas permanentes?

Não pode ser. Vamos tratar do assunto com a circunspeção devida, procurando despertar a quietude dos consumidores desfraudados e reclamar da Camara as providencias energicas e necessarias

E aqui está uma causa que os nossos presados colegas da localidade podem defender com vivo entusiasmo, apesar de nos encontrar-mos em campos politicos opostos; porque, afinal, sobre ela estamos de pleno acordo.

Caminho traçado

INICIAMOS hoje a publicação de mais um semanario local. Facto banal, banalissimo mesmo, se não fossem alevantados, nobres e patrioticos os intuitos que nos conduziram ao cometimento de empresa tão melindrosa e tão ardua, mórmente no atravessar febril e vertiginoso duma tormentosa crise moral e politica, como é sem duvida aquela que assoberbando os homens publicos mais prestigiosos e eminentes, consequentemente vem entravando a acção instante e progressiva da Nação.

Mas, não; desta feita, pelo menos emquanto com independencia podermos agir, expondo livremente o nosso pensar, ousamos afirmar e garantir que este pequeno semanario alguma coisa de oportuno, de novo e interessante vém infundir, localmente, no meio literario, politico e social.

«A Opinião» tem o seu caminho traçado; um programa que cumprirá com altivez e serenidade, marcando uma linha de conducta inflexivel, imparcial e prudente na defesa das suas aspirações politicas - uma finalidade, em conclusão, que constituirá, em sintese, o motivo predominante e justificativo da sua propria existencia.

Evidentemente que sendo «A Opinião», na sua essencia, um jornal de caracter politico, tomada esta expressão no seu verdadeiro e alto significado, terá de sêr um defensor inquebrantavel das instituições vigentes; mas tal circunstancia não impedirá jamais que seja o porta-vóz tenaz, decidido e firme de todas as reivindicações legitimas, o arauto de todas as causas justas, o combatente audaz que, á moda antiga, saberá traçar armas em todos os campos e a todos os instantes pela sua dama—ou seja a terra nata.

«A Opinião» não descuidará, ocioso é repetil-o, a defesa do regimen vigente, presentemente consubstanciado com a edeia da Patria; mas o que nunca prestará é a sua solidariedade moral ou politica aqueles que, por paixão doentia, sectarismo pernicioso ou por interesses inconfessaveis, pretendam salpicar, com as suas diatribes de odio que não cansa ou de inveja que desnorteia, os homens a quem estão ou têm estado confiados os supremos destinos da governação publica, estejam em que campo estiverem, sejam dentro da forma politica que o paiz aceitou e quer, catolicos ou livres pensadores, éstremistas ou conservadores.

O partidarismo não perturba a nossa inteligencia, não ofusca o nosso pensar, não nos domina, numa palavra; e, por isso, saberemos fazer justiça a todos.

Para nós o edeial politico não implica a obrigação de enveredar por caminhos escuros, de malsinar a honra pessoal e politica do adversario, por mais inconsequente e atribiliario que seja.

O partidarismo, para nós, não significa aprovação incondicional de erros constatados, não nos impõe deveres de subalternisação que sempre combatemos com sobranceria.

E por assim pensarmos, por serem estes os principios que aceitamos e têmos como os melhores e mais justos, é que ás campanhas pessoaes votamos uma formal e consciente condenação.

Tal criterio pode ser discutido, mas não rebatido, porque, de facto, aquêles gestos só aviltam e deprimem.

E' possivel que neste logar tenhamos de apontar erros e criticar actos politicos ou administrativos dos dirigentes da causa publica, mas isso não quer dizer que desçamos á miseravel baixesa de confundir a vida politica dos cidadãos com a sua vida intima e particular.

Tal caminho nunca tilharemos. Os anos, já bastantes, que temos no convivio social e o perfeito conhecimento que possuimos do meio em que vivêmos afastam-nos em absoluto de tarefa tão detestavel.

«A Opinião» iniciará, pois, uma nova era na vida local; poderá errar, é certo, mas o que nunca será, nem violentada pelas mais herculeas forças do mundo, é um esfregão nauseabundo de ambiciosos desmedidos.

Procurará conduzir as suas apreciações num sentido de aperfeiçoamento moral e colectivo, deixando á escumalha sempre avida de escandalos, embora estructuralmente covarde nas suas objuigatorias, missão tão ingloria.

Pondo absolutamente de parte derrotismos, malquerenças, odios e despeitos, pretende apenas organisar e disciplinar, não por meios ostensivos e violentos, mas guiada exclusivamente pela ponderação, pelo trabalho metodico e persistente, unindo forças para conservar e construir.

Eis a rasão porque a dentro das nossas legitimas e desinteressadas aspirações politicas preferimos um conservantismo réflectido e moderado a um progresso precipitado do qual resulte um jacobinismo feroz e atribiliario.

Nem tanto para traz que possamos cair num retrocesso que o momento não aceite e até repele, nem para a frente de mais por forma a que possamos ser precipitados num abismo do qual resulte a desordem social.

Um formoso grupo de distintas damas da nossa sociedade quiz tornar menos agreste o Natal das creanças desvalidas internadas do Recolhimento.

Para isso no dia 31 de Dezembro percorreram a vila, Barcelinhos e arredores pedindo, como elas sabem pedir, para aquelas creancinhas.

A colheita em dinheiro e generos foi boa.

Haveria alguem que negasse a sua esmola? Não cremos.

Se a alma humana se sensibilisa com a desgraça alheia, e está sempre pronta a socorrer os que sofrem as durezas da vida, mais se encanta e enaltece quando a petição é feita com um sorriso de fada, e todos querem ser credores de Deus dando para isso aos pobres.

Honra, pois, a quem tão alevantadamente contribuiu para o exito da simpatica e altruista festa—as damas, que pediam; as pessoas que esmolavam, e os *chauffeurs* dos automoveis de praça, que num gesto de larga generosidade puzeram os seus carros ao serviço das damas!

Emquanto a sociedade contiver corações tão bem formados para o Bem, ela caminhará para a completa perfectibilidade.

* * *

A limpesa das ruas tem sido nos ultimos dias presistente e eficaz. O ilustre vereador a cargo do qual está a limpesa publica tem sido incansavel.

Pode-se dizer duma maneira geral que a vila anda limpa, que o seu aspecto é agradavel.

Em todo o caso ha faltas que preciso se torna remediar desde já. Na rua Barjona de Freitas, muito perto do colegio do Bom Jesus da Cruz, patenteia-se em toda a sua imundice uma enorme montureira que é preciso remover sem detença.

No campo de S. José as roupas, em coradouro, estendem-se numa ousadia tenaz.

Cães vadios ou não vadios vagueiam pelas ruas da vila numa ameça constante de hidrofobia aterradora.

Do mictorio publico do Campo da Feira exala um cheiro pestilencial.

Ora do snr. Antonio Correia, vereador que muito promete pelas suas excelentes qualidades de administrador, esperamos as devidas providencias.

De começo é que se põem em pratica os bons costumes Assim o esperamos.

* * *

A burla das notas é o assunto palpitante do dia. Não se fala em outra coisa, tal é a magnitude do escandalo.

Todos formulam os seus juisos. Uns, mais afoitos, passam atestados de ladrões a pessoas que até hoje só tem merecido dos seus concidadãos o melhor conceito; outros há, porem, que mais circunspectos, esperam pelo resultado das investigações policiais a que se está procedendo para que tudo venha a esclarecer-se devidamente.

Nem tanto ao mar nem tanto á terra.

Nós estamos com os ultimos. Aguardamos o desfecho de toda a tremenda tragedia para efectivarmos as nossas apreciações.

Para já, no entanto, sempre dirêmos: — Na penitenciaria cabem todos os ladrões por mais cotada que tenha sido até hoje a sua situação, se bem que dela não devem afastar-se todos os caluniadores de oficio.

Tão criminoso é o que rouba a bolsa como a honra alheia.

Barcelos, 17 de Novembro de 1926

TUDO — NADA

SEMANARIO

LITERATURA : ARTE : DESPORTOS : HUMORISMO

ANO I

Proprietário e Director — *José Mestre Mary*
Editor — *Armindo Julio de Sousa*
Tip. Enc. Pap. Fernando Marinho — BARCELOS

NUMERO 1

BARCELOS *O MAIS FORTE*

Princesa do Cávado

Barcelos lirio adormecido com sombras sobre as alfombras do virente chão.

S. Pereira da Cunha

Quém, ao pisar teu solo, este jardim fragante tôdo rosas e perfumes não ficará deslumbrado e deixará de sentir a mais sublime sensação?! Quem ante este Olimpo divino, essa inefavel beleza que te enaltece e decóra não ficará surpreendido?! Quem ao partir de teu seio, não derramará lágrimas de infinda saudade?!...

Barcelos! Barcelos! Terra cheia de primores! Cantinho sorridente português onde com mais brilho e suavidade o sol fulgura! Terra bela e encantadôra onde mais limpido e mágico é o azul do Ceu! Terra que inspira e que dá vida,...onde surgem mil encantos...onde nas noites serenas sôam tristes e dolêntes, suaves fados e canções! Flor de vilas! Vila de flôres!...A nobre, a antiga, a historica, que tão meiga e carinhosa albergou em outros tempos, bispos, duques, principes e reis!

«Barca Cœli»! Barca do Ceu! Eis o grito que arrancou tua beleza aos primeiros que pisaram teu solo! Eis o nôme que na historia resplandece, pela riquêza e poesia que tú tens! Barca do Ceu!

Sim, do Ceu,...pois que és tú mais que um quadro celestial?!

Altivo e portentoso um castelo já em ruina nos revéla o seu passado...

E' um palacio.. E' o solar transcendental onde viveu D. Afonso!

Ouçamos o canto que algum poeta lhe dedicou:

Eis alli está esse fendal castello
Das soberbas d'out'rora
Esses passos reais d'egregios condes
Ruinas somente agora.

Aos folgares, ao rir, ás ledas damas
Que em seus salões se viram,
O nada, a solidão, a paz da campa
Em seu lugar surgiram.

Tão cheio fôra então de fausto e brilho
Era então tão animado!...
Hoje esqueleto nu, a solidão profunda...
Só por vermes habitado!...

Por baixo passa o Cávado das aguas cristalinas, que com musica alegre e mui sonora nos recita poemas de misterio...De verão, beijando os salgueirais, saltitando aqui e além, deslizando-se ora pela esquerda, ora pela direita dos escolhos que encôntra no caminho, zigaziando para que não o impeçam de chegar ao têrmo da sua grande jornada, é duma extranha beleza, e oferece um espectaculo soberbo. Rio de lendas.

O Celano dos Romanos e Gregos. Catavo dos Suevos!

E' aquele, do qual certo poeta assim trovou:

O Cávado entre verdes alcatifas
Languido se esperguiça
Da lua os raios: prateado e belo,
Para o mar se deslisa!

E c'o seu murmurar serêno e puro
A vida adormecendo,
Só deixa o pensamento inquieto e livre
Objectos mil corrrendo!...

Eis a vila que assim acariciada e rodeada de frondosos e odoriferos montes, no silencio dôce e grave do seu passado, dorme,...sônha,...pensa e vive...recordando.

Novembro, 1926.

Houve dois olhos têrnos de mulher
Que me puzeram todo em convulsão
Eu consultei por isso o coração.
— Sim, — me disse êle — adora-a sem temêr.

O cerebro, porém, por seu dever
Ou por egoismo, respondeu-me: — Não.
Duas forças em luta vi, então,
Dentro de mim, anciosas por vencer.

Levaram muito tempo na contenda.
E dessa luta homerica, tremenda,
Vim a perder a luz daquele olhar.

O cerebro venceu. Ri, satisfeito.
Mas o meu coração, quasi desfeito,
Esse não pára, nunca, de chorar.

MARIO XIMÉNES

INGENUIDADE

—Quantos anos tem você, Senhora?!

—Não me lembro... Era tão pequenita quando nasci;

—Não compreendo como haja quem se suicide, por amor.

—Pois o caso é corrente.

—O que é eu, (explica o amigo) si me mata-se por uma mulher, me arrependeria disso tôda a minha vida.

BARCELOS, 16 DE DEZEMBRO DE 1926 N.º A

O INTRANSIGENTE

Este n.º foi visado pelo snr. Administrador do Concelho

SEMANARIO REPUBLICANO

Director editor e proprietario — ARTHUR RORIZ PEREIRA

Redacção e Administração, Rua Faria Barbosa, 75 — Composição e Impressão, Tipografia Fernando Marinho — Barcelos.

Perseguições e violencias injustas originam sempre legitimas revoltas.

AVENÇADO

Aos assinantes de "A VERDADE,,

Emquanto durarem os 30 dias de suspensão de «A VERDADE» pedimos a todos os seus assinantes o favôr, que muito agradecemos, de assinarem este novo e provisorio semanario.

A REDACÇÃO

Ao Publico

José Carneiro Neves, comerciante em Santo Tirso, tendo visto neste jornal um aviso publicado por Natividade Miranda repleto de calunias previne o publico de que esse aviso não é mais que uma habilidade dessa senhora, que supoz por esse meio poder fugir ao pagamento do que deve, e fazer constar que não é devedora do signatario, e sim sua credora, o que é uma absoluta falsidade como nos tribunais se provará.

José Carneiro Neves

No «Gil Vicente»

O Fantasma da Opera

Pelicula de misterio e emoção

Promete sêr interessante a sessão de quinta-feira proxima, dia 23, com a estreia do emocionante e sensacional *film* de arte em 10 partes, que se intitula o «*Fantasma da Opera*».

Pela sua acção extraordinariamente agitada, pelo seu entrecho de espantosas singularidades, ainda pelos seus excepcionais primores, merece bem a distinção que lhe foi dada pela casa productora de «*Super-joia universal*».

São seus principais protagonistas, o famoso actor Leu Chaney creador admiravel do *Corcunda de Nossa Senhora de Paris* —e a celebre atriz Mary Philling—proeminente figura de *O Templo de Venus*.

Por estes rapidos traços se poderá avaliar do retumbante sucesso que, para breve, está reservado com a exibição da pelicula que se anuncia.

Capitão Herminio Barbosa

Entre nós esteve este nosso estimado amigo que, amavelmente, nos deu a gentilesa da sua visita.

«A Verdade» suspensa

30 DIAS DE CONDENAÇÃO

Pela sua elevada orientação na defesa da Republica e dos bons principios republicanos, protestando, energicamente, contra o aproveitamento de monarquicos na politica local, foi suspenso pela autoridade administrativa durante 30 dias este nosso estimado e destemido colega.

E' lamentavel uma tal orientação, que, alem de postergar a verdadeira e indispensavel liberdade de critica e de opinião, denota um criterio

que nenhum espirito da nossa epoca e bem formado pode aceitar.

Depois, devemos ter em atenção que, esse nosso colega, com os seus artigos contundentes é certo, mas rigorosamente verdadeiros, somente tinha em vista o fim, nobremente elevado, de defender e prestigiar a Republica, lembrando a necessidade, que todos nós aceitamos e defendemos, de que a politica local tomasse um rumo acentuadamente republicano.

Escusada violencia, pois, foi essa que, afinal, maior calôr e mais prestigio moral veio trazer á justa ação combativa desse nosso estimado colega.

Alguem escreveu que *prohibir é divulgar*, e, de facto, assim succede.

«A Verdade» que, como campeão republicano, tem um logar de destaque no nosso meio pela sua nobilissima intransigencia em materia de principios doutrinarios, tornou mais alto e mais simpatico o seu nome, não existindo republicano que não acompanhe, com acrisolado carinho, a sua destemida, mas franca, desassombrada e sincera atitude.

Cortaram-lhe o direito de falar e de dizer as verdades, nuas e cruas, assumindo, em todos os campos, plenas responsabilidades pelas suas acusações, mas não a desmentiram nem a relegaram ao poder judicial, unicas soluções admissiveis para que, ahi, respondesse pelo crime de calunia, se, porventura, caluniosas fossem as suas campanhas.

Não; não se fez isso. Serviram-se dum meio prepotente que nada justifica.

Entendemos que, uma tal orientação, depois das acusações que, nesse jornal se fazem, publicamente, e tão desprimorosas são, não é a mais acertada nem a mais conveniente tanto para a Republica como para os visados.

Suspender esse jornal é, afinal, um assômo de colera mal contido; nada mais. E nada mais porque não existem cadeias para o pensamento republicano nem é assim, sem um desmentido nitidamente claro, que se pode arranjar justificação para o que «A Verdade» afirmava.

Se é mentira o que ali escreveu, entreguem-na ao poder judicial como caluniadora ou tragam a publico provas insofismaveis das suas falsas arguições.

Isso compreendia-se; era assim que estaria certo.

O criterio adoptado veio unicamente, pelo caracter de violencia que exprime, provar quão verdadeiras são as suas acusações.

Ha quem imagine que esses processos podem refrear o sentimento republicano nos seus legitimos protestos contra o aproveitamento de confessos inimigos da Republica para cargos de confiança.

Porem, podem crêr, que se enganam.

O sentimento da liberdade e da defesa dos principios que nos tornam homens integrados na civilisação do nosso tempo, estão elevados ao mais alto expoente e fazem parte organica das tradições liberais do povo portuguez.

Não ha peias, nem existem algemas que prendam ou calem o pensamento das almas verdadeiramente republicanas.

De resto nós não atinamos com os motivos porque se não consente que as verdades se digam, exigindo, como legitima contra-partida, a maxima responsabilidade para quem, injusta ou aleivosamente, acusar.

Ha actos praticados por certas pessoas que, por muitas razões, não estranhamos; porem, que eles sejam consentidos, auctorisados ou apoiados por elementos que sempre juraram defender os principios de Liberdade e teem graves ligações de responsabilidade civica, moral, republicana e liberal a certos organismos de que fazem parte, é o que muito nos custa a crêr.

Mas, deixar correr, porque ninguem foge ao seu julgamento moral e republicano. Um dia virá em que tudo ha-de sêr posto a claro e, então uma formal condenação coroará a obra, de desrespeito por esses principios, que se vem cometendo.

Que importa, pois, que «*A Verdade*» fosse suspensa? Por ventura, com isso, conseguiram calar a revolta contra a aplicação de monarquicos locais a missões de confiança da Republica?

Não; não conseguiram, nem conseguem porque, rematada tolice seria fazel-o, desde que se sabe, publicamente, que assim é, mormente, numa terra, como a nossa, onde todos nos conhecemos de sobra e, de sobejo sabemos as intenções com que actuamos.

Com intima simpatia e com o maior apoio moral e republicano daqui prestamos homenagem ao nosso distincto colega «A Verdade», dando-lhe a maxima solidariedade pela sua nobre, altiva e honrosa atitude, aconselhando-a a que desprese certas insinuações

pois, a ofensa só o é, segundo o expoente moral e social da pessoa de quem parte e, como sabe, é ditado muito velho, «*que, nem toda a gente ofende*».

Deixe o colega que os tempos decorram lembrando-se deste pensamento do nosso tão querido como saudoso Oliveira Martins:—«*Republicas ou monarquias se entrarem no caminho da tirania, hão-de cair, como Cesar, apunhaladas aos pés da estatua da Liberdade.*»

A VOZ DE BARCELINHOS

I ANO — QUINZENARIO INDEPENDENTE — NUM. 1

Redacção e Administração
Rua dos Alcaides de Faria
Barcelinhos

Director, proprietario e editor
FRANCISCO PAULA DOS SANTOS
Barcelinhos, 15 de Maio de 1927

Composição e impressão
COMPANHIA EDITORA DO MINHO
Barcelos

Este numero foi visado pelo snr. Administrador do Concelho.

O NOSSO JORNAL

Barcelinhos, uma vila pequenina que a natureza dotou de paisagens belas e dulcissimas e que só as avesinhas nos seus melodiosos gorgeios as sabem cantar e admirar, quer tambem ter um jornalsinho seu que saiba, com bairrismo, defender os seus interesses e que seja o porta-voz das suas justas reivindicações.

Afastada da politica, cancro venenoso que destroe as almas boas, «A Voz de Barcelinhos» vai entrar na arena jornalistica norteada somente pelos principios da verdade e da justiça, mantendo-se inalteravel dentro destes dois principios, para que a sua vida seja longa e para que o fruto do seu trabalho tenha sempre a glorifical-o as bençãos dos que amam a verdade e detestam a mentira.

Barcelos e Barcelinhos querem-se como pae e filho.

Assim o diz a historia e dil-o ainda os laços de boa amizade que sempre uniram o bom povo destes dois abençoados torrões que o meigo Cávado parece querer separar, mas que docemente, vai beijando, unindo sempre os corações de pae e filho ensinando-nos assim, na magestade da sua beleza, a sermos bons perante os homens e perante Deus.

E, nesta ordem de ideias, não deixará «A Voz de Barcelinhos» de vêr o que se passa por casa de seu pai, ajudando-o tambem na defeza dos seus interesses e colaborando com ele no engrandecimento e progresso de sua casa.

A orientação do nosso jornal deve merecer o aplauso de toda a gente, já por não ter a envenenal-o o virus politico, já ainda porque das suas colunas será banido o ataque pessoal, o insulto reles e sempre baixo com que infelizmente já se teem deprimido alguns jornais bem conhecidos.

Evitaremos, quanto possivel, polemicas afrontosas; mas se alguma vez formos atacados, saberemos repelir esses ataques com a energia e coragem precisas e com a autoridade que para isso nos dá a nossa independencia, entrando sómente no caminho da violencia quando a discussão calma e serena não possa chamar à boa razão o inimigo que nos ataque. Feita assim a nossa apresentação, sem rendilhados literarios, mas com palavras sinceras e com intuitos bons e leaes, endereçamos d'aqui os nossos cumprimentos ao povo de Barcelinhos e Barcelos e, muito especialmente, aos nossos colegas d'alem-rio.

Parabola da Angustia

Non est enim mortua, red dormit
S. Matheus.

Prégava então Jesus em parte da Judeia
Ouvia-o mãe de angustia—e de que angustia! — cheia.
O Mestre ia ensinando às multidões:
«Bendictos,
os que padecem na alma, os tristes, os aflitos...»

E a mãe, erguendo o olhar, que humedecido brilha,
geme aos pés de Jesus, que a escuta: Minha filha,
desde hontem, Rabbi doce e compassivo, é morta;
desde hontem, e ninguem desde hontem me conforta!
Tambem serei bemdicta?»
E o Mestre augusto e santo,
com piedade egual ao travo de tal pranto,
responde-lhe:
«Verás!
E, antes de findo o dia,
partiu com ela e entrou na casa, onde jazia,
no frio do sudario, a pequenina morta.

E emquanto a multidão, que o segue, atende á porta,
toma Jesus nas mãos a gelida mãosinha,
e, olhando sorridente a mãe, que mal sostinha,
entre confiada e incerta, o pranto que vertia,
diz-lhe «Tua filha é viva, ó mãe; toma-a, dormia.»
e viva a restitue a seu amor profundo.

Oh mães! se inda Jesus andasse pelo mundo!

J. de Sousa Monteiro.

ANEDOCTAS

N'um hotel:

Um viajante está sentado na cama e tem o relogio na mão.
— Seis horas, e não veem acordar-me!... São capazes de me fazer perder o comboio.

=*=

— O' doutor! nunca me esquecerei de que lhe devo a vida.
— Não exagere, não exagere! Deve-me só vinte mil reis de visitas e disso é que eu não queria que se esquecesse.

=*=

— Ah! meu amor! dizia ele antes de se casar, quem me dera estar toda a noite a ouvir-te! Casou.

Seis mezes depois, veio ele uma noite para casa um quarto de hora mais tarde, e realisou o seu desejo. Teve que a ouvir toda a noite.

=*=

No tribunal:

— Porque roubou o relogio a este senhor?
— Saberá *vossoria* que eu não roubei senão a corrente; o relogio veio pegado.

NUMERO ÚNICO — Barcelos, 14 de Outubro de 1928 — Distribuição gratuíta

A CIDADE

DEDICADO AOS ILUSTRES VISITANTES DA RAINHA DO CAVADO

COMPOSTO E IMPRESSO NA
COMPANHIA EDITORA DO MINHO
BARCELOS

CORPO REDACTORIAL EDITOR:
Joaquim Lopes de Araujo
José Correia Landolt
Antonio Alberto Soares

Visado
PELA
Comissão de censura

AOS NOSSOS ILUSTRES HOSPEDES

Ilustres, sim, presados visitantes, que no dia mais solene em que festejamos a elevada honra com que fômos agraciados, viestes dar-nos o prazer da vossa visita, para nós muito penhorante e significativa da estima em que nos tendes!

E' que vivemos hoje as horas das nossas melhores alegrias e das nossas melhores camaradagens.

O momento, porém, é de uma categórica afirmação a quem nos governa, e a quem nos observa, (que é a grande Imprensa que igualmente nos visita:) mostremos o quanto podemos e valemos pelo trabalho, que é a regeneração da nossa Pátria depauperada nêste momento histórico da Nacionalidade:— as mãos dadas — símbolo da amizade sincera, para que resultem profícuas as nossas energias e as nossas qualidades de povo livre:— pois pela liberdade se conquista a glória e pela glória se conquista a independência.

Desta diplomacia, honramos quem nos deu justiça da sua estima nos despachos governativos, e nos tornamos grandes, dando exemplos de civismo, mais uma vez, a Portugal inteiro!

O Norte do País tem estado esquecidissimo dos Poderes Públicos;— é agora ocasião de mostrarmos a nossa vitalidade! Saudando-vos, pômo-vos na frente da Pátria! — Corações ao alto:— VIVA PORTUGAL!

Gratidão de barcelenses

O titulo parecerá um paradoxo. No entanto, a obra grandiosa de progresso encetada por um filho ilustre desta terra, brioso e valente militar que é o Ex.mo Capitão de engenharia snr. Francisco Filipe dos Santos Caravana, cujo passado apesar de novo é já uma gloria, obriga-nos a escrevêr estas linhas mal ataviadas em nôme de Barcélos agradecido.



CAPITÃO FRANCISCO CARAVANA

Ilustre presidente da Camara Municipal, espirito activo e entranhadamente bairrista, a quem Barcélos deve em grande parte a honra da sua elevação a Cidade.

Referimo-nos ao muito ilustre e zeloso presidente do municipio barcelense, espirito inteiramente bairrista, cuja obra em prol da sua e nossa terra é já hoje bem notavel.

Segue um honroso documento em que S. Ex.ª mostra bem claramente o muito amôr que tem ao torrão amado, documento êste que nos penhora imenso e por si só nos compensa de quanto trabalho e canceiras tivemos para a publicação do presente numero unico:

Meus presados amigos

Exigem a minha colaboração no numero unico A CIDADE, *a publicar no proximo dia 14, dia da inauguração de algumas obras municipais, dia de festa e regosijo pela visita de alguns membros do governo, que muito nos honra, e pela visita duma excursão promovida por conterraneos amigos, que altamente nos penhora.*

Num momento disponivel, sobre o joelho, como costuma dizer-se venho trazer-lhes as mais sinceras felicitações pela idéa felicissima do seu Numero Unico, que ficará, como fonte exuberante, a atestar aos vindouros esta fase interessante da história de Barcelos — sua elevação á categoria de Cidade.

No relatorio da obra municipal elaborado em 28 de Maio ultimo eu cologuei esta aspiração em primeiro logar, como justiça feita ás suas tradições historicas, ao seu valor agricola, comercial e industrial e ás suas belezas naturais, e como estimulo e incitamento a futuras e interessantes realisações, que lhe deem o logar de destaque que algum tempo tivera. Barcelos tem vialmente progredido nos ultimos anos dum modo intensivo sobretudo no ramo industrial, mas muito tem a fazer e, desde que debaixo da santa bandeira do regionalismo se congreguem todas as energias num conjunto forte, tudo vencerá mercê da sua magnifica situação e formidaveis recursos.

Afastado daqui desde estudante, guardei sempre as mais vivas e afectuosas recordações deste torrão que me foi berço e nas fases da minha vida de militar, curta, mas por vezes agitada, muitas vezes sonhei em dedicar-lhe um pouco do pouco que valho. O que tenho feito é apenas o preambulo do muito que é preciso fazer. No entanto, o esfôrço tem sido grande e oxalá êle sirva de exemplo e estimulo para que todos despertem e me auxiliem nesta obra de dedicado bairrismo e portanto, de verdadeiro fomento nacional.

FRANCISCO CARAVANA

O POVO DE BARCELOS

Ao Ex.mo Senhor Presidente da República e ao seu dignissimo titular da Pasta da Justiça, Ex.mo Sr. Dr. Silva Monteiro.

Éste n.º unico manifesta a maior gratidão do Povo Barcelense pela Justiça prestada á raça que trabalha e em quem Suas Ex.as viram as virtudes civicas do Portugal Velho.

Suas excelencias, conquanto se enobrecessem com esse gesto poderão ter a certeza que a Cidade de Barcelos elevada á categoria das primeiras terras portuguêsas fará por manter firmes e intemeratas as suas nobres tradições, não fazendo mais que cumprir o seu dever.

Exposto este agradecimento, resta-nos bradar:

— Viva o Ex.mo Sr. Presidente da Republica Portuguêsa, venerando General Carmona!

— Viva o douto Ministro da Justiça, integérrimo Magistrado da Nação.

Barcelos e a sua importância

É sempre com extraordinário prazer que falo da minha terra — Barcelos — que enche de orgulho pela sua beleza e pelo seu progresso.

Se são grandes e admiráveis as belezas naturais com que a natureza a dotou e que dela fazem o mais formoso canteiro dêste lindo e perfumado jardim, que é todo o Minho, grandes e admiráveis são também os seus progressos.

Barcelos tem alargado muito a sua área e toda a cidade está cortada de boas e bem pavimentadas ruas. Possue espaçosos e bem arborizados largos, destacando-se entre êstes o denominado Campo da República, onde todas as quintas-feiras se realiza o maior e mais interessante mercado do norte do País — verdadeira afirmação de valor e da riqueza agricola do concelho.

Tem lindos parques e diversos edifícios, sobresaindo entre todos, pela sua magestade, o da Câmara Municipal, que com certeza não tem similar na provincia.

Há bastantes anos já, que possue excelente água fornecida pela Câmara Municipal e por uma emprêza particular, que nêste grande melhoramento se antecipou em benefício da terra, sendo rara a casa que a não tem canalizada para seu abastecimento, e ha muitos anos, também, que a iluminação pública e particular é feita pela Empreza de Electricidade do Norte de Portugal e justo é dizer que nestes últimos tempos a luz é excelente.

Pelas cadeiras do municipio teem passado homens de acção inteligentes, bairristas, verdadeiros *carolas* pela terra e a êles se deve o impulso que tem tomado.

Todos os barcelenses conhecem e louvam os seus nomes e todos com viva saudade recordam alguns que já dormem o sono eterno.

O saneamento não tem sido também esquecido e por êle tem tomado o maior interesse a actual Comissão Administrativa Municipal, de cuja orientação muitos podem divergir, mas a quem é de justiça louvar boas obras que tem feito e o manifesto desejo de aformosear a terra.

E' também Barcelos muito comercial e industrial, gosando ambas as classes da melhor reputação.

Tem, em todos os ramos, bons estabelecimentos comerciais e alguns dêles estendem as suas avultadas transações até o alto Minho.

A indústria tem progredido extraordinàriamente nos últimos vinte anos, possuindo bem montadas fábricas de fiação e tecidos, de passamanarias, de moagem, de serração, de serralharia, de refinação, de olaria, de mobiliário e de papel, ocupando grande número de operários e lançando no mercado os melhores e mais variados produtos. Por todo o extenso concelho estão espalhadas muitas pequenas indústrias e algumas verdadeiramente interessante pelo cunho regional.

Entre elas há uma que toma maiores proporções e muito tem progredido: — a olaria.

Especialmente em quatro freguesias do concelho, muito se dedicam a êste trabalho e é grande a sua exportação. Na Feira de Amostras, há pouco realizada em Braga, causou a melhor impressão o trabalho apresentado pelos oleiros do concelho de Barcelos.

Eis o que em breves e desataviadas linhas posso dizer àqueles que hoje nos honram com a sua visita — e a quem saúdo calorosamente — sôbre as belezas e a importância de Barcelos.

Barcelos, 14-10-928.

JOÃO CRUZ
Presidente da Associação Comercial.

A NOSSA TERRA

Mesmo nos transes em que o futuro se afigura mais incerto o povo português mantem a ancia constante pelo desenvolvimento e progresso do seu torrão.

E' observar o momento quê passa, de crise aguda e temerosa, em que quasi ninguem atenta, como êste povo laborioso e sofredor se encarniça numa luta feroz para evitar que se afundasse e subvertam as suas melhores atividades.



DR. MIGUEL FONSECA

Um dos presidentes do municipio barcelense que muito se evidenciou pelo aformosamento de Barcelos.

Apesar de tudo mantém o fogo sagrado das suas aspirações colétivas.

Não escapou ao torvelinho dêste movimento a nossa pequena Barcélos — feita cidade por graça de velho amigo e conhecido da nossa terra.

Assim, a Comissão Administrativa do municipio tem efétivado varios melhoramentos materiais com a rapidez e tenacidade bem adequadas ás circunstancias em que atúa.

Estes, porém, não bastam. Representam mesmo bem poucos se não fôrem acompanhados de outros que atinjam o modo de ser do meio social.

Apontemos, pois, os problemas que se nos deparam.

Primeiramente a *educação*. Para a realisar é preciso estabelecimentos de ensino. O que temos é o que já não se podia negar-nos.

Reclamêmos um *Liceu*, ou uma *Escola Industrial*, uma escola técnica adequada ao meio. Não um *Liceu Municipal* que seria a ruina do municipio que se abalançasse á sua criação.

Já as possuem ha muito outras terras cujos direitos e necessidades não são superiores aos nossos.

A higiene publica, desde o saneamento do aglomerado urbano até á fiscalisação dos generos alimentícios, ha muito que reclama se saia dos moldes insuficientes em que vegeta.

A *assistencia publica*, sob todos as modalidades que deve revestir, pede clamorosamente um olhar misericordioso.

Um meio civilisado reclama *policia* nos costumes e *policia* nas ruas.

PREÇO DE VENDA—1$00 — O produto reverte a favor de Casas de Caridade

BARCELOS-CIDADE

NUMERO COMEMORATIVO DAS FESTAS DAS CRUZES

BARCELOS—MAIO DE 1929

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO NAS OFICINAS DA COMPANHIA EDITORA DO MINHO BARCELOS

DIRECTOR, ORGANIZADOR E EDITOR
Joaquim Lopes de Araujo

BARCELOS
« Casal de guerreiros, ninho de poetas, berço de reis, Barcelos é . . . o primeiro amor do seu enamorado Cavado. »
J. LEITÃO

A CIDADE DO CAVADO

Esboço histórico. Barcelenses ilustres. A lenda das Cruzes. Palacios, monumentos e solares.

« TERRA PORTUGALENSE . . . . . — tira de sol entre dois azuis religiosos — céu e mar — = para todo o sempre abençoada », escreveu Mancelos Sampaio na *Resenha Histórica* de Barcelos.

A origem de Barcelos, perde-se através das mais [illegible] arias suposições, não tendo jámais sido possível [illegible] com exactidão.

Rodrigo Mendes da Silva, dá-nos Barcelos [illegible] fundada pelos *Barcinos* 230 anos antes de Cristo. Porém esta suposição é apenas baseada no facto do barcelinenses ter estabelecido e povoado pela mesma [illegible] Península, a cidade de Barcelona, cuja denominação [illegible] mente aproximada.

Carvalho da Costa, na sua *Corografia Portuguesa*, apresenta-nos como origem mais provavel, a de que Barcelos fôsse antigamente *Cidade Episcopal* com o nome de *Águas Celanas*, baptismo que lhe adviera, do *Rio Celano*, crendo, que quando os árabes dominaram a Península, a tivessem cognominado de *cidade Barcelenos*, que na língua agarena quere dizer procedente de *Celano*. Assim a corruptela de *Barcelenos* teria dado Barcelos.



Carlos Francisco Carneiro

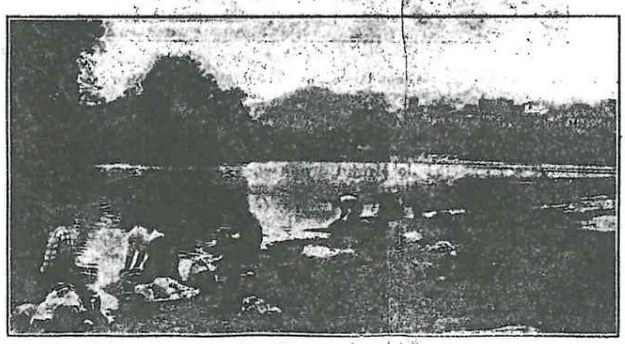
No entanto, a [illegible] ao que escreve João de [illegible] na *Geografia de Entre Douro e Minho*, [illegible] como tal deveria ter figurado em [illegible] tem sido cidade episcopal, [illegible] feito se deve aos árabes.

Pinho Leal, sendo de opinião simplesmente que os romanos a reedificaram e aumentaram, esclarece que nos primeiros tempos da nacionalidade, esta povoação aparece no latim bárbaro, com os nomes de *Barcelli, Barcellorum* e *Barcellosium*.

O Marquês de Montebelo, nas suas *Notas ao Nobiliario do Conde D. Pedro*, filia Barcelos em *Barracellos*, derivado de *Barra Celani*, isto é, *Barra do Rio Celano*, declinação remota do Rio Cávado.

Aventam ainda outros, que antes dos romanos haverem conciliado os dois visinhos, no abraço graniteo da sua ponte eterna (J. Leitão — *Guia Ilustrado*) uma barca — a *Barca Celi* — andava de lá para cá, correspondendo-os. E por isso ficou na memória dos homens êste verso:

À Barca Cœli Barcellos nomine dicunte



LAVADEIRAS NO RIO CAVADO

Pitoresca scena de trabalho cantado, ao som dos melodiosos sussurros das aguas, em poemas de vida e de amôr. Ao fundo vê-se a cidade, sobresaindo as torres dos seus monumentos.

que o abade do Louro, em tradução na *Memoria Historica da Villa de Barcellos, Barcellinhos e Vila Nova de Famalicão*, diz que « do nome da Barca do Céo vem o nome de Barcelos ».

No entanto e ainda segundo a *Resenha Histórica, Pitoresca e Artística de Barcelos*, ultimamente publicada e traçada na parte fatigante da investigação histórica pela pêna inteligente de Mancelos Sampaio, êste diz que « é rasoavel . . . . . a conjectura de que, quando os cartagineses invadiram a península — começando para esta as eras conhecidas (Oliveira Martins, *Taboas de Chronologia*) — ainda Barcelos não existia; quando muito encontraram aproveitado pelos habitantes dos castros próximos no seu intercâmbio de vida, o mórro sobranceiro ao Cávado como ponto de apoio para transposição de margem para margem e aperfeiçoaram essa escolha — civilisaram-na! — estabelecendo uma *barca de passagem*, porque o étimo que hoje, em obediência às modernas regras glotológicas, parece mais seguro para a palavra Barcelos, é *barc-éllus* no significado de pequena barca (Gomes Pereira, *Tradições populares de Barcelos*). Barca é têrmo fenício e os cartagineses originàriamente fenícios eram ».

Mas, como não é duma erúdita investigação da origem de Barcelos, que pròpriamente se deseja tratar, mas sim do seu passado de esplendores e presente progressivo, vamos seguir directos a relembrar os seus

Filhos ilustres

que deram à História Pátria e ao Bem da Humanidade, existências inteiras de valentia, saber e bondade.

Barcelos, terra encantadora da mais linda provincia de Portugal, embalou no seu berço acariciador, entes que mais tarde foram cavaleiros que engrinaldaram com seus feitos a bandeira das Quinas; escritores de nome, poetas, genealogistas, missionários que apregoaram as [illegible] que deram mais [illegible] de fora já cidade no tempo dos romanos [illegible] durante séculos em fóra, envaidece-se com os pergaminhos que seus filhos lhe legaram, uns nos campos de batalha, outros nas letras, outros em fim que conquistaram a imortalidade, num acto praticado por pequenino que fosse, mas que afirmásse « a vitalidade da raça, o sentimento dum povo, a grandesa dum gesto, a heroicidade duma morte! »

Barcelos, a vila nobilíssima, consagrada pela imortalidade de seus filhos, conhecida pelo seu progresso, ostenta galhardamente o título de cidade, que lhe foi dado pelo Decreto 15.929 de 31 de Agosto de 1928.

Mencionar nomes dos filhos ilustres que a Barcelos deram tradição galharda, seria tarefa que o leitor não toleraria. No entanto, o feito épico dos Alcaides de Faria, naquêle esperançoso « Estai firme . . . constante e . . . seguro »; a firmesa estoica de Gaspar Gois do Rego, *o alferes barcelense*, que morrera bravamente na batalha de Alcácer-Kibir, defendendo até à morte a insignia da Hoste Brigantina; o grôsso de tropas que Barcelos manteve mobilisadas durante as porfiadas campanhas da Restauração, que duraram vinte e oito anos, concurso importante que originou aquela quadra de Manoel de Galegos:

« Só em Barcelos houve alardo
um dia
Em que o sol pelos campos
dilatados,
Com terrivel e fera galhardia
Dezesete mil peitos viu armados. »

São a prova clara e evidente do justo orgulho de quantos são barcelenses e herdeiros desses antepassados feitos.

(Segue na 5.ª página)



João C. Coelho da Cruz

Activo presidente da Associação Comercial de Barcelos, baitrista afervorado em extremo.



Conde de Villas Boas

Nobre titular, presidente d[illegible] cato A. de Barcelos e [illegible] sentante da agricultura [illegible]



João Duarte Veloso

Director da mais importante fábrica da cidade e que no seu saber e actividade, alia uma alma pronta a qualquer iniciativa, que vise a engrandecer a terra.

homens & factos do dia

50 Cts.

DIRECTOR Reporter X

SEMANARIO DA VIDA MUNDIAL

ESCRITORIOS NO PORTO
Avenida dos filiados, 71 — (provisório)

REDACÇÃO (PROVISORIA)
BARCELOS

EDITOR
Carlos Moreira

SABADO
3 DE AGOSTO
1929
N.º 1

A volta do imigrante.—O triunfo na morte e o triunfo na vida.—A farça do protocolo.—S. M. viaja.—O segredo das viagens reais.—Cécile Sorél, o calor de perolas e o gatuno sentimental.—Cartazes e anuncios ou remedio para todos os males.—Os actores na intimidade.—Anedotas do Chaby.—Um êrro da justiça.—O mais extranho divorcio.—A tragedia de Viena ou a Maria Alves egipcia.

O CADAVER DO EMIGRANTE

QUANDO o jornal fôr apregoado por essas ruas—deve ter chegado já a Portugal um português que emigrou vai para treze anos... E poucos emigrantes, de volta à pátria, terão como este, pompas oficiais e grinaldas de corações a enfeitar o cais do desembarque... E' sempre um espectaculo que dedilha os nervos e aquece a alma—o do regresso daqueles que um dia, entre lágrimas e trapejar de lenços se guindam à Babilonia dum navio que os leva pelo rumo da Esperança, amalgamados na turba entrouxada da III.ª classe... E dos que vão cheios de fé—que poucos voltam; que raros moldaram no mármore forte da realidade os seus projetos de triunfo... Mas quando voltam triunfantes — que prémio de alegria e até de vaidade, ao exibirem se bem trajados, o cachucho no dedo a scintilar ao sol, o ventre cortado pelo cordão d'oiro, o riso que é o cheque à vista das notas guardadas na carteira... E cá fora, a mãe, as irmãs, toda a familia, em delirio e em ansia: «Como ele está mudado!» «Como ele vem gordo!» «E que de joias!» «Foi Deus que ouviu as nossas rezas...»

Tambem o emigrante que voltou agora à pátria deve ter tido a sua apoteose — e mais grave e soléne ainda. Tambem os pais, e os irmãos e os amigos o devem ter aguardado no posto... Mas em vez de entusiasmo, de delirio, de ansias, apenas se viam lágrimas e contrações de dôr! Em vez do guarda-roupa garrido e endomingado—fatos da negrura da morte! E se pudessem vê-lo, ao desembarcar —diriam, pela certa: «Como ele vem mudado!»— mas não acrescentariam: «Foi Deus que ouviu as nossas rezas!»

Mudado sim, que vem... Era um moço sadio, vibrante de vida, pujante na pequenez da sua corpulencia portuguesa —quando se foi; e agora, se arromba sem o tampo do caixão onde ele viaja apenas contemplariam as ossuras descarnadas dum esqueleto... E' que o emigrante de quem eu falo—senhores—é Gouveia Cuvado o primeiro soldado português que caiu no front da França.

As incognitas reais

DE todo o vocabulario ritual ao serviço dos reis o mais ridiculo é, decididamente, o termo das viagens... «incognitas».

Os jornais informam em tipo grande que o Rei Fulano II deve chegar a Londres ou a Paris (quasi sempre é a Paris...) no dia tal ás tantas horas—e que Sua Magestade viaja... incognita. No dia e a hora marcadas Sua Magestade desembarca, sai da estação entre fileiras de papalvos que o olham como a um fenomeno; um enxame de reporteres fotograficos o envolve tiquetaqueando os kodaks; toda a gente o viu, toda gente leu na imprensa as noticias da sua chegada—noticias ilustradas com a fotografia como que para garantir que é verdade, que é ele e não outro, o rei que veiu de passeata até Londres ou até Paris — mas como Sua Magestade viaja... «incognita»—todos fingem ignorar a sua visita... E o visitante, como *se não visse que todos o viram; como se não soubesse que todos sabem que ele chegou*—aparenta, muito a serio tambem, o convencimento de que todos ignoram a sua estada naquela cidade...



Este convencionalismo ridiculo recorda a mui repetida anecdota, da creada que veiu á porta declarar: «A Senhora manda dizer que não está em casa e que não sabe a que horas volta...»

O rei que bate o «record» das viagens... em «incognito»—é Afonso XIII.

Agora mesmo ele se encontra «incognito», em Paris.

Todas as viagens em incognito de Eduardo VII chamavam-se M.lle Yvette Duboc; as de Leopoldo II da Belgica tinham o plebeissimo nome de Marie Louise Laut; e as de D. Manuel chamar-se-iam Gaby,—a unica pagina viva da juventude tristonha do ex-rei de Portugal. As viagens de Afonso XIII foram dedicadas durante muitos anos a Bordeus. Em Bordeus existia, num arrebalte discreto uma casa apalaçada; e nessa casa uma senhora de esplendorosa formosura e uns petizes singularmente parecidos aos principes de Espanha—mas mais fortes, mais sadios, mais alegres... Nos ultimos tempos o monarca espanhol tem preferido Paris a Bordeus —nas suas viagens... Ignoro o segredo dessa nova predilecção... Os homens são levianos—e Afonso XIII, dizem, que o é como homem ...e como rei.



CHARLES SCHWARTZ
o ladrão de Cecile Sorel

O Jornal do

Reporter X

N.º 1

SEMANARIO DA VIDA MUNDIAL

PREÇO 50 CTS. — EDITOR Ilidio de Sousa — SABADO 12-OUTUBRO-1929

DIRECÇÃO (provisoria) R. da Palma, 146-2.º-LISBOA — ADMINISTRAÇÃO — Barcelos — ESCRITORIO (provisorio) Av. dos Aliados, 71-PORTO

O Hollywood do Angola & Metropole - Recordando Belo Infante - O monstro genial - Onde está Hennies e o que vale o seu silencio - O Calvario de artista - O caso de Rogerio de Castro - As bonecas de cera - Os gemeos do acaso - O Presidente Machado, o presidente Hower, o coronel Brick e o Ford.

Antonio Bandeira

O CORREIO atira-nos ás vezes á alma certas cartas que pesam e ferem como as pedras da carotada em briga. Mas vá lá a gente adivinhar... Cartas e mulheres — só depois de padecido o mal é que apuramos o mal que elas nos vinham trazer-nos. As que recebi hoje, estampilhada com a esfinge bochechuda da Rainha Guilhermina, da Holanda, eram das que mereciam ser queimadas, com o envelope, virgem, na vala comum do cesto dos papeis.

Releio-vos o seu remate: "Tanto eu como todos os camaradas acolhemos com alivio e comoção a noticia de que tinham sido finalmente abertas as portas do cárcere para que o vosso antigo ministro aqui, em Haya Sr. Bandeira, saísse para a liberdade, de — sencardido en absoluto das crueis acusações de que foi vitima. Recorda-se, do certo, dos meus desabafos a este respeito por ocasião da sua visita ao nosso país. Nenhum diplomata estrangeiro conquistara tão dignamente a admiração e a simpatia, a alma e o espirito de todos os holandezes, desde a Rainha até nós, como o Sr. Bandeira. Seu amigo, etc. *Belo Infante.*»

Antes de mais nada apresento-lhes o signatario desta carta em tão má hora redigida e posta a voar nas asas invisiveis do correio. Em 1925 — recordam-se? — parti para Haya, como missionario de parte da imprensa portugueza no julgamento de Marang. Esse julgamento foi o ultimo fosforo da caixa da verdade — que brilhou, numa efemera e escandalosa claridade, iluminando pepitas insuspeitadas — mas que logo se extinguiu, restituindo-as de novo ás trevas e ao dogma. Os jornalistas holandezes, nas vesperas do meu regresso, ofereceram-me uma taça de *champagne* no seu «cercle». Ia um redactor do *Telegraaf* papagaiar o terceiro brinde quando a porta envidraçada do fundo se abre e eu me senti num *carrousel* de espirito como se o vinho doirado tivesse produzido uma vertiginosa embriaguez. O aspecto do recem-chegado explicava bem a tontura sofrida. Monstro assim, nem Goya nem Gustavo Doré tinham engendrado nunca no maquiavelismo dos seus pesadelos artisticos. A disformidade duma cabeça enorme, entroncada sem pescoço era agravada pelo corpinho de petiz enfezado. As pernas de palmo e meio e descarnadas, bambuleavam-se dentro das calças. Um só braço tinha — o direito — e esse só dispunha de dois dedos — o unico polo do seu extraordinario e privilegiado dinamitismo mental pois aqueles dois unicos dedos — soube depois — guiavam a mais brilhante e gloriosa pena de toda a imprensa holandeza. Chamava-se Bolo Infante — aquele genial aleijão e descendia de uma das familias luso-hebraicas que acambalharam para a Holanda no reino de D. Manoel I. Mas o que me galvanisou mais dolorosamente os nervos foi a meticulosidade da sua toilette — todo apinocado, ao colo do moço que o transportava de redacção em redacção, como as amas levam as creanças e que o viera trazer ao *cercle* para me conhecer. Meia hora depois a sua palestra scintilante rendia-me e fazia esquecer-me a monstruosidade do seu fisico — e daí a nossa ininterrupta amizade e frequente correspondencia ha já quatro anos.

Mas não quizera eu, apesar de tudo, que Belo Infante me tivesse escrito a carta dessa manhã. E' que meia hora antes de a ler — fora informado que Antonio Bandeira entrava de novo na Penitenciaria.

De todo o elenco desse vasto Hollywood que é o Angola & Metropole onde abundam os *vedettes* de todos os géneros; os «azes» de todos os cartazes; por onde passam Charlots e Lon Chaneys; Haroldes e Genings; uma figura existe que me comove profundamente: Antonio Bandeira! Que mau feitiço — o da vida desse homem! Escritor que foi, e brilhante; legitimamente ambicioso; pobre de fortuna mas milionario de inteligencia e de energia, eilo, desde muito novo, a luctar para conseguir infiltrar-se numa carreira até então quasi monopolisada por uma casta; a diplomacia. Sem recursos, sem padrinhos, sem influencias, teimou, trabalhou, numa canceira heroica...

Venceu em parte. Lutou na carreira — mas durante 10, 15 anos, que rija batalha, de que torturas, que prodigiosa acrobacia para se manter, para brilhar, para prosseguir até ao triunfo absoluto! Os nossos diplomatas eram mal pagos. Os governos, ao enxadrezarem os seus orçamentos, contavam com a fortuna pessoal dos que esmolavam, por snobismo mundano e não por amor á carreira, um posto de secretario.

E Antonio Bandeira — só dispunha dos seus anemicos ordenados. Mas o que lhe faltava em ouro sobrava-lhe em espirito. O seu progresso continuo, a conquista de simpatia e previlégio que assinalava a sua pasagem por qualquer capital, quando ainda secretario — era tudo obra da sua inteligencia e da correção do seu porte — associada a um doloroso e secreto sacrificio de todas as horas.

Parecia ter chegado, finalmente, a sua vindima ao rendimento da capitalização do seu esforço. Ministro em Haya, melhoradas as receitas — com mais largueza e bem-estar — a sua inegavel vocação diplomatica espandia-se com retumbancia. Antonio Bandeira era o estrangeiro mais querido e influente da Holanda. A propria familia real o distinguia. Os proprios ministros das grandes potencias, iam, em segredo, pedir a Antonio Bandeira, plenipotenciario dum minusculo e desinteressado país; o reflexo da sua influencia para determinadas e dificeis *dèmarches*. E foi logo nessa hora de apoteose e de repouso que a Fatalidade veio ceifar-lhe a ventura, atira-lo do apogeu tão ambiciosado para a enxovia; da gloria para a deshonra; da intimidade dos reis para a dos facinoras duma penitenciaria !!! Como se fosse pouco veio a crueldade do Destino a conceder-lhe, por umas semanas, a ilusão de que o pesadelo terminava.

De todos os jornalistas que radiografaram o arcaboiço deste mistorio sou aquele que mais convencido está que o seu mistorio só será iluminado por dentro quando for preso o celeberrimo Hennis. Em 1925 propuz a um jornal de Lisboa descobrir o seu refugio — que era então em Constantinopla e entrevista-lo.

Não quizeram. Ninguem quer que Hennies fale. Talvez um dia tente, per minha conta, essa empreza...

O amante dos manequins de cera

MORREU no sábado em Lisboa o meu antigo condiscipulo Rogerio de Castro. E não morreu porque o mercurio da vida tivesse subido até à velhice no thermometro dos anos. Morre, pelo contrário, muito novo: pouco mais de trinta. Morre quando o sacrificio da sua abdicação de artista começava a ser pago em comodidades. Havia dois anos construira uma "chalet" excentrico, com telhados de biqueiras, recurvas á laia de pantufas persas ou de pagode hindu; havia dois meses que comprara um automovel "Windsor" — fronteira solar de suas ambições e das suas inofensivas vaidades humanas. Mas não é a sua morte que oferece barro para uma história; é a sua existencia e o seu caso. Contar-vos-hei, pois, a história da vida de Rogério de Castro.

Filho de um modesto empregado nos Armazens Grandeia, habituara-se, desde ga



... "Rogerio de Castro cuidava das suas bonecas com cuidados de amante e de pai" ...

roto, á profecia paterna do seu decidido talento artistico — demonstrado nas serapinturas de cromos infantis, com lapis de todas as cores. Aos quinze anos recusou-se a obedecer ao Destino que o mandava como recta dinastica, para o balcão de qualquer loja de modas — e entrou, a grande custo, para as Belas Artes. E fosse por milagre de sugestão ou porque, realmente, as aguias do genio tivessem feito ninho na sua alma, o certo é que trez anos depois falava-se dele como o menino prodigio do seu curso. A sua retina ganha-



Havia um guvetão cheio de globos visuais e dentaduras que dava ao scenario algo de morgue, de sala de autopsia, com restos de cadaveres.

va enjôo pelas tintas, como um estomago no dia seguinte à embriaguez com vinhos variados. Dedicara-se á escultura e era na escultura que se revelava numa vertiginosa vocação. Sensivel aos elogios, alheios usava-os no culto aos seus sonhos e utopias... Recordo-me de lhe ter escutado, nas vesperas da minha primeira partida para o estrangeiro, os projectos dum futuro tão

N.º 1 **Ano 1.º**

DIRECTOR E EDITOR — **L. RODRIGUES**

50 cts.

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Campo da República, 55

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
COMPANHIA EDITORA DO MINHO — **Barcelos**

FRVTA DO TEMPO

Barcelos, 7 de Novembro de 1929

QUINZENARIO HUMORISTICO

ECOS

TROSTKY, o celebre pele vermelha da 3.ª Internacional, teve autorisação para permanecer mais três meses em territorio Turco. Ninguem conhece a razão desta preferencia bolchevista pela terra de Kemal Pachá.

Pois nós que, estamos no segredo dos Deuses, podemos asseverar aos nossos leitores, isto, muito simplesmente:

— Apanham-se por lá muito boas *Turcas!*

.....

Os negocios do Afagnistão continuam ao que parece muito embrulhados, pois, segundo as noticias de ha meses a esta parte, os pachás e os kalifas sucedem-se como as imagens cinematograficas.

Ha uns dias apenas, um tal Nadir Kan ocupa a boa posta do Kalifado e e já se anuncia novo pretendente a marchar sobre Kabul. Este vem a ser primo direito dum cunhado do irmão do cosinheiro do tio dum compadre de Abibulah a que aproveita este parentesco em linha recta para apresentar a sua candidatura á força de peixe espada. Desejamos-lhe muitas felicidades.

.....

No domingo passado, na freguesia de Soutelo, Braga, perante um incendio violento, os homens das bombas resolveram exercer a sua actividade com sopapos uns nos outros, dando em resultado alguns feridos sem gloria e o desespero da pobre casa que ardia sem ninguem lhe valer.

O inspector dos incendios deu, durante a peleja, sobejas mostras de feroz valentia.

Por uma comissão dos seus inúmeros admiradores, vai ser oferecida a este senhor uma rica bengala de marmeleiro, em substituição da que partiu nas costas dum infeliz voluntario.

.....

O ministro do interior alemão teve o gesto de dissolver a poderosa associação dos Capacetes de Aço, cujo caracter militar punha em perigo a digestão de muita gente. Como revanche, estes senhores vão agora criar uma outra da mesma potencia mas muito mais comoda — a Associação dos barretes de borla e pantufas. O chefe desta Associação presume-se que venha a ser o proprio ministro.

.....

NOTICIAM os jornais que uma sogra das autenticas agrediu a murro e á dentada uma sua nora, deixando-a completamente knok-Out.

O que não diz a gazeta é se o arbitro consentiu o *corps à corps* com um pugilista de dentes tão agressivos.

IMPUNHA-SE

A necessidade da nossa vinda, impunha-se e, se houvesse duvidas sobre essa imposição, impunha-mo-l'a nós e tanto basta.

Esta bela terra, demais cantada pelos vates chorosos e pelas folhas de *propaganda* dos grandes *balcões* de informação, estes ultimos vindo, como qualquer epidemia, aliviar periodicamente dumas massas graúdas a bolsa dos anunciantes, massas que lhes fazem imensa falta para pagar as contribuições, ainda não teve a alma caridosa que, sem cocegas nem coices atrevidos na gramatica, lhe viesse desopilar o figado bilioso e lhe trouxesse, desempoeirada e limpa, uma graça leve e inofensiva, uma graça com certa graça.

Temos dois jornais na terra, é um facto. Mas, apesar de raras piadas jogadas entre si ou em unisono á desditosa Camara, muitas veses sem graça nenhuma, nada mais fazem do que indicar aos seus inumeros assinantes a delivrance feliz duma senhora que ninguem conhece ou a data de saida de paquetes que nos podem levar a abanar a estafada arvore das patacas.

Impunha-se, portanto, a nossa vinda, a vinda dum jornal que não tivesse como único refugio a utilidade um prego situado em local propicio a leituras amenas... pelo outro lado.

Conspicuos cavalheiros de subida intelectualidade e fartos conhecimentos nas artes, nas ciencias, na politica, e nas letras, dirão de sua justiça, á porfia, nas colunas deste nosso jornal, garantindo sob palavra de honra dizerem o menor numero de asneiras possivel, sob pena de lhe metermos o original pelo buraco do cesto dos papeis abaixo.

E feita deste modo a sua apresentação, fica tudo dito.

Quem o conhecer e lhe agrade que o compre.

ÉSTE NÚMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



— Tu não viste a sorte que ela me deu!?...
— Pois olha que, com tal carga d'ossos, não foi sorte nenhuma.

ECOS

NOS meios comunistas franceses causou a pior das impressões a atitude dos trabalhistas ingleses.

Como é notorio, o governo trabalhista, agora no poder, conseguiu fazer trabalhar a multidão dos desempregados que enxameavam pelo Reino Unido.

Caiu no goto a medida aos camaradinhas e preguntam se um governo trabalhista é para trabalhar êle ou para fazer trabalhar os outros.

Não que o trabalho a muitos deles faz-lhes calos nas quatro mãos.

.....

SEGUNDO os jornais, parece que a celebre arvore das patacas que ha muito se julgava sêca no Brazil, dando apenas, a poucos previligiados, alguns pintos, voltou a remoçar, mesmo sem a intervenção do Dr. Veronoff. Um rio de nome Araguya apresenta uma fauna muito esquisita e tentadora, pois, segundo o que dizem, pesca-se por lá ouro e pedras preciosas em barda.

Contudo, apesar desta fartura somos forçados a acreditar que, a muitos dos pescadores, lhes hão de comer a isca e... *cuspir* no anzol.

.....

CORREU o boato ontem, com uma certa insistencia, de que a Assembleia de Barcelos, ou antes, a Comissão *liquidataria* da mesma, vai envidar os seus esforços para a fazer ressurgir. Conta, para isso, com os juros acumulados duns 10 contos que tem a ares no Banco Ultramarino.

Calcula-se haver o capital necessario para construir um edificio condigno por volta do ano 3500 da nossa era. Por esta agradavel noticia, a esquadra surta no Cavado embandeirou em arco e deu salvas de estilo... muito macarronico.

.....

UM outro estabelecimento modelo, prestes á inaugurar-se, talvez d'aqui a 2 seculos, pouco mais ou menos, é um magnifico balneario muito envergonhado que se foi esconder sob as arvores da Cêrca. Conheço menino que aguarda com anciedade a sua abertura para experimentar tomar um banho completo.

Presume-se que os obstaculos maiores para que seja um facto a conclusão de obra de tão largo alcance sejam motivados pela atitude feroz de certo morgado das relações do nosso olfato.

.....

ESTÁ prestes a ser concluido um restaurante modelo nas Barrocas, com gabinetes reservados e autoclismo. Aceio e modicidade de preços garantidos

ANO I — BARCELOS, 30 DE JUNHO DE 1931 — N.º 1

Notícias de Barcelos

PUBLICA-SE ÁS QUINTAS-FEIRAS

Redacção e Administração
LARGO JOSÉ NOVAIS N.º 8

Director e proprietário—JOAQUIM FURTADO MARTINS
EDITOR—FRANCISCO PAULA DOS SANTOS
ADMINISTRADOR—JOÃO BATISTA DA SILVA CORRÊA

Composição e Impressão
TIPOGRAFIA MARINHO
BARCELOS

De fora e á parte

Definindo posição

Decidido proposito foi o meu, de ha mais de vinte anos, de não voltar a escrever na imprensa da minha terra, e tais foram os ensinamentos que no decurso dêsses lustros recolhi, que só vieram justificar a resolução, já muito querida do meu espirito.

E como jornalismo local é, na generalidade, modalidade da politica local, uma razão mais vinha reforçar o meu proposito.

Porque se é certo que na vida nacional tomei uma posição politica, cujas responsabilidades não engeito; e ao serviço do ideal nacionalista dei tudo quanto tinha para dar, nos quadros da politica local sempre me recusei a formar, e de tal politica me conservei afastado, tanto quanto pude e a ideia nacional mo permitia, como me conservo, tanto quanto posso, marcando por vezes êsse afastamento por forma bem expressa e ostensiva,

Quis, porém, o dr. Furtado Martins ter a gentileza de violentar aquele meu proposito, vindo reclamar para as colunas do seu jornal a colaboração da velha e ferrugenta pena com que servi e sirvo, apagada mas devotadamente, a ideia nacionalista nas colunas da imprensa nacional.

Ao orgão nacionalista da mocidade coimbrã, em que o director do «Noticias de Barcelos» recebeu o seu batismo de fogo, alguma colaboração dei, na camaradagem de velho reformado que não pode ser insensivel perante a galhardia destemida dos que formam nas primeiras linhas,—um impulso irresistivel, mixto de entusiasmo e de admiração, e tambem de saudades dos tempos em que em tais linhas formei.

Por isso nenhum motivo de recusa podia eu apresentar perante o gentil e honroso requerimento, e não tinha outro caminho senão o de aceder a ocupar o terreno que me ofereciam, nas colunas do «Noticias de Barcelos», em parentesis de campo independente, á margem do semanario que, embora tenha por objectivo a propaganda e defeza dos principios nacionalistas, comtudo não deixa de ser um orgão de politica local, girando dentro dessa orbita, como é obvio, terreno este naturalmente vedado a quem na sua terra apenas de si proprio é chefe, e só por si mesmo é chefiado, na mais absoluta das independencias, na mais completa isenção de responsabilidades.

Será isto incoerente afirmação proferida por um anti-individualista tão intransigente como eu sou?

De forma nenhuma. E', mais do que tudo, a noção exacta das realidades: da realidade pessoal propria, no conhecimento de mim mesmo; das realidades de forma de pensar e de actuar dos meus afins e amigos, e até das realidades daqueles que, por diferença ideologica ou por compromissos de varia ordem, ocupam terreno diametralmente oposto.

Feita está assim a minha apresentação aos leitores do novo semanario barcelense.

E digo apresentação, muito intencionalmente, porque as realidades referidas me teem mostrado quanto, na minha terra pequena e querida, me desconhecem até muitos dos que mais proximos de mim estão.

Continua na 2.ª pagina

Para que viemos...

A ninguem causará por certo estranhesa o nosso aparecimento; o grito duma voz a mais quando ela é a pregoeira dos interesses e aspirações da nossa Terra, é sempre bem cabido e tem sempre lugar.

O semanario que hoje sai a publico não tem rótulo que lhe sirva de prégão nem o quere tampouco; a orientação que desde o seu inicio lhe é traçada, dispensa qualquer frase mais ou menos sonóra.

Defenderá a Ditadura Nacional, porque vê nela a consubstanciação dos principios que convêem á Nação.

Será o porta-voz dos interesses de Barcelos, porque servindo uma politica nacionalista sem quebrantos nem exitações, não podia deixar esquecida a região onde todos labutamos e que todos nos habituamos a servir.

No campo das ideas e dos principios, não descerá o «Noticias de Barcelos» á arruaça ou á intriga; procurará ser justo para com tudo e para com todos, mas só será devedor dessa Justiça, quando ela implique a satisfação e a concordância, como lema que adóta—*Bem Servir*—.

Bem servir a Pátria, livre e absolutamente integrada nas doutrinas do Nacionalismo Português.

Bem servir a Pátria, lutando pela plena satisfação das suas aspirações, pela inviolabilidade das suas tradições vitais, dos seus costumes, das suas crenças e do seu território.

Bem servir a Patria, lutando pela defêsa e integridade do nosso patrimonio, contra a anarquia crescente de dentro e de fora, contra ideologias que não se podem acomodar ao progresso dos Povos, mas antes lhe cavam a própria ruína.

Dentro desta orientação, aplaudiremos quemquer que seja; fóra, e em discordância com ela, nunca será dado o nosso opoio nem o nosso louvor, porque não poderemos apoiar nem louvar aquilo que consideramos o êrro e nos propusemos combater.

E' êste o programa que traçamos, é esta a justiça que prometemos.

E' pouco, é muito?... E' pouco para a Nossa Terra que de muito mais era merecedora; é muito para um semanário provinciano, que sómente pode contar com um pouco do esfôrço roubado às canceiras da vida profissional.

Somos poucos, pouco é o nosso esforço, mas a fé e o entusiasmo que anima todos os que lhe vão emprestar um pouco do seu brilho, suprirá estamos certos, todas as dificiências.

Não fazemos nem queremos programa; a estrada que pisamos é luminosa e, embora caminhemos sómente a meio da jornada, já antevemos o seu fim glorioso.

E afinal; só agora reparo: nem era preciso tanto para dizer o fim.

Para que viemos...



Dr. José Gomes de Matos Graça

PRESIDENTE DA COMISSÃO ADMINISTRATIVA DA CAMARA MUNICIPAL E ADMINISTRADOR DO CONSELHO DE BARCELOS. FIGURA DE INCONFUNDIVEL DESTAQUE A QUEM A DITADURA NACIONAL DEVE UMA DAS MAIS FORMIDAVEIS ORGANIZAÇÕES DE DEFESA E APOIO NO DISTRICTO DE BRAGA.

UNIÃO

Num momento em que tôdas as sociedades vivem sob a ameaça do comunismo, num momento, como êste, em que a burguezia apática começa a preocupar-se com o futuro dos seus capitais, não são de estranhar os apêlos constantes à união de todos os que possuem vivos a idéa e o sentimento de Pátria.

Uma propaganda intensa emana da Rússia soviética, e os efeitos dessa propaganda, executada atravez de milhares e milhares de folhetos acessíveis e largamente divulgados, vão-se fazendo sentir em quasi todos os paises. E se a prática demonstra que contra um extremismo só o extremismo oposto consegue reagir com exito, o bom senso, cuja ausência tanto se faz sentir entre nós, deve levar-nos a estabelecer, na verdade, a união à volta dos princípios nacionalistas

União de todos? Não. União apenas de todos os que perfilham as mesmas idéas, de todos os que vêm na Nação forte e organizada a única barreira insuperável para a onda de desagregação social que avança pelo mundo inteiro.

União de todos, não. Porque querer reunir pessoas de ideologias diferentes, e até opostas, é querer provocar a luta no mesmo campo, com tôdas as suas conseqüências, e não estabelecer a união; é preparar a guerra por processos do mais puro, do mais abstracto pacifismo. União de todos, não, porque a essa união faltará a unidade indispensável para a vitória.

Mas o perigo é comum—dirão. E perante êle, devemos unir-nos àqueles que, embora não estejam identificados politicamente connosco, pretendem destruir também a ameaça comunista. Mas é que a prática demonstra que a politica de conciliações, a politica de transacções, é aquela que tem de ser adoptada sempre que se reunem aspirações diversas, sempre que se encontram e degladiam interêsses opostos. E o sistema político resultante dessas transacções, dessas transigências, será incapaz de dominar o espirito de revolta e de anarquia que a propaganda da Rússia fomenta, que o dinheiro da Rússia soviética alimenta.

Transigir com aquilo que eu considero o mal, nunca! Tolerar o que se me afigura êrro perigoso, capaz de conduzir a uma catástrofe inevitável, nunca! Sentimo-nos dispostos a tolerar aqueles que erram, perdoando-lhes e desculpando-lhes os erros. Mas deixar de lutar contra o êrro, não o poderiamos fazer sem grande revolta da nossa consciência. Uma coisa é tolerar os que erram, outra coisa bem diversa é tolerar o próprio êrro. Se a primeira pode ser, até certo ponto, uma virtude, a segunda constitue um grave defeito. E quando o êrro é de tal forma grave, quando os erros politicos são susceptiveis de conduzir uma Nação à ruina, de destruir fronteiras; quando êsse êrro conduz provàvelmente à escravização do espírito, transigir com êle, seria atraiçoar a própria Pátria e todos os princípios políticos capazes de a defender das arremetidas bárbaras.

E' porisso que entendemos que a união que tantos prègam, e cuja imperiosa necessidade é bem evidente, só deve fazer-se à volta dos mesmos princípios, para que seja forte, para que

ANO I — CARVALHAL, 26 DE MARÇO DE 1933 — N.º 30

Visado pela Comissão de Censura

Ecos da Franqueira

- AVENÇA -
Número avulso 25 centavos

Redacção e Administração
Carvalhal — Barcelos

ASSINATURA: 10$00 (por ano); 5$00 (semestre)
PAGAMENTO ADIANTADO

Director, Editor, Administrador e Proprietário
P.e José A. Aires

Publica-se aos Domingos

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
TIP. DA OFICINA DE S. JOSÉ — BRAGA

Barcelos Antigo

Extracto do «Portugal antigo e Moderno» de Pinho Leal

(Continuação do número 29)

Isto entende-se só de ordenanças, das quais tinha 28 companhias, e em toda a comarca 42.

A Camara servia de Capitão-mór.

Na guerra dos 27 anos deu Barcelos, fóra as ordenanças, sete terços de infantaria, mil e quinhentos gastadores e 500 carros.

Esta comarca tinha mais de vinte leguas de comprido (120 Kilometros).

Ainda há poucos anos vi em Grijó (17 Km. ao S. do Porto) uma marca, ou padrão, que dizia—*Correição de Barcelos.*—Não sei se ainda existe.

* * *

Extra-muros da antiga circunvalação, no Campo da Cruz (mais conhecido pelo Campo da Feira) está a igreja do Senhor da Cruz que é sumptuosa.

Este Senhor festeja-se a 3 de Maio, havendo, então ali uma grande feira.

Diz a tradição que uma sexta-feira, 20 de Dezembro de 1504, aparecera no tal campo (então chamado do Salvador) uma cruz pintada no chão; e que desde esse dia principiaram a aparecer cruzes assim, neste logar, (agora aparecem a 2 e 3 de maio e algumas vezes em setembro, na vespera da exaltação da Santa Cruz).

Erigiu-se-lhe logo uma pequena ermida, que hoje está transformada em egreja, e é a já dita do Senhor da Cruz.

* * *

A meia distância entre a ponte e o açude de *Maréces* (ou Marésses) mesmo no leito do Cávado, há um enorme penedo, ao qual pela margem esquerda, se chega a pé enchuto, na estiagem, ficando todo o mais tempo coberto com a água do rio.

Da raiz dêste penedo rebenta uma fonte de àgua sulfurosa, que dizem muito medicinal.

* * *

O mesmo D. Afonso, primeiro duque de Bragança, que mandou fazer as muralhas e torres desta vila fez, pelo mesmo tempo construir para si e seus sucessores um palacio, cujas ruinas ainda existem junto à ponte (do lado do N.).

Do alto destas ruinas se goza um belo panorama.

Vê-se o píncaro do Monte da Franqueira, de uma grande altura e o Bom Jesus do Monte de Braga.

O terreno e ruinas dêstes paços foi pedido ao govêrno pela Camara de Barcelos, para ali fazer um passeio público.

Foi-lhe concedido em Agosto de 1873, sob condição de que uma parte do velho edifício, seja conservada, colocando-se-lhe uma lapide comemorativa, que ateste às gerações futuras que foi ali o palacio dos duques de Bragança, donde procedem quasi todas as famílias reais da Europa e a do Brazil.

Isto é bom; mas tenho saudades daquelas ruinas venerandas, que dominavam magestosamente a robusta ponte romana.

A Casa da Camara é hoje o melhor edifício da vila e a melhor casa do senado da província.

* * *

De Barcelinhos a vista desta vila é imponente e pitoresca.

Barcelos é sem contradição nenhuma uma das melhores vilas do Minho e não tem muitas superiores no reino.

E' mesmo superior em população, edifícios e riqueza às cidades de Tomar, Miranda, Silves, Bragança e Pinhel.

Tem minas de safiras. Diz Oliveira Freire (Descr. Chorog. de Port. pag. 31) que uma safira de Barcelos, foi vendida em 1636, em Paris, por 28:000$000 reis!

* * *

É patria do bravíssimo e leal portuguez D. Nuno Gonçalves de Faria, conde e alcaide-mór do Castelo de Faria no reinado de D. Fernando.

De seu filho, Gonçalo Nunes de Faria, tão bravo e tão leal como seu pai.

Do irmão deste D. Alvaro de Faria, que D. João I armou cavaleiro na batalha de Aljubarrota.

(Continua) *Fra Casil.*



Nossa Senhora da Franqueira

Estrada da Franqueira

Tendo sido posta em arrematação a mão de obra para o calcetamento à portuguesa da pavimentação desta estrada desde o lugar de Meréces da freguesia de Barcelinhos até ao lugar da igreja da freguesia do Carvalhal, foi já pela Câmara Municipal feita a respectiva adjudicação com o compromisso dêstes trabalhos estarem ultimados no fim do mês de Agosto do corrente ano.

A freguesia do Carvalhal, sempre solicita para tudo quanto concôrra para o desenvolvimento da Franqueira, prontifica-se a fazer todos os carretos precisos — *gratuitamente* — cujo serviço será feito logo que lhe seja reclamado.

A freguesia do Carvalhal prestando êste bom serviço dá um belíssimo exemplo de bairrismo.

Viva a gente do Carvalhal!

A Peregrinação à Franqueira

Tivemos o prazer de trocar impressões com o Ex.mo Snr Arcipreste P.e Rio Novais, sôbre esta manifestação de fé religiosa.

ANAIS

DAS FRANCISCANAS MISSIONÁRIAS DE MARIA

1.º Ano — Junho 1936

SUMÁRIO

A vocação Missionária de S. António de Lisboa. . 81
Uma Missão Secular 83
Bôdas de Prata duma missão do mato 86
Correio Missionário — As festas das «Boas-Notas» . 89
Mika-San 91
Partiram para as Missões 96
Para as Missões. 96
Memento pelos nossos Defuntos. 96

A imolação do humilde de coração é fecunda; contribui para a glória de Deus e para a honra d'Aquele que se aniquilou.

(Palavras da nossa Rev.ma Madre Fundadora).

VOCAÇÃO MISSIONÁRIA

DE

SANTO ANTÓNIO DE LISBOA

A Cidade de Coimbra estava predestinada a ser um viveiro de apóstolos. Era lá que um dia Santo Inácio havia de fundar êsse colégio de Jesuítas que, com os olhos postos no horizonte do Atlântico, se preparavam para vir e ser os apóstolos dos dois mundos. As aspirações que em Coimbra tomavam o seu vôo, haviam de arrastar S. Francisco Xavier até à Índia e até ao Japão; arrastariam depois para as misteriosas regiões da Abissínia e para a América do Sul, os seus Irmãos em religião. E para Coimbra, no decorrer do século XVI, se volveram todas as atenções, dum extremo ao outro da cristandade, para recolher os ecos longínquos da faina missionária que ia dilatando o reino de Cristo. Mas, três séculos antes que esta cidade Portuguesa desempenhasse tão elevado papel na história da propagação da fé, os Cónegos de S.to Agostinho viam chegar de Marrocos em pompa dolorosa, os restos dos cinco primeiros mártires franciscanos, imolados em terras do Islão: Bernardo, Pedro, Otão, Adjuto e Acúrcio. Haviam querido levar Cristo ao grande Miramolin e, a-pesar das proïbições sancionadas pelo cárcere, tinham persistido em prègar nas praças públicas, embora sentissem que, mesmo perante os prodígios com que Deus confirmava a sua palavra, as almas permaneceriam rebeldes.

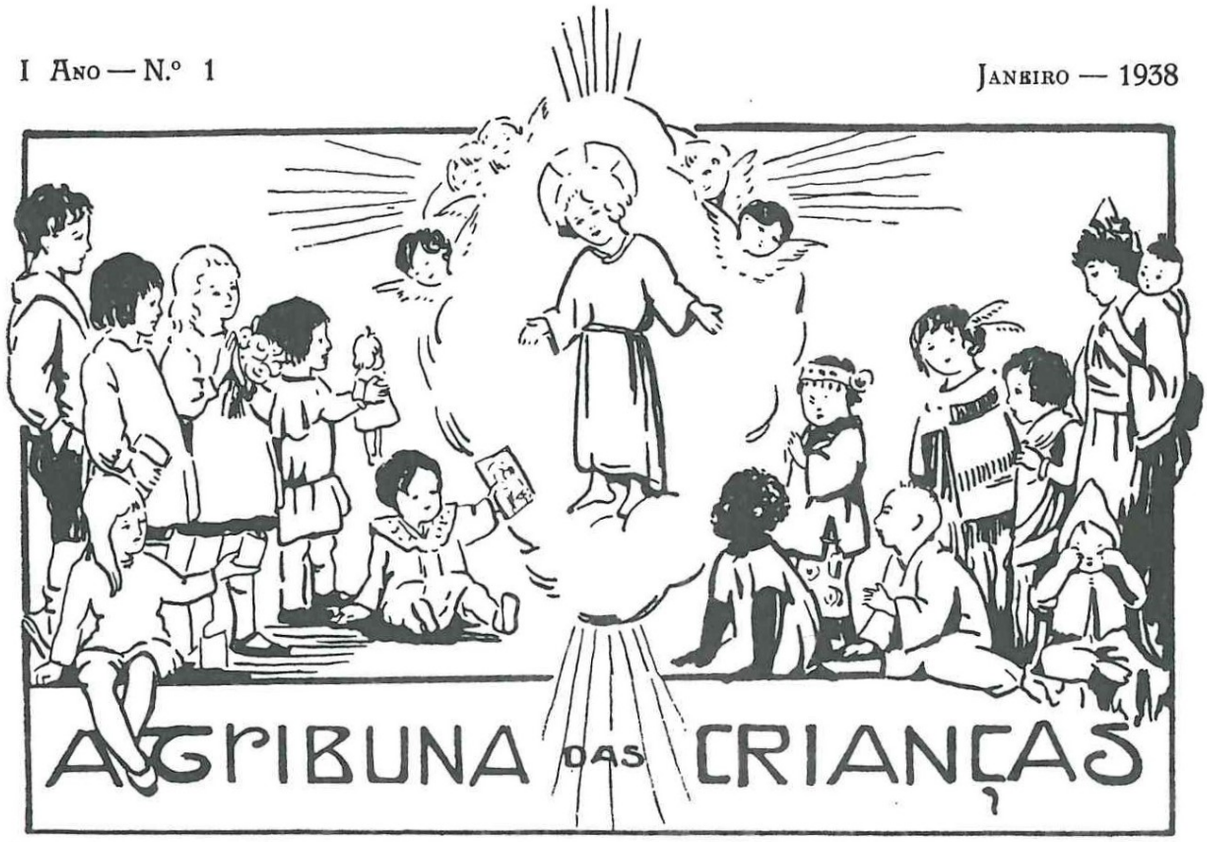
E, esta rebelião tenaz das almas, voltando-se contra êles, condenara-os à morte.

S. Francisco de Assis quisera que êles fôssem os primeiros pioneiros, enviados pela Europa cristã, à África muçulmana e logo a África lhe enviava os seus cadáveres.

Mas êste Cristo que parecia expulso, êste Cristo que parecia vencido, era o Deus que, outrora, dissera pela bôca de Ezequiel: Assim como a chuva e a neve descem do céu e nunca mais voltam a êle, mas penetrando na terra a vão fecundando e fazem germinar a semente para o lavrador e o alimento para o homem, assim a palavra que sai da minha bôca, não voltará a mim sem fruto; ela realizará os meus desígnios.

Entre os cónegos de S.to Agostinho, que tristemente haviam recebido as relíquias dos mártires, havia um, Fernando, que logo se sentiu preso dum lindo sonho: ser por sua vez o apóstolo de Marrocos, e se fôsse necessário, sofrer também o martírio. E sob o impulso dêste desejo, o jovem religioso depondo a branca rou-

I Ano — N.º 1 Janeiro — 1938



Redacção e administração: Barcelos □ Editor-Proprietário: Colegio Missionário Ultramarino - Barcelos □ Tipografia: Montariol – Braga

O QUE SE DISCUTE NA TRIBUNA... DAS CRIANÇAS

Era uma vez um menino, apenas de seis anos de idade, que se divertia a fazer buracos na terra com uma pàzinha de madeira. De-repente suspendendo a sua tarefazinha, diz ao irmãozito que brincava ao seu lado:

«Cala-te» e inclinava-se, espreitando pelo buraco que tinha feito.

«Vejo os chineses, vejo os chineses!» exclamava êle».

«Vamos de-pressa, cavemos mais fundo e em breve chegaremos até onde êles se encontram».

Pôs-se então a cavar com tôda a fôrça e depois colocando o ouvido no fundo da cavidade, gritava de alegria:

«Ouço-os muito bem, são êles, são os meus chinezinhos que me chamam!„

Antoninho, o irmãozinho, estava muito admirado e não dizia nada; depois continuaram ambos os seus brinquedos.

■

Era uma vez uma menina que tinha duas irmãs, Martinha e Luíza. Tôdas três amavam muito a sua bondosa mãizinha. O Bispo dos Natchez, nome dum povo da América do Norte, tendo vindo à sua pátria, foi visitar estes seus parentes e tratou logo de despertar nela o seu interêsse pelos pobres selvagens.



«Não têm que vestir, dizia êle. Não conhecem Jesus, nem Maria; minha pequenina Helena, não sentes confranger-se-te o coração ao pensar numa coisa tão triste?»

Helena tinha os olhos rasos de lágrimas. A mãi não chorava, mas dizia a Sua Exc.ª Reverendíssima:

«Por quem sois, calai-vos, ides fazer despertar a vocação nesta criança.» E Sua Exc.ª Reverendíssima sem se preocupar com as suas apreensões e reclamações, prosseguia com a sua voz suave: «Os selvagens não conhecem Jesus nem Maria.»

Então, com o coraçãozinho muito apertado pelo grande sacrifício que ia fazer, a pequenina Helena pôs-se de joelhos e disse:

"Pois bem, Monsenhor, eu serei Missionária„.

■

Acabais de ler a história dum

Revista Bi-mensal 2 Ano — Janeiro-Fevereiro 1939

BIBLIOTECA



O CORREIO MISSIONÁRIO DAS CRIANÇAS

ANO SEM - Nº1 DAQUI BARCELOS 22 de NOVEMBRO de 1941

O Kaloiro

Visado pela comissão de corte

GAZETA HUMOR-ISTICA

Fundadores: 6 Gaijos Director:- 1 Porreiro

GEMIDOS DUM CORAÇÃO...

... DE SEIS GAIJOS

I

Queremos apresentar,
A Barcelos em geral,
Um jornal ainda novo,
Mas muito bom por sinal.

II

O seu nome está bem posto
É como azul sob oiro
Vamos lá a ver se gostam
Vai chamar-se o **Kaloiro!**

III

Agora que a mocidade,
Tem pretensões esquesitas
Vai levar grossa pancada
P'ra se deixar de tais fitas.

IV

Por certo os criticados
Não nos levarão a mal,
Pois nas críticas está,
A graça deste jornal.

V

Quem não gostar das piadas
Que se ria, mas não tussa,
Pois se tossir é certinho
Que se entorna a carapuça.

VI

E a todos vós pedimos,
Grandes, médios e pichotes
Que paguem o jornalzinho,
E que não fiquem calotes.

VII

Abandonai essa vida,
Que vos priva de gosar!
Quem prospera são aqueles
Que só sabem vadiar.

VIII

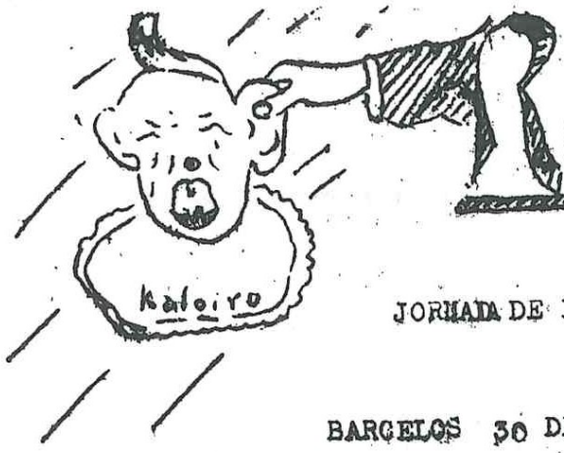
Quem estuda é um patife,
Um refinado ladrão,
Que roubra aos pais o dinheiro
Merecido p'lo cabulão.

IX

Grandes gatunos, ladrões,
Nos chamam êles a nós
Que são aqueles qui estudam
Que sois então todos vós?

X

Parece que sem picar
Tudo pode florescer.
Se não q'reis acreditar
Ouvi o que vou dizer.



Resposta

JORNADA DE INFORMAÇAO E DE CRITICA

BARCELOS 30 DE NOVEMBRO DE 1941

AOS LEITORES

"Resposta"tem o prazer de aparecer hoje a lume. Acanhada, tímida, ensaia os seus primeiros passos confiante que atingirá na maxima das velocidades a sua força viril.

Não pretende RESPOSTA ferir susceptibilidades.

Superior a todas as críticas que possa ter, há uma razão que a fará vencer, - a boa intenção para que fôra creada.

Mas uma coisa porém nos animou,

Pretendiamos uma jornada que retratasse a vida da rapaziada e por ela fosse sentida, perpetuando em imagens o que as gerações futuras hão-de aprender como se pode viver aos vinte e poucos anos.

É viver-se a estudar, a aprender é a vida cultural que nos transporta à vida espiritual, à vida superior.

Alheios a críticas, só a indiferença nos pode deixar de continuar na rota de educar, de moralizar, progredindo sémpre, melhorando sempre e sempre vivendo a espelhar nas nossas paginas a psicologia textual da forma de viver e de pensar, da nossa vida tal qual se apresenta na realidade, porque RESPOSTA só é colaborada por uma plaiade juvenil de rapazes mais ou menos da mesma idade, e que formam um grupo que conjuntamente transmitem opiniões, discutindo a conjectura nos diversos modos de viver, e como se nos parece melhor.

É arriscada a nossa tentativa.

É petulante, até. Mas que importa

Não somos alheios a críticas? Então continuemos na tarefa que encetamos de opinião pessoal, e é nesta disposição que RESPOSTA se apresenta aos leitores e a êles promete uma vida longa e de utilidade.

ESCANDALO NA CÔRTE

Barcelos tornou-se há tempos um verdadeiro "centro de novidades".

E de momento, o que de mais sensacional se está a passar, é que há oito dias, na Côrte, Sua Magestade a virtuosa Rainha do Cávado deu à luz um "Kaloiro". E o mal, o grande mal é o Povo não reconhecer o neófito como pretendente à Corôa, porque a Rainha diz que quem o fez foram "Seis Gaijos".

Mas os Ministros reuniram, o Presidente do Conselho um "viriato da lusitânia" Pátria admite a legitimidade do filho, e passa a ter a responsabilidade de pai postiço o Clero.

É infame!

Até o clero se envolve nisto. É certo que também casam, mas perante o Papa prometem não parar nada da mulher. É a verdade é que não se vê a mulher parada mas vê-se o homem em palpos de aranha porque o Povo atira-lhe com a "RESPOSTA" que quando a maré baixa tem visto um "ribeirinho" a murmurar com a Rainha.

O certo, é que isto ridiculariza a Augusta Senhora Mãe Barcelos, agita-se borborinho na Côrte do Castelo fidalgo que descende do "Alcaides de Faria" e bulha o Presidente do Conselho com o padre que fulo por causa do "Kaloiro" transpira como um "ribeir

E agora ouvem-se as lavadeiras do rio cantarem:

Masgestade, quantos Pais?
-O Povo faz um chiqueiro.
Foi feito nos cereais
Por seis "Gaijos" e um "Porreiro"

E naw outra margem ouvia-se responder:

Com o aumento da guerra
Que está tudo a sofrer
"Kaloiro" como pelintra
De fome tem que morrer.

Marialva

NÚMERO 1 — Barcelos, 15 de Abril de 1945 — ANO I

A FRANQUEIRA

ÓRGÃO DA CONFRARIA DE NOSSA SENHORA DA FRANQUEIRA
APROVADO E ABENÇOADO POR SUA EX.ª REV.ma O SENHOR ARCEBISPO PRIMAZ

Redacção: Rua da Madalena, 6 — BARCELOS
Composição e Impressão: Tip. da Oficina de S. José – BRAGA
Director e Editor: PADRE BONIFACIO LAMELA
Propriedade da Confraria de Nossa Senhora da Franqueira
Administração: R. Infante D. Henrique, 48 Tel. 8363 - BARCELOS
ASSINATURAS { Anual . . . . . 6$00 / De bemfeitores: . 10$00

A FRANQUEIRA

No empenho de desenvolver o culto de Nossa Senhora da Franqueira, que se venera desde remotos tempos nas cercanias da cidade de Barcelos, vai a respectiva Confraria publicar um periódico com o nome de **A Franqueira.**

Emprêsa de tão alta finalidade não pode deixar de merecer o aplauso das almas bem formadas e as bênçãos do Prelado diocesano, que vê com sumo gôzo crescer de dia para dia na sua Arquidiocese o amor à Santíssima Virgem, invocada carinhosamente sob as mais variadas e encantadoras denominações.

Que **A Franqueira** *possa chamar para o castelo de marfim, – turris eburnea, – que ali se ergue sobranceiro à sua Redacção, as melhores atenções dos seus leitores e para a cidade e seu vasto concelho as graças e a protecção solícita e maternal de Nossa Senhora.*

Braga, 19 de Março de 1945.

† ANTÓNIO, Arcebispo Primaz.



Aos nossos Leitores

Eis o primeiro número do nosso mensário, dedicado à Franqueira. Vem satisfazer velha aspiração, que agora se vê em realidade, mercê de dedicação ilimitada e sacrifícios sem reservas. Nasceu de muito amor pela velha Confraria de N. S. da Franqueira, por cujo desenvolvimento e prestígio se vai empenhar. Sendo um órgão religioso, apenas o interessará a Franqueira e o culto de sua Padroeira. Alheio a influências individuais ou partidárias, refratário a tôda a actividade que não seja religiosa, apenas pretende servir o espírito, pela cultura católica e intelectual. Não o moverão outros fins que a Franqueira, atravez do culto à Virgem Santíssima que ali se venera há já perto de um milénio.

Espera – e julgamos que não em vão – o interêsse de todos os conterrâneos, tam dedicados à sua è nossa Terra. Conta com o ápoio de todos os barcelenses. E dele não duvidamos, porque o seu único lema é apenas: SERVIR.

E' êste o dia do nosso aparecimento, motivado por outro aparecimento, o de Breve de S. S. Pio IX que concede à Confraria importantes indulgências.

Esta data e êste facto ficam a assinalar um acontecimento que se impõe pelo significado de que se reveste o achado, magnífico tesouro esquecido ou perdido incompreensivelmente, e que agora fica ao dispor dos devotos de Nossa Senhora da Franqueira.

Que a Virgem Santíssima nos ajude nêste zêlo pelo seu culto e devoção.

Que Nossa Senhora da Franqueira abençôe os nossos intentos e ampare os nossos passos, para que os resultados dos trabalhos a que nos vamos dar sejam de bênçãos para os que labutam nesta trinchetra e para todos os que nos honrarem com a sua aceitação e colaboração.

Ao fazermos a nossa primeira publicação, saüdamos a Imprensa, sobremaneira a Impreusa Católica, querendo expressar também as nossas saüdações ao colega local "O Barcelense".

S. S. Pio IX e a Franqueira

O insigne Pontífice da Imaculada Conceição, distinguiu a Confraria de Nossa Senhora da Franqueira, com a concessão de valiosíssimas Indulgências. S. S. Pio IX fez assim privilégio a esta Confraria, símbolo de culto tradicional à Virgem Santíssima, nascido na fundação da nacionalidade portuguesa. Não poude de certo esquecer que Portugal, Terra de Santa Maria, ali ajoelhou e se consagrou pela vez primeira à sua excelsa Padroeira que protegendo-o na Infância, o amparou no volver dos séculos da sua longa existência, estando sempre ao seu lado nos momentos críticos: Castelo de Faria e a fundação de Portügal; Aljubarrota e a confirmação da independência nacional; 1640 e á sua restauração; e mais e mais.

A Franqueira de certo lembrava ao augusto e valoroso Pontífice a sua Con-

AVENÇA

N.º 3

I

MAIO - OUTUBRO - 1947



«Felizes os que se divertem instruindo-se e se comprazem em educar o espírito»
(Fenelon)

Director e editor: P. M. AVELINO FERREIRA

Sub-Director: M. A. VIEIRA

PROPRIEDADE DA «CRUZADA DO BEM» (OBRA DE ASSISTÊNCIA NACIONAL PARTICULAR), ÓRGÃO MENSAL DOS LARES, DA JUVENTUDE E DA INFÂNCIA, DO BEM E DA VERDADE

Direcção: LISBOA

Administração: Campo de S. José, 84 – BARCELOS

DUAS PALAVRAS

Aos nossos Benfeitores, Amigos e Assinantes

PARA todos será motivo de surpresa o aparecimento deste diminuto Boletim a substituir o bem idealizado e tão necessário jornal «Mestre da Vida». O jornal progredia e aperfeiçoava-se de número para número, como o prometeu o seu idealizador, nosso Director, que, magistralmente sabia gravar nele a realidade da vida, os seus sonhos sempre grandes «a favor dos pobres» e engrandecimento da Pátria, pela cultura e formação moral de todos. Alma de zelosíssimo Apóstolo e grande Português!

Mas a sua saúde esgotou-se num trabalho insano, de dia e de noite, de cátedra em cátedra, em alocuções eloquentes, incisivas, convincentes, palavra clara e aguda a penetrar nos corações inclinados ao Bem, pena brilhante, revestida de uma dialéctica firme e de uma argumentação inteligente e irrefutável, que, como rócio suave e fecundante calava em todas as almas!

A palavra e a pena foram reduzidas ao silêncio porque a doença o prostrou num leito de dor! Não se alimentava como devia, não dormia, não pensava em si, mas únicamente nos desgraçados para os quais procurava continuamente conforto! Abnegadamente fundou a «CRUZADA DO BEM», obra de assistência nacional particular, com Estatutos aprovados pelo Governo, para todo o País, através do qual se vai estendendo a sua acção benéfica e eficaz. Após um dia de extenuante trabalho, sem tempo de tomar alimento algum, encontrou-se súbitamente doente, nas ruas da Capital, quando se dirigia à Tipografia para imprimir o segundo número do «Mestre da Vida». Mesmo assim, não abandonou o trabalho, para que o jornal não deixasse de sair na altura devida. E só quando as forças o abandonaram por completo, tendo de ser internado num Sanatório, é que se convenceu da necessidade de suspender a publicação do jornal, ao qual não podia já dedicar a sua orientação. Nós que com o nosso Director lidávamos de perto, vimos com que mágoa ele foi forçado a tomar tal resolução! O terceiro número não pôde ser publicado em Maio. E o nosso Director, sempre pensando nos interesses dos Assinantes, Amigos e Benfeitores, ao sentir que a saude se mostrava um poucochinho, com a volta de algumas forças, tomou a iniciativa de substituir o jornal por um Boletim, como o presente, pequenino no formato mas grande na intenção de bem servir.

Todos os que somos seus Amigos, reconhecendo o valor da grande obra da «CRUZADA DO BEM», de que o «Mestre da Vida» é o órgão, procuramos dar a nossa insignificante contribuição, ajudando o nosso Director, que, com a sua saude ainda precária, do seu quarto de doente num Sanatório do Caramulo, continua a orientar os trabalhos da publicação deste Boletim, que continuará esparginde a Verdade e o Bem em todos os lares, procurando cumprir o programa estabelecido, para manter e conquistar o maior número de assinantes e colaboradores, pois ele é «de todos para todos».

Pedimos desculpa do atraso, rogando ao Altíssimo as melhoras do nosso Director e o bem-estar de todos os que nos ajudam!

A REDACÇÃO

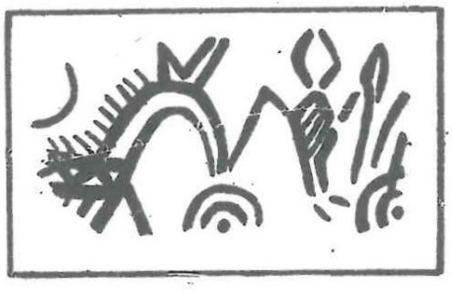
VISADO PELA CENSURA

BOLETIM

DO

GRUPO ALCAIDES DE FARIA

(Agregado à Associação dos Arqueólogos Portugueses)

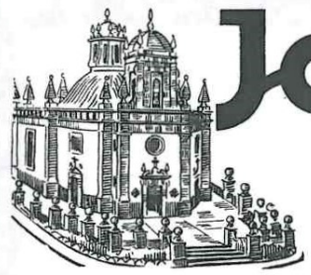


ANO 1.º

N.º 2

C. M.
BARCELOS
BIBLIOTECA
6288
6 XII 1978
Barcelos

Ano I — Quinta-feira, 5 de Janeiro de 1950 — N.º 1



Jornal de Barcelos

Católico e Regionalista



Administrador — Artur Basto

Director, Editor e Proprietário: P.e Alfredo Martins da Rocha

Chefe da Redacção — José Teixeira

O nosso pensamento

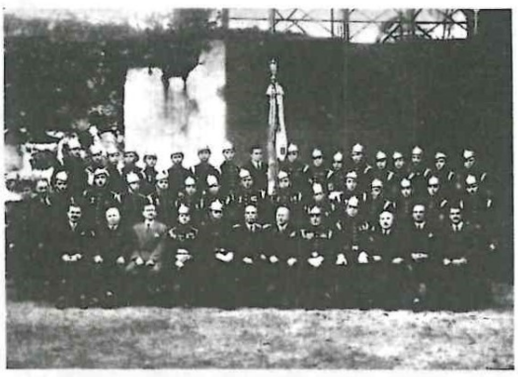
Ao iniciarmos a publicação deste novo semanário, *Jornal de Barcelos*, não estamos alheios à grande responsabilidade que assumimos, nem tão-pouco às dificuldades que se possam antolhar no rumo que traçamos. Porém, a necessidade permente que se fazia sentir e que anda no ânimo de todos os Barcelenses e nos habitantes do seu vasto concelho e o ideal que nos propomos realizar levaram-nos até à imolação mais desinteressada. O único objectivo que preside a todos os nossos esforços é o mais puro, útil e sagrado que se pode conceber: — A formação do espírito e o progresso desta linda terra que Deus tão pròdigamente semeara de belezas naturais. Estamos convencidos da importância capital que cabe à imprensa nesta ingente tarefa. E esta nossa convicção vai formar coro com a voz autorizada do Santo Padre que afirmou: — «A Imprensa é o maior poder do Mundo porque forma a opinião pública e a causa é sempre mais potente que o efeito.» Com Manzoni que disse: — «A Imprensa é a senhora do Mundo.» Com Pierre l'Ermite que lhe chama «omnipotência terrena» e com Napoleão que a apelidou «uma das grandes potências».

— Devemos meditar com a maior frequência possível a influência ilimitada que exerce a pena sobre os destinos da Humanidade. Porque para no timbre mais glorioso da Imprensa Católica não consiste no calorido do estilo periodístico, nem no cúmulo de centenas e centenas de telegramas nem no grande número de páginas, mas sim, e principalmente, na influência que exerce sobre a opinião pública.

O nosso jornal não é sòmente uma estação receptora que cumpre o seu dever registando com sensibi-

(Continua na página 3)

Bombeiros Voluntários de Barcelos



Direcção e Corpo Activo

No 66.º aniversário dos Bombeiros Voluntários de Barcelos

Uma festa de Bombeiros, em Barcelos, não é um acontecimento vulgar, não é um daqueles acontecimentos para que se olha com indiferença e com desinteresse.

Mesmo aquelas pessoas que pela *mecânica* dos bombeiros têm uma negativa opinião, neste dia festivo, de júbilo e de entusiasmo, não deixam de ofivelar ao rosto, vulgarmente austero, a maciesa do assentimento por tudo que lhes diga respeito, na mais sentida e profunda homenagem dos nobilíssimos sentimentos que exornam esses corações dos soldados que compõem o corpo activo dos Bombeiros Voluntários de Barcelos.

Uma festa de Bombeiros é, por conseguinte, uma festa para os barcelenses que se exteriorizam por forma iniludível, associando-se a todas as manifestações comemorativas que para solenizar tão faustoso acontecimento se levam a efeito.

E temos o dever de proceder assim por imperativo de reconhecimento e de gratidão. Muito devemos, em paz e sossego, a essa humanitária e prestimosa corporação. A confiança com que nos entregamos à vida, na labuta árdua quotadiana, quando temos a certeza de que velam por nós e pelas nossas coisas.

Prestemos-lhes a nossa homenagem; confraternizemos com eles neste dia festivo para os seus corações e demos-lhes a certeza do nosso inconfundível reconhecimento pelos altos e valiosos serviços prestados à humanidade.

Nesse abraço fraternal e amigo envolvamos todos quantos por aquela Associação têm trabalhado, por forma a engrandecê-la e a prestigiá-la, regra geral os anónimos beneméritos que não vêem os seus nomes nem os seus retratos nas gazetas — como era inteiramente merecido e da mais elementar justiça.

(Continua na página 3)

No limiar de um novo ano

Ao agonizar dolente do ano de mil novecentos e quarenta e nove, alquebrado pelo tempo, pelas imprecações, pelos pesadelos das guerras, sucede, esperançosamente, o ano de 1950.

Para todos nós é, sem dúvida, o momento oportuno para um exame sério, embora breve, de consciência.

Olhando o panorama, ainda não desfeito, do ano que há dias findou, somos forçados a contemplar um quadro negro de misérias — físicas e morais — que entraram delorosamente nas sociedades, de lutos cobrindo muitos lares, de vidas moças ceifadas inglòriamente em campos de batalha, de sangue inocente vertido em holocausto ao deus da guerra, de fomes que nasceram para não morrerem, de frios sem agasalho, de lágrimas sem esperança de melhores dias, de tristezas sem consolação, de amarguras sem carinho, de intranquilidades sem paz, de inquietações sem resposta, de dúvidas que torturam sem certezas.

E por trás deste cortejo grandioso e sinistro de males e ruínas encontramos, como causa, como motivo gerador, o afastamento de Deus, premeditado e conscientemente querido pelo homem. Nestes anos de confusão e de guerra — guerra das armas em campos de batalha e guerra das consciências no silêncio das almas — houve até quem pretendesse inocular maldosamente, no espírito dos incautos a falência do cristianismo, esquecido de que esta doutrina tem a defendê-la da acção destruidora do tempo e da crueldade dos homens, o carácter exclusivo de *divina*.

O seu fundador — porque Deus — não podia consentir que os homens, nos seus desvarios e maldades, a pudessem destruir.

Assistimos, sem dúvida, à traição vergonhosa e covarde da humanidade perante as obrigações que a consciência lhe impõe para com Deus. Aqui está a génese de todos os males e de todas as ruínas sociais.

De facto, o cristianismo contém a mesma primitiva potencialidade regeneradora; os homens, porém, covardemente se afastaram ou orgulhosamente expulsaram Cristo para, numa

(Continua na página 8)

INANIDADE

Irá, por fim, brotar da minha mão
A jóia rara que a ninguém destino,
Mas que virá calmar meu desatino
E, à minha ânsia, dar satisfação?...

Meus versos serão cor e luz, paixão!...
Sonhos de renda ou de brocado fino...
Terão ingenuidades de menino...
Saudades e amarguras contarão...

Mas a palavra é rude, nua e fria,
Não soluça, não geme, não tem ais
Nem eu sei dar-lhe graça e harmonia...

E passo a vida inteira a construir
Tristes imagens vãs que não são mais
Que uma tosca moldura ao meu sentir!...

LILIETTE MALTEZ.



ANO I — BARCELOS, JULHO DE 1953 — N.º 1

A VOZ
DO EXTERNATO
«D. ANTÓNIO BARROSO»

ÓRGÃO DOS ALUNOS DO EXTERNATO «D. ANTÓNIO BARROSO»
Director — *José Luís Nogueira de Brito* (5.º ano) — Editor — *Carlos Maria Martins da Silva Corrêa* (5.º ano)
PROPRIEDADE DO EXTERNATO «D. ANTÓNIO BARROSO» — ALVARÁ N.º 1.307
ESTABELECIMENTO DE ENSINO PRIMÁRIO E LICEAL PARA O SEXO MASCULINO
CAMPO DE S. JOSÉ — Telef. 8511 — BARCELOS — Composição e impressão: TIP. «VITÓRIA» — BARCELOS

O QUE PENSAM DO JORNAL OS NOSSOS PROFESSORES

QUISEMOS ouvir a opinião de alguns dos Ex.mos Professores sobre a publicação do nosso «Jornal Escolar».

Vejamos essas opiniões que gentilmente nos foram confiadas e que aqui mesmo agradecemos.

Padre Alberto da Rocha Martins:

«Reconheço a utilidade do Jornal para o desenvolvimento cultural da Mocidade e, por isso, servirá de união mais forte entre alunos, Colégio, professores e Encarregados de Educação.

Estas razões são, a meu ver, suficientes para legitimar os vossos propósitos de, periòdicamente, publicar um jornal.

Renovo os agradecimentos, desejo felicidades e oxalá o jornalismo seja caminho aberto ao vosso aperfeiçoamento».

D. Maria G. Bandeira Ferreira:

«O vosso Jornal será a expressão dum espírito de solidariedade, determinando a orientação colectiva, e estimulando-a pela colaboração efectiva dos alunos que a puderem prestar.

Aplaudo, por isso, com todo o entusiasmo a publicação do Jornal, e saúdo os briosos estudantes seus colaboradores».

Dr. Carlos Miranda:

«O homem sonha e a obra nasce... Assim foi. Meia dúzia de rapazes corajosos sonhou e o Jornal nasceu. Só o seu espírito de sacrifício lhes deu meios de o realizar. E aí fica como argumento vivo a demonstrar a vitalidade da Mocidade Portuguesa de hoje».

Padre Abel Gomes da Costa:

«É meio profundamente educativo que lhes dará espírito de iniciativa e de amizade mútua e à casa que os forma.

Servirá o Jornal para descobrir e aperfeiçoar talentos encobertos, completando assim a cultura das letras».

Dr.ª Maria da Soledade Pinheiro:

«Considero óptima a ideia do Jornal, porque desenvolve o espírito de colaboração entre todos os alunos e estimula nos dirigentes o sentido da responsabilidade».

Duas palavras da Direcção do Colégio

Propuseram-se os nossos alunos publicar anualmente um Jornal de carácter escolar, de que agora sai à luz da publicidade o primeiro número, correspondendo também ao primeiro ano de existência deste Colégio, aberto sob a égide da egrégia figura barcelense que é D. António Barroso.

Tal propósito teve por parte da Direcção o melhor acolhimento pelo que representa de valorização no campo cultural dos nossos estudantes, e ainda pelo interesse que o Jornal deve merecer a suas famílias.

Empreenderam-se as necessárias diligências, e hoje o Jornal aparece em público numa manifestação de iniciativa dos nossos alunos, que muito nos apraz registar.

Cabe-nos aqui exarar o nosso sincero agradecimento a Sua Ex.ª o Senhor Ministro da Educação Nacional e à Ex.ma Inspecção do Ensino Particular, pelas facilidades encontradas no sentido de tornar realizável esta ideia que se converteu no Jornal que os leitores têm agora diante de si, obra duma mocidade promissora.

Aos nossos rapazes, o aplauso e promessa do melhor auxílio por parte da Direcção do Colégio.



D. António Barroso
Patrono do nosso Colégio

VISITAS HONROSAS

Nos princípios do ano lectivo, o nosso Colégio foi visitado pelo Ex.mo Presidente da Câmara Municipal, acompanhado dos Senhores Vereadores, tendo retirado todos bem impressionados da visita que fizeram.

Também o Rev. Prior de Barcelos nos fez idêntica visita que lhe causou a mesma boa impressão.

*

Nos meados do ano lectivo, o Ex.mo Reitor das Escolas Cristãs (Quinta do Galo) esteve de visita às instalações do nosso Colégio, interessando-se por todos os pormenores da organização, que elogiou, pela boa impressão que colheu.

*

Todos os ilustres visitantes tiveram para os nossos Ex.mos Directores palavras de louvor pela obra que empreenderam e de que nós, alunos, estamos a colher os melhores frutos.

RI... SE QUI[illegible]

Vi o doutor e
tua casa;
Nada de sério,
dade?
— Muito sério! veio
ber a conta...

A Nossa Colégia

O nosso novo Colégio é mais um melhoramento que engrandece a nossa linda terra.

Nele nos instruímos, educamos e aprendemos a ser homens. Quem não compreende as vantagens que ele nos traz?

Terras há, em que os estudantes precisam de deixar as famílias ou viajar diàriamente para irem a outras partes receber a instrução. Admiro muito o esforço e a canseira dos nossos bons professores para nos ensinarem.

No Colégio não só estudamos mas também nos divertimos, pois nas tardes da M. P. jogamos o voleibol, o andebol e o pingue-pongue. Das janelas da parte posterior do Colégio descobre-se bela e extensa paisagem campestre. Além das espaçosas salas e de outras dependências a nós destinadas, há o laboratório de Química, os gabinetes de Física e Geografia.

Junto ao recreio ergue-se agora um novo edifício, acabado de construir — um ginásio, obra que nós esperávamos com grande ansiedade.

Ocupamo-nos simultâneamente da saúde do espírito, com as aulas de moral, e da saúde do corpo, com as lições de ginástica. Aqui estão parte das razões por que gosto deste Colégio. Experimento vivo reconhecimento para com aqueles a quem devemos todas estas vantagens: os nossos directores.

No Colégio devemos desempenhar o melhor possível a missão que nossos pais nos confiaram — estudar.

Se alguns dos meus condiscípulos vierem a ser estudantes universitários, oxalá se lembrem sempre que foi ali que deram o primeiro passo para a sua formatura.

Luís Meira
(Aluno do 5.º ano)

ANO I — BARCELOS, AGOSTO DE 1953 — N.º 1

BOLETIM SOCIAL DA TEBE

DE TRABALHADORES PARA TRABALHADORES

PROPRIEDADE DO CLUBE DESPORTIVO DA TEBE

Redacção e Administração: *Campo 5 de Outubro, 39 — Rlc* — Composto e Impresso na Tipografia «VITÓRIA» — BARCELOS

Editor: *João Baptista Cândido da Silva* — Director: *ANTÓNIO BAPTISTA* — Redactores: *Joaquim Rodrigues* e *Eduardo A. da Silva*

A IGREJA E O OPERARIADO

Por A. ROCHA MARTINS

A IGREJA, fundada por Jesus Cristo para continuar na terra a sua divina missão salvadora, assume para com a humanidade uma função verdadeiramente maternal. Por isso mesmo anda, na tradição católica e popular, consagrada com o nome suavíssimo de «Santa Madre Igreja».

No decurso dos séculos, e especialmente nas horas mais amargas da humanidade, têm sido notáveis as provas de ternura e interesse manifestadas pelo Magistério da Igreja na defesa da boa doutrina e salvaguarda da sã moral e dos bons costumes.

Não se limita, no entanto, a este luminoso programa, mas, vai mais longe na sua carinhosa solicitude maternal, levantando a sua voz autorizada contra a opressão dos que nunca experimentaram o amargor da fome, censurando desassombradamente aqueles que faustosamente delapidam a fortuna fechando os olhos ao estendal de miséria que se alastra à sua volta e cerrando os ouvidos ao clamor angustiante — gemido ou desespero — dos que são vítimas da desdita ou da fome.

Nunca a Igreja se calou perante a «miséria imerecida» dos desprotegidos e a ganância insaciável dos que, sem escrúpulos, exploram escandalosamente o trabalho, o sacrifício e o suor do operário.

(Continua na página 2)

Saudação

Desta nossa trincheira saudamos a imprensa portuguesa e, desde já, ousamos afirmar que o nosso jornal não é, nem será nunca, o vírus da intriga, da calúnia e da mentira, mas antes o mensageiro da verdade e da concórdia.

Oxalá que deparemos pelo caminho que vamos seguir só bons encontros para podermos fazer de cada jornal um nosso aliado.

Em nome dos que nesta trincheira deixam algo da sua boa vontade enviamos o nosso abraço muito sincero.

CLUBE DESPORTIVO DA TEBE

envia o seu cartão de cumprimentos aos clubes locais, esperando contar com o costumado bom entendimento e desde já, põe a página desportiva à sua disposição.

Delegado da F. N. A. T. de Braga

Dr. Valentim de Almeida de Sousa

O delegado da F. N. A. T., que todos nós, trabalhadores da TEBE, tivemos o prazer de conhecer, no último serão recreativo, para nós organizado, conta connosco para o ajudarmos a realizar



Dr. Valentim de Almeida e Sousa

uma obra de valor duradouro, na renovação da vida social do operário português, que a F. N. A. T., quer conseguir.

Pessoa cheia de dinamismo, irradiando simpatia, com profundos conhecimentos dos nossos problemas, desce com simplicidade até nós, para nos ajudar a com ele subir a um plano mais alto, donde se divise uma vida mais bela, onde a cultura não seja uma excepção, a música apenas um divertimento, o desporto uma luta acesa de partidos, ou uma escola de ódios mesquinhos.

Quem trabalha precisa de descanso, e o descanso do corpo só será útil, quando o espírito estiver livre de preocupações, longe dos problemas da profissão.

(Continua na página 3)

Palavras do Dr. Mário Norton

àcerca da função social da F. N. A. T.

(Entrevista ao «Diário de Coimbra», quando director do pelouro cultural da Delegação de Coimbra da F. N. A. T.)

A acção cultural e educativa da F. N. A. T., parece-nos por todos bem compreendida e por isso apreciada, mas, nunca serão de mais certos esclarecimentos, por pessoas altamente autorizadas, quanto ao fim que esta organização se propõe atingir, para bem dos nossos trabalhadores, que assim contribuirão para a prosperidade da vida nacional.

Por isso achamos oportuna a transcrição das palavras do Snr. Dr. Mário Norton, numa entrevista dada ao «Diário de Coimbra», quando, nessa cidade, ocupava o lugar de director do pelouro cultural da Delegação de Coimbra, da F. N. A. T.

Depois de algumas considerações sobre as circunstâncias das quais defenderia o êxito da sua acção pessoal, diz-nos o Snr. Dr. Mário Norton, qual o programa que se propõe executar:

«A actividade do meu pelouro, terá um duplo sentido, isto é, sofrerá um desdobra-

(Continua na página 3)

O NOSSO BOLETIM

Por feliz iniciativa de um punhado de trabalhadores abre-se hoje mais uma folha brilhante na vida do Clube Desportivo da TEBE — o nosso «Boletim Social».

Este boletim que ides ler, escrito nas horas livres da vida profissional, será feito por trabalhadores para ser lido por trabalhadores.

Hão-de surgir, por vezes, contrariedades, oposições tenazes contra a nossa iniciativa, que tem, sem dúvida alguma, um bom rumo: levar às vossas casas um pouco de conforto espiritual, ensinando-vos a resolver alguns problemas da vossa vida.

A vida do espírito tem de ser alimentada com o nectar da leitura amena e despreocupada... A matéria desaparece na sua transformação de pó, cinza e nada; mas a alma, essa, tem um rumo no além túmulo... o rumo da eternidade.

Deus permita que este nosso boletim seja a mensagem para uma aliança mais estreita desta família, que se chama humanidade.

O nosso programa será feito ao longo da linha dos acontecimentos da nossa vida e do nosso clube e terá como base o triângulo luminoso, cujos vértices serão:

DEUS, PÁTRIA E FAMÍLIA

BOLETIM

DO

GRÉMIO DO COMÉRCIO DO CONCELHO DE BARCELOS

Composto e impresso nas Ofs. Gráficas da Companhia Editora do Minho — BARCELOS

N.º 1

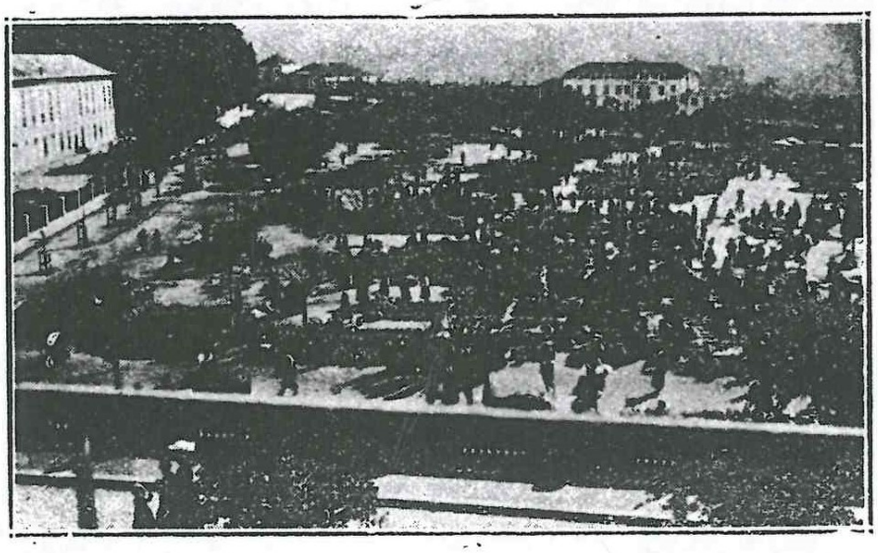
Julho – Agosto – Setembro – 1954

Direcção, Edição e Propriedade do
Grémio do Comércio do Concelho de Barcelos

Administração
Rua Barjona de Freitas, 33 — Telefone 8235

ÍNDICE

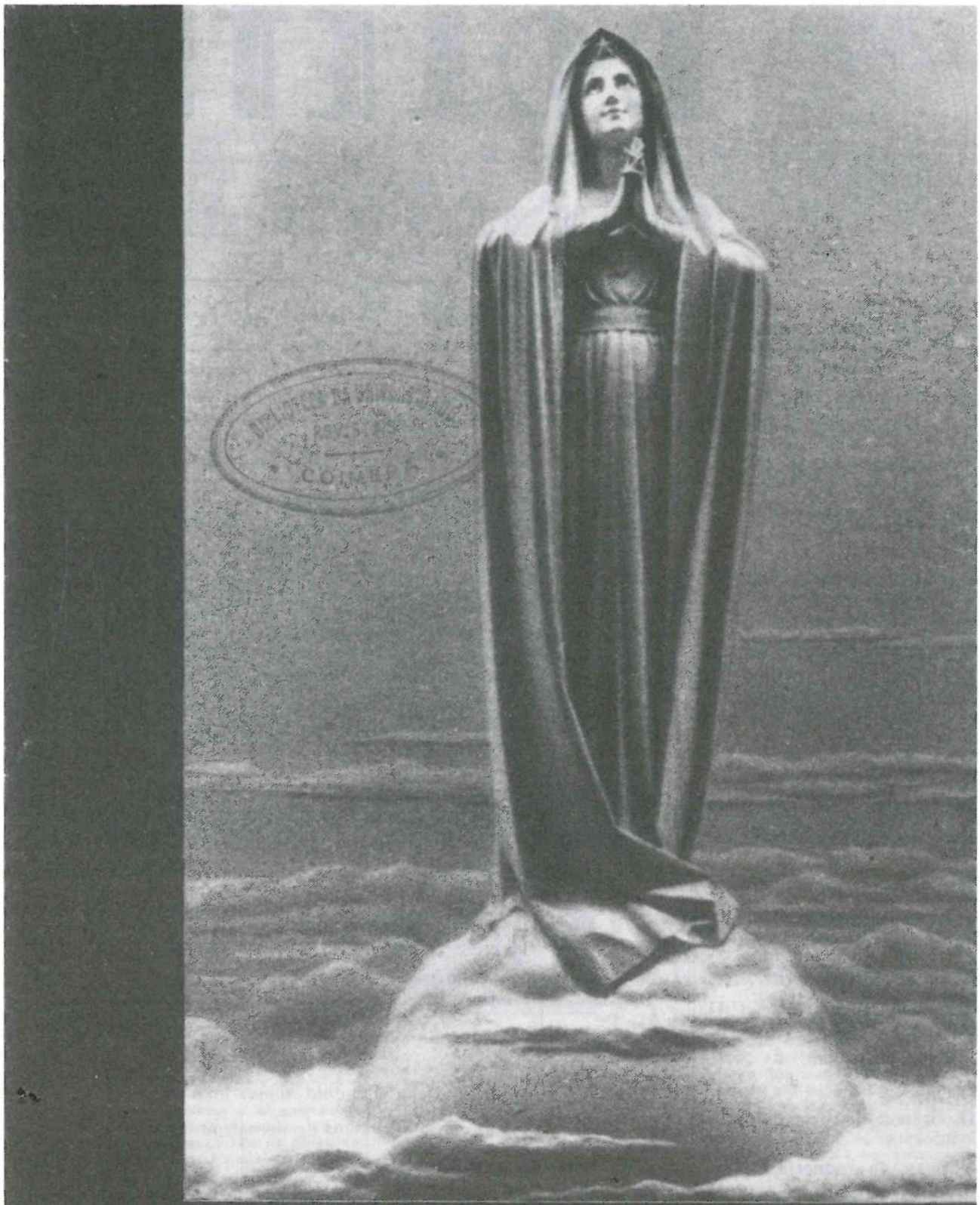
Abertura 3
O nosso Boletim . . . 4
Requisitos indispensáveis para a abertura de um estabelecimento . . 5
O Código Comercial diz 5
Documentos exigidos para Abono de Família e Previdência . . . 6
Trabalho 6
Feriados Nacionais . . 7
Vendedores Ambulantes 7
Barcelos, o seu comércio e a sua indústria . . 8
Homenagem 8
D. António Barroso . . 9
Tabela de preços . . . 10
Obrigações a cumprir . 11
Ser Comerciante . . . 11
Venda ao público de vinho particular . . 12
Já sabia que 13
O Grémio do Comércio informa 14
Normas de requerimentos 14
Santo Expedito (Patrono dos Comerciantes) . 14



Um aspecto da Feira Semanal
Sector da Cerâmica Regional

«E eu pergunto se enquanto houver uma nuvem de perigo externo e germens de desagregação interior, um português sem trabalho e sem pão, a Revolução não há-de continuar»

SALAZAR



AO SERVIÇO DA RAINHA DO MUNDO

MAIO - 1956

LÍRIO DO NEIVA

ÓRGÃO DAS SECÇÕES DA ACÇÃO CATÓLICA DE DURRÃES

NOVO IMPULSO

Sai hoje à luz do dia o *Lírio do Neiva*.

Materialização duma ideia nascida há muito, ele vem na hora própria, e, por isso, tudo leva a crer que a sua vida será longa e a sua acção proveitosa.

Jornal feito pela gente de Durrães e para a gente de Durrães, ele vai concorrer certamente para o progresso moral e material desta pequena e linda freguesia, a que o falecido Dr. Adélio Marinho chamava a «Aldeia Presépio» e que alguém já chamou a «Suissa Portuguesa» ...

Será sobretudo no campo moral e educativo que o *Lírio do Neiva* mais fará sentir a sua acção, embora lhe não sejam estranhos os anseios de progresso material que a freguesia, desde há anos, vem manifestando.

Colocado debaixo da orientação da A. C., não podiamos contar com melhor orientação e garantia para que o jornalzinho possa entrar em todas as casas e a sua leitura seja proveitosa para todos.

Ele levará a todos os pontos do mundo onde se encontre um filho de Durrães — e temo-los espalhados por todos os continentes — a certeza de que Durrães progride e dos factos que cá se vão passando, suavizando-lhes as saudades da sua terra natal e lembrando-lhes que ela conta com eles para que possa progredir cada vez mais.

Sobre as causas que proporcionaram o ambiente que tornou possível a existência de um jornal em Durrães, nem o espaço, nem o tempo, nos permitem explaná-las agora. Seria, porém, feia ingratidão, não lembrar nesta hora a figura há anos desaparecida, mas nunca esquecida, do P.e José Esteves. A ele se deve, através de uma acção lenta mas persistente, que em quarenta anos transformou o ambiente da freguesia. Poucos se darão conta disso, porque o seu feitio modesto lhe não permitia acções espalhafatosas que dessem na vista. Ele, preparou o terreno; outros inteligentemente aproveitaram o ambiente criado e continuaram o seu esforço, que não foi vão. Honra lhes seja.

E agora, todos unidos à volta do nosso Pároco, ajudemo-lo a continuar a obra do saudoso P.e José Esteves.

É assim, e não com pretexto em pseudo-folclores e vaidades ocas, que se honra a terra e se concorre para o seu desenvolvimento e para o levantamento do nível moral e educativo dum povo.

Não há esforço que seja vão, embora os resultados práticos levem anos a manifestar-se. O que torna possível o aparecimento do *Lírio do Neiva* também não será vão. Oxalá os seus frutos não tardem a manifestar-se, para bem de Durrães e do seu povo.

Luís Pinheiro

CARTA ABERTA

Caríssimos:

Parece-me ver-te ainda lacrimoso abrindo os braços para cingir no mesmo amplexo os teus numerosos amigos no dia em que nos deixaste. Há muito tempo já que partiste, mas tenho ainda bem presente no meu espírito todos os pormenores da despedida: lágrimas dos teus familiares, lenços brancos a acenar e os votos de felicidade e boa viagem formulados por toda a gente.

Após a tua partida a minha vida tornou-se mais triste e dia a dia vou ficando mais solitário. Quase não tenho gosto porque me falta o arrimo de bordão firme para caminhar na senda abrolhosa que eu mesmo tracei.

Com a tua ausência separei-me do melhor amigo, dessa «alma de bronze» que sabia alentar-me nas horas tristes e balsamizar as chagas pro-

(*Continua na 4.ª página*)

ORGÃO OFICIAL DO SANTUÁRIO JANEIRO-FEVEREIRO—1969



Ecos de Nossa Senhora Aparecida

★★★★★ de Bamgões

COMPOSTO E IMPRESSO NA ESCOLA TIPOGRÁFICA DA OFICINA DE S. JOSÉ—TELEFONE 94217—PONTE DE LIMA

Mensagem de Paulo VI aos Sacerdotes

A vós, sacerdotes da Santa Igreja Católica, a vós filhos caríssimos entre todos, a Quem a sagrada Ordem torna nossos Irmãos e nossos colaboradores no mistério da Salvação, como o sois dos vossos respectivos pastores, queremos dirigir hoje directamente uma palavra, no momento em que se conclui o Ano da Fé, comemorativo do XIX centenário dos Apóstolos São Pedro e São Paulo. E apenas uma palavra breve e simples, mas precisamente para vós. E já há muito que temos esta palavra no nosso coração; como vosso Irmão, desde sempre, isto é, desde aquele momento em que nos coube também a Nós a sorte misteriosa de sermos ordenado sacerdote; desde aquele momento em que começámos a sentir a nova e profunda solidariedade com todos os colegas que igualmente foram escolhidos para personificarem Cristo: na nossa doação à vontade do Pai, à obra da santificação, a condução e serviço dos Fiéis, à relação de salvação com o mundo.

Com efeito, nunca nos abandonou esta comunhão de reverência, de simpatia e de fraternidade convosco, sacerdotes. E quando a Santa Igreja Nos chamou ao exercício de funções pastorais, primeiro como Bispo e depois como Pápa, o pensamento do Clero tornou-se em nós um apelo interior, contínuo, cheio de estima, de solicitude e de caridade.

Lamentamos muitas vezes, a sós connosco mesmo, o não vos termos, talvez, falado bastante, não termos testemunhado com mais frequência e com expressão melhores os sentimentos que o espirito do Senhor punha e continua a pôr no nosso coração em relação a vós; sentimentos que sobem do coração e arrastam consigo todos os outros pensamentos e sentimentos que o nosso ministério faz irromper na nossa consciência; acima de tudo e simultâneamente a tudo, na ordem da caridade, sois vós, sacerdotes, com os vossos Bispos e nossos Irmãos, que ocupais o primeiro lugar.

Por isso mesmo vos dirigimos hoje a palavra.

Não se trata de uma Encíclica o que vos endereçamos, não é sequer uma instrução nem um sumário de disposições canónicas; é uma simples efusão do coração. Os nostrum patet ad vos... cor nostrum dilatatum est» (2 Cor. 6, 11). Esta ocorrência centenária comemorativa dos Apóstolos, que lançaram as bases desta Igreja Romana, com a mensagem evangélica e com o próprio sangue, obriga-Nos a abrir-vos por um instante o nosso espírito. Fazemo-lo com profunda admiração e com grande afecto. Conhecemos a nossa fidelidade a Cristo e à Igreja. Conhecemos a vossa fidelidade a Cristo e à Igreja. Conhecemos o vosso empenho e os vossos esforcos. Conhecemos a entrega ao vosso ministério e a ância do vosso apostolado. Conhecemos também o respeito e o reconhecimento que suscitam em muitos fiéis o vosso desinteresse apostólico e a vossa caridade apostólica. E, podemos dizer que também os tesouros da vossa vida espiritual, do vosso colóquio com Deus e do vosso sacrifício com Cristo, o vosso anseio de contemplação, simultâneamente com a actividade, são do nosso conhecimento. Somos mesmo levados a repetir de cada um de vós as palavras do Senhor no Apocalipse: «Scio opera tua, laborem et patientiam tuam» (Apoc. 2, 2).

Quanta emoção e quanta alegria nos provoca este espectáculo! Quanto reconhecimento! Nós vos agradecemos e vos abençoamos, em nome de Cristo,

(Continua na pág. 4)

O Novo Governador Civil de Braga

Comendador António Maria Santos da Cunha

Foi com manifesto e intenso regosijo que o Distrito recebeu a nomeação do Sr. Comendador António Maria Santos da Cunha, para Governador Civil de Braga.

Sobejamente conhecido pela sua doação a Deus e à Pátria, outra coisa não era de esperar senão a presença, em massa, deste bom Povo minhoto na sua tomada de posse, que teve lugar em Lisboa, para manifestar o seu agradecimento ao Governo da Nação e toda a cooperação ao novo eleito na espinhosa missão que, desde aquele momento, começava a pesar sobre seus ombros.

O nosso jornal, associando-se intensamente ao regosijo geral, eleva preces ao Céu, pedindo para Sua Ex.ª copiosas bênçãos celestiais, rogando a N.ª S.ª Aparecida que sempre o acompanhe no cumprimento de suas obrigações.

O Novo Movimento Cursista

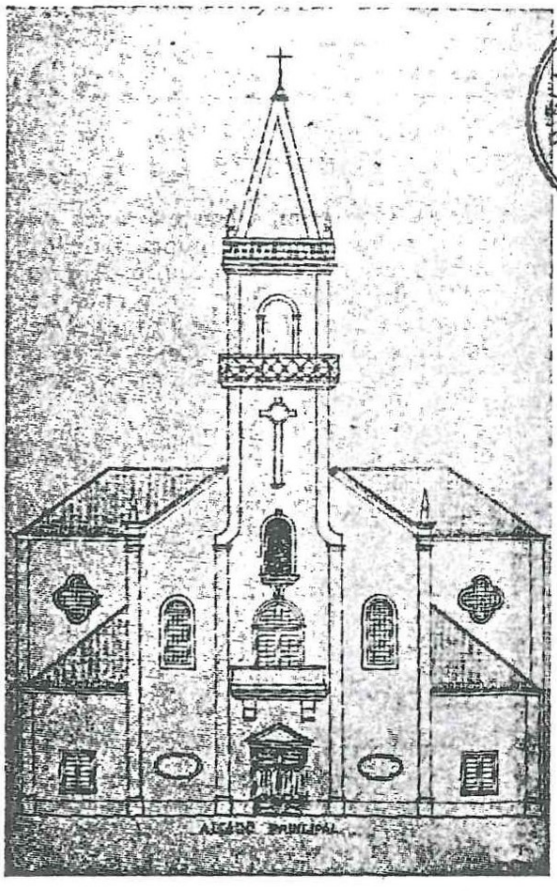
Com agrado geral, verificamos que o movimento cursista, em boa hora lançado, tem produzido óptimos frutos nesta região e que o seu número vai progressivamente aumentando.

Mais consciencializada esta équipa de apóstolos, coloca-se nas mãos de Deus, dispondo-se a trabalhar na sua vinha.

Os seus frutos vão sendo já notórios, estando todos esperançados e confiados numa renovação da mentalidade dos tempos que passam.

Defeitos, quem os não tem? São homens os seus obreiros, mas a obra é de Deus. É nosso dever abraçá-la e estimulá-la.

ANO I — 3 DE NOVEMBRO DE 1957 — N.º 1



BIBLIOTECA PÚBLICA BRAGA

A NOSSA IGREJA

BOLETIM PAROQUIAL DE MINHOTÃES — BARCELOS

PROPRIEDADE DA CORPORAÇÃO FABRIQUEIRA

DIRECÇÃO DO

PADRE ALBINO RODRIGUES PEREIRA C. SALVADOR

Comp. e Imp. na Gráfica Famalicense, L.da — V. N. Famalicão

EFUSIVA SAUDAÇÃO

QUERIDOS paroquianos de perto e de longe: Ao apresentar-vos, pela primeira vez, *A Nossa Igreja,* cumpre-me enviar-vos afectuosa saudação. Sim, uma saudação com um abraço muito apertado, porque assim começam todas as cartas familiares e esta folhinha é uma *carta.* Uma carta em primeiro lugar, aos filhos de Minhotães, aos que continuam a venerar esta terra sagrada que nos viu nascer, onde ensaiamos os primeiros passos, aprendemos as primeiras palavras — e a primeira de todas, a mais doce do mundo — mãe! — e aos filhos de Minhotães que, por azar da fortuna, se ausentaram para longínquas paragens ou para ganhar a vida ou para lutar pela bandeira da Pátria.

Uma *carta,* em segundo lugar aos Amigos de de perto e de longe, porque também pertencem à família da nossa amizade.

Na verdade, a freguesia é uma *família,* uma *sociedade,* um *rebanho.*

Foi o imortal Pio XI que, em 1926, falando aos paroquianos do Santo Rosário, pronunciou estas palavras: «A Paróquia é uma grande família na qual a igreja paroquial é a casa e o altar o seu lar, onde Jesus Cristo alimenta a sua família com todas as suas graças e bênçãos e com o seu próprio Corpo adorável. A igreja paroquial e o altar devem penetrar em toda a vida dos fregueses. Daquele altar reparte Deus todos os seus dons junto do altar reunem-se os fregueses para oferecerem a Deus as suas orações; ali recebem o Baptismo, a Confirmação, a Comunhão, os Sacra-

(Continua na 6.ª página)

SEMPRE EM FRENTE!

AOS Minhotanenses, aos Amigos e Simpatizantes: Graça, Saúde e... massa.

A ideia da construção de uma Nova Igreja Paroquial em Minhotães, conquanto não fosse absolutamente nova, só agora foi possível corporizar-se, porque se anteolhava como um impossível, como uma utopia.

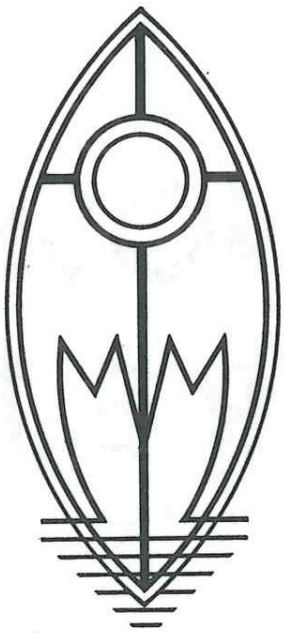
A igreja existente, quase seiscentista, está acanhada, desconfortável, não comportando já o número de Fiéis — graças a Deus, todos os habitantes de Minhotães (e mais alguns) — que a ela concorriam a cumprir os seus deveres de bons católicos. Pior: as paredes estão em desaprumo e o tecto, de arco em meio canhão abatido, está abaúlhado desde que, há bastantes anos, foi eliminada uma clarabóia existente na traça primitiva.

Não há lugares para todos.

Que o diga o sr. Luís Marques que, ao ver as criancinhas em cacho rodear o altar-mor (espectáculo certamente muito agradável a Jesus que em favor dos pequeninos promulgou um código: «Deixai os meninos em paz e não os estorveis de vir a mim...» (S. Mt. XIX — 14), temia chegassem a atirar com os Santos abaixo dos seus nichos .. São rapazes!

Apesar, porém, das boas vontades e dedicações de sempre, nunca foi possível congrassar esforços, reunir dedicações, por comodismo de uns, por descrença e receio de outros em meter ombros a uma empresa que, aos restantes, se afigurava impossível e irrealizável.

(Continua na 4.ª página)



Testemunho e Presença

ANAIS DAS FRANCISCANAS MISSIONÁRIAS DE MARIA

REVISTA MENSAL

ANO XXXII

MAIO 1967

PARA AJUDAR AS MISSÕES

ASSINATURAS

de Propaganda ..... 30$00
de Benfeitor ..... 50$00

Administração dos Anais das F. M. M. — BARCELOS

ESTA REVISTA É TRANSPORTADA PARA TODO O PAÍS NOS COMBOIOS DA CP

«Deus Pai não pode recusar nada à Sua Filha predilecta, nem o Filho à Sua Mãe, nem o Espírito Santo à Sua Esposa, porque Ela ouviu a palavra de Deus e pô-la em prática.»

(Palavras da nossa Rev.ma Madre Fundadora)

Sumário

Não!... Não quero ir a Fátima! Quero viver de Fátima... 81

Carta Pastoral do Bispo de Fátima 84

Sobe aos cumes 90

Senhor, venho falar-Te 92

A seara é prometedora 94

Cumpramos a Mensagem da Fátima 98

Programa das comemorações 99

Informações importantes 100

A nossa capa — Nossa Senhora de Fátima.

(Cópia do Calendário da L. I. A. M. para 1967, gentil e gratuitamente cedida pela mesma.)

Intenção Missionária — A arte e cultura, nas Missões, contribuam para propagar a Fé.

Julho 1960

O Arauto

Número 1

Boletim Paroquial de S. Bento da Várzea — Propriedade da Comissão Fabriqueira



Como preito de homenagem e veneração, a Corporação Fabriqueira de S. Bento da Várzea, dedica o primeiro número do Boletim Paroquial, ao seu lídimo e amantíssimo Pastor.

ANO I DEZEMBRO N.º 3



ORGÃO DA J.A.C. E J.O.C.F. DE S. MARTINHO DE VILA FRESCAÍNHA

Redacção e Administração
Séde da Acção Católica de S. Martinho

Composição e Impressão
Tipografia — L I Z — Barcelos

AMIGOS PAROQUIANOS

MAIS uma vez este jornalzito vai até junto de vós, portador das notícias mais importantes da vossa terra, para que nada se faça sem todos terem conhecimento. Já adivinho o que ides procurar em primeiro lugar, ao chegar às vossas mãos o boletim informativo da vossa paróquia —: as notícias da obra da igreja nova. Pois bem, embora devagar, muito se tem feito; o projecto do arranjo urbanístico do local onde será levantada a nova igreja já está feito, esperando apenas a aprovação da Câmara Municipal e da Urbanização de Braga, a fim de pedida a comparticipação do Estado para as expropriações e arranjo urbanístico a fazer. Sem este trabalho prévio, não podemos começar a igreja nova, como todos compreendem perfeitamente. No entanto, a Comissão de obras tem trabalhado o melhor possível para que tudo se resolva no mais curto prazo de tempo, sem prejuizo já se vê, da construção perfeita da nossa obra.

Isto, é que deve interessar a todos os que anseiam ver substituida pelo novo templo, a nossa velhinha igreja paroquial. As ofertas, o entusiasmo e a boa vontade tem aumentado cada vez mais, como se pode verificar pelas contas apresentadas. O cortejo deste ano superou muito o do ano passado na receita, graças à boa vontade de algumas freguesias vizinhas, que vieram tomar parte nesse desfile de ofertas que parecia não ter fim.

Meus caros e amigos paroquianos, bem sabemos quanto pesa sobre os nossos ombros, a tarefa que pretendemos realizar. Custar-nos-á muitos sacrifícios e privações, mas com a bênção de Deus e de Nossa Senhora de Fátima de quem somos muito devotos, a obra será levantada para perpetuar o nome daqueles que desde o princípio até ao fim lutaram, trabalhando e dando as suas esmolas para a nova igreja de S. Martinho.

Caros amigos, vou terminar esta minha cartinha que vos dirijo nas vésperas do Natal, pedindo ao Menino Jesus abençôe os vossos lares, e desejando de todo o meu coração, boa saúde e bem estar a todos vós, na santa Noite de Natal. Não vos esqueçais de mim nas vossas orações, e recebei o meu «muito obrigado», e saudações amigas do todo vosso,

P.e J. Vale Novais

O Cortejo de 1962

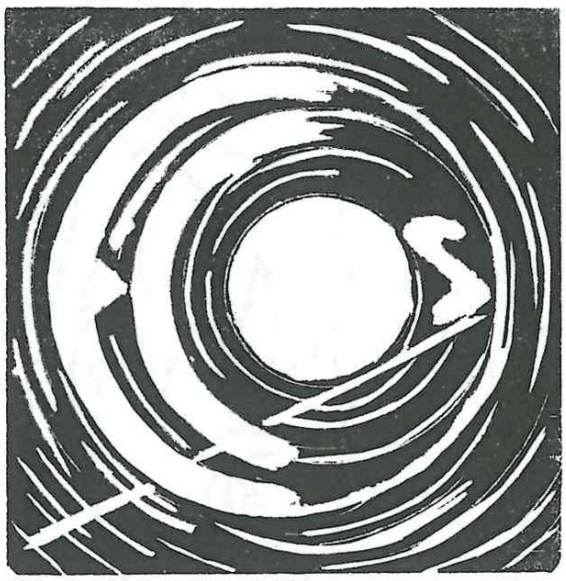
Ao recordar o cortejo deste ano, para coligir alguns elementos informativos dos leitores deste boletim paroquial de S. Martinho, senti falta de coragem para o fazer, pois é impossível descrever, num espaço tão curto de papel, tudo o que vi e senti nesse dia vinte e três de Setembro.

Basta dizer que da nossa igreja até ao Campo de S. José, em Barcelos, era um só quadro multicor de cêstos e de carros, como será difícil aparecer numa aldeia como a nossa, onde a maioria da população é operária, sem outros proventos que não sejam as férias semanais. A' frente vinha a nossa freguesia em peso, cumprindo mais uma vez o seu dever, e dando uma grande lição de generosidade a tantas que esmorecem, quando se lhes fala no sacrifício duma oferta para resolver os problemas da sua igreja, ou das suas obras paroquiais. Bem haja o povo de S. Martinho que já se habituou a dispensar frivolidades, em proveito do progresso e do aformoseamento da sua terra, de si já tão rica em belezas naturais.

Logo a seguir apareceu a representação da vizinha S. Pedro de Vila Frescainha, que sempre se envaideceu de ser pequena em tudo, mas grande nas grandes ocasiões. Foi, de facto, igual às grandes, neste dia do nosso cortejo. E logo a seguir

(Continua na pág. 3)

ESCOLA INDUSTRIAL E COMERCIAL DE BARCELOS



N.º 1 — Ano I — 10 de Junho de 1963
EDIÇÃO DO CENTRO ESCOLAR N.º 2 DA M. P.
Composto e impresso na LIVRARIA EDITORA PAX, LDA. — Rua do Souto, 73 a 77 — Telef. 22604 — Braga

Nota de abertura

Nenhum outro dia mais apropriado do que este, o Dia da Raça, para vir a lume o primeiro número do nosso jornal.

Numa época em que importa mais do que nunca afirmar ao mundo a vitalidade e a realidade portuguesas, todos os esforços afirmativos dessa mesma vitalidade, que não morre, não serão nunca de mais para defender a Pátria neste campo, tão intensamente como na frente se batem e morrem os que se mostram dignos dela.

Eis porque entendo dever incitar a prosseguir sem desfalecimentos, com coragem, a todos quantos em tão boa hora resolveram lançar aos ares os «ECOS» que sendo da Escola são de Barcelos e deste Portugal que importa religiosamente defender.

Mário Fernando Cerqueira Correia

O Dia da Raça

TODOS os países têm o seu dia Nacional, escolhendo para isso uma data simbólica.

Portugal escolheu o dia 10 de Junho. E porquê? Porque é o dia de Camões e Camões foi o homem que melhor soube interpretar o vibrar da alma lusíada.

O homem que soube cantar em estrofes tão belas todos os feitos da gente lusitana, desde Ourique a Aljubarrota, e a maior aventura e também a maior glória — **Os Descobrimentos** —, tinha que ser bem um símbolo. E assim Camões é bem o símbolo da Pátria que, como tal, o venera.

Camões universalizou os portugueses e individualizou uma Raça. Camões amou o seu Portugal até ao sofrimento chegando a identificar-se com ele e, por isso, **Os *Lusíadas*** são a verdade da alma Lusa.

Sendo Camões na vida um infeliz, até miserável, chegando às vezes quase ao desespero, disse: Vale sempre a pena lutar.

E é bem verdade. Como tal, Portugal tem lutado sempre, sempre, como ainda luta, escrevendo páginas de epopeia, dignas de outro Camões as imortalizar.

É a alma de uma raça que não morre, que não pode morrer porque a alma é eterna.

Vitor Real
4.º ano Aperf. Com.



Biblioteca da Escola Industrial e Comercial de
Nº de entrada
1677
BARCELOS



JANEIRO DE 1964
ANO I Nº 2

O TREZE

ÓRGÃO DO GRUPO Nº13 DO CORPO NACIONAL DE ESCUTAS

SETEMBRO DE 1968 — ANO III — NÚMERO 32



D. ANTÓNIO BARROSO

Boletim Paroquial de Remelhe

DIRECTOR — **PÁROCO DE REMELHE** — **Telefone, 82037**

ADMINISTRADOR
Joaquim Costa Simões

Propriedade da Fábrica da Igreja

Comp. e Imp. na Tip. da Oficina de S. José
BRAGA

O "CREDO,,

do Povo de Deus

(Um único Deus, Criador de todas as coisas)

Cremos em um só Deus, Pai, Filho e Espírito Santo; Criador das coisas visíveis, como este mundo, onde se desenrola a nossa vida passageira; Criador das coisas invisíveis, como os puros espíritos, que também são denominados Anjos; e Criador, em cada homem, da alma espiritual e imortal.

Cremos que este Deus único é absolutamente uno na sua essência infinitamente santa, assim como em todas as suas perfeições, na sua omnipotência, na sua ciência infinita, na sua providência e no amor. Ele é *Aquele que é*, como revelou Moisés; Ele é *Amor*, como o Apóstolo São João nos ensinou; de tal maneira que estes dois nomes, Ser e Amor, exprimem inefàvelmente a mesma divina realidade dAquele que se quis dar a conhecer a nós e que, "habitando numa luz inacessível,, é, em si mesmo, acima de todo o nome, de todas as coisas e de toda a inteligência criada. Só Deus pode dar-nos o conhecimento exacto e pleno de si mesmo, revelando-se como Pai, Filho e Espírito Santo, eterna Vida, de que nós somos chamados a participar, aqui na terra, na obscuridade da fé, e, depois, da morte, na Luz eterna. As relações mútuas que constituem eternamente as três Pessoas, que são, cada uma delas, o único e mesmo Ser divino, são a bem-aventurada vida íntima de Deus três vezes santo, infinitamente acima de tudo o que podemos conceder à maneira humana. Entretanto, rendemos graças à Bondade divina pelo facto de numerosíssimos crentes poderem dar testemunho connosco, diante dos homens, da Unidade de Deus, embora não conheçam o Mistério da Santíssima Trindade.

(A Santíssima Trindade)

Cremos, portanto, no Pai que gerou eternamente o Filho; no Filho, Verbo de Deus, que é eternamente gerado; no Espírito Santo, Pessoa incriada, que procede do Pai e do Filho, como seu eterno Amor. Assim, nas três Pessoas divinas, «coaeternae sibi et coaequales», superabundam e consumam-se na superexcelência e glória própria do Ser iniciado, a vida e a felicidade de Deus perfeitamente uno, e sempre «deve ser venerada a Unidade na Trindade e a Trindade na Unidade».

(Jesus Cristo)

Cremos em Nosso Senhor Jesus Cristo, que é o Filho de Deus. Ele é o Verbo eterno, nascido do Pai antes de todos os séculos e consubstancial ao Pai, «homoousios to Patri», e por Ele tudo foi feito. Ele encarnou por obra do Espírito Santo no seio da Virgem Maria e se fez homem. Portanto, é igual ao Pai, segundo a divindade, e inferior ao Pai segundo a humanidade, e é uno, Ele próprio, não por uma impossível confusão de naturezas, mas pela unidade da pessoa.

Ele habitou entre nós, cheio de graça e de verdade. Ele anunciou e instaurou o Reino de Deus e nos fez conhecer nele o Pai. Deu-nos o seu mandamento novo de nos amarmos uns aos outros como Ele nos amou. Ensinou-nos o caminho das bem-aventuranças evangélicas: pobreza de espírito, mansidão, sofrimento suportado com paciência, sede de justiça, misericórdia, pureza de coração, vontade de paz, perseguição suportada pela justiça. Padeceu sob Pôncio Pilatos, Cordeiro de Deus que carregou sobre si os pecados do mundo; morreu por nós na Cruz, salvando-nos com o seu sangue redentor. Foi sepultado e, por seu próprio poder, ressuscitou ao terceiro dia, elevando-nos à participação da vida divina, que é a vida da graça. Subiu ao céu e virá de novo, mas desta vez com glória, para julgar os vivos e os mortos: cada um segundo os seus méritos — os que corresponderem ao Amor e à Misericórdia de Deus, indo para a vida eterna; os que os recusaram até ao fim, indo para o fogo que não se extinguirá jamais.

E o seu Reino não terá fim.

(Continua na 2.ª página)

Boletim Informativo

do

MUSEU REGIONAL DE CERÂMICA



Barcelos • Portugal

N.º 1 • Janeiro de 1966

SEMANÁRIO REGIONALISTA — ANO I — N.º 1

A Voz do Minho

DIRECTOR, EDITOR E PROPRIETÁRIO: ARTUR BRÁS MARQUES ◆ REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA 1.º DE DEZEMBRO, 42 — ESPOSENDE ◆ DELEGAÇÃO EM BARCELOS: RUA D. DIOGO PINHEIRO, 25 TELEFONE 82431 ◆ COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO: COMPANHIA EDITORA DO MINHO — BARCELOS

SEXTA-FEIRA, 30 DE SETEMBRO 1966

TEMA DE ABERTURA

PUBLICA-SE hoje o primeiro número de um novo semanário — «A Voz do Minho», nome genérico que cobrirá sòmente, e em princípio, duas regiões, geogràficamente com afinidades, tantas elas são que este jornal não pode deixar de ser o porta voz dos seus anseios numa união ou conjugação de esforços, para que Esposende e Barcelos mais se unam nos múltiplos campos da actividade humana, de forma a que estas regiões se situem em lugar cimeiro, não sòmente no capítulo turismo, de que Esposende é já expoente de real valor, mas também e em colaboração com Barcelos, noutros sectores, como no campo cultural, industrial, etc.

Esta afinidade de regiões, ambas as terras são banhadas pelo mesmo rio — o Cávado —, a continuidade de concelhos — tantas freguesias de Barcelos que se continuam por terras de Esposende, a feira de Barcelos a servir os turistas que sé radicam em Ofir ou Suave Mar, as praias maravilhosas de Esposende distantes de Barcelos escassos quilómetros, levaram-nos a pensar num jornal que não só pugnasse pelos interesses concelhios de Esposende, como também associasse no seu âmbito os problemas de Barcelos, de maneira a tirar partido a uma união de mentalidades, conjugação de valores e força, para que Barcelos — Esposende fosse um só, um só no querer, um querer forte para o seu progresso cultural, valorização turística e humana.

Esta uma das razões porque hoje sai «A VOZ DO MINHO»!

É costume, logo no primeiro número, gizar a orientação do novo periódico. Não faremos excepção à regra. «A VOZ DO MINHO» será um jornal semanário, regionalista, pugnando pelos altos valores morais, tendo sempre como tema Deus Pátria e Família. Esta tríade que nos regirá, que será o norte da nossa conduta, leva-nos a que prestemos a primeira homenagem a Deus, a quem pedimos protecção; registamos a nossa fidelidade aos sãos princípios pátrios, nas pessoas dos venerandos Chefe do Estado e Presidente do Concelho, a quem cumprimentamos; evoquemos o homem, como ser pensante, princípio da Família, base de uma Pátria, de uma região, fulcro do progresso manual e material do país.

Depois vem a verdade, a defesa das instituições, o seu desenvolvimento, o incremento de actividades que originem um nível de vida melhor, para a nossa gente. As letras, as artes, a religião, terão um cantinho especial neste Jornal. A Lavoura terá forças esclarecidas a lutar pelas bases racionais de um planeamento agrícola mais humano e conforme com as exigências modernas. Enfim, procu-

(continua na página seis)

A Imprensa Regional

Uma das maiores e mais poderosas fontes de opinião e informação públicas é a imprensa regional. Ela supera, tanto em número de publicações como de leitores, a imprensa diária e a grande imprensa. Talvez por isso foi que o Secretariado Nacional de Informação, Cultura Popular e Turismo, em 1959, convocou para Lisboa o representantes da imprensa regional, tendo comparecido mais de duzentos, podendo cifrar-se a quantidade de periódicos em mais de trezentos, só na Metrópole.

Como ao órgão em causa, também a nós se nos torna fácil compreender o alcance e importância desta imprensa que, dum modo melhor ou pior, mais bem ou mais mal apresentada entra em toda a parte; nos ministérios, nos paços senhoriais ou episcopais, nas repartições e organismos do Estado, nos bancos e comércios, nos meios estudantis, industriais, desportivos e confessionais, ou passa pelas mãos de altas ou de nulas responsabilidades sociais. Pode a sua leitura ficar para horas menos ocupadas, mas lá chega a vez duma vista de olhos e, não raro, é toda passada, já que é reduzida nos assuntos e gasta pouco tempo a correr-se. Depois, porque não é diária, não enfada nem coincide com os afazeres quotidianos. É discreta, compassada e oportuna. Se não se refere nominalmente ao leitor ou assinante (e muitas vezes refere, sobretudo se ele é da mesma terra ou com ela mantém relações de qualquer natureza traz frequentemente notícias de gente conhecida, de acontecimentos da terra ou das vizinhanças, o que constitui razão de maior interesse e curiosidade. Surge ainda a colaboração de nomes conhecidos, o dissertar sobre temas que traduzem aspirações comuns, anseios parecidos, identidade de pensamentos, na tentativa de congregar valores, despertando a atenção dos que podem ajudar e colaborar na concretização dessas aspirações. Desde o emigrante ao funcionário distante da sua terra, por alto que esteja, a imprensa regional estabelece uma ligação com ele, já que ninguém é estranho ao facto curioso ou novo que na sua terra surja. Como consequência desta sentimentalidade criou-se o aforisma de que só há duas terras insuperáveis em Portugal: Lisboa e a terra natal de cada um.

Essa admiração acompanhou os emigrantes, os funcionários e toda a sorte de gente que labuta em terras distantes daquela em que nasceu.

(continua na página seis)







Dr.ª Ercília Novaes Machado



Dr. Manuel Alves do Vale Lima



Artur Brás Marques



Rogério Domingos da Costa Carvalho



Padre Ernesto de Amorim Magalhães

As Três Dimensões do Homem

Por ERCÍLIA L. M.

Segundo uma inspirada concepção de Luther King *«uma vida verdadeiramente realizada é um triângulo coerente, onde as três dimensões culminam num vértice que é Deus»*. Ainda segundo o mesmo autor, o *comprimento* representaria o caminho interior de cada homem, impulsionando-o em vista ao progresso, ambições pessoais, procura do bem estar e conforto, numa palavra o triunfo na vida. A *largura* representaria a preocupação exterior com os outros seres, seus irmãos — o «outro», o que se cruza consigo no dia a dia, viajante dum mesmo caminho, rumo a um futuro para todos incerto, comparsa dum mesmo drama: vida e morte.

A *altura* significaria o fim último do Homem, que o intriga desde sempre, e preocupa apesar de tudo. É a dimensão que o conduz a Deus, a um Deus de Amor que o fez nascer para uma razão mais alta do que o drama da vida e morte. E a grande dimensão da Esperança: a virtude que verdadeiramente torna feliz o Homem, quando se completa e une com as restantes, num mesmo vértice comum.

Vasto e maravilhoso programa, este, do valor do espírito e da matéria — ambos obra do Criador — completando-se num todo que conduzirá o Homem à felicidade que almeja!

Mas quão inacessível para a maior parte... Vai ficando perdido, em cada uma das dimensões isoladas, vivendo uma vida frustrada, pela falta das que a completariam. Assim, quando não passa da *primeira dimensão*, o Homem perde-se, orgulhoso, adorando-se a si próprio, numa incessante ambição criadora, que o leva a confundir-se com o próprio Deus. Por outro lado, procura tirar da vida o gozo su-

(Continua na página cinco)

A Lavoura em Foco

Pelo **Dr. Manuel Alves do Vale Lima**

Foi com a maior satisfação que tomámos conhecimentos da iniciativa de *Artur Brás Marques*, em cujas veias fervilha o sangue desse que foi insigne escritor e seu familiar, Rodrigues Sampaio, de criar mais um órgão da Imprensa Regional. — «A Voz do Minho». É a nossa satisfação foi maior quando nos foi assegurado o propósito desse semanário, inteligentemente orientado e dirigido por esse jovem moço, dispensar especial interesse aos problemas da Lavoura, cada vez mais carecida de quem a defenda — apontando os seus males e sugerindo para eles terapêutica capaz de os atenuar e remediar, lutando para que sejam satisfeitas, se não todas, pelo menos algumas das suas mais *justíssimas* aspirações, desmascarando aqueles que ignòbelmente a exploram, sejam

(continua na página seis)

O PAÇO DUCAL

— Ainda a propósito do seu restauro, útil e necessário.

VOLTO AO PAÇO DUCAL. E POPQUE NÃO
SE DELE, SEMPRE, NOS É GRATO OUVIR,
SE DE NÓS TODOS FOI SEMPRE ATENÇÃO
E IDEIA CONSTANTE O SEU PORVIR?

NÃO É O SEU RESTAURO UM SONHO IRREAL,
MAS UMA ASSAZ POSSÍVEL REALIDADE,
POR ISSO A VILA O FEZ SEU IDEAL
E NÃO O REGEITOU, CREIO, A CIDADE.

HÁ, POIS, QUE DIFUNDIR O GRITO JUSTO
E FAZÊ-LO ESCUTAR COM ATENÇÃO,
POIS ISTO ASSIM É SIMPLESMENTE INJUSTO,

OUTROS VENCERAM GÉMEA SITUAÇÃO,
POR ISSO TEMOS DE IR A TODO O CUSTO
PEDIR JUSTIÇA E TRATAMENTO IRMÃO.

1.x Setembro 1966 — A. MARQUES DE AZEVEDO



32

CADERNOS MARIAIS

A VOZ DO Neiva

BOLETIM PAROQUIAL DE QUINTIÃES - AGUIAR - ABORIM - PANQUE E ARDEGÃO

ANO 1
AGOSTO DE 1968
N.º 2
Composição e Impressão:
Gráfica de S. Vicente
B R A G A
Director: Párocos de AGUIAR E ABORIM
Administração: Pároco de QUINTIÃES

A MISSA É UM SACRIFÍCIO

Quando fazemos por amor de Deus alguma coisa que nos custa, custumamos dizer que fazemos um sacrifício. Quando dizemos, porém, que a missa é um sacrifício não é pelo facto de normalmente nos custar a estar na igreja.

A Sagrada Escritura, logo no princípio diz-nos que Caim, lavrador, oferecia em sacrifício *a Deus, dos frutos da terra; Abel, que era pastor, oferecia os primogénitos do seu rebanho. Depois do dilúvio também Noé construiu um altar e tomando de todos os animais puros ofereceu-os em holocausto (sacrifício) ao Senhor, diz a mesma Escritura.*

Durante todo o Antigo Testamento nos aparecem estes sacrifícios umas vezes para simplesmente adorar a Deus, outras para pedir favores ou agradecer os já recebidos, outras para implorar o perdão dos pecados. Sabemos em que consistiam estes sacrifícios: matavam-se os animais e queimavam-se sobre o altar. Com este gesto reconheciam os homens o domínio de Deus sobre todas as coisas e a sujeição à Sua vontade.

Veio Jesus ao mundo. O profeta Malaquias já tinha dito que todos aqueles sacrifícios haviam de ser substituídos por um único sacrifício. Certo dia em que João Baptista, ele que veio ao mundo precisamente com a missão de preparar os homens para receberem o Salvador, certo dia em que João Baptista viu Jesus disse pùblicamente: «Eis o Cordeiro de Deus, eis o que tira os pecados do mundo». É claro que os judeus ao ouvirem isto se lembraram imediatamente dos milhares de cordeiros que se imolavam no templo de Jerusalém para pedir a Deus o perdão dos pecados.

De facto, tal e qual como aqueles cordeiros também Cristo havia de ser morto numa cruz e havia de oferecer a vida para prestar honra ao Pai em nosso nome e para reparar os nossos pecados.

A morte de Jesus foi um verdadeiro sacrifício. Havia uma vítima: era Jesus. Havia um sacerdote que oferecia: também era Jesus, que se oferecia a si mesmo. Foi este o mais perfeito, o mais augusto sacrifício que se ofereceu sobre a terra. É infinitamente superior aos do Antigo Testamento.

Ora Jesus quis que este sacrifício da sua vida pudesse ser renovado, se pudesse tornar presente pelos séculos fora, até ao fim do mundo. Por isso na quinta-feira santa, na última ceia instituiu a missa. Vamos ler o que nos dizem os apóstolos:

O Senhor Jesus na noite em que ia ser entregue tomou o pão em suas mãos, partiu-o e disse: «Isto é o meu corpo que vai ser entregue *por vós». Fez o mesmo com o cálice dizendo: «Este é o cálice do meu sangue, que vai ser* derramado *por vós. Fazei isto em minha memória».*

Na consagração da missa portanto torna-se presente o corpo de Jesus entregue *(à morte), o sangue* derramado*: a missa é uma renovação, actualização do sacrifício da Cruz, da morte de Jesus que foi um sacrifício.*

Neste sentido é que dizemos que a missa é um sacrifício.

As partes da Missa

Há tantos anos que vamos à missa...

A missa é um encontro com Deus. Ao entrar na igreja tomamos água benta. A água serve para lavar, bem o sabemos. A água do baptismo lava, purifica a própria alma: quando o sacerdote, em nome de Jesus deita água sobre a cabeça do baptizando e diz: «Eu te baptiza em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo», a alma dessa pessoa fica limpa de todos os pecados.

Ao entrar na igreja reconhecemos que já não possuímos a pureza do baptismo: egoísmo, desleixo no cumprimento dos deveres, faltas de amor para com o próximo... faltas de amor para com Deus. É difícil passar sem mancha entre tantos obstáculos que há no mundo. Reconhecemos-nos pecadores e por isso tomamos água benta e pedimos a Deus que nos purifique.

Começa a missa. São Pedro foi pescar, levando Cristo na sua barca. Quando, porém, diante daquela esmagadora abundância de peixe ele que toda a noite tinha andado no mar sem apanhar um sequer — sentiu mais ao vivo a sua divindade e disse: «Afas-

(Continua na pág. 3)

Palavras de um leitor amigo

DITOSA LEMBRANÇA

É com grande satisfação que apresento meus sinceros parabéns pela criação de um órgão informativo de 4 freguesias, que vivem num verdadeiro anonimato, a não ser nos livros Municipais para pagamentos dos impostos e outras obrigações que as leis destinam.

Felicito sobremaneira o autor de tão feliz iniciativa, augurando para ele e sua obras as maiores felicidades.

Rio de Janeiro — Agosto - 1968

João Meneses

ANO I – N.º 3 – SETEMBRO DE 1968

Boletim Paroquial DE COSSOURADO — BARCELOS

Redacção e Administração	Director	Composto e Impresso :
RESIDÊNCIA PAROQUIAL	P.º AMÉRICO TEIXEIRA	Gráfica de S. Vicente, L.da — Braga

Ecos do nosso tríduo

Este ano o nosso tríduo foi muito concorrido, prático e proveitoso. O Sr. P.e José Pereira de Oliveira, da Congregação do Espírito Santo, tomou a Igreja para tema central de toda a sua pregação. Começou por elogiar a nossa igreja, perguntando em seguida porque razão tem esse nome. Depois de insistir várias vezes na pergunta e despertar grande interesse e viva curiosidade no auditório, explicou que esse nome lhe advem da sua finalidade — reunir dentro dela a verdadeira igreja, a igreja viva que somos todos e cada um de nós, unidos a Jesus Cristo e, com Ele, n'Ele e por Ele uns aos outros, como membros do seu Corpo Místico. Ele é a cabeça e nós os membros, Ele é a cepa e nós os ramos. Dentro deste ideal, tão interessante e encantador, explicou nos dias seguintes, de manhã o credo e à tarde os sacramentos.

A Igreja de Deus é a Igreja da Fé. Acreditamos todas as verdades que a Santa Igreja nos ensina porque foram reveladas por Deus, que não pode enganar-se nem enganar-nos.

Até na ordem natural, a esfera dos nossos conhecimentos seria muito deminuta sem a fé. Se conhecemos as diferentes nações com suas cidades, montes, rios, etc., é pelo que nos dizem, porque geralmente nunca as vimos. O mesmo se diga de quasi todos os outros nossos conhecimentos. Mas se o testemunho dos homens nos merece fé, muito mais o testemunho de Deus.

A Fé em Deus e em todas as verdades por Ele reveladas aos homens é absolutamente necessária para a salvação. Para a guardar e conservar integra e incólume no meio de todos os erros e contradições, entre todos os povos da terra e através de todos os tempos, como facho luminoso na escuridão do mundo, escolheu Deus a Abraão para pai e tronco do seu povo previligiado, donde suscitou os profetas e a quem enviou finalmente o seu próprio Filho que, feito homem da sua raça, enriqueceu e completou o preciosíssimo tesouro da Revelação Divina e fundou a sua Igreja, o verdadeiro povo de Deus, por Ele escolhido e encarregado de a guardar e defender, de a levar até aos confins do mundo e de a prègar e ensinar a todos os homens e de continuar na terra, até ao fim dos tempos, a sua missão divina, vivífica, santificante e salvadora.

Impõe-se-nos portanto a obrigação estrita de bem conhecer e estudar as principais verdades da Fé, resumidas no Credo, para as acreditar e viver plenamente.

A primeira verdade que naturalmente se impõe à nossa razão é Deus, princípio criador, vivificante, motor e conservador de todas as coisas.

Desde os inúmeros mundos incomensuráveis que rolam constantemente no espaço imenso, como essa infinidade de estrelas com todos os seus sistemas planetários, até aos mais pequeninos insectos e minúsculos micróbios, que infinita variedade de seres a proclamar incessantemente a grandeza, a sabedoria, o poder, a bondade e a beleza de Deus seu Criador e Senhor.

Se naturalmente somos levados a acreditar que, para levantar, construir e ornamentar a nossa igreja, foram precisos operários hábeis e competentes, mestres sabedores e experimentados e um engenho superior que a idealizou e lhe traçou a planta, embora nunca os vissemos nem conhecessemos, porque ela nunca podia fazer-se casualmente por si mesma, desprendendo-se espontaneamente os penedos das montanhas para se partirem em pedras, talhadas e facetadas nas medidas e dimensões adequadas e estas voarem, rolarem ou vogarem e se colocarem nos seus respectivos lugares, bem unidas e presas umas às outras, sem a intervenção de ninguém com a necessária inteligência e capacidade, o mesmo acontecendo com o barro, a cal, a madeira, as telhas, os altares, as pinturas, o douramento, etc., com muitíssima mais razão a grande e maravilhosa obra da Criação leva-nos a concluir que nunca podia existir por si, sem Alguém capaz de a idealizar, criar, organizar, movimentar e conservar. Esse Ser infinitamente Superior, dotado de inteligência, capacidade e poder criador sem limites, é Deus e sem Ele ou fora d'Ele ninguém é capaz de criar um simples mosquito ou um pequenino grão de areia.

Para além dos mundos visíveis, há ainda os mundos invisíveis, para além dos seres materiais e corpóreos, há ainda os seres espirituais:

«Creio em um só Deus, Pai todo-poderoso, criador do céu e da terra, de todas as coisas visíveis e invisíveis».

Esse Deus eterno, imenso, omnisciente, infinito e omnipotente é pai e princípio e fonte de toda a paternidade. Desde toda a eternidade gerou o Verbo Divino, seu Único Filho e, por geração espiritual, intelectual, divina e eterna, comunicou-Lhe toda a sua natureza divina com todas as suas perfeições, de modo que Pai e Filho são um só Deus mas duas pessoas verdadeiramente iguais e distintas.

Pai Filho são um só Deus porque têm uma só e mesma natureza divina, comum aos dois. Por essa mesma razão são verdadeiramente iguais porque ambas têm as mesmas perfeições divinas, — a mesma grandeza, o mesmo poder, a mesma sábedoria, a mesma beleza, etc., que lhes são comuns. Nem o Pai é mais ou mais velho do que o Filho. Nem o Filho é menor ou mais novo do que o Pai. São, também duas Pessoas verdadeiramente distintas pelas íntimas relações que há entre Eles: — Só o Pai gerou o Filho e só o Filho foi gerado pelo Pai e não vice-versa.

Por um rasgo incompreensível do seu amor infinito para connosco, o Eterno Pai deu-nos o seu próprio Filho para nossa salvação e, para isso, quis compartilhar com a Santíssima Virgem Maria, no tempo, a sua Eterna Paternidade — «Creio em um só Senhor Jesus Cristo, Filho único de Deus, nascido do Pai antes de todos os séculos; Deus de Deus, Luz de luz, Deus verdadeiro de Deus verdadeiro; gerado, não criado, consubstancial ao Pai, por quem todas as coisas foram feitas. E por nossa salvação desceu do céu; e encarnou pelo Espírito Santo no seio de Maria Virgem e se fez hamem».

O Filho de Deus levantou-se como um gigante do seu leito nupcial nos esplendores da sua glória e, numa carreira vertiginosa, desceu do mais alto do Céus a esta terra de exílio, lágrimas e pecados, encarnou dum modo maravilhoso e sobrenatural no seio virginal de Maria Santíssima pelo poder do Espírito Santo e, em trinta e três anos, anos, percorreu toda a gama de humilhações, trabalhos e sofrimentos, até à morte mais ignomiosa da cruz entre dois ladrões e ao mais profundo abatimento do sepulcro, para engrandecer e glorificar seu Eterno e aplacar e satisfazer plenamente a sua Infinita Justiça e também para nos mostrar e pro-

(Continua na 2.ª pág.)

CÂMARA MUNICIPAL DE BARCELOS

OLARIA

BOLETIM

DO

MUSEU DE CERÂMICA POPULAR PORTUGUESA

DIRECTOR

EUGÉNIO LAPA CARNEIRO

NÚMERO 1 • AGOSTO DE 1968

C. M. B.
BIBLIOTECA

Lírios do Campo





Jornal da 6ª classe de Areias - S. Vicente

Caros Amigos:

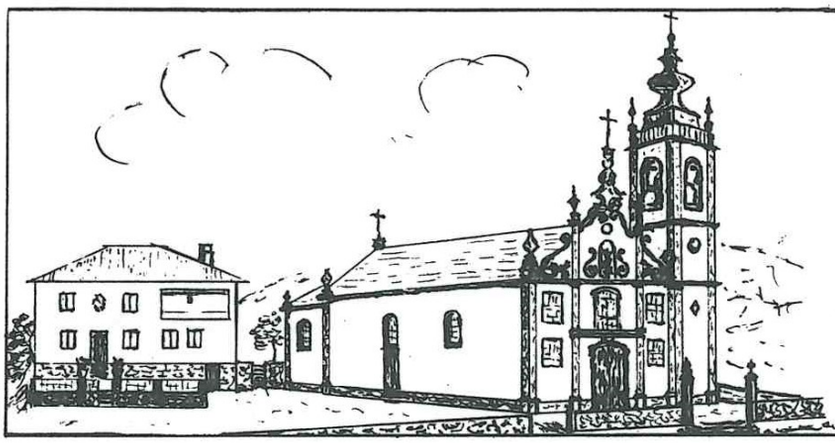
Depois de um período de férias que, certamente, aproveitasteis para descansar e para recuperar do esforço feito no ano transacto, estamos novamente no ambiente acolhedor da nossa Escola para mais um ano de trabalho que, certamente, para muitos de vós será o último Ano de Escola pois já homens e, por isso, compreendeis bem que é preciso estudar muito para que a vossa professora fique com saudades da vossa classe. Eu estou certa de que sabeis corresponder ao meu esforço e que no exame final sabereis ser o orgulho da Escola de Areias.



Estudar, estar atento às lições e ser bem comportado são as qualidades que espero encontrar sempre em vós. Se assim for, contai sempre com a amizade e carinho da vossa professora

Lurdes Rodrigues

ANO I — MARÇO — 1970 — N.º 1



VOZ DE FRAGOSO

Director e Editor
P.e MANUEL MARTINS DE SÁ

Composto e impresso
Gráfica da Casa dos Rapazes—Viana

Redacção e Administração
RESIDENCIA PAROQUIAL

Saudação

Ao iniciar a sua nova vida, o jornal da vossa terra vos sauda com carinho.

Periòdicamente ele irá visitar-vos, como amigo e companheiro, para vos dar a palavra certa no mundo incerto em que vivemos, quando, das mais variadas e estravagantes formas, se entrechocam ideias e factos, capazes de nos deixarem duvidosos sobre o caminho a seguir.

Confiai nele, lêde-o com atenção e amor e depois dai-o a conhecer a todos os que puderdes.

Ele irá ao vosso encontro para vos dar conhecimento do viver, das aspirações, das tristezas e alegrias da vossa terra.

O vosso bairismo há-de manifestar-se entusiasta ao verificar que tendes um jornal a que podeis, com verdade, chamar vosso.

E assim haveis de acarinhá-lo, ajudando-o e tornando-o conhecido.

Ele fica ao vosso dispor, aceitando-a vossa colaboração, embora subordinada a normas de que não se pode abdicar, sem trair.

Espera a vossa ajuda e auxílio, generoso e compreensivo.

Com certeza que, depois de a ele vos habituardes, sentireis um vazio se ele vos faltar.

Mas ele surge para viver. Confia em vós.

O que falta à Paixão de Cristo...

Porque vivemos sempre aguardando as grandes oportunidades de mostrar ao Senhor a nossa generosa colaboração no Bem?

Tudo quanto é nosso, porque, humano, é sempre inútil para Deus.

É sempre pequeno, por si mesmo, para fazer seja o que for de grande.

Se as nossas coisas valem aos olhos de Deus, é porque Deus se digna dar-lhes valor.

Se as nossas dores e penas servem para remir, é porque o Senhor quer emprestar-lhes valor redentor.

Se a nossa Cruz serve para salvar, é porque Cristo quer continuar salvando, através dela, os homens.

E enquanto assim eu caminho, com sacrifício, sob o peso do meu trabalho diário, vou imitando, em minha rota dolorosa da vida, o Cireneu bom que aliviou Deus e colaborou na salvação dos homens.

Sintomas de escravidão

És escravo:

Se tomas como regra de conduta «o que dirão».

Se andas acorrentado aos outros.

Se calas quando deves falar.

Se falas quando deves calar.

Se tens dificuldade em reconhecer as próprias limitações e falhas.

Se tens dificuldade em reconhecer os méritos alheios.

Sorrir sempre...

— Quando nos caluniarem,

Que saibamos sorrir, Senhor.

Quando os superiores nos abandonarem,

Que saibamos sorrir, Senhor.

Quando os inferiores nos desprezarem,

Que saibamos sorrir, Senhor.

Quando os amigos nos esquecerem,

Que saibamos sorrir, Senhor.

(Continua na 3.ª página)

Boa Páscoa!

— A vós, velhinhos venerandos,
Cheios de rugas na face e saudades nos olhos,
Cheios de calos nas mãos e bênçãos no coração:
«QUE A PAZ DO SENHOR».
vos encha os últimos dias do mundo!
BOA PÁSCOA!

— A vós, doentinhos sofrendo,
Cheios de dores no corpo e amarguras na alma,
«QUE A PAZ DO SENHOR»
vos dê resignação e coragem!
BOA PÁSCOA!

— A vós homens feitos, saudáveis,
A quem o trabalho não falta,
Nem o pão faz míngua,
«QUE A PAZ DO SENHOR»
vos conserve para sempre na alegria!
BOA PÁSCOA!

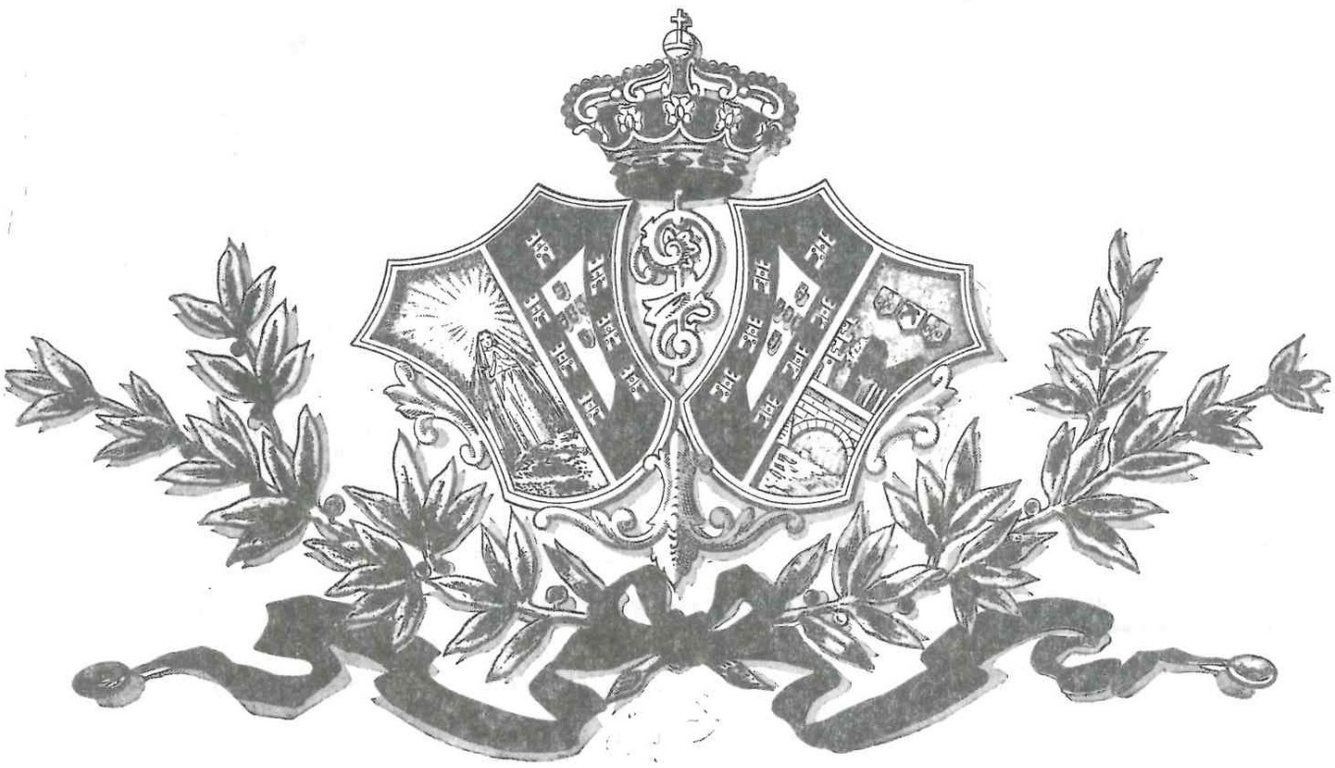
— A vós, homens, de estômago vazio,
Por culpa dos outros,
De coração triste, por maldade alheia,
«QUE A PAZ DO SENHOR»
não vos deixe desanimar jamais!
BOA PÁSCOA!

— A vós, jovens, de ideal claro,
Cheios de amor na alma e promessas nos dedos,
Cheios de projectos e vitórias pensadas,
«QUE A PAZ DO SENHOR»
vos conserve na humildade dos heróis!
BOA PÁSCOA!

— A vós, jóvens de ideal desfeito,
Vítimas da incompreensão e da má vontade,
Vítima do medo e do desânimo!
«QUE A PAZ DO SENHOR»
vos faça sorrir o sol que vai nascer!
BOA PÁSCOA!

— A vós, crianças de palmo e meio,
Cheias de alegria, a saltar,
Cheias de Esperança, a sorrir,
«QUE A PAZ DO SENHOR»
não vos deixe entrar o mal na vida!
PARA TODOS, uma PÁSCOA MUITO ALEGRE!

SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DE BARCELOS



BOLETIM

6 de Junho de 1985



PAZ E AMOR

Boletim Doutrinário e Informativo de VILA COVA — BARCELOS

Director e Editor — P.e DR. ANTÓNIO ALVES MORENO

Propriedade — FÁBRICA DA IGREJA PAROQUIAL DE SANTA MARIA DE VILA COVA. Redacção e Administração — CENTRO PAROQUIAL IMACULADO CORAÇÃO DE MARIA — VILA COVA 4750 BARCELOS - Portugal — Telefone 86139

ANO XII — JULHO DE 1982 — N.º 136 — PUBLICAÇÃO MENSAL — Avulso 5$00

Composto e Impresso na Gráfica de S. Vicente, L.da — Braga — Telefone 23958

FALA UM BISPO

O Senhor Dom Manuel González y Garcia, Bispo de Málaga, na Espanha, escreveu o seguinte:

«Um grunhido prolongado, como de uma manada de feras atraída por abundante presa, fez-me levantar da mesa e chegar à sacada do meu escritório que dá para a praça da Sé. As feras não eram feras, mas sim, um grupo de carvoeiros, os quais, com exclamações que pareciam grunhidos, diziam chalaças a uma senhorita «elegantemente despida» que ia passando.



A senhorita levava ao lado uma senhora, que parecia ser sua mãe. Ao passarem diante da porta principal da Sé, bezeram-se ambas devotamente.

Indignação e vergonha cobriram-me o rosto, lástima e nojo encheram-me o coração. Não pude distinguir, se me causava estes sentimentos o triunfo do demónio que relinchava na praça pela boca daqueles infelizes, ou a derrota de Jesus no sacrário da catedral, escarnecido por aquele sinal da cruz feito sobre um peito impuro e com o braço nu. Confesso que nunca vi reprodução mais exacta da cena do pretório, quando escarneceram e esbofetearam a Cristo saudando-o como Rei.

Volto à minha mesa de trabalho e com o coração ainda oprimido, digo às mulheres cristãs que lêem estas linhas:

Dizei, da parte dum bispo católico, às vossas amigas que teimam em exibir desnudezes, que não se lembrem de Cristo para rezar, nem para se benzer, nem para visitá-lo e, muito menos, para recebê-lo. Não e, não! que ao menos O deixem tranquilo na solidão de suas igrejas».

Que quer dizer este Senhor Bispo de Espanha? Que é troçar de Deus andar uma senhora com modas indecentes e depois querer passar por piedosa, comungar e ir à igreja. Jesus declarou: «Ai do mundo por causa dos escândalos! Ai daquele por quem vem o escândalo!»

Dizia a Jacinta de Fátima:

«Hão-de vir umas modas que hão-de ofender muito a Nosso Senhor. Tais modas hão-de chamar grandes castigos de Deus, se as pessoas que as usam não se emendarem!

MURALHA

REVISTA DO LICEU DE BARCELOS

PUBLICAÇÃO TRIMESTRAL

JUNHO DE 1971

N.º 1

Director: Vítor Manuel Silva (6.º Ano)

Redacção: Rodrigo Campos, Maria Dilora, J. António Pereira, Rogério Caniceiro (6.º Ano)

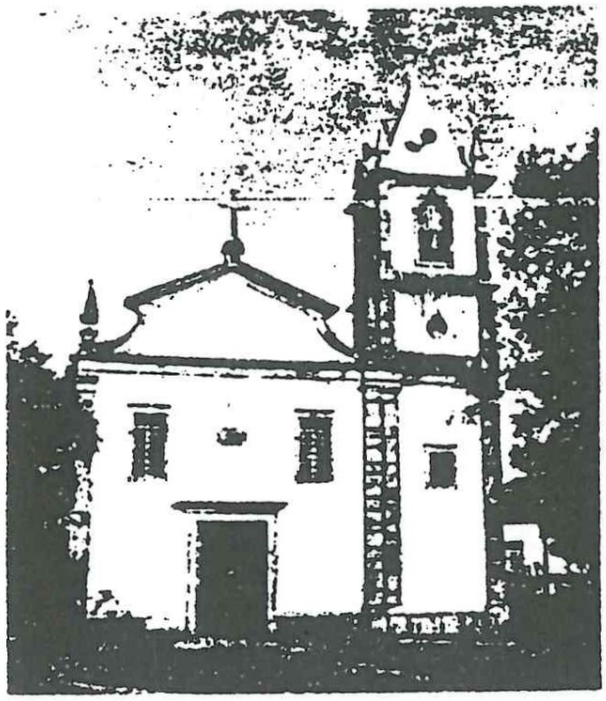
Administração: Maria da Piedade, Carlos Alberto, António Domingos e José Duarte (6.º Ano)

Editor: Lino de Miranda (Professor)

Preço por número e exemplar — 10$00

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
LICEU DE BARCELOS

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
Companhia Editora do Minho — BARCELOS



A VOZ DE SANTA MARIA DE LIJÓ

Nº2 -Abril de 1973

A história de LIJó

Do aspecto social ao religioso,em síntese,e em relação mais ou menos lógica,vejamos o panorama histórico da nossa freguesia:
-Todos conhecem a situação geográfica e topográfica de Lijó,como aldeia pouco acidentada e cada vez mais bafejada pelo incremento citadino da nobre cidade de Barcelos que se vai alargando para o nosso lado.O progresso económico tem-se manifestado como em toda a parte,e aqui muito favorecido pela indústria local das duas fábricas de malhas IIROL e LIJOTEX e pela grande dedicação dos nossos homens pela construção civil sendo muito elevado o número de operários fabris e de artistas dos vários ramos profissionais.É humilde o nome de Lijó mas nem por isso deixa de ter a sua história.Em I752 contava apenas I45 fogos atingindo hoje os 400.Em I866 o nome da nossa terra ficou célebre com a feliz descoberta das águas de Lijó.O primeiro médico a recomendar e a preconizar estas águas sulfúreas foi o médico "Alheira",sobrinho dum Abade de Alheira que o formou á sua custa.O engenheiro Schiapa de Azevedo analizou-as há I07 anos e deu-nos a honra de remeter uma amostra destas águas que julgou singulares para uma exposição universal de águas realizada em Paris e o professor Caldas do Liceu de Braga,por ordem do ministro das obras públicas analizou-as de novo e verificou serem as mais ricas em minerais.A primeira nascente,e a principal,fica situada no lugar do Mosqueiro.Embora de temperatura inferior a 20º são mais ricas em minerais e mais salutares para certas doenças que

(continua na pág. 2)

Declaração dos DIREITOS DA CRIANÇA

MAIO DE 1973
ESCOLA PREPARATÓRIA
GONÇALO NUNES
BARCELOS



Artigo I — A criança disfrutará de todos os direitos enunciados nesta Declaracão. Estes direitos serão reconhecidos a todas as crianças, sem excepção nem distincão ou descriminacão motivada pela raca, cor, sexo, idioma, religião, opiniões políticas ou outras, origem nacional ou social, posicão económica, nascimento ou qualquer outra condicão aplicável à própria criança ou à sua família.

Artigo II — A criança gozará de uma protecção especial e disporá de oportunidades e facilidades que lhe permitirão desenvolver-se física, intelectual, moral, espiritual e socialmente de uma forma saudável e normal assim como em condições de liberdade e dignidade.

Ao serem promulgadas leis com esta finalidade, deverão considerar-se fundamentalmente os superiores interesses da criança.

Artigo III — A criança terá direito, desde do seu nascimento a um nome e a uma nacionalidade.

Artigo IV — A criança deverá usufruir de todos os benefícios da segurança social. Deverá crescer e desenvolver-se de maneira sã: com esta finalidade deverão ser facultados tanto a ela como à sua Mãe, cuidados especiais, incluindo vigilância pré e pós-natal. A criança terá direito a alimentacão, a alojamento, distracções e servicos médicos adequados.

Artigo V — A criança, física ou mentalmente diminuída ou que sofra de qualquer desfazamento social, deverá receber o tratamento, a educacão, e os cuidados especiais que o seu caso particular exige.

Artigo VI — A criança, para total e harmonioso desenvolvimento da sua personalidade, necessita de amor e compreensão.

Sempre que possível deve crescer amparada e sob a responsabilidade de seus pais e em todos os casos, num ambiente de afecto e de segurança moral e material.

Salvo circunstâncias excepcionais, não deverá a criança ser separada da sua Mãe. A sociedade e as autoridades públicas têm a obrigacão de cuidar em especial das crianças sem família, ou que carecam de meios adequados de subsistência.

O Estado, ou outros Organismos, deverão conceder subsídios às famílias numerosas, para que possam cuidar convenientemente dos filhos.

Artigo VII — A criança terá direito a receber uma educacão que será gratuita e obrigatória, pelo menos a níveis elementares.

Ser-lhe-á dada uma educacão que favoreca a sua cultura geral e lhe permita, em condições de igualdade e oportunidades, desenvolver as suas aptidões, a sua forma de pensar e o seu sentido de responsabilidade moral e social, para poder vir a ser um elemento útil da sociedade.

O superior interesse da criança deve ser o princípio que rege aqueles que têm a responsabilidade da sua educacão e orientacão; essa responsabilidade pertence em primeiro lugar a seus Pais.

A criança deve poder dispor de jogos e distracções, os quais serão orientados para os fins a atingir pela educacão; a sociedade e aos autoridades públicas deverão esforcar-se para promover o gozo total deste direito.

Artigo VIII — As crianças devem, em todas as circunstâncias, estar entre os primeiros a receber protecção e socorros.

Artigo IX — A criança deverá ser protegida contra todas as formas de abandono, crueldade e exploracão.

Não será objecto de qualquer tipo de transaccão.

Não deverá permitir-se que a criança trabalhe antes de atingir uma idade mínima e adequada; em caso algum será permitido que exerca funcões que possam prejudicar a sua saúde e educacão, ou impedir o seu desenvolvimento físico, intelectual ou moral.

Artigo X — A criança deverá ser protegida contra práticas que possam levar à descriminacão racial, religiosa ou qualquer outra.

A criança deve ser educada num espírito de compreensão, tolerância, amizade entre os povos, paz e fraternidade universal e com plena consciência de que deve consagrar as suas energias e aptidões ao servico dos seus semelhantes.

Declaração dos Direitos da Criança, assinada em 20 de Novembro de 1959, na Organização das Nações Unidas.

O que é um rapaz?

— ALAN BECK

Encontram-se de todos os tamanhos, cores e feitios, e em qualquer parte: em cima, em baixo, dentro, fora, trepando, baloiçando, correndo, saltando...

As mamãs adoram-nos, as meninas mais pequenas não os podem ver, os irmãos e irmãs maiores toleram-nos, os adultos desconhecem-nos, e o céu protege-os, pois, como ao borracho, Deus lhes põe a mão por baixo...

Um rapaz é a verdade com a cara suja, a sabedoria com o cabelo desgrenhado e os dedos cheios de tinta, a Esperança do futuro com uma rã no bolso.

Um rapaz tem o apetite dum cavalo, a energia duma bomba atómica, a curiosidade de um gato, as goelas dum ditador, a imaginação de um Júlio Verne, a brusquidão de uma armadilha, o entusiasmo de uma bicha de rabiar, e quando faz alguma coisa parece que tem cinco polegares em cada mão.

Perde a cabeça diante de um doce, duma navalha ou de um serrote, e gosta do Natal, do filho dos vizinhos, dos livros com figuras, dos animais grandes, do campo, dos regos de água, dos comboios, dos domingos pela manhã e dos carros dos bombeiros. Gosta dos cães e odeia os gatos. Aborrecem-no: as visitas, a escola, os livros sem figuras, as lições de música, as gravatas, os cabeleireiros, as meninas, os casacos, os adultos, e a hora de deitar.

Ninguém se levanta tão cedo nem chega mais tarde para o jantar.

(Continua na página 6)

Folha Paroquial

DE SANTA MARIA MAIOR

DIRECTOR:
PRIOR P. ALBERTO DA ROCHA MARTINS
BARCELOS

A nossa Páscoa

QUE SEJA DE VERDADEIRA ALEGRIA...

POR esse Mundo fora, quantas contestações?... Quantos que, mesmo dentro do catolicismo, não aceitam esta tradição da Visita Pascal?... Está, dizem eles, ultrapassado este costume... Já não tem sentido... É triunfalismo... Exteriorização.

Nós, porém, nesta Paróquia de Santa Maria Maior, pensamos ainda que a Visita Pascal é um momento de alegria. Alegria cristã. Bênção do Senhor que entra nas nossas casas e nos abençoa. Recordação da Ressurreição de Cristo que é penhor da nossa ressurreição. Sentimos a alegria dos doentes quando entramos no seu quarto de sofrimento e lhe damos a beijar o Cristo redivivo... Sentimos a alegria das criancinhas e o entusiasmo da juventude.

Não poderíamos, em consciência, suprimir esta tradição, embora sabendo que contrariamos a opinião de alguns. Que nos relevem este desejo de fazer a vontade à maioria que não nos perdoaria tal inovação... Por isso, apesar do que representa de sacrifício, sairemos com o Compasso, às dez horas. A primeira visita, com as duas cruzes e toda a comitiva, será à Câmara Municipal. Já é costume. O Dr. Vasco de Faria criou este costume e o actual Presidente da Câmara, católico de firmes convicções, continua a receber, com fidalguia cristã, a Visita Pascal no Município. Visitaremos todas as casas que queiram receber a visita de Cristo Ressuscitado. Não faremos excepção. A todos os de boa e cristã vontade, levaremos o abraço da paz.

NOTA

Temos apresentado, ao longo do ano, a Folha Paroquial policopiada. Quisemos, nesta Páscoa, apresentá-la desta forma. Sempre que seja possível, será publicada ao serviço da Comunidade paroquial de Santa Maria Maior de Barcelos.

Um Crucifixo para o Altar-Mor

Um dos meus sonhos, é colocar no Altar-Mor, um grande Crucifixo que fique a dominar a assembleia.

Não custará menos de vinte mil escudos.

Quem está disposto a colaborar nesta iniciativa?

Tive sempre uma grande preocupação em alindar a Matriz, mantendo-a limpa e asseada, confortável, tanto quanto possível, e ordenada. Não me tenho poupado a trabalhos, insistindo sempre com os Monumentos Nacionais para fazerem as reparações que se impõem. Janelas, telhados, iluminação, instalação sonora, arranjo de portas, etc. Tudo se tem feito. Até, com a generosíssima colaboração dos paroquianos, se colocou o aquecimento que tão útil tem sido. Em todos estes trabalhos, tenho sido ajudado de uma maneira modelar pelas Zeladoras dos Altares, por Senhoras que generosamente se põem ao serviço da Matriz, por pessoas que estão sempre prontas a deixar os seus trabalhos para ajudar à lavagem e limpeza da Matriz, pelas Catequistas, etc. Por isso, é justo que deixe aqui o meu agradecimento a todos, contando com a generosa cooperação.

Quanto ao Crucifixo — esse sonho que muito desejava ver concretizado — quem me quer ajudar?

VISITA PASCAL

Como já é costume, a Visita Pascal, sairá da Matriz, às 10 horas.

Recolherá, mais ou menos, às 19,30 horas.

Antes de sair, haverá Missa. Ao recolher, haverá, também, Missa.

A todos os meus queridos Paroquianos, desejo Boas-Festas e uma Páscoa muito feliz.

A Comunhão Pascal dos Homens de Barcelos

Sim, na próxima quarta-feira, a partir das 21 horas, haverá, na Igreja Matriz, confissões para os Homens e Rapazes desta Cidade que desejem fazer a sua Comunhão Pascal. Será um acto consciente, de verdadeira afirmação

O TROVÃO

FOLHA COMUNISTA DO CONCELHO DE BARCELOS

EDITORIAL

O lançamento deste nosso jornal deve-se á necessidade, cada vez maior depois do 25 de Abril, que as classes trabalhadoras, do campo e da cidade, tem de conhecer, verdadeiramente e sem meias palavras, a fasi dos problemas que os preocupam.

Verificando-se portanto que a imprensa local, burguesa, fascista e tremendamente reaccionária, estando inteiramente ao serviços dos patrões e só a noticiar apenas aquilo que agrada aos ricaços e exploradores, para nada serve, sendo apenas uma excrecência do regime anterior a destilar veneno que corroi o organismo social, decidiu-se fazer aparecer esta folha, cuja linha de orientação será sempre a de pugnar pelos interesses daqueles que na fábrica ou no campo, suam para tudo e produzirem, e que recebem em paga apenas o indispensável para não morrer de fome.

Actuaremos no prosseguimento de uma linha comunista. Trabalharemos para a unidade de todos os trabalhadores, unica forma de atacar e vencer com vantagem o capitalismo explorador, e os seus grupos fascistas que como se sabe já [illegible] para ir a uma ofensiva que não permitiremos. Não recuaremos nunca na denúncia das patifarias que os patrões, acolitados pelos seus lambe-botas, praticam.

Denunciaremos também o oportunismo dos falsos democratas que a coberto de "fidelis" mais que duvidosos, procuram levar a água ao seu moinho á custa de paleios e falinhas mansas que só servem mesmo para quem andar a dormir.

Não tememos erros de actuação da nossa parte, não porque nos julguemos sábios, mas porque beneficiamos da experiencia acumulada através do tempo, através das lutas feitas de vitórias e derrotas, que deram a milhares de trabalhadores como nós, a prática que nos leparam.

Apoiaremos todos aqueles cuja actuação na prática, tenha como fim supremo levar as classes trabalhadoras ao poder.

Apoiamos o "Grito do Povo" O.C.M.L.P., por ser consequente numa linha de acção que se coaduna com os interesses dos trabalhadores.

Procuraremos fazer um trabalho, o melhor possivel. Quanto a erros de redacção, isso, desculpem mas não nos preocupa muito. O principal é que as coisas sejam ditas quando e onde for necessário, e que todos percebam bem que a hora é de luta, que chegou o momento de reforçar ainda mais a organisação dos trabalhadores, e que, como se costuma dizer que quem dá o pão dá o ensino, nós que estamos fartos de encher a barriga de pão e de todos os luxos a essa cambada de parasitas burgueses, preparemo-nos para lhes dar também umas porradas que eles andam a querer deitar as gaitas de fora.

Portanto camaradas, daqui desta vossa tribuna, de punho erguido vos saudamos. Operários e camponeses unidos, construtores da sociedade nova onde não caiba mais o parasitismo e a canalhice dos que só sabem viver á nossa custa.

VIVA A CLASSE OPERÁRIA, VIVA A UNIDADE DE TODOS OS TRABALHADORES
ABAIXO A EXPLORAÇÃO CAPITALISTA
PELO PÃO, PELA TERRA, PELA DEMOCRACIA POPULAR
EM FRENTE PELA ALIANÇA OPERÁRIO-CAMPONESA
VIVA A LUTA DO PROLETARIADO

SITUAÇÃO NAS FÁBRICAS EM BARCELOS

O Fernando Pe[illegible] [illegible] 25 [illegible], a paga quatro dias por semana, afirmando [illegible] que não [illegible] o encargo do salário mínimo, que até [illegible] que vai fechar a [illegible] este "Fernando Pereira" já foi [illegible] pelos fiscais, por [illegible] operárias a fazer horas extras [illegible] depois já [illegible] as [illegible] 24 operárias [illegible] outras [illegible] e não [illegible] onde se [illegible] que [illegible] mais, [illegible] estão [illegible] por estas bandalhas, continuam subornados a fazer o [illegible] tempo do [illegible] e do [illegible].

Toda [illegible] outras [illegible] e mitos casos e

GENTE + ou - PEQUENA 2

ESCOLA PREPARATÓRIA GONÇALO NUNES — MAIO 1974

«Defende-te, Alcaide»

A escassos quilómetros de Barcelos, numa das encostas do Monte da Franqueira, situa-se o Castelo de Faria. Da sua origem, que se situa por alturas do reino cristão de Leão, pouco se sabe. Muitas das suas pedras serviram para edificação de um convento que existe no sopé do monte.

Assim, dessa fortaleza medieva praticamente nada nos resta.

Contudo, se do monumento nada nos ficou, na memória para sempre permaneceu um dos mais heróicos e honrados feitos ligados à História de Portugal.

Estava-se no reinado de D. Fernando.

Este, pode dizer-se, foi um dos reis politicamente mais infelizes da nossa História.

O povo, à frente do qual se tinha colocado Fernão Vasques, já se havia revoltado por causa das suas relações com D. Leonor Teles. Apesar disso, D. Fernando casava-se com ela, às ocultas, numa igreja de Leça do Balio, o que mais desgostou o povo. Não contente com isso, enreda-se na disputa da coroa castelhana. Chega mesmo a invadir a Galiza.

Por isso, os castelhanos vêm pôr cerco à cidade de Lisboa.

Nesta ocasião, também um exército galego, comandado por Pedro Rodrigues Sarmento, invade a província de Entre-Douro-e-Minho, chegando às proximidades de Barcelos.

Aí, um exército português, comandado pelo Conde de Seia e auxiliado pelo Alcaide-Mor do Castelo de Faria, vai no encalço deles. Trava-se uma dura batalha, da qual sai prisioneiro o Alcaide. Então, este começou a dizer que

(Continua na página quatro)

A CIDADE DE BARCELOS



Barcelos é a cidade onde nasci e em que vivo.

É, essencialmente, um centro industrial.

Assim, as fábricas são abundantes.

Mas não só.

Também urbanística e comercialmente ela evolui.

Cada vez existem mais casas comerciais, dando à nossa cidade bastante valor.

No campo turístico temos já alojamentos agradáveis para os estrangeiros que visitam Barcelos, nas épocas festivas.

Além disso, existem as belezas naturais, os costumes, as tradições.

A construção civil progride.

Por exemplo, no plano escolar, construiu-se, há pouco tempo, o Ciclo Preparatório e está em construção a Escola Industrial e Comercial. Temos também o Liceu.

Erguem-se, outrossim, grandes prédios para habitação.

Também têm importância os monumentos, como a Igreja do Senhor da Cruz, as ruínas dos Paços dos Condes-Duques de Barcelos, a Igreja do Terço e a Ponte romana sobre o Cávado.

Resumindo: Barcelos, embora crescendo lentamente, continua abrindo novos caminhos para o futuro.

MACHADO MIRANDA
1.º Ano — S

ENTREVISTA COM O NOSSO DIRECTOR

por 4 alunas do 1.º F

— Poderá dar-nos, para o nosso Jornal, a identificação completa: nome, idade, habilitações académicas, título de Director, tempo de serviço, etc.

— Laurindo de Araújo Oliveira, casado, 35 anos de idade, natural da freguesia de Cervães, concelho de Vila Verde e residente em Arcozelo — Barcelos. Tenho o Curso Superior de História; como habilitação pedagógica, tenho o Curso de Ciências Pedagógicas e o Exame de Estado. Sou Professor há seis anos e iniciei a minha carreira docente no Liceu Nacional de Leiria.



— Que acha da nossa nova Escola e como gostaria de ver os alunos deste Estabelecimento de Ensino?

— Eu acho que a nossa Escola é uma escola moderna que contém todos os re-

(Continua na página cinco)

O Movimento de 25 de Abril

O dia 25 de Abril ficará indelevelmente marcado como data de acontecimento de vulto na História de Portugal, quaisquer que venham a ser as consequências políticas, e logo sócio-económicas, decorrentes do Movimento das Forças Armadas eclodido às primeiras horas da madrugada daquele dia memorável. Foi o para nós e constituirá também motivo de espanto e exemplo dignificante, para os vindouros, a circunstância feliz de ter acontecido este sem se ter vertido uma gota de sangue e sem que o ritmo normal da vida dos portugueses tivesse sido, por isso, alterado.

Que a serenidade e o sentido das responsabilidades continue na ordem do dia e na vontade de todos os portugueses, pois é condição essencial para que a Junta de Salvação Nacional e, com ela, todos os homens de boa-vontade possam realizar a renovação para o progresso e prestígio do Portugal Novo. A forma exemplar de serenidade e maturidade cívica de que a Nação deu provas nas horas primeiras e mais críticas da Revolução são a garantia segura de que as reformas tendentes à instauração da autêntica democracia, baseada na paz e na ordem social, no respeito mútuo e na consciência dos direitos, mas também dos deveres de cada cidadão, decorrerão igualmente dentro dum clima de paz e tranquilidade, reflexo da paz das consciências e dos propósitos sinceros que nos animam de congregarmos esforços para as grandes tarefas a realizar. Para tal será já muito que cada um se entregue às suas tarefas diárias, com zelo e dedicação, conscientes de que a hora é mais de acção do que de palavras.

(Continua na página dois)

O CRA

N.º 1
OUTUBRO
1974
MENSAL

JORNAL DO CENTRO RECREATIVO DE ALDREU (CRA)

DIRECÇÃO E EDIÇÃO — Comissão de Iniciação do Jornalismo no (CRA) | Composto e impresso na Gráfica da Casa dos Rapazes—Viana do Castelo | ADMINISTRAÇÃO — Centro Recreativo de Aldreu Barcelos

EDITORIAL

ALBERTO FRANCISCO B. BERMUDES
Esposende

«Quem nunca errou nada fez», disse, há já século e meio, Napoleão Bonaparte. Sim, tudo o que é inovação deve ter todos os incentivos para ser edificado, pois nem que se mostre um fracasso, é sempre uma fonte de ensinamentos para empreendimentos futuros, apontando os aspectos felizes, e muito principalmente, mostrando as falhas, que nunca mais tornarão a ser repetidas.

Mas este novo jornal do CRA não será certamente um fracasso para ser fonte de sucessos, terá que ser uma realidade por muito tempo, como jornal que será mais do que recreio e informação, para ser um veículo de expansão cultural nesta terra, que tão necessitada está disso, como todas as povoações rurais portuguesas, sempre submersas no esquecimento e na ignorância por um regime fascista, que só poderia basear a sua força na ignorância e impotência do povo.

Jornal que nasce já sob os belos auspícios da Liberdade, terá que ter em conta a grande responsabilidade de a usar, e muito principalmente fazer com que o povo de Aldreu a saiba usar, sabendo guiar nesse intrincado mundo, agora, felizmente, aberto a todos os portugueses, que é a Política. Terá que ter palavras de desintoxicação dum povo submerso por 48 anos de Fascismo, essa é a grande tarefa a que tem que pôr ombros para que a Liberdade e democracia em Portugal seja, não só falada nos discursos, nas letras da imprensa ou nas imagens da televisão, mas que seja uma realidade para todos e para cada um dos portugueses.

(Continua na 4.ª página)

Apresentação

Olá amigos! Então, não me conhecem! Não admira, acabo de nascer, sou ainda um menino.

Pois bem, eu sou o jornal do Centro Recreativo de Aldreu, «O CRA» é meu nome de baptismo. Como disse sou ainda um miúdo, tenho ainda só 4 páginas, mas olhem que trago cá uma vontade de crescer e uma gana de ser alguém, que não descanso enquanto o não conseguir.

Quero colaborar no progresso da nossa querida freguesia, no desenvolvimento do Centro Recreativo de Aldreu e acima de tudo quero ser um amigo fixe de toda a gente cá da terra.

Como todos os bebés, preciso de carinho e amparo para que possa um dia vir a ser um «verdadeiro homem», quero dizer um «verdadeiro jornal» ao serviço de

(Continua na 2.ª página)

ACERCA DA DEMOCRACIA

Viver a democracia é difícil.

Viver a liberdade é ainda mais difícil.

Mas a democracia é imprescindível e é preciso saber vivê-la.

Há quem a confunda com partidos.

A liberdade é o direito de sermos nós próprios (perante nós e perante os outros).

É o direito de cada um afirmar e afirmar-se.

Mas a liberdade sendo a procura da justiça (e que ela se faça) é também serenidade, é produção, é humanismo, é o respeito pela liberdade individual de cada um.

E, por isso, também a liberdade requer aprendizagem.

Não a liberdade que nasce do ódio e da vingança.

(Continua na 4.ª página)

PASSO EM FRENTE...

Depois de estruturado no papel, o Centro Recreativo acaba de surgir para a vida real.

Como salientamos no nosso comunicado, a primeira dificuldade que nos surgia era a aquisição de uma casa que funcionasse como sede do respectivo Centro.

Logicamente pensamos em localizar a sede no centro da freguesia, mas, como era urgente que se fundasse o Centro e como não havia de momento um local apropriado resolvemos, e isto graças à boa vontade dos proprietários, arranjar a antiga farmácia para local da sede, isto a título provisório pois a casa está emprestada por período indeterminado.

Como a antiga farmácia é pequena para o exercício das várias comissões de trabalho e atendendo ainda a que a respectiva farmácia é de um particular, procuramos, mais uma vez, arranjar uma sede que nos desse certas garantias de duração, surgindo logo a ideia de arranjarmos a casa anexa à residência paroquial.

Necessitavamos, porém, da autorização do respectivo pároco, o qual, depois de informado sobre o que era o centro, logo prontamente nos

(Continua na 2.ª página)

QUEM SOU EU?

Ponto de partida para um processo educativo

Quem sou eu? Talvez poucas pessoas se tenham posto esta pergunta. Que significa, afinal, perguntar: quem sou eu?

Tudo tão simples e, ao mesmo tempo, demasiado complexo. Perguntemos à generalidade das pessoas: quem és tu? Pois, dirão, com certeza: eu sou João (ou Manuel), filho desta e daquela pessoa e tenho determinada ocupação. Pois, muito bem, é verdade. E mais nada?...

Perguntemo-nos a nós próprios: quem sou eu? Naturalmente sou António ou Joaquim, tenho como pais esta e aquela pessoa e exerço esta ou aqueloutra actividade. E mais nada? Sim, muito mais. Acima de tudo, sou homem (=ser humano) e, como tal, dotado de uma inteligência, de uma vontade, de todo um complexo activo-emotivo-racional que, aliado às características dos traços fisionómicos, me distinguem das restantes espécies animais. Além disso, estou integrado neste ou naquele agregado social, determinado pelas suas funções e feições específicas, que, por sua vez, se insere no mais amplo grupo social, a sociedade propriamente dita, a humanidade. Eu sou eu, mas, ao mesmo tempo tenho consciência de que os outros também são «eu». Isto é, estou ciente de que, como eu, eu mesmo, sou dotado de uma série de ca-

(Continua na 2.ª página)

DIRECTOR
Arquitecto Bessa e Meneses

Redacção e Administração:
Campo de S. José
BARCELOS

Assinaturas (40 n.os) 100$00

O 25 de Abril-74

QUINZENÁRIO

Órgão do Movimento Democrático de Barcelos

Ano I — N.º 1
28-X-1974

Comp. e Impresso na
Companhia Editora do Minho
BARCELOS

AVENÇA

AS PRIMEIRAS PALAVRAS

AO abrirmos esta trincheira, temos o dever de explicar as razões por que o fazemos. É que o jornal será feito por nós, homens livres, mas destina-se a todo o povo deste concelho.

Expliquemos, então:

Desde que a «Opinião» do «Neca» Marinho foi silenciada pelo fascismo, jamais houve nesta terra um periódico livre. A partir daí, as colunas da imprensa estiveram ao serviço do salazarismo e fechadas, absolutamente fechadas, às vozes dos homens livres, aos protestos dos pobres, dos trabalhadores e de todas as classes desprotegidas. O governo podia cometer as maiores arbitrariedades que a nossa imprensa não tentava sequer a habilidade de nas entrelinhas sugerir a sua discordância. A polícia podia «descascar» o pacífico cidadão, mas os nossos jornaizinhos ficavam mudos. Os tribunais podiam mandar para a cadeia uma desgraçada que tinha roubado um molho de faúlha, porém os nossos jornalistas de trazer por casa nem esboçavam um tímido protesto. Esses jornalecos só serviam para trazer os retratos dos amigos, os elogios dos ricaços, o incensar dos governantes e a apologia do fascismo.

Embora agora custe aos acusados confessá-lo, a imprensa regional esteve quase toda (na verdade alguma portou-se bem) ao serviço do fascismo nestes 48 anos de vergonha. As suas colunas eram de facto porta-vozes do Sni, da Legião Portuguesa, da U. N. e, mais tarde, da ANP, etc. Podem dizer-nos que essa imprensa não podia ser livre porque estava sujeita às pressões dum estado repressivo. A isso respondemos que, realmente, assim era; contudo, acrescentemos que ninguém era obrigado a repetir o que os governantes apregoavam, nem a bajular os maiorais do regime como todas as semanas a imprensa regional fazia. A sua submissão ao fascismo era total. Se os directores da imprensa regional quisessem, se não tivessem a alma vendida, ao mesmo tempo que publicavam os lugares-comuns remetidos pelo Sni, deixariam nas entrelinhas matéria de reflexão que levasse o leitor a detectar a mentira e a propaganda tendenciosa. Não queremos com isto dizer que essa imprensa tivesse de fazer política contra o governo, podia até ser independente. Mas o que é certo é que os que se diziam independentes faziam descaradamente política fascista. Diziam-se independentes, mas sem nenhuma espécie de vergonha aplaudiam a torto e a direito tudo o que tinha a chancela governamental. Diziam-se independentes (era a sua máscara) mas usavam e abusavam do prato forte de todos os bons comilões fascistas: o anticomunismo. (É evidente que estavam no seu direito se os seus ataques se baseassem em argumentos sérios, mas o que acontecia é que se serviam sempre dos slogans fascistas que já ninguém ouvia por estarem desacreditados e desmentidos por factos conhecidos de todo o mundo. Alguns ainda se serviam do mesmo palavreado cómico. daquele célebre padre Maurício que numa conferência por ele proferida no Teatro Gil Vicente, afirmou, entre outros disparates, que as mulheres russas davam de mamar aos porcos e que a fome na URSS era tanta que as pessoas se viam na necessidade de comer as cascas das árvores. Depois destas barbaridades propagandísticas, quem pode acreditar nessas baboseiras que por aí correm?).

Mas há mais. Para além de toda esta submissão ao fascismo, esses periódicos podiam, ao menos, contribuir para uma valorização dos seus leitores, despertando neles a avidez do conhecer e acicatando o seu espírito crítico. Em vez disso, injectaram-lhe toda a série de banalidades, para os adormecerem e liquidarem a sua lucidez.

Pois este nosso jornal pretende ser uma porta aberta a toda a gente, uma tribuna onde qualquer um se possa fazer escutar, uma trincheira para defesa dos fracos contra os fortes, e, dentro das nossas forças e possibilidades, informar e esclarecer, desfazer ideias feitas e lugares-comuns, e acima de tudo levar os nossos leitores a verem o lado escondido das coisas para, assim, estarem aptos a procederem a uma análise serena e consciente das ideias, das questões, dos problemas e dos factos. Além disso, todos os que aqui vão trabalhar, pretendem alcançar mais os seguintes objectivos: desmistificar as boas intenções dos que se dizem pesarosos com as desgraças do povo e apenas desejam que ele continue oprimido e explorado para melhor assegurarem os seus privilégios; apontar ao povo os melhores caminhos da sua defesa; e servir a terra denunciando as suas carências, apelando para que se corrijam os erros de que tem sido vítima e opondo-se às tropelias e aos desleixos que a relegaram para um plano inferior.

O projecto é ambicioso? É grandioso demais? Talvez, mas só assim se justifica o aparecimento deste «O 25 de Abril». De qualquer maneira, se os que alinham nestes princípios estiverem dispostos a colaborar connosco, sacrificando algum do seu tempo, o projecto tornar-se-á a realidade com que sonhamos.

As portas (as colunas) do jornal ficam desde já abertas a todos os homens de boa vontade.

A REDACÇÃO

UMA NOVA PÁGINA DA HISTÓRIA

O Presidente da República na ONU

Costa Gomes, verdadeiro Presidente da República dum Portugal livre e respeitado, foi recebido com todas as honras e, mais do que isso, com amizade sincera na sede das Naçõs Unidas. O discurso que ali proferiu foi deveras notável a todos os títulos e marca uma nova etapa da nossa História. Em vez de palavras de retórica o mundo ouviu o novo programa dum povo que de agora em diante não admitirá trocar a liberdade e consciência colectiva por sonhos grandiosos de imperialismo estéril.

Não há dúvida, os portugueses passaram a estar orgulhosamente acompanhados por todo o mundo.

Um Governador Civil Democrata

(ao fim de 48 anos)

Foi com enorme satisfação que assistimos em Braga à posse do Dr. José Sampaio como governador Civil deste distrito.

Homem de carácter, democrata consciente e ardoroso companheiro de luta desde os tempos do *Mud Juvenil* até aos do *Movimento Democrático*, o novo governador tem o apoio de todos aqueles que sempre lutaram contra o fascismo.

«O 25 de Abril», que nasce hoje para combater tudo o que for reaccionário, aqui está para colaborar com o novo Magistrado na democratização desta nossa terra.

AS ALDEIAS ESPERAM...

Por JOSÉ AUGUSTO

UMA das tristes realidades deste país é o abandono a que votaram as aldeias de Portugal. Claro que isto foi sistematicamente escondido e, mais, foi substituído por *cantigas* que fizeram esquecer essa triste realidade. Durante anos e anos, os *escritores* regionalistas e os *poetas* nefelibatas sempre apresentaram o meio rural como um paraíso invejado por toda a gente. Só que a visão deles pairava superficialmente nos campos floridos e não enxergava os homens. Esses escrevinhadores viam as belas cores da natureza mas não viam os problemas e as dores humanas.

Porém, se nós olharmos à nossa volta, se analisarmos, por exemplo, a vida do nosso concelho, verificamos logo à primeira vista uma profunda desigualdade entre a cidade e as aldeias. Em todos os aspectos.

Pode-se dizer que numa cidade como a nossa nada falta de essencial. Temos comboios para quase todo o país, camionetes de carreira num largo raio de acção, táxis a qualquer hora. À porta temos duas corporações de bombeiros, hospital e um número razoável de médicos a quem podemos recorrer a qualquer momento. Igualmente temos escolas primárias, técnicas e comerciais, e liceus até ao 7.º ano. Isto significa que um sujeito escusa de se preocupar antes do tempo com incêndios, hospitalizações, médicos, etc. e não precisa de ir fazendo contas para poder mais tarde mandar os filhos estudar para o Porto.

Mas já o mesmo não acontece com as populações das nossas abandonadas aldeias. Por esse mundo rural há todos os dias problemas de toda a espécie. Numas freguesias não há médicos, noutras não há escolas e poucas são as que possuem um telefone para solicitarem um socorro urgente. A maior parte delas não é servida de transportes públicos e muitos dos seus caminhos são próprios para cabras, são ainda do tempo de Nosso Senhor Jesus Cristo. Aí, muitas crianças têm de andar a pé durante uma hora para irem à escola primária; as outras maiores se quiserem vir para o Liceu ou para a Escola Comercial teriam de andar a pé horas e horas. E, ao abordar este assunto, já não falo das casas em que muitos vivem, sem água, sem luz, sem o mínimo de condições higiénicas, impróprias para gente que preza a sua condição humana. E já não quero aqui apontar a falta de manifestações culturais que possam concorrer para o enriquecimento das suas existências.

Esta é a triste realidade que se nos depara ao fim de 48 anos de fascismo, numa época em que o progresso desponta por toda a parte. Contudo, se o fascismo esqueceu o povo das aldeias, se o manteve numa situação injusta como se ele merecesse menos regalias que os citadinos, torna-se agora urgente que o regime nascido a 25 de Abril, logo que a *casa* esteja arrumada, decrete medidas concretas que solucionem os seus problemas mais prementes.

Nós, os que sempre estivemos ao lado do povo, de todos aqueles que são a força do trabalho e produzem a riqueza do país, queremos que se faça justiça aos desprotegidos do meio rural. Queremos que todas as aldeias tenham luz eléctrica, fontenários e postos públicos de telefone. Queremos para todos os habitantes do campo casas higiénicas, próprias de gente civilizada e não casebres imundos onde a promiscuidade e a insalubridade são um insulto à dignidade humana. Queremos que todo o aldeão, de qualquer lugarejo por mais distante que seja, tenha um médico a quem recorrer no momento exacto em que dele precisa. Queremos em todas as freguesias edifícios escolares com condições acolhedoras, onde as crianças não sofram o frio nem a chuva que lhe cai do telhado, como acontece em muitas escolas. E queremos que para escolas com duzentos alunos, haja os professores suficientes e não, como por vezes sucede, apenas quatro!

Mas queremos mais ainda e não exigimos demais:

Queremos que os produtos agrícolas sejam vendidos por preço mais justo para que os jornaleiros posam exigir um salário muito melhor. Queremos que o crédito agrícola, ao contrário do que acontecia no tempo do fascismo (um rega-bofe para os seus afilhados) que beneficiava somente alguns ricaços, seja dado a todos os pequenos lavradores que realmente dele necessitem. E queremos, para terminar, que se dê o verdadeiro merecimento aos homens das nossas aldeias, tratando-os como nossos iguais. Nesse sentido, aqui deixo um apelo a todos os homens livres, especialmente aos médicos, advogados e funcionários, aqueles que mais de perto lidam com o povo das aldeias para com o imprescindível tacto começarem a pôr à-vontade toda essa gente, habituando-a a sentir-se igual a todo o seu semelhante. Só assim praticaremos a democracia. E não é favor nenhum.

José Augusto

Ajudando a Politizar

Damos hoje breves noções sobre o conceito de alguns termos usados na política para que os nossos leitores menos politizados possam ter uma ideia acerca deles.

Burguês e pequeno-burguês

Conforme Nicholas Berdiaeff escreveu em «Da escravidão e da liberdade do homem» *o problema do burguês é, com efeito, o das relações entre SER e TER. Define-se o burguês, não pelo que ele É, mas pelo que TEM.*

Para Marx, o pequeno burguês *é o género do indivíduo que não é amigo nem inimigo, não quer ondas, é de espírito tacanho, hipócrita e satisfeito consigo próprio, julga-se realizado.*

Para Roland Barthes (ver *Mitologias*, fls. 292) *a pequena-burguesia não é liberal (ela produz o fascismo, enquanto a burguesia o utiliza); ela segue com atraso o itinerário burguês.*

Alienação

Alienação é o nome que Hegel dá à relação entre o positivo e o negativo. No negativo, o positivo já não se reconhece: está alienado.

Para Marx é a projecção da actividade própria do homem numa força a ele estranha, sob a forma de poder económico que escapa ao seu controle, mas é o resultado do seu trabalho.

Alienus significa: produzo para outro.

Infra-estrutura

Em Marx, a infra estrutura *são as forças produtivas, as ferramentas, as riquezas produzidas e os homens no trabalho.*

Idealismo

O idealismo, para Marx, é a concepção de ver o mundo de forma antidialéctica e antimaterialista.

(Continua no próximo número)



BARCELOS POPULAR



Redacção e Administração	Director e Proprietário	N.º 1 — ANO 1.º	Composto e Impresso
Rua D. Diogo Pinheiro — Barcelos	João Macedo Lourenço	11 de Novembro de 1976	Companhia Editora do Minho
		PREÇO AVULSO — 5$00	BARCELOS

EDITORIAL

É URGENTE FALAR VERDADE!

BARCELOS POPULAR aparece porque há um grupo de indivíduos interessados em pôr à consideração das pessoas opiniões e críticas sobre a vida de Barcelos e do País.

Neste sentido, lançaram mão ao trabalho que, nem por ser difícil, os desanimou, pois não poderiam deixar de dar o seu contributo à construção de uma nova sociedade democrática, onde a igualdade, a justiça e a dignidade do homem seja um facto real e não apenas um rol de frases e palavras inaplicáveis.

•

Vivemos numa região onde grande parte da população tem dificuldades em ir à escola, em ler jornais, em ver televisão, enfim em ser esclarecida e tomar posição dos direitos que tem, dos problemas que a afligem, e do mundo que a rodeia.

Vivemos numa região onde as carências primárias do indivíduo são por demais evidentes:

Ao nascer, quantas vezes a mãe tem falta de assistência médica!

Para ir à escola, quantas dificuldades, quantos caminhos tortuosos, lamacentos e impraticáveis é necessário calcorrear! Quando a deixa, quantas vezes tem que mendigar trabalho frequentemente recusado!

Quantos despedimentos o levam a ter que deixar a terra natal, emigrando para terras estranhas, onde, fora dos seus, se sujeita a sacrifícios para amealhar os tostões do seu suor!

Vivemos numa região onde, não raras vezes, se pretende ocultar às populações estas e outras realidades apontando-lhes falsos valores, recorrendo à mentira numa informação deturpadora da realidade dos factos e criada em proveito pessoal.

Terá isto de continuar?! Será isto uma fatalidade?!

A despeito de haver pessoas interessadas em querer convencer-nos que sim, é justo perguntar:

Porque será que tais pessoas nos tentam enganar com essas falsidades?

Será que têm medo de perder privilégios?

Será que têm medo que os outros vejam a sua verdadeira medida de indivíduos ambiciosos cujo único interesse é, praticando injustiças, viver à custa do suor dos outros?

Porque será que isto acontece?!

•

É por isto que é urgente falar verdade!

É urgente desmistificar preconceitos e fazer com que as pessoas pensem pela sua própria cabeça.

É urgente criar uma tribuna onde todos coloquem os seus problemas e os discutam, no sentido da sua resolução.

É urgente lançar um BARCELOS POPULAR que seja do povo e reflicta os seus anseios e angústias.

É urgente um BARCELOS POPULAR independente, livre de quaisquer pressões e que tenha como objectivo inabalável a justiça, a verdade e a defesa da população.

É urgente que o BARCELOS POPULAR sirva para todos nos unirmos na defesa dos autênticos valores dos homens e das terras de Barcelos.

A REDACÇÃO

A CIP E OUTRAS FORÇAS POLÍTICAS por detrás do caso «NILTEX»

As dificuldades que os trabalhadores da cooperativa NILTEX estão a enfrentar para que lhes seja dado aquilo que de direito lhes pertence são em grande parte causadas pelos apoios que o Cardoso, antigo patrão da DOCAR, tem tido por parte da CIP e outras forças políticas de direita que desta e doutras formas têm tentado apoderar-se do poder, não recusando, para isso, uma série de jogos sujos e golpes para impedir que as justas lutas dos trabalhadores sejam levadas a bom termo.

Estas informações foram-nos fornecidas por um membro da Direcção da Cooperativa NILTEX, com quem contactámos, e que historiou assim os acontecimentos.

— «O Cardoso montou a fábrica em 1967, recorrendo ao crédito que então lhe foi concedido. Contudo, a má administração, o desvio de capitais para comprar Mercedes e Jaguars, construir piscinas e plantar pomares, levou rapidamente a que abrisse falência, com 14 mil contos de débito. Entretanto arranjou uma segunda firma, a ARTEX de Araújo & Reis, Ld.ª, que ficou comprometida a pagar 50% com a promessa de compra e venda. Logo que esta nova firma pagasse tal verba, o Cardoso ficaria aliviado comercialmente, podendo negociar à vontade; os outros ficavam com a posse da fábrica. Convém dizer que a ARTEX ainda chegou a pagar 6 mil contos de dívida do Cardoso. Entretanto veio o 25 de Abril e criaram-se novas dificuldades. Por isso os sócios da ARTEX, pessoas com quem a gente se liga bem, foram saindo um a um, o que originou o perigo do desemprego Para que este não viesse, tivemos que procurar um meio de pôr um nome à firma, para que pudéssemos negociar. Assim apareceu a cooperativa NILTEX que foi devidamente legalizada e notarialmente reconhecida, tendo os seus estatutos sido publicados no Diário do Governo. Entretanto, e com o avanço da direita, o Cardoso pôs uma acção no tribunal contra Araújo & Reis, Ld.ª, tendo o Juiz da Comarca decidido entregar o prédio e parte da maquinaria que se encontrava nas instalações ao Cardoso. Acto contínuo, este, acompanhado de algumas dezenas de agentes da G.N.R., fez desocupar a fábrica ,lançando no desemprego os 81 trabalhadores da cooperativa.»

Consta que a fábrica, em determinado momento, era guardada por civis armados de caçadeira...

— «É verdade. E sabemos que pelo menos algumas armas nem estavam legalizadas, ao contrário do que nos disse o Sr. Tenente da Guarda. Além disso abusaram e, como sabem, chegaram a atirar contra uma criança, ferindo-a, que brincava na escola, ao lado».

Que lutas têm levado a cabo?

— «Além da manifestação que realizámos e da vigilância que temos feito junto da fábrica, temos tido contactos com o Ministério do Trabalho que nada tem feito para resolver a questão e com o Governo Civil que nos garantiu que a G.N.R. passaria a actuar de uma forma democrática .Mas isto não passou de promessa. Queria dizer, antes que me esqueça, que em todas estas lutas foi preciosa a ajuda do Sindicato Têxtil de Barcelos. Entretanto Araújo & Reis, Ld.ª requereu um processo no Tribunal contra o Cardoso para que ele pague o débito aos sócios. Desta forma, ele, ou terá que pagar, ou abrir falência. Já foi entregue o processo no Tribunal e passados 5 ou 6 dias vão ser conhecidos os resultados».

O Cardoso terá possibilidades de pagar tal verba?

— «Não sabemos; mas, como por detrás deste processo nós sabemos que está a CIP e outra forças, tudo é de admitir. Aliás é preciso que o povo saiba que há contínuos golpes que se fazem. Quem por força das circunstâncias é obrigado a meter-se nos processos, na defesa do seu pão, é que se dá conta de todas as manobras. O povo deve abrir os olhos e começar a ver toda a trama que determinadas forças políticas vão criando.»

A luta dos operários da NILTEX continua. É justo que lhe dêmos o nosso apoio.

Entrevista conduz. por J. Lourenço e A. Peres

SUMÁRIO

— NOTÍCIAS Pág. 2
— CENTRAIS NUCLEARES Pág. 3
— BANDA DE OLIVEIRA Pág. 4
— GREVE DOS TÊXTEIS Pág. 5
— DESPORTO E CULTURA Pág. 6

Jornalzinho

1º Ano da 2ª Fase da
ESCOLA DE CARAPEÇOS - BARCELOS

Nº 1
ANO LECTIVO 1977-78

Carapeços

Carapeços é uma aldeia do concelho de Barcelos.

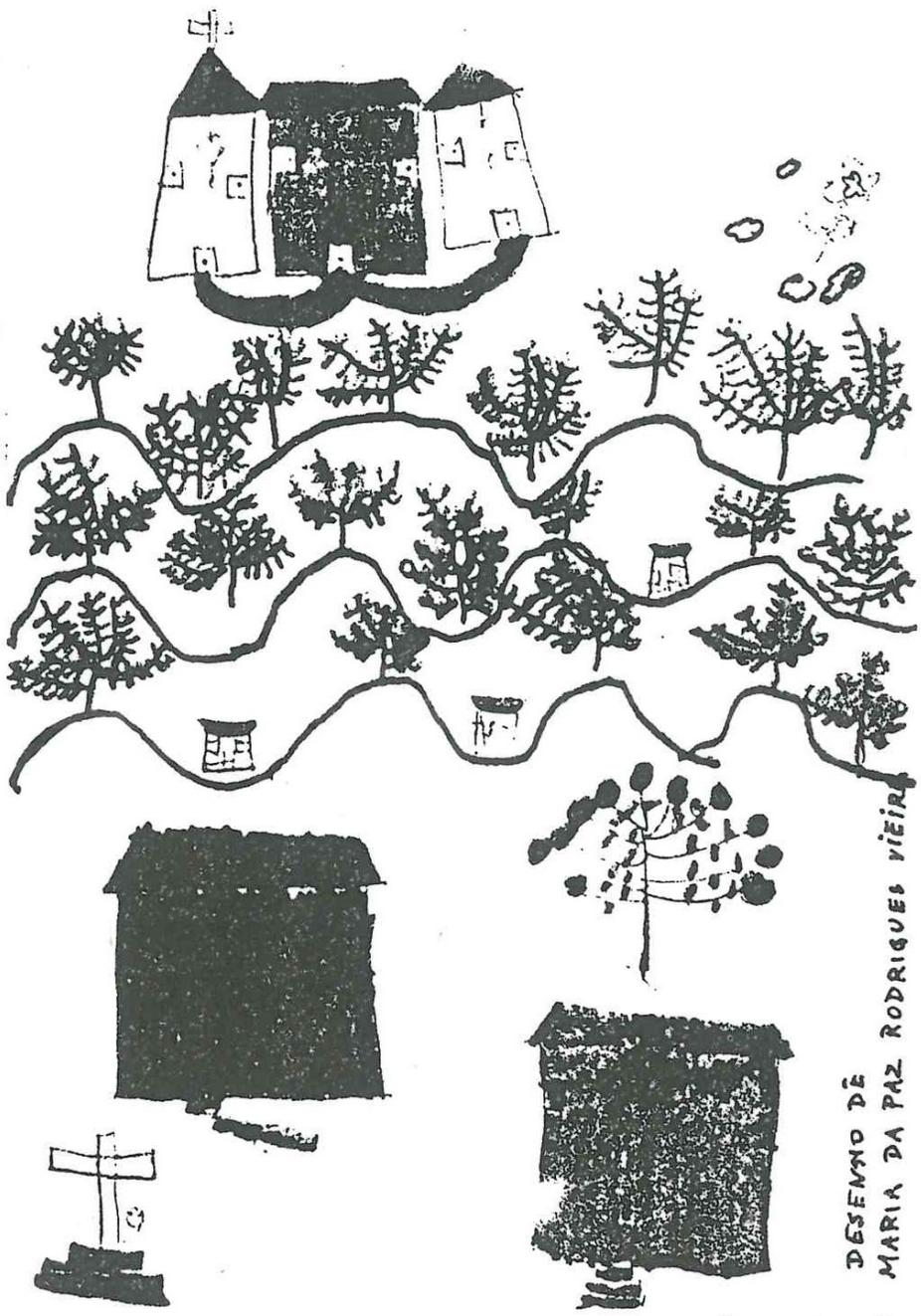
Esta aldeia tem uma estrada nacional, correio e caminho de ferro onde passam 27 comboios por dia.

Esta aldeia é muito, muito antiga, porque dantes viviam romanos na nossa terra

Carapeços é uma terra principalmente agrícola.

Tem vários grupos culturais e tem um grupo de escuteiros

CONTINUA NA PÁG. 2



DESENHO DE MARIA DA PAZ RODRIGUES VIEIRA

Boletim Informativo da Liga dos Agricultores de Barcelos — MENSAL — Ano I — N.º 3 — Abril de 1978



«VAMOS PRODUZIR MAIS E MELHOR»

A VOZ DO LAVRADOR

EDITORIAL

Há técnicos agrícolas que apostam na recuperação do corporativismo. Aparecem disfarçados de cooperativistas, é esta a táctica dos adeptos do corporativismo. Já deram as primeiras senhas.

Começam assim: um grupinho de rapazinhos, filhos deles e de amigos andam a tirar um cursozinho, tal e qual como nos anos setenta e pico. Um grupo de filhos de lavradores, amigos de confiança, foi a Lisboa tirar um curso de gestão e vieram munidos de um projecto de estatuto de corporativista, era um tipo de agricultura de grupo, onde se pretendia pôr os caseiros e pequenos lavradores a trabalhar para os absentistas, isto é, as pessoas que têm terras e não as querem trabalhar.

Por outro lado, já dão passeios com lavradores em excursão por essas ditas corporações de grupo, como nos contou o lavrador P. Gomes: «mais valia estar em casa, do que para ir ver o que vi!» Diz ele que as corporativas que viu, eram duns doutores que tiraram as terras a caseiros, onde alguns passaram a criados, e tinham o gado todo arrepiado e fraco, uns silos cheios de água tudo sem interesse nenhum. Foi este sistema que fracassou nos anos anteriores ao Vinte e Cinco de Abril, e eles teimam agora em recuperá-lo para novo fracasso, para a lavoura.

A atenção deles está à vista, como o absentista não percebe de lavoura e o caseiro está mal informado, portanto ambos se prestam ao objectivo pretendido, que é um «tacho» além de um ordenado pago pelo estado (para o técnico). A exploração é aguentada algum tempo, com injecções de dinheiro vindo do estado, vindo a cair mais tarde por desinteresse.

(Continua na pág. 2)

Queremos uma união de lavradores

São centenas de milhar, de explorações agrícolas familiares (casas de lavoura) que cobrem Barcelos e todo o território Português, sobretudo no norte. A maioria destas explorações são pouco dimensionadas mesmo muito pequeninas mas o tamanho não é o que está em causa, como certos técnicos nos pretendem fazer crer.

Sabemos muito bem, que em mil, ou dois mil metros quadrados de terra, se pode instalar uma empresa familiar produtiva,

(Continua página na 2)

Como devia ser a Cooperativa Agrícola de Barcelos (C.A.B.)

Desde a comissão liquidatária, aliás a comissão liquidatária numa reunião de direcção sobre proposta de Loureiro, discutiu-se a compra de um camião para entrega dos adubos aos Lavradores, ela foi logo derrotada por um técnico presente e outros, pouco interessados em servir a lavoura, mas tinha apoio de alguns membros da Comissão liquidatária, só não se concretizou por a mesma comissão liquidatária, não ser homogénea. Passado algum tempo quem era contra, já era a favor.

É neste contexto que a Liga requer uma reunião de trabalho com a direcção da CAB (ex-grémio) feita a reunião entre outros assuntos aparece na ordem de trabalhos o camião que é o

(Continua na pág. 3)

É pequena e rendável

Joaquim da Silva Ferreira começou a fazer terras em 1957. Tiraram-nas «e até foi bom senão estava no cemitério»,—diz-nos o primeiro agricultor a explorar vacas de leite em Chorente. Deixou as terras e comprou umas terras pequenas com uma residência, como não tinha dinheiro teve de emigrar para conseguir pagar a dívida, e comprar mais um campinho encravado na sua propriedade, sem a mínima ajuda Estatal, conseguiu fazer uma instalação de rega com aspersão, restaurar a vinha e construir instalações de secagem de cereais, e requisitar uma cegadeira de forragens.

Com isto tudo, e duas vacas de leite em condições, trabalha dois hectares de terra, ele nos

(continua na página 2)

Já vai em 1.500 toneladas...

A Junta Nacional das Frutas recebeu 140 toneladas de batata de consumo disse que vinha breve receber o restante e nunca mais apareceu. No entanto as inscrições aumentam de dia para dia, já são neste momento à volta de duas mil toneladas. Estamos à espera, ou que homens são vocês?

O DIRECTOR REGION. DE ENTRE DOURO-E-MINHO

É o Engenheiro Pinho com sede em Braga, tem três subregiões, uma em Barcelos-litoral. Sub-director é o Engenheiro Trigueiros. No Interior Norte (sub-director) Eng.º Almeida. Outra Em Paços de Ferreira (sub-região Interior Sul). Eng.º Ramiro do Rosário.

Quanto a nós o que mais nos interessa e quem manda aqui em Barcelos é o Eng.º Trigueiros.



Pipocas

Jornal Escolar de Alvito S. Pedro - Barcelos

II º Trimestre - saído em 4-4-79

V I V A A P R I M A V E R A

A Primavera é tão linda!
As flores são tão bonitas!
E há tanta alegria!...

Lá vem a Primavera,
Os passarinhos vêm também.
Eles vêm cantar,
Melhor que ninguém.

A Primavera vêm aí
Dar-nos flores e por as árvores bonitas.
Traz-nos também as andorinhas e outras avezitas.

Vem aí a Primavera para
Os passarinhos fazerem os ninhos.
Depois vão lá os meninos para
Tirarem os ovinhos.

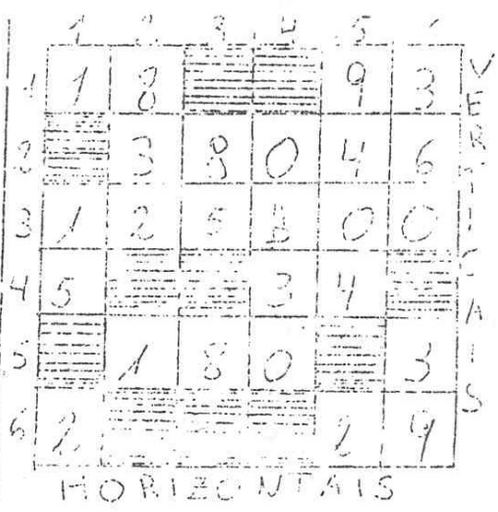
BENDITA A PRIMAVERA
Que dá calor a todos nós.
Dá alegria aos meninos
Aos pais e aos avós.

2ª fase - 2º ano.

S U M Á R I O:

Página:

Poesia: VIVA A PRIMAVERA.....1
Quem sou eu?.....2
Eu sou uma árvore.....2
Os dez anõezinhos da Tia Verde-Água.2
Diálogo entre uma borboleta e um cavalo....3
Entrevista a um comerciante.....3
Para distraír... Adivinhas.....3
Para entreter.....4
Anedota.....4



Para entreter- Soluções

AR LIVRE
boletim do C.C.C.B.

DIRECTOR:
Feliciano Lopes Gomes

Nº 3

ABRIL / 78

ADMINISTRAÇÃO: Av. da Liberdade, 7 -1º -BARCELOS

EDITORIAL

Continuamos a informar periódicamente os sócios do nosso Clube, através dum boletim, meio de comunicação que nos parece o mais apropriado a uma colectividade.

Embora com dificuldades financeiras tentamos neste número uma melhoria gráfica e ir além do informativo.

Lamentamos o alheamento de muitos, negando a sua cultura, num egoísmo condenável em sociedade, esperançados que o futuro será bem diferente.

Aproveitamos a qualidade demonstrada nas artes e nas letras pelos filhos dos associados e ensaiamos uma "secção infantil" publicando desenhos e textos, fruto da sua imaginação e poder criativo, com comentários do seu amigo mais velho.

Esta secção não tem apenas como fim o estímulo aos pequenos jovens, é um prazer para os mais crescidos.

Somos pelo interesse e esforço colectivo da associação em todas as actividades.

Gratos aos colaboradores, persistimos que as próximas páginas são de todos para todos.

F. L. G.

AVENÇA

A Guarita

ORGÃO DA BIBLIOTECA, POPULAR DE VILA COVA — BARCELOS

DIRECTOR:
Celestino Dias da Costa

CHEFE DE REDACÇÃO:
Albino do Vale Nogueira

Composto e impresso na
Gráfica Casa dos Rapazes — Viana do Castelo

ANO I N.º 1 - JANEIRO - 1978 - (MENSAL)

EDITORIAL

Acaba de vir à luz o primeiro número do primeiro jornal que se publica em Vila Cova. Vários imperativos contribuiram para nos animar na sua elaboração, particularmente a necessidade de esclarecimento e informação consequente da transformação social que operou na nossa população.

Queremos, desde já, expor a razão do nome «A Guarita» que se explica pelo facto de entendermos que o título desta publicação, além de sugestivo, deveria estar ligado a Vila Cova e às freguesias circunvizinhas, nesta perspectiva nada melhor que «A Guarita». Como todos sabem, é o nome popular do monte de S. Mamede que se ergue entre as freguesias de Vila Cova, Creixomil, Vilar do Monte e Feitos.

Com a publicação deste jornal, a Biblioteca Popular de Vila Cova e a equipe que o trabalha, pretendem responder ao desejo manifestado pelos Vilacondenses ausentes e contribuir para a promoção social e cultural das populações onde se im-

(Continua na 4.ª pág.)

Natal símbolo de amor?

«Aproveito esta mensagem de Natal para mais uma vez clamar bem alto: HAJA PAZ E CONCÓRDIA ENTRE OS HOMENS».

No alto da velha torre, soaram as doze badaladas da meia noite; anunciaram o início de um novo dia celebrado em todo o universo e, com ele, o nascimento de Jesus.

O Redentor havia nascido para a salvação do género humano.

Ali, em Belém, sobre umas humildes palhinhas, Ele dá excelente exemplo de humildade aos soberbor. Muitos continuam a dormir despreocupadamente, sem algo que os faça permanecer de pé, no entanto, milhares dos seus semelhantes, feitos de carne e osso como eles, não podem repousar.

Como é pérfida esta sociedade em que vivemos, cheia de egoísmo e indiferença. Isto no século da bomba atómica! Onde está a civilização que se anuncia? Ao menos uma vez no ano é necessário termos piedade dos nossos irmãos, filhos dum único e mesmo Deus.

Se os habitantes deste planeta olhassem em redor e vissem quanta miséria reina à sua volta, talvez dispensassem algo mais para com o próximo.

Caridade é amor e compreensão e nunca uma esmola que se dá com soberba. Lamentar os seus irmãos em Cristo não é o suficiente! Isso é egoísmo. Há que ter-se em conta que ninguém tem o direito de ser feliz sózinho. Porque não fazemos justiça, se ela é o primeiro sinal de amor, e a mesma o fruto de paz?

No respeito pelo próximo encontramos a segunda razão da felicidade dos homens e uma mensagem de Cristo, portanto, construamos nós a nossa felicidade, se o conseguirmos, seremos a imagem da sociedade ideal. Quando alguém te bater à porta a pedir ajuda—claro que ajudará é antes de mais compreender —não lhe perguntas quais as suas opiniões nem a sua religião, mas sim, o que o faz sofrer.

****** O Direito de nascer ******

Sou um jornal eis-me nascido. Estou, portanto no uso e a gozar do primeiro dia da minha existência. E até já falo como gente grande, oxalá que todos me compreendam... Não sei se nasci contra a vontade de muitos, mas sei e isso com plena certeza, que nasci graças ao esforço de alguns. Honra seja prestada aos meus «progenitores» que jamais esquecerei, prometo. Mas se não nasci contra a vontade de ninguém, talvez que muitos pretendam fazer-me o funeral... E isto, só por que não lhes servirei de suporte para se lançarem em acérrimas polémicas, tão destrutivas como deturpantes e que marcam sempre o quilate de quem as profere e alimenta. Como disse um grande escritor brasileiro: polémica... com os mortos não se deve alimentar, e com os vivos não vale a pena.

Por mim, acabado de vir à luz do dia, não as consentirei, e se alguém se quiser aventurar assumirá as responsabilidades que lhe couberem. Vim à luz por outra missão; informar, reclamar, tentar corrigir erros involuntários — porque ninguém consegue corrigir os voluntários — será esta a minha missão no mundo vilacondense a que me reportarei, não deixando, todavia, de ir bater à porta dos meus queridos e estimados emigrantes, aonde quer que se encontrem, se aí desejarem a minha presença... Hi-de sempre dar conta do que se passa dentro das nossas portas, custe o que custar e doa quem doer. Não nasci para bajular quem quer que seja! Mas se houver quem se queira aproveitar de mim em serviço de todos, pois que o faça. Que venha e que não peça, mas que exija. Tudo quanto me mandar direi. Todo aquele que procurar justiça, encontrá-la-á em mim.

Mas aqueles que me ousarem com fins depreciativos, corrê-los-ei à martelada. Os que vierem cegos, regressarão cegos e mancos; mancos e torcidos; torcidos e quebrados. Todos hão-de conhecer a força do meu carácter e o carácter da minha força.

E adeus, caros vilacondenses... No próximo mês voltarei. Até lá, chau!...

POR — TENDEIRO

nº zero
liceu de barcelos
fevereiro - 1979
2$00

???

EDITORIAL

Para a equipa que tornou possível o jornal que tens entre mãos, a escola não é apenas o lugar onde, melhor ou pior, se vão aprendendo/ensinando aqueles conhecimentos que vêm nos livros e que é preciso saber para passar de ano.

Para nós a escola é um lugar onde se trocam experiências, para onde deves trazer algo de novo, onde a imaginação tem que fazer parte do horário.

E, porque acreditamos que isso é possível, aqui estamos.

Este número zero do jornal da escola é o produto do trabalho de alguns; será o reflexo do pulsar da vida desta escola quando tu, que tens tanto para dizer, te decidires a colaborar.

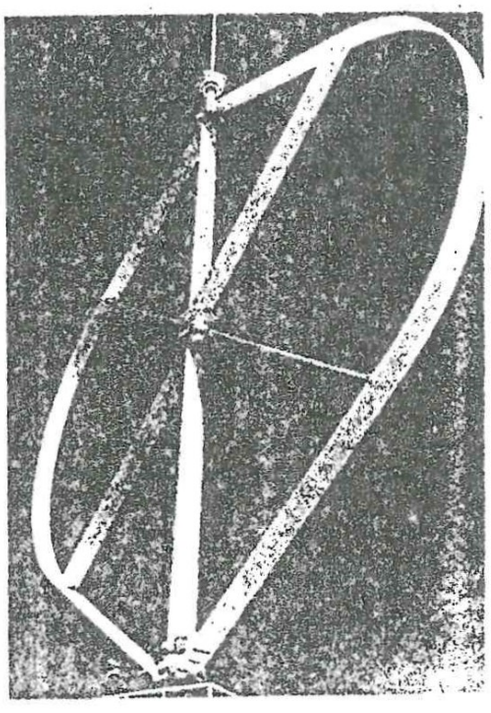
Foi a pensar na tua colaboração que decidimos não dar nome ao jornal - o nome que damos às coisas ou às pessoas reflecte sempre aquilo que esperamos delas. O que gostavas que o jornal fosse? Como gostavas que se chamasse? Dá-nos a tua sugestão anónima, para que o número UM já não seja um ponto de interrogação. A tua colaboração pode começar por aí, mas nós ficamos à espera dos teus trabalhos e sugestões.

Para já o jornal terá dois capítulos fixos: um que se intitulará "CONHECER" e outro "ESTANDARTE POÉTICO". O primeiro servirá para a divulgação dos escritores e poetas portugueses e o segundo que divulgará a poesia feita pelos membros desta comunidade escolar - e que só existirá se contar com a colaboração de todos.

Os teus trabalhos ou sugestões podem ser entregues aos indivíduos acima indicados.

Não queremos um jornal de alguns para todos, mas de todos para todos.

Colhendo o vento



Que pensaria Dom Quixote deste estranho moinho de vento da altura de um edifício de sete andares e rotores de 17 metros de diâmetro? Moinho que não mói trigo ou qualquer outro grão mas que produz electricidade aproveitando uma fonte de energia que o homem conhece desde a Antiguidade. Esta pequena central eólica, instalada no Novo México (Estados Unidos), pode produzir 60Kw de electricidade com ventos de 45Km por hora.

(Correio da UNESCO-Agos.78)

-Dom Quixote é a personagem central do romance espanhol do mesmo nome da autoria de Miguel Cervantes (séc.XVII). Neste romance que ridiculariza os romances de cavalaria, um dos episódios mais célebres relata o combate do cavaleiro contra os moinhos de vento (julgando tratar-se de gigantes).

boletim informativo
do

GRUPO RECREATIVO E CULTURAL DE ALVITO

S. PEDRO — ALVITO
1499 P.P.-b/1

* mensal *

distribuição gratuita

O DESPERTADOR



NUMERO 1 ANO I 17 de FEVEREIRO de 1979

N O T A D E A B E R T U R A

Este é o nosso despertar, ou seja, é o iniciar de um número se possível sem fim de vezes que viremos a público mensalmente .

Ele tem por finalidade, valorizar culturalmente o nosso meio e o nosso povo, procurando focar e analizar os problemas locais, em busca de possíveis soluções: criticando, construtivamente tudo o que nos parece mau, inútil ou menos válido.

Procuraremos divulgar as actividades de animação sócio-cultural, em que este Grupo se empenha .

Quanto à redacção, procuraremos na medida do possível escrever em linguagem acessível a todas as pessoas. Os artigos serão da responsabilidade do escritor.

A ti, leitor, compete-te um encargo de colaboração. Lê, critica e divulga o que vier escrito. A tua crítica sincera será o melhor dos teus elogios que poderemos receber. Através dela teremos a certeza de sermos bem aceites .

Agradecemos a colaboração prestada através dos diversos artigos .

J. Silva

xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx

NESTE NUMERO PODE LER :

Página

- A Libertação da mulher ---------- 2
- Culinária ---------- 2
- A nossa história ---------- 3
- Sorteio da Junta ---------- 3
- Agricultura ---------- 4
- Criança ---------- 4
- Sabia que ... ---------- 5
- Aviso do Posto de Saúde ---------- 5
- Alvito S.Pedro tem novo Pároco ---------- 6
- Dia mundial da Criança ---------- 7
- Meios de transporte; Sorteio a favor do Grupo; Carências da nossa freg.a-8
- O que se fez em Alvito S.Martinho; Movimento de agricultores ---------- 8

A M i G O S

Abril 1979 (1)

SALA Nº 4 / 10º LUGAR / 2ª FASE / ESCOLA Nº 2 / TAMEL S. VERÍSSIMO / BARCELOS

A NOSSA FREGUESIA

BIBLIOTECA

A nossa freguesia chama-se Tamel (S. Veríssimo), pertence ao concelho de Barcelos e ao distrito de Braga. Portanto, somos minhotos.

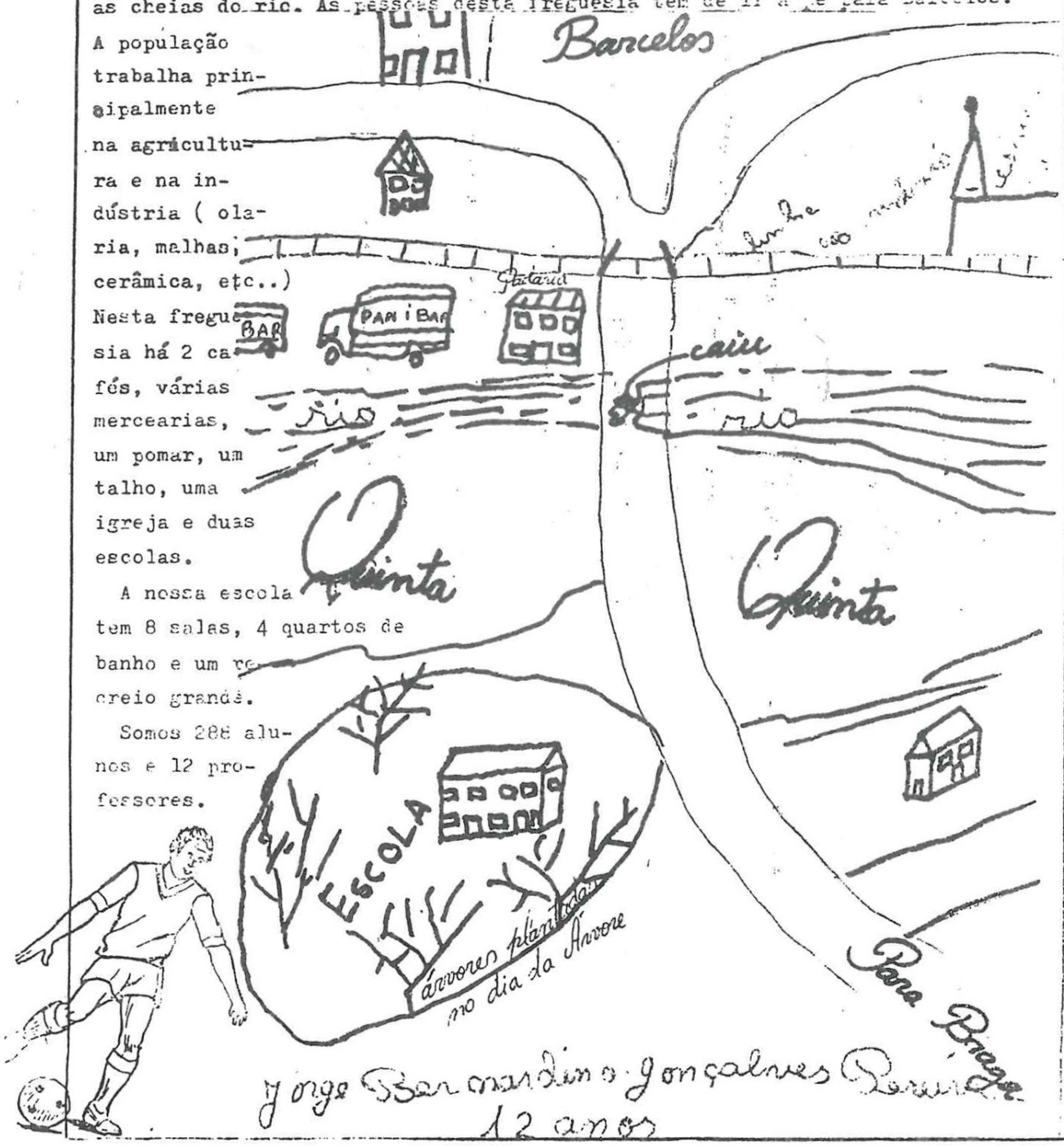
Na nossa freguesia passam dois rios: rio Homem e rio Cávado.

Na nossa freguesia passa uma estrada que liga Barcelos a Braga por Prado. Perto de Barcelos há uma ponte sobre o rio Homem. Esta ponte caiu com as cheias do rio. As pessoas desta freguesia têm de ir a pé para Barcelos.

A população trabalha principalmente na agricultura e na indústria (olaria, malhas, cerâmica, etc..) Nesta freguesia há 2 cafés, várias mercearias, um pomar, um talho, uma igreja e duas escolas.

A nossa escola tem 8 salas, 4 quartos de banho e um recreio grande.

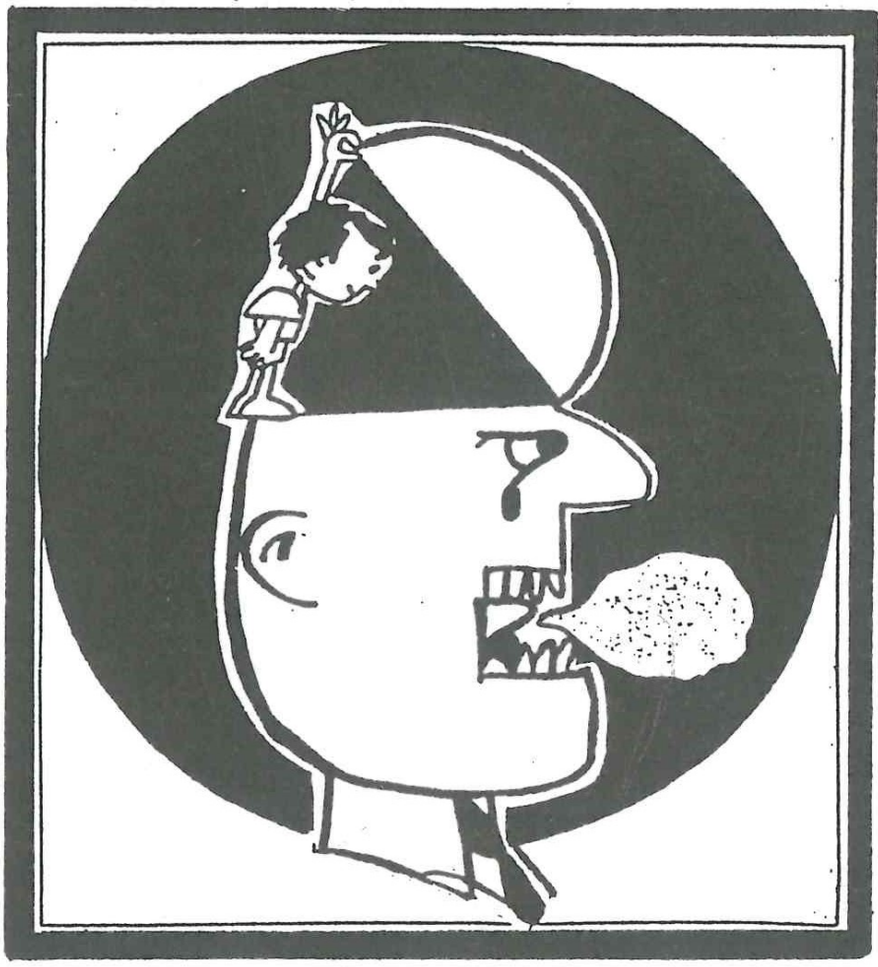
Somos 288 alunos e 12 professores.



Jorge Barnardino Gonçalves Pereira
12 anos

ABRE-TE CACO

MAIO
ANO II



JORNAL DO PAVILHÃO DE S.JOSÉ - DA CASA DE SAÚDE DE S.JOÃO DE DEUS - B A R C E L O S

C. M. B. Biblioteca

DIVERSÃO

Director:	JORNAL	5$00	OUTUBRO-81	ANO-I
António José da Silva Figueiredo	ESCOLAR		EDIÇÃO Nº 4	

EDITORIAL

Mais um ano léctivo na vossa companhia, mais exactamente o segundo.

Promessas não se fazem ainda mas podemos afirmar que ele vai melhorar de número para número.

Em relação aos números anteriores, onde se verificava uma certa inexperiência da nossa parte, este contém grandes inovações. Resultante de uma criteriosa selecção de temas e ideias, acompanhada por uma introdução de novos tópicos. Esta edição representa um passo em frente, já que as inovações tornam o jornal mais "nosso". Não pretendemos dizer que o trabalho esteja perfeito, mas atendendo às limitações que o período de aulas nos impõe em matéria de tempo livre e à dificuldade de reunião das condições de trabalho necessárias (salas, máquinas, etc...), podemos considerar que realizamos um trabalho razoável.

A REDACÇÃO

SUMÁRIO

Pág: 1- Editorial e sumário

Pág: 2- Musical "Diversão"

Pág: 3- Passatempos

Pág: 4- Piadas e teste cultural

Pág: 5- Canção. Desporto.

Pág: 6- "Drama no Oeste", a nova cpmedia dos ESTÚDIOS "DIVERSÃO".

Pág: 7- " RUFINO" E " LAR DOCE LAR " A BANDA DESENHADA, EXCLUSIVA DO NOSSO JORNAL.

Pág: 8- Soluções dos vários problemas.

----------////----------

LE

E

DIVULGA O

JORNAL " DIVERSÃO "

FICHA TÉCNICA:

TÓ-ZÉ - 17 anos/11ºANO

RUI FERREIRA _ 17 anos/10ºANO

DANIEL ANTÓNIO - 17 anos/11ºANO

EMÍLIO FIGUEIREDO - 16 anos/10ºANO





O nosso jornal

Silva

O caracol

(2°) 6/80

BIBLIOTECA

A.P.A.C.I informativo

BARCELOS ANO I Nº 1 Março 1980

CARO ASSOCIADO

Este boletim não pretende iniciar a periodicidade da sua emissão.

Após a formação desta Associação procuramos trabalhar no vastíssimo campo de actividades em que esta se insere.

Chegou a oportunidade de vos dar a conhecer, em traços gerais, algo do que realizamos, sensibilizar-vos a continuar a alargar o âmbito da vossa colaboração, prestar-vos conta da nossa situação económica-financeira e dar-vos a conhecer o que pensamos realizar durante o ano de 1980.

Quando pudermos, dar-vos-emos mais notícias sobre a nossa Associação.

******

Artº 4º dos nossos estatutos

1. Tem a Associação como objecto a promoção intelectual, moral e social das crianças inadaptadas, com vista à sua perfeita adequação ao meio e à sua integração na sociedade, como elementos válidos da mesma a quem deva e possa dar-se idêntico tratamento e igualdade de oportunidades:

AO SÓCIO Nº 1

Este número tão abstracto, é o número tão concreto do sócio que tão de perto e com uma alma tão grande viveu, sentiu e lutou pelas crianças inadaptadas.

O homem sonha a obra nasce e assim o Dr. Aníbal Araújo formou a APACI.

Quem o conheceu sabe o que ele era capaz de dar de si para satisfação dos objectivos da APACI.

Quem o conheceu sabe o que ele era capaz de dar de si para satisfação dos objectivos da APACI.

Honremos a sua memória continuando a sua obra.

Só concretizando cada um dos objectivos da APACI temos a alegria de o recordar.

******

2. APACI declara-se totalmente independente de qualquer ideologia política ou religiosa, pelo que a sua actividade será desenvolvida sem qualquer subordinação ideológica ou confissional, bem como não haverá qualquer descriminação seja porque motivo for.

ANO I Nº 1

"CÁBULA"

MAIO 1980

BOLETIM INFORMATIVO da Associação de Estudantes da Escola Secundária de Arcozelo-Barcelos

2$50

Asso... Escola S... Arcozelo

4750 BARCELOS

EDITORIAL

COLEGAS, o exemplo do que vem acontecendo noutras escolas do país, apresentamos também nós o "jornal" que tardava, aos alunos desta escola.

Não pretendemos que este seja um meio de influência por parte da Associação, mas sim um elo de ligação entre todos nós (alunos), pelo que desde já pedimos desculpas por qualquer falha da nossa parte e agradecemos que nos sejam feitas críticas construtivas bem como a vossa colaboração.

Cientes da vossa compreensão, até uma próxima oportunidade.

A Direcção
da Associação de Estudantes

GRALHAS

Todos os que estudam na escola Secundária de Arcozelo-Barcelos, tem a sorte de serem alunos de uma escola moderna, bem estruturada e com boas condições de ensino.

Porém nada é verdadeiramente estático, tudo sofre evolução, porque tudo evolui à sua volta. A questão é saber se essa evolução vai ao ritmo adequado, pois não deve ir nem muito depressa nem muito devagar.

Com a escola o caso é o mesmo. Para que tudo continue bem e melhore até, é necessário que exista evolução e sejam feitos todos os possíveis para que haja um continuo auto aperfeiçoamento. Para que vivam, as coisas têm que se aperfeiçoar de maneira que possam ter orgulho de si.

Vários pequenos problemas juntos, dão um grande problema e há pequenos problemas na escola, desde a posição do local onde se vai buscar as fichas para o bar, que está "estratégicamente" colocado de modo a engarrafar o trânsito para o polivalente, até ao facto da papelaria, do bar e da biblioteca não funcionarem ao ritmo do tempo de aulas (às oito e meia nenhuma destas coisas está aberta).

Agora foi eleita uma nova Associação de Estudantes. Variou a Associação, variou a ideologia e, sobretudo variaram as pessoas. É a essas pessoas que cabe verificar se a escola progride e ajudá-la a evoluir, porque sem evolução há paragem, envelhecimento e decadência.

António Coutinho

ESCOLA: QUE SIGNIFICADO?

Local de muitos metros quadrados, onde para alguns significa o edificar de uma profissão digna e, que num futuro próximo será a base fundamental da sua existência. Para outros, infelizmente, significa um local de diversões, um recinto vedado onde se podem realizar todas as "infantilidades", não olhando a consequências mas sim acausas, praticando-se actos de falsidade para com os próprios colegas, não se importando com os outros mas consigo mesmo.

Pensa bem, porque dentro em pouco uma nova geração bate-nos à porta, sem termos sequer tentado resolver este grave problema.

Pensa, medita e tenta resolver.

Luis M. F. Ferreira

O CAMINHO

Sede provisória: Perelhal — Barcelos

Ano de 1980

N.º 1

JULHO-AGOSTO

(ORGÃO DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA, FILOSÓFICA E ARTÍSTICA)

Director — **Maria da Conceição Nobre**

Administração e orientação gráfica e artística — **Adelino Mesquita**

Todos os artigos assinados são da responsabilidade dos autores.

Autoriza-se a transcrição de qualquer artigo desde que citada a origem.

Comp. e impressão: Oficinas gráficas da Companhia Editora do Minho — Barcelos

comparticipação dos sócios na assinatura:
ANUAL = 240$00

O Eco de Lijó

DIRECTOR: António Duarte Senra
COADJUTOR: José Gomes Barbosa
PROPRIEDADE, REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E IMPRESSÃO:
Associação Cultural, Desportiva e Recreativa de Lijó

BARCELOS
PORTE
PAGO

MENSAL/ANO 4º/Nº.39/JANEIRO/1984 - PERIÓDICO CULTURAL PATROCINADO PELO F.A.O.J.-BRAGA

EDITORIAL

POR AMOR...

Dia cinzento. No carro, seguia estrada fora. Da berma direita surge um vulto femenino. Automatizado pelo exercício, o travão grita e eu grito também: "Ah, infeliz, que nos desgraças!...

-Porque paraste? Bom seria que me não deixasses viver. Assim, vais, dar boleia e levar-me para a cidade. Estou só, não tenho armas nem dinheiro, tenho fome e desespero, não suporto viver...

Na confusão do impacto uma faísca me fere o pensamento, e íntimo: "senta -ordeno- retesa o cinto, cruza as mãos! "Não se destrói assim uma vida, um corpo, que tanto tem ainda para dar e pode ser a alegria, a felicidade duma solidão. A felicidade é construída. Quem nasceu tem o seu lugar no Mundo e o espaço ainda é suficiente."

Dois ou três quilómetros eram rolados. Aquela palavra FOME queima-me os miolos e já não sei articular mais nada. Recordo que na minha provisão para a viagem havia pão composto, fruta e café. Aviso que vou parar. "Não suporto gente com FOME". Toma esta pasta, serve-te, enquanto eu passeio para sossegar". A cidade está perto e preciso ter calma. Deambulo sereno, vigio discreto, aproximo-me, retomo a marcha. Já no arrabalde, aviso de novo que vou parar, que preciso conhecer a história. "Exijo uma explicação: a vida é luta constante. A timidez vegeta, não vive. "Quero ajudar, mas exijo esclarecimento."

Espero que abrande a imoção, que aos poucos se transforma em soluçar, e dar lugar a uma selecção consciente. Insisto: "uma confissão faz bem, alivia, O diálogo tonifica os espíritos, pois a fala é o maior dom do ser humano: vamos utilizar este maravilhoso meio de comunicação! Vá, principia!...

- Desde criança -começa- acreditei que poderia ser uma das descendentes de Eva que pudesse ajudar e dar alegria a um ente humano que me escolhesse para sua companheira; já mais crescida insinuaram que a mãe Eva, por sedução do espírito soberbo, fora depois a causa de todos os sofrimentos da humanidade. Durante anos procurei uma explicação, uma defesa; perguntava a mim mesma porque era que aqueles que nos desejavam eram os mesmos que logo nos acusavam, nos tiravam a liberdade, nos isolavam da vida entre as paredes dos conventos para não se envergonharem dos nossos actos, da nossa liberdade: nunca encontrei argumento convincente para a minha preocupação, e cheguei mesmo a convencer-me de que o homem goza quando nos humilha, que somos objecto do seu próprio egoísmo. Mas o tempo não parou. Ali perto construiu-se uma pequena fábrica, que me deu emprego. Patrões e operários nos entendiamos e não foi difícil conceber uma filha, que é o que mais amo na minha vida, mas que por amor não desejava que tivesse nascido; que no seu caminho antevejo o mesmo destino que me coube: mais a amo e mais desejava que não nascesse à medida que despontam as minhas desilusões. Sem dúvida que quando chegar a compreender a mentira deste mundo miserável, a hipocrisia dos arvorados, quando, como eu, ficar desiludida, não me pode perdoar a minha loucura; e vai compreender, como eu, que no mundo há filhas de Eva a mais, que os tiranos nos seduzem pelo interesse da novidade para logo nos substituirem como inúteis, despresáveis. Na minha casa não temos dinheiro e os alimentos escasseiam e o que de todos os lados nos oferecem é "ter paciência"... Agora compreendo que se não tivesse nascido não seria a causa de novos sofrimentos. Os homens desconhecem a nossa infelicidade conformada; os tiranos arrogados em intérpretes do invisível, por interesses inconfessados, descem à baixeza de se intrometerem com o que em nós é mais importante -a nossa liberdade:- Esses senhores do poder torturam-nos o espírito, limitam-nos a existência, pretendem-nos eternamente escravas para as decisões do seu egoismo. Agora compreendo porque é que Maria Lamas escutou "AS MULHERES DO MEU PAÍS" e as encontrou resignadas numa expressão sem viço, numa vida fracassada, estéril, num desencanto latente, que marcava o destino comum de todas as mulheres.

...cont. na 4ª pág....

O Estudante

BOLETIM INTERNO DA ESCOLA SECUNDÁRIA DE ARCOZELO
Nº 0 ANO LECTIVO 1980/81 PREÇO $$00

E D I T O R I A L

À semelhança dos grandes orgãos de Comunicação Social em que a concorrência entre os vários titulos é salutar, uma vez que possibilita o confronto de opiniões e ideias, também nós pretendemos abrir mais umas colunas, para as colocarmos à disposição de todos os alunos da nossa Escola.

Ao tomarmos esta iniciativa, não pretendemos afrontar seja quem for, mas tão só permitir que numa Escola. Escola que pretendemos livre e plural, todos nós possamos, com correcção e espirito construtivo dar um contributo sério, para o melhor funcionamento da casa que é de todos nós.

Os alunos nocturnos, que de forma alguma poderão ser esquecidos ou marginalizados, terão neste nosso Boletim, um lugar de relevo, para igualmente fazer ouvir a sua voz.

E é neste espirito de abertura, em que o sectarismo e a partidarite não terão nunca lugar, que "O ESTUDANTE" dá inicio à sua publicação, que nos esforçaremos por melhorar dia a dia, e que estamos certos, será bem acolhidos por todos - Conselho Directivo, alunos, professores, funcionários - até porque também deles esperamos o seu contributo a par das suas criticas e sugestões, que serão sempre bem vindas se feitas com honestidade e isenção.

Por isso contámos com todos, para, em conjunto conseguirmos formar um "Estudante perfeito". Assim o esperamos.

C O S T U M E S

Como é do conhecimento de todos aqueles que vivem o dia a dia da Escola, há certos costumes que embora animados do melhor espirito, acabam por ter efeitos perniciosos.

Um exemplo flagrante é o que se passa todos os dias com a limpeza do Polivalente, que todas as manhãs obriga os alunos a não poder disfrutar do seu local de convívio durante um certo tempo. Agrava ainda o facto de o pó que nessa altura se levanta, não só obriga os alunos à respirá-lo, como vai "codimentar" os alimentos que no BAR se mantêm a descoberto, durante a operação-limpeza, reforçando o seu valor microbiano,

Mas se a limpeza é necessária, (porque o é), também o cuidado na preservação dos alimentos não o é menos.

Então que fazer?

Parece-nos que se a limpeza for feita de manhã antes do inicio das aulas, ou no fim delas o problema poderia ser solucionado. E a criação do "costume" de tapar os alimentos enquento se varre também poderia ser um hàbito salutar. Todos beneficiamos.

E já que falamos do BAR e embora estejamos em época de "austeridade" bom seria que o abastecimento alimentar do BAR seja substancialmente reforçado, de modo a que da parte da tarde os alunos, (então só) não sejam obrigados a comer "o que hà" mas sim o que gostam. Austeridade sim, mas nem tanto...

(Cont. na 2ª Págª.)

UM NÚMERO POR PERÍODO

O Alcaide

ANO 1.º — N.º 1

JORNAL DA ESCOLA PREPARATÓRIA DE BARCELOS

Apresentação e proposta

Este dia marca uma data importante para nós: a saída do primeiro número de «O ALCAIDE», *jornal que virá, assim o desejamos, a constituir um órgão de comunicação, ligação válida entre este pequeno mundo que é a nossa Escola e esse outro que nos envolve e que é, afinal, também nosso: a Cidade, a Região, o País.*

Pretendemo-lo vivo e dinâmico. Actuante também.

Vivo e dinâmico porque ele deverá ser, para além de um elo de ligação entre a realidade que somos — a E. P. B — e a realidade que nos rodeia, um elemento dinamizador de progresso, um incentivo de trabalho.

Actuante, porque desejamos também intervir, contribuindo na medida das nossas possibilidades, para o encontrar de soluções: na Escola, na Cidade, na Região.

Aberto à colaboração de todos nós (alunos, professores, funcionários e encarregados de educação), poderá vir a ser (assim o queiramos todos) um passo decisivo para derrubar o «muro» que isola a Escola (todas as Escolas) e que, desse modo, possamos abrir-nos para o mundo que nos cerca.

Através de «O ALCAIDE» *informaremos; procuraremos educar; interviremos.*

Esforçar-nos-emos por sermos uma presença desejada.

A vós, alunos desta Escola lembrarei:

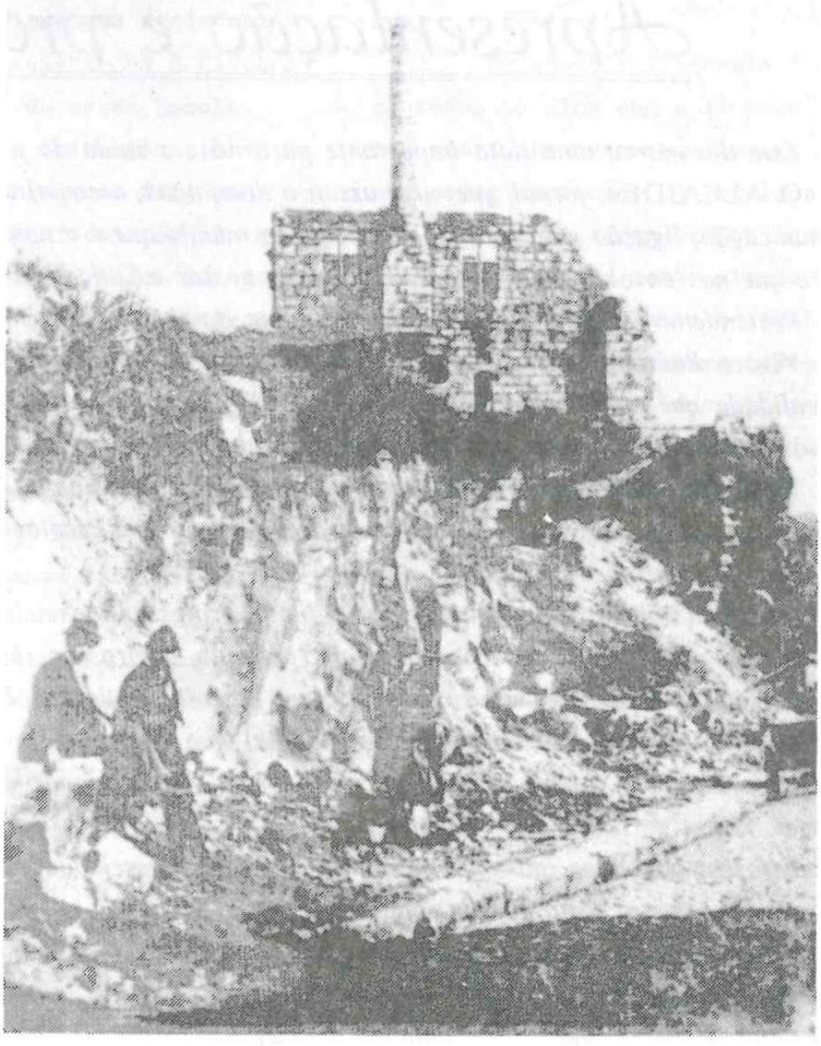
As crianças, através dos seus trabalhos escritos ou desenhados, por meio das suas perguntas, sobretudo através das suas opiniões, têm, como parcela importante da sociedade, uma palavra a dizer.

Por isso, a vossa opinião não é só válida. É, acima de tudo, necessária.

É de vós, pois, que depende fundamentalmente, o «peso» do nosso jornal.

BARCELOS

REVISTA



CÂMARA MUNICIPAL DE BARCELOS

1990

BIBLIOTECA MUNICIPAL DE BARCELOS

DA

DUPLICADOS JORNAIS

BARCELOS

1982

BIBLIOTECA MUNICIPAL DE BARCELOS

DUPLICADOS

BOLETINS - REVISTAS

BARCELOS

1982

BIBLIOTECA

MUNICIPAL DE

BARCELOS

DUPLICADOS

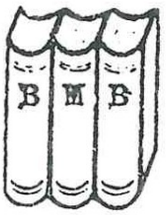
MONOGRAFIAS

BARCELOS

1982

LISTA DOS PERIÓDICOS ENTRADOS NA BIBLIOTECA MUNICIPAL DE BARCELOS DE OUTUBRO A DEZEMBRO DE 1981

I	JAN. 1982	B.M.B.	Periodicidade: trimestral



BOLETIM

BIBLIOGRÁFICO
&
INFORMATIVO

da

Biblioteca
Municipal de Barcelos

Boletim Bibl. e Inf. da B.M.B.	Barcelos	N.ª Série	Nº 1	Jan.-Mar. 1982

ANO - 1º

PREÇO - 30.00

CHAVÃO

ESCOLA PRIMÁRIA

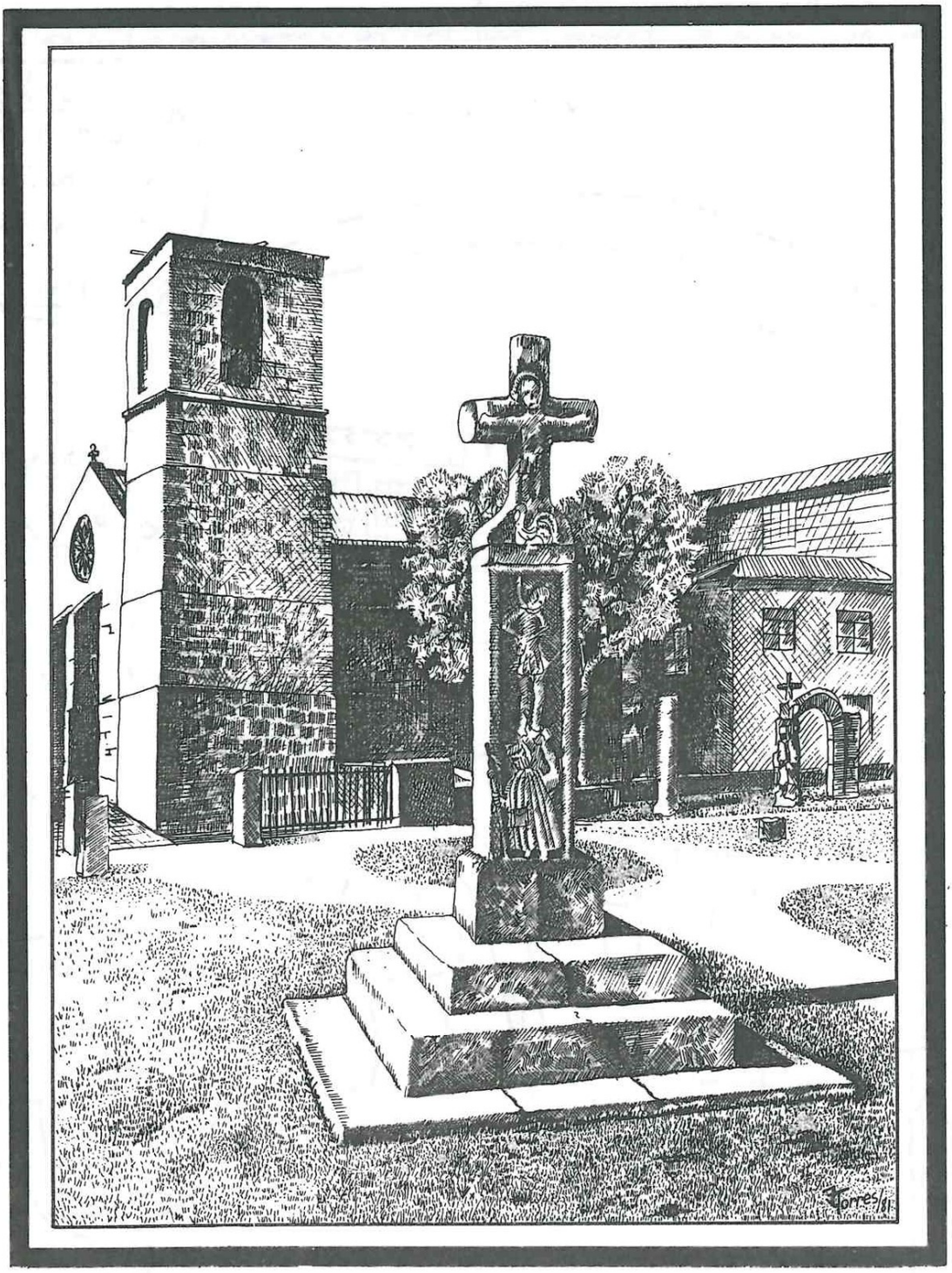
MARÇO

Nº 2

O PEGADINHAS



ROTARY CLUBE DE BARCELOS



B O L E T I M

O Charlot

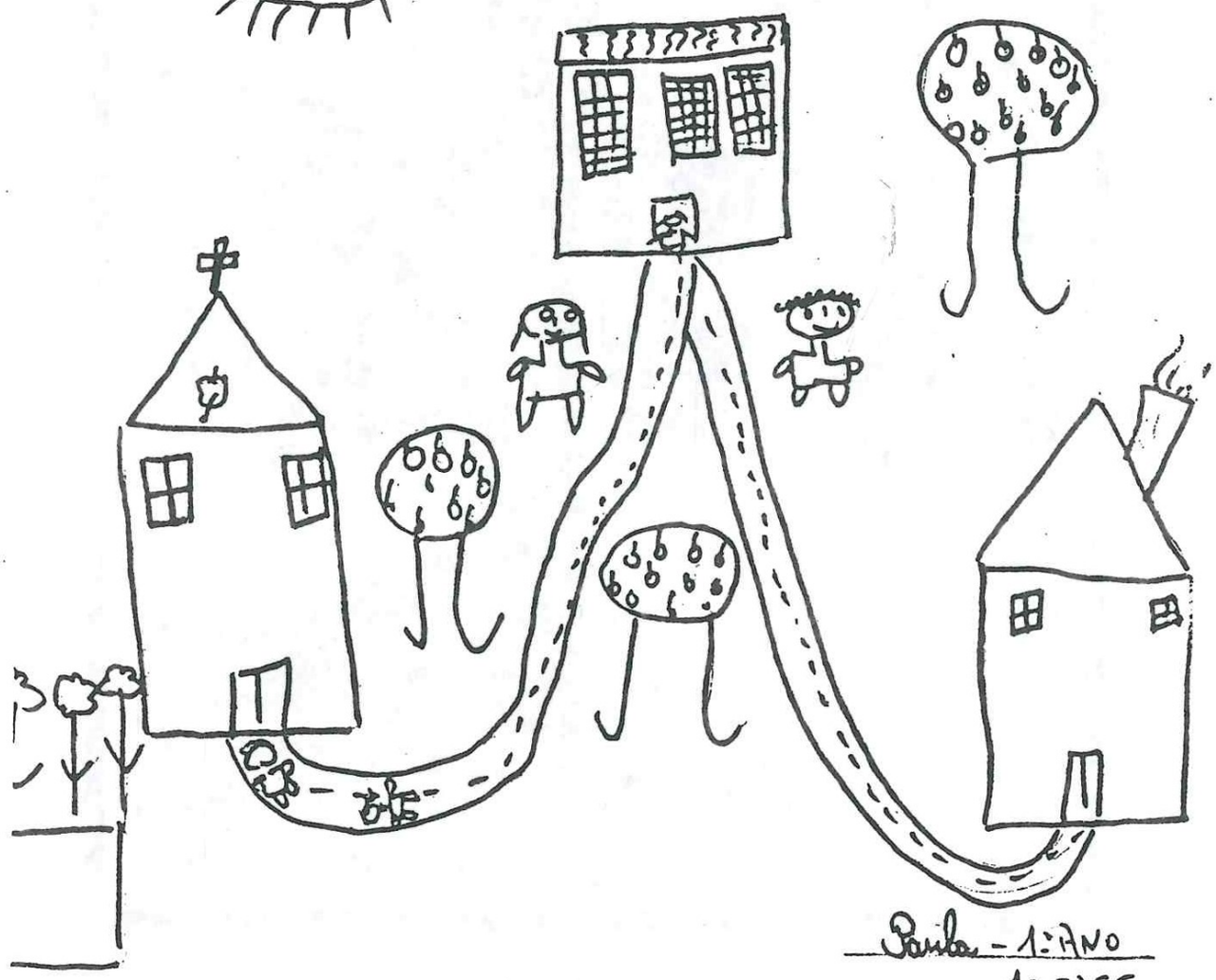
Nº 5

Tema - ALHEIRA A NOSSA TERRA

ALHEIRA
12-4-84

Tema: A minha Aldeia

O charlot deseja uma Páscoa feliz ao povo de Alheira



Paula - 1.º ANO
1.ª FASE

PANTERA

JORNAL DOS ALUNOS DA ESCOLA PRIMÁRIA DE ADÃES - BARCELO

O JARDIM DA ESCOLA

Eu gostaria que o jardim da nossa escola tivesse plantas bonitas.

(Cátima Sousa.

Gostava que tivesse mais flores, porque acho poucas as que tem.

(Julia)

Gostava que tivesse cravos, rosários, e lírios.

Conceição

O jardim está muito estragado e nós queríamos pedir às pessoas que nos dessem muitas plantas e árvores.

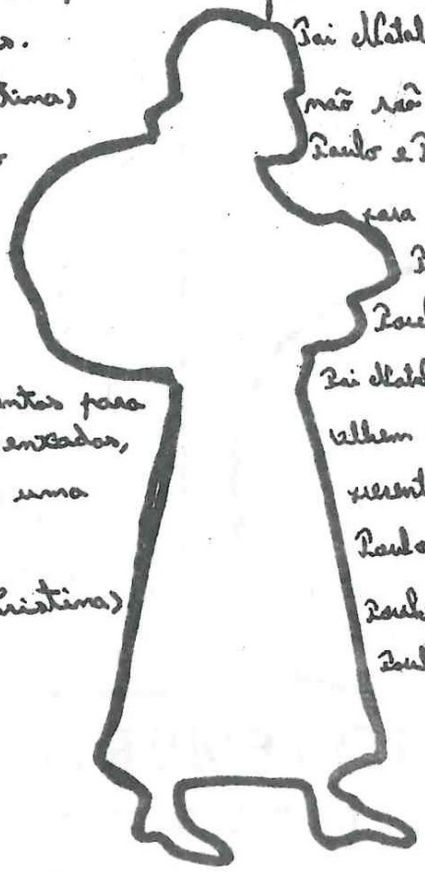
(Amélia Cristina)

Nós podíamos arranjar o jardim se tivéssemos material.

(Lídia)

Precisávamos de paramentas para trabalhar no jardim: enxadas, rachinhos, ancinhos e uma tesoura de poda.

(Amélia Cristina)



CONVERSA COM O PAI NATAL

Há muito de Natal um menino que se chamava Paulo, e uma menina que se chamava Paula, ouviram um barulho, e foram ver se já tinham os presentes e ão esperam com o Pai Natal.

Paulo - Quem és tu?

Pai Natal - Eu sou o Pai Natal.

Paula - Que vieste cá fazer?

Pai Natal - Vim trazer os vossos presentes.

Paulo - Ó Paula vamos ver qual presente ra

Paula - Sim.

Pai Natal - Não se pode ainda ver porque ai não são horas.

Paulo e Paula - E como é que você trouxe para cá os presentes.

Pai Natal - Trouxe-os de trenó.

Paulo - E quem foi comprou?

Pai Natal - Ninguém Tão ... tão... tão.. tão.. vêem vinte e quatro horas, já podem ouvi presentes.

Paulo e Paula - Yupi.

Paulo - obrigado pelos presentes.

Paulo e Paula - Adeus até ao próximo Natal

Hugo, 9ºA e Carlos.

PIRILAMPO

BOLETIM DO CENTRO SOCIAL DE CULTURA E RECREIO

SILVA BARCELOS

ANO III Nº IX NOVEMBRO/86

EDITORIAL

EQUIPA JOVEM
(Precisa-se)

Acaba de sair mais uma edição deste pequeno jornal "O PIRILAMPO" já não é sem tempo mas depois de uma mudança na equipa através dos Corpos Gerentes do Centro Social foi preciso enquadrar todos os cargos nos diversos sectores desta Associação sendo possível colocar todos os elementos a trabalhar.
Espera-se dentro de algum tempo dar mais vida ao Pirilampo para isso vai ser possível colocar Jovens na equipa de Redação para que os textos possam falar de tudo um pouco não só do Centro como de todas as actividades desenvolvidas nesta freguesia de Silva.
O Pirilampo pode ser um porta-voz dos Sócios e será sempre que os textos venham a tempo de ser publicados, a fim de levar aos nossos conterrâneos e amigos espalhados por todo o Mundo um Noticiário interessante.

Sumário:

- NOTÍCIAS DO CENTRO SOCIAL e CARTÃO JOVEM.....Página 2
- NOVEMBRO É NOTÍCIA.....Página 3
- Pela JUNTA DE FREGUESIA.Página 4
- OCUPAÇÃO DE INSTALAÇÕES.Página 4
- DESPORTO/Futebol-Salão..Página 4

ASSOCIADOS

Falando de cotas é sem dúvida um problema delicado pois, ninguém gosta de pagar. Mas como uma Associação que não tem fins lucrativos só consegue subreviver se tiver associados, continuamos a lembrar aos Sócios que as cotas continuam e até ao mesmo preço. Também foram conseguidos novos voluntários para receber ao domicílio, assim vão bater às portas outras caras, o que se espera a boa vontade da população isto é, o donativo dos sócios.

Aos sócios podemos desde já lembrar que em 1987 a principiar o ano vai haver iniciativas de interesse e aí os sócios não vão ser esquecidos (vai haver regalias para os que tiverem as cotas em dia) e já agora me esquecia de dizer aos socios que no Torneio de Futebol-salão só vai ter bilheteira para os não sócios por isso se lembra que devem pagar as cotas. Tudo isto vai reverter para o fundo de obras é preciso não esquecer que o Edifício ainda não está concluído e o benefício é para toda a população, ficando com uma obra que dá para o verão e inverno sendo um equipamento colectivo para as acções a realizar.

9 A 30 DE NOVEMBRO DE 1986

ACTIVIDADES CULTURAIS E RECREATIVAS

AVENÇA

BOLETIM INFORMATIVO

DA

Associação Comercial de Barcelos

ANO I PUBLICAÇÃO TRIMESTRAL MARÇO/1983 DISTRIBUIÇÃO GRATUITA Nº 1

DIRECTOR - Licínio Carlos C. dos Santos
PROPRIEDADE - Associação Comercial de Barcelos
SEDE DE ADMINISTRAÇÃO - R. Barjona de Freitas nº 40-4 750 BARCELOS
IMPRESSO - Associação Comercial de Barcelos

editorial

Finalmente...

Enquadrado na modernização da N/Associação, feita por sectores, mas que se contacta, eis que surge finalmente o BOLETIM INFORMATIVO, que completará estou certo, a aposta feita no sentido de melhor servirmos os Associados, levando-lhes desta forma e por via diferente conhecimentos o mais alargado possível.

A sua feitura e distrbuição será para já Trimestral, mas desejamos que vá haver muito em breve material que permita fazer sair o Boletim Mensalmente.

Ele vai dar conta de todas as alterações que se verifiquem, seja qual for a natureza.

Desejamos, e na intenção de lhe dar mais dinâmica que os Associados escrevam artigos, colaborando assim activamente no Boletim, que mostrem aos colegas o seu problema, o seu protesto, a sua chamada de atenção, já que haverá com certeza problemas postos ou críticas feitas, que no fundo são comuns a muitos de nós.

Criaremos em todos os Boletins, se houver espaço, uma coluna, cujo título poderá ser " O NOSSO CONSULTÓRIO ".

Tal coluna destina-se a dar resposta ás perguntas formuladas por qualquer Associado (por escrito) e sobre matéria comercial.

A todos daremos resposta.

Para terminar pedimos que os N/Associados tenham verdadeiro "espírito de equipe", e nos ajudem a fazer o Boletim com base nas sujestões apontadas.

(Cont.pág. 3)

Certificado de Comerciante

É título indispensável para se poder exercer qualquer actividade comercial, o qual deve ser requerido através da Associação nos termos do Decreto-Lei n.º 247/78, de 22 de Agosto.

O não cumprimento implica graves sanções para os comerciantes que porventura o não tenham requerido.

Documentos e informações para a obtenção do «CERTIFICADO DE COMERCIANTE» podem ser obtidos na Secretaria da Associação, em qualquer dia útil, nas horas de expediênte.

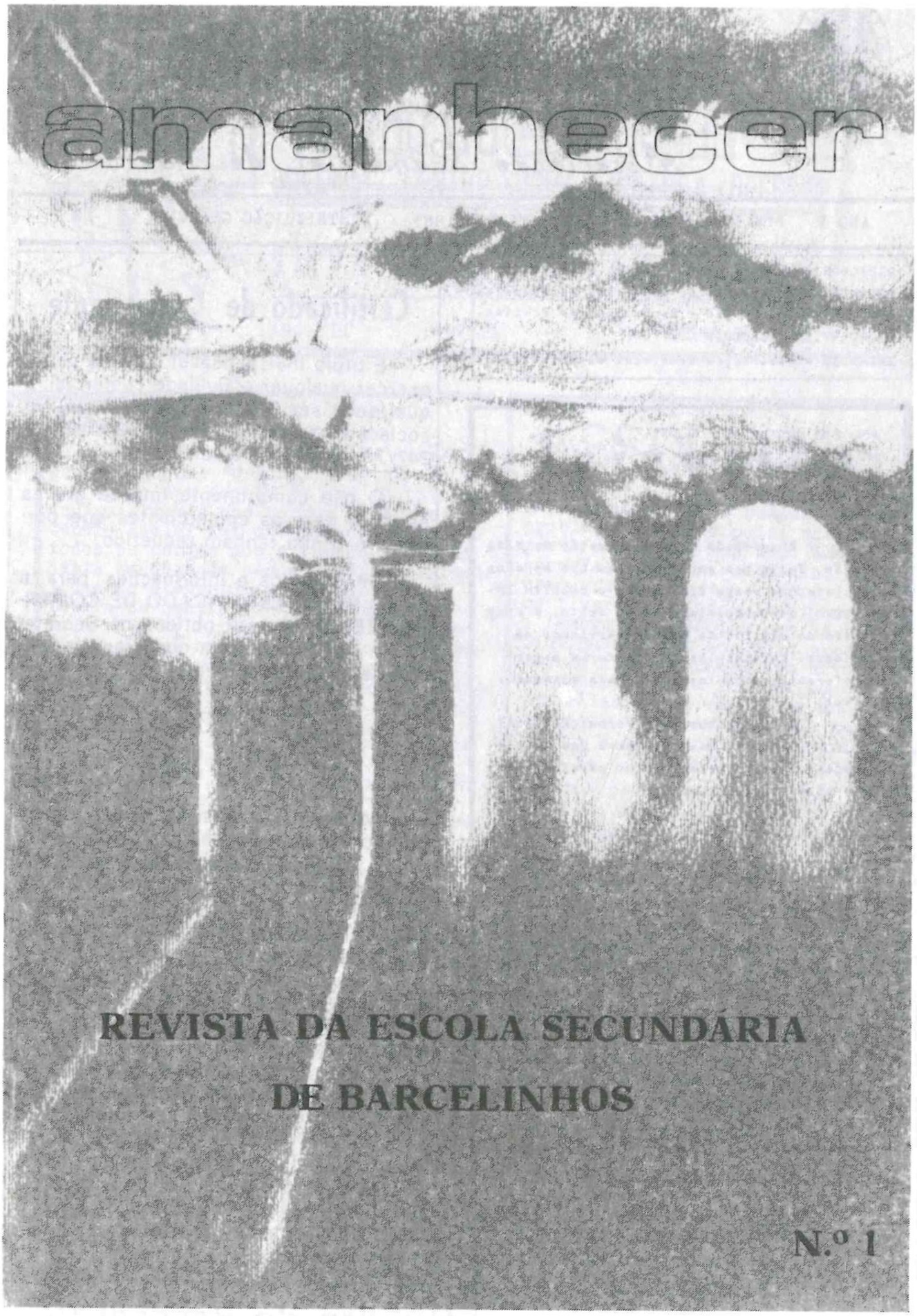
AVISO

Mais uma vez vimos chamar a atenção dos nossos Associados para o período de validade do Cartão do Registo Nacional (CARTÃO DE IDENTIFICAÇÃO DE PESSOA COLECTIVA ou de ENTIDADE EQUIPARADA A PESSOA COLECTIVA), conforme os casos.

Convém que os interessados procedam à renovação dos respectivos cartões no mês anterior aquele em que termina a sua validade.

É bom lembrar que o CARTÃO, devidamente actualizado, tem que ser obrigatóriamente presente nas Repartições de Finanças, Câmara Municipal e outras Repartições Públicas, sempre que tenha de entregar quaisquer declarações, requerimentos, etc., não podendo ser utilizados os Cartões cujo prazo de validade esteja caducado.

Quadro do Pessoal (Pág.2)



REVISTA DA ESCOLA SECUNDÁRIA

DE BARCELINHOS

N.º 1

O COLECCIONADOR

Secção Filatélica e Numismática
do
Clube de Campismo e Caravanismo de Barcelos

Nº 1 Maio de 1983

Aparece, hoje, o nº 1 de "O Coleccionador".

É sua missão dar a conhecer, aos membros da Secção Filatélica e Numismática do Clube de Campismo e Caravanismo de Barcelos, um noticiário, o mais completo possível, do coleccionismo em geral, e da filatelia e numismática em particular.

Como é óbvio, tudo o que se relacione com Barcelos terá um tratamento especial.

Depois da estruturaçao desta secção, que levou o seu tempo e teve os seus espinhos, é chegada a altura de passar às realizações.

A Mostra Filatélica que teve lugar no 1º de Dezembro do ano transacto, e que se realizou na sede de uma outra colectividade, mais não foi que a demonstração das potencialidades dos coleccionadores locais.

Pena é que nem todas as pessoas, (e pouquíssimas foram), entendessem o alcance cultural inerente a uma

ESCOLA

BOLETIM DO CENTRO DE APOIO PEDAGÓGICO DE BARCELOS
ESCOLA DO BAIRRO DA MISERICÓRDIA



Nº 1 DEZEMBRO 1983

CENTRO DE APOIO

O QUE É ?

É o local onde todos nós, professores deste Concelho, nos poderemos encontrar para trocarmos as nossas experiências vividas no dia a dia da escola onde, os mais novos, possam enriquecer e crescer com os mais experientes e estes, por sua vez, sintam a dinâmica e a força dos mais jovens. O Centro de Apoio, se todos quisermos, poderá e deverá ser a mola que conduz cada professor individualmente ou em grupo, à execução prática de ideias novas ou tão somente à realização daquilo que idealizamos mas que nunca concretizamos. O centro poderá ser, enfim, a força motora que nos leva à reflexão e discussão de práticas que permitam uma nova orientação e organização do nosso trabalho isto é que conduza à meta em que todos nós, professores estamos empenhados "O Crescimento Profissional"

Adozinda Pacheco

FORMAÇÃO EM ATELIERS

Em Setembro deste ano realizou-se uma acção de Formação, durante uma semana na Escola do Bairro da Misericórdia, orientada pelos nossos orientadores pedagógicos do Distrito. Esta acção visou técnicas de desenho e pintura trabalhos em barro e tecelagem. A sua frequência foi limitada, mas para aquelas que não puderam frequentá-la haverá ainda novas oportunidades.

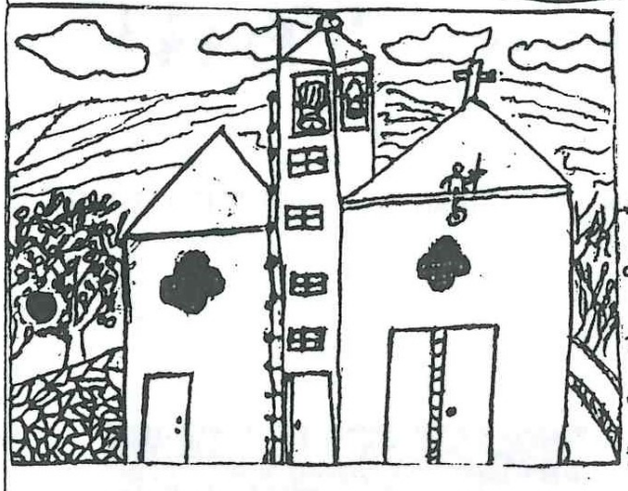
Adozinda Pacheco

O tagarela



Feito pelos alunos da Escola Roriz

A nossa aldeia



Nós vivemos na aldeia de Roriz, fica situada no concelho de Barcelos.

Na nossa aldeia há poucas casas e também poucas pessoas.

A maioria das pessoas trabalham na agricultura.

Na nossa aldeia está a restaurar-se a igreja que está a ficar muito bonita. Já arranjaram a estrada que vai ter à escola.

As pessoas têm algumas maneiras de passar os seus tempos livres: futebol, café, vendas e no salão paroquial.

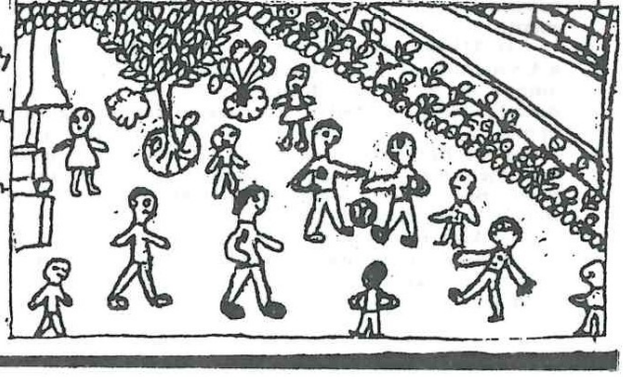
Há na nossa terra edifícios públicos importantes tais como a Casa do Povo, Escola e a Igreja.

(1º Ano - 1ª Fase)

As maravilhas da escola

A importância da escola é muito grande. Nela desenvolve-se a cultura das crianças e dos jovens. Essa cultura dá para mais tarde se empregarem, comunicarem, terem educação, defenderem-se, viverem em harmonia com todos e felizes.

O estado devia criar mais escolas para haver menos alunos em cada sala para haver mais tempo para música, ginástica, trabalhos manuais, teatro etc... A escola devia ter um recreio maior para as crianças brincarem, mais árvores e flores.



2º Ano - 2ª Fase

AGRIBAR

COOPERATIVA AGRICOLA DE BARCELOS

ADEGA COOPERATIVA DE BARCELOS

DIRECTOR: DR. ALVARENGA FERNANDES ■ ANO I - N.º 0 ■ 1984 - 1.º TRIMESTRE ■ DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

EDITORIAL

BARCELOS/Cooperativismo: Uma Esperança! Uma Opção!

«Cooperativa é uma empresa que é ao mesmo tempo uma associação de pessoas, e, além disso, um lar de convivência fraterna e um foco de aperfeiçoamento intelectual e moral, tendo por objectivo criar um novo sistema de relações sociais e fazer terminar as divergências de interesses e os antagonismos económicos. Por isso, o primeiro desvelo dos cooperativistas é uma obra de educação; por isso, as comissões culturais devem ter nas Cooperativas tanta importância como os seus corpos administrativos; por isso, será um erro enorme encarar a Cooperativa como um simples armazém onde se compra coisas, a «comprativa». O Cooperativismo pretende criar uma humanidade nova». (Ferreira da Costa, in *Breviário Cooperativo*).

Neste contexto e com estes objectivos, AGRIBAR faz a sua apresentação junto dos associados da Cooperativa Agrícola de Barcelos, dos associados da Adega Cooperativa de Barcelos, de todos os Barcelenses e dos leitores em geral.

— Cooperativa é uma associação de pessoas que unem esforços para viver melhor. É importante que os associados participem da vida da sua cooperativa, tomando parte nas suas decisões. É urgente que conheçam os seus problemas, as suas dificuldades e os seus projectos. A Cooperativa não pode funcionar meramente como empresa mas, tem de ser uma associação onde os associados participem activamente e a sentem como sua.

AGRIBAR pretende ser um elo de ligação entre a Cooperativa e os seus associados veinculando entre ambas as partes a informação, as iniciativas e as decisões da Cooperativa. Ao mesmo tempo, procura apelar à cooperação de todos os associados e de todos os Barcelenses na busca de um maior desenvolvimento e progresso da agricultura, o mesmo é dizer, dada a sua importância neste concelho, promover a região e as gentes de Barcelos.

— AGRIBAR surge na sequência de um acordo de cooperação cultural celebrado entre a Coop. Agrícola de Barcelos e a Adega Cooperativa de Barcelos. Com esta decisão ambas as cooperativas deram um passo corajoso no caminho da intercooperação, o

(CONTINUA NA PÁGINA 2)

Dando os seus primeiros passos,
AGRIBAR *deseja aos leitores..*



...FESTAS FELIZES!

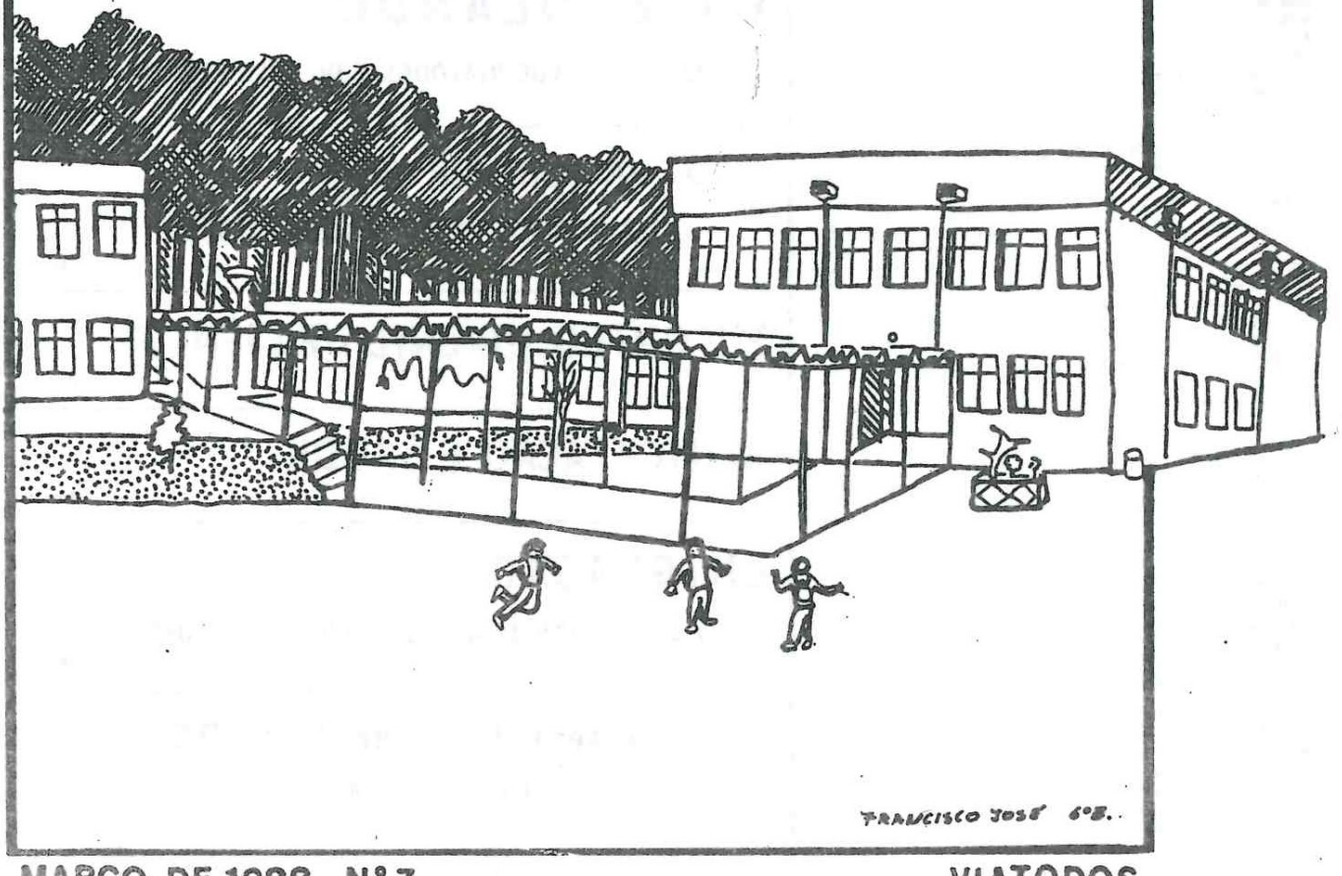
FERTILIZAÇÃO: uma prática agrícola indispensável

■ *PROF. QUELHAS DOS SANTOS*

jornal

escola
C+S
de viatodos.

DESPERTAR



FRANCISCO JOSÉ 6ºB.

MARÇO DE 1988 Nº 7

VIATODOS

A
BIBLIOTECA MUNICIPAL DE BARCELOS
4750 BARCELOS CODEX



Jornal de Viatodos

PROPRIEDADE: CENTRO DESPORTIVO E CULTURAL DE VIATODOS • DIRECTOR: LEONARDO SÍLVA • ANO 1 — N.º 7/8 — MAR.º E ABRIL 1985 — Preço 20$00

JORNAL DE VIATODOS

UM ANO DE VIDA

O tempo passa, inapelavelmente, depressa. Faz já um ano no próximo mês de Abril que iniciamos a publicação do «J. V.». Não podemos deixar de referir que foi de facto uma iniciativa arrojada mas que nos parece ter vindo cada vez mais a justificar-se e a exigir mais e mais, na sua periodicidade, nos seus conteúdos, na sua expansão, por forma a que consigamos na realidade atingir os objectivos que nos propusemos e nos propomos alcançar. Roma e Pavia não se fizeram num dia, e o «J. V.» também não. Nem num dia, nem num ano.

Como sempre afirmamos, o «J. V.» deveria tender sempre para se assumir como um projecto colectivo e regional. Não é obra fácil, infelizmente. Talvez seja até cada vez mais difícil, sobretudo se pensarmos que ao nível informativo se caminha, como a outros níveis, para um sistema uniforme, mundializado, onde o domínio tecnológico, nomeadamente com os satélites, desempenham um papel determinante.

Deixemos, porém e por agora, estas preocupações, e detenhamo-nos, ainda que de forma sucinta, sobre a evolução do «J. V.» durante estes 12 meses de existência.

Quando surgimos publicamente, marcamos de imediato que o nosso jornal nortear-se-ia por três parâmetros fundamentais:

1 — A concepção da informação como um direito e um bem social e não uma mera mercadoria.

2 — O pluralismo e diversidade informativa como forma de garantir a máxima isenção e atender à mais vasta diversidade do público.

3.— A dimensão regional que o «J. V.» deveria conquistar, servindo assim as populações de uma região que, longe dos grandes centros, sempre se viu (e se vê) esquecida por aqueles que determinam o seu destino em múltiplos aspectos.

Pensamos que o primeiro e segundo parâmetros foram conseguidos — é claro que não agradamos simultaneamente a Gregos e a Troianos, nem tal pretendemos. Quanto ao terceiro, estamos ainda muito aquém do que pretendemos.

São vários os motivos de tal facto. Aqui se situam grandes dificuldades ligadas essencialmente às colaborações extra-Viatodos, bem como a pouca disponibilidade de tempo daqueles que regular e desinteressadamente trabalham com ardor para que o «J. V.» vos chegue às mãos e vos seja útil.

A imprensa regional ou local sempre se debateu e debate com grandes dificuldades que vão do domínio económico-financeiro ao do seu pessoal. Tendo este uma função primordial não só na manutenção de tais publicações mas sobretudo na sua potencial força de intervenção na vida social e suas transformações. Obviamente que o «J. V.» também se confronta com tais dificuldades e o C. D. C. V., enquanto seu proprietário, vai gerindo os seus escassos proventos por forma a garantir-lhe o melhor futuro.

Infelizmente a situação do país (não só a económica, mas a cultural, educativa, informativa, etc.) não é muito favorável à evolução destes projectos, bem pelo contrário. Porém, e como sempre, teimaremos em conquistar o nosso espaço de intervenção na sociedade em que nos inscrevemos, tentando melhorá-la ou até mesmo refazê-la. Regeitamos a passividade, o comodismo, o termos de viver com aquilo que temos — mesmo com quem o disse. Apostamos na nossa criatividade e na solidariedade daqueles que connosco se identificam nesta atitude.

A propósito, não poderíamos esquecer de registar o considerável apoio que nos foi dado sobretudo pela população Viatodense aquando da recolha de assinaturas. Os Viatodenses como sempre e em todas as situações em que a sua colaboração tem sido pedida, nomeadamente no domínio financeiro, disseram mais uma vez SIM, e mais de 50% das unidades familiares estabelecidas nos mesmos fogos, fizeram a sua assinatura. É deveras significativo.

Por último, aqui deixamos expressos os nossos agradecimentos a todos quantos têm ajudado a que o «J. V.» seja uma realidade, com destaque especial para os colaboradores habituais, os anunciantes, e obviamente, os assinantes.

Enquanto se justificar o nosso esforço e tivermos o vosso apoio, fiquem certos de que manter-nos-emos vivos e actuantes.

FEIRA DA PÁSCOA-85

UM PROGRAMA ALICIANTE E INOVADOR

Pág. 3

BOMBEIROS DE VIATODOS

UM ANO DE INDEPENDÊNCIA

Pág. 3

«CICLO NOCTURNO»

AINDA NÃO ACABOU PORQUE SERIA UM LOGRO PARA OS ALUNOS

Pág. 2

FUTEBOLANDO

COISAS DO CDC VIATODOS E DO CAMPEONATO

Pág. 4

AIJ — QUE FUTURO QUER A JUVENTUDE VIATODENSE?

Pág. 7

ENCONTRO JUVENIL DE CIÊNCIA

Pág. 8

ALIMENTAÇÃO E SAÚDE

Pág. 5

EMIGRAÇÃO

MUITOS PROBLEMAS E... POUCAS SOLUÇÕES

Pág. 5

Assembleia Geral do CDCV

CONVOCATÓRIA

Nos termos do consignado dos Estatutos do Centro Desportivo e Culutral de Viatodos, convoco todos os Associados para a Assembleia Geral Ordinária, a realizar no dia 22-3-85 às 20 horas na sede social — Casa do Povo — com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS:

1. **Apreciação e deliberação sobre o Relatório e Contas da Gerência de 1984.**
2. **Outros.**

O Presidente da Assembleia Geral

a) *Fernando Estêvão Ferreira Gomes Vilaça*

UNIVERSIDADE DO MINHO BPB

O GIL VICENTE

N.º 0
[1985]

Boletim Informativo aos Sócios

P. P. U.M.

28.MAI1986

RESPEITO PELO PASSADO CONFIANÇA NO PRESENTE APOSTA NO FUTURO

Já lá vão mais de três anos que aceitei assumir as funções de Presidente da Assembleia Geral do Gil Vicente Futebol Clube.

Um grupo de gilistas, voluntariosos e animados do melhor espírito de servir o clube, vieram solicitar também a minha modesta contribuição para tentar vencer o momento extraordinariamente difícil que a colectividade então enfrentava e que não pode, com o mínimo de seriedade, ser escamoteado por quenquer que seja.

Porém, muitos foram os gilistas que, no passado, serviram a colectividade, vencendo, com abnegado sacrifício, muitas das suas crises e dificuldades e oferecendo aos Barcelenses muitos momentos de glória que enchem as páginas da sua história desportiva.

A todos esses, antes de mais, quero saudar, em nome de todos os associados, rendendo-lhes a homenagem que bem merecem e garantindo-lhes que a colectividade conta sempre com eles e não esquece o seu exemplo.

Foi, aliás, com os olhos postos nesse exemplo e no glorioso passado do Gil Vicente que um punhado de homens se decidiu a servir o clube nos últimos três anos, arrostando com o encargo de trabalhar em prol da colectividade gilista e fazê-la sair de uma das suas mais difíceis crises..

Arrostaram com essa responsabilidade e conseguiram vencer.

Foram pagos milhares de contos de dívidas, assegurou-se um precioso património, garantiu-se a estabilidade e projectou-se a credibilidade e o bom nome do Gil Vicente quer a nível local quer a nível nacional.

Bastará lembrar que o clube é hoje, por reconhecimento governamental, **Pessoa Colectiva de Utilidade Pública.**

Há três anos, presidi a uma Assembleia Geral em que apenas contava nove associados. Na última assembleia, estavam lá cerca de duas centenas.

Quando outrora era difícil encontrar um só homem que, de bom grado, se dispusesse a arcar com a responsabilidade da direcção, hoje há duas listas que se apresentam a concorrer ao próximo acto eleitoral.

(CONTINUA NA PAGINA 3)

O Presidente da Crise Aposta no Futuro

Quando o clube viveu horas muito difíceis há 3 anos e meio, ninguém apareceu, porque o clube devia cerca de 6 000 contos e tinha 5 meses de atraso de ordenado aos jogadores profissionais e ainda com espectro da descida de divisão. Tinha também multas na Associação, na Federação e estavam ameaçadas as naturais receitas do clube, já que a Federação podia congelar as receitas dos jogos. Existiam também uma quantidade de pagamentos feitos com cheques em nome do clube sem qualquer cobertura. Praticamente não existia nenhum material desportivo, não existiam actividades amadoras, o clube encontrava-se à deriva e completamente desorganizado. Foi nosso trabalho equilibrá-lo financeiramente, dar-lhe a credebilidade e a estabilidade financeira. Ao grupo, honra lhes seja feita porque reconhecem publicamente o trabalho honesto, transparente e equilibrado como pode e deve uma direcção administrar um clube. Os resultados estão à vista, fizemos o melhor que soubemos e pudemos. Eleitoralistas nunca o fomos, somos por natureza pessoas equilibradas e de bom senso, tanto vale soprar do norte como do sul somos sempre os mesmos, coerentes com nós próprios, fiéis e dedicados ao clube que gostamos. Os sócios do Gil Vicente que nos julguem.

Penso que, como em tudo na vida, e como quando se quer mudar é necessário em primeiro lugar ir criando as condições, esta direcção também se preocupou com isso tendo hoje duas carrinhas que foram adquiridas nos nossos mandatos, uma na sua totalidade e outra abdicando de grande parte do subsídio anual da Câmara Municipal para o seu pagamento que rondou cerca de 1 400 contos. Quanto às infra-estruturas no parque dos jogos deu esta direcção início à nova bancada com a inestimável ajuda da Câmara que quase suportou toda a sua conclusão. Vamos procurar fazer a sua cobertura a qual ainda não se fez porque não estão bem encaminhadas as negociações com os terrenos anexos que a concretizar-se permitirão poder-se fazer camarote, pois os alicerces estão preparados para o fazer.

A concretização de todos os projectos futuros bem como a ideia do arrelvamento do campo, que orçará em cerca de 7 000 contos, que foram ainda há bem pouco tempo divulgados nos órgãos de informação diária. Poder-se-á construir a nova sede, as estruturas a ela inerentes se os sócios assim o entenderem, no próprio parque de jogos, pois já existe um projecto o qual poderá ser discutido e analisado na própria assembleia.

Em relação à sede actual do clube só aos sócios compete a sua decisão e o seu futuro.

Quanto ao aspecto desportivo as actividades amadoras foram e serão sempre a grande aposta desta direcção e basta constatar o número de praticantes ao serviço do clube que ronda os quatrocentos. Temos a ginástica de manutenção, desportiva e rítmica em ambos os sexos, com professores diplomados. O futebol em todos os escalões, desde a escola de jogadores, iniciados, juvenis e juniores, encontrando-se neste momento os iniciados e os juvenis a disputar provas associativas e os juniores a disputar o Campeonato Nacional da 1.ª Divisão e temos a alegria de nos mantermos na próxima época na 1.ª Divisão.

Poderemos fomentar mais actividades amadoras, mas para isso é necessário criar as estruturas que passarão nomeadamente pelo apoio que a nova bancada vai proporcionar ou seja melhores instalações para todos os praticantes. Não queremos criar mais secções de actividades amadoras sem lhes podermos dar o mínimo de condições porque senão corremos o risco de em vez de as motivar sermos os primeiros a contribuir para o insucesso das mesmas. O clube tem condições para fomentar a prática da natação, chegando a ter já um grande número de praticantes. Infelizmente por motivos de todos conhecidos não é possível dar continuidade.

Em relação ao futebol profissional tentamos sem perder o equilíbrio financeiro melhorar um pouco esta época o plantel do clube, com jogadores de reconhecido valor. Não temos sido muito felizes como todos desejaríamos e ninguém mais do que nós gostaria que isso acontecesse. As lesões em jogadores influentes, algumas vezes a pouca sorte e outras vezes as próprias arbitragens têm contribuído um pouco para tudo isso.

Tem esta direcção feito e tentado tudo junto das entidades oficiais tendo-se inclusivé deslocado várias vezes a Lisboa, para tentar desbloquear muitos dos problemas relacionados com as estruturas sociais do clube. Devo até informar que o Gil Vicente tem a promessa de um pavilhão polivalente para as suas actividades amadoras, que será subsidiado quase na totalidade pelas entidades competentes, tendo-lhe já atribuído verbas divulgadas por um jornal desportivo, só que oficial-

(Continua na pág.ª 2)

GRITO JOVEM

1985

ANO INTERNACIONAL DA JUVENTUDE

"HOMENS E MULHERES, JOVENS DE HOJE :
NÃO TENHAIS MEDO! NÃO TENHAIS MEDO
DA VOSSA PRÓPRIA JUVENTUDE!"

(João Paulo II)

nº: 1 1985

SEIVA

N.º 1

PUBLICAÇÃO DA DIRECÇÃO-GERAL DA EDUCAÇÃO DE ADULTOS
COORDENAÇÃO CONCELHIA DE BARCELOS

EDITORIAL

A publicação agora editada vem preencher uma lacuna existente nas actividades de desenvolvimento cultural realizadas no âmbito desta Coordenação Concelhia da Direcção-Geral da Educação de Adultos.

Pretende pois ser um complemento útil às acções que têm vindo a ser progressivamente implementadas, em colaboração com outros organismos públicos, dentro da filosofia constante no Plano Nacional de Alfabetização e Educação Básica de Adultos «...as actividades de educação de adultos deveriam destinar-se não só a permitir aos grupos ainda analfabetos a aquisição de conhecimentos básicos — leitura, escrita e cálculo — mas também... proporcionar-lhes o domínio dos problemas de higiene, saúde, economia doméstica, educação das crianças e outros, e desenvolver a sua autonomia e participação na vida comunitária».

SEIVA será com o contributo de todos — animadores, técnicos, participantes em acções de educação básica de adultos, associações de educação popular e autarquias — o líquido nutritivo imprescindível ao crescimento de uma árvore chamada EDUCAÇÃO PERMANENTE.

O Grupo Coordenador



SUMÁRIO:

CONSUMIDOR RESPONSÁVEL
ASSOCIATIVISMO NA FREGUESIA DA SILVA
ARTESANATO — OLARIA
NOTÍCIAS
CONCURSO



BARCELOS 85

INFORMAÇÃO



Nº 1 BARCELOS, 3 de Maio de 1985

SAUDAÇÃO

Abrem hoje as portas da "BARCELOS 85".

O acto simbólico a que se dignam presidir as digníssimas autoridades, não é mais que o corear dos esforços de uma equipa voluntariosa, que sempre se norteou pelo amor à Filatelia e a Barcelos.

Destes dois amores nasceu esta exposição regional.

Da sua dimensão, do seu valor, do seu êxito não queremos falar. Por certo outros o farão por nós. Mais do que louvores, esperamos que nos seja facultada uma listagem dos pontos fracos, de forma a podermos corrigi-los em futuras organizações.

Hoje queremos agradecer e saudar todos quantos nos ajudaram a levar a bom termo esta "BARCELOS 85".

Às diversas autoridades que nos incentivaram e subsidiaram, aos patrocinadores que nos deram o seu precioso aval, aos anunciantes que possibilitaram a publicação dos diversos boletins e catálogo e deram outra dimensão e valor aos prémios a atribuir;

Aos membros do júri que se dignaram aceitar o convite que lhes dirigimos para, com o seu saber, realçar o valor e distinguir os melhores, numa tarefa tão árdua e difícil como ingrata, e as mais das vezes incompreendida;

Às diversas colectividades filatélicas da região a norte do Douro que, desde a primeira hora, chamando a si o exercício de comissários locais, o fizeram de uma forma que nos desvanece e confunde;

Finalmente, aos filatelistas, os verdadeiros artífices e artistas destas realizações, que, ao confiarem-nos as suas valiosíssimas colecções, nos deram a maior e melhor prova de confiança no nosso trabalho e nos disseram e apontaram o caminho que devemos trilhar.

A todos o nosso agradecimento e as nossas saudações.

A todos pedimos que apreciem devidamente a exposição filatélica "BARCELOS 85", a terra que a albergou e as tradicionais Festas das Cruzes.

Uma estadia agradável na cidade dos condes-duques é o que vos deseja o

Comissário Geral



CIRCULAR

boletim paroquial

S. MARTINHO E ENCOURADOS

OUT./DEZ.-86

EDITORIAL

Fruto duma aposta numa nova dinâmica que extravase as limitadas fronteiras físicas do edifício eclesial, conferindo à Igreja o papel que esta deve desempenhar no panorama social, religioso e cultural em que se integra, eis que nasce CIRCULAR.

Propondo-nos uma publicação trimestral, com esta iniciativa, é nosso objectivo ir ao encontro da chama da Igreja Doméstica através de troca de experiências e ideias; contribuir, na medida das nossas possibilidades, para a promoção sócio-cultural da comunidade, fazendo "pensar que pensar não tem perigo"; Finalmente, construir comunidade, ou seja, edificar a família paroquial, apresentando sempre uma visão global e cristã da vida, para que a Fé se faça sentir, não como mero trâmite social mas como um facho de luz...



Vencidos os primeiros obstáculos e ultrapassadas algumas dificuldades de dinamização e coordenação, pudemos colocar no prelo o melhor que conseguimos. É, sem dúvida, um trabalho imperfeito. Ficamos, todavia, abertos a todas as sugestões que possam ajudar a melhorar esta obra, agradecendo desde já todo o contributo que possa ser dispensado.

BOLETIM DA JUNTA DE FREGUESIA

DE

ALVITO S. PEDRO — BARCELOS 1986/89

ANO 1º N.º 1



CONFRONTO
ENTRE UM PASSADO RECENTE
E UM PRESENTE MELHOR

25 LOUCURAS

FOLHAS LOUCAS

Escola Preparatória de Barcelinhos

N.º 3

ANO: 1989

JORNAL dos Alunos da Escola Preparatória de BARCELINHOS
BARCELOS - 1989

Composição e impressão: Companhia Editora do Minho, SA Telefone 811124 BARCELOS

EDITORIAL

A comunidade educativa que todos formamos (alunos, pais, encarregados de educação, professores e pessoal de acção educativa), fica agora mais rica, ao colocar no prelo, totalmente remodelado, mais um número do seu jornal «FOLHAS LOUCAS». Este continuará a ser um dos meios, que se pretende não seja o único, onde todos poderemos expressar os nossos anseios, os nossos reparos, as nossas sugestões... Será, se o soubermos manter vivo, o interlocutor válido entre a comunidade educativa e o meio em que esta se encontra inserida.

A Escola, pequena no tempo de vida, é já grande pela riqueza que em si encerra. Por ela passaram algumas centenas de professores, aqui deixando o testemunho da sua riqueza. Não nos deixaram bens materiais, legaram-nos, sim, algo mais valioso. O saber e o saber fazer. Também, por cá passaram milhares de alunos, que encheram de alegria e de vida, todo este espaço inerte, proporcionando, ainda aos professores um conhecimento mais profundo dos valores desta terra e das suas gentes.

Tem sido através desta simbiose, que a comunidade educativa se tem desenvolvido. É, assim, que pretendemos continuar a crescer, apelando a todos, nomeadamente aos pais e encarregados de educação, que participem mais activamente na vida da Escola.

J. C.

ASSOCIAÇÕES DE PAIS

PARA QUE EXISTEM?

Muito se diz da cooperação entre a Escola e os Pais para a eficácia da Educação.

Como pode ser ela realizada?

A Associação de Pais é um poder instituído pela Constituição da República e que tem como objectivo tornar mais fácil e proveitosa a vida escolar e todo o processo educativo. Este poder, que é também um dever, implica o envolvimento activo dos pais e dos professores que não pode ser posto de lado ou porque «não há tempo» ou porque «as pessoas não querem».



Esta associação ainda não existe na nossa escola. Porquê?

Porquê despediçar um poder reconhecido por lei?

Porquê não aproveitar este poder/ /dever?

Os pais e as respectivas associações, por um lado, e as escolas e as autarquias locais, por outro, devem unir os seus esforços para a construção de uma escola de sucesso, para a democratização da Educação.

Torna-se, pois, urgente que os pais dos nossos alunos assumam e exerçam este poder associando-se e organizando a ASSOCIAÇÃO DE PAIS:

M. J. L.

•

«A reforma educativa será feita pelos pais com todos os portugueses e suas organizações representativas que queiram generosamente concorrer para a realização do destino nacional», disse Roberto Carneiro «O Jornal», 15-01-88.



A Festa de Natal na Escola

LUDOTECA E BIBLIOTECA — PÁG. 2

CARTA ABERTA AO PRESIDENTE DA CÂMARA — PÁG. 2

NATAL NA ESCOLA PREPARATÓRIA DE BARCELINHOS — PÁG. 3

MAGUSTO NA NOSSA ESCOLA — PÁG. 3

Poucas e Boas 3

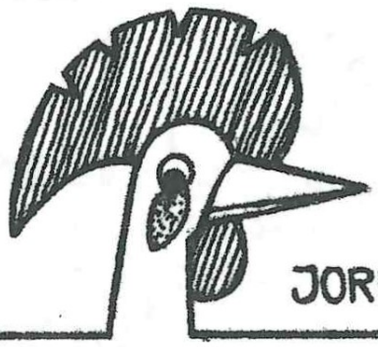
Depois do sonho se tornar uma realiade «Folhas Loucas» não pára.

Estes jovens têm o prazer de ver as suas mensagens transparecer aos olhos de todos nós, por isso fazem com que «Folhas Loucas» se torne pela terceira vez um desafio dos pequenos escritores, poetas, artistas e brincalhões.

Entre o sonho e a realidade a coragem destes jovens percorre um caminho que não pode parar. E muitos mais «Folhas Loucas» serão o orgulho desta gente.

O Futuro é nosso. «Folhas Soltas» também...

ZÉ QUEIRÓS/89



O CANTO DO GALO

Nº 1 . 1º TRIMESTRE . ANO DE 87/88
JORNAL DA ESCOLA PREP. DE BARCELOS

Abertura



Lembram-se do "Alcaide" ?

Este ano lectivo de 1987/88 é a vez do "Canto do Galo". Os Títulos, embora diferentes, revelam bem o amor à Terra Natal dos alunos desta Escola.

Por que motivo mudar o Título? Os jovens são assim mesmo, gostam de coisas novas, diferentes, de mudança.

Iniciou-se este ano o C.T.L. (Centro de Tempos livres). Os alunos que optaram pela actividade "jornalismo" são os escritores deste pequeno jornal, com a ajuda de professores dedicados que os orientam.

A Escola quer mostrar, mais uma vez, a potencialidade dos seus jovens escritores.

Escritores célebres serão um dia? Por que não ?

Têm uma força enorme de crescer, de chegar ao Sol, de amar...

São eles o elo, por excelência, que liga a Escola ao Meio. Fazem-no da melhor maneira, com a simplicidade que lhes é peculiar, contando histórias, lembrando esta ou aquela falha ou exaltando o que mais apreciam. Deste modo, o leitor atento aperceber-se-á do que se vai passando nesta Escola Preparatória.

Isabel Cunha
Presidente do Conselho Directivo

Sumário - Abertura. Notícias. Culinária. Passatempos. Conto.

BIBLIOTECA

NOTÍCIAS DE BARCELOS

Ano I
N.º 1
Quinta-feira, 22 de Outubro
1987
Preço 35$00
AVENÇA

Director Vasco de Carvalho — Director adjunto Fernando Andrade — Publicação Regional Quinzenal

«SANEAMENTO BÁSICO ARRANCA»

Cerca de 225 mil contos estão destinados a obras de saneamento básico e abastecimento de água em freguesias muito carentes desta infraestrutura.

O «FEDER» comparticipa com 50% e espera-se que, em fins de 89, as populações possam usufruir dos frutos do empreendimento.

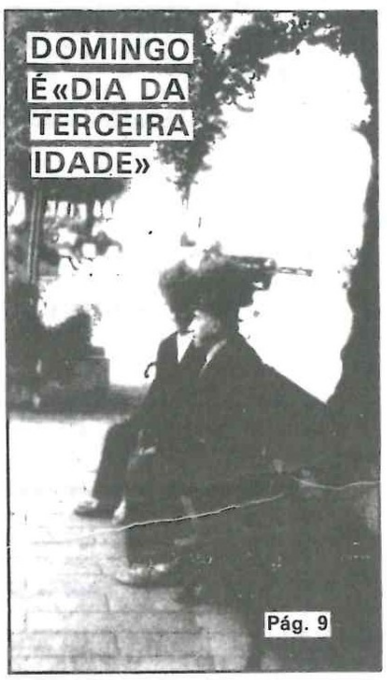
PÁG. 5

A. M. EM SESSÃO

DERRAMA IMPEDE A UNANIMIDADE

(PÁGINA 7)

- «ARRANHA-CEUS» DA CIDADE AO ALCANCE DOS «VOLUNTÁRIOS» — (ÚLTIMA PÁGINA)
- PERIPNEUMONIA ÀS PORTAS DO CONCELHO — (PÁGINA 15)
- MUNICÍPIO INVESTE NA REDE VIÁRIA — (PÁGINA 6)

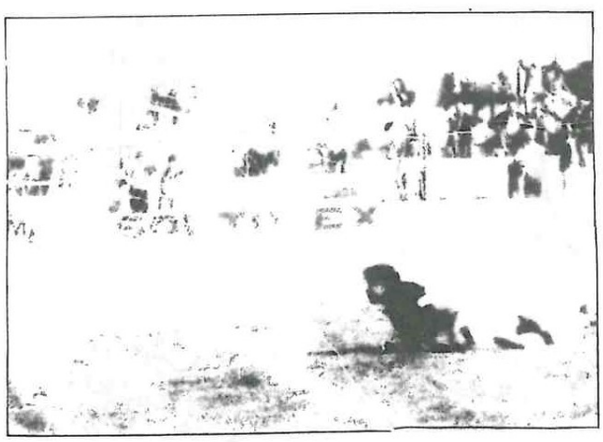


«A velhice não é uma ocorrência trágica. O que chamamos processo de envelhecimento é na verdade uma mudança. A velhice não é o voo dos anos e sim a madrugada da sabedoria».

CAMBESES E ABADE DE NEIVA EM DESTAQUE

(PÁGINA 12 E 13)

«GIL» DESPACHA (5-1) «AMIGOS» DE BRAGANÇA



SANTA MARIA SOBE, SOBE, SOBE!

ÔQUEI DE BARCELOS COM QUATRO ATLETAS NAS SELECÇÕES

(LEIA EM DESPORTO)

ESTATUTO EDITORIAL

1.º — Nos termos do estipulado pela Lei de Imprensa, o «Notícias de Barcelos» define-se como uma publicação periódica informativa de natureza geral, privilegiando naturalmente a informação de interesse local, sem prescindir, todavia, daquela informação especializada que se reputar justificável, embora salvaguardando um cariz não doutrinário.

2.º — O «Notícias de Barcelos» vai orientar-se por critérios de rigor informativo, pluralismo, isenção e apartidarismo, em completa independência no que respeita a poderes ou grupos, sejam de natureza política, económica, religiosa ou de outra ordem.

3.º — O «Notícias de Barcelos» obedecerá aos princípios éticos e deontológicos que devem orientar sempre toda e qualquer actividade jornalística, obrigando-se a respeitar, com a responsabilidade do seu director, a legislação que lhe é aplicável.

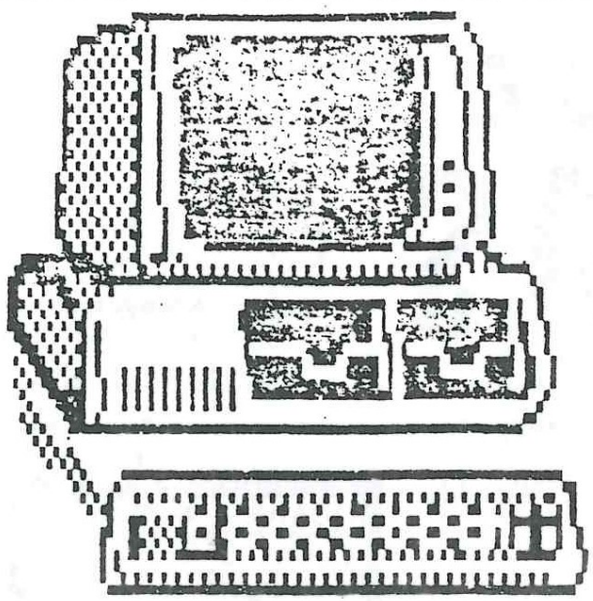
4.º — O «Notícias de Barcelos» lutará pelo debate alargado de todos os assuntos que possam interessar à colectividade barcelense, tentando fazer participar a população em geral à volta dos seus grandes problemas e anseios, fomentando a discussão das ideias, tão salutar como enriquecedora da opinião pública.

5.º — O «Notícias de Barcelos» procurará não descurar a missão formativa que a toda a Imprensa compete, incentivando, pelos meios possíveis, todas as manifestações de acção cultural.

6.º — O «Notícias de Barcelos» pugnará pela maior valorização de Barcelos e do seu concelho, tentando impô-lo, cada vez mais, ao respeito e credibilidade que bem merecem no contexto regional e nacional.

Barcelos, 22 de Outubro de 1987.

A ADMINISTRAÇÃO
A DIRECÇÃO



boletim de informatica

Boletim do C.I. em colaboraçäo com o C.E.I.
Escola Secundária de Barcelinhos

Nº2 FEVEREIRO 1989

EDITORIAL

Cá estamos, nós, mais uma vez!

Após um 1º lançamento de 200 exemplares vendidos na sua to – talidade, vamos aventurar – nos a uma nova edição, agora de 400 exemplares.

Nesta segunda edição do BOLETIM de INFORMATICA, oferecemos, sobretudo:

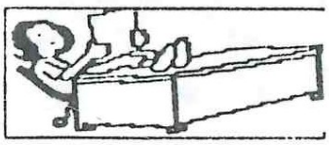
O COMPUTADOR, a sua história o que é, comparando – o ao céré bro humano, e... muitas mais informaçöes.

Com um novo responsável pela pela sua edição (Pedro Correia nº 18; 10º C), o nosso BOLETIM conta também com mais colabo – radores, conforme se pode verificar nas páginas seguintes.

Pedro Correia C.I.

INDICE

– Colaboração dos nossos leitores.





– Artigo de profundidade.

– Publicidade.



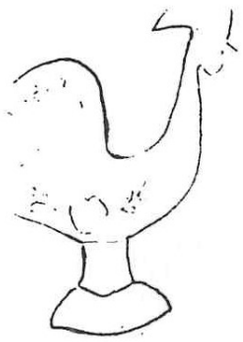


– Apresentação de um programa.

– Passatempos.



BIBLIOTECA

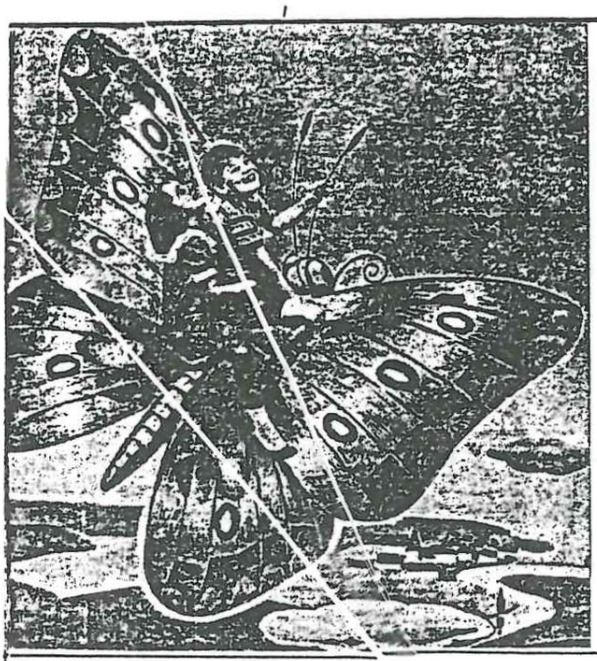


O CERAMISTA



ESCOLA DE GALEGOS S. MARTINHO, BARCELOS – 88/8

XXXX



Palme Infantil

ANO: 1º | Nº: 1 | ESCOLA PRIMÁRIA | TRIMESTRAL

EDITORIAL

Não foi fácil a tarefa de fazer surgir este jornal, porém a persistência de professores e alunos levaram as dificuldades de vencidas e aqui está "Palme Infantil"!

Queremos levar a escola até junto de todos para que todos nos ajudem no trabalho de a transformar num lindo jardim florido, em que os vossos filhos são as rosas que florirão no Amanhã.

"Palme Infantil" acaba de nascer para ser um elo de ligação entre a Escola, Família e Sociedade.

Pretendemos tornar o jornal "Palme Infantil" mais vivo, participativo e formativo, por isso pedimos a todos que contribuam para o seu engrandecimento, quer lendo-o, quer através de trabalhos e opiniões.

Conscientes da sua importância, acreditamos que permitirá transformar a insegurança em firmeza, o egoísmo na alegria de dar e a indiferença no desejo de mudança!

O Conselho Escolar

Neste jornal:

- Editorial
- A Escola Lamenta-se
- Entrevista ao Sr. José Larú
- Festa de Natal
- As Origens de Palme
- Rir, Rir, Rir...
- Clube dos Espertos
- Falando de Palme
- Se Eu Fosse o Sol
- História de Natal
- Carnaval Ontem e Hoje
- Carta Aberta
- Passatempos
- Agradecimento

BARCELOS

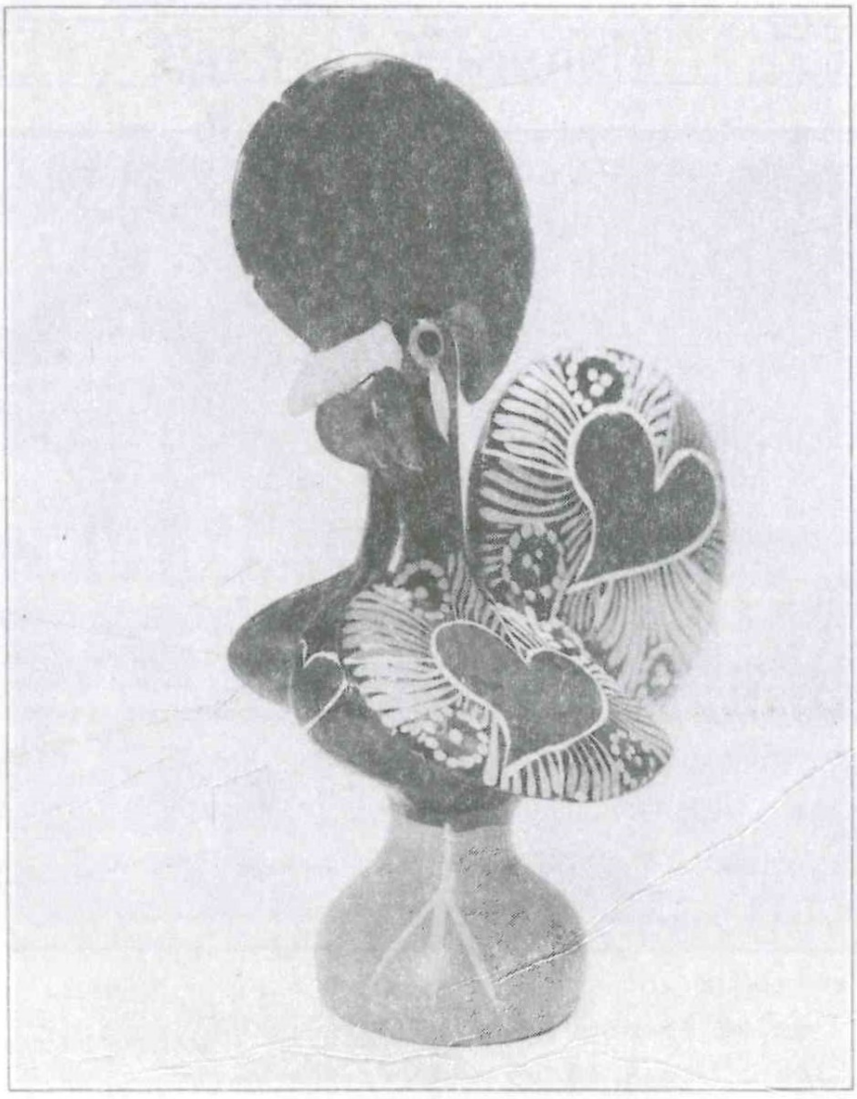


CÂMARA MUNICIPAL DE BARCELOS

BARCELOS

ANUÁRIO/DIRECTORY/1988

ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DE BARCELOS



Europagina

Ecos De La Salle

João Paulo Simões

— Barcelos — COMUNIDADE EDUCATIVA

COLÉGIO • N.º 1 • «LA SALLE»

EDITORIAL

No Colégio La Salle, de Barcelos, todos formamos uma Comunidade educativa: alunos, pais e professores.

Quantos mais laços de união houver entre nós, mais a Comunidade será valiosa. A relação pessoal não é fácil. Este Jornal pode facilitar as coisas. Todos podemos expressar nele o que sentimos, o que vivemos, o que queremos. Pode estimular-nos a sermos criativos, originais, no melhor sentido da palavra.

Podemos compartilhar muito de nós mesmos. Há coisas que nos preocupam ou inquietam. Temos notícias para vos comunicarmos.

Somos de idades muito diferentes. As nossas vidas correm por caminhos diferentes. Mas as nossas

—— Segue na pág. 8

Com o findar do ano lectivo de 1986-1987, 45 dissemos adeus a um Colégio que nos teve consigo durante cinco anos. Digo-vos que foi com uma lágrima no olho que o fizemos!

Na qualidade de ex-aluno e sabedor da existência de um jornal no nosso Colégio, aproveito para alertar os futuros finalistas para a diferença entre o LA SALLE e uma outra qualquer Escola. De facto, a organização da vossa Escola é bem um modelo. Disfrutem dela, mas saibam conservá-la, para que continue como auxiliar de muitos outros no início da sua vida cristã.

Pena que no LA SALLE não haja cursos complementares e Faculdade!

Nuno Figueiredo

Entrevista com o Ex.mo Senhor Dr. Brochado de Almeida

LER NA PÁG. 2

O Pastor mais feliz da Aldeia

António Augusto Silva Costa (9.º B)

Num dia de Primavera, em que o vento soprava suavemente e as árvo-

—— Segue na Pág. 7

NATAL SEM NEVE

Por Joana Luísa (9.º A)

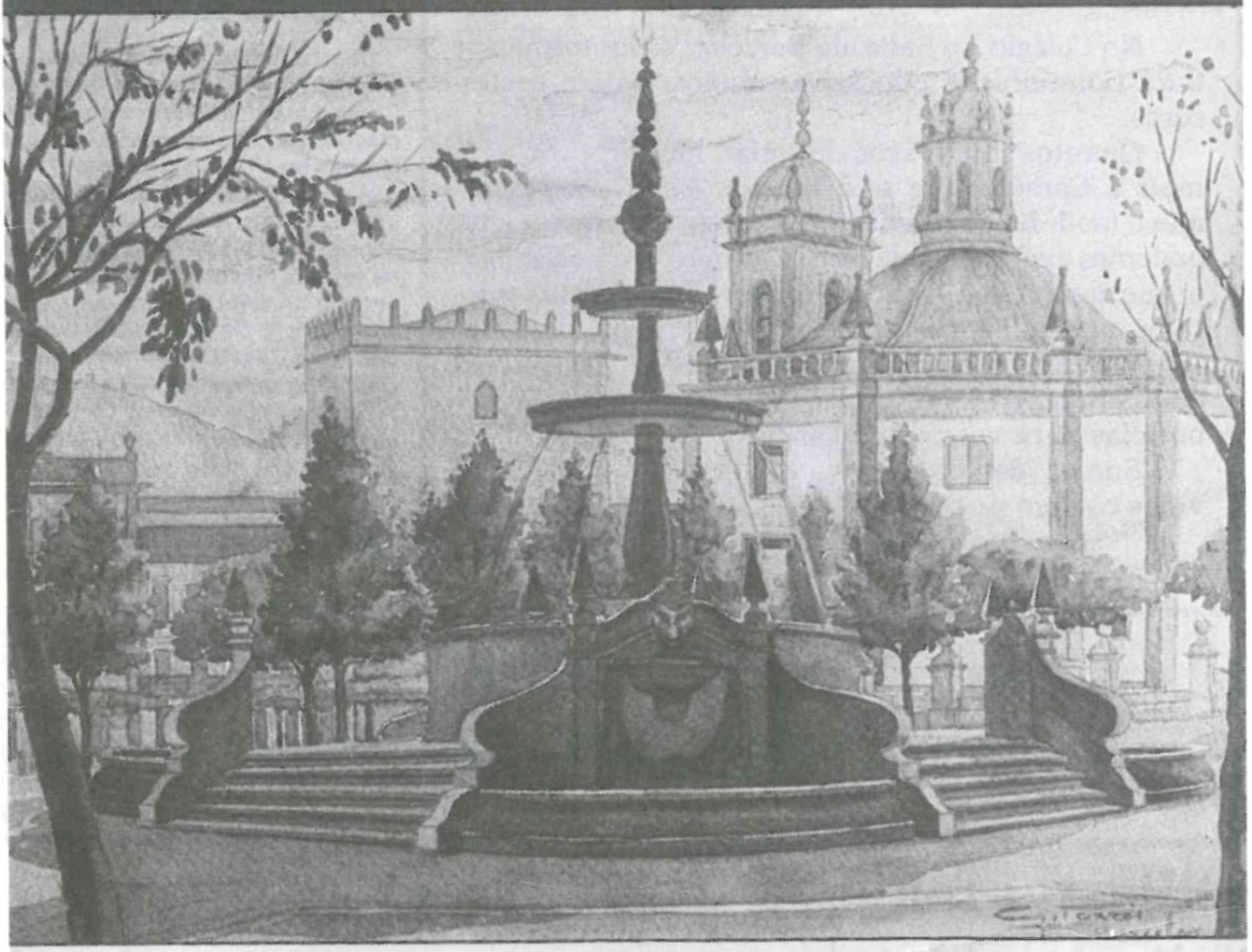
João era um garoto de sete anos que vivia numa região em que, na época natalícia, quase sempre caía neve. Porém, naquele Natal, a neve tardava e João impacientava-se, porque o pai, como ele já era mais crescido, tinha-lhe prometido um trenó. Todos os dias, ao levantar-se, abria a janela e, com desgosto, não via a paisagem que desejava, mas sim o castanho das árvores despidas, emoldurado por um cinzento escuro que arrefecia e entristecia o ambiente.

—— Segue na pág. 6

Boletim Municipal

CÂMARA MUNICIPAL DE BARCELOS

ANO 1 • Nº 1 • BIMENSAL • JANEIRO/FEVEREIRO DE 1988



FESTAS DAS CRUZES

A MAIS TÍPICA ROMARIA MINHOTA

JANELA ABERTA

Propriedade da Esc. Sec. de Barcelinhos

ANO 1988 / MAIO / Nº 2

EDITORIAL

A Feira chegou à cidade!
Senhoras e senhores,
Meninos e meninas,
Graúdos e pequenos!

Venham todos para mais uma grandiosa corridas! Atenção. Aos seus lugares.

O carrocel vais andar para completar mais uma volta.

Olha, lá estás tu, sentado numa girrafa.

Olá - sentei-me no elefante logo atrás.

Um, dois, e... era uma vez...

Mas, ... afinal estamos a ver!!!

E lá em baixo, all repara... Conheces?

Pois é, «o cão da Diana», de perna alçada atrás da árvore... e o «Zé Freixe de pistola à cinta» de laracha com a «Josefina, a Manca» na rua da Alegria.

Repara, agora melhor...

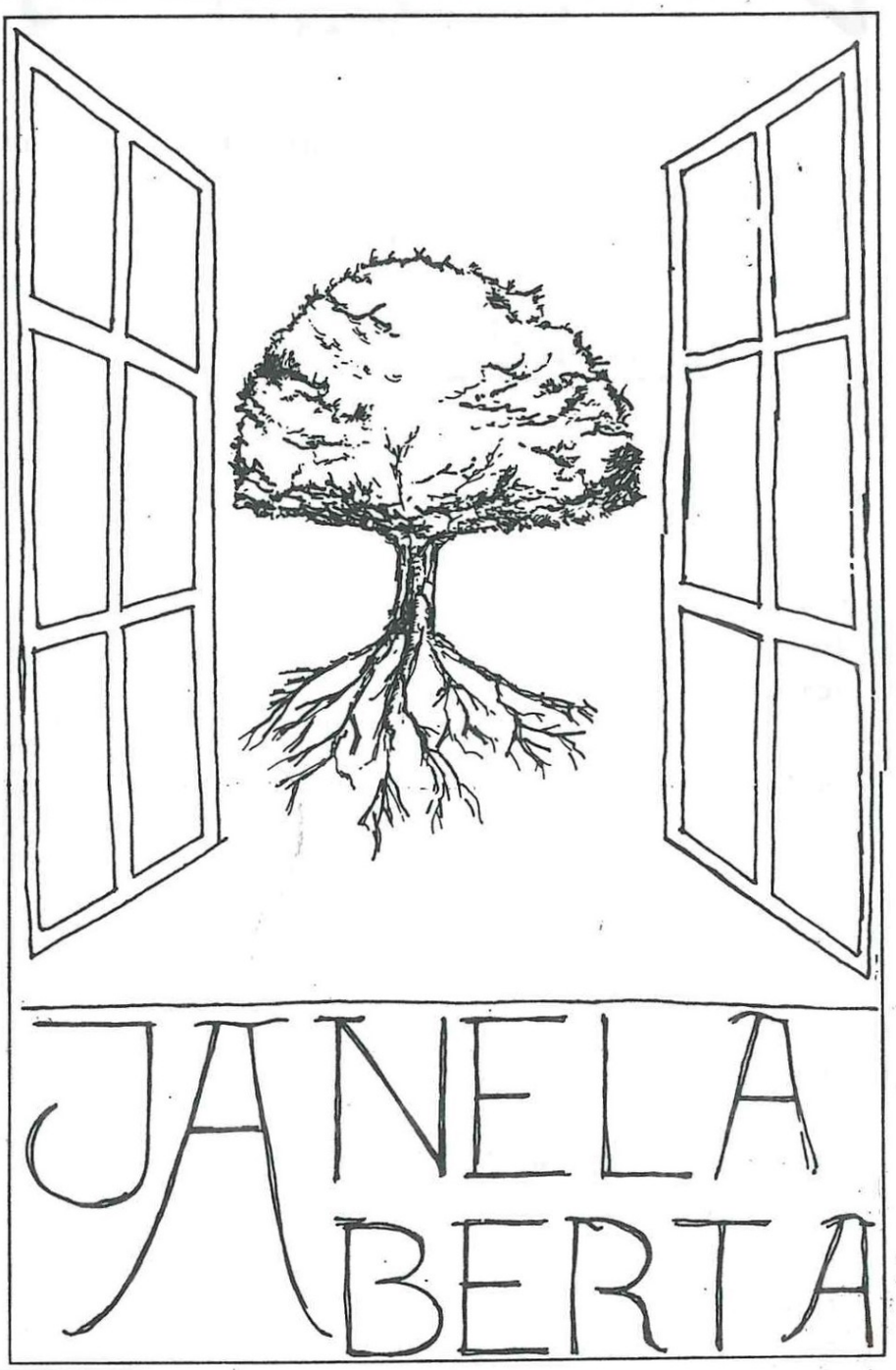
Mas... é a nossa Janela! Vê como sorri... e não está só ... Olha, olha, D. Janela casou... Casou com o Sr. Sol... E além? Consegues ver? Serão filhotes?

Parece que sim! A mais velha é Maria Folha e o mais novo, João Letra. E estão a brincar de rir, saber e contar.

Trrrrlllllm... Senhores e Senhoras, completou mais uma grandiosa corrida!

Mas a Janela empenou. Já não vai fechar. E um Zéfiro quente bafeja nos nossos rostos e o mundo por instantes cabe nos corais das nossas mãos.

TÉTÉ



ECO DE LIBERDADE

NÃO! POR FAVOR!... NÃO ME TIREM A LIBERDADE!...
EU NÃO COMETI NENHUM ASSASSÍNIO, EU NÃO VIOLEI
NUNCA NENHUMA DONZELA; NÃO FIZ NEHUM MAL
A NINGUÉM, NEM SEQUER COM O PENSAMENTO.

PARA QUÊ APERTAR MAIS OS GRILHÕES,
SE EU HOJE NEM SEQUER REAJO!?
E ATÉ QUANDO ESTAREI EU SEDUZIDO
POR ESTAS FORTES AMARRAS QUE VOS NÃO PEDI?!

NÃO TENHO FARDA ESCURA TINGIDA DE ZEBRADO; DA CELA
AS GRADES NÃO AS VEJO Á MINHA FRENTE AMARRADAS,
NEM A MINHA LAPELA TEM NÚMERO DE QUATRO ALGARISMOS.

MAS HÁ PEIAS POR TODO O LADO. CELAS DE INTENÇÕES.
TRISTEMENTE INCONSCIENTE, NINGUÉM É RAZOÁVEL,
E PELO MUNDO PASSAM INDIFERENTES ATÉ Á MORTE!

ZIGMUND SEVLA
88.IV.09

COMUNICADO

A Associação de estudantes, seguindo atentamente o desenvolvimento da Escola e criando meios de conceder uma ideia clara e concisa acerca do trabalho realizado, aceita colocar neste jornal escolar, um artigo cujos princípios e objectivos tentam ir ao encontro de algumas dúvidas dos colegas.

Um primeiro problema colocado por alguns alunos menos passivos, mais controversos, é o facto de a Associação de Estudantes se ter formado pela segunda vez sem haver eleições nem votação por parte da Assembleia Geral.

De facto, após a entrada em aulas, a associação do ano anterior resolveu unir alguns colegas, renovar alguns cargos e formar uma lista. A escola não pode - segundo o nosso viver, desenvolver-se intelectual, social e económicamente se não existir dentro da Escola um grupo, que possa representar os alunos junto dos responsáveis, dos professores e até organizações juvenis como F.A.O.J e o próprio Ministério da Juventude.

Portanto, com este intuito e com o conhecimento anterior do processamento associativo e com respeito mútuo, fizemos até hoje um tabalho únicamente a pensar nos colegas e na abertura da escola ao meio. Reconhecemos que em alguns pontos errámos e fomos em alguns casos provavelmente, injustos, mas o intuito das nossas festas dos nossos jogos desportivos não era o de vencer ou superiorizar algum elemento ou equipa. O facto é que nem sempre é possivel ir ao encontro das prespectivas e dos ideais de cada um. A Associação tentou sempre ir cumprimentar todos os alunos, ajudá-los nos seus problemas e também destruir alguns tabus e mal-entendidos por parte de grupos mais controversos.

Não foram gastos dinheiros em aspectos particulares dos elementos da Associação mas sim compradas bolas, taças e medalhas para colocar e contribuir para uma melhor integração dos alunos na escola. Não tabalhamos em função dos nossos gostos, mas sim em função da escola que consideramos fruto de um grande esforço e contributo de todos que gostam de dar ao seu próximo algo de proveitoso.

Agradeço a todos os professores e alunos que para isso têm contribuido.

Atentamente
A Presidente
Mª da Conceição Brito da Silva

VOZ DE VILAR

ÓRGÃO DE INFORMAÇÃO DO PROGRESSO DA NOSSA TERRA

PUBLICAÇÃO BIMESTRAL • Nº - 0 • MARÇO/ABRIL • 1988

Editorial

Numa noite fria de Inverno, tivéramos um sonho. Sonháramos com um pequeno jornal, boletim paroquial, formativo e informativo, que pudesse ajudar as gentes de AREIAS DE VILAR a desenvolverem a sua e nossa terra, a preservá-la, salvaguardando tantos dos seus valores culturais, enfim a amarem-na mais, a sentirem a felicidade quando chamados ao trabalho comum, a encontrarem razões mais fortes de viverem.

Tivéramos um sonho! ...

Estava dado o primeiro passo para que surgisse a realidade. Procuramos não deixar morrer essa nesga de luz, essa ideia, incrementando-a, procurando alimentá-la, estudando os prós e os contras, para que nascesse sem grandes sobressaltos.

Transmitido o que era sonho a alguns, surgiram os primeiros colaboradores.

Assim nasceu "VOZ DE VILAR".

VOZ - para que seja sempre "voz" de todos e sobretudo dos que não têm voz, ou nunca foram ouvidos. VOZ - onde todos possam transmitir, dentro do racional, as suas ideias, onde todos possam dialogar.

Boas festas! Aleluia!

Toda a Igreja vive a alegria da festa da Ressurreição de Jesus. Em muitas paróquias os cristãos dão-se mutuamente as boas-festas pascais. Em todo o mundo católico se canta jubilosamente o aleluia!



Também Voz de Vilar se junta ao coro vitorioso, desejando a todos os seus leitores e amigos a alegria perene que brota do mistério da Ressurreição de Cristo.

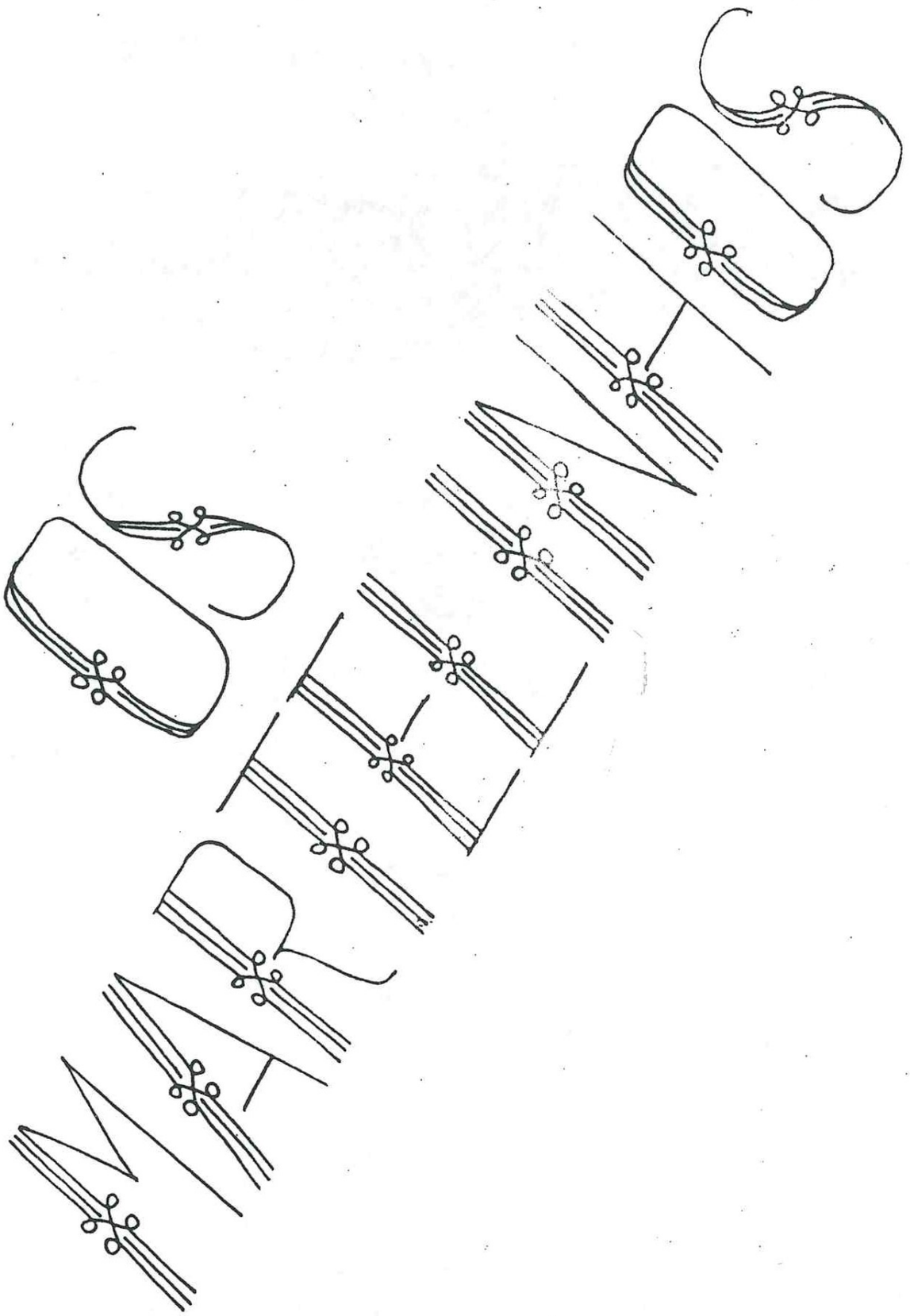
Boas festas! Aleluia!

... DE VILAR, desta terra recordada por Arnaldo Gama, situada nas fraldas do monte de Airó, esta faixa de terreno beijando as águas serenas e mansas do Cávado, esta terra que se estende desde a Pousa e Encourados, a Rio Covo e Adães. Esta terra tão historiada e tão antiga e tanto esquecida pelos homens do nosso tempo.

(Continua na pag.2)

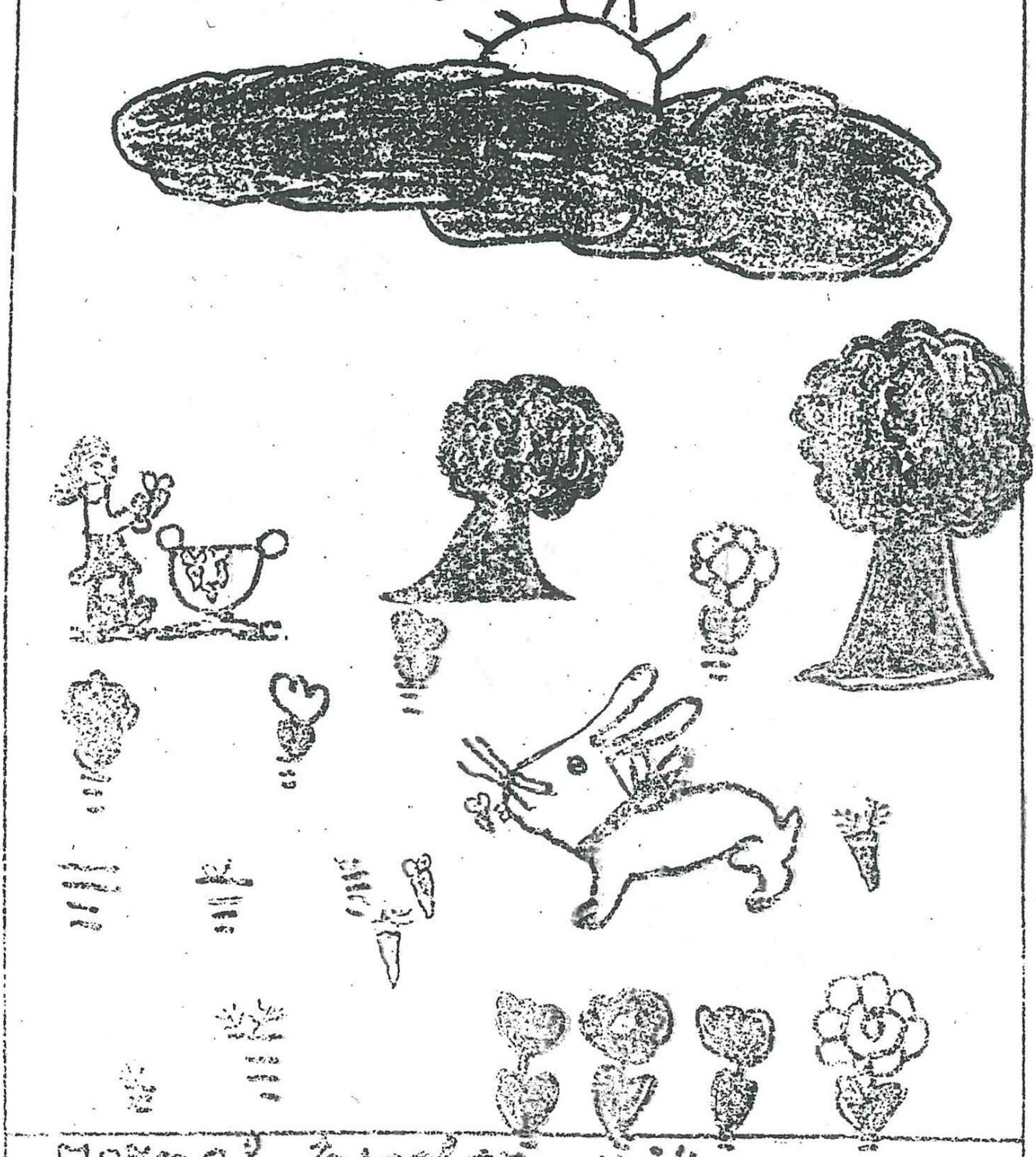
Escola Primária de Aborim

OS MARTELINHOS



DEZEMBRO de 1988 - 1ª edição

O Coelhinho Branquinho



Jornal Escolar - n.º 4

Escola de Bemposta - Vila Seca - Barcelos

ANO I — N.º 1

JUNHO • 1989

148 PÁGINAS

AVENIDA DO MINHO

Director: ***VALE FERREIRA***

Subdirectora: **TERESA MESQUITA**

Para a Biblioteca Municipal com a Amizade 27.06.89

ESTATUTO EDITORIAL

1. **AVENIDA DO MINHO** é uma revista escolar semestral. Norteia-se pelos princípios éticos e deontológicos em vigor para os Trabalhadores da Informação. Respeitará a legislação aplicável à actividade jornalística.

2. Assume-se como revista que pretende levar a Escola à Colectividade.

3. Privilegiará, no seu conteúdo, a Informação rigorosa e isenta. Pugnará pela formação, a todos os níveis.

4. **AVENIDA DO MINHO** é independente do poder político, bem como de grupos sociais, religiosos e económicos.

5. **AVENIDA DO MINHO** dedicará um carinho especial à dinamização da escola e da língua portuguesa. Tentará difundir a cultura, espevitando potencialidades.

C. M. B.
BIBLIOTECA



DIDÁLVI

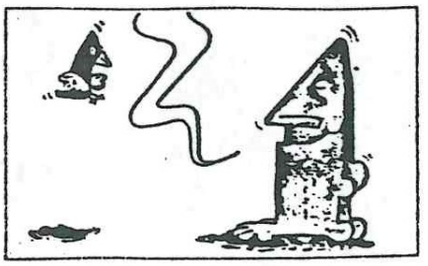
COOPERATIVA DE ENSINO DE ALVITO S. PEDRO, C. R. L.

ALVITO S. PEDRO
TELEF. 881195 — 4750 BARCELOS

Anuário 1988/89

C. M. B.
BIBLIOTECA

NUMERO



JORNAL DA ESCOLA SECUNDARIA DE BARCELINHOS

Nº 1
ANO I

CUSTO
50

EDITORIAL

Renasce das cinzas obliteradas a "Phoenix".Alevanta-se de um longo letargo o **"NUMERO 1"**,aquele que anela ser a tua voz,que para tanto te oferece a tribuna das suas colunas e que,noutra perspectiva,se propõe levar-te o testemunho e o apelo dos que a teu lado labutam e se empenham na escalada da vida.

É o teu ***JORNAL***

E aí fica o sublinhado para compulsares seriamente a sede da tua sensibilidade e te interrogares sobre todo o alcance do valor afectivo que vai naquele deítico possessivo.

Não lhe regateies o apreço e a estima que te merece. **Ama-o**. E a prova insofismável do teu apreço vai ser o entusiasmo que vais pôr na sua divulgação e no empenhamento em torná-lo conhecido.

Ele conta com a tua ***SOLIDARIEDADE***

Contigo,será catadulpa a atirar para ideais mais altos,aqueles que rastejam na mediocricidade e bagatela!

Contigo,será foguetão a pôr na órbita dos autênticos valores humanos,os jovens que vogam nos balões quiméricos do capricho e da auto-suficiência.

Contigo,será estrela polar a apontar os rumos certos da vida a tantos desnorteados das metas primárias da existência falaz.

É fácil criticar,mas é difícil C-R-I-T-I-C-A-R . Por isso,dá teu apoio incondicional a esta iniciativa,e não te fiques pelo mero e confortável negativismo dos que dão o seu sorriso de desprezo.

Lê,divulga e aprecia mais este pedaço da tua **ESCOLA** e da tua **VIDA** .

A. Carvalho

SUMARIO

CANTINHO DA POESIA - Pág. 2

Lançamento de livro

A fim de dinamizar a biblioteca da Escola e incentivar os alunos à leitura,a secção do C.P. teve a iniciativa de lançar três obras literárias.

Pág. 3 e 4



A TELEVISÃO

-refúgio e prisão do indivíduo ?

Pág. 5



A IMPORTÂNCIA DA FILOSOFIA NA ESCOLA

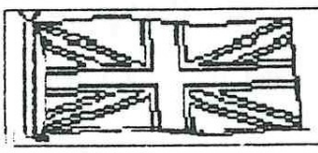
Temos todos que viver como somos.Daí a necessidade de revelação do nosso interior para que não caiamos no desumano e no ridículo de uma existência mecanizada.

Pág. 6

ESPECIALIZAÇÃO DO JORNALISTA

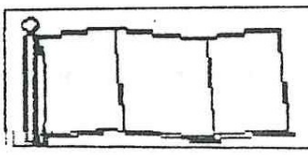
É uma questão muito delicada esta da especialização do jornalista!...

Pág. 4



ENGLISH PAGE

Pag. 8



LE FRANÇAIS A L ÉCOLE

Pág. 7



JORNAL - DE - S. LOURENÇO

C. M. B.
BIBLIOTECA

ANO 1 * DEZEMBRO — N.º 0 * PUBLICAÇÃO MENSAL

Editorial

Mês de Dezembro. Mês de balanços e avaliações. Mês de projectos e de esperanças...

Depois de dois números do nosso Boletim Paroquial, muitas foram as sugestões para alterarmos o título e assim aconteceu. É diferente, esperemos que agrade. O estilo vai continuar, uma vez que tem encontrado boa aceitação.

A partir de Janeiro e, para facilitar a vida a todos, podem, aqueles que o quiserem, pagar a sua Assinatura Anual, que será, para os residentes em Portugal de 400$00.

Assinatura anual de benfeitor — 1.000$00.

Para o Estrangeiro, uma vez que há despesa no correio, serão precisos 800$00.

Estamos no mês do Natal, uma festa cristã que se perde na memória dos séculos.

Os cristãos devem aprender a descobrir o verdadeiro significado do Natal: Deus veio ao mundo, é preciso acolhê-Lo na nossa vida, distribuindo gestos e palavras de amor universal.

Aproveito esta oportunidade para saudar todas as pessoas de Igreja Nova e de Alheira; os emigrantes na Europa e na América e desejar a todos um Santo e Feliz Natal cristão na paz, na alegria, na Fraternidade entre todos.

O Director

NASCEU O AMOR

Os católicos celebram em cada dia 25 de Dezembro o nascimento de Jesus Cristo, que, segundo o Evangelho de S. Lucas, aconteceu pela ocasião de um recenseamento ordenado pelo imperador romano César Augusto. José e Maria foram a Belém recensear-se e quando lá se encontravam completaram-se os dias e Maria deu à luz o seu filho que reclinou numa manjedoura, porque não havia lugar para eles na hospedagem (Luc. 2, 1-7).

Foi assim o Natal há 1989 anos. Reparemos nas lições que ele nos dá:

1. O Natal ensina-nos a pobreza e a humildade. Pobreza de Deus que tomou a nossa carne. Pobreza que O levou a nascer numa manjedoura. Pobreza de ser visitado, primeiramente por pastores.

Isto em contraste com os rios de dinheiro que nos nossos dias se gastam nesta quadra.

(Continua na 3.ª pág.)

Filosofando...

Nenhuma pessoa pode viver sem alegria.

Hoje vivemos numa sociedade de abundância, mas tantas vezes sem alegria.

Todos, sem excepção, procuram ser felizes, embora empregando meios diferentes, todos tendem para esse fim.

Cada dia é um dom de Deus, um presente renovado com amor todas as manhãs, que devemos aproveitar para sermos felizes e fazermos felizes os outros.

A alegria é o verdadeiro segredo do cristão.

A alegria é de natureza moral; não é o bem-estar que a obtém, mas é a alma que a produz.

Um santo triste, é um triste santo.

O Filósofo

Novos amigos

BIBLIOTECA

Como é bom sermos irmãos
Como é bom sermos amigos
Trabalhando todos juntos
Sempre, sempre muito unidos.

jornal da escola de Sequiade-Barcelos Dez.89 nº1

Olá amigos

Este é o nosso jornalinho
É um novo amigo e com ele iremos com certeza arranjar "Novos amigos". Vai ser feito por nós, os meninos e meninas da Escola de Sequiade. Aqui iremos contar as nossas histórias, relatar acontecimentos importantes, sugerir brincadeiras. Contamos com a compreensão de todos vós, Amigos Leitores.

Hugo Óscar - 1ª F. 2º A.



Desenho de Liliana Ramos - 1ª F - 1º Ano

A Abertura das Aulas



A abertura das aulas é sempre uma emoção para os meninos e meninas.

As montras estão cheias de: cadernos, reluzentes, livros de Matemática, Meio Físico e Português, e muitos mais.

Muitos meninos fazem as listas para comprarem o material escolar.

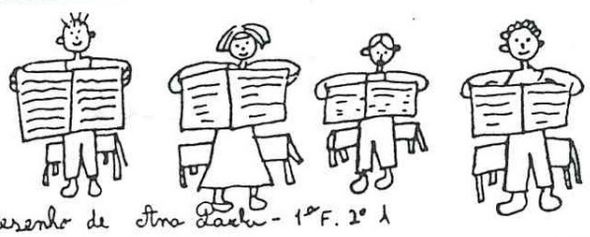
Alguns já estão a encapar os livros com fantasias de plástico para durarem mais tempo.

Chega o primeiro dia de aulas. Todos os amigos antigos se reúnem em grandes correrias.

Há risos, gritos, há alegria sem fim! Os mais pequenos estão encostados num canto tímidos e envergonhados porque para eles tudo é novo. Ainda não conhecem ninguém!

Viva a escola que já começou!
Um bom ano para todos!

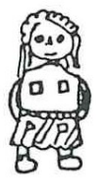
Susana Marlene – 2º Ano - 2ª Fase



Desenho de Ana Paula - 1ºF. 2º A



Somos o futuro
De mundo que avança
Trazemos no peito
A chama da esperança.



letra de Victor Miguel - 2ºA - 2.ºF

A borboleta

Lá vai ela, lá vai ela
A borboleta no ar
Lá vai ela com é bela
Lá vai ela, lá vai ela
É uma flor a voar

JORNAL DA ESCOLA DE AREIAS DE VILAR BARCELOS Nº2 ABRIL 1990

Chegou a Primavera



A Primavera é uma estação do ano.

Começa no dia 21 de Março.

Os passarinhos na Primavera fazem os ninhos.

Vemos muitas borboletas e passarinhos a voar.

As andorinhas vêm para Portugal.

As pessoas vestem roupas mais leves e frescas.

Ouvem-se os passarinhos a cantar logo de manhã.

A Natureza na Primavera é bonita. As flores e as árvores rebentam. O sol brilha muito. É o tempo das cerejas.

Que bom chegar a Primavera!

Vitória - 7 anos 2º ano

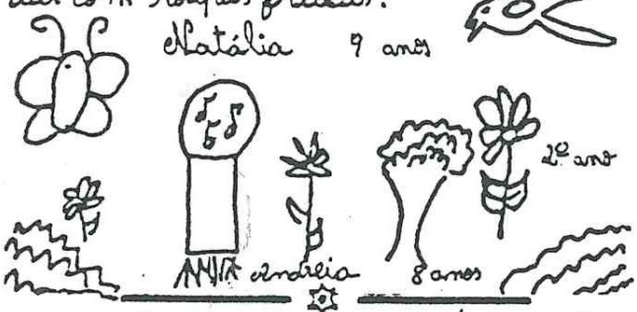
A Primavera é uma estação do ano.

Na Primavera há flores e andorinhas

A Primavera é a estação mais bonita e começa no dia 21 de Março.

As pessoas na Primavera devem andar com roupas frescas.

Natália 9 anos



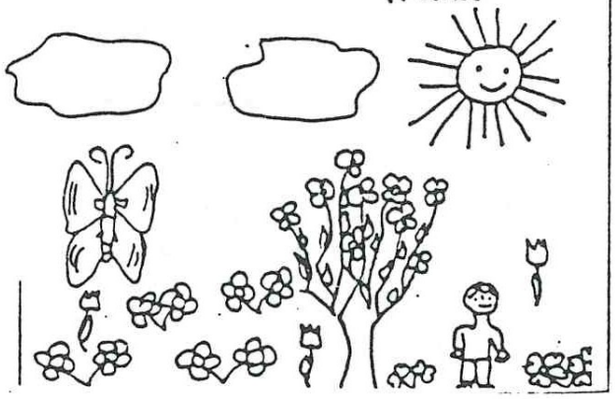
A Primavera como vocês todos sabem é uma estação do ano.

É uma estação muito alegre. As folhas das árvores estão verdinhas, os campos floridos e há flores de todas as cores.

Toda a gente seja pequena ou grande gosta da Primavera.

Na Primavera há a Páscoa quando todos sorriem alegres e bem dispostos porque é a ressurreição de Jesus. Para si os votos de uma Páscoa feliz onde haja Luz e ar de Primavera.

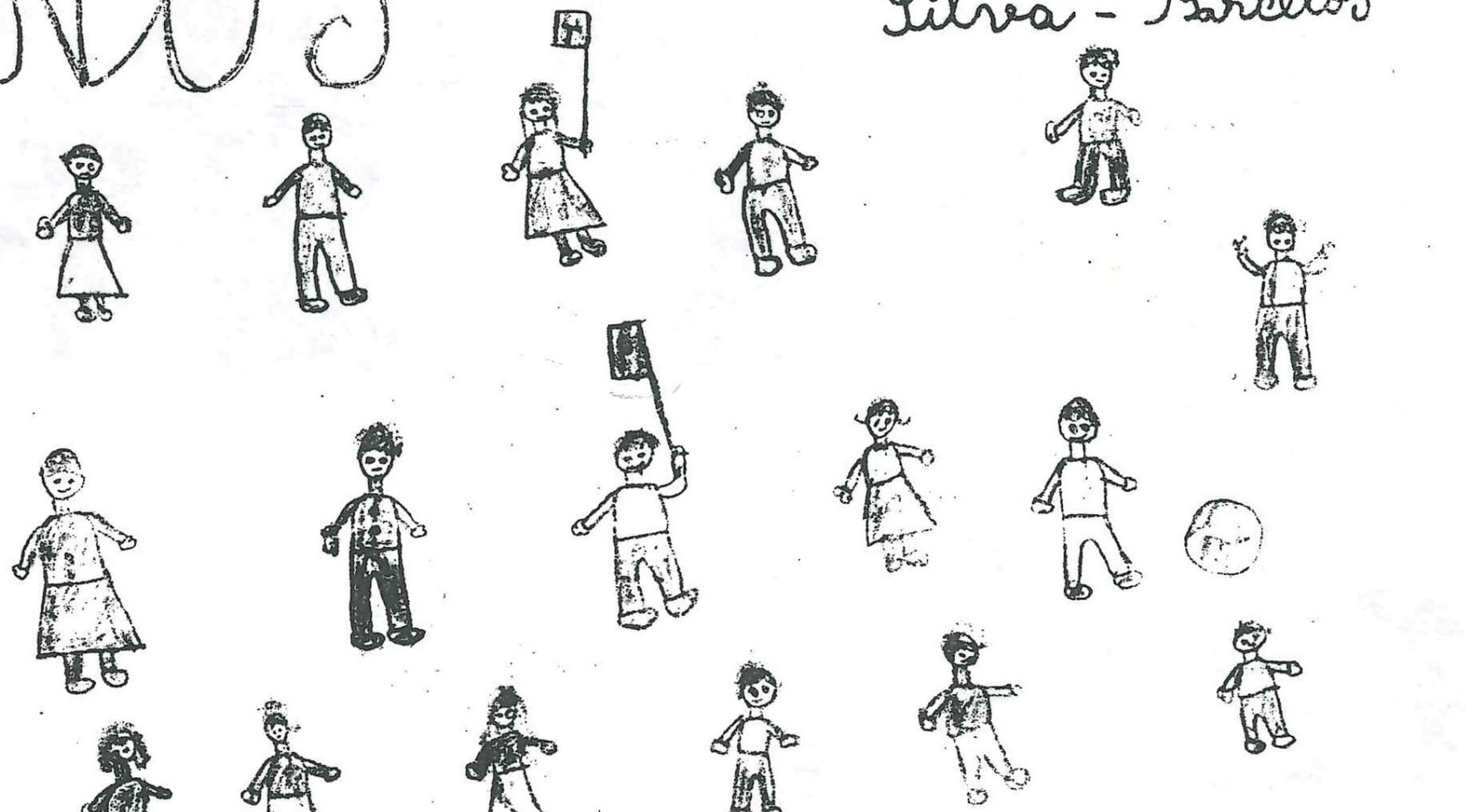
Liliana 4º ano
11 anos



Nós

BIBLIOTECA

jornal dos alunos do
1º e do 2º anos da
1ª fase escola da
Silva - Barcelos



Joaquim Francisco



C. M. B.
BIBLIOTECA

O Galo

À Biblioteca.
30-04-24

Jornal do Jardim de Infância
Av. João Duarte - Arcozelo
BARCELOS

Nº1 ANO 89/90

EDITORIAL

Este jornal pretende ser o culminar de todo um trabalho desenvolvido ao longo do ano lectivo no Jardim de Infância Av. João Duarte em Arcozelo. Nele serão relatados alguns dos episódios que mais sensibilizaram as crianças, e actividades que lhes foram mais aprazíveis.

As Educadoras deste Jardim de Infância não podem deixar de aproveitar esta oportunidade para publicamente dar um louvor a todos os pais que com elas colaboraram de uma forma verdadeiramente notável tornando possível levar a bom termo os projectos que se propuseram realizar. Para eles o nosso

Muito Obrigado.



Arcozelo Informático

Edição nº 1
Jornal Escolar
Preço: 80 Bytes Direcção: 11º I



Editorial

Questionando aquilo que ninguém se atreveu a questionar, pensando sobre aquilo que ninguém pensou, e sobretudo, afirmando aquilo que ninguém pensava que poderíamos afirmar, editamos o Arcozelo Informático, um jornal mensal projectado pelo 11º I destinado a todos aqueles que procuram satisfazer as suas necessidades literárias.

Na primeira edição deste jornal, procuramos abordar temas relacionados com o Maio conturbado que vivemos tanto a nivel nacional como internacional. Pretendemos ser originais, introduzindo rubricas que vão desde a história da nossa região à actualidade do agitado mundo em que vivemos, do Desporto aos passatempos, desde as indecifráveis mensagens às curiosidades tanto apreciadas pelos leitores que procuram saber sempre mais. Num jornal ligado à Informática era imprescindível que tivessemos um espaço dedicado a esta ciência.

Contudo, para mais informações sobre o que eu aqui disse, façam o favor de procurar nas páginas ao lado indicadas, os assuntos que vos mais interessam.

RELOJOARIA
OURIVESARIA
António Araújo L.da
Av. D. Nuno Alvares Pereira, Loja 87
Telefone 816366

Escultura especial

Esculpi o teu rosto
Infinito e misterioso
Todos os detalhes estavam salientes
Os olhos aguados. A boca silenciosa
Em seguida esculpi teu corpo
Suave e delicado
Os braços bem fortes e o tronco rebusto.
Retoquei todos os detalhes
Estava pronta a minha escultura
Tu estavas pronto
Pronto Para tudo. Menos para me amar
Foi por isso que em seguida
Peguei na tua escultura
E ... Atirei-a contra a parede!

Poema : *Sara Alves*

Automobilismos
O Porsche 911
(pag. 2)

Região
História
de Barcelos

Informática
Introdução ao Pascal (pag.3)

INFORCELLIS
Av. Alcaides de Faria, 428
C. Com. Alcaide - Loja 15
4750 BARCELOS
Tlf. 813446
Computadores
Copam
Impressoras
EPSON
HEWLETT PACKARD
Desenvolvimento de Software
Agente INFOLOGIA

FOLHAS QUEBRADAS

Jornal da Turma A do 8º ano
Professor responsável: Dª Luísa Cruz

Editorial

Eis " Folhas Quebradas " !
Eis a primeira experência de jornal da nossa turma !
Titubeante , apressada , um pouco esquelética ,
experemintal !...
E o primeiro número !
Que pretendemos ?
Apenas levar , até junto vós , algumas
pequenas, grandes coisas para nós.
Não pretendemos a perfeição de um jornal
de turma , esse (a perfeição) vive do outro
lado de lá onde não há pessoas.
Aceitamos críticas construtivas, porque talvez um
próximo ano consigamos chegar mais longe em menos
tempo e com menos esforço.

Luísa Cruz

O Centro Escolar de Informática é o responsável pelo arranjo gráfico deste jornal.

SUMARIO

. A nossa escola - estudo das suas qualidades e defeitos.
(página 2)

. A Sida - doença do nosso século.
(página 9)

. Fumar não é para si - análise de um problema sem solução.
(página 3)

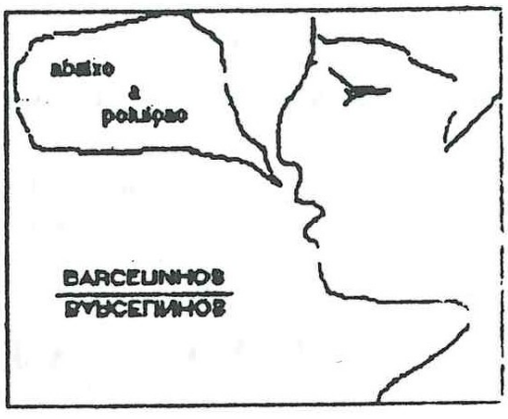
. A Biblioteca - sua principal utilidade.
(página 4)

. Anedotas e adivinhas - tempo para divertir.
(página 5)

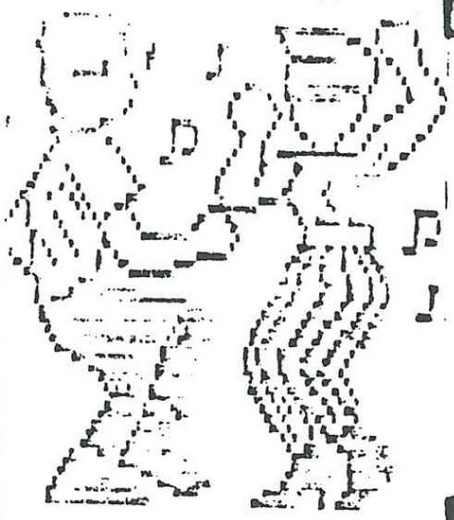
PENSAMENTOS DO DIA:

" Um dos veículos mais caros dos nossos dias é o carrinho do supermercado "

" A doença é a saúde dos micróbios."



5 0$00



IDEIA JOVEM

ESC. SECUNDÁRIA DE BARCELINHOS

CARTA AO LEITOR

OLÁ A TODOS:

Somos uma simples turma "8º C", desta maravilhosa escola, que resolvemos ter uma IDEIA JOVEM — a edição de um jornal.

Esperamos que a selecção dos temas seja do teu agrado, pois o nosso objectivo é, especialmente, fazer com que estejas a par dos problemas da tua escola e não deixando de lado a parte que te divertires um pouco com esta nossa ... IDEIA JOVEM.

8º C



PROBLEMAS ESCOLARES



POESIA



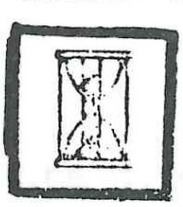
CULINÁRIA



CONTOS



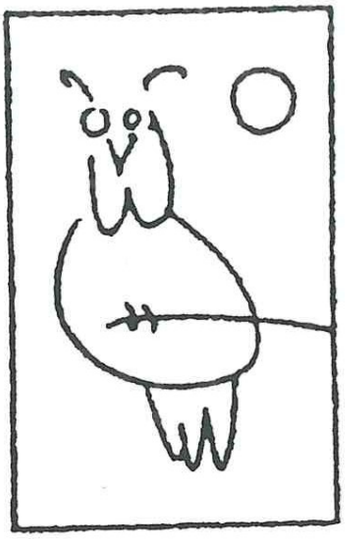
ANEDOTAS



PASSATEMPOS

DISposições

BIBLIOTECA



REVISTA DOS ALUNOS DE FILOSOFIA
ESCOLA SECUNDARIA DE BARCELINHOS
Nº2
1991



CÂMARA MUNICIPAL DE BARCELOS
1982

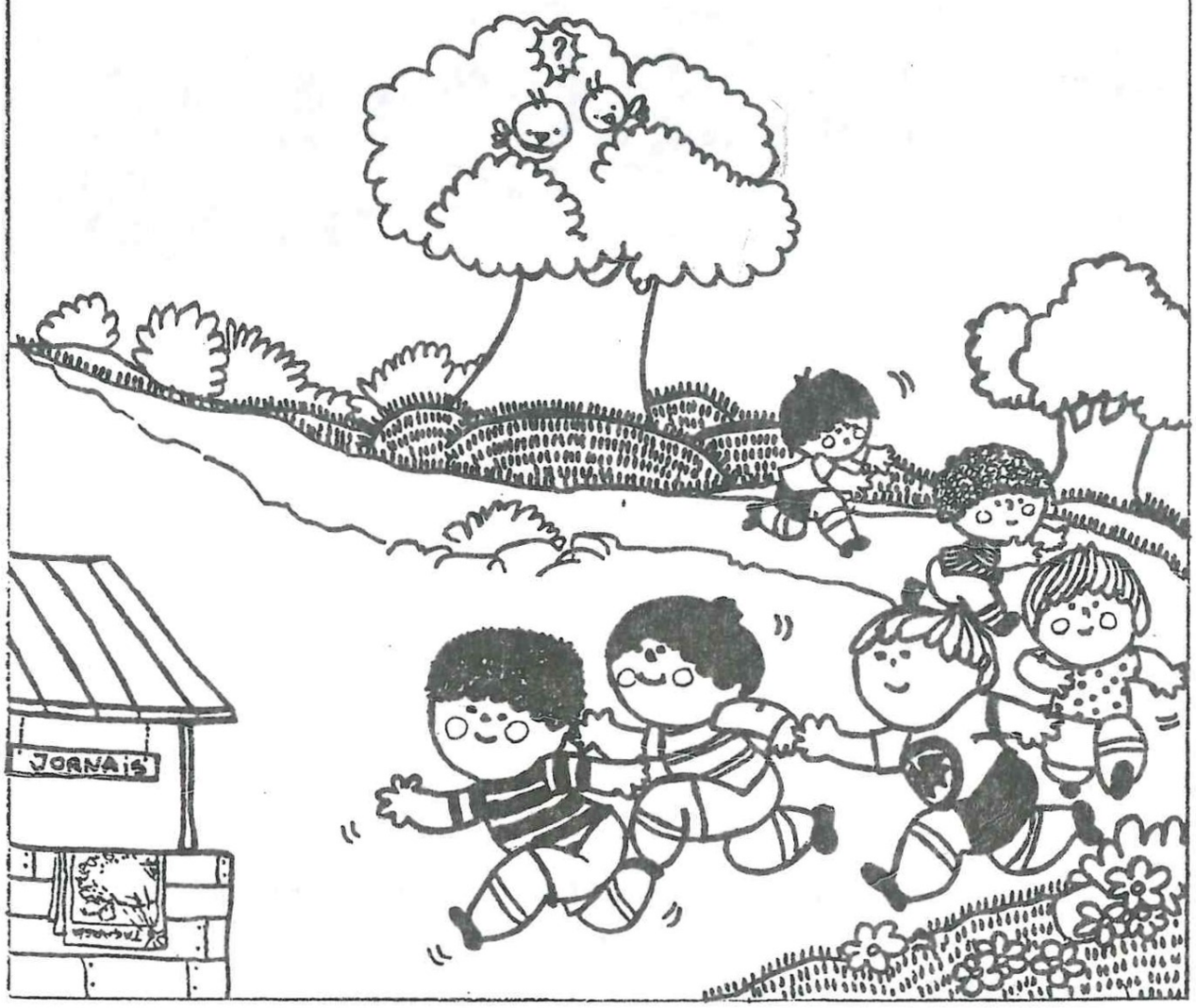
C. M. B.
BIBLIOTECA

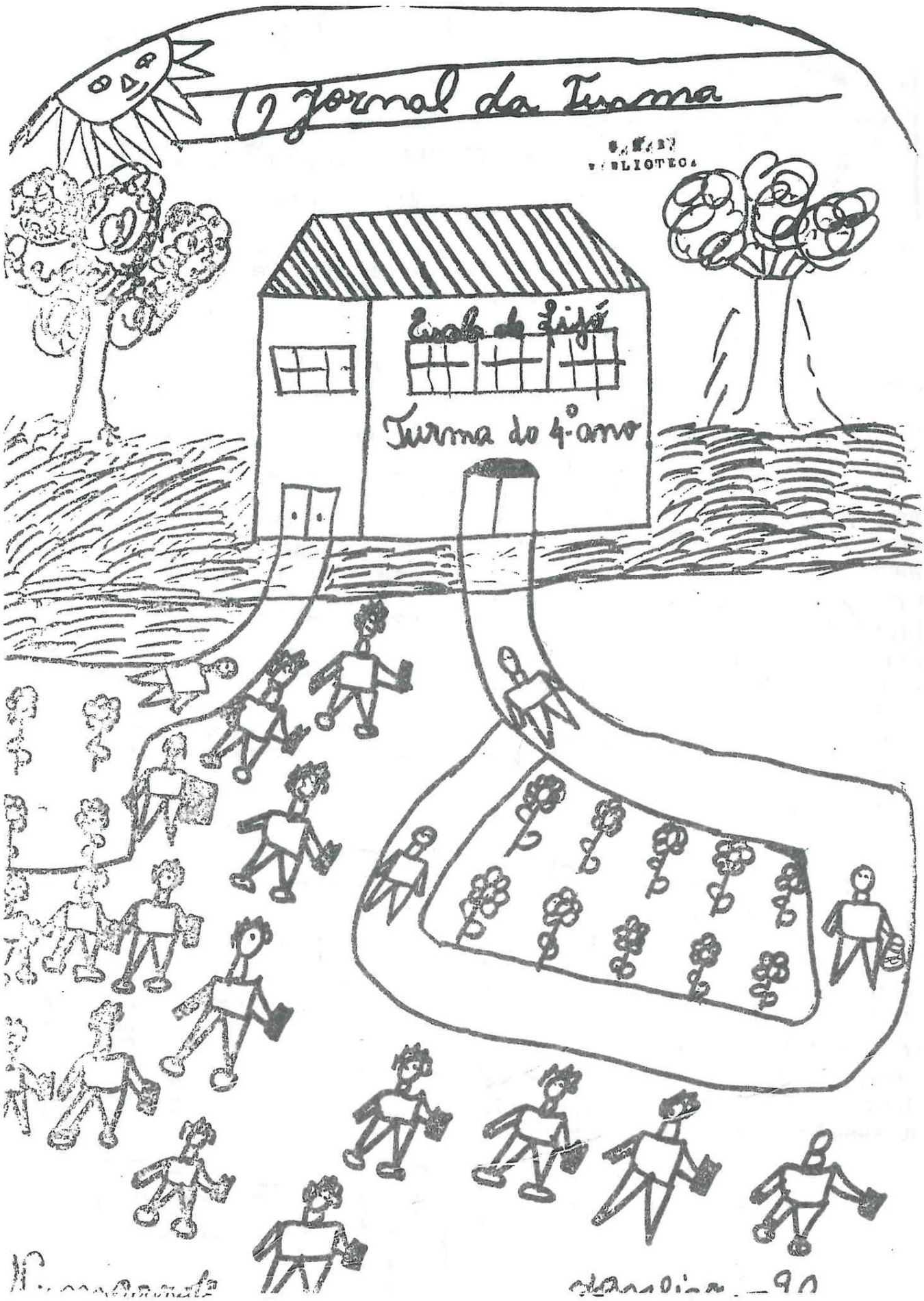
tagarela

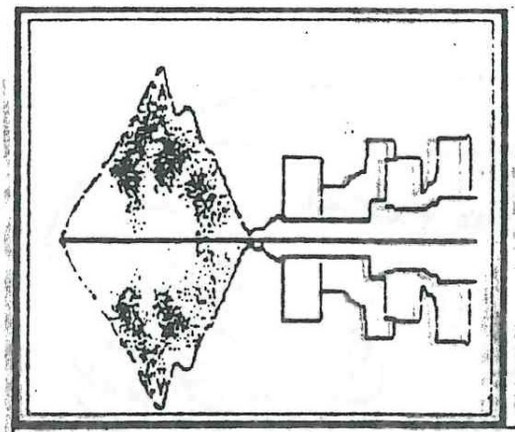
EDIÇÃO Nº 1

REDACÇÃO - ALUNOS DA APACI

PREÇO - 50 TAGARELAS




O Jornal da Turma
Escola de Leiria
Turma do 4º ano



LE MIRAGE

E.S./B.
BIBLIOTECA

Le premier Journal FRANÇAIS de notre école

JOURNAL DE LA DIVISION 10 ième D/E ; Français, niveau 4.
Le Directeur: *Maria João Guimarães Santos, 10ª D*
Escola Secundária de Barcelinhos - S. Brás

Le 5 février 1990
Nº 1 , ANNEE I
Prix 1 franc

EDITORIEL

Voilà un jornal qui veut informer ses lecteurs sur les évènements les plus importants qui se passent à l'école et qui veut publier les meilleurs travaux des élèves de la division D et E du dixième année.

Ce journal veut informer sur les grands problèmes de notre école: la poubelle; la faute d'une cantine, l'accès à l'école, une pauvre bibliothèque, les conditions pour les cours d'éducation physique ...

Il fera penser les responsables à la résolution de ces situations.

Toutes les personnes qui sont à l'école (élèves, professeurs et fonctionnaires), peuvent participer à la réalisation de ce journal; donc il aura de différentes opinions et il sera un moyen de communication parmi tous les éléments de l'école. Avec une page de loisirs, le journal pourra aussi distraire et amuser le public, et par conséquent attirera l'attention des élèves à la lecture.

Bref, ce journal est réellement quelque chose très importante dans une école qui veut être un bon lieu de formation.

On attend votre participation!

Maria João Guimarães Santos, 10ième Année



LE MONDE

Les journaux Français au Portugal!

Dans une école de Portugal les élèves de la 10 E et D vont faire un journal de classe avec l'aide de leur professeur de Français.

Dans l'Ecole Secondaire de Barcelinhos, il sortira un journal de classe, en Français, fait par les élèves de la 10ièmeD et E . Ce journal aura une page sportive, une autre de loisirs....

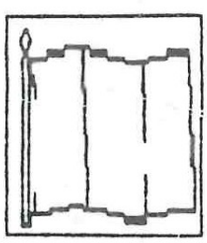
C'est très important pour nous, français, avoir au Portugal un journal qui va parler des évènements qui se passent ici en France.

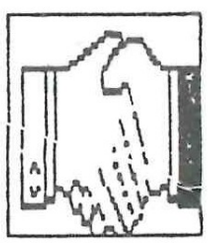
Nous avons parlé avec le professeur, et il nous a dit: "Les élèves sont très intéressés à faire ce travail, c'est très important pour eux".

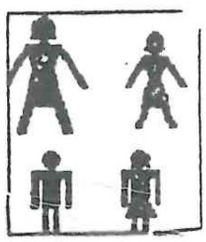
Le journal va parler des problèmes de l'école: ses accès, les installations, les dificultés de l'école; et aussi des problèmes que nous avons ici en France.

Nous esperons qu'ils aient du succés avec ce travail.

REPORTER X - LE MONDE



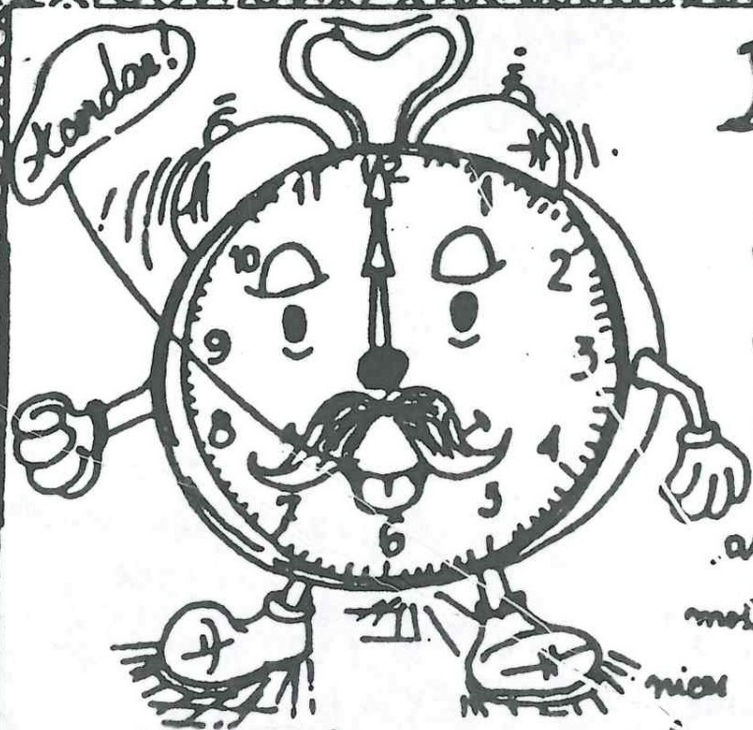




ETUDIEZ LE FRANÇAIS!

O TRAQUINA

JORNAL ESCOLAR — MARÇO 1990



DESPERTAR

Olá amigos!

Vamos, neste jornal, dar-vos a conhecer um pouco aquilo que é a vida escolar. Sendo assim, "O Traquina" não mostrar-vos-á as traquinices que se fazem mas, sim, tudo aquilo que se vai fazendo e aprendendo. Assim, podem ver como se vai construindo, pouco a pouco, o homem do amanhã.

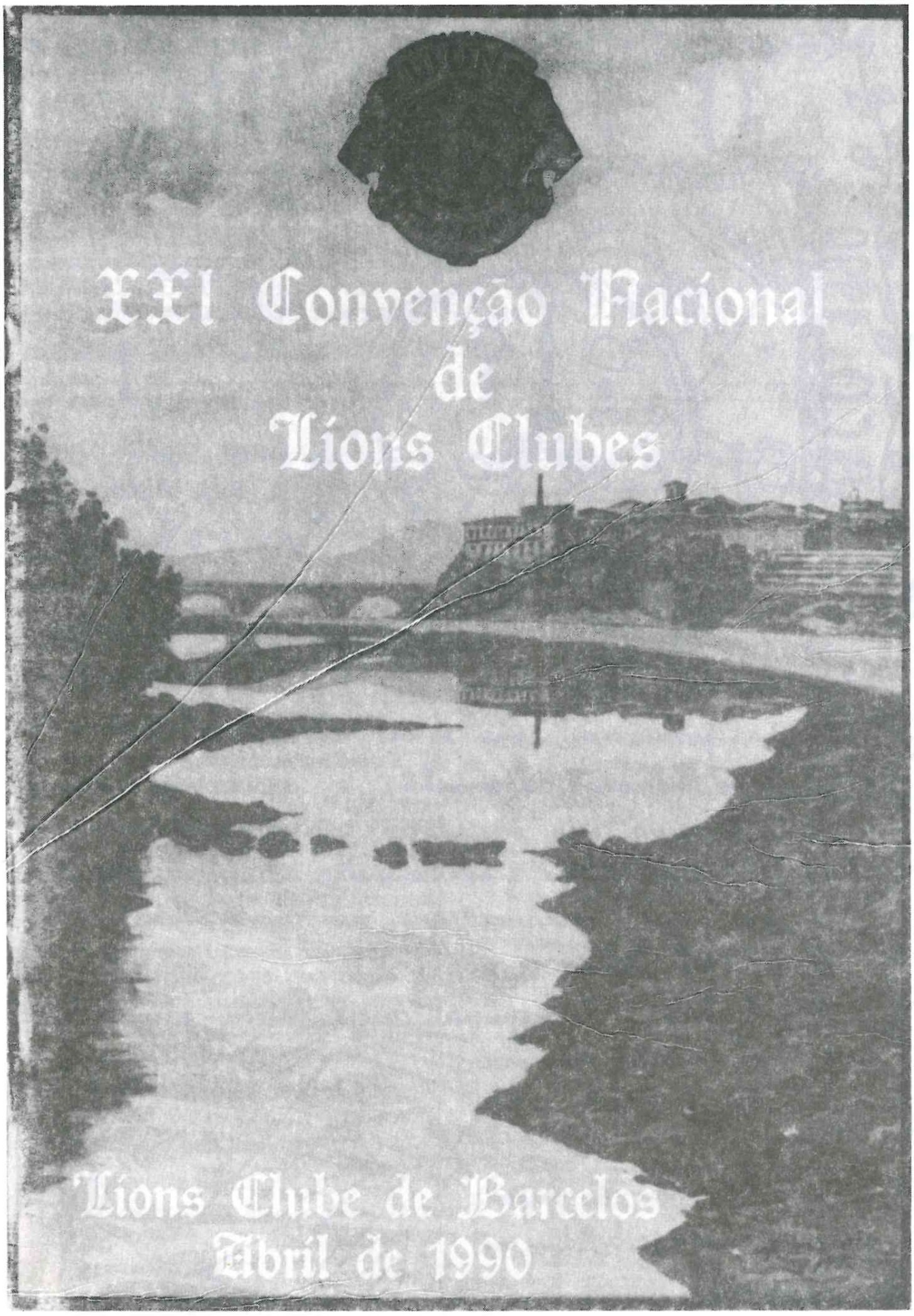
A escola será o relógio que desperta cada um e o leva, calma e solidamente, a edificar algo. Uns são mais "traquinas" que outros mas, todos acabam por ser alguma coisa.

A todos "O Traquina" deseja Páscoa feliz e uma boa vivência da mesma.



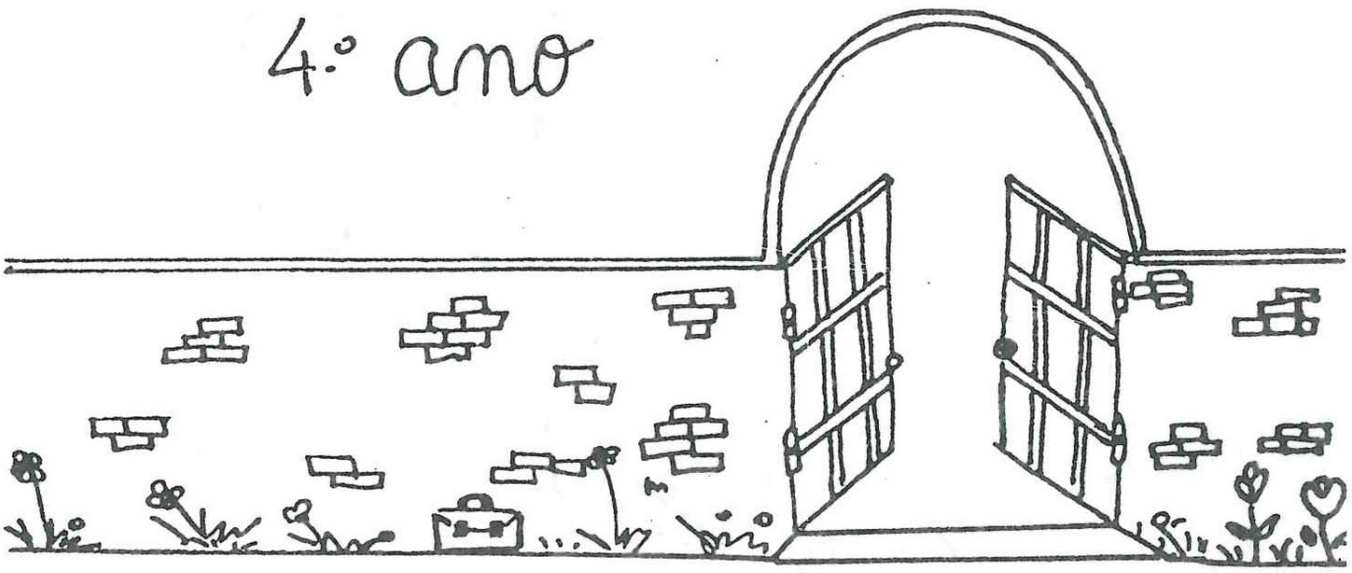
Bem, o relógio toca e diz:

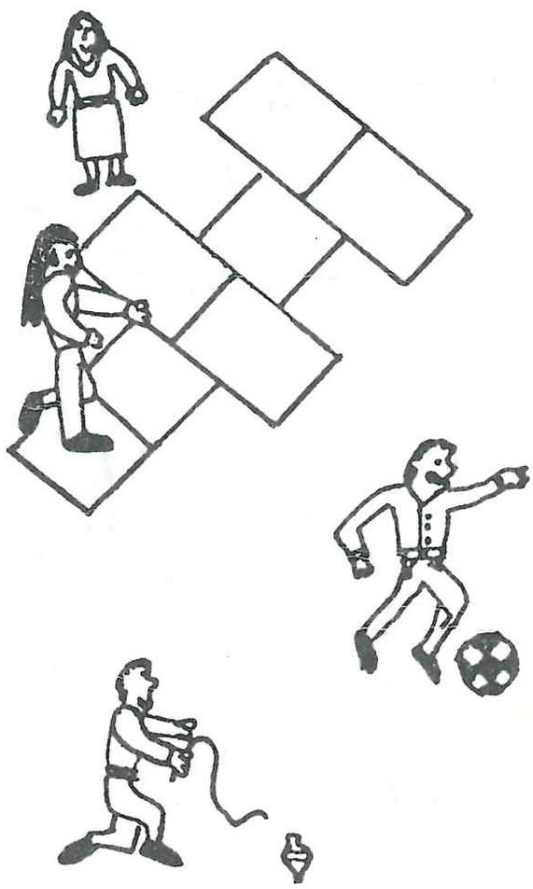
- É hora de despedida. Adeus! Adeus amigos.

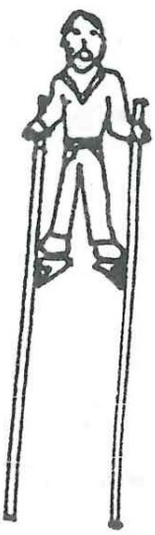

XXI Convenção Nacional
de
Lions Clubes
Lions Clube de Barcelos
Abril de 1990

Escola Primária de Airó

4.º ano









junho 90

15/6/90

JORNAL DO TICO-TICO

BIBLIOTECA



TURMA - 4º ANO

Profª MARIA ALICE

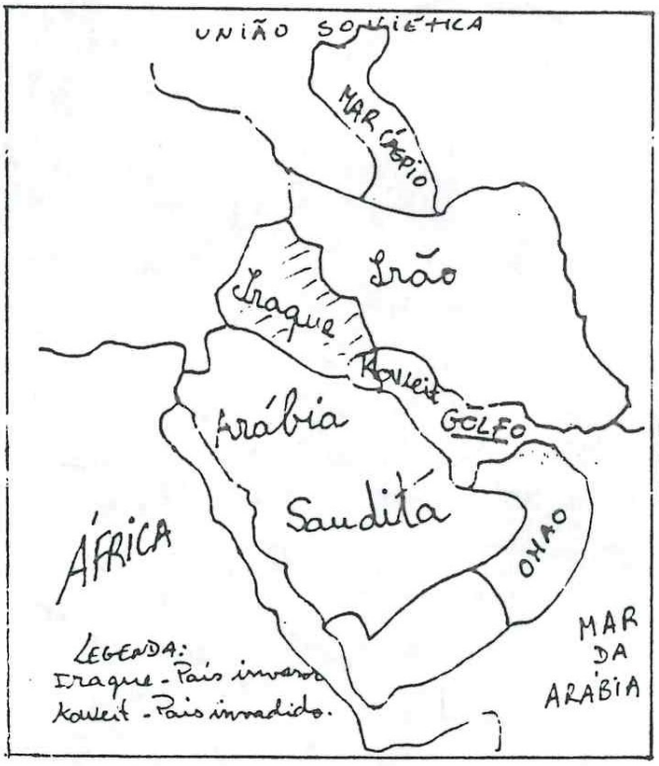
O Notícias de Paradela

Edição do Posto da Telescola n.1373 de Paradela
Professoras responsáveis:
Maria do Sameiro Ferraz Gomes
Maria Isaura G. O. Faria
Impresso em computador por:
Prof. José Manuel da Silva Pontes

Ano 1 n. 0 Outubro de 1990
Peridiocidade mensal
EXEMPLAR GRATUITO
Colaboração dos alunos da Telescola

A crise do Golfo

Invasão do Kuweit



(DESENHADO POR MARTA - 2. ANO)

O Iraque invadiu o Kuweit por causa do petróleo.

Os habitantes do Kuweit vivem da extracção do petróleo e este país tem uma saída para o mar que o Iraque não tem e gostaria muito de ter.

(CONTINUA NA PÁGINA SEGUINTE)

Água na Escola

No dia 26 de Setembro, os Bombeiros Voluntários de Barcelos trouxeram água para a Escola de Paradela, que foi deitada em bidões gentilmente oferecidos pelo Sr. Aurélio Campos Amorim.



O Sr. Presidente da Junta, Sr. Manuel de Oliveira, conseguiu junto da Câmara de Barcelos a pouca água que temos.

Este jornal faz um apelo às autoridades competentes para que o tão prometido poço não demore.

(TEXTO COLECTIVO - 1. ANO)

SUMÁRIO

VITIMAS 2
O PETRÓLEO 3
DESPORTO 4
DIVERSOS 5
A HISTORIA DE SANTA MARINHA 6

BARCELIANO

Boletim Informativo do Lions Clube de Barcelos



ANO I • N.º 1

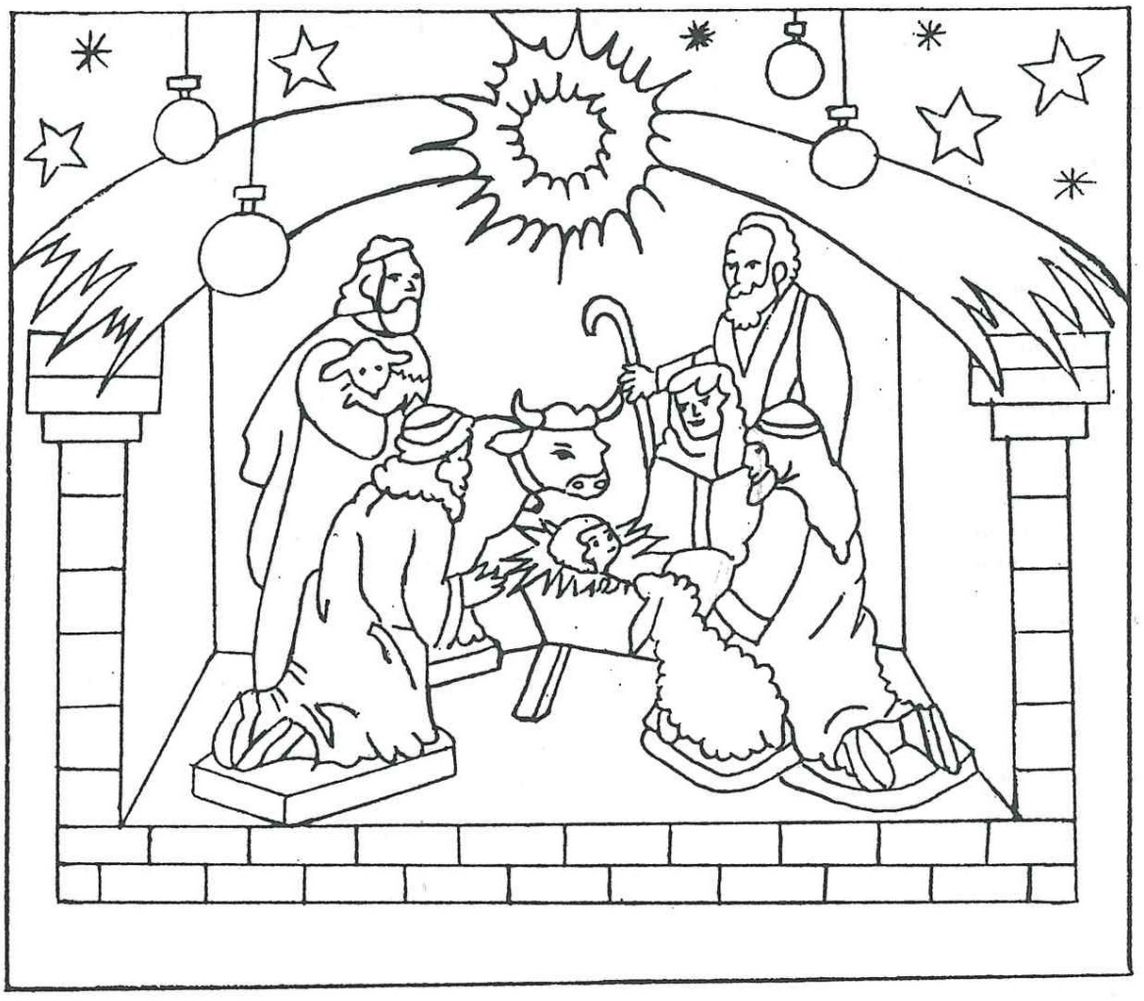
DEZEMBRO DE 1990

O Pintarolas

C.M. DE BIBLIOTECA

Dezembro - 90 Nº 1

Jornal da Escola de Silveiros - Barcelos.
1º Ciclo



Vimos dar as Boas Festas
A si, estimado leitor
Que a benção de Deus o cubra
De muita Paz e Amor.

A VOZ DOS PRINCIPAIS

BOLETIM CULTURAL E INFORMATIVO DA JUNTA DE FREGUESIA DE VILAR DE FIGOS

DEZEMBRO / 90 • ***DIRECTOR: JOAQUIM FIGUEIREDO*** • ***N.º .1***

EDITORIAL

Um povo bem informado e conhecedor da sua história, é motivo de regozijo e uma forma de desenvolver a sua cultura e o seu bem estar social.

Para isso, lançamos esta simples publicação, que desde já se coloca ao dispôr de todos os Vilafiguenses, independentemente de qualquer ideologia política ou situação social.

Periodicamente contaremos a história dos nossos antepassados e divulgaremos as notícias da vida quotidiana do nosso povo e da evolução da nossa terra.

Pretendemos assim, que a juventude desta freguesia conheça melhor a vida daqueles que os precederam e lute por um futuro mais desenvolvido e solidário. O melhor conhecimento da vida dos mais idosos, será também importante, para uma evolução sensata e moderada do progresso a que todos aspiramos.

Na idade média, esta localidade tomou o nome de PRINCIPAIS, perante a audácia e determinação do seu povo. Na actualidade, seremos A VOZ DOS PRINCIPAIS, em defesa dos legítimos interesses de toda a população desta nossa maravilhosa terra.

Unidos, venceremos as dificuldades que entretanto nos forem aparecendo nesta nossa caminhada. Contai com o nosso esforço e vontade de progredir. Contamos também com o vosso apoio e colaboração.

O Grupo Coordenador

FIGURAS E FACTOS

PEDRO GOMES SIMÕES

No ano de 1700, numa casa próxima da igreja de Vilar de Figos, nasceu um menino a quem puseram o nome de Pedro. Foi crescendo no seio da família, chegando à idade das grandes decisões da vida. Resolveu então emigrar para o Brasil, onde adquiriu grandes haveres.

Regressando à pátria, tornou-se logo num grande benfeitor. Mandou construir nesta sua terra natal, em meados do século XVIII, uma nova igreja, mais ampla e em local mais central, que ainda hoje é o templo que serve de igreja matriz da freguesia. Mandou também erigir a torre da capela da Senhora da Franqueira, estando lá gravada numa pedra a seguinte inscrição: —

«ESTA.OBRA.MANDOU.FAZER.PEDRO.GOMES.SIMÕES.
NATURAL.DE.VILAR.DE.FIGOS.1753.»

Fixou depois residência na freguesia de Miragaia, no Porto, onde também colaborou na edificação de algumas obras e prestação de bons serviços.

A Confraria do Sacramento de Miragaia, grata aos seus benefícios, colocou o seu retrato na sala das sessões com a seguinte inscrição: «Pedro Gomes Simões, natural de S. Paio de Principais de Vilar de Figos, Termo de Barcelos, Arcebispado de Braga, Instituidor do Sagrado Lausperene nesta freguesia de S. Pedro de Miragaia. Faleceu de idade de 80 anos aos 18 de Setembro de 1780 deixando a Irmandade por testamenteira j. g. f.». As últimas letras daquela inscrição querem dizer: *Joannes Glama fecit,* dizendo-se que este é um dos melhores retratos de Glama.

A nossa terra deve sentir-se honrada por ter servido de berço a tão ilustre benfeitor. Embora escolhendo outra localidade para passar os últimos dias da sua vida, nem por isso, deixará de merecer a nossa maior admiração. Devemos prestar-lhe a nossa homenagem e seguirmos o exemplo de quem dedicou a vida a fazer grandes obras em benefício das diversas comunidades por onde passou.

SUMÁRIO:

FIGURAS E FACTOS	***Pág. 1***
HISTÓRIAS DUM POVO	***Pág. 2***
PLANO DE ACÇÃO DA JUNTA	***Pág. 3***
NOTÍCIAS BREVES	***Pág. 6***
PÁGINA DE POESIA	***Pág. 7***
SABIA QUE...	***Pág. 8***

DESPERTAR

BIBLIOTECA

Dezembro - 90
Jornal da Escola de Vilar do Monte
Barcelos
1º Trimestre 1º Ciclo



Notícias de Palmo e Meio

Escola de Rio Côvo Santa Eulália **No. 2**

Editorial

A problemática da Escola é hoje, felizmente, um assunto abordado não só pelos alunos e professores mas também pelos pais.

Podemos, por isso, concluir que a Escola não acaba na porta da sala de aula mas vai até à comunidade onde está inserida.

Impõe-se pois uma mudança de atitude do professor que tantas vezes se interroga a si próprio perante o dilema:

-Devo assumir sozinho as minhas funções limitando-me à minha experiência de alguns anos de trabalho, ou será melhor partilhar as minhas vivências com outros colegas? Com o Conselho Escolar? Dentro ou fora da sala de aula?

Por outro lado uma outra interrogação:

-Mas que fazer perante propostas de Novos Programas de mudança de atitude, de actualização dos professores, se não nos são dadas oportunidades por quem de direito?

E obviamente o professor conclui que essa mudança só é possível e só dará resposta às expectativas dos seus educandos, se assentar no espírito de interajuda de colaboração, de partilha de experiências e especialmente na abertura da Escola à Comunidade que a Nova Reforma Educativa tanto preconiza.

Nesta matéria, nós, os professores da escola de Rio Côvo Santa Eulália estamos de acordo e falamos por experiência própria.

Projectámos um sonho - A compra de um Fotocopiador.

Esgotamos todos os recursos que estavam ao nosso alcance - rifas, cantares de Reis, festas e outras. Foram anos de sacrifício e ficámos muito longe de angariar o quantitativo necessário. Lançamos o projecto ao Sr. Presidente da junta (Sr. Manuel Dias), que como de costume acolheu com empenho a nossa iniciativa.

Abrimos a Festa de Natal à Comunidade, onde o grupo de teatro da freguesia participou com uma excelente peça e outros números, bem do agrado de todos.

Enfim!... Um sucesso!!!

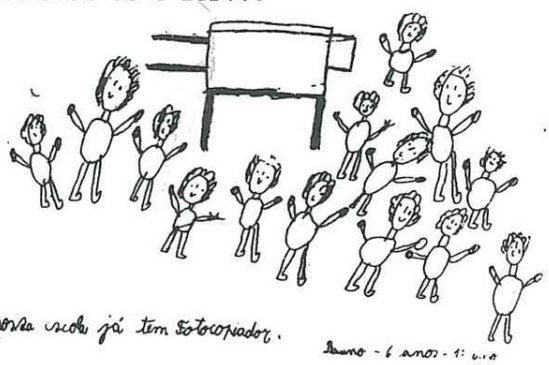
O resto foi com eles.

Hoje a nossa escola tem o seu projecto realizado e não será o último, concerteza.

É este o testemunho que queremos deixar aos leitores

E mais ainda:

Temos consciência de que ser Professor é difícil, mas podemos afirmar que hoje mais do que nunca gostamos de o ser!!!



A nossa escola já tem fotocopiador.

Bruno - 6 anos - 1º ano

Gratidão

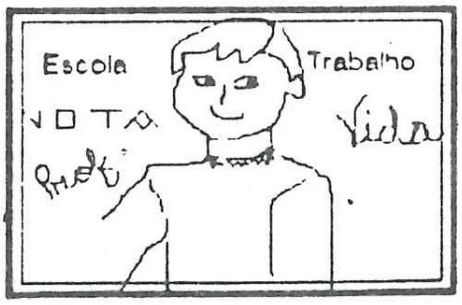
Somos os mais pequeninos
Que havemos de vos dizer?
Uma palavrinha apenas
Para vos agradecer.

Obrigado aos nossos Pais
A Junta de Freguesia
E ao Grupo de Teatro
Que nos deu tanta alegria.

Somos os mais pequeninos
Mas muito entusiasmados
A todos queremos dizer
O nosso "Muito obrigado!!"

1º ano

O Estudante



JORNAL DA ESCOLA SECUNDARIA DE BARCELINHOS
Responsável: António Carvalho

Fevereiro de 1991
Preço : 70 00
Nº 1/ 1991

EDITORIAL

Aqui está , entre nós, mais uma vez este jornal que se propõe ser a voz da tua Escola e de todos aqueles que nela vivem. Será o fruto do teu, do meu, do nosso trabalho e boa vontade para engrandecer elequentemente esta comunidade escolar.

Se gostas da tua Escola, participa, lê e divulga o teu Jornal, que será porta-voz dos anseios daqueles que olham mais alto e fogem à mediocridade da vida

Critica, construindo, aquilo que poderá ser diferente com a tua contribuição empenhada, não com desdém e indiferença próprios de mentalidades mesquinhas.

Tu que és Jovem e cheio de ideias inovadoras, põe esses talentos a render ao serviço de mais um elemento que pode ser mais engrandecido com o teu "engenho e arte".

Ao contribuir para a realização do teu Jornal, sairás dessa mediocridade anónima que paira sobre o mundo hodierno; e serás um exemplo a apontar pelos teus circundantes.

Este Jornal será o jornal do teu QUERER,

da tua AUDACIA e

da tua VONTADE de VENCER.

António Carvalho

INDICE

. A ESCOLA:
A Cantina; Os acessos; O professor; e Os Galos ... - *página 2*

. O CARNAVAL e as Máscaras - *páginas 3 e 4*

. RADIO CAVADO
O progresso da comunicação social - *página 5*

. ARTESANATO EM BARCELOS - *página 6*

. O ROMANTISMO - *página 7*

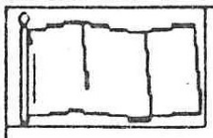
. O CANTINHO DAS MUSAS - *página 8*

. REGULAMENTO DO CONCURSO LITERARIO - *página 9*

. ERA UMA VEZ ...
dois contos - *página 10*

. PAGINA DE FRANCES
O Clube e as suas ACTIVIDADES - *página 11*

. JOGOS E PASSATEMPOS - *última página*

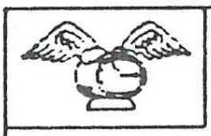


LA PAGE DE FRANÇAIS

Fonte, [illegible]... (page)



O CONCURSO LITERARIO
Regulamento
Obras
página 9



ULTIMA PAGINA

Passatempos, anedotas ...


Formidável

FONTINHA DO LANDEIRO

ANO DE 1991

BIBLIOTECA



. Editorial

Viva amigos!
Vai servir este jornal
para vos divertir e informar.
Nele podereis encontrar
Histórias
Banda desenhadas
Passatempos
Lengalengas
Jogos
Desenhos
Palavras cruzadas
Conselhos
Sugestões
Ele servirá para ocupar os vossos tempos livres com prazer e criar hábitos de leitura informativa.

Ângela Flora
2º Ano

Alunos da 1ª Fase da Escola de Fonte Coberta

As professoras: Maria Altina Gonçalves Machado
Maria Alice Araújo dos Santos Pinto

RUA DA IMAGINAÇÃO



U. E. B.
BIBLIOTECA

JORNAL
DA
ESCOLA DO 1º CICLO DO ENSINO BÁSICO
ALDÃO - V.F.S. MARTINHO

ESCOLA DE ALDÃO
VILA FRESCAINHA
S. MARTINHO

Sou a primeira edição,
Do jornal da nossa escola.
Prestem-me bem atenção...
Não me metam na sacola!

Prometo continuar
Cada vez com mais fervor,
Mas têm que me comprar
E tratar-me com amor.

PENSAMENTOS

"Como se chega a sábio?
Para saber não basta saber ler, escrever ou contar é preciso viver e ver."
Ditado Popular

"O esforço é tão inseparável da matemática como do alpinismo."
André Revuz

"A essência da matemática é a tua liberdade."
Georg Cantor

"Acabou para nós a ficção; mas para que pudéssemos calcular, tivemos de fazer ficção primeiro."
Nietzche

"O bom senso é a coisa mais bem distribuida do mundo...
Porque não basta ter uma boa mente, o principal é aplicá-la bem."
Descartes

JORNAL ESCOLAR

A TURMA DE LIJO

ANO 2 * Nº 1 * MARÇO 91 * LIJO * BARCELOS

Editorial

É sempre motivo de alegria para toda a escola ver o seu jornal, uma vez mais, editado.
Ele é o produto do trabalho de professores e alunos que querem dar a conhecer à comunidade, onde estão inseridos, um pouco de como se vive dentro do espaço educacional que é a ESCOLA DE LIJÓ.
Crianças e professores que hora a hora, dia a dia, convivem e formam laços afectivos que perduram através dos tempos. Este jornal não é mais do que um pequeno testemunho dessa comunhão.
A TURMA DE LIJÓ pretende ser um elo de ligação entre a ESCOLA e o MEIO, aceitando a participação de todos os que queiram contribuir, quer com o seu tabalho ou ideias, quer com a sua leitura.

***



SUMARIO

- EDITORIAL
- NOTICIAS DO MUNDO
- A NOSSA ESCOLA
- ALCOOLISMO
- DIA DO PAI
- POESIA
- FESTAS DA MINHA TERRA
- UMA LENDA DE LIJÓ
- ADIVINHAS - CURIOSIDADES
- ARTESANATO (ENTREVISTA)

POESIA

Quando eu nasci
Ficou tudo como estava.

Nem homens cortaram veias,
nem o sol escureceu,
nem houve estrelas a mais...
Somente,
Esquecida das dores,
A minha Mãe sorriu e agradeceu.

Quando eu nasci,
Não houve nada de novo
Senão eu.
As nuvens não se espantaram,
não enlouqueceu ninguém...

P'ra que o dia fosse enorme,
bastava
toda a ternura que olhava
nos olhos da minha Mãe...

ALFREDO CARVALHÃES

C. M. B.
BIBLIOTECA

JORNAL ESCOLAR E LITERÁRIO
DIRECTOR - VITOR COUTINHO
DIRECÇÃO - I2 º A

ANO : I - N º I
MARÇO - I99I
PREÇO : 75 ALUNOS

EDITORIAL

" UM JORNAL ESCOLAR "

Ao abrir este primeiro editorial , gostaria de transcrever as palavras sagradas de Sócrates,o maior filósofo de todos os tempos:" Quem quer que deseje,o seu objectivo visa aquilo de que não dispõe e que não está presente ".Na verdade,todos nós sonhamos constantemente,esforçando-nos por materializar todas as ideias que concebemos.

Neste contexto,a criação deste jornal é a realização de um sonho : da possibilidade dos Estudantes exprimirem os seus pensamentos,discutirem teorias; uma oportunidade de publicarem os seus artigos,contos ou poemas,em vez de os guardar,sistematicamente,na gaveta;de demonstrarem as suas opiniões,livres de censura,e de formularem soluções para os problemas mundiais; no sentido de reflectir sobre o passado,para construir o futuro,prevendo uma existência benéfica e harmoniosa.Além disso,também sonhamos com uma viagem de finalistas,pelo que qualquer patrocínio ou donativo será bem recebido.

Assim,os objectivos que presidem à realização deste jornal contêm uma componente ideológica e outra de carácter económico.É um simples jornal,com uma singela apresentação,mas com um enriquecedor conteúdo, pois a qualidade é o nosso objectivo.Na verdade,é pela primeira vez concebido,unicamente,por alunos;facto que revela a dedicação e o Amor pelo cultivo das Letras em Portugal.Estamos fartos de sermos tratados como crianças.Se os jovens são o futuro,nós queremos assumir essa função.Todos os Estudantes podem participar na confecção e organização deste jornal.Pretendemos ser ideologicamente independentes,retratando os mais diversificados temas,dentro das múltiplas actividades humanas.Somos.acima de tudo,um jornal literário,defensores da cultura do nosso Povo.

Se aceitarmos a definição de que " Sem nome não se é homem ",é compreensível a criação de um nome para este Jornal.Ele surgiu espontaneamente,identificando-se com as nossas ideias e acções-"Alfredo Carvalhães".Porquê?Porque Alfredo Carvalhães foi um distinto Barcelense,considerado um dos homens mais cultos do seu tempo.Era um ser original,talentoso poeta-onde o conhecimento das Letras é componente vital para a arte do bem "trovar"-e um incorrigível vagabundo,em que um sorriso sarcástico e malicioso aflorava nos seus lábios.Nesta dualidade também se encontra o Estudante:aplicado na compreensão das matérias,no sentido de obter um elevado número de conhecimentos gerais,e,nos tempos livres, dominado por um divertimento extasiante e uma irresponsabilidade completa.Assim,identificamo-nos com o poeta,elegendo-o "mestre",o guia profundo dos nossos ideais.

Outro motivo para a escolha do poeta,é o facto deste ano se comemorar o centenário da morte de Alfredo Carvalhães,pelo que,devido à amabilidade do município em se esquecer do poeta,o meio estudantil encarrega-se de lhe prestar a justa homenagem.Já que não querem o seu nome para patrono de uma Escola,monumento arquitectónico desta cidade,nós o utilizaremos,com profunda satisfação e enorme honra,para título deste jornal.

Contudo,para que este jornal tenha êxito,é necessário que ele prossiga vivo;temos consciência que a tarefa é árdua e penosa,mas confiamos nos Estudantes.Por isso,faço um apelo às futuras gerações para que não deixem morrer o nosso sonho,assumindo uma Comissão de Finalistas a direcção e organização deste jornal.

Procuremos construir o presente,avistando o futuro.Se a felicidade prosperar no vosso rosto,ao lerem estas páginas,o nosso sonho foi realizado.

OBRIGADO.Este sempre vosso amigo...

VITOR COUTINHO

Vitor Coutinho

SUMÁRIO

ALFREDO CARVALHAÊS
É POETA.É BARCELENSE.
É O NOSSO MESTRE...PÁG: 2

PEDRQ ALVES
O HOQUISTA E O ESTUDANTE.
A DUPLA PERSONALIDADE...PÁG: 3

ARTIGOS MAGESTRAIS
" SER POETA " e " VAZIO "
" A 20ª PROVÍNCIA DO IRAQUE "
PÁGS: 4 e 5

DOM PRIOR DE BARCELOS
MONSENHOR E ESCRITOR.
A JUSTA HOMENAGEM...PÁG: 8

T U E L A = D I S C O T E C A =
Sexta e Sábado à Noite/ Domingo à Tarde/ Vésperas de/e Feriados
Vila Frescainha de S.Martinho= Barcelos

ANO 1

Nº 1

DEBATE

QUINTA-FEIRA

28

DE MARÇO

1991

SUPLEMENTO MENSAL DA ESCOLA PROFISSIONAL DE BARCELOS

ESTATUTO EDITORIAL

DEBATE é um projecto de divulgação e informação da Escola Profissional de Barcelos em sintonia com o processo de mudanças educativas e formativas no espaço público de Barcelos.

DEBATE é um suplemento mensal orientado por critérios de rigor e criatividade de todos os elementos intervenientes (professores e alunos) sem qualquer dependência de ordem ideológica, politica e económica. Pretendemos desde já desqualificar qualquer interpretação que queira ver neste espaço jornalistico um meio de transmissão dos interessses da entidade promotora desta escola - Câmara Municipal de Barcelos.

DEBATE é uma aposta da Escola Profissional de Barcelos numa informação diversificada , abrangendo os mais variados campos de actividade correspondendo aos interesses e motivações da Escola Profissional de Barcelos.

Queremos participar num incremento de uma opinião pública local informada, activa e interveniente, pelo que, por tal motivo legitimamos a nossa atitude crítica perante todas as instituições e interesses do nosso concelho. Estabelecemos como meta de acção a participação nas questões que se colocam ao concelho barcelense na perspectiva da construção de uma cidade mais desenvolvida e informada, por isso admitimos apenas como limite da nossa credibilidade os leitores, numa relação de absoluta autonomia em relação a qualquer tipo de poder, respeitando escrupulosamente o espaço privado dos cidadãos e avaliando o nosso trabalho na credibilidade pública que nos seja oferecida.

DEBATE é um projecto editorial que abdica de qualquer opção hierarquizada de interesses, disponibilizando-se para todas as situações e motivos que sejam importantes para a Escola Profissional de Barcelos.

SUMÁRIO

OPINIÃO
DESAFIOS AO SECTOR EMPRESARIAL
ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A ESCOLA PROFISSIONAL
P. II

SOCIAL
MODÉSTIAS SOCIAIS
P. III

ESPAÇO LIVRE
P. IV

CONSIDERAÇÕES BREVES SOBRE O ENSINO TÉCNICO PROFISSIONAL - QUE FUTURO

O empreendimento nacional que é a Reforma Educativa, levada a cabo pelo actual Ministério da Educação, exige por parte de quem a ela directa ou indirectamente se encontra ligado, uma elevada dose de entusiasmo e idealismo, que, modéstia à parte, a todos os que estão ligados à Escola Profissional de Barcelos assiste.

Porque estamos conscientes, todavia, das inércias que assistem a alguns agentes sociais ligados à problemática educativa em Portugal e em Barcelos especificamente, pretendemos com o texto que se segue despertar as gentes e quebrar a ordem assente, conscientes dos riscos que corremos.

SITUAÇÃO GLOBAL

Desde que as Escolas Comerciais e Industriais foram extintas, os mecanismos de formação profissional existentes no ensino secundário nacional, tornaram-se irrelevantes na formação de recursos humanos qualificados aos niveis medios e intermédios. É um dado adquirido que o sistema de formação e qualificação da população jovem deste país só será possível pelo reforço de criação de cursos de ensino técnico profissional de nível intermédio.

Segundo dados recentes do Ministério da Educação , este organismo do Estado oferece hoje formação profissional a cerca de 170 escolas, englobando cerca de 24 000 jovens. Todavia, tal número representa apenas 9% do ensino secundário, estimativa irrisória comparada com os 30% que o referido Ministério prevê para 1993.

Todavia se a necessidade de formação técnica-profissional é enormemente sentida no mercado de trabalho português; a tarefa a que o Ministério se propõe nunca será alcançada se os diferentes actores sociais (empresas, autarquias, associações industriais e comerciais, sindicatos, fundações, etc) não se empenharem neste projecto nacional. Hoje é ponto assente que a formação técnico-profissional encontra nos actores locais o incremento básico para a formação profissional pois, são eles que deverão executar e avaliar as novas oportunidades de formação.

Se, como referimos atrás, a iniciativa irá pertencer sempre aos organismos locais reservando o papel de estímulo, supervisão e correcção de irregularidades ao poder público central, não deixa contudo de ser global a necessidade de criação de processos de formação profissional para que a criação de um espaço económico sem fronteiras , de 320 milhões de pessoas, não coloque Portugal no patamar inferior onde se pratica níveis salariais baixos e se recruta mão de obra pouco qualificada. Por outro lado, a questão do ensino técnico profissional justifica-se face a um dos objectivos inerentes à construção do Mercado Único, nomeadamente a liberdade de circulação de pessoas e bens.

Por isso, é que nos parece crucial que em Portugal se processe a um esforço de reestruturação empresarial e se corte com práticas proteccionistas que enfermaram/deformaram o desenvolvimento industrial português desde os anos 50.

Manuel Fernades Pereira
Director da Escola

DEBATE - SUPLEMENTO DA ESCOLA PROFISSIONAL DE BARCELOS. COORDENADOR: Manuel Fernandes Pereira. COORDENADOR-ADJUNTO António João da Cunha Lopes. QUADRO REDACTORIAL: Professores e Alunos da Escola Profissional de Barcelos. MONTAGEM: Meios informáticos da Escola Profissional de Barcelos. REDACÇÃO: Rua Sargento Martins Lima, 10 - ☎ 821146 - 4750 BARCELOS



JORNAL ESCOLAR DE BARCELOS

JUNHO / 91 ANO 1 — N.º 1
COORDENAÇÃO DO GRUPO CONCELHIO DO PROJECTO «UMA ESCOLA – UMA EMPRESA»

JUSTIFICAÇÃO

Ainda não vai longe o tempo em que, quando se falava dos professores primários, se dizia serem os cabouqueiros da civilização.

Hoje, temos e devemos de falar dos professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico. Não porque a MISSÃO seja diferente, mas porque tudo evolui e eles terão de continuar a preparar os alicerces da evolução.

Assim têm sido, assim são e assim terão de continuar a ser. Mas, pecam por as suas OBRAS não serem divulgadas. E no tempo em que o Marketing publicitário é o motor indispensável a qualquer Empresa e à valorização dos seus Empresários, o Professor tem que consciencializar-se que tem uma MISSÃO a cumprir com competência, altruismo e eficiência, mas que, tem que a mostrar, para que seja considerado como o primeiro, o que está na base de tudo, porque, para tudo, tem que preparar as gerações deste Portugal Moderno.

A sua imaginação tem que ser fértil, até para conseguir todos os meios de que a Escola precisa para perseguir os seus objectivos.

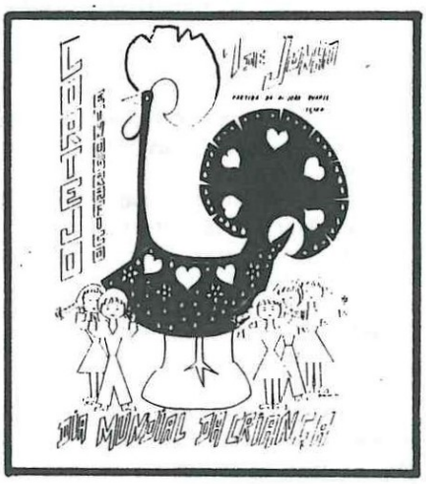
O Grupo de Trabalho, constituído a nível concelhio, tem sensibilizado, acarinhado e estimulado iniciativas de Escolas cujo alcance exige sejam divulgadas, quer para honra ao mérito, quer para que os bons e grandes exemplos frutifiquem para a prossecução dos objectivos da Escola Portuguesa.

Pretendemos, assim, embora de relance e para começar, dar uma imagem do que se vai fazendo em Escolas deste concelho.

Voltaremos, dando conta de iniciativas que este número não comportou e das que vão continuar a surgir. De protocolos de patrocínios que, com a dignidade devida, serão publicamente assinados pelas Escolas e Empresas, convalidados pelo Ministério da Educação e pelas Autarquias, promovendo, assim, a interacção ESCOLA / MEIO.

O GRUPO DE TRABALHO

SUMÁRIO



UMA ESCOLA – UMA EMPRESA PÁG. 2
NÃO À VIOLÊNCIA! JOGO LIMPO! PÁG. 3
SUCESSO... ESCOLAR PÁG. 4
O COMPUTADOR NA ESCOLA PÁG. 5
IMPRENSA ESCOLAR PÁG. 6
DIA MUNDIAL DA CRIANÇA PÁG. 7
CLUBES DE AMIGOS PÁG. 8

PATROCÍNIO

AGROS

UNIÃO DAS COOPERATIVAS DE PRODUTORES DE LEITE DE ENTRE DOURO E MINHO E TRÁS-OS-MONTES, U.C.R.L.

Portas Fronhas • Apartado 39 • 4481 VILA DO CONDE CODEX

A TURMA DOS ESTUDIOSOS

Eu, esta noite, sonhei que era um passarinho a voar pelo céu azul, e a cantar.

Emília

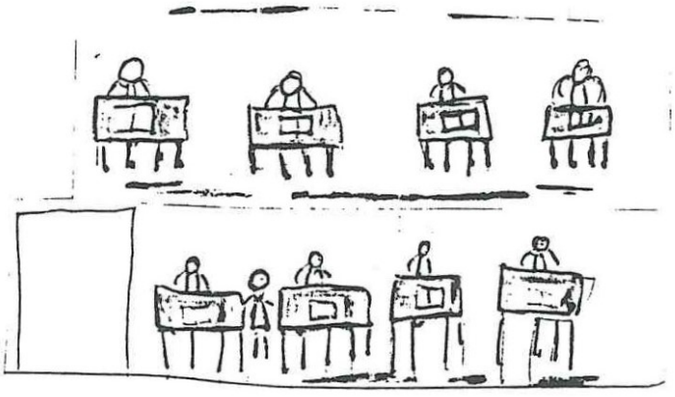


"A TURMA DOS ESTUDIOSOS"

- Já ouvistes falar ?
Sou eu !
Acabei de nascer!
Ajudai-me a crescer!...

- Sabeis quem me fez?
Foram elas, as crianças,
Que vós tanto amais;
Pois vós sois os pais!

- Preciso de vós!
Eu quero crescer!
E a vossa ajuda
Eu vou merecer!



- Ajudai-as a elas
Que a mim me ajudais.
Eu sou o jornal
por elas escrito;
Mas vós... sois os pais!

Jornal Mensal do 3º Ano - Escola de Aldao - V. F. S. Martinho - **OUTUBRO**/91

Nº1

Ano 1
Número 1

JornAldreu

Novembro/91

Editorial

O Homem é um ser que comunica por necessidade e por gosto. A ideia deste Jornal será um pouco o permitir e facilitar essa comunicação; entre vizinhos, entre parentes ou amigos que noutro local, do país ou do estrangeiro, de certeza que receberão com prazer novidades sobre a sua terra, os seus conhecidos,...

Este Jornal torna-se realidade porque muitos assim o quiseram. Mencioná-los aqui seria fastidioso, no entanto, penso que será de referir, neste Número 1, algumas das colaboraçõees mais significativas pelo que vos remeto para o artigo PRODEP, da pág. 4 (talvez mais tarde se justifique uma outra referência mais pormenorizada).

Achou-se por bem criar um Jornal para toda a comunidade, esteja ou não ligada à Escola. O Jorn$_{Aldreu}$ será mais para o público em geral, ao passo que, o Jorn$_{Aldreu}$ Escolar será essencialmente dedicado aos mais novos..

Para terminar, um apelo que quero dirigir a todos. Para que a seguir a este número saia outro, e mais outros,... é necessária a colaboração de todos. Quem não será capaz de enviar uma história daquelas que se contavam à lareira? E uma lenda sobre esta terra? Se quisermos, todos podemos colaborar, com artigos (culturais, informativos, formativos,...), anedotas, adivinhas, ou provérbios que os mais idosos tão bem utilizam.

José S. Faria



Vista de Aldreu – zona central

Sumário

.SIRA – DC, seis anos ao serviço da comunidade
.Atletismo
pág. 2
.Saúde
.Aldreu.... Ontem e hoje
pág. 3
.Junta de Freguesia
.PRODEP
.Na caixa do correio
pág. 4

Jorn$_{Aldreu}$ Escolar
págs. A a D

Ano 1
Número 1

JornAldreu escolar

Novembro/91

Editorial

Se o sonho comanda a vida, como canta o poeta, então, não vamos deixar de sonhar!...
Vamos, isso sim, trabalhar para transformar sonhos em realidade. E, do bom ou do mau que a realidade nos der, aproveitemos o máximo (quanto mais custosa é a batalha, melhor é o sabor do êxito).
Este Jornal, todo construído com os recursos humanos e materiais da Escola (menos a policopiação), penso ser prova de que vale a pena sonhar e de que ainda se pode fazer alguma coisa em prol da Escola, da Sociedade, de nós.
Uma barreira está passada. Novos desafios se colocam. Lutamos por uma Escola que "sirva" em pleno os interesses da comunidade educativa em que se insere. Temos recebido provas de que a comunidade é a mais interessada na resolução de situações que a todos beneficiariam (por exemplo uma cantina que pudesse servir todos os alunos que o desejassem, desde a Infantil ao 1º Ciclo – assunto a que voltaremos em próxima edição). São essas demonstrações de interesse que nos darão forças para novas iniciativas.

O Director



Foi uma alegria para todos os meninos vir o computador para a Escola.

Maria Helena

O computador serve para escrever e desenhar. É uma máquina que não pode apanhar pó nem abanões.

O computador foi feito pelo homem para lhe facilitar a vida. O que nós temos na escola serve para trabalhar e dá para fazer muitas outras coisas.

O computador da Escola tem muitas peças importantes. Tem monitor, unidade central, teclado, rato e impressora.

Foi tão belo o senhor professor trazer o computador para a Escola.

Alunos do 2º Ano 2ª Fase

Sumário

.O Jardim de Infância
.Recado dos meninos do Jardim
pág. B

.A Escola do 1º Ciclo
.A broa
pág. C

.Outono e S. Martinho visto pelas crianças
pág. D

JornAldreu
págs. 1 a 4



O PINTAINHO

Escola de Remelhe
4750 Barcelos

nº1
ano 1991



Editorial

O pintainho é um projecto que se tornou realidade graças ao empenhamento de todos os professores e alunos.

O pintainho surgiu como uma necessidade de fazer a ligação escola-meio, e acima de tudo para os nossos alunos exercitarem e conhecerem as "técnicas" de jornalismo e, contactando com o meio, enriquecendo assim os seus conhecimentos e facilitando assim a sua integração no mesmo.

O Pintainho será o porta-voz da vida que teve dentro da Escola.

Também estará aberto à participação de todos quantos queiram contribuir com o seu trabalho, não só lendo-o como dando sugestões ou alternativas.

Também queria agradecer a todos os encarregados de educação a sua colaboração na abertura da nossa cantina que já é uma realidade e onde são servidas 125 refeições diárias.

Uma palavra muito especial para a Comissão de pais desta Escola porque foi graças a ela que a nossa cantina avançou do projecto para uma realidade bem viva. E por fim a todo o corpo docente desta Escola, do Jardim de Infância e às auxiliares de educação que se empenharam e contribuiram com a sua dedicação e trabalho.

Para todos o meu muito obrigado e desde já os meus votos de Feliz Natal e de Bom Ano Novo. A directora

Ana Carvalhais

Formação da Comissão de Pais

Presidente – Nuno Trigueiros
Tesoureiro – José Brito
Tesoureiro adjunto – Maria Senra
Secretário adjunto – Ana Maria Senra
Secretário – José Matos
Vogais – Domingos Alves, Jacinto Monteiro, António Fernandes e Carlos Monteiro.



JORNAL DA ESCOLA DE GIESTAL AIRO

ANO I

Nº 1

C. M. S.
BIBLIOTECA

ANO LECTIVO DE 1991/1992

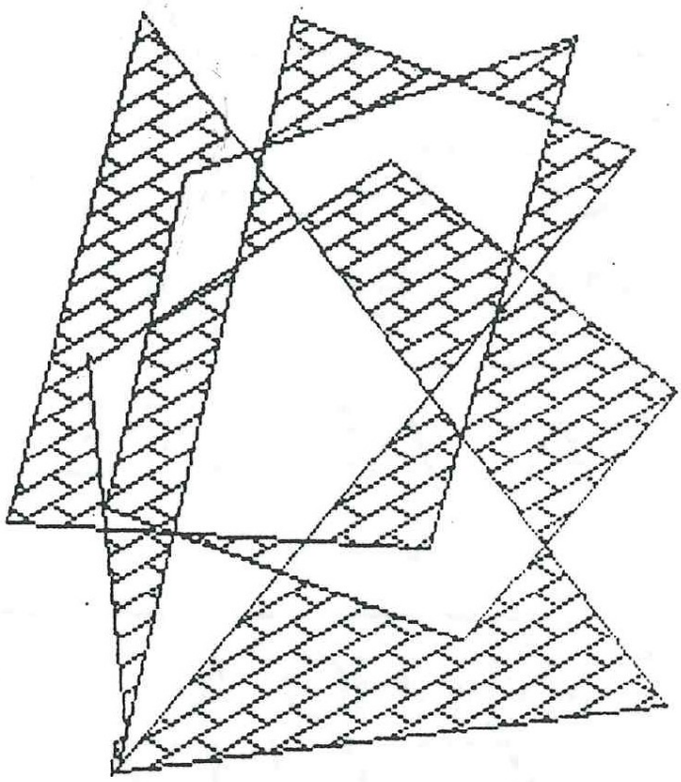
EDITORIAL

Chegou ao fim o primeiro período e com ele a realizaçäo de um sonho há muito sonhado pelos professores e alunos desta escola.

Graças ao grande empenhamento dos alunos, pais e algumas empresas, concretizou-se o sonho da aquisigäo do fotocopiador.

Como complemento deste sonho, vamos tentar fazer trimestralmente um jornal com trabalhos realizados pelos alunos.

SURGIU O PRIMEIRO



O ALCAPRIM

BIBLIOTECA



Escola do E.B.N. nº 219 - Faria

Professoras responsáveis:

Maria Cândida Pacheco Barroso Pereira Moreira Barbosa

Maria Filomena Amaral de Oliveira Cunha

Trimestral Ano 1 nº 1 1991

TIMOR LESTE Pag. 16

REGRESSO ÀS AULAS Pag. 2

MAGUSTO Pag. 6 e 7

ESTRADA EM MAU ESTADO Pag. 11

OS ORELHUDOS Pag. 4 e 5

CAÇADORES SEM CÃES Pag. 12

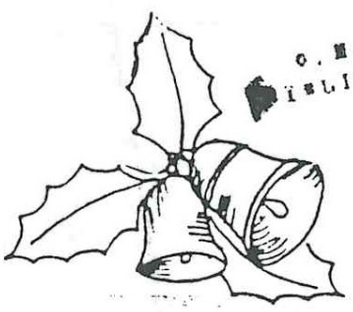
CIRCO Pag. 8, 9 e 10

CAMINHO À MÉDIA LUZ Pag. 13

O ALCAPRIN Pag. 3

AZEVINHO Pag. 14

BOAS FESTAS



O. M. E. BIBLIOTECA

Os Pereirinhas

Nº 1

Escola de Marzielo-Pereira

Este é o nosso jornal,
Todos nele trabalhamos,
Comprem-no por favor,
É disso que nós precisamos.

A nossa escola precisa
Do apoio de todos vós,
As obras estão por fazer
E quem sofre somos nós.

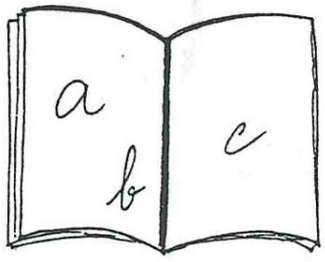
A relação escola-meio
Tem que ser incentivada,
Juntos faremos muito,
Sózinhos, pouco ou nada..



Que tenhais um bom Natal,
É o que queremos desejar
Paz, saúde e alegria
No ano que vai começar.

E. B. 1
IOTEGA

ABC



Escola de Grimancelos

DEZEMBRO - 1991
BOLETIM TRIMESTRAL Nº 1

O NATAL VEM AÍ!



O que é para ti o NATAL?

No dia de Natal somos amigos.
Cidália Raquel
2º ano

O Natal é muito bonito e os reis dão prendas.
João Carlos Araújo.
2º Ano

O Natal é muita alegria e muito amor.
Liliana Morais
2º ano

Para mim o Natal é juntar a família à mesa para comer e conviver.
Filipe
4º Ano

O Natal para mim é uma festa muito grande e muito alegre.
Lívia Raquel da Cruz Coelho.
4º Ano.

Entrelinhas

BIBLIOTECA

JORNAL DA ESCOLA PROFISSIONAL PROFITECLA - BARCELOS

Director: Mário Patrão Ano I n. 1 Dez. 91 Preço: 50 Cábulas

EDITORIAL

"Toda a beleza recôndita do mundo converge na arte da palavra" Gabriele D'Annuzio

No limiar do seculo XXI, estamos cada vez mais conscientes de que vivemos numa sociedade em constante mutação. O desenvolvimento dos modernos meios de comunicação contribuiu, sem dúvida, para que diariamente nos sintamos membros de uma gigantesca cadeia universal, a qual é estabelecida graças ao poder da palavra, cuja importância é inequivocamente sintetizada na asserção em epígrafe.

É precisamente neste contexto de complexidade crecescente que a Escola se se insere, tendo, por isso mesmo, que responder eficazmente aos desafios do futuro, formando além de cidadãos conscientes, profissionais competentes, participantes directos no progresso social e perfeitamente inseridos numa sociedade aberta e pluralista. Neste sentido, a Escola, que não se circunscreve à mera transmissão de saberes, tem um papel primordial, pois é nela que se devem propiciar as condições favoráveis à gênese e desenvolvimento de agentes de mudança.

Inserido nesta filosofia de ensino, "Entrelinhas assume-se como um projecto despretensioso, cujo principal (único?) mérito poderá ser o de constituir um meio para dar a conhecer a Escola que somos, o projecto educativo que prosseguimos.

Contando com a "palavra" de toda a comunidade escolar, surge "Entrelinhas" integrado em actividades extra-curriculares e baseando-se no pressuposto segundo o qual uma Escola fechada sobre si mesma não pode responder eficazmente às solicitações do meio em que se integra.

Resta acrescentar que Entrelinhas" será também mais um passo em frente no processo complexo ,mas pedagogicamente estimulante, de diversificação de estratégias conducentes a uma nova concepção de Escola. Tal é o nosso desejo.

Mário Patrão

A ESCOLA PROFISSIONAL PROFITECLA

DESEJA A TODOS OS COLABORADORES E AMIGOS

B O A S F E S T A S

SUMÁRIO:

BREVES NOTÍCIAS.....2

QUEM SÃO ELAS?.....2

DEMOCRACIA-LIBERDADE E AUTORIDADE.....3

NOVO PARTIDO SURGE NA CENA POLÍTICA.....4

ESCOLAS PROFISSIONAIS PARA QUÊ?.....5

ENTRELINAS LINGUAS.....6

ENTRELINHAS ESPAÇO LITERÁRIO.....7

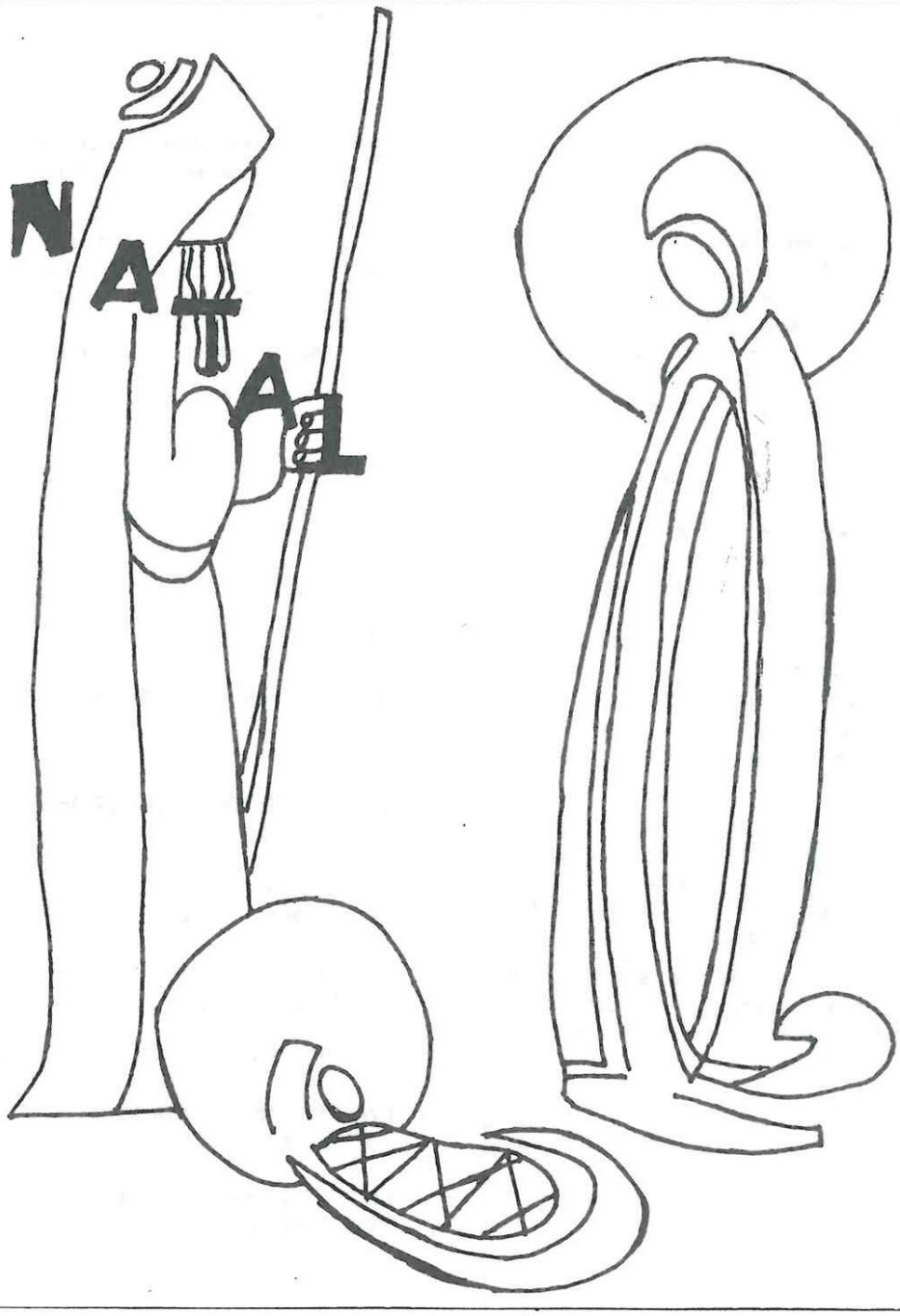
ENTRELINHAS ESPAÇO RECREATIVO.....8

A Voz de Cristelo

Janeiro de 1992
Periodicidade trimestral
Cada exemplar 100$00

Colaboração dos alunos da Telescola
Impresso em computador por:
José Manuel da Silva Pontes

Edição da E.B.M. n. 310 de Cristelo
Professora responsável:
Marília Helena de Sousa Vasques
Professores colaboradores:
Margarida Ferreira da Costa Lima
João José Pacheco Araújo
Maria Alice Carvalho Mateus



BIBLIOTECA

BIBLIOTEC

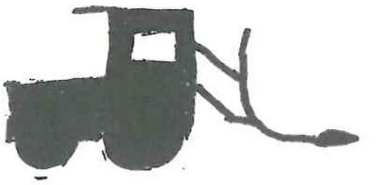
Jornal "O Janeiro"

Escola Mariz

2. Ano 1ª Fase
2º Ano e 2º Fase
22 de Janeiro de 1992

Resumo das tarefas escolares feitas neste dia

Limpeza na estrada de Mariz



ACIDENTE NO MONTE PROVOCOU 5 MORTOS.



Acidente de motorizada





Relação dos Títulos dos Periódicos da Imprensa Barcelense, por Ordem Cronológica

O Barqueiro do Cavado
Ensaios Praticos da Mocidade
N.º 1 — (25/10/1853) — N.º ? — (?)
Redactor Principal: José Silvério da Cunha Osório

O Barcellense
Periodico Politico, Litterario e Noticioso
N.º 1 — (23/10/1859) — N.º 38 (7.ª Série) — (9/2/1882)
Director: José Silvério da Cunha Osório

O Ecco de Barcellos
N.º 1 — (13/10/1860) — N.º ? — (?/?/1863) (?)
Redactor Principal: David de Barros e Silva Botelho

O Mercantil
N.º 1 — (?/6/1862) — N.º ? (?/7/1864)
Redactor Principal: Manuel Forte de Sá

O Jornal do Povo
Semanario Religioso, Politico e Literario
N.º 1 — (1/5/1864) — N.º ? — (11/11/1866)
Director: M.J. Ramires

Jornal de Barcelos
N.º 1 — (21/3/1866) — N.º ? — (?)
Director: J. Baptista de Lima

O Imparcial
N.º 1 — (24/7/1867) — N.º ? — (?/?/1873)
Editor: José Alves Vallongo e Sousa

Aurora do Cávado
N.º 1 — (14/8/1867) — N.º ? — (?/8/1898)
Director: Dr. Rodrigo Veloso

Registo Bibliographico e Philologico
N.º 1 — (?/2/1868) — N.º ? — (?)
Director: Manuel Fortes de Sá

O Povo
N.º 1 — (21/8/1870) — N.º ? — (?)
Directores: Dr. Rodrigo Veloso e Manuel Fortes de Sá

O Desengano
N.º 1 — (28/8/1870) — N.º ? — (?)
Redactor: Agostinho José da Silva

Lei e Ordem
N.º 1 — (?/4/1873) — N.º ? — (?)
Editor responsável: Agostinho José da Silva

Folha da Manhã
Semanario Politico e Noticioso
N.º 1 — (7/8/1879) — N.º ? (?/?/1919)
Director: J. Baptista de Lima

Tirocínio
Semanario Litterario e Noticioso
N.º 1 — (7/5/1882) — N.º 167 (?) — (?/?/1885) (?)
Editor Responsável: A.J. Lima

Minhoto
N.º 1 — (16/7/1882) — N.º ? — (?)
Director: Artur Roriz

O Mosquito
N.º 1 — (1/7/1883) — N.º ? — (?)
Redactor principal: Cândido A. Landolt

A Gazeta do Povo
N.º 1 — (10/1/1885) — N.º 379 (?) — (?/?/1892) (?)
Redactor principal: António R.C. Cardoso Pinto

Revista do Minho
N.º 1 — (1/4/1885) — N.º ? — (?)
Director: José da Silva Vieira

A Lyra
N.º 1 — (1/7/1885) — N.º ? — (?)
Director: ?

A Ideia Nova
Semanario Democratico Barcellense
N.º 1 — (22/9/1885) — N.º ? (?/1/1896)
Redactor Político: Dr. Martins Lima

A Liberdade
Miniatura Litteraria
N.º 1 — (4/10/1885) — N.º ? — (?)
Director: Cândido A. Landolt

A Mocidade
Hebdomadario Scientifico e Litterario
N.º 1 — (1/12/1886) — N.º 10 — (6/2/1887)
Director: António Vasques de Carvalho

A Bibliographia
Jornal d'Annuncios Litterarios
N.º 1 — (1/8/1887) — N.º ? — (?)
Propriedade da Livraria Valle

Jornal de Barcellos
N.º 1 — (1/1/1888) — N.º ? — (?)
Redactor: José Francisco da Silva Esteves

O Annunciador
Publicação Quinzenal
N.º 1 — (1/7/1888) — N.º ? — (?)
Propaganda da livraria e tipografia
José Alves Valle

O Minho
N.º 1 — (22/10/1888) — N.º ? — (?)
Director: Marcos Emílio Cândido de Carvalho

Aurora do Minho
N.º 1 — (8/12/1888) — N.º ? — (?)
Redactor Principal: Braulio Caldas

A Jornada
Revista Mensal, Litteraria
N.º 1 — (7/7/1889) — N.º ? — (?)
Director: Luiz Ferreira

O Commercio de Barcellos
Semanario Politico, Litterario e Noticioso
N.º 1 — (9/3/1890) — N.º 1092 (5/2/1911)
Director: Dr. José Júlio Vieira Ramos

Ao 1.º Aniversário da Proclamação da República Brasileira
Número único comemorativo desta efeméride editado pelo Grémio Democrático Barcelense em 15/11/1890
Director: ?

A Portuguesa
Revista Litteraria e Bibliographica
N.º 1 — (15/2/1891) — N.º ? — (?)
Director: Artur Roriz

O Artista
N.º 1 — (?/?/1891) — N.º ? — (?/10/1902)
Director: ?

O Patriota
N.º 1 — (?/?/1892 (?) — N.º ? — (?)
Director: ?

O 31 de Janeiro
Jornal manuscrito
N.º 1 — (14/2/1892) — N.º ? — (?)
Director: ?

A Lágrima
Publicação Recreativa
N.º 1 — (24/4/1892) — N.º 6 — (25/12/1904)
Director: Augusto Soucasaux

A Kermesse
Número único publicado em 2/5/1894, em benefício do Recolhimento e Asilo de Infância Desvalida do Menino Deus
Director: ?

A Gaita
Quinzenario Litterario e Humoristico
N.º 1 — (17/5/1894) — N.º ? — (?)
Director: ?

Setta
Quinzenario Illustrado
N.º 1 — (17/2/1895)
Director: Augusto Soucasaux

Barcellos Regenerador
N.º 1 — (?/1/1897) — N.º ? — (?)
Director: Dr. Luis Novais

Barcelos
N.º 1 — (28/1/1897) — N.º ? — (?)
Editor: Augusto Soucasaux

A Pega Morta
Jornal manuscrito
N.º 1 — (15/1/1898) — N.º ? — (?)
Director: Miranda Júnior

O Zé
Jornal manuscrito
N.º 1 — (31/1/1898) — N.º ? — (?)
Director: ?

A Pega Brava (Ex-«Morta»)
Jornal manuscrito
N.º 1 — (4/3/1898) — N.º ? — (?)
Director: ?

Exercito Illustrado
Revista de Sciencias e Lettras
N.º 1 — (25/4/1898) — N.º ? — (?)
Director: ?

Número Comemorativo da data de 1640
Número único editado pela Academia Barcelense, em 1/12/1902
Director: ?

A Arte
Revista Literária
N.º 1 — (1/5/1902) — N.º ? — (?)
Directores: Antero de Faria e Domingos Gravieira

Aurora de Barcelos
Publicação Quinzenal
N.º 1 — (22/5/1902) — N.º 20 — (23/7/1903) (?)
Redactores: Ilídio Nunes e Francisco José da Silva

A Bexiga
Revista Intima
N.º 1 — (?/10/1902) — N.º 2 — (5/11/1902)
Director: ?

Regenerador-Liberal
Semanario Politico, Litterario e Noticioso
N.º 1 — (21/6/1903) — N.º 186 — (24/12/1910) (?)
Editor Responsável: Francisco José da Silva

Primavera
Jornal de Novos
N.º 1 — (10/1/1904) — N.º ? — (?)
Director: Sousa Martins

Deus e Pátria
Orgão do Cículo Católico de Operários de Barcelos
N.º 1 — (21/3/1904) — N.º ? — (?/10/1910) (?)
Editor Responsável: Manoel P. Villas Boas

A Aurora
Publicação Quinzenal
N.º 1 — (9/10/1904) — N. ? — (?/?/1904)
Directores: Ilídio Nunes e João Vieira de Castro

A Fraternidade
Orgão dos Caixeiros e do Comércio em Geral
N.º 1 — (15/10/1904) — N.º ? — (?)
Editor: Manoel P. de Villas Boas

A Barcellense
Publicação Quinzenal
N.º 1 — (4/12/1904) — N.º ? — (?)
Editor: Marcos Emílio C. de Carvalho

Alerta
Revista Mensal de Propaganda Livre
N.º 1 — (1/2/1905) — N.º ? — (?)
Director — Redactor: Domingos Ferreira

A Fé
Revista Semanal, Catolica, Cientifica e Literaria
N.º 1 — (Fevereiro/1905) — N.º ? — (?)
Editor: Manoel P. de Villas Boas

A Lyra
Quinzenario Literario e Noticioso
N.º 1 — (26/3/1905) — N.º ? — (?)
Director: Cunha Ferreira

A Voz do Academico
Folha Independente
N.º 1 — (Abril/1905) — N.º ? — (?)
Director: ?

Centro de Novidades
Orgão de Propaganda do Centro de Novidades
N.º 1 — (3/5/1905) — N.º ? — (?)
Director: Fernando Miranda

Ideal
Jornal de Novos
N.º 1 — (2/7/1905) — N.º ? — (?)
Director: Vieira de Castro

Folha Liberal
Semanario Politico Litterario e Noticioso
N.º 1 — (13/1/1907) — N.º ? — (?/6/1909)
Redactor Principal: Hilário Barreiros

A Luz do Caixeiro
Revista Mensal de Caixeiros, Doutrinária, Literária e de Crítica
N.º 1 — (1/3/1907) — N.º ? — (?)
Director: Francisco Guimarães

Barcellos-Revista
Quinzenário Ilustrado
N.º 1 — (2.ª quinz. Fev./1909) — N.º 24 — (16/6/1912)
Director: Eduardo Larcher Marçal

Despertar
Pela Verdade, pela Justiça, pela Liberdade
N.º 1 — (Março/1909) — N.º 17 — (Agosto/1910)
Director: Francisco Guimarães

Propaganda Literária
Revista Reclamo do Centro de Novidades
N.º 1 — (Março/1909) — N.º 6 — (Julho/1912)
Direcção: Fernando Miranda

O Sardão
Folha Ilustrada Independente com Aspirações a Humorística
N.º 1 — (15/12/1909) — N.º 60 — (Maio/1917) (?)
Director: Domingos Sousa de Mello

Barcellos-Moderno
N.º 1 — (Março/1910) — N.º 9 — (Novembro/1910) (?)
Director: Barbosa Torres

O Centro
N.º 1 — (Agosto/1910) — N.º 15 — (Setembro/1912) (?)
Director: Fernando Miranda

A Justiça
Semanario-Regenerador
N.º 1 — (4/8/1910) — N.º 4 — (1/9/1910)
Director: Manoel Baptista Lopes

Era Nova
Semanario Republicano
N.º 1 — (20/10/1910) — N.º ? — (?/8/1914) (?)
Director: António Albino Marques d'Azevedo

O Radical
Semanario Extra-Partidario
N.º 1 — (2/11/1910) — N.º 60 — (28/10/1913)
Director: António Baltazar

Barcellos Monarchico
Semanario Monarchico
N.º 1 — (1/1/1911) — N.º 6 — (5/2/1911)
Director: J. dos Reis Maia

A Mocidade
Revista mensal, litteraria e recreativa
N.º 1 — (Janeiro/1911) — N.º ? — (Março/1911) (?)
Director: Armindo Miranda

Critica Extravagante
N.º 1 — (5/2/1911)
Director, proprietário e editor: Gonçalo Araújo

O Barcellense
Extra-partidario
N.º 1 — (12/2/1911)
Director: José Humberto Andrade Faria

O Pepino
N.º 1 — (Maio/1911) — N.º 4 — (Fevereiro/1912) (?)
Director: José Maria Paes da Silva

O Tomate
N.º 1 — (Junho/1911)
Director : José H. Pereira

O Pecego
N.º 1 — (Junho/1911) — N.º ? — (?)
Director: Augusto P. Ferreira

Juventude
N.º 1 — (Julho/1911) — N.º 4 — (Dezembro/1911)
Director: Thomaz Dias Affonso

O Furão
Quinzenario Humoristico, Scientifico e Noticioso
N.º 1 — (Setembro/1911) — N.º ? — (?)
Editor e Director: M.J.P. Martins

O Minho
Orgão do Partido Republicano Liberal
N.º 1 — (5/8/1912) — N.º ? — (?)
Director: Flávio de Sousa Neiva

O Caixeiro
N.º 1 — (Agosto/1912) — N.º 9 — (Novembro/1912)
Director: Joaquim Gonçalves Barroso

O Marçano
N.º 1 — (Outubro/1912) — N.º 5 — (Dezembro/1912) (?)
Director: Alberto Cândido

O Combate
Quinzenario Republicano Democratico
N.º 1 — (24/7/1913) — N.º 4 — (?)
Director: Gonçalo Araújo

Revista do Cavado
Publicação manuscrita
N.º 1 — (5/10/1913) — N.º ? — (?)
Director: M. Latino G. Ramos

O Zé
Publicação manuscrita
N.º 1 — (9/3/1914) — N.º ? — (?)
Director: M. Latino G. Ramos

O Domingo
Boletim Paroquial de Nine e Cambezes
N.º 1 — (31/5/1914) — N.º ? — (?)
Director: Padre Francisco de Lima Novaes

Alerta
Publicação de critica social politica e literaria
N.º 1 — (?/10/1915) — N.º ? — (?)
Director: D. Ferreira e F. Guimarães

Era Nova
Orgão do Partido Republicano Democratico
N.º 1 — (24/12/1914) — N.º 307 — (30/11/1916) (?)
Director: Gonçalo Araújo

Novidades
N.º 1 — (Dezembro/1915) — N.º 3 — (Fevereiro/1917)
Director: Fernando Miranda

O Cavado
Semanario Literario
N.º 1 — (16/1/1916) — N.º 55 — (28/1/1917)
Director: Hilário Cândido Barreiros D'Oliveira

O Interino
Semanario Literario
N.º 1 — (1/10/1916) — N.º 5 — (29/10/1916)
Director: Hilário Cândido Barreiros D'Oliveira

Acção Social
Semanario Catolico
N.º 1 — (25/10/1916) — N.º 20 — (6/2/1919 (?)
Director: Pe. Alexandrino José Leituga

O Literario
N.º 1 — (29/7/1917) — N.º 6 — (7/10/1917) (?)
Director: António Mendonça Monteiro

Ecos de Barcelos
Semanario Republicano
N.º 1 — (?/3/1919) — N.º 276 — (?/8/1924) (?)
Director: Porfírio da Silva

A Justiça
Quinzenario Republicano
N.º 1 — (26/8/1919) — N.º 11 — (30/10/1924) (?)
*Director:*Flávio Neiva

Sempre Unidos
Defensor da classe dos Empregados no Commercio
N.º 1 — (Dezembro/1919) — N.º ? — 5/3/1920 (?)
Director: Eduardo Prado

A Mocidade
Literatura — Critica — Sport
N.º 1 — (Junho/1920) — N.º 3 — (Agosto 1920) (?)
Director: Luis Veloso

Acção Social
Semanario Regionalista de Barcelos
N.º 1 — (5/1/1922) — N.º 9 — (26/12/1925)
Director: P.e Alexandrino José Leituga

Raquete
Sport-Literatura-Crítica
Jornal de Novos para Novos
N.º 1 — (2.ª Quinz. Fev./1922) — N.º 3 — (2.ª Quinz. Março/1922) (?)
Director: Alberto de Vasconcelos Faria Viseu

A Verdade
Semanario Republicano
N.º 1 — (30/3/1922) — N.º ? — (28/12/1927) (?)
Director: Artur Roriz Pereira

O Sorriso
Quinzenario Humorístico e Literário
N.º 1 — (1.ª Quinz./5/1920) — N.º 12-B — (30/4/1922)
Director: José Gomes Leite

O Sorriso
Quinzenario Humoristico e Literario
N.º 1 — (4/5/1924) — N.º 11 — (30/10/1924) (?)
Director: Manoel Paula

A Opinião
Semanario Republicano
N.º 1 — (17/1/1926) — N.º (?) — (Setembro/1931) (?)
Director: Gonçalo D'Araújo

Notícias de Barcelos
N.º 1 — (28/5/1926)
Director: ?

Tudo-Nada
Literatura — Arte — Desportos — Humorismo
N.º 1 — (17/11/1926) — N.º 15 — (27/2/1927) (?)
Director: José Mestre Mary

O Intransigente
Semanario Republicano
N.º 1 — (16/12/1926) — N.º 4 — (6/1/1927)
Director: Artur Roriz Pereira

A Voz de Barcelinhos
Quinzenário Independente
N.º 1 — (15/5/1927) — N.º 19 — (25/3/1928)
Director: Francisco Paula dos Santos

O Barcelos
N.º 1 — (24/9/1927) — N.º 2 — (1/10/1927)
Director: Rogério Cândido Calás de Carvalho

A Cidade
Dedicado aos Iustres Visitantes da Rainha do Cávado
Número único — 14/10/1928
Redacção: Joaquim Lopes de Araújo, José Correia Landolt e Alberto Soares

Barcelos-Cidade
Número Comemorativo das Festas das Cruzes
Maio/1929
Director: Joaquim Lopes de Araújo

Homens & Factos do Dia
Semanário da Vida Mundial
N.º 1 — (3/8/1929) — N.º 2 — (10/8/1929)
Director: Repórter X

Jornal do Repórter X
Semanário da Vida Mundial
N.º 1 — (12/10/1929) — N.º ? — (2/11/1929)
Director: Reinaldo Ferreira

Fruta do Tempo
Quinzenário Humorístico
N.º 1 — (7/11/1929) — N.º ? — (?/12/1929) (?)
Director: L. Rodrigues

Notícias de Barcelos
N.º 1 — (30/6/1932) — N.º 581 — (20/12/1945) (?)
Director: Dr. Joaquim Furtado Martins

Ecos da Franqueira
N.º 1 — (10/7/1932) — N.º 52 — (27/8/1933)
Director: Pe. José A. Aires

Anais das Franciscanas Missionárias de Maria
N.º 1 — (Janeiro/1936) — N.º 34 — (Nov.-Dezemb./1969)
Direcção: Colégio Missionário Ultramarino

A Tribuna das Crianças
N.º 1 — (Janeiro/1938) — N.º ? — (?)
Editor: Colégio Missionário Ultramarino

O Correio Missionário das Crianças
N.º 1 — (Jan. Fev./1939) — N.º 4 — (Julho. Dezemb./1953)
Editor: Colégio Missionário Ultramarino

Resposta
Jornal de Informação e de Crítica
N.º 1 — (30/11/1941) — N.º ? — (28/12/1941)
Director: ?

A Franqueira
Orgão da Confraria de Nossa Senhora da Franqueira
N.º 1 — (15/4/1945) — N.º 33 — (26/3/1953)
Director: Padre Bonifácio Lamela

Mestre da Vida
Boletim a favor de todos
N.º 1 — (?/?/1947) — N.º ? — (?)
Director: P.e Avelino Ferreira

Boletim do Grupo Alcaides de Faria
N.º 1 — (?/?/1948) — N.º 2 — (?/?/1950)
Director: Joaquim Selles Paes de Villas-Bôas

Jornal de Barcelos
Semanário Católico e Regionalista
N.º 1 — (5/1/1950) —
Director: Pe. Alfredo Martins da Rocha

Boletim Social da Tebe
N.º 1 — (Agosto/1953) — N.º 85 — (?/8/1961) (?)
Director: António Baptista

Boletim do Grémio do Comércio do Concelho de Barcelos
N.º 1 — (Julho-Agosto-Setembro-1954) — N.º 32 — (Janeiro-Março-1965)
Direcção: Grémio do Comércio do Concelho de Barcelos

Ao Serviço da Rainha do Mundo
N.º 1 — (Agosto-1955) — N.º ? — (?)
Director: Pe. José Alves

Lírio do Neiva
Orgão das Secções da Acção Católica de Durrães
N.º 1 — (Maio-1956) — N.º ? — (?)

Ecos de Nossa Senhora Aparecida de Balugães
N.º 1 — (Novembro-1956) — N.º ? — (?)

A Nossa Igreja
Boletim Paroquial de Minhotães
N.º 1 — (3/11/1957) — N.º ? — (?)
Director: Pe. Albino Rodrigues Pereira C. Salvador

Testemunho e Presença
Anais das Franciscanas Missionárias de Maria
N.º 1 — (?) — N.º ? — (?)

O Arauto
Boletim Paroquial de S. Bento da Várzea
N.º 1 — (Julho-1960) — N.º ? — (?)

Mais alto... Mais além
Orgão da J.A.C. e J.O.C.F. de S. Martinho de Vila Frescaínha
N.º 1 — (Janeiro-1962) — N.º ? — (?)

O Treze
Orgão do grupo n.º 13 do Corpo Nacional de Escutas
N.º 1 — (?/?/1963) — N.º ? — (?)
Director: Ilídio E. Gomes

D. António Barroso
Boletim Paroquial de Remelhe
N.º 1 — (Janeiro — 1966) — N.º ?
Director: Pároco de Remelhe

Boletim Informativo do Museu Regional de Cerâmica
N.º 1 — (Janeiro-1966) — N.º 2 — (Janeiro-1967)
Director: Dr. Eugénio Lapa Carneiro

A Voz do Minho
Semanário Regionalista
N.º 1 — (30/9/1966) —
Director: Artur Brás Marques

Cadernos Mariais
Suplemento da revista ao Serviço da Rainha do Mundo
N.º 1 — (1967) (?) — N.º ? — (?)
Director: ?

A Voz do Neiva
Boletim Paroquial de Quintiães-Aguiar-Aborim-Panque-Ardegão
N.º 1 — (Julho/1968) — N.º ? — (?)
Director: Párocos de Aguiar e Aborim

Boletim Paroquial de Cossourado
N.º 1 — (?/?/1968) — N.º ? — (?)
Director: Pe. Américo Teixeira

Olaria
Boletim do Museu de Cerâmica Popular Portuguesa
Número único. Agosto/1968
Director: Eugénio Lapa Carneiro

Voz de Fragoso
N.º 1 — (?/?/1970) — N.º ? (?)
Director: Pe. Manuel Martins de Sá

Boletim de Santa Casa da Misericórdia de Barcelos
N.º 1 — (6/6/1985) —
Director: Provedor da Santa Casa da Misericórdia de Barcelos

Paz e Amor
Boletim Doutrinário e Informativo de Vila Cova
N.º 1 — (Março-1971) —
Director: Pe. António Alves Moreno

A Voz de Santa Maria de Lijó
N.º 1 — (Março/1973) — N.º ? — (?)
Director: Pe. João Barbosa Granja

Folha Paroquial de Santa Maria Maior
N.º 1 — (?) —
Director: Pe. Alberto da Rocha Martins

O Trovão
Folha Comunista do Concelho de Barcelos
N.º 1 — (?) — N.º ? — (?)
Director: ?

O CRA
Jornal do Centro Recreativo de Aldreu
N.º 1 — (Outubro/1974) — N.º ? — (?)
Direcção: Comissão de Iniciação de Jornalismo

O 25 de Abril-74
Orgão do Movimento Democrático de Barcelos
N.º 1 — (28/10/1974) — N.º
Director: Arquitecto Bessa e Menezes

Barcelos Popular
N.º 1 — (11/11/1976) —
Director: João Macedo Lourenço

A Voz do Lavrador
Boletim Informativo da Liga dos Agricultores de Barcelos
N.º 1 — (Fevereiro/1978) — N.º ? — (?)
Director: José Ferreira da Silva Loureiro

Ar Livre
Boletim Informativo do Clube de Campismo e Caravanismo de Barcelos
N.º 1 — (1978) —
Director: Feliciano Lopes Gomes

A Guarita
Orgão da Biblioteca Popular de Vila Cova
N.º 1 — (Janeiro-1978) — N.º 62 — (Fevereiro-1989)
Director: Celestino Dias da Costa

O Despertador
Boletim Informativo do Grupo Recreativo e Cultural de Alvito
N.º 1 — (17/2/1979) — N.º ? — (?)

APACI Informativo
N.º 1 — (Março-1980)

Boletim Especial Comemorativo do 75.º Aniversário do Rotary Internacional
Número único. Fevereiro/1980
Director: José Augusto

O Caminho
Orgão de Divulgação Científica, Filosófica e Artística
N.º 1 — (Julho-Agosto-1980) — N.º ? — (?)
Director: Maria da Conceição Nobre

O Eco de Lijó
N.º 1 — (?) —
Director: António Duarte Senra

Barcellos Revista
N.º 1 — (1982) — N.º 1 (1986)
Director: Fernando Chaves da Rocha Pereira

Duplicados Jornais da Biblioteca Municipal de Barcelos
N.º 1 — (1982)
Editor: Biblioteca Municipal de Barcelos

Duplicados Boletins-Revistas
N.º 1 — (1982)
Editor: Biblioteca Municipal de Barcelos

Duplicados Monografias
N.º 1 — (1982)
Editor: Biblioteca Municipal de Barcelos

Lista dos Periódicos Entrados na Biblioteca Municipal de Barcelos de Outubro a Dezembro de 1981
N.º 1 — (Janeiro-1982)
Editor: Biblioteca Municipal de Barcelos

Boletim Bibliográfico e Informativo da Biblioteca Municipal de Barcelos
N.º 1 — (Janeiro-Março-1982) — N.º 10/11 — (Março-Outubro-1984)
Editor: Biblioteca Municipal de Barcelos

Pirilampo
Boletim do Centro Social de Cultura e Recreio da Silva
N.º 1 — (1983) (?) —

Boletim informativo da Associação Comercial de Barcelos
N.º 1 — (Março-1983) —
Director: Licínio Carlos da Costa Santos

Boletim Especial Comemorativo do 15.º Aniversário do Rotary Clube de Barcelos
Número único. Abril/1983.
Director; José Augusto

O Coleccionador
Secção Filatélica e Numismática
do Clube de Campismo e Caravanismo de Barcelos
N.º 1 — (Maio/1983)

Boletim do Rotary Clube de Barcelos
N.º 1 — (10/6/1983) —
Director: José Augusto

Agribar
Cooperativa Agrícola de Barcelos e Adega Cooperativa de Barcelos
N.º 0 — (1.º Trimestre/1984)
Director: Alvarenga Fernandes

Jornal de Viatodos
N.º 1 — (1984) (?)
Director: Leonardo Silva

O Gil Vicente
Boletim Informativo aos Sócios
Número único/1985

Grito Jovem
N.º 1 — (1985)
Director: Eduardo Miranda Ferreira

Barcelos 85
Boletim da Exposição Filatélica «Barcelos 85»
N.º 1 — (3/5/1985) — N.º 10 — (12/5/1985)
Director: Carlos Basto

Seiva
Publicação da Direcção-Geral de Educação de Adultos
Coordenação Concelhia de Barcelos
N.º 1 — (Maio/1985) — N.º ? — (?)

Circular
Boletim Paroquial
N.º 1 — (Outubro/Dezembro/1986)

Notícias de Barcelos
N.º 1 — (22/10/1987) —
Director: Dr. Vasco de Carvalho

Boletim da Junta de Freguesia de Alvito S. Pedro
N.º 1 — (1989)

S.M.A.D. Informação
N.º 1 — (?) —
Director: Dr. Manuel Ribeiro

Barcelos
Câmara Municipal de Barcelos
N.º 1 — (1988) —

Barcelos
Anuário/Directory da Associação Comercial de Barcelos
N.º 1 — (1988) —
Edição: Europáginas Publicações Publicidade

Boletim Municipal da Câmara Municipal de Barcelos
N.º 1 — (Jan/Fev./1988) — N.º 9 — (Maio/Junho/1989)
Director: Dr. João Machado

A Voz de Vilar
Orgão de Informação do Progresso da Nossa Terra
N.º 0 — (Março/Abril/1988) —
Director: Dr. Sebastião Matos

Jornal de S. Lourenço
N.º 1 — (Janeiro/1990) —

Boletim da XXI Convenção Nacional de Lions Clubes
Número único. (Abril/1990)

Barcellano: Boletim Informativo do Lions Clube de Barcelos
N.º 1 — (Dezembro/1990) —

Barcelos Revista
N.º 1 — (Dezembro/1990) —
Director: Sebastião Matos

A Voz dos Principais
Boletim Cultural e Informativo da Junta de Freguesia
de Vilar de Figos
N.º 1 — (Dezembro/1990) —
Director: Joaquim Figueiredo

Jornaldreu
N.º 1 — (Novembro/1991) —
Director: José S. Faria

Abre-te Caco
Jornal do Pavilhão de S. José
da Casa de Saúde de S. João de Deus
N.º 1 — (19??)

Relação dos Títulos dos Periódicos da Imprensa Escolar Barcelense, por Ordem Cronológica

Ensino Preparatório e Secundário

O Kaloiro
Gazeta Humorística
Colégio Alcaides de Faria
N.º 1 — (22/11/1941) — N.º 3 — (25/12/1941)
Director: Professor Ribeiro da Silva

A Voz do Externato «D. António Barroso»
Orgão dos alunos dos Externato D. António Barroso
N.º 1 — (Julho/1952) — N.º 13 — (Maio/1965)
Director: José Luís Nogueira de Brito

Ecos
Edição do Centro Escolar n.º 2 da M.P.
da Escola Industrial e Comercial de Barcelos
N.º 1 — (10/6/1963) — N.º ? — (?)

Muralha
Revista do Liceu de Barcelos
N.º 1 — (Junho/1971) — N.º 4 — (Junho/1973)
Director: Victor Manuel Silva

Gente Pequena
Jornal da Escola Preparatória Gonçalo Nunes
Número único — (Maio/1973)

Gente + ou - Pequena
Jornal da Escola Preparatória Gonçalo Nunes
N.º 1 — (Maio/1973)

Ponto de Interrogação
Jornal do Liceu de Barcelos
N.º 0 — (Fev. 1979)

Diversão
Jornal da Escola Secundária de Arcozelo
N.º 1 — (1980) (?) —
Director: António José da Silva Figueiredo

Cábula
Boletim Informativo da Associação de Estudantes
da Escola Secundária de Arcozelo
N.º 1 — (Maio/1980)

Didálvi
Jornal da Cooperativa de Ensino de Alvito S. Pedro
N.º 1 — (1989)

Número 1
Jornal da Escola Secundária de Barcelinhos
N.º 1 — (Maio-Junho/1989) (?)

Jornal
Escola Preparatória de Viatodos
N.º 1 — (1985) (?)

Folhas Quebradas
Jornal da turma A do 8.º ano
da Escola Secundária de Barcelinhos
N.º 1 — (1990) (?)
Directora: Dr.ª Luísa Ferraz

Ideia Jovem
Jornal dos alunos do 8.º C
da Escola Secundária de Barcelinhos
N.º 1 — (1990) (?)

Disposições
Revista dos alunos de Filosofia
da Escola Secundária de Barcelinhos
N.º 1 — (1990)

Le Mirage
Le premier journal français de notre école
Jornal do grupo de francês da Escola Secundária de Barcelinhos
N.º 1 — (Fevereiro/1990)
Directora: Maria João Guimarães dos Santos

O Estudante
Boletim Interno da Escola Secundária de Arcozelo
N.º 0 — (1980/1981)

O Alcaide
Jornal da Escola Preparatória de Barcelos
N.º 1 — (Março/1982) — N.º 2 — [illegible]/1982)

Amanhecer
Revista da Escola Secundária de Barcelinhos
N.º 1 — (4/6/1983) —
Director: Dr. João Vale Ferreira

O Despertar
Jornal da Escola C+S de Viatodos
N.º 1 — (1984) —

Folhas Loucas
Jornal dos alunos da Escola Preparatória de Barcelinhos
N.º 1 — (1987) (?)

O Canto do Galo
Jornal da Escola Preparatória de Barcelos
N.º 1 — (1.º Trimestre-1987/88) —

Boletim de Informática
Boletim do C.I. em colaboração com o C.E.I.
Escola Secundária de Barcelinhos
N.º 1 — (1988) (?)

Ecos de La Salle
Jornal da Comunidade Educativa do Colégio «La Salle»
N.º 1 — (1988) —

Janela Aberta
Escola Secundária de Barcelinhos
N.º 1 — (Fevereiro/1988) — N.º 2 — (?)

Avenida do Minho
Revista do Clube de Jornalismo
Escola Secundária de Arcozelo
N.º 1(Junho/1989) —
Director: Dr. João Vale Ferreira

Notícias de Paradela
Edição das E.B.M. n.º 1373 de Paradela e n.º 219 de Faria
N.º 0 — (Outubro/1990)
Directores: Maria do Sameiro Ferraz Gomes
Maria Isaura G. D. Faria
M.ª Filomena Amaral Cunha
M.ª Cândida Barbosa
José Manuel da Silva Pontes

O Estudante
Jornal da Escola Secundária de Barcelinhos
N.º 1 — (Fevereiro/1991)
Director: António Carvalho

Alfredo Carvalhães
Número único/Março de 1991
Director: Vitor Coutinho e 12.º ano da Escola Secundária de Arcozelo

Arcozelo Informático
Jornal da Escola Secundária de Arcozelo
N.º 1 — (1991)
Direcção: 11.º I da Escola Secundária de Arcozelo

O Alcaprim
Jornal da E.B.M. n.º 219 de Faria
N.º 1 — (Dezembro/1991)
Directores: M.ª Cândida Pacheco Pereira Moreira Barbosa
M.ª Filomena Amaral de Oliveira Cunha

A Voz de Cristelo
Jornal da E.B.M. n.º 310 de Cristelo
N.º 1 — (Janeiro/1992)
Director: Maria Helena de Sousa Vasques

Ensino Especial

O Tagarela
Jornal dos alunos da APACI
N.º 1 — (1990)
Redacção: alunos da APACI

Ensino Profissional

Debate
Suplemento mensal da Escola Profissional de Barcelos
publicado no Jornal de Barcelos
N.º 1 — (28/3/1991)
Director: Dr. Manuel Pereira

Entrelinhas
Jornal da Escola Profissional Profitecla
N.º 1 — (Dezembro/1991)
Director: Mário Patrão

Relação dos Títulos dos Periódicos da Imprensa Escolar Barcelense, por Ordem Cronológica

Ensino Básico

Lírios do Campo
Jornal dos alunos da 6.ª classe
da escola de Areias de S. Vicente
N.º 1 — (197?) —

Jornalzinho
Jornal da escola n.º 1 de Carapeços
N.º 1 — (1977/1978) —

Pipocas
Jornal escolar de Alvito S. Pedro
N.º 1 — (Abril/1979) —

Amigos
Jornal dos alunos da 2.ª fase
da escola n.º 2 de Tamel S. Veríssimo
N.º 1 — (Abril/1979) —

O Caracol
Jornal da escola da Silva
N.º 1 — (1979) (?) —

O Traquinas
Número único (1981/1982)

O Pegadinhas
Jornal da escola primária de Chavão
N.º 1 — (1982) (?) —

O Charlot
Jornal da escola primária de Alheira
N.º 1 — (1983) (?) —

Pantera
Jornal dos alunos da escola primária de Adães
N.º 1 — (1983) (?) —

Escola
Boletim do Centro de Apoio Pedagógico de Barcelos
Escola do Bairro da Misericórdia
N.º 1 — (Dezembro/1983) (?) —

O Tagarela
Jornal da escola primária de Roriz
N.º 1 — (1984) (?) —

O Ceramista
Jornal da escola de Galegos S. Martinho
N.º 1 — (1988) (?)

Palme Infantil
Jornal da escola primária de Palme
N.º 1 — (1988) —

Os Martelinhos
Jornal da escola primária de Aborim
N.º 1 — (Dezembro/1988) —

Coelhinho Branquinho
Jornal escolar de Vila Seca
N.º 1 — (1989) (?) —

Novos Amigos
Jornal da escola de Sequiade
N.º 1 — (Dezembro/1989)

O Galo
Jornal do Jardim de Infância
da av. João Duarte — Arcozelo
N.º 1 — (1989/1990) —

A Borboleta
Jornal da escola de Areias de Vilar
N.º 1 — (Dezembro/1989) —

O Traquina
Jornal da escola de Alheira
N.º 1 — (Março/1990) (?)

Jornal do Tico-Tico
Jornal dos alunos do 4.º ano
da escola de Galegos S. Martinho
N.º 1 — (15/6/1990) —

Escola Primária de Airó
Jornal dos alunos do 4.º ano
N.º 1 — (Junho/1990) —
Responsáveis: M.ª Custódia Oliveira e M.ª Teresa Falcão

O Pintarolas
Jornal dos alunos do 1.º ciclo da escola de Silveiros
N.º 1 — (Dezembro/1990)

Despertar
Jornal dos alunos do 1.º ciclo da escola de Vilar do Monte
N.º 1 — (Dezembro/1990) —

Formidável
Jornal dos alunos do 2.º ano/2.ª fase
da escola de Fonte Coberta
N.º 1 — (1991) —

Gente Miúda
Jornal da Escola de Fragoso
N.º 1 — (1991) (?) —

O Jornal da Escola
Jornal da escola de Courel
N.º 1 — (1991) (?) —

A Turma de Lijó
Jornal da escola de Lijó
N.º 1 — (Março/1991) —

Fontinha do Landeiro
Jornal dos alunos da 1.ª fase da escola de Fonte Coberta
N.º 1 — (11/2/1991) (?) —
Responsáveis: M.ª Altina Gonçalves Macedo e
M.ª Alice Araújo dos Santos Pinto

Rua da Imaginação
Jornal da escola do 1.º ciclo do ensino básico
de Aldão — Vila F.S. Martinho
N.º 1 — (2/3/1991) —
Responsável: Professora Jeracina

Jornal Escolar de Barcelos
Coordenação do grupo concelhio
do projecto «Uma Escola — Uma Empresa»
N.º 1 — (Junho/1991)

A Turma dos Estudiosos
Jornal mensal do 3.º ano da escola
de Aldão — Vila F.S. Martinho
N.º 1 — (Outubro/1991)

JornAldreu Escolar
Jornal dos alunos do 1.º ciclo da
escola da Boavista — Aldreu
N.º 1 — (Novembro/1991)

O Pintaínho
Jornal da escola de Remelhe
N.º 1 — (Novembro/1991)

ABC
Boletim trimestral da escola de Grimancelos
N.º 1 — (Dezembro/1991)

Os Pereirinhas
Jornal da escola de Varziela — Pereira
N.º 1 — (Dezembro/1991)

Notícias de Palmo e Meio
Jornal da escola de Rio Covo St.ª Eulália
N.º 1 — (1991) (?)

Jornal da Escola de Giestal
Jornal da escola de Airó
N.º 1 — (1991/1992)

«O Janeiro»
Jornal dos alunos do 2.º ano, 1.ª e 2.ª fases
da escola de Mariz
N.º 1 — (22/1/1992)

Nós
Jornal dos alunos do 1.º e 2.º anos da 1.ª fase
da escola da Silva
N.º 1 — (19??)

A IMPRENSA BARCELENSE

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Francisco de — *«Coisas de Longe e de Perto»,* in «A Voz do Minho», Barcelos, ano 7, n.º 345, (5 Maio 1973), p. 1;
— *«Cronologia dos Jornais de Barcelos»,* in «A Voz do Minho», Barcelos, ano 11, n.º 540 (12 Fev. 1977), p. 1;
— *«Alguns Jornalistas de Barcelos»,* in «A Voz do Minho», Barcelos, ano 12, n.º 586 (31 Dez. 1977), pp. 1-4;
— *«No Centenário do Jornal Barcelense A Folha da Manhã»,* in «Jornal de Barcelos», Barcelos, ano 29, n.º 1469 (12 Out. 1978), pp. 1-4;

ARAÚJO, Silva — *«Publicações periódicas existentes no âmbito da Arquidiocese de Braga,* in «O Diárioa do Minho», no 62, n.º 19 857 (10 Dez. 1981), p. 7.

BASTO, Carlos — *«Temas Barcelenses. Imprensa»,* in «Jornal de Barcelos», Barcelos, ano 33, n.os 1634 (4 Fev. 1982), p. 4; 1637 (11 Fev. 1982), p. 4; 1638 (18 Fev. 1982), p. 4; 1639 (25 Fev. 1982), p. 4; 1640 (4 Mar. 1982), p. 4; 1642 (18 Mar. 1982), p. 4; 1644 (1 Abr. 1982), p. 4; 1646 (15 Abr. 1982), p. 4; 1647 (22 Abr. 1982), p. 4; 1649 (6 Mai. 1982), p. 4; 1678 (30 Nov. 1982), p. 4; ano 34, 1680 (13 Jan. 1983), p. 4; 1681 (20 Jan. 1983), p. 4; 1682 (27 Jan. 1983), p. 4; 1683 (3 Fev. 1983), p. 4; 1684 (10 Fev. 1983), p. 4; 1685 (17 Fev. 1983), p. 4; 1687 (3 Mar. 1983), p. 4; 1694 (21 Abr. 1983), p. 4; ano 41, 2014 (22 Fev. 1990), p. 4; 2017 (15 Mar. 1990), p. 4; 2018 (22 Mar. 1990), p. 4; 2019 (29 Mar. 1990) p. 4; 2020 (5 Abr. 1990), p. 4; 2021 (12 Abr. 1990), p. 4; 2022 (19 Abr. 1990), p. 4; 2023 (25 Abr. 1990), p. 4; 2025 (10 Mai. 1990), p. 4; 2026 (17 Mai 1990) p. 4; 2027 (24 Mai 1990), p. 4; 2028 (31 Mai. 1990), p. 4; 2030 (14 Jun. 1990), p. 4; 2031 (21 Jun. 1990), p. 4; 2033 (5 Jul. 1990), p. 4; Ano 42. 2062 (28 Fev. 1991), p. 4; 2065 (4 Abr. 1991), p. 4; 2066 (11 Abr. 1991), p. 4; 2076 (27 Jun. 1991), p. 4; 2086 (10 Out. 1991) p. 4.
— *«Os Bombeiros e a Imprensa»,* in «Jornal de Barcelos», Barcelos, ano 34, n.os, 1685 (17 Fev. 1983), p. 3; 1686 (24 Fev. 1983), p. 3; 1687 (3 Mar. 1983), p. 1; 1688 (10 Març. 1983), pp. 1-3; 1689 (17 Mar. 1983), pp. 1-3; 1692 (7 Abr. 1983), pp. 1-3; 1693 (14 Abr. 1983), pp. 1-3;
— *«Uma «Relaçam» de Barcelos»,* in «Jornal de Barcelos», Barcelos, ano 41. n.º 2047 (15 Nov. 1990), p. 4;
— *«50 anos de imprensa escolar em Barcelos»,* in «Jornal de Barcelos», Barcelos, ano 42, n.os 2084 (26 Set. 1991), p. 5; 2085 (3 Out. 1991), p. 5;

— *«Às voltas com um «Roteiro»,* in «Jornal de Barcelos», Barcelos, ano 42, n.º 2081 (5 Set. 1991), p. 4.
— *«A Imprensa Barcelense do século XIX»,* in «Barcelos Revista», Barcelos, 2.ª série, n.º 2, 1991, pp. 69-90.

BOAVENTURA, Manuel — *«Jornais de Barcelos»,* in «Jornal de Barcelos, Barcelos, ano 1, n.os 14 (6 Abr. 1950), p. 2; 16 (20 Abr. 1950), p. 3.

CACHADA, Armindo de Sá — *«Um Século de Jornalismo em Barcelos. Lutas Republicanas favorecem a Proliferação de Periódicos»,* in «O Primeiro de Janeiro», Porto, ano 203, n.º 104 (16 Abr. 1981), p.,
— *«A Imprensa Comemorativa do 31 de Janeiro. Jornal Manuscrito em Barcelos», in «Correio do Minho», Braga, ano 2, n.º 360 (12 Fev. 1983) p. 4.*

CUNHA, Maria Helena Laranjeiro da — *«Imprensa Periódica Minhota»,* in «Forum», Braga, n.º 2 (Out. 1987), pp. 57-75.

MACHADO, Falcão — *«Aziúmes dum Homem de Mau Humor»,* in «A Voz do Minho», Barcelos, ano 12, n.º 624 (23 Set. 1978), p. 1;
— *«O Suporte da Cultura em Barcelos»,* in «A Voz do Minho», Barcelos, ano 21, n.os 1150 (12 Nov. 1981), p. 1; 1151 (19 Nov. 1988), p. 1; 1152 (26 Nov. 1988), p. 1; 1153 (3 Dez. 1988), p. 1; 1154 (10 Dez. 1988), p. 1; 1155 (17 Dez. 1988), p. 1.

MIRANDA, João — *«Inquérito à Vida dos Jornais de Barcelos»,* dossiê dactilografado em fichas próprias e acompanhadas da fotografia do n.º 1 dos respectivos periódicos.

OLIVEIRA, A. Lopes de — ***«A Imprensa Bracarense»,* Braga, ed. Pax, s/d;**
— ***«A Caminho de um bicentenário», in «Correio do Minho», Braga, ano 8, n.º 2063 (21 Jun. 1981), p. 10***

PINHO, Victor — *«Jornais Escolares»,* in «Jornal de Barcelos», Barcelos, ano 42, n.os 2070 (16 Mai. 1991), p. 4; 2071 (23 Mai. 1991), p. 4;
— *«Jornalistas e Homens de Letras»,* in «Jornal de Barcelos», Barcelos, ano 43, n.os 2111 (16 Abr. 1992), p. 5; 2112 (30 Abr. 1992), p. 5; 2113 (7 Mai. 1992), p. 5; 2114 (14 Mai. 1992), p. 5.

PORTELA, Raul Veloso — *«Há mais de Cem Anos Nasceu em Barcelos o Primeiro Jornal»,* in «Jornal de Barcelos», Barcelos, ano 24, n.º 1198 (7 de Jun. de 1973), pp. 1-3 e *«Um Caso Ímpar: «Barcellos-Revista»,* in «Jornal de Barcelos», Barcelos, ano 25, n.º 1229 (10 de Jan. de 1974), p. 6;
— *«Para a História da Imprensa Barcelense. O Jornal de Barcelos na década de cinquenta»* in «Jornal de Barcelos», Barcelos, ano 33, n.º 1640 (4 de Mar. de 1982), pp. 1-3.
— *«Breve evocação dos fundadores deste jornal»,* in «Jornal de Barcelos», Barcelos, ano 42, n.º 2013, (15 Fev. 1990), p. 5.

RODRIGUES, A. — *«Retrospectiva Histórica da Imprensa Barcelense»,* in «Barcelos Popular», Barcelos, ano 2, n.os 48 (31 de Ago. de 1978), p. 5; 49 (14 de Set. de 1978) p. 4; 50 (28 de Set. de 1978), p. 4 e 51 (12 de Out. de 1978), p. 4.

SILVA, Ten. Cardoso e (Z) — *«Intra-Muros. Reflexos de Sombras, A vida dos Jornaes Barcelenses»,* in «O Barcelense», Barcelos, ano 42, n.os 2161 (6 de Set. de 1952), p. 2; 2162 (11 de Set. de 1952), p. 2; 2163 (20 de Set. de 1952), p. 2; 2166 (11 de Out. de 1952), p.

2; 2168 (25 de Out. de 1952), p. 1; 2169 (1 de Nov. de 1952), p. 2; 2170 (8 de Nov. de 1952), p. 2 e ano 43, n.º 2185 (21 de Fev. de 1953), p. 2.
— *«Acolhimento descabido»,* in «O Barcelense», Barcelos, ano 42, n.º 2183 (7 Fev. 1953), p. 2

VILLAS-BOAS, Abade António Paes de — *«Coisas Velhas»,* in «Barcellos-Revista», Barcelos, ano 1, n.os 5 (2.ª Quinzena de Abr. 1909), p. 3; 6 (1.ª Quinzena de Maio 1909), p. 4; 7 (2.ª Quinzena de Maio 1909), pp. 4-5; 8-9 (1.ª e 2.ª Quinzenas de Jun. 1909), pp. 9-10; 13 (2.ª Quinzena de Ag. 1909), pp. 2-3; 14 (1.ª Quinzena de Set. 1909), pp. 3-4; 15 (2.ª Quinzena de Set. 1909), pp. 5-6; 17 (2.ª Quinzena de Mar. 1910), pp. 11-12.

ÍNDICE

Introdução 3

A Imprensa Barcelense, (reprodução em fac-simile) 7

Relação dos títulos dos Periódicos da Imprensa Barcelense, por ordem cronológica 251

Relação dos títulos dos Periódicos da Imprensa Escolar Barcelense, por ordem cronológica 269

A Imprensa Barcelense. Bibliografia 277

biblioteca
municipal
barcelos
26957
A imprensa barcelense